



Mary Shelley

Além da criatura

todos os contos

1819 - 1839

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Mary Shelley

Além da criatura

todos os contos

1819 - 1839



Mary Shelley

Além da criatura

todos os contos

1819 - 1839

Tradução:

F. T. Rossi

1ª edição



CARTOLA
EDITORA

São Paulo
2023

Equipe técnica:

Editor chefe:

Rodrigo Barros

Capa, diagramação e projeto gráfico:

Rodrigo Barros

Curadoria e tradução:

F. T. Rossi

Preparação de texto:

Meg Mendes

Revisão:

Simone Souza

Ficha técnica:

Z22d

Shelley, Mary, 1797 - 1851

Mary Shelley, além da criatura: todos os contos, de 1819 a 1839 / Mary Shelley; tradução F. T. Rossi - São Paulo: Cartola Editora, 2023.

374p. ; 23 cm.

ISBN: 978-65-5437-048-6

1. Literatura Inglesa. 2. Mary Shelley I. Título.

ePub:TocaDigital

CDD: 840
CDU: 821.111-3

 cartolaeditora.com.br

 /cartolaeditora

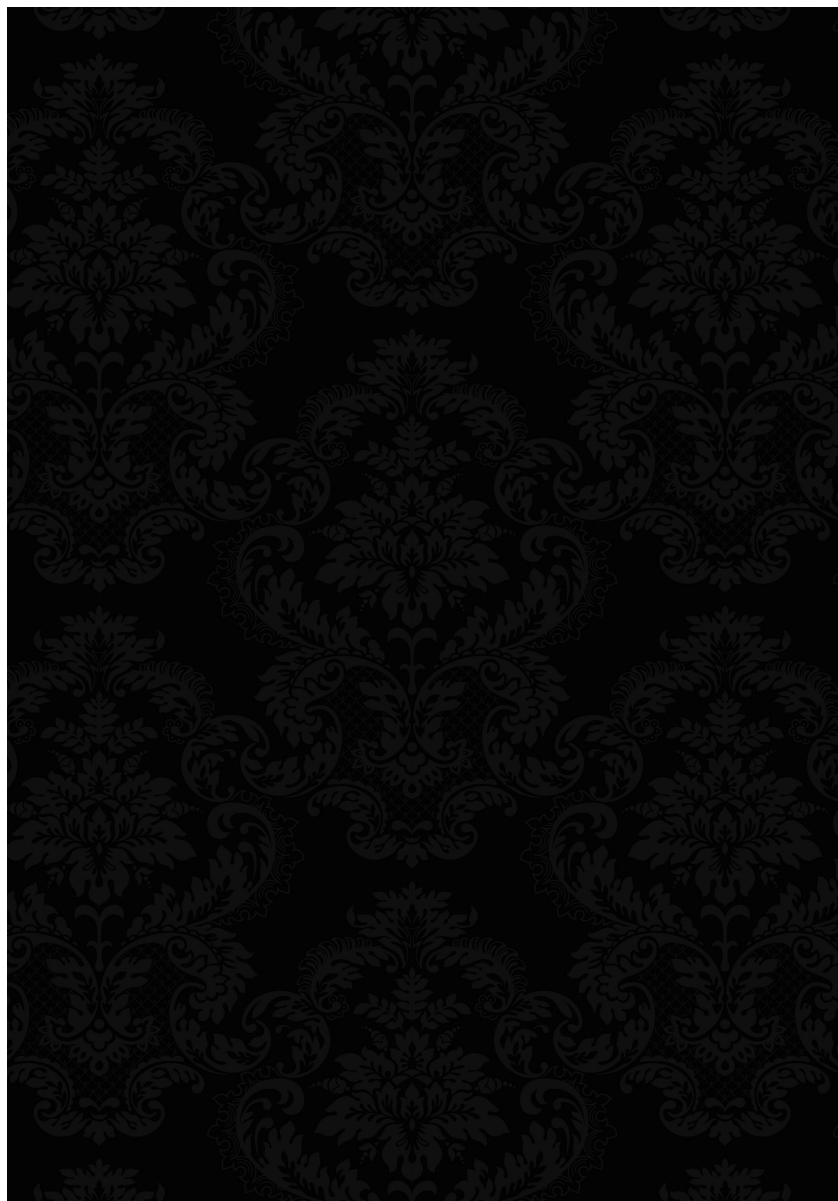
 /cartolaeditora

 /cartolaeditora

Todos os direitos desta edição reservados à Cartola Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“Eu estarei feliz se qualquer coisa que eu algum dia
produzir possa exaltar e abrandar a dor, como os escritos
das divindades do nosso tempo fizeram com a minha.”

Mary Shelley



INTRODUÇÃO

Muito se sabe sobre o dr. Frankenstein e sua criatura; na cultura contemporânea, a imagem do ser concebido a partir de restos mortais e o nome do cientista que o criou tornaram-se quase mais populares do que sua autora, Mary Shelley; daquela que deu vida ao monstro, porém, existem mais obras cujo cunho sobrenatural, beirando ao medonho, se destacam; histórias explorando a vida eterna, troca de corpos, a preservação de um ser vivo após a morte. Durante muitos anos, Mary Shelley publicou contos em periódicos e muito além do gótico “o autor de Frankenstein”, como assinava algumas publicações, escreveu também narrativas históricas, cuja extrema coragem destaca-se em seus personagens, contos de amor, de luto, obras que refletem suas próprias experiências, sua solidão, medos, arrependimentos e dolorosas perdas.

Extremamente bem versada no mundo literário, Mary Shelley foi escritora, editora, tradutora, filha de dois nomes expoentes da literatura do século XVIII e XIX — William Godwin e Mary Wollstonecraft — casada com o poeta Percy Bysshe Shelley e a maior detentora de sua memória; Mary Shelley foi mãe, esposa, mulher de má fama na sociedade inglesa e celebrada pelo mundo; através desta coletânea, o leitor terá a oportunidade de conhecer o fascinante trabalho de uma escritora tão enigmática, cujas histórias e cenários fazem parte do consciente coletivo, não apenas ficando frente a frente com seus monstros, mas também conhecendo suas experiências, desejos e tormentos, que permaneceram obscurecidos do grande público até agora.

São obras abrangendo o período de 1819 a 1838, sua maioria publicada em periódicos da época como o *The Keepsake* e também outras que vieram ao público postumamente, como é o caso do primeiro título: *Valerius*, o romano reanimado. Para os que buscam mais obras como *Frankenstein*, *Valerius* divide um similar cunho sobrenatural na reanimação de um homem há séculos morto, além do personagem compartilhar a solidão e agonia da criatura de não pertencer à sociedade. Ao contrário do segundo, porém, *Valerius* não tem o desejo de adequar-se, sua visão de mundo é rompida ao testemunhar a decadência de sua amada Roma e ele acaba excluído em um mundo que não compreende. O conto possui também descrições dos lugares favoritos de Mary

na Itália, país onde viveu com seu marido e que permaneceu em seu coração mesmo após seu retorno à Inglaterra. Quando em Roma, ela fala do Coliseu, Monte Palatino, os passeios ao longo do rio Tibre e os Termas de Caracala, “local aonde Mary ia muito para ler e escrever enquanto Shelley, sentando-se nas proximidades, trabalhava no mais novo ato de ‘Prometheus Unbound^[1]’”.

Os belos cenários italianos, aliás, permeiam toda sua obra, apesar disso a autora não se interessava somente pelas paisagens deste país, mas também por sua rica história. Em Um conto das paixões, ou, a morte de Despina, seu primeiro conto publicado após a morte de Shelley, no jornal “The Liberal” (fundado por Percy Shelley junto de Lord Byron e Leigh Hunt), retrata o conflito medieval entre guelfos e gibelinos. Enquanto pesquisava história italiana para o romance Valperga, Mary ficou muito interessada no jovem Conradino da Germânia e em sua morte prematura, descrita no conto^[2]. Apesar da difícil e fúnebre jornada de Despina, a personagem principal, destaca-se também o casal de idosos Monna Gegia e Cincolo, cujos diálogos dão vida e cor à narrativa.

Aos amantes do gótico, na obra de Mary Shelley não faltam elementos de tal. Ferdinando Eboli se passa durante as guerras napoleônicas e mostra as dificuldades do jovem Conde Eboli para recuperar sua fortuna e a mulher amada de um usurpador que passa a assombrar sua vida. O sonho, um conto ambientado em um castelo com passagens secretas e um rio que pode engolir qualquer um ousado o suficiente para se aproximar dele, expõe as dúvidas de uma jovem separada de seu amado por uma disputa familiar e que procura intervenção divina para ajudá-la em uma decisão. A garota invisível, uma intrigante história que não recebe toda atenção que merece, tem como protagonista o jovem Vernon, que, após passar uma noite tempestuosa em alto-mar, é salvo pela luz misteriosa de um farol que dizem ser aceso pela “garota invisível”, um fantasma que assombra as redondezas. Transformação, um conto bem conhecido da autora e inspirado pelo drama de Lord Byron “The Deformed Transformed^[3]”, aborda o tema de troca de corpos quando um jovem decide fazer um acordo com um anão feitiçeiro. Uma de suas histórias que mais aparece em antologias, O mortal imortal, descreve os infortúnios de um jovem aprendiz do feitiçeiro Cornelius Agrippa, uma figura conhecida na renascença por ser um influente escritor esotérico. Winzy, nomeado pela palavra escocesa “winze”, cujo significado é maldição^[4], em um momento de fúria, decide beber um elixir preparado por seu mestre, sem saber que isso mudaria sua vida para sempre.

O mau-olhado, uma história que, apesar de não possuir elementos góticos, não deixa de ser interessante pelo caráter sobrenatural do protagonista, Dmitri do mau-olhado; um homem que, como o próprio apelido diz, tem o

poder de jogar o mau-olhado a quem bem entender. O cenário albanês também se destaca por ser tão incomum na obra da autora, que vai além para explicar as relações entre cleftes e moreotas, mas o resultado é uma narrativa surpreendente e repleta de aventuras.

Mary Shelley deixou diversos elementos autobiográficos em toda sua obra, porém, alguns são mais explícitos que outros. A noiva da Itália moderna descreve claramente eventos vividos pela autora. A personagem principal, Clorinda, é inspirada em Emilia Viviani, quem Mary conheceu em dezembro de 1820 e por quem também Percy Shelley “ficou apaixonadamente envolvido durante seu tempo em Pisa^[5]”. Como Clorinda, Emilia vivia em um convento à espera do casamento arranjado por seus pais, uma escola particular privilegiada considerada por ela uma prisão. O caráter volúvel de Clorinda se mostra claramente pelo fato dela rezar para um santo diferente todas as vezes que conhecia um rapaz novo. Claire Clairmont, meia-irmã de Mary, registrou em seu diário sobre Emilia: “Emilia diz que sempre reza para um santo, e todas as vezes que muda seu interesse amoroso, ela muda de santo, adotando o santo do seu amado^[6]”. Entretanto, não só Clorinda reproduz esta instabilidade de caráter, a priori com seu vício em rum, e os rapazes que a subornam fazem deste um dos contos mais singulares de Mary Shelley, mostrando um lado ácido e cômico pouco visto em sua obra.

Alguns outros títulos se destacam por seu cunho autobiográfico, em *A nova-rica*, uma mulher lamenta por ter seu casamento destruído pelos constantes pedidos de dinheiro de sua família ao seu marido. Esta dinâmica lembra muito as incessantes solicitações por fundos feitas por William Godwin a Percy Shelley, que, mesmo em dívidas e uma situação financeira precária, tentava ajudar o sogro. O contrabandista e sua família usa os desastrosos efeitos do crime para levar o leitor ao eventual triunfo do amor materno. O afeto da personagem principal, Jane, por seu filho mais velho, reflete o “amor protetor da autora por seu próprio filho Percy Florence^[7].” O cenário, um desolado casebre à beira mar, frente a frente ao cruel oceano que eventualmente leva seu marido, traz à tona o medo de Jane de perder seu filho para o mesmo fim. Percy Shelley morrera em um naufrágio anos antes e Percy Florence desenvolveu a mesma paixão do pai por barcos, deixando Mary apreensiva. Os peregrinos é um conto que, apesar de existir pouca evidência da autoria de Mary^[8], disserta sobre um dos temas mais abordados pela autora, o amor entre pai e filha. A maneira como a protagonista, Ida, foge da casa do seu amado pai para se casar com um homem que ele não aprovaria, seu constante arrependimento, e a recusa do pai em vê-la novamente, estão de acordo com os anos subsequentes à sua fuga com Percy Shelley. William Godwin se recusou a reatar seu relacionamento com Mary até que Percy e Mary estivessem

devidamente casados.

Como uma autora do período romântico, em sua obra, não faltam conflitos, ameaças, paixões irrefreáveis e terríveis vilões. Em *O herdeiro de Mondolfo*, as belas cenas italianas contrastam diretamente com a crueldade de seu antagonista, príncipe Mondolfo, que toma medidas extremas para separar seu único herdeiro da camponesa que ama. As irmãs de Albano, a primeira de suas muitas publicações para o anual “*The Keepsake*”, onde a autora passaria a contribuir durante os próximos sete anos, disserta sobre amor fraternal e os extremos enfrentados por uma jovem freira para salvar a vida da sua irmã. Em *A falsa rima*, um dos contos mais criticamente aclamados da autora, mostra a lealdade e sacrifícios de uma esposa para provar a inocência de seu marido perante o rei. O luto, uma das poucas narrativas que se passam na Inglaterra, retrata uma doce jovem cuja culpa pela morte do pai a leva a uma vida de exclusão e luto. Em *A camponesa suíça*, uma história repleta de perigos e aventura em meio a uma revolução popular, somos testemunhas do amor de dois jovens até vê-los separados pelo orgulho e mais tarde, reunidos pelo acaso. A prova de amor, uma narrativa mais leve e jovem apesar da fidelidade da personagem principal às suas crenças, nos mostra que o casamento pode ser realmente uma provação. Personagens marcantes e muito bem trabalhadas protagonizam *Irmão e irmã*, uma história italiana, onde o amor reúne duas famílias inimigas. Um conto que também fala sobre amor fraternal é *Euphrasia*, onde um jovem soldado narra os tristes eventos que levaram à morte de sua irmã. Família é o tema de *O primogênito*, mas neste caso aborda irmãos rivais pela fortuna de seu pai e também pelo amor de uma única dama.

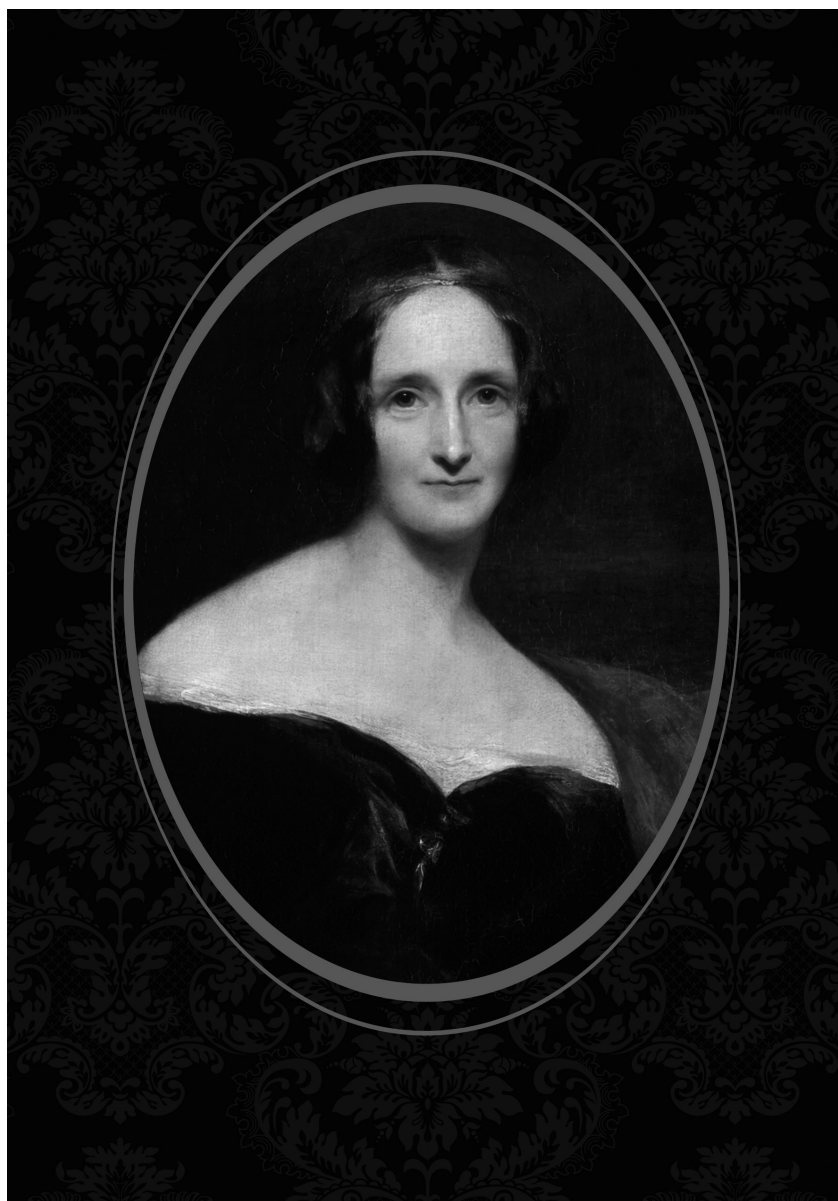
Além dos vinte e um contos mencionados acima, também foram selecionados dois ensaios julgados valiosos por seus temas. Em *Sobre fantasmas*, Mary Shelley reconta histórias de fantasmas ouvidas de seus amigos e registradas em seu diário entre 1816 e 1818. Roger Dodsworth, o inglês reanimado pode parecer a primeiro momento mais um conto de reanimação e entre séculos, como Valerius, deixando claro que a autora se interessava muito pelo tema, entretanto o ensaio — baseado em uma notícia falsa que circulou nos jornais de Paris e Londres em 1826 sobre um homem encontrado congelado nos Alpes Suíços e trazido de volta à vida — disserta sobre as impressões políticas do sr. Dodsworth após tantos anos “morto” e os hipotéticos debates tidos entre ele e o homem que o salvou, dr. Hotham. Com uma visão única sobre o tema, a autora nos mostra mais uma vez seu lado cômico e bem-humorado em diálogos vivos, tecendo uma interessante demonstração do cenário político da Inglaterra do século XIX.

O bom entusiasta do trabalho de Mary Shelley pode questionar a emissão de três títulos que aparecem na maioria de suas obras completas. Um

deles é o conto “The Pole”, ou “O polonês” que apesar de ter sido publicado na revista “The Court Magazine” em 1832 e “The English Annual” em 1836, como pelo “autor de Frankenstein”, na verdade, foi escrito por Claire Clairmont, e apenas editado pela primeira^[9]. Um outro título que preferimos excluir foi o ensaio “Recollections of Italy” ou “Recordações da Itália” publicado anonimamente na “London Magazine” em 1824, que disserta sobre as paisagens da Itália. E, por último, decidimos não traduzir o fragmento “An Eighteenth Century Tale” ou “Um conto do século dezoito”, escrito anteriormente a 1824, por conter apenas a introdução de uma narrativa inacabada.

Por fim, esperamos que esta coletânea possa iluminar o caminho daqueles buscando mais histórias da autora. Durante toda sua vida, Mary permaneceu à sombra da memória de seu marido e, ironicamente, proibida por seu sogro de usar o sobrenome, tornou-se com o passar dos anos a mais famosa dos Shelleys. Apesar do sucesso do seu primeiro livro, Frankenstein, e seu nome constantemente mencionado como uma das rainhas do gótico e precursora do romance apocalíptico por seu livro O último homem, sua obra não é difundida ao público como deveria, e esta é a principal intenção por trás deste livro.

F.T. Rossi



SOBRE A AUTORA

Uma das autoras mais brilhantes e importantes do século XIX, Mary Shelley não recebe a atenção que merece. Considerada mesmo em vida apenas quando o assunto era seu marido, Mary sempre permaneceu à sombra de Percy Bysshe Shelley e muito do que se fala de seu legado é relacionado a ele. É bem verdade que sua trajetória talvez tenha sido muito diferente se ela, aos dezesseis anos, junto de sua meia-irmã Claire Clairmont, não tivesse decidido deixar a casa do pai — o escritor e um dos antecessores do movimento anarquista — William Godwin, e fugido em 1814 com um então casado Percy Shelley. A partir daí sua história começou e muito do que se conhece dela vem dos anos seguintes.

Não é de se espantar, no entanto, que uma adolescente nascida no meio literário e admiradora do trabalho de sua mãe, Mary Wollstonecraft — uma das primeiras defensoras dos direitos da mulher — abandonasse tudo para seguir um poeta. Mary Wollstonecraft havia morrido onze dias após o nascimento de Mary (1797) e deixado não apenas a recém-nascida, mas também sua meia-irmã de três anos, Fanny, fruto de um relacionamento anterior que Godwin adotou como filha. Sua mãe não acreditava no papel tradicional da mulher na sociedade e a vida pouco ortodoxa de Mary Wollstonecraft ganhou, durante muito tempo, mais atenção do que sua mais famosa obra, *A Vindication of Rights of Women*. Seguir sua grande paixão, trilhando os passos da mãe, era o único intuito de Mary quando deixou sua família, e ela passaria o resto da vida sendo responsável pelas consequências deste ato.

O trio fugiu para a França e iria até a Suíça em uma viagem por uma região arrasada pela guerra que, em sua visão romântica, era o local de nascimento do Iluminismo. Mary voltou da Suíça carregando em seu ventre uma menina que viveu apenas algumas semanas após o parto prematuro. Esta seria a primeira das dolorosas perdas de quatro de seus filhos; apenas um deles, Percy Florence Shelley, sobreviveria. William Godwin, condenando a atitude da filha em fugir com um homem casado, cortou relações com Mary até a morte da esposa de Percy por suicídio em 1816, quando Mary e Percy puderam se casar oficialmente.

Apesar da ousadia de Godwin na primeira edição de sua obra *An*

Enquiry Concerning Political Justice (1793), quando Percy e Mary se conheceram, seu pai já não mais promovia as ideias de revolução, oposição ao casamento e amor livre que o fizeram um escritor tão polêmico. Political Justice já havia sido amplamente revisado e editado, Godwin se casara duas vezes neste período, mas, ainda assim, foram essas ideias que atraíram o jovem Percy Shelley a procurar o filósofo cujo trabalho era para ele como a bíblia e se apresentar como um jovem filantropo disposto a fazer sua vida mais confortável com a ampla herança dos Shelley que eventualmente receberia. Para Shelley — e também Godwin — aquele que possuía dinheiro deveria dar ao homem de maior necessidade e este deveria receber sem nenhuma gratidão.

Godwin, há anos com dificuldades financeiras e a beira de perder a livraria que era seu principal ganha-pão, viu em Shelley seu salvador e imediatamente um estimado amigo. A partir do primeiro contato através de cartas, Godwin logo recebeu o jovem casal Percy e Harriet Shelley em sua casa. Percy e Harriet haviam se casado em 1811 pouco depois do aniversário de dezesseis anos de Harriet, que havia fugido do colégio onde morava para ir com Shelley até a Escócia, onde oficializaram o relacionamento. Em 1814, Shelley já estava emocionalmente distante e considerava o casamento acabado, Harriet, no entanto, grávida do segundo filho e longe de querer deixar seu marido, viu com alarme o surgimento do romance entre Shelley e a filha de William Godwin e Mary Wollstonecraft.

Antes da fatídica madrugada de 28 julho de 1814, não apenas seu pai e sua madrastra (Godwin havia se casado com Mary Jane Clairmont em 1801), mas também Harriet haviam tentado convencer Mary a desistir do relacionamento com Shelley. Mary, relutantemente deu sua palavra a Harriet, mas ela estava irremediavelmente apaixonada e Shelley dividia o mesmo sentimento ardente: “O momento sublime e extasiante em que ela se confessou minha, a quem há tanto tempo era dela em segredo, não pode ser traçado na imaginação mortal”^[10], Shelley escreveu a um de seus melhores amigos.

Não se sabe quem planejou a fuga, se a ideia veio de Shelley, Mary, ou mesmo de Claire, que fora cúmplice do casal, os acompanhando em passeios — ainda que mantendo a distância enquanto Mary e Shelley passavam longas horas no cemitério de St. Pancras, junto ao túmulo de Mary Wollstonecraft — e trocando bilhetes entre o par sem levantar suspeitas de Godwin ou Mary Jane. O principal argumento dos acadêmicos é de que Claire os acompanhou por falar francês, mas o pretexto é logo dispensado pelo fato de Shelley ter conhecimento o suficiente da língua. Talvez escapar da suposta tirania de Mary Jane foi o que levou Claire a acompanhá-los, sua constante cumplicidade teria feito Mary não se opor e Shelley, que não era nenhum pouco desfavorável à

vida em comunidades, provavelmente não levantou objeções.

Após seis semanas viajando pela Europa — onde, vale ressaltar, em sua passagem pela Alemanha, se aproximaram dos arredores do Castelo Frankenstein e muito provavelmente ouviram a história local de Konrad Dippel^[11], uma forte inspiração para Victor Frankenstein — o trio retornou sem dinheiro algum. Shelley teve de pedir para ninguém menos que Harriet o valor das passagens de volta. Este seria o início de um futuro repleto de privações financeiras. A família de Percy, apesar de abastada, também reprovava seu modo de vida, ele não conseguiria nenhum dinheiro deles a não ser sua parte nos testamentos de seu pai e avô, o que o fez se comprometer a vários empréstimos que seriam pagos diante da morte de um deles, com a soma de quatro vezes o valor inicial. Do testamento de seu avô (que faleceria no começo do ano seguinte), ele conseguiria pagar algumas dívidas e ficar longe da prisão, negociando com seu pai uma mesada que daria a ele e a Mary não uma vida de luxo, mas uma vida melhor.

De volta a Londres, Mary aprendeu a fazer seus próprios vestidos, comia por vezes apenas um pedaço de pão e algumas bolachas no dia e economizava tudo que podia. Claire foi permitida voltar para casa se quisesse; Mary ganhou apenas o silêncio e ostracismo de seus amigos e família, até mesmo Fanny foi proibida por seu pai de vê-la, embora Godwin continuasse a pedir o dinheiro que considerava seu direito para Shelley. Claire, com uma resolução surpreendente diante das circunstâncias, não retornaria para o teto dos Godwin, apesar disso, sua relação com Mary se tornava cada vez mais tensa. Mary, mesmo que ainda uma adolescente de quase a mesma idade que Claire, era madura e discreta, já sua meia-irmã tinha tendência a dramas e precisava de constante atenção; o motivo de maior apreensão, porém, era que enquanto a gravidez de Mary progredia, Shelley se tornava mais apegado a Claire. Ele gostava de seu entusiasmo, apreciava sua voz e tendências musicais e também se divertia assustando-a com histórias de fantasmas; ainda assim, ele também por vezes se enraivecía com sua imaturidade. Não se pode deixar a dúvida de lado que talvez Shelley e Claire fossem um par amoroso. Anne K. Mellor^[12] chega a apontar que os dois provavelmente estiveram juntos durante o inverno de 1814/15. Ela argumenta que os Godwin acreditavam que Claire estava apaixonada por Percy e em suas cartas para Lord Byron ela se referiria a Shelley como “o homem que amei e por quem muito sofri^[13]”. Se for o caso de uma relação amorosa, existem muitas especulações, mas poucas provas (a maioria dos registros deste período foram convenientemente destruídos), mas não seria improvável, dado a volubilidade e tendências de amor livre de Shelley, junto de uma impressionável garota de dezesseis anos.

Quando Shelley inicialmente se juntou a Mary, ele chegou a pedir a sua

esposa que fosse viver com eles; era sua intenção criar uma comunidade de amor livre onde Mary e Harriet dividiriam sua cama — Harriet não chegou nem ao menos a responder a carta com o pedido. Shelley queria agora criar uma outra comunidade, desta vez entre ele e Claire, e Mary e seu amigo Thomas Jefferson Hogg.

Hogg e Shelley se conheceram em Oxford e Shelley tentara convencer Harriet a dividir seus favores entre os dois, mas ela havia prontamente se negado. Agora, ele sugeria o mesmo para Mary, que, ao contrário de Harriet, concordava com as ideias de amor livre de Shelley; Mary Wollstonecraft, antes de conhecer Godwin, havia proposto um arranjo similar com um artista suíço e sua esposa, viver uma vida em comunidade seria algo aceitável para Mary, ainda que, segundo Claire, ela teria chorado diante da ideia de dormir com Hogg. Mesmo assim, Mary manteve um tom de flerte nas cartas trocadas com ele, e grávida de sua primeira filha na época, tomou o cuidado de manter qualquer possibilidade de intimidade para após o nascimento.

A dor de perder o bebê de duas semanas, entretanto, fez Mary abandonar qualquer ideia de amor livre e se tornar ainda mais hostil em relação a Claire. Na ocasião da morte da pequena Clara, Shelley pareceu não se abalar e passou o dia todo com Claire, deixando o trabalho de consolar a esposa enlutada para Hogg. Mary sofreu profundamente com a perda e a presença de Claire em sua vida parecia tirar não apenas a atenção de Shelley de Mary, mas também de sua família. Decidida a não voltar para a casa dos Godwin, a solução encontrada por Shelley foi enviar Claire para um vilarejo do outro lado do país, onde ela passaria os próximos oito meses.

Em junho de 1816, eles passariam o verão junto de Lord Byron na Suíça, viagem cujos dias tempestuosos deram combustível para a criação de *Frankenstein*, seu primeiro e mais famoso livro, e teve fim com Claire grávida de seu anfitrião. Claire, recentemente de volta a Londres e com o objetivo de encontrar um poeta todo para si, em suas caminhadas pela Piccadilly, não deixaria de notar a comoção em frente ao apartamento de Lord Byron, um poeta de nome muito maior do que Shelley então, e que estava em Londres recentemente separado da última esposa. Claire enviou uma carta pedindo uma reunião — privada — com Byron e não descansou até conseguir. Ela, provavelmente, como coloca Miranda Seymour^[14], cantou algumas de suas músicas escritas para o teatro, e diante de uma garota charmosa de dezoito anos, ele ficou, ao menos por um tempo, encantado. Claire mencionou sua conexão com Shelley (Byron havia lido o poema *Queen Mab* e era admirador do trabalho de Percy) e Mary Godwin, cujo sobrenome era bem conhecido por ele.

Mary conta no prefácio da edição de 1831 de *Frankenstein* que, durante

uma tarde tempestuosa, o grupo — que incluía John Polidori, um jovem e muito bem-apessoado médico que acompanhava Byron — passava o tempo lendo histórias de fantasmas. Lord Byron sugeriu que cada um escrevesse uma história de horror e apresentasse aos outros. De acordo com Mary, todos começaram a trabalhar imediatamente em suas ideias, menos ela: “Você pensou em uma história? Perguntavam-me a cada manhã, e a cada manhã eu era forçada a responder com uma vergonhosa negativa^[15]”. Foi quando, após uma noite em que Lord Byron e Shelley falavam sobre os princípios da vida e sobre um experimento onde Darwin deu movimento a um verme morto em um jarro de vidro, que a ideia veio a ela: “Eu vi — com olhos fechados, mas com aguda visão mental — eu vi o estudante pálido das artes nefastas se ajoelhando ao lado da coisa que ele criara. Vi o terrível espectro de um homem esticado, e então, diante do trabalho de alguma máquina poderosa; mostra sinais de vida, e se move com ações laboriosas e meio vivas^[16]”. O diário de John Polidori, entretanto, contradiz a linha do tempo destes eventos, na verdade, eram ele e Shelley quem conversavam sobre os experimentos de Darwin e não Shelley e Byron, a conversa, além disso, teria se dado dias antes da sugestão de Byron de que cada um escrevesse uma história. Na ocasião, ele registra que todos começaram a escrever no mesmo momento, menos ele. O jovem médico ficou muito interessado em Mary, lhe dava aulas de italiano, a levava em passeios de barco e até torceu o tornozelo quando pulou de uma sacada para lhe oferecer seu braço, enquanto ela caminhava por uma trilha escorregadia. É bem possível que ele estivesse apaixonado e o fato dela também não ter pensado em uma história lhe serviria de consolo e ele provavelmente não teria deixado o detalhe de lado. Ele também não teria deixado de lado o momento em que Mary finalmente teria pensado em uma história e anunciado com tanto entusiasmo em uma manhã. A memória de Mary, é claro, escrevendo sobre o episódio após quinze anos, pode ter falhado, e ela provavelmente não sabia que Polidori mantinha um diário na época, os detalhes, no entanto, talvez não sejam tão relevantes, mas foi com esta centelha em sua mente, entre seres espectrais e relâmpagos, que Mary Shelley fez algo sem precedentes — criou um mito.

Muitas foram as análises feitas sobre Frankenstein, para Anne K. Mellor é “um livro sobre o que acontece quando um homem tenta conceber um bebê sem uma mulher^[17]”, é também uma análise sobre os perigos da ciência moderna e a exploração da natureza e o feminino implícito em uma sociedade tecnológica. Além disso, Miranda Seymour destaca que, pensando no comércio de escravos, assunto muito discutido entre seus círculos na época, “Mary decidiu usar sua história para ilustrar como o ambiente e as circunstâncias podem agir em um ser essencialmente virtuoso, por mal

tratamento, de luz à escuridão, até se tornar o que erroneamente o percebem^[18]”. Ainda que muitos acadêmicos rejeitem Frankenstein como uma história infantil mal escrita, não se pode deixar de lado as inúmeras interpretações que o fizeram um clássico. Ao nos aproximarmos cada vez mais de uma época em que a voz da ciência, mesmo sem jamais admitir seus extraordinários erros, tornou-se mais alta do que o divino em nossa sociedade, Frankenstein se torna ainda mais relevante. O livro foi publicado em 1818 com prefácio e intensa edição de Shelley, apenas quinhentas cópias foram impressas e, apesar das críticas desfavoráveis, não demorou para passar a ser o assunto dentro das casas de muitas famílias inglesas. Em 1823, foi adaptado para o palco e cinco versões da história apareceram em Londres, além de uma versão francesa. Essas adaptações eram, na maioria das vezes, grotescas e ridículas, mal reconheciam a existência da autora, mas tornaram-se frequentes e logo não se passava um ano sem uma delas. Isso, mais do que seu parentesco ou sobrenome, seria a base da fama futura de Mary Shelley e colocaria a criatura no patamar de um mito.

Após anos difíceis na Inglaterra — com os suicídios de Fanny e Harriet e uma longa batalha legal pelos filhos de Percy com Harriet —, o casal decidiu em 1818 se mudar para a Itália. Ali, apesar dos belos cenários que se tornaram grande inspiração para o trabalho de Mary nos anos vindouros, eles enfrentariam mais perdas. Sua segunda filha, Clara Everina, de apenas um ano, faleceria; Mary não poderia deixar de culpar Shelley pela insistência em fazê-la viajar com o bebê com febre e disenteria por cinco dias no calor de agosto e sua negligência em obter assistência médica. Era a intenção de Shelley convencer Lord Byron a arranjar uma visita para Claire a sua filha Allegra, que ele colocara em um convento próximo de Veneza. Ter Mary e as crianças ganharia a aprovação de Byron, que sugeriu que Clara fosse examinada por seu médico, o melhor da região. Infelizmente, quando viram o médico, já era tarde demais. A morte de Clara Everina contribuiu para a crise do casamento e alienação de marido e mulher, que seria agravada pela morte do pequeno William no ano seguinte por malária. Abatida pela perda de seus filhos, Mary sofria em silêncio e se isolava em “uma prisão de dor e desespero^[19]”, Percy, por sua vez, se refugiava na companhia de seus amigos e falhava em ver qualquer inadequação em seu comportamento, perguntando-se o motivo da mudança de sua esposa.

A repentina morte de Shelley em 1822 por um naufrágio, entretanto, foi mais um golpe terrível em Mary. Sem mais levar em consideração sua negligência, descaso ou mesmo seus diversos romances, Percy foi elevado à condição de divindade e Mary passaria o resto da vida se culpando pela distância entre os dois em seus últimos dias. Os corpos de Percy e seu amigo

Edward Williams foram encontrados dias após o desaparecimento do Don Juan (embarcação que Byron nomeou como uma provocação a Shelley), levados à praia pela correnteza e imediatamente enterrados conforme as leis de quarentena da época. O corpo de Shelley foi reconhecido por seu amigo Edward Trelawny apenas pela cópia do livro de Keats que ainda carregava no bolso. Apesar de enterrados, as viúvas, Mary Shelley e Jane Williams, queriam dar um devido enterro aos seus maridos. Mary, ainda com a saúde frágil por uma recente hemorragia que levou a perda do bebê que esperava, deixou o jovem Trelawny, que havia se tornado amigo de Shelley nos últimos seis meses, tomar as rédeas dos preparativos. Ele mandou desenterrar os corpos e os cremou em uma grade de ferro na praia. Os restos de Williams seriam enviados à Inglaterra, já Shelley descansaria na Itália, ao lado de seu filho William. Durante a cremação de Shelley, com a presença de Byron e Leigh Hunt, Trelawny se encarregou de fazer um pequeno ritual pagão, Hunt levou consigo os restos de seu coração (que não havia queimado completamente e escorria um líquido viscoso), e mais tarde — depois da insistência de Mary e uma carta de reprovação de Jane Williams — relutantemente entregou a ela.

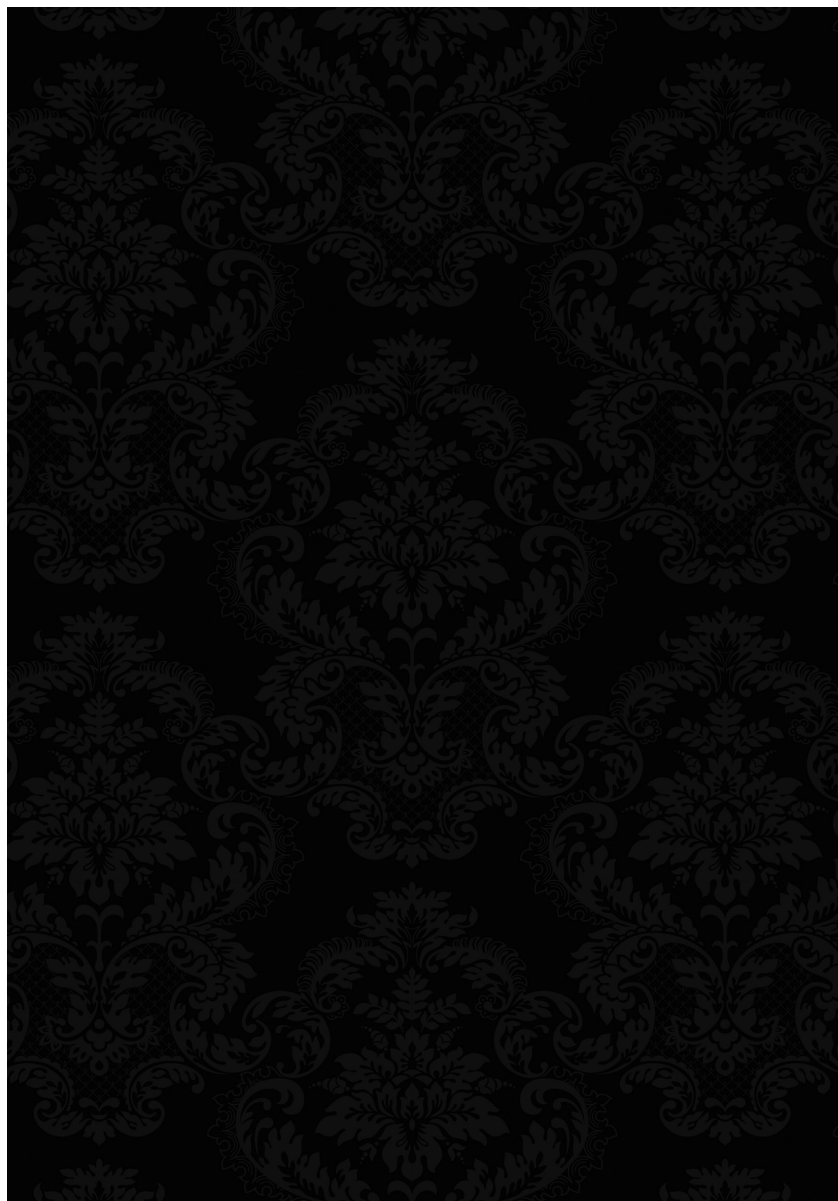
Obrigada por seu sogro a deixar a Itália e voltar para a Inglaterra, Mary passaria os anos seguintes preservando a memória de seu marido, trabalhando como editora e crítica literária para periódicos, publicando contos, traduzindo e escrevendo sobre a vida de grandes vultos da história, além de ter completado outros romances. Seu trabalho não lhe dava muito, mas Mary é prova de que uma mulher sozinha poderia sustentar a si e a seu filho, Percy Florence, trabalhando com literatura no século XIX, privando-se de lazeres para pagar uma ótima educação ao filho e também muitas vezes ajudando seu pai. Godwin havia passado anos exigindo dinheiro de Percy Shelley (que apenas recebia pela insistência de Mary, mesmo quando seu pai se recusava a falar com ela) e, após sua morte, foi Mary quem o amparou. Sir Timothy, pai de Percy, em troca de uma mesquinha renda anual, exigiu que Mary não usasse o nome de sua família e a proibiu de falar publicamente sobre seu marido. Apesar de legítimo, Sir Timothy não reconhecia o matrimônio de Mary com seu filho e passou a vida lhe dando migalhas, apesar de Percy Florence ser seu único herdeiro. Quando Sir Timothy faleceu em 1844 e seu filho pôde herdar o título de baronete e o que era seu por direito, a vida de Mary finalmente tornou-se mais confortável.

Em seus anos mais maduros, Mary não deixaria de se perguntar se a perda de seus filhos e a tragédia envolvendo o marido seriam em virtude a sua atitude à primeira esposa de Percy. Em fevereiro de 1839, Mary escreveu em seu diário: “Pobre Harriet, a quem o triste destino eu atribuo muitas das minhas pesadas dores, como a penitência usada pelo destino por sua

morte^[20]". Harriet fora uma esposa fiel levada ao suicídio pela relação de Mary com Shelley, e Mary, em troca, teve um casamento marcado pela imoralidade de seu marido e a morte de quatro de seus filhos.

Apesar de se considerar excluída pela sociedade, Mary teve a companhia das mentes mais brilhantes de seu tempo, nomes como Samuel Taylor Coleridge, Lord Byron, Sir Walter Scott, Edward Trelawny foram mais do que apenas conhecidos para ela, e sua perspectiva na vida de Lord Byron foi indispensável para a biografia do poeta, escrita após a sua morte por Thomas Moore. Às mulheres, Mary foi uma boa amiga, sua casa fora refúgio para quem quisesse esconder uma gravidez indesejada ou uma união escandalosa, apesar disso, suas boas amigas frequentemente se mudavam para longe ou simplesmente se provavam pouco confiáveis, como foi o caso de Jane Williams, que espalhou boatos maldosos sobre Mary e seu relacionamento com Percy.

Após uma longa batalha com os sintomas do que se acredita hoje ser um meningioma, Mary Shelley deu seu último suspiro na manhã de primeiro de fevereiro de 1851, aos cinquenta e três anos. Percy Florence, e sua esposa, Jane Gibson, mantiveram a memória de ambos — Mary e Percy — vivas, guardando muitos dos seus itens pessoais e preservando-os em uma espécie de museu, incluindo o coração queimado de Percy, encontrado após a morte de Mary, embrulhado em seda em meio as páginas de Adonais^[21] em uma das gavetas de sua escrivaninha de viagem.



VALERIUS, O ROMANO REANIMADO

Título original: Valerius, the Reanimated Roman

Escrito em 1819^[22], publicado em 1976, no livro Mary Shelley, *Collected Tales and Stories*

Por volta das onze horas antes do meio-dia no mês de setembro, dois estranhos aportaram na pequena baía criada pelo extremo do cabo Miseno e promontório de Bauli. O céu era de um acentuado azul sereno e o oceano refletia sua profundidade em um tom mais escuro. Pela água cristalina, podia-se ver algas das mais variadas e belas cores enquanto cresciam nas ruínas dos palácios romanos, agora submersos. O sol brilhava alto, o culpado por um calor intolerável. Os estranhos, ao desembarcarem, buscaram imediatamente uma sombra, para assim refrescarem-se e permanecerem até o sol descer no horizonte. Eles procuravam pelos Campos Elísios e, serpenteando entre álamos e amoreiras ornamentadas por frutos pendendo em ricos cachos, sentaram-se à sombra dos mausoléus ao lado do Mar Morto.

Um desses estranhos era um inglês de boa posição, como se poderia facilmente perceber por seu porte nobre e maneiras dignas e francas. Seu companheiro — não posso compará-lo a nada existente agora —, sua aparência lembrava a escultura de Marco Aurélio no capitólio de Roma^[23]. Sereno e imponente, suas feições eram romanas; exceto por seu traje, poder-se-ia imaginar que fosse uma estátua da Roma antiga animada com vida. Ele usava roupas agora comuns em toda a Europa, mas pareciam inadequadas e quase como se não estivesse acostumado a elas. Assim que se sentaram, ele começou a falar:

— Prometi relatar-lhe, meu amigo, quais foram as sensações em minha reanimação, e como o aspecto deste mundo — tão longe do que um dia foi — atingiu-me quando a luz do sol visitou meus olhos novamente, após abandoná-los por muitas centenas de anos. E como poderia optar por um local mais adequado? Este é o lugar escolhido por nossa antiga e venerável religião por melhor representar a ideia, transmitida por oráculos ou recebida por adivinhos, sobre as moradas dos bem-afortunados após a morte. Estes são os sepulcros dos romanos. Pela mão profana do homem, o lugar mudou muito desde aqueles tempos, porém ainda leva o nome de Campos Elíseos. Avernus fica há uma pequena distância daqui, e este mar diante de nós é o azul

Mediterrâneo, imutável, enquanto tudo ao redor mostra as marcas da servidão e degradação.

“Perdoe-me, você é inglês, e dizem que vocês são livres em seu país, um país desconhecido quando eu vivi, mas os infelizes italianos, usurpando o solo outrora pisado por heróis, encham-me de amargo desprezo. Ousam apoderar-se do nome dos romanos — ousam imaginar que descendem dos senhores e governantes do mundo? Esquecem-se que, quando a república morreu, cada família romana extinguiu-se aos poucos, e que seus seguidores podem ter tomado seu nome, porém não eram e não são romanos.

“Antes, quando vivi, era o tempo de Cícero^[24] e de Catão^[25]. Minha posição não era nem a mais alta, nem a mais baixa em Roma: eu era um cavaleiro romano. Não vivi o suficiente para ver meu país escravizado por César^[26], que, durante minha vida, distinguia-se apenas pela conduta depravada. Morri quase aos quarenta e cinco anos, defendendo meu país contra Catilina^[27]. Naquela época, os bons homens de Roma se lamentavam amargamente do declínio moral na cidade — Mário e Sila^[28] já nos haviam ensinado algumas das misérias da tirania, e eu costumava lamentar o dia em que o senado passou a ser uma assembleia de semideuses. Mas, quais eram os homens vivendo naquela época? A república se pôs gloriosamente, como o sol de um claro dia de verão. Por que me desesperaria por meu país enquanto homens como Cícero, Catão, Lúculo^[29] e muitos outros, tão virtuosos e sábios — meus amigos íntimos e queridos — ainda existiam?

“Não é necessário incomodá-lo com a história da minha vida — em tempos modernos, a intimidade cotidiana parece ser a parte da história de um homem que mais vale a pena investigar. Em Roma, a história de um indivíduo era a história de seu país. Nós vivíamos no Fórum e no Senado. Minha família havia sofrido pelas guerras civis: meu pai fora morto por Mário; e meu tio, que me criou desde menino, foi proscrito por Sila e assassinado por seus emissários. Minha fortuna diminuiu consideravelmente por essas tragédias familiares, mas eu vivi frugalmente e ocupei com honra alguns dos mais altos cargos do estado — fui cônsul.

“Nem vou expor agora o que muito lhe interessaria — tudo o que sei sobre aqueles grandes homens cujas ações, mesmo há tanto tempo no passado, você está intimamente familiarizado. Esses tópicos foram e serão uma fonte inesgotável de conversa durante nossa permanência juntos, mas, no momento, prometi relatar o que senti e vi quando revisei, agora há três anos, esta Itália decaída.

“Ao me aproximar de Roma, mil emoções agitaram meu ser. Recusei-me a ver qualquer coisa ou falar com qualquer um. Mudo, em um canto da carruagem, aglomerei meus pensamentos: às vezes ponderando que meu

acompanhante não era digno de minha atenção; outras, ainda obstinadamente agarrado, como uma mãe faria à memória de seu filho perdido, ao meu amado país e duvidando de tudo que ouvira, tudo o que aqueles sacerdotes me disseram. Eu acreditava que conspiraram contra mim. Recusei-me a falar com os que encontrávamos pela estrada, temendo escutar seu dialeto alterado e assim esmagar minha última esperança. Eu não visitaria nenhum lugar. A cidade eterna sobrevivia em toda sua glória. Não poderia morrer — e ainda, se estivesse morta, eu ficaria em silêncio até que, nas ruínas de seu Fórum, expressaria meu último lamento — e minhas palavras despertariam os mortos para me ouvir. ‘Cícero, Catão, Pompeu^[30], estais realmente mortos? — todo o vestígio de tuas trilhas foram extintas. Vós ainda assombrais o Fórum — despertem — levantem-se — deem-me as boas vindas!’

“O sacerdote, em vão, tentou tirar-me deste devaneio. Meu semblante estava marcado pela tristeza, mas não respondi. Finalmente, ele exclamou: ‘Eis o Tibre!’ Belo rio! Ainda e eternamente tuas águas imortais rolam; as tuas ondas brilham ao sol ou são sombreadas pela nuvem do trovão; teu nome agiu como um feitiço.’ Lágrimas jorraram dos meus olhos. Eu descí da carruagem. Apresssei-me às margens e ajoelhando ofereci-me a vós, sagrados nomes de Júpiter^[31] e Palas^[32]. Votos que fizeram meus lábios tremer e a luz quase deixar meus olhos: ‘Oh, Júpiter — Júpiter do capitólio —, tu que contemplou tantos triunfos, permita que teus templos ainda existam, permita que vítimas ainda sejam levadas aos teus altares! Minerva^[33] protege tua Roma.’ Naquele momento de oração agonizante, o destino do meu país parecia ainda indeterminado — a espada ainda suspensa. Infelizmente, não me era possível crer que tudo de nobre e bom havia partido.

“Em vão, meu acompanhante tentava me afastar das margens do rio divino. Permaneci imóvel, sentado na costa; meus olhos não vagaram para o cenário alterado ao redor, mas fixavam-se na água ou erguiam-se para o intenso céu azul acima. ‘Estes — estes, ao menos são os mesmos — sempre, sempre os mesmos!’ Foram as únicas palavras que proferi quando, de tempos em tempos, a queda do meu país, com a feroz agonia do fogo, atravessava minha mente. O sacerdote tentou me acalmar — permaneci em silêncio. Finalmente, a força da paixão foi vencida, e depois de muitas horas de insana disputa, deixei-me levar à carruagem e, fechando as cortinas, abandonei-me a um devaneio cuja amargura apenas diminuíu pelo meu cansaço.

“Era noite quando entramos em Roma. ‘Amanhã’, disse meu companheiro, ‘visitaremos o Fórum.’ Eu assenti. Não desejava que ele me acompanhasse, e sendo assim, fui para cama cedo sem revelar minhas intenções. Ao me ver livre da importunação, pedi um guia e me apressei para visitar o cenário de toda grandeza humana. A lua estava alta e lançava sua

luminosidade sobre a cidade de Roma — se me é permitido chamar de Roma aquela que de modo algum se assemelhava à Rainha das Nações, como eu me lembrava. Passamos ao longo do Corso, e vi vários obeliscos magníficos, que pareciam dizer-me que a glória do meu país não havia morrido. Parei ao lado da Coluna de Antonino^[34], que afundara profundamente no chão e, cercada pelos restos de quarenta pilares, fixou a ideia de decadência em minha mente. Meu coração batia com pavor e indignação enquanto me aproximava do Fórum por caminhos desconhecidos. Todo o encanto se quebrou quando contemplei as colunas destruídas e os templos arruinados do Campo Vaccino^[35] — referem-se ao Fórum Romano agora por este nome infame. Eu olhei em volta, mas nada era como antes — vi ruínas de templos construídos depois de meu tempo. O Coliseu era um estranho para mim, e o estado alterado dessas magníficas ruínas pareceu de repente extinguir o delírio de indignação em meu coração. Eu jamais teria ousado revelar a mim mesmo a imagem do Fórum Romano degradado e corrompido; mas uma vaga ideia de pilares quebrados, como eu me lembrava das imagens arruinadas dos deuses, ainda apodrecendo em um local onde eu antes as havia adorado, flutuava em minha mente; porém tudo havia mudado, e mesmo as colunas remanescentes do templo erguido por Camilo^[36] perderam sua identidade, cercadas de novos candidatos à imortalidade. Calmamente, virei-me ao meu guia e perguntei:

“Essas são as ruínas do Fórum Romano, e o que é esse imenso edifício, cujas sombras ao luar parecem proferir algo de espantoso e magnífico, que vejo ao final da avenida de árvores?”

“É o Coliseu.”

“E o que é Coliseu?”

“Você não sabe? É o circo, construído por Vespasiano^[37], Imperador de Roma.

“Imperador de Roma, ele foi? Bem, vamos visitar.”

“Entramos no Coliseu, aquela nobre relíquia de grandeza imperial — imperial é verdade, porém romana. E aquele entusiasmo, extinto pelas colunas do Fórum em pedaços, esta maravilhosa estrutura despertou novamente. A lua cintilou através dos arcos quebrados e derramou glória ao redor das paredes caídas, coroadas como estavam por ervas daninhas e silvas. Eu olhei em volta, e um fascínio sagrado tomou conta de mim. Senti como se, abandonando o Campo Vaccino, este se tornara o refúgio dos meus nobres compatriotas. O selo da Eternidade estava neste edifício, e meu coração sacudia com as sensações avassaladoras sob as quais trabalhava. Eu não disse uma palavra.

“Infelizmente! Infelizmente! Tal é a imagem da Roma desabada, devastada e degradada por uma superstição odiosa; mas ainda conduzindo o amor — a honra; e ainda despertando nos homens tudo o que pode purificar e

enobrecer a mente. O coliseu é o exemplo de Roma. Seus arcos — seus mármores —, sua nobreza que inspira todos com fascínio, que, na consciência do homem, se assemelha à adoração — sua esplendorosa, sua inefável beleza — tudo isso anuncia sua grandiosidade. Suas muralhas caídas, seus contrafortes cobertos de ervas daninhas — e mais do que tudo, as imagens insultantes preenchendo-o contam sua queda.

“Eu dispensei meu guia. Não deixaria o Coliseu; seria minha casa durante minha segunda residência na Terra. Visitei cada parte dele. De suas alturas, contemplei uma Roma adormecida sob os gélidos raios da lua: a cúpula de São Pedro e várias outras cúpulas e pináculos formando uma segunda cidade, a morada dos deuses acima da morada dos homens; o Arco de Constantino aos meus pés; o Tibre e a grande mudança da cidade nos tempos modernos; todos chamaram minha atenção, mas só despertaram um vago e transitório interesse. O Coliseu tornou-se para mim, de agora em diante, o mundo, meu eterno lar. É verdade que curiosidade e inconveniência me fizeram deixá-lo — mas minha ausência será breve e meu coração ainda o habita. Eu retornarei. E, nesses recintos sagrados, derramarei, antes de morrer, o meu último chamado de despertar para os romanos e para a liberdade.

“Eu agora estava convencido, é verdade, da queda de Roma, que seus cônsules^[38] e triunfos^[39] chegaram ao fim, os templos de seu Capitólio destruídos. Mas o Coliseu tinha suavizado aqueles sentimentos cuja energia deveria ter me destruído. Raiva, desespero, toda a cólera humana morreu dentro de mim. Devotei-me, um peregrino por alguns anos, a um mundo para cujos espetáculos, eu era um descuidado espectador. Se Roma padecera, eu fugi de seus restos mortais, repugnantes como os da vida humana. Somente no Coliseu, reconheci a grandeza do meu país — era o único asilo digno para um antigo romano.

“Entretanto, repentinamente, a emoção tão assustadora para a mente humana, o sentimento de completa solidão, operou uma nova mudança em meu coração. Lembrei-me, como se fosse ontem, de todos os eventos da Roma antiga. Sentado sob um dos arcos do edifício e escondendo o rosto nas mãos, reanimei a memória do que eu abandonara, quando finalmente perdi a luz do dia. Eu havia deixado os cônsules no pleno usufruto do poder. Alguns anos antes, o império, derrubado por Mário e Sila e sem suporte pela virtude de nenhum deles, parecia cambalear à beira da opressão. Mas, durante a minha vida, um novo espírito havia surgido: os homens foram outra vez despertados pela chama sagrada queimando nas almas de Camilo e Fabrício^[40], e eu me exaltei com alegria excessiva por ser amigo de Cícero, Cato, e Lúculo; os homens mais jovens, os filhos de meus amigos, Brutus, Cassius^[41], se erguiam com a promessa de igual virtude. Quando eu morri, possuía a forte convicção

de que, com a filosofia e as letras agora unidas a uma virtude jamais vista na terra, Roma se aproximava daquela perfeição da qual não havia queda; e que, embora os homens ainda temessem, era um medo saudável, os despertava para a ação e melhor garantia o triunfo do Bem.

“Quando despertei, Roma já não existia mais. Aquela luz, que eu saudara como precursora da perfeição, transformou-se nas tochas glorificando seu funeral — e aqueles homens, cujas almas eram como os templos da perfeição, tornaram-se as vítimas sacrificadas em sua pira funerária. Oh, nunca uma nação teve tal morte, e seus assassinos celebraram tais passatempos ao redor de sua tumba, enquanto destruíam quase metade do mundo. Não eram os combates de gladiadores e feras — mas a luta devastadora de paixões em conflito, a guerra de milhões.

“Mas agora está tudo acabado. A euforia do tirano desvaneceu. O monumento de Roma, tão esplêndido ao longo do curso das eras e adornado pelos despojos dos reinos, está agora degradado ao pó. Algumas colunas e arcos dispersos ainda vivem para revelar seu local, mas seu povo está morto. Os estranhos que a possuem perderam todas as características dos romanos; deixaram sua religião sagrada. Roma moderna é a capital do cristianismo, e esse título é a coroa e o ápice do meu desespero.

“Mas a língua humana despenca sob a tentativa de descrever tamanha mudança concretizada no mundo — pelo fluxo lento de muitas eras, é verdade —, mas pareceram para mim, em minha singular situação, como o trabalho de alguns dias. Não posso me lembrar da agonia de tais momentos sem estremecer. Não foi uma onda de pensamentos amargos; não foi o desespero comendo os nervos sem mostrar nenhum sinal externo; não foi a primeira dor pela perda daqueles que amamos. Foi o incêndio feroz engolfando florestas e cidades em suas labaredas; foi uma espantosa avalanche que derrubou com ela árvores e rochas e virou o curso dos rios; foi um terremoto que estremeceu o mar e aniquilou montanhas e ameaçou revelar aos olhos do homem os mistérios sob a terra. Ah, era mais do que tudo isso! Mais do que qualquer palavra pode expressar ou qualquer imagem retratar!”

O estranho fez uma pausa em sua narrativa, e um longo silêncio seguiu. Seus olhos se fixaram nas águas mortas diante de si, e seu companheiro o encarou com admiração e emoção. Uma brisa passou ligeiramente sobre o mar e o ondulou; pode-se ouvir seu farfalhar entre as árvores. A menor mudança despertou o romano de seu devaneio, e ele continuou:

— Um ano se passou desde que pisei pela primeira vez no Coliseu. As ricas ervas daninhas pareciam mais escuras sob os raios da lua, os fragmentos dos arcos se erguiam em quietude e beleza. O ar estava silencioso: era a calada da noite, e nenhum som vinha da cidade — mas, aos poucos, a lua afundou, e

amanheceu. Os sons da vida humana despertaram, e meus pensamentos, que durante a noite conversavam apenas com memórias, agora se voltavam para a realidade mesquinha e corrompida. Considerei minha presente situação, pois desejava formar algum plano para minha vida futura. Eu detestava o sacerdote, meu acompanhante. Durante minha muito curta permanência desde meu retorno à terra, tinha concebido uma grande aversão à classe de homens a qual ele pertencia. Eu não gostava da superstição católica e não desejava ter nenhuma relação com seus ministros e servos. As joias e o dinheiro que eu tinha eram suficientes para meu sustento, e eu queria me livrar da sujeição que sua presença parecia me colocar. Mas, embora em minha Roma natal, estava em uma cidade estranha com costumes desconhecidos. Eu mal entendia a língua, e as lembranças de minha vida anterior apenas me sujeitaram a erros ridículos. Foi então que uma generosa divindade interveio e, enviando meu bom gênio^[42] para cuidar de mim, me livrou de minhas dificuldades.

“O velho sacerdote, quando, na manhã seguinte, soube de meu desaparecimento, enviou o guia que havia me acompanhado na noite anterior para me trazer de volta, enquanto conduzia diversas visitas para divulgar a curiosidade sob sua guarda. Entre outros, ele visitou Lord Harley que há muito era residente de Roma e a quem conhecia muito bem. Você conhece Lord Harley e sua família. Não preciso, portanto, descrevê-los — e você, que é familiar com a personalidade de sua jovem esposa, pode facilmente imaginar o interesse e curiosidade que a história do velho padre despertou nela. Ela chamou sua carruagem e, junto do sacerdote, apressou-se até a hospedaria para me ver. Eu não havia voltado — o guia a informou sobre minha recusa em abandonar o Coliseu. Ela deixou o sacerdote e acompanhada apenas por seu filhinho, foi ao meu encontro.

“Eu estava sentado sob as ruínas dos arcos do lado sul quando a vi se aproximando, conduzindo o filho pela mão. Ela sentou-se ao meu lado e, após uma pausa de alguns segundos, dirigiu-se a mim em italiano:

“Perdoe-me interrompê-lo. Eu vi padre Giuseppe e sei quem você é. Está infeliz e foi lançado em nosso mundo moderno sem amigos ou conexões. Permita-me oferecer minha amizade?”

“Eu fiquei confuso com este discurso, dirigido a mim por uma linda garota, uma completa estranha para mim, e fiz uma pausa antes de responder a uma oferta tão gentil, mas tão incomum; ela continuou:

“Considere-me, eu lhe rogo, como uma velha conhecida — não uma italiana moderna, pois realmente não sou, mas um daqueles muitos estranhos que sua antiga cidade atraiu para admirá-la. Eu venho de um país distante e, portanto, desconheço sua língua e leis. Você me ensinará tudo o que foi grandioso e nobre em seus dias, e eu lhe ensinarei as maneiras e costumes dos

nossos.’

“Assim ela falou comigo e, com seus doces sorrisos e suave eloquência, ganhou completamente minha confiança.

“‘Você deve me considerar uma filha’, disse ela, ‘se uma garota escocesa pode fingir tal honra. Venho daquela ultima thule^[43] descoberta por César, porém desconhecida em seus dias. Sou casada com um inglês bem mais velho do que eu, mas que tem grande prazer em cultivar minha mente. Venha para nossa casa; você será bem quisto e honrado lá, e tentaremos amenizar as dores que o estado decaído de seu país devem infligi-lo.’

“Eu a segui e, a partir daquele dia, começou a amizade que continua a ser a única esperança e conforto da minha vida. Se no meu retorno à terra, meus afetos jamais tivessem sido despertados, eu não teria vivido por muito tempo. Mas Isabell amenizou meu desespero e cuidou com afeição angelical de cada ferida do meu coração. Não posso lhe dizer o quanto a amo — como é querido para mim o som de sua voz. Cícero jamais amou sua Túlia^[44] como eu amo esta criatura divina. Você não pode nem imaginar metade de suas virtudes ou sabedoria. Seu coração é tão franco, e, ao mesmo tempo, tão terno, que cativa minha alma e a envolve na dela de uma maneira que jamais conheci em minha vida anterior. Ela é País, Amigos — tudo, tudo, que eu perdi ela é para mim.

“E agora cumpri minha promessa de relatar minhas primeiras sensações ao despertar para a vida. Não é necessário fazer uma narração formal do que aprendi desde então. Em nossa viagem, teremos oportunidades frequentes de conversar e discutir. Você me envolveu com o desejo de ver seu país, e amanhã embarcamos. Deixarei Roma, o Coliseu e Isabell, tal é a minha natureza inquieta. Quero, antes de morrer novamente, explorar as aclamadas melhorias dos tempos modernos e julgar se, após a grande alteração nas relações humanas, o homem está mais próximo da perfeição do que em meus dias.”

O sol já havia descido quando esses amigos se levantaram e retornaram ao barco. Enquanto remavam de volta a Nápoles, o sol se pôs, queimando em um rico tom alaranjado sobre as águas, enquanto o Cabo Miseno e as ilhas eram marcadas por um tracejado negro no horizonte. A lua ergueu-se do outro lado da baía, contrastando sua luz prateada com os tons cintilantes do entardecer italiano. A noite avançou, e a iluminação dos barcos pesqueiros lampejavam pelo mar, enquanto um ou dois grandes navios pareciam passar como enormes sombras entre os observadores e a lua. O lustroso espetáculo do crepúsculo e os raios suaves do luar convidavam ao devaneio e proibiam palavras que perturbassem a magia da cena. O velho romano talvez pensasse nos dias outrora passados em Baiae, quando o sol eterno se punha como agora, e ele vivia em outros tempos com outros homens.

[A história termina neste ponto, mas o fragmento de uma outra versão, contada pelo ponto de vista de Isabell Harley, segue no manuscrito.]

Quando tirei meu singular amigo de sua solidão no Coliseu, eu, com o consentimento de Lord Harley, instalei-o em um quarto de nossa casa. No início, ele evitou qualquer companhia e sofreu com uma depressão tão grande que afetou sua saúde. Decidi fazer de minha tarefa despertar seus interesses e me esforçar, por qualquer meio, para tirá-lo da apatia sob a qual ele mergulhava. Ele parecia ver tudo ao seu redor como um espetáculo no qual não fazia parte. Era, de fato, um ser separado do nosso mundo; os elos que o prendiam a ele romperam-se muitas eras antes; e, a não ser que eu conseguisse juntar pelo menos um desses elos novamente, ele logo pereceria. Eu desejava convidá-lo para uma visita a algumas dessas gloriosas ruínas que falam da antiga majestade de Roma. Hesitei por um tempo em minha escolha; os prédios mais grandiosos haviam sido construídos após seu tempo, mas pensei que, como se situavam em locais familiares de sua memória, daria a eles interesse, que, de outra forma, desconhecidos para Valerius, lhes faltariam. Eu mesma tive o prazer de visitar as termas de Antonino, cujos vastos montes de torres e muralhas aos pedaços, cobertas de hera e pelas mais belas ervas daninhas, parecem mais o cenário natural de uma montanha do que qualquer coisa formada por mãos humanas. A essas nobres ruínas decidi conduzi-lo.

Portanto, um dia, eu o visitei e, conduzindo a conversa de sua antiga vida e morte, disse:

— Você ficou contente em ter morrido antes da queda de seu país e não testemunhar sua degradação sob os imperadores. Esses imperadores, que sucederam ao poder e à glória da república, gozavam de autoridade e renda de uma dimensão desconhecida em tempos anteriores ou posteriores. Atrozes e assustadores foram os feitos e erros dos homens onipotentes. Seu inimigo não podia fugir. Pisaram à vontade no pescoço de milhões. Poucos usaram seu domínio para fins benéficos, mas muitos, mesmo os mais decadentes, gastaram com a intenção de glorificar-se. Eles deixaram monumentos extraordinários para trás, e não posso considerar essas maravilhas como atos de nobreza imperial. São os efeitos, embora executados por mãos inadequadas, da virtude e do poder republicanos. Quando os visito, admiro-os como se planejados e edificadas por Camilo, por Fabrício, pelos Cipião^[45]; e considero Caracala^[46] e Nero^[47], e até os mais virtuosos da tribo, Tito^[48] e Adriano^[49], como meros trabalhadores. Quando visito o Coliseu, não penso em Vespasiano que o construiu, ou no sangue de gladiadores e feras que o contaminaram, mas venero o espírito da Roma antiga e daqueles nobres heróis que libertaram seu país dos bárbaros e que iluminaram o mundo todo por sua divina virtude. Eu o ouvi falar sobre sua aversão a ver as obras dos opressores de Roma, mas

visite-as comigo com este raciocínio, e elas lhe tocarão com aquele fascínio e reverência que o poder, adquirido e acompanhado pelo vício, nunca pode dar.

Ele se deixou persuadir, e, a caminho das termas, passamos sob o Capitólio e aos fundos do Monte Palatino. O local principal da Roma antiga está abandonado, e visitamos o Fórum e a mais populosa das colinas de Roma atravessando gramados e campos onde poucas pessoas vem. Isso é uma sorte; as ruínas perderiam metade de sua beleza se cercadas por edifícios modernos, e só temos a lamentar pelo Capitólio não ter sido negligenciado como o Monte Palatino e o Monte Célio. Não posso dizer quais eram os sentimentos de Valerius: suas emoções eram fortes, mas ele permaneceu calado, porém constantemente olhava para o céu; e disse em um momento:

— Gosto de olhar para o firmamento, e apenas para ele, pois não muda.

Entramos nas termas e, após visitar os apartamentos, subimos a escada em ruínas e passamos pelos imensos arcos e paredes que, quando se está cercado deles, se assemelham a campos e vales e colinas. Ervas perfumavam todo o ambiente, e a altura pela qual se estendiam de cada lado do caminho pôde enganar e aumentar a aparente extensão das ruínas que trilhávamos. Às vezes, o topo de alguma pilastra se erguia em um campo esmaltado pelas mais belas flores. E agora, serpenteando por um caminho difícil, chegamos ao topo de uma torre e vimos toda Roma, com as curvas do Tibre, a uma curta distância de nós. Este é, de todos os outros, o meu local preferido em Roma: une a beleza e a fragrância da Natureza à ideia mais sublime do poder humano; e quando unidos deste modo, têm um interesse e um sentimento que penetra profundamente em meu coração.

Sentamo-nos neste pináculo e procurei nos olhos de meu companheiro a expressão de admiração e êxtase com a qual os meus brilhavam. Os dele estavam inundados de lágrimas.

— Você me traz aqui — ele disse — para ver as obras dos romanos, e eu não vejo nada além de destruição. Que multidões de belos templos caíram ao pó. Meus olhos vagam pelas sete colinas, e todas as suas glórias desvaneceram. Quando os pilares do seu Fórum foram quebrados, o que poderia sobreviver em Roma? O Capitólio, mais triste do que a maioria das outras colinas que retornaram à solidão da Natureza, é contaminado por edifícios modernos. E estas ruínas são grandiosas, mas que história miserável contam. Estas termas não existiam no meu tempo. Existiram em toda a sua magnificência alguns cem anos depois que eu esqueci o mundo. Mas agora seus telhados caíram; seus pavimentos desapareceram; estão cultivados com grama, com ervas daninhas, em pedaços, mas ainda permanecem; e essa é a imortalidade de Roma. As muralhas de Roma ainda estão de pé e descrevem um imenso circuito; a cidade moderna está repleta de ruínas da antiga. Estranhos se

aglomeram diante dela e se maravilham com a imensidão dos escombros. Mas, para mim, tudo parece vazio. Os antigos templos onde cultuei Quirino^[50] e os protetores do que então chamei de cidade imortal — céus, por que acordei para ser desenganado?

— Você reflete — respondi — nas mais tristes ideias. Roma caiu, mas ela ainda é venerada. É uma visão singular e até bonita para mim. Ver o cuidado e as dores com que seus filhos degenerados preservam suas relíquias. Todos a visitam com entusiasmo e a abandonam com amargo arrependimento. Tudo parece divinizado no interior de seus muros. Quando um estranho reside dentro de seus limites, ele sente como se habitasse um templo sagrado — sagrado, embora profanado; e indignação e lástima misturando-se à admiração tocam seu coração e jamais se esquece, nem na idade, nem na aflição. Parece-me que, se eu fosse atingida pelos maiores infortúnios, seria meio consolada pela lembrança de ter morado em Roma. Se um homem da época de Péricles^[51] revivesse em Atenas, quanto mais motivos ele teria para lamentar sua queda, do que você sobre a idade e a decadência de Roma.

Como eu desejava despertar o interesse de Valerius, e não tanto mostrar-lhe todos os vestígios de sua pátria, a fim de estimular, por tais visões, um sentimento de que ele ainda, em algum grau, estava ligado ao mundo, escolhi tanto quanto pude o mais perfeito e mais pitoresco local. Ele ainda não tinha visto o Panteão. Eu não o levaria naquele dia, pois sabia que a conversão do antigo templo à Igreja Católica, embora provavelmente o tivesse preservado, seria altamente repugnante para meu companheiro. Escolhi o momento em que a lua ainda se elevava e quando em sua completa altura, ela brilharia sobre o teto aberto do templo. Uma noite, por volta das sete horas, sem dizer onde íamos, eu o levei comigo. Contornamos o prédio até uma porta dos fundos — ela foi aberta, e um homem iluminou nosso caminho por um par de escadas estreitas e sujas: enquanto descíamos eu disse a ele:

— Você verá agora um templo construído logo após o seu tempo e dedicado a todos os deuses.

Ele provavelmente esperava ver uma ruína, mas eis! Entramos no mais belo templo ainda existente no mundo. A lua brilhou diretamente sobre a abertura no topo e iluminou a cúpula e o pavimento — algumas estrelas reluziam em volta. As colunas cintilavam gentilmente ao redor. O espírito da beleza parecia derramar seus raios sobre sua prole favorita e penetrar em todas as coisas — até mesmo na mente — com uma glória suave, porém radiante. Ao contemplar esta cena, a admiração humana distinguia-se do profundo sentimento que ela inspirava — parecia reverenciar o deus presente. Se a obra era humana, o mérito vinha da Natureza; e a Natureza despejava toda a sua beleza sobre este templo divino. O céu profundo, a lua e as estrelas

resplandecentes se espalhavam sobre Valerius, e ele absorvia sua luz e beleza. Por que a linguagem humana não pode expressar pensamentos humanos? E como pode existir uma emoção motivada pelo excesso de beleza, que envolve o coração em uma chama gentil, porém ávida, inspirando virtude e amor, mas o sentimento é intenso demais para se expressar? Nós dois ficamos em silêncio. Contornamos o templo e depois nos sentamos nos degraus de um altar e por um longo tempo permanecemos em contemplação. É nessa hora que se sente a existência daquele Amor Panteico com o qual a Natureza é repleta — e quando uma forte empatia pela beleza, se tal expressão é permitida, é o único sentimento que anima a alma. Finalmente, quando nos levantamos para partir, Valerius disse:

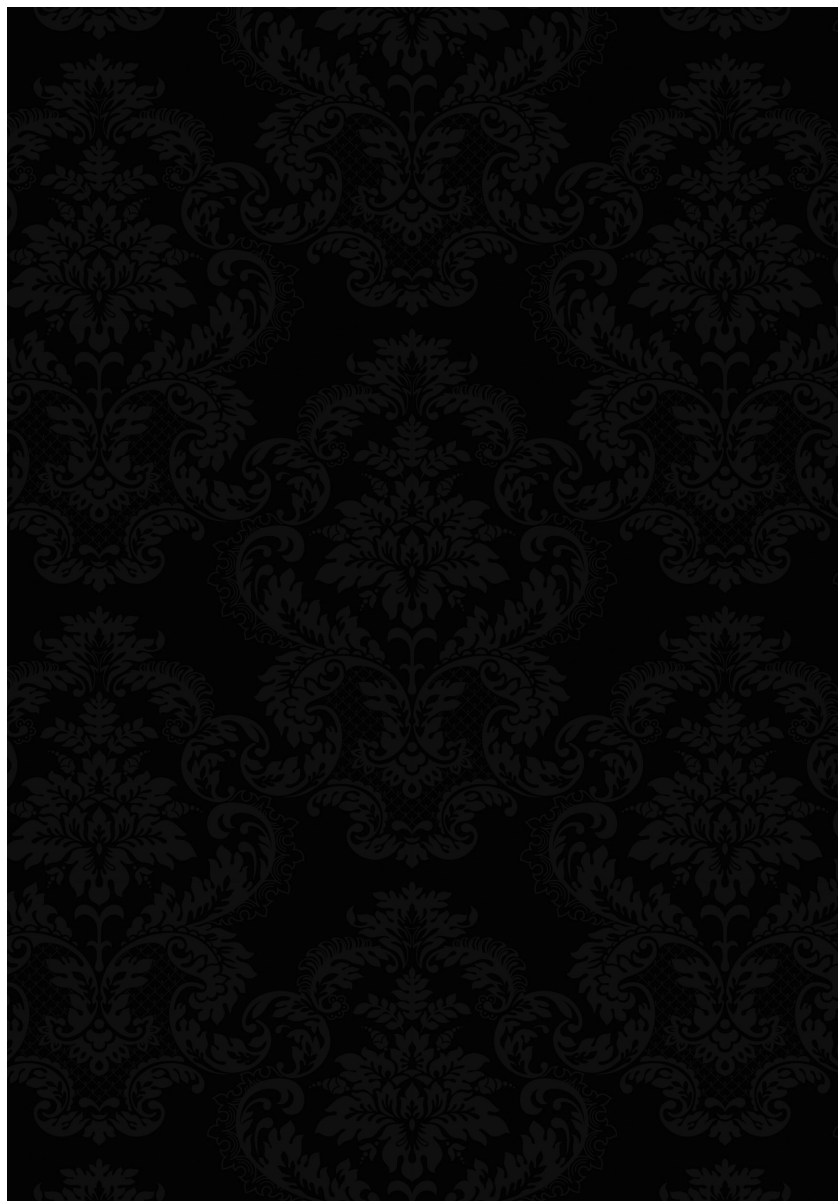
— Por que eles me dizem que tudo mudou; este templo não existe para nossos deuses?

Não sei por quê — não deveria tê-lo feito, pois, com a ação, envenenei um momento de pura felicidade —, mas aponteí descuidadamente para uma cruz sobre o altar, diante da qual ardia uma lâmpada solitária. A cruz não alterou meus sentimentos, mas os de meu companheiro tornaram-se amargos. A maçã, tão bela de se ver, transformara-se em pó salobro. A cruz lhe falava de uma mudança tão grande, tão intolerável, que aquela única circunstância destruiu tudo o que havia surgido de amor e prazer em seu coração. Tentei em vão trazê-lo de volta ao profundo sentimento de beleza e de reverência sagrada que o inspirava anteriormente. O feitiço foi quebrado. A cúpula iluminada pela lua, o pavimento brilhante, as fileiras escuras de encantadoras colunas, o céu profundo haviam perdido para ele sua santidade. Apressou-se a deixar o templo.

Foi meu primeiro encargo despertar seu desejo de conhecer aquilo de grandioso e bom existente em seu país após sua morte. Ele não sabia nada de Virgílio, Horácio, Ovídio ou Lucano^[52] — de Lívio, Tácito ou Sêneca^[53]. Você terá oportunidades frequentes de conversar com ele, e ele poderá lhe dizer, muito melhor do que eu, quais foram os sentimentos que este aprendizado provocou em sua mente. Costumávamos visitar um recanto obscuro do Coliseu, onde caminhávamos com dificuldade, e poucos se inclinavam a nos seguir; ou, nas muralhas das termas de Caracala, ou mais frequentemente, ao pé da tumba de Céstio, aquele belo lugar onde a morte parece desfrutar o sol e a intensa profundidade do céu do qual é, em todos os outros lugares, excluída, nós lemos juntos, e conversamos sobre o que lemos — discutíamos eternamente. O forte sol de Roma brilhava sobre nós, e a atmosfera e toda a cena eram envolvidas em felicidade e beleza. Meu coração estava alegre e era meu esforço constante despertar emoções semelhantes no seio do meu companheiro. Nós lemos as Geórgicas ali, e eu senti tanta alegria que mal pude

acreditar no tamanho do poder das palavras. Este clima suave e bela poesia ensolarada inspiraram um prazer inebriante; em um céu nublado, estou convencida, nunca sentiria o mesmo. Depois de ler, visitávamos algumas das galerias de Roma — as horas de estudos de Lord Harley haviam então terminado, e ele sempre nos acompanhava. A visão das maravilhosas estátuas e pinturas romanas dava continuidade e muitas vezes aumentava esse júbilo.

Valerius simpatizava comigo? Infelizmente, não! Havia um tom melancólico sombreando seus pensamentos; uma tristeza em seu comportamento que o sol de Roma e os versos de Virgílio não podiam dissipar. Ele sentia profundamente, mas pouca alegria se misturava aos seus sentimentos. Junto de muitas outras emoções que eu sentia por ele, uma ideia inexplicável nasceu, a de que meu companheiro não era um ser terrestre. Muitas vezes, eu parava e o observava ansiosamente para saber se ele respirava como eu, ou se sua forma projetava uma sombra a seus pés. Sua aparência era de vida, mas ele pertencia aos mortos. Eu não sentia medo ou terror; eu o amava e reverenciava. Estava ternamente interessada em sua felicidade, mas misturava-se a essas sensações mais comuns um temor — não posso chamá-lo de pavor, mas algo ligeiramente ligado a esse sentimento repulsivo — um sentimento para o qual não consigo encontrar nome, que se misturava com todos os meus pensamentos e caracterizava estranhamente todas as minhas relações com ele. Em minhas meditações, frequentemente encontrava a visão de seus olhos brilhantes, porém plácidos; embora irradiasse apenas simpatia, ainda assim me detinha. Se ele colocasse a mão sobre a minha, eu não estremecia, mas, por assim dizer, meus pensamentos paravam em seu curso e meu coração palpitava com uma espécie de inquietação involuntária até ser removida. No entanto, tudo isso era muito leve; eu mal percebia, e não poderia diminuir meu amor e interesse por ele; talvez se eu conhecesse toda a verdade, minha afeição aumentaria; e não por esforço, mas espontaneamente, me dediquei para retribuir com interesse e simpatia intelectual a barreira terrena que parecia colocada entre nós.



O HERDEIRO DE MONDOLFO

Título original: The Heir of Mondolfo

Escrito na primeira metade da década de 1820 e publicado em 1877^[54] na revista Appleton's Journal por Mary Wollstonecraft Shelley, autora de Frankenstein.

Na bela e primitiva região próxima a Sorrento, no reino de Nápoles, na época governado por monarcas da casa de Anjou^[55], vivia um nobre cuja riqueza e poder superava a dos seus aristocratas vizinhos. Seu castelo, em si uma fortaleza, era construído sobre uma enorme rocha, inclinada sobre o encantador Mediterrâneo azul. As colinas ao redor eram cobertas por florestas de azinheiras, ou limitadas ao cultivo de oliveiras e videiras. Nenhum lugar sob o sol era mais favorecido pela natureza.

Se durante a tarde você navegasse pelas ondas plácidas sob a rocha acastelada levando o nome de Mondolfo, imaginaria que toda felicidade e alegria residia dentro de seus muros, pois, de tal forma aninhados na beleza, contemplavam uma cena de insuperável graça. No entanto, se por acaso visse seu senhor sair do portão, se encolheria diante de seu cenho, perguntando-se o que poderia ter estampado no seu rosto desgastado o duelo das paixões. Uma visão ainda mais lamentável era colocar os olhos em sua gentil senhora, a escrava de seu temperamento desenfreado, paciente sofredora de muitos erros, parecia a ponto de entrar naquele único repouso “onde os ímpios cessam de perturbar e os cansados descansam^[56]”. O príncipe Mondolfo uniu-se cedo na vida a uma princesa da família real da Sicília. Ela morreu dando à luz a um filho. Muitos anos depois, após de uma viagem ao norte da Itália, retornou ao seu castelo, casado. Pela maneira de falar, sua esposa era florentina. A história vigente era que ele se casou por amor, e então passou a odiá-la como obstáculo de suas visões ambiciosas. Ela suportou tudo devido a seu único filho, uma criança nascida do ódio de seu pai; um menino de espírito galante, corajoso até a selvageria. À medida que crescia, via com raiva o tratamento do altivo príncipe para com sua mãe. Ele ousou defendê-la; ousou impor sua coragem juvenil à fúria do pai. O resultado foi natural: tornou-se o objeto de sua aversão. Inundado pela indignação, o príncipe ensinou os vassallos a desobedecê-lo, os servos a desdenhá-lo, e seu próprio irmão a desprezá-lo como se seu sangue e nascimento fossem inferiores. Ainda assim, o sangue de Mondolfo corria em suas veias; e, embora sua disposição fosse mais gentil pelas

tendências afáveis de Isabel, fervia com a injustiça da qual era vítima. Mil vezes ele derramou a inundação de seu espírito ferido em eloquentes queixas a sua mãe. À medida que sua saúde se deteriorava, ele alimentou o projeto, em caso de sua morte, de fugir do castelo de seu pai e se tornar um andarilho, um soldado da sorte. Ele tinha então treze anos. A senhora Isabel, com a intuição de uma mãe, logo descobriu seu segredo e, em seu leito de morte, o fez jurar que não deixaria a proteção de seu pai até completar vinte anos. Seu coração sangrou pela tristeza que ela previa ser seu destino; mas via com horror ainda maior a imagem de seu filho em tenra idade vagando em desespero, sozinho e desamparado, sofrendo todos os extremos da fome e da miséria; ou, quase pior, cedendo às tentações que em tal situação lhe seriam oferecidas. Ela extraiu esse voto e morreu convencida de que seria cumprido. Dentre o mundo todo, só ela conhecia o valor de seu Ludovico — havia penetrado sob a superfície áspera e se familiarizado com o rico estoque de virtude e afeto que jazia como minério não exposto ao sol em seu coração sensível.

Fernando detestava seu filho. Desde a mais tenra infância, havia sentido aversão, que, longe de tentar reprimir, permitiu criar raízes profundas, até que a ação mais inocente de Ludovico se tornou um crime e introduziu um sistema de negação e resistência suscitando tudo sinistro no caráter do jovem e gerou uma diligente antipatia na mente de seu pai. Assim Ludovico cresceu, odiado e odiando. Reunidos através de sua situação comum, pai e filho, senhor e vassalo, opressor e oprimido, um, continuamente pronto para exercer seu poder de infligir o mal, o outro, perpetuamente alerta para resistir até mesmo à sombra da tirania. Após a morte de sua mãe, o caráter de Ludovico mudou muito. O sorriso que, como o sol, muitas vezes irradiava seu semblante, agora nunca brilhava; desconfiança, irritabilidade e resolução obstinada, pareciam seus únicos sentimentos. Ele desafiou seu pai para o pior, suportou o pior, e impedido de fugir pelo seu sagrado voto, nutriu todos os sentimentos de raiva e mesmo vingativos, até o copo da ira parecer pronto para transbordar. Ele não era amado por ninguém, não amava ninguém, suas boas qualidades expiraram, ou adormeceram como se nunca mais fossem despertar.

Seu pai tinha planejado para ele uma carreira na Igreja; e Ludovico, até os dezesseis anos, usava o hábito. Passado aquele período, ele deixou-o de lado, e vestia-se como um cavaleiro daqueles dias, e, em poucas palavras, disse a seu pai que não cumpriria com seus desejos; que se dedicaria às armas e conquistas.

Tudo seguindo esta declaração — ameaça, aprisionamento e até ignomínia — ele suportou, mas continuou firme; e o arrogante Fernando foi obrigado a submeter sua vontade soberba à vontade mais firme de um rapazote. E agora, pela primeira vez, enquanto a raiva parecia explodir seu

coração, ele sentiu o ódio no mais alto grau; expressou essa paixão — palavras de desprezo e rancor sem limites responderam; e os espectadores temiam que um encontro pessoal seguiria. Em um momento, Fernando colocou a mão em sua espada, e o desarmado Ludovico se ergueu e se preparou, como se disposto a saltar e agarrar a arma que poderia ser erguida contra ele. Fernando via e temia a ferocidade ensandecida expressa nos olhos de seu filho. Em todos os encontros corpo a corpo deste tipo, a vitória não repousa nos fortes, mas nos mais destemidos. Fernando não estava disposto a arriscar sua vida, nem mesmo derramar o sangue do filho com as próprias mãos; Ludovico, não como agressor, mas em legítima defesa, não temia as consequências de um ataque, resistiria até a morte; e esse sentimento audacioso lhe deu uma superioridade imperdoável sentida por seu pai.

A partir de então, a conduta de Fernando em relação ao filho mudou. Ele não mais o puniu, aprisionou ou ameaçou. Isso seriam meios de lidar com um menino, mas o príncipe sentia que eles eram ambos homens e agiu de acordo. Ele só teve a ganhar com a mudança; pois logo alcançou todo o poder que a experiência, o ofício e a educação da corte naturalmente lhe davam diante de um jovem de cabeça quente, que, capacitado apenas para resistir a violência pessoal, nem viu nem entendeu um modo mais disfarçado de atuar. Fernando esperava levar seu filho ao desespero. Ele colocou espões para vigiarem-no, pagou tentadores para levarem-no ao crime, e por um sistema contínuo de contenção e miserável frustração, esperava reduzi-lo a tamanha agonia, que se refugiaria em qualquer linha de conduta prometendo liberdade de uma escravidão tão cansativa e degradante. O respeito de Ludovico por seu voto salvou sua juventude; e essa firmeza de propósito lhe deu tempo para ler e entender os motivos dos tentadores. Ele viu a mão mestra de seu pai em tudo, e seu coração adoeceu com a descoberta.

Ele havia completado seus dezoito anos. O tratamento de seu pai e a constante determinação e resolução lhe deram a aparência de masculinidade. Ele era alto, bem-apegoado e atlético. Seu porte e comportamento eram mais enérgicos do que graciosos, e suas maneiras eram altivas e reservadas. Tinha poucas realizações, pois seu pai não se preocupou com sua educação; proezas de equitação e armas compunham todo o catálogo. Ele detestava livros, pois faziam parte da insígnia de um padre; era avesso a toda ocupação trazendo consigo repouso corporal. Sua tez era escura — as dificuldades até a tornaram amarelada; seus olhos, antes suaves, agora brilhavam com ferocidade; seus lábios, formados para expressar ternura, estavam agora habitualmente curvados em desprezo; seu cabelo escuro, agrupado em cachos grossos ao redor de seu pescoço, completavam a aparência selvagem, porém imponente e interessante. Era inverno e os prazeres da caça começaram. Todas as manhãs, os caçadores se

reuniam para atacar os javalis ou cervos que os cães pudessem suscitar nas fortalezas dos Apeninos. Este era o único prazer de Ludovico. Durante tais perseguições, ele se sentia livre. Montado em um nobre cavalo seguindo a toda velocidade, o sangue dançava em suas veias e suas órbitas brilhavam com êxtase enquanto lançava seu olhar de águia para o céu; com um sorriso de inefável desdém, ele passava por seus falsos amigos ou algozes declarados e ganhava vantagem solitária na perseguição.

A planície aos pés do Vesúvio e suas colinas vizinhas estavam desnudadas pelo inverno; os rios cheios corriam impetuosamente das colinas; e ali se misturavam aos latidos dos cães e os gritos dos caçadores; o mar, escuro sob um céu cada vez mais baixo, fazia um melancólico lamento ao quebrar suas ondas na costa; o Vesúvio gemeu pesadamente, e os pássaros responderam com gritos uivantes; um pesado siroco pairava sobre a atmosfera, tornando-a úmida e fria. Este vento parece ao mesmo tempo estimular e deprimir a mente humana: a encoraja o pensamento, mas tinge esses pensamentos, como faz com o céu, de preto. Ludovico sentiu isso; mas tentou superar as emoções com as quais a atmosfera nada gentil o preenchia.

A temperatura do ar mudava conforme o dia avançava. O céu nublado consumiu-se em neve, que caiu em abundância; então clareou e uma forte geada sucedeu. O aspecto da terra mudou. A neve cobria o chão e caía sobre as árvores nuas, cintilante, branca e intocada. No início da manhã, avistaram um cervo e, enquanto ele percorria a planície contornando os morros, os caçadores avançavam em alta velocidade. A perseguição durou todo o dia. Por fim, o animal, que, desde o início tinha dirigido seu curso para as colinas, começou a subi-las, e, com vários zigue-zagues e saltos, quase desorientou os cães. O dia estava perto do fim quando Ludovico sozinho seguiu o veadado, enquanto se direcionava para os limites de uma espécie de plataforma da montanha, que, como um istmo, conectava-se com a colina por uma pequena língua de terra, e, em três lados, se precipitava para a planície abaixo. Ludovico equilibrou sua lança e seus cães se aproximaram, esperando que o animal desesperado voltasse. Ele deu um salto, que o conduziu até a beira do precipício — outro, e não foi mais visto. Pulou, esperando mais compaixão das rochas abaixo do que de seu adversário humano. Ludovico estava cansado da perseguição e zangado com a fuga de sua presa. Ele desmontou, amarrou o cavalo a uma árvore e procurou um caminho pelo qual pudesse descer com segurança.

A neve cobria e mascarava o solo, apagando os habituais vestígios que os rebanhos ou manadas poderiam ter deixado ao descer de seus pastos nas colinas para as aldeias abaixo; mas Ludovico havia passado sua infância em meio às montanhas: enquanto sua lança de caça encontrasse o chão com segurança, ele não temia, ou enquanto um galho lhe desse apoio suficiente

para passagem, ele sabia que seu curso estava garantido; mas a descida era íngreme e a cautela necessária obrigou-o a demorar. O sol se aproximava do horizonte, e a luminosidade do caminho foi velada por nuvens subindo rapidamente, sopradas acima do mar pelo vento — um vento frio, que girava a neve de seu local de descanso e a sacudia das árvores. Ludovico, afinal, chegou ao pé do precipício. A neve refletia e realçava o crepúsculo, e ele viu quatro marcas profundas que deviam ter sido feitas pelo cervo. O abismo estava bem acima e sua fuga parecia um milagre. Deve ter escapado; porém aquelas eram suas únicas marcas. Ao redor havia uma floresta de azevinho, cercada por mata densa e emaranhada, e parecia impossível um animal tão grande quanto um cervo em perseguição abrir caminho através desta barreira impenetrável. O desejo de encontrar sua presa tornou-se quase uma obsessão no coração de Ludovico. Ele procurou por uma abertura e, após caminhar em volta, finalmente encontrou uma trilha estreita através da floresta; algumas poucas marcas pareciam indicar que o veado deve ter procurado refúgio no vale. Com uma rapidez característica até mesmo de sua presa, Ludovico se apressou pelo caminho, e não pensou na distância percorrida, até que, sem fôlego, parou diante de um casebre que se opunha ao seu progresso. Ele parou e olhou ao redor. Havia algo singularmente triste na cena. Não era escuro, mas as sombras da noite pareciam descer do vasto emaranhado de nuvens que escalava o céu do oeste. As folhas pretas e brilhantes do azevinho e as do louro e da murta fortemente contrastavam com a neve branca sobre elas. Uma brisa passou por entre os ramos, e espalhou a neve que caiu em flocos perturbando o silêncio ao redor com pequenos espasmos; ou, ainda, um pássaro piou, ou voou com melancólico bater de asas, sob as árvores para seu ninho em algum tronco oco. A casa parecia desolada; suas janelas não tinham vidro e pequenos montes de neve se acumulavam no parapeito. Não havia pegadas na superfície plana do caminho levando até a porta, mas um pouco de fumaça subia pela chaminé e, ao prestar atenção, príncipe Ludovico pensou ter ouvido uma voz. Ele chamou, mas não teve resposta. Ele colocou a mão no trinco; cedeu e ele entrou.

No chão coberto de folhas, jazia uma pessoa doente e moribunda; pois, embora houvesse um leve movimento nos olhos mostrando que a vida ainda não havia abandonado seu trono, a palidez do rosto era somente a da morte. Era uma mulher idosa, e seus cabelos brancos mostravam que não descia a uma sepultura prematura. Mas uma figura ajoelhada ao seu lado poderia ser confundida com um anjo do paraíso, esperando para receber e guiar a alma partindo para o descanso eterno, a não ser pela aguda agonia estampada em suas feições e o olhar vidrado, porém solene. Ela era muito jovem, bela como uma estrela do entardecer. Aparentemente se privara para dar calor à amiga

padecente, pois seus braços e pescoço estavam nus, exceto pela quantidade de cabelos escuros e soltos, aglomerando-se em seus ombros. Encontrava-se absorta em um único sentimento, o de observar a mudança na pessoa doente. Suas bochechas, até mesmo seus lábios, estavam pálidos; seus olhos estavam fixos como se toda a sua vida reinasse somente nesta noção.

Ela não ouviu Ludovico entrar ou, pelo menos, não deu nenhum sinal indicando percebê-lo. A doente murmurou; ao abaixar a cabeça para ouvir o som, ela respondeu, com tom de desespero:

— Não posso recolher mais folhas, pois a neve cobriu o chão; nem tenho qualquer outra coisa para cobri-la.

— Ela está com frio? — disse Ludovico, aproximando-se sorrateiramente e curvando-se ao lado da jovem aflita.

— Ah, muito frio! — ela respondeu. — E não há como ajudar.

Ludovico viera caçar com um manto de seda forrado com as peles mais seletas: ele o havia tirado e o deixado com seu cavalo para não impedir sua descida. Apressou-se a sair da cabana, correu pela trilha e, seguindo as marcas de seus passos, chegou onde seu corcel o esperava. Ele não desceu novamente pelo mesmo caminho, refletindo que talvez fosse necessário buscar ajuda para a mulher doente. Conduziu seu cavalo pela colina por um caminho tortuoso e, embora o fizesse com toda a velocidade possível, a noite caiu e apenas a cintilância da neve o permitiu ver a estrada. Ao chegar, viu que a cabana, antes tão escura, estava iluminada e, aproximando-se, ouviu o solene hino fúnebre entoado pelos padres que agora se aglomeravam ali. A mudança ocorrera, a alma deixara seu palácio mortal, e a ruína desabitada foi amparada com mais solenidade do que a labuta de sua vida terrena. Em meio a multidão de padres, Ludovico entrou sorrateiramente e olhou em volta à procura da adorável jovem. Ela estava sentada, afastada dos padres, em um monte de folhas em um canto do casebre. Suas mãos entrelaçadas repousavam sobre os joelhos, sua cabeça inclinada para baixo e, de vez em quando, ela enxugava com os cabelos as lágrimas caindo rapidamente. Ludovico jogou sua capa sobre ela. Ela ergueu os olhos e cobriu-se, mais para esconder-se do que para se aquecer, e então, virando-se novamente, foi absorvida por seus pensamentos melancólicos.

Ludovico olhava-a com pena. Pela primeira vez desde a morte de sua mãe, lágrimas inundaram seus olhos, e seu semblante suave irradiava terna simpatia. Ele nada disse, mas continuou a encará-la enquanto surgia um desejo em sua mente de enxugar as lágrimas que uma a uma caíam dos olhos da pobre garota. Neste momento, ouviu seu nome chamado por um dos assistentes de seu pai, e, jogando as poucas moedas de ouro que tinha consigo no colo da sofredora, deixou a casa, e, juntando-se ao servo que estava a sua procura, galopou em direção ao castelo.

Enquanto Ludovico cavalgava, e as primeiras emoções de piedade, por assim dizer, pararam de latejar em sua mente, esses sentimentos se fundiram na tensão de pensamento a qual ele habitualmente se entregava e mudaram seu curso para algo novo.

— Eu me considero infeliz — ele exclamou — eu, o bem-vestido e alimentado, e esta adorável camponesa, à beira da desnutrição, tira as roupas que lhe são necessárias para cobrir os membros moribundos de sua única amiga. Também perdi a minha única amiga, e esse é o meu verdadeiro infortúnio, a causa da minha real tristeza — bajuladores assumiriam esse posto — espíões e traidores usurpariam esse ofício. Eu os deixei de lado — sacudi-os de mim como um ramo sacode à terra seu fardo de neve, não tão frio quanto seus corações gelados, mas estou sozinho — a solidão corrói meu peito e me torna rebelde, miserável, inútil.

E, embora ele pensasse desta maneira, o coração de Ludovico fora suavizado pelo que vira, e sentimentos mais brandos o dominaram. Ele sentiu empatia por alguém em necessidade; conferiu um benefício ao carente, a ternura moldou seus lábios em um sorriso e o orgulho da utilidade deu dignidade à chama de seu olhar. As pessoas ao seu redor perceberam a mudança e, sem se deparar com o desdém habitual de suas maneiras, também se abrandaram, e a visível alteração em seu caráter parecia prestes a efetuar uma grande metamorfose em sua vida, mas ainda não chegara o momento dessa mudança tornar-se permanente.

No dia seguinte a esta caçada, príncipe Fernando deslocou-se para Nápoles e mandou o filho acompanhá-lo. A residência em Nápoles era particularmente cansativa para Ludovico. No campo, ele gozava de relativa liberdade. Satisfeito por ele estar no castelo, seu pai às vezes o esquecia por dias seguidos; mas era diferente ali. Temendo que o jovem fizesse amigos ou conexões, e sabendo que sua figura dominante e maneiras peculiares despertavam atenção e muitas vezes curiosidade, o mantinha sempre à vista; ou, se o dava licença por um momento, se certificava primeiro das pessoas ao seu redor e deixava seus próprios confidentes, cuja presença era venenosa aos olhos de Ludovico. Acrescente a isso que o príncipe Mondolfo adorava insultar e intimidar seu filho em público e, ciente de suas deficiências nas realizações mais elegantes, o expôs ao escárnio de seus amigos. Eles permaneceram dois meses em Nápoles e depois voltaram para Mondolfo.

Era primavera; o ar estava agradável e animava o espírito. As flores brancas das amendoeiras e as rosas dos pessegueiros começaram a contrastar com as folhas verdes brotando entre elas. Ludovico mal sentiu os efeitos estimulantes da primavera. Ferido no âmago de seu coração, ele perguntou à natureza por que ela pintou um sepulcro; perguntou aos ares por que eles

sopravam nos infelizes e mortos. Ele vagou para a solidão. Perambulou pelo caminho levando ao mar; sentou-se na praia, observando o fluxo monótono das ondas; elas dançavam e brilhavam; seus pensamentos sombrios recusavam-se a absorver a alegria das ondas ou do sol.

Uma forma passou próximo a ele — uma camponesa, que equilibrava uma jarra em forma de urna em sua cabeça; ela usava vestes pobres, mas atraíu a atenção de Ludovico, e quando, aproximando-se da fonte, ela pegou a jarra e se virou para enchê-la, ele reconheceu a garota do inverno anterior. Ela também o reconheceu e, deixando sua ocupação, aproximou-se dele e beijou-lhe a mão com aquela graça irresistível que os climas do sul parecem incutir mesmo no mais insignificante de seus filhos. No primeiro momento, ela hesitou e começou a agradecer-lhe com palavras quebradas, mas as frases vieram e Ludovico ouviu seus agradecimentos eloquentes, os primeiros que ouviu dirigidos a ele por qualquer ser humano. Um sorriso de prazer roubou seu rosto, um sorriso cuja beleza mergulhou profundamente no coração da observadora. Em um minuto, eles estavam sentados na margem ao lado da fonte, e Viola contou a história de sua juventude assolada pela pobreza — seu destino órfã — a morte de sua melhor amiga — e agora era apenas o clima benigno que, diminuindo as necessidades humanas, a fazia parecer menos miserável do que antes. Ela estava sozinha no mundo, vivendo naquela desolada cabana e sustentando-se diariamente com dificuldade. Seu rosto pálido, o langor doentio permeando suas maneiras, evidenciavam a veracidade de suas palavras; mas ela não chorou, falou de bom coração, e foi só quando aludiu ao auxílio de Ludovico que seus olhos escuros e suaves se encheram de lágrimas.

O jovem visitou seu chalé no dia seguinte. Subiu a trilha, agora coberta de grama e perfumada por violetas, que Viola colhia das margens. Ela ofereceu seu buquê a ele. Entraram juntos no chalé. Estava deplorável e caindo aos pedaços. Algumas flores em um vaso quebrado eram todo o adorno, além da pobre Viola — uma linda flor em meio à miséria absoluta; e a roseira sombreando a janela poderia apenas dizer que a doce Itália, mesmo em meio à pobreza, poupa sua riqueza natural para embelezar seus rebentos.

Ludovico fez Viola sentar-se num banco perto da janela e ficou de frente para ela, com as flores na mão, escutando. Ela não falava de sua pobreza, e seria difícil contar o que foi dito. Ela parecia feliz e sorria, falava com uma voz alegre, e isso amoleceu o coração de seu amigo, de modo que ele quase chorou de pena e admiração. Depois disso, dia após dia, Ludovico visitava o casebre e dedicava todo o seu tempo a Viola. Ele a visitava e conversava com ela, colhia violetas junto da moça, consolava-a e aconselhava-a, e tornou-se feliz. A ideia de que ele era útil para um único ser humano preencheu seu coração de

alegria; e, no entanto, ele estava totalmente inconsciente de sua importância para a felicidade de sua protegida. Ele sentia-se alegre ao lado dela, ficava feliz em conceder-lhe benefícios e vê-la lucrar com eles; mas ele não pensava no amor, e sua mente, não desperta para a paixão, repousou de sua longa dor sem pensar no futuro. Não era assim com a camponesa. Ela não podia ver seus olhos curvados com gentileza sobre ela, sua boca iluminada por seu sorriso terno, ou ouvir sua voz quando ele pedia sua confiança, pois agora seria seu pai, irmão, tudo para ela, sem profundamente, apaixonadamente, amá-lo. Ele tornou-se o sol, o sopro de sua vida — sua esperança, alegria e única posse. Ela esperava sua vinda, observava-o quando ele ia embora, e por um longo tempo após sua ida permanecia feliz. Ela não lamentava que ele respondesse ao seu amor sincero apenas com serena afeição — ela era uma camponesa, ele um nobre — e ela não poderia desejar e esperar mais nada; ele era um deus — ela poderia adorá-lo; e era blasfêmia esperar mais do que uma aceitação benigna de sua adoração.

Príncipe Mondolfo logo soube das visitas de Ludovico ao chalé na floresta e não tinha dúvida nenhuma de que Viola se tornara amante de seu filho. Ele não se esforçou para interromper a conexão ou colocar qualquer barreira em suas visitas. Ludovico, de fato, gozou de mais liberdade do que nunca, e seu cruel pai limitou-se a restringi-lo mais do que nunca em dinheiro. Sua tática era aparente: Ludovico havia resistido a todas as tentações de jogos de azar e outras formas de gastos colocados em seu caminho. Fernando há muito desejava levar o filho a uma dolorosa sensação de pobreza e dependência, e obrigá-lo a buscar os recursos necessários em uma carreira que o fizesse abandonar o teto paterno. Ele preparara diversas armadilhas em torno do menino, e todas foram quebradas por sua resistência firme, porém quase inconsciente; mas agora, sem buscar, sem esperar, chegou a ocasião que o faria precisar de muito mais do que seu pai jamais lhe permitira, e agora sua mesada se tornou restrita, mesmo assim Ludovico não deu nem um murmúrio — e até o momento ele tivera o suficiente.

Por muito tempo, Fernando se absteve de qualquer alusão à ligação amorosa de seu filho; mas uma noite, em um banquete, a alegria superou sua cautela — uma alegria que sempre o levou se divertir com os sentimentos do filho e a despertar uma dor que poderia reprimir o sorriso de seu novo estado de espírito e deixar de fazer visitas frequentes ao seu semblante.

— Vamos brindar — exclamou Fernando ao encher sua taça —, brindar, Ludovico, à saúde da sua garota-violeta! — e concluiu com alguma alusão indecorosa que enrubescou o rosto de Ludovico. Sem responder, ele se levantou para partir. — E para onde vai, senhor? — continuou seu pai. — Pegue sua taça para retribuir ao meu brinde, pois, por Baco! Ninguém sentado

à minha mesa passará por ela com indelicadeza.

Ludovico, ainda de pé, encheu a taça e levantou-a, prestes a falar e retorquir o discurso de seu pai, mas a memória de suas palavras e a inocência de Viola o pressionaram e encheram seu coração quase ao ponto de explosão. Ele abaixou a taça, afastou as pessoas procurando detê-lo e deixou o castelo. Logo não conseguiu mais ouvir o riso dos zombeteiros, embora ecoasse pelos salões elevados. As palavras de Fernando despertaram um sentimento estranho em Ludovico. “Viola! Será que ela me ama? Eu a amo?” A última pergunta rapidamente teve uma resposta. A paixão, repentinamente despertada, fez com que cada uma de suas artérias fervilhasse com sua presença eletrizante. Suas bochechas queimavam e seu coração dançava com estranha exultação enquanto ele se apressava em direção ao chalé, ignorando tudo menos o universo de sensações habitando dentro de si. Ele alcançou a porta. Despidas e escuras as paredes se erguiam diante dele, e os galhos da floresta oscilavam e suspiravam acima de sua cabeça. Até agora ele havia sentido apenas impaciência — a doença do medo — o medo de um retorno frio ao seu amor agora entrava em seu coração; e, afastando-se um pouco, sentou-se em um pequeno morro e escondeu o rosto nas mãos, enquanto lágrimas apaixonadas jorravam de seus olhos e escorriam por entre seus dedos.

Viola abriu a porta de seu casebre; Ludovico não viera visitá-la e ela estava infeliz. Olhou para o céu — o sol havia se posto e Hesperus^[57] brilhava no oeste; os azevinhos escuros faziam uma sombra profunda, quebrada por inúmeros vaga-lumes bruxuleando, ora baixos no chão, identificando as flores enquanto dormiam silenciosas e fechadas na noite, ora altos entre os galhos, e as folhas lustrosas de azevinho e louro refletiam sua luz. O olhar errante de Viola inconscientemente focou em um deles e o seguiu enquanto voava, jogando de lado seu véu de escuridão de tempos e tempos e espalhando uma grande palescência em torno de si. Por fim, aninhou-se em um caramanchão de folhas formado por um emaranhado de louros e murtas; e lá ficou, cintilando sua bela luminosidade, que, vindo de entre os ramos, parecia como se a estrela mais brilhante dos céus tivesse desviado de seu curso e, tremendo em sua ousadia, sentava-se arquejante em seu poleiro terrestre. Ludovico estava próximo ao loureiro — Viola o viu — sua respiração tornou-se ofegante — ela permaneceu em silêncio, mas se aproximou dele devagar, e o observou com tal êxtase confuso que sentiu, ou melhor, quase ouviu, seu coração bater junto de sua emoção. Finalmente ela falou — pronunciou seu nome e ele olhou para seu rosto gentil, seus olhos radiantes e sua silhueta de sílfide^[58] curvada sobre ele. Ele esqueceu seus medos e suas esperanças logo se confirmaram. Pela primeira vez, ele pressionou os lábios trêmulos nos de Viola, e então se afastou para pensar com euforia e perplexidade em tudo o que acontecera.

Ludovico sempre agiu com energia e prontidão. Ele voltou apenas para planejar com Viola quando eles poderiam ser unidos. Selecionaram uma pequena capela nos Apeninos, isolada e desconhecida; conseguiram facilmente um padre de um convento vizinho, subornado sem dificuldades para ficar em silêncio. Ludovico conduziu sua noiva de volta para o chalé na floresta. Ali ela continuou a residir; por nada no mundo ele queria mudá-la de lá; toda a sua riqueza era gasta em decorá-lo; no entanto, tudo o que ele fez foi apenas o suficiente para torná-lo tolerável. Mas eles estavam felizes. O pequeno círculo da extensão da terra que continha sua Viola era o universo para seu marido. O coração e imaginação de Ludovico ampliaram e preencheram sua singela morada até abranger tudo de belo, e, ser habitado por tudo de excelente que existe neste mundo. Ela cantava para ele; ele ouvia, e as notas construíam em torno dele um mágico dossel de júbilo. Ele trilhava a superfície do paraíso e suas rajadas alimentaram sua mente até a embriaguez. Os habitantes de Mondolfo não conseguiam reconhecer o soberbo e amargo Ludovico no benigno e gentil marido de Viola. Ele não atendia mais as provocações do pai, pois não as ouvia. Não mais pisava na terra, mas, como um anjo, sustentado pelas asas do amor, deslizava sobre ela, de modo que não sentia suas desigualdades nem era tocado por seus rudes obstáculos. E Viola, com profunda gratidão e ardente ternura, retribuía seu amor. Ela pensava apenas nele, vivia para ele e com atenção incansável mantinha viva em sua mente o primeiro sonho de paixão.

Assim, quase dois anos se passaram, e uma criança adorável chegou para unir os amantes com laços mais estreitos e encher seu humilde teto com risos e alegria.

Ludovico mal ia a Mondolfo; e seu pai, continuando com sua antiga tática e satisfeito que o vínculo do filho com uma camponesa havia aliviado sua mente do medo de conexões notáveis e amizades capazes, até dispensou sua presença quando visitava Nápoles. Fernando não suspeitava que seu filho havia se casado com sua protegida de nascimento inferior; se tivesse, sua aversão por ele não o teria impedido de resistir a uma aliança tão degradante; e, enquanto seu sangue corria nas veias de Ludovico, ele nunca teria filhos declarados se contaminados pela maré baixa de um camponês.

Ludovico havia quase completado seus vinte anos quando seu irmão mais velho morreu. Príncipe Mondolfo na ocasião passou quatro meses em Nápoles, concluindo um tratado de casamento firmado entre seu herdeiro e a filha de uma nobre casa napolitana, quando esta morte destruiu suas esperanças, e ele retirou-se em pesar e luto para seu castelo. Algumas semanas de lamento e ponderação o restauraram. Ele tinha amado este seu favorito primogênito mais como o herdeiro de seu nome e fortuna do que como seu filho; e como a teia

que ele tecera fora destruída, ele rapidamente começou outra.

Ludovico foi convocado à presença do pai. O velho hábito ainda tornava tais intimações importantes; mas o jovem, com um sorriso orgulhoso, abandonou essas preocupações infantis e apresentou-se com uma dignidade gentil diante de seu pai alterado.

— Ludovico — disse o príncipe —, quatro anos atrás você se recusou a fazer os votos sagrados, e assim despertou meu maior ressentimento; agora lhe agradeço por essa resistência.

Uma leve suspeita passou pela mente de Ludovico de que seu pai estava prestes a bajulá-lo para algum propósito maligno. Dois anos antes ele teria agido a tal pensamento, mas o hábito da felicidade o fez imparcial. Ele inclinou a cabeça suavemente.

— Ludovico — continuou seu pai, enquanto o orgulho e o desejo de conciliar perturbavam sua mente e até mesmo seu semblante —, meu filho, eu o tenho tratado injustamente; mas esse tempo agora ficou para trás.

Ludovico respondeu gentilmente:

— Meu pai, eu não mereço seus maus tratos, espero merecer sua bondade quando eu souber...

— Sim, sim — interrompeu Fernando, inquieto —, você não entende, você quer saber por que, em suma, você, Ludovico, é agora toda a minha esperança. Olympio está morto, a casa de Mondolfo não tem apoio a não ser por você...

— Perdoe-me — respondeu o jovem —, Mondolfo não está em perigo nenhum, você, meu senhor, é plenamente capaz de sustentar e até aumentar sua distinção atual.

— Você não entende. Mondolfo não pode se manter se não for por você. Estou velho, sinto minha idade, e esses cabelos grisalhos anunciam-na com muita clareza. Não há ramo colateral, minha esperança repousa em seus filhos...

— Meus filhos, meu senhor! — respondeu Ludovico. — Tenho apenas um; e se o pobre garotinho...

— Que tolice é essa? — exclamou Fernando, impaciente. — Falo de seu casamento e não...

— Senhor, minha esposa está sempre pronta para prestar os devidos respeito a você...

— Sua esposa, Ludovico! Mas você fala sem pensar. Como? Quem?

— A garota-violeta, meu senhor.

Uma tempestade atravessara o semblante de Fernando. O fato de seu filho, sem ele saber, ter feito uma aliança indigna, agitou cada fibra de seu corpo, e o abaixar de seu rosto e o gesto impaciente revelaram a angústia

intolerável de tal pensamento. As últimas palavras de Ludovico o restauraram. Não era sua esposa que ele nomeava assim, ele tinha certeza que não. Ele sorriu um tanto melancólico, ainda assim era um sorriso de satisfação.

— Sim — ele respondeu —, eu entendo, mas você testa minha paciência, não deve brincar com esse assunto ou comigo. Eu falo de seu casamento. Agora que Olympio está morto, e você é herdeiro de Mondolfo, você pode, em seu lugar, concluir a vantajosa, ou até mesmo principesca, aliança que eu estava formando para ele.

Ludovico respondeu com seriedade:

— Você faz questão de me entender mal. Eu já sou casado. Dois anos atrás, enquanto eu ainda era o desprezado e insultado Ludovico, estabeleci esta conexão, e será meu orgulho mostrar ao mundo como, em tudo menos no nascimento, minha camponesa pode cumprir os deveres de sua distinta situação.

Fernando estava acostumado a manter o controle de si mesmo. Sentiu-se ferido por um punhal; mas fez uma pausa até que a calma e a sua voz retornassem, e então ele disse:

— Você tem um filho?

— Um herdeiro, meu senhor — respondeu Ludovico, sorrindo, pois a brandura do pai o enganara — uma criança adorável e saudável.

— Eles moram nas proximidades?

— Posso trazê-los a Mondolfo em uma hora. Sua casa fica na floresta, cerca de quinhentos metros a leste do convento de Santa Chiara.

— Chega, Ludovico; você comunicou notícias estranhas, e devo considerá-las. Voltarei a vê-lo esta noite.

Ludovico curvou-se e desapareceu. Ele se apressou até o chalé e relatou tudo o que se lembrava ou entendia dessa cena e disse a Viola para se preparar para ir ao castelo imediatamente. Viola estremeceu; ocorreu-lhe que nem tudo era tão belo quanto Ludovico dizia; mas ela escondeu seus medos e até sorriu quando seu marido, com um beijo, saudou seu filho como herdeiro de Mondolfo.

Fernando havia controlado as feições e a voz enquanto seu filho estava por perto. Ele foi até a janela de seu quarto e olhou fixamente para a ponte levadiça até Ludovico a atravessar e desaparecer. Então, furioso, caminhou para cima e para baixo no aposento, enquanto o teto ressoava com seus passos impetuosos. Ele soltou gritos e maldições, e bateu na cabeça com o punho cerrado. Demorou muito para que pudesse pensar — apenas sentia, e sentir era uma tortura. A tempestade finalmente acalmou e ele se jogou em sua cadeira. Suas sobranceiras contraídas e lábios frequentemente agitados mostravam-no totalmente absorto em consideração. A princípio, tudo foi um

turbilhão assustador; aos poucos, a moção foi apaziguada; seus pensamentos fluíam com maior calma; eles diminuíram para um canal cujo curso ele traçou cautelosamente até que pensou ter visto o resultado.

Passou horas nessa contemplação. Quando se levantou de sua cadeira, como alguém que havia dormido e sonhado em um sono inquieto, sua testa tornou-se gradativamente lisa; ele estendeu o braço e, abrindo a mão, exclamou:

— Assim é! E eu o venci!

A noite chegou e Ludovico foi anunciado. Fernando temia o filho. Sempre temeu seu modo destemido e determinado. Temia confrontar as paixões do menino com as suas próprias, e sentiu no choque que a sua não era a paixão mestre. Então, subjugando todo ódio, vingança e ira, ele o recebeu com um sorriso. Ludovico sorriu também; no entanto, não havia semelhança em seus olhares: um era um sorriso de franqueza, alegria e afeto — o outro, a careta velada da malícia sufocada. Fernando disse:

— Meu filho, você entrou levemente em um casamento como se fosse uma brincadeira de criança, mas, onde principados e sangue nobre estão em jogo, a perda ou o ganho é muito importante para ser desprezado. Silêncio, Ludovico! Ouça-me, eu imploro. Você fez um casamento anormal com uma camponesa, que, embora eu possa reconhecer, não posso aprovar. É desagradável para nosso soberano e depreciativo para todos reivindicando aliança com a casa de Mondolfo. — O orvalho frio se acumulava na testa de Fernando enquanto falava; ele parou, recuperou sua compostura e continuou: — Será difícil conciliar tais interesses discordantes, e um momento de imprudência pode nos fazer perder nossa posição, fortuna, tudo! Seus interesses estão em minhas mãos. Eu cuidarei deles. Espero que, antes do fim de alguns meses, a futura Princesa Mondolfo seja recebida na corte de Nápoles com a devida honra e respeito. Mas você deve deixar o assunto para mim. Não deve fazer nada sobre o caso. Prometa-me que não vai, até eu permitir, mencionar o seu casamento a qualquer um, ou reconhecê-lo se for tributado a ele.

Ludovico, após hesitar por um momento, respondeu:

— Eu prometo que, pelo espaço de seis meses, não mencionarei meu casamento a ninguém. Não serei culpado de falsidade, mas por enquanto não vou afirmá-lo ou apresentá-lo de qualquer maneira que lhe aborreça.

Fernando pausou novamente; mas a prudência venceu, e ele não disse mais nada. Entrou em outros assuntos com o filho; cearam juntos, e a mente de Ludovico, agora sintonizada ao afeto, recebeu com gratidão e alegria todos os sinais do despertar do amor do pai. Seu pai pensou que o segurava em seu ardil e estava pronto para adoçar com bondade a amargura da artimanha

pretendida antes de executá-la.

Assim, uma semana se passou em calma. Ludovico e Viola estavam perfeitamente felizes. Ludovico só queria retirar a sua esposa da obscuridade, motivo vindo da sensação de verdadeiro orgulho que nos faz desejar declarar ao mundo inteiro a excelência de um objeto amado. Viola se encolheu diante de tal exposição; ela amava sua humilde cabana — humilde ainda que adornado com tudo o que o bom gosto e amor poderiam conceder. As árvores curvavam-se sobre o teto baixo e sombreavam as janelas adornadas por arbustos floridos; seu piso brilhava com mármore, e vasos de formato antigo e beleza requintada ficavam nos nichos da sala. Cada centímetro era consagrado pela memória de seu primeiro encontro e seus amores — os passeios na neve e violetas; a floresta de azevinho com seus arbustos de murta e sua população de vaga-lumes; os pássaros; os animais selvagens e tímidos que às vezes apareciam e, vistos, recuavam; as mudanças das estações, das tonalidades da natureza influenciadas por elas; as alterações do céu; o caminhar da lua; e o movimento das estrelas — tudo era querido, reconhecido e comentado por este par, que viu o amor de seus corações refletido em toda a cena ao redor, e em seu filho, seu companheiro que embora sem fala, era barulhento, cujo sorriso conquistou esperanças, e cuja forma radiante parecia enviada do céu para recompensar seu apego constante.

Uma semana se passou e Fernando e Ludovico estavam cavalgando juntos, quando o príncipe disse:

— Amanhã cedo, meu filho, você deve ir para Nápoles. É hora de se apresentar como meu herdeiro e o melhor representante de uma casa principesca. Quanto mais cedo fizer isso, mais rápido chegará o período que, sem dúvida, você deseja, quando a desconhecida princesa Mondolfo será reconhecida por todos. Não posso acompanhá-lo. De fato, será melhor que você apareça primeiramente sem mim. Será distinguido pelo seu soberano, cortejado por todos, e deve se lembrar de sua promessa como o melhor meio de realizar o seu objetivo. Em poucos dias, estarei com você.

Ludovico prontamente concordou e foi na mesma noite despedir-se de Viola. Ela estava sentada sob a árvore de louro onde eles haviam confessado seu amor pela primeira vez; seu filho estava em seus braços, olhando com admiração e riso para a luz dos vaga-lumes. Dois anos haviam se passado. Era verão novamente, e quando os raios de seus olhos se encontraram e se misturaram, cada um trouxe da alegre certeza de que ainda eram tão queridos um para o outro como quando ele, tremendo com a intensa emoção, sentou-se sob aquela árvore. Ele lhe contou sobre a visita a Nápoles que seu pai havia planejado, e uma nuvem passou pelo semblante de Viola, mas ela a dispensou. Ela não teria medo; no entanto, repetidas vezes, uma sensação eletrizante do

mal vindouro fazia seu coração bater, e cada vez resistia com mais dificuldade. Ao cair da noite, ela carregou a criança adormecida para dentro da cabana e colocou-a em sua cama, e então caminhou para cima e para baixo na trilha da floresta com Ludovico até chegar o momento de sua partida, pois com o calor, era necessário viajar à noite. Novamente o medo do perigo passou por sua mente, e mais uma vez, com um sorriso, dispersou o pensamento; mas, quando ele se virou para lhe dar um abraço de despedida, voltou a ela com força total. Chorando amargamente, ela se agarrou a ele e implorou para que não fosse. Assustado com sua reação, ele buscou ansiosamente uma explicação, porém o único esclarecimento que ela pôde dar despertou um sorriso gentil enquanto ele a acariciava e pedia para se acalmar; e então, apontando para a lua crescente que brilhava por entre as árvores e manchava o chão com suas sombras em movimento, ele disse que estaria de volta antes que estivesse cheia, e com mais um abraço a deixou chorando. E é assim que uma estranha profecia frequentemente se insinua, e o espírito de Cassandra^[59] habita muitos infelizes corações humanos, e profere de muitos lábios presságios despercebidos, de males que estão por vir: os ouvintes não prestam atenção — o orador dificilmente lhes dá crédito — vem o mal que, se pudesse ter sido evitado, nenhuma Cassandra teria predito, pois se aquele sentimento não fosse um presságio verdadeiro, ele não existiria; nem essas meias revelações teriam lugar, se o vindouro não fizesse o esboço e não o cumprisse.

Viola o viu partir com uma tristeza irremediável e depois foi consolar-se ao lado do berço de seu filho. No entanto, olhando para ele, seus medos se intensificaram; e, em um surto de terror, ela saiu de sua cabana, correu pelo caminho, chamando o nome de Ludovico, às vezes ouvindo, buscando escutar o passo de seu cavalo, e então gritando alto novamente para seu retorno. Mas ele estava longe demais para escutar, e ela voltou outra vez para seu chalé e, deitando-se ao lado de seu filho, juntando sua mãozinha na dela, por fim, dormiu pacificamente.

Seu sono foi leve e curto. Ela se levantou antes do sol, e mal o astro começara a lançar longas sombras no chão quando, vestindo-se com seu xale, estava prestes a ir com a criança para a capela vizinha de Santa Chiara, quando ouviu o tropel de cavalos subindo a trilha; seu coração batia rápido, e ainda mais rápido quando ela viu um estranho entrar na cabana. Sua silhueta era imponente, e a idade, que deixara seus cabelos grisalhos, não suavizara o fogo de seus olhos nem estragara a majestade de sua postura; mas todos os traços eram marcados pelo orgulho e até pela crueldade. Obstinação e desprezo eram ainda mais aparentes. Ele era parecido com o que Ludovico havia sido, e tão parecido que Viola não duvidou do fato de seu pai estar diante dela. Ela tentou reunir coragem, mas a surpresa, seu semblante altivo e, acima de tudo,

o som de muitos cavalos e as vozes dos homens do lado de fora a perturbaram e distraíram tanto que seu coração falhou por um momento, e ela se recostou trêmula e pálida contra a parede, pressionando seu filho contra o peito com uma energia convulsiva. Fernando falou:

— Você é Viola Arnaldi, e se diz, eu acredito, a esposa de Ludovico Mondolfo?

— Sou eu — seus lábios formaram-se nessas palavras, mas o som morreu.

Fernando continuou:

— Eu sou o príncipe Mondolfo, pai do menino irresponsável que fez este contrato ilegal e tolo. Quando soube disso, facilmente formei meu plano e agora estou prestes a executá-lo. Eu poderia tê-lo feito sem ter vindo até você, sem testemunhar a cena que, suponho, testemunharei; mas a benevolência me levou a tal linha de conduta e espero não me arrepender.

Fernando pausou; Viola ouvira pouco do que ele dissera. Ela se empenhava em reunir suas forças dispersas, em ordenar que seu coração se aquietasse e em se armar com o orgulho e a coragem da inocência e do desamparo. Cada palavra do príncipe era útil para ela, pois lhe dava tempo para se recompor. Ela apenas abaixou a cabeça quando ele fazia uma pausa e continuou:

— Enquanto Ludovico era meu filho mais novo e não procurava impor atenção ao seu mau casamento, fiquei contente por ele desfrutar do que chamava de felicidade sem ser incomodado; mas as circunstâncias mudaram. Ele se tornou o herdeiro de Mondolfo e deve honrar sua família e título com um casamento adequado. Seu sonho terminou. Não lhe desejo nenhum mal. Você será conduzida daqui com seu filho, colocada a bordo de um navio e levada para uma cidade na Espanha. Receberá um estipêndio anual e, desde que não procure se comunicar com Ludovico ou se esforce para deixar o refúgio, estará segura; mas o menor movimento, o mero desejo de uma posição que você nunca pode preencher, atrairá sobre você e aquele menino a vingança de alguém cujas ameaças são apenas o braço erguido, o golpe vem logo em seguida!

O perigo ameaçando a desprotegida Viola deu-lhe coragem. Ela respondeu:

— Estou sozinha e sou fraca, você é forte e tem rufiões esperando para executar os crimes arquitetados por sua imaginação. Não me importo com Mondolfo, nem com o título, nem com a posse, mas nunca, ah! Nunca, nunca renunciarei ao meu Ludovico — nunca farei nada para depreciar o juramento que fizemos. Separada dele, irei procurá-lo, nem que seja descalça e faminta, através do vasto mundo. Ele é meu por aquele amor que concebeu a mim de

bom grado; sou dele pelo sentimento de devoção e apego eterno que agora anima minha voz. Despedace-nos, mas nos encontraremos novamente e, a menos que você coloque a sepultura entre nós, não pode nos separar.

Fernando sorriu com escárnio.

— E esse menino — disse ele, apontando para o bebê —, você o conduzirá, cordeiro inocente, em sacrifício ao altar do seu amor, e cravará com sua própria mão a faca no coração da vítima?

Mais uma vez os lábios de Viola empalideceram enquanto abraçava o filho e exclamava, com palavras quase inarticuladas:

— Existe um Deus no céu!

Fernando saiu do casebre, que logo se encheu de homens, um dos quais jogou um manto sobre Viola e seu filho, e, arrastando-os para fora, colocou-os numa espécie de liteira, e a cavalgada prosseguiu silenciosamente. Viola soltou um grito quando viu seus inimigos, mas, reconhecendo sua impotência, abafou todos os outros gritos. Quando na liteira, ela se esforçou em vão para se desvencilhar do manto envolvendo-a, e então tentou silenciar seu filho, que, assustado com a situação, soltou gritos agudos. Por fim, ele dormiu; e Viola, no escuro e com medo, sem nada para sustentar seu espírito ou esperanças, sentiu sua coragem desaparecer. Ela chorou copiosamente com desespero e tristeza. Ela pensou em Ludovico e como seria sua dor, e suas lágrimas dobraram. Não havia esperança, pois seu inimigo era implacável, seu filho, arrancado dela, um claustro sua prisão. Tais eram as imagens constantemente em sua mente. Elas dominaram sua coragem e a encheram de terror e consternação.

A cavalgada entrou na cidade de Salerno, e o rugido do mar anunciou à pobre Viola que estavam em suas margens.

— Ó ondas amargas! — ela exclamou. — Minhas lágrimas são tão amargas quanto tu, e elas logo se misturarão!

Seus condutores agora entravam em um prédio. Era uma torre de vigia a alguma distância da cidade, na praia. Levantaram Viola da liteira e a conduziram a um dos lúgubres aposentos da torre. A janela, que não ficava longe do chão, era gradeada de ferro; parecia uma sala de guarda. O chefe de seus condutores dirigiu-se a ela, pedindo-lhe cortesmente que perdoasse a hospedagem grosseira; o vento estava contrário, disse ele, mas esperava-se uma mudança, e no dia seguinte, talvez pudessem embarcar. Ele apontou para o navio não muito longe. Viola, com a esperança animada por sua brandura, implorou por sua compaixão, mas ele imediatamente a deixou. Logo depois outro homem trouxe comida, com uma garrafa de vinho e uma jarra de água. Ele também se foi; sua enorme porta estava trancada, o som de passos se afastando morreu.

Viola não se desesperou; ela sentiu, entretanto, que seria necessária toda a sua coragem para se libertar de sua prisão. Ela comeu uma parte da comida, bebeu um pouco de água e depois, um pouco refrescada, estendeu a capa que seus condutores haviam deixado no chão, colocou seu filho sobre ela para brincar e então se postou na janela, na esperança que alguém a quem ela poderia se dirigir passasse e, se não fosse capaz de ajudá-la de qualquer outra maneira, poderia ao menos levar uma mensagem a Ludovico, para que seu destino não fosse velado no terrível mistério que o ameaçava; mas provavelmente o caminho passando por sua janela estava guardado, pois ninguém se aproximava. Enquanto observava, no entanto, e uma vez avançou a cabeça para olhar com mais atenção, ocorreu-lhe que ela poderia passar entre as grades de ferro. A capa, se presa a um dos pilares, prometia uma descida segura. Ela não ousou tentar; não, tinha tanto medo de ser pega e de que, se fosse vista perto da janela, seus carcereiros pudessem ter a mesma ideia, que se retirou para o outro lado da sala e sentou-se olhando para as grades, com ambos medo e esperança, que ora tingiam suas bochechas de carmesim, e ora as empalideciam novamente como quando Ludovico a vira pela primeira vez.

O menino passava o tempo alternando entre dormir e brincar. O oceano ainda rugia, e as nuvens negras trazidas pelo siroco escureciam o céu e apressavam a noite iminente. Hora após hora passou; ela não ouvia nenhum relógio; não havia sol para marcar as horas, mas pouco a pouco o cômodo foi escurecendo, e por fim a Ave-Maria^[60] tocou, ouvida em espasmos entre o uivo dos ventos e o bater das ondas. Ela se ajoelhou e orou fervorosamente à Madonna, protetora da inocência — orava por ela e seu filho — não menos inocente que a Mãe e o Menino Divino, a quem ela fez suas preces. Ela fez uma pausa. Aproximando-se da janela, prestou atenção para ouvir qualquer som humano: tal som, fraco e intermitente, morreu, e com a escuridão veio a chuva torrencial, acompanhada por trovões e relâmpagos que levaram todas as criaturas ao abrigo. Viola estremeceu. Poderia expor seu filho a tal noite? Outra vez ela reuniu coragem. Meditou sobre algum plano pelo qual poderia conseguir a capa como abrigo para seu filho após servir para sua descida. Ela tentou as barras e descobriu que, com alguma dificuldade, poderia passar e, olhando para baixo, um relâmpago revelou o chão não muito distante. Mais uma vez ela pediu proteção divina; novamente chamou e abençoou seu Ludovico; e então, não sem medo, porém determinada, começou suas operações. Ela prendeu o manto por meio de seu longo xale, que, pendurado até o chão, era amarrado por um nó corrediço e cedia quando puxado. Ela pegou o filho nos braços e, saindo das grades, amarrou-o com uma faixa em sua cintura e então, sem nenhum acidente, chegou ao chão. Depois de pegar a capa e envolver a si e a seu filho em suas dobras escuras e amplas, com a

respiração ofegante fez uma pausa para ouvir. A natureza estava desperta com sua voz mais poderosa — o mar rugia — e os incessantes relâmpagos revelando a solidão ao seu redor eram seguidos por estrondos tão ensurdecedores que por pouco não a amedrontaram. Ela atravessou o campo e manteve a visão da espuma branca do mar à sua direita, sabendo que assim seguia em direção oposta a Mondolfo. Caminhou o mais rápido que seu fardo permitiu, mantendo-se na estrada principal, pois a escuridão a fez temer desviar-se. A chuva cessou e ela continuou andando, até que, com os membros caindo sob o corpo, quis descansar e se refrescar com o pão trazido da prisão. Ação e sucesso a inspiraram com uma energia incomum. Ela não teria medo — acreditava-se livre e segura. Chorou, mas foi a emoção transbordante que não encontrou outra expressão. Não tinha dúvidas de que se juntaria a Ludovico. Sentada assim na noite escura — após ter sido por horas a diversão dos elementos, que agora atenuavam sua fúria por um instante — sentada em uma pedra à beira da estrada — um país grande, triste e desconhecido ao seu redor — seu filho indefeso em seus braços — acabando de comer a única comida em sua posse — sentiu o triunfo, a alegria e o amor descenderem em seu coração, proféticos de um futuro reencontro com seu amado.

Era verão, e o ar, consequentemente, quente. Seu manto a protegeu da chuva, sendo assim seus membros estavam livres e ativos. No primeiro raio de alvorada, ela se levantou e, no caminho mais próximo, saiu da estrada e seguiu seu curso para mais perto dos Apeninos. De Salerno, o mais distante ao sul quando a vista alcançava, uma planície baixa se estendia ao longo da costa, e as colinas a cerca de dezesseis quilômetros de distância a delimitavam. Essas montanhas são altas e singularmente belas; seus penhascos apontam para o céu e córregos fluem por seus lados e regam a planície abaixo. Após caminhar por várias horas, Viola chegou a uma floresta de pinheiros que descia do alto e se estendia na planície. Ela procurou seu abrigo amigável com alegria, e, penetrando suas profundezas até ver apenas árvores ao seu redor, repousou novamente. O siroco foi dissipado pela tempestade, e o sol, vencendo as nuvens que a princípio velavam seu esplendor, brilhou na límpida majestade do meio-dia. Nascida no sul, Viola não temia o calor. Ela colheu pinhões, arranjou um jeito de fazer uma fogueira e os comeu com apetite; e então, procurando um esconderijo, se deitou e dormiu, seu filho nos braços, agradecendo aos Céus e à Virgem por sua fuga. Ao despertar, o triunfo de seu coração de certa forma desapareceu. Ela sentiu a solidão, sentiu seu desamparo, temeu que a perseguissem, mas enxugou as lágrimas, e então refletindo que estava perto demais de Salerno — o sol agora à beira-mar — ela se levantou e seguiu através da floresta densa. Ela chegou ao limiar, a ponto de poder dirigir seus passos pelo mar ao lado. Torrentes interceptaram seu

caminho e um rio forte ameaçou impedi-lo completamente; mas, descendo um pouco, ela encontrou uma ponte; e então, aproximando-se ainda mais do mar, passou por uma espécie de pastagem ampla e desolada, que parecia não oferecer abrigo nem sustento a nenhum ser humano. A noite caiu e ela teve medo de seguir seu caminho, mas, vendo alguns prédios à distância, dirigiu seus passos para lá, esperando descobrir uma aldeia onde pudesse se refugiar e obter assistência para refazer seus passos e chegar a Nápoles sem ser descoberta por seu poderoso inimigo. Ela se manteve diante desses edifícios altos, que pareciam vastas catedrais, mas não possuíam no topo nenhuma cúpula ou pináculo; e ela se perguntou o que poderiam ser, quando de repente eles desapareceram. Alguma elevação os poderia ter barrado, mas tudo diante dela era plano. Ela fez uma pausa e, por fim, resolveu esperar o amanhecer. Durante todo o dia não vira nenhum ser humano; duas ou três vezes ela ouviu o latido de um cão e uma vez o assobio de um pastor, mas não viu ninguém. Desolação estava ao seu redor; isso, de fato, a persuadiu com segurança a princípio. Onde não havia homens, não havia perigo. Mas por fim a estranha solidão tornou-se dolorosa — ansiava ver uma cabana ou encontrar algum camponês, por mais rude que pudesse responder às suas perguntas e suprir suas necessidades. Ela vira com surpresa os edifícios que haviam sido como faróis para ela. Não queria entrar em uma cidade grande e se perguntava como alguma poderia existir em tal deserto; mas havia deixado a floresta para trás e precisava de comida. A noite passou — noite amena e doce — as brisas a refrescavam, a atmosfera brilhante a envolvia, os vaga-lumes esvoaçavam ao seu redor, os morcegos giravam no ar e a coruja piava próximo, enquanto o zumbido constante dos besouros enchia a atmosfera. Ela estava deitada no chão, seu bebê apoiado em seu braço, olhando para o céu estrelado. Muitos pensamentos se aglomeraram em sua mente: a imagem Ludovico, de seu reencontro, de alegria após tristeza; e ela esqueceu que estava sozinha, faminta, cercada por inimigos em uma planície deserta da Calábria — ela dormiu.

Ela só acordou quando o sol já estava alto — subira acima dos templos de Pesto^[61], e as colunas projetavam sombras curtas no chão. Estavam próximo dela, invisíveis durante a noite, e agora eram revelados como os prédios que a atraíram na noite anterior. Ficavam em uma planície acidentada, despojados de teto, suas colunas e cornijas abrangendo um espaço de grama alta e repleta de ervas daninhas; o céu azul-escuro os cobria em um dossel e os enchia de luz e alegria. Viola os olhava com admiração e reverência; eram templos para algum deus que ainda parecia divinizá-los com sua presença; ainda os vestia com beleza, e o que era chamado de ruína pode, em sua pitoresca selvageria e sublime solidão, concordar mais com a natureza de tal deus do que quando, cobertos por telhados e repletos de ouro, se erguiam em pristina força; a

adoração silenciosa da atmosfera e dos animais felizes pode ser mais adequada para ele do que a multidão dos ocupados e sem coração. O mais benevolente dos deuses espíritos parecia habitar aquela área deserta; o espírito da beleza esvoaçava entre as colunas amareladas pelo tempo, pintadas de cores estranhas, e criava uma atmosfera sublime no altar. Encanto e devoção encheram o coração de Viola; ela ergueu os olhos e o peito para o céu em graças e oração — não que seus lábios formassem palavras ou que seus pensamentos sugerissem frases conectadas, mas o sentimento de adoração e gratidão lhe dava energia; e, à medida que a luz do sol fluía através da sucessão de colunas, a alegria, em forma do Espírito Santo, caía e iluminava sua alma. Com tamanha devoção, como raramente antes visitara uma igreja consagrada a um santo, ela subiu os degraus toscos e quebrados do maior templo e entrou. Um circuito interno de colunas menores formava uma área pequena, na qual se sentou em um enorme fragmento da cornija quebrada, e esperou silenciosamente como se algum oráculo visitasse seus sentidos e a guiasse.

Deste modo, ela ouviu o latido próximo de um cachorro, seguido pelo balido de ovelhas, e viu um pequeno rebanho se espalhar no campo adjacente ao templo mais distante. Eram pastoreados por uma garota vestida em trapos, mas a estação exigia pouca cobertura; e essas pobres pessoas, sem dinheiro, possuindo apenas o que seu solo lhes dá, são carentes em artigos de vestuário até a nudez. No tempo inclemente, eles se enrolam em roupas grosseiras de pele de carneiro — durante o calor do verão, fazem pouco mais do que jogar para o canto essas roupas inúteis. A pastora provavelmente tinha cerca de quinze anos de idade; um grande chapéu de palha preta protegia sua cabeça dos intensos raios do sol; seus pés e pernas estavam nus; e sua anágua, dobrada como Diana^[62], acima de um joelho, dava uma aparência pitoresca a seus trapos, que, amarrados na cintura por um cinto, tinham alguma semelhança com o traje de uma donzela grega. Os tecidos simples formavam um traje peculiar, tão fino à sua maneira, em seu contraste de cores ricas e na ousadia grosseira de seu drapejamento, quanto mantos reais. Viola aproximou-se da jovem e aos poucos começou uma conversa com ela; sem fazer nenhum apelo à sua caridade ou sentimentos, perguntou o nome do lugar onde estava, e seu filho, acordado e alegre, logo chamou a atenção. A pastorinha era bonita e, acima de tudo, bem-humorada; acariciou a criança, parecia encantada por ter encontrado uma companheira para a sua solidão e, quando Viola disse que estava com fome, tirou de sua bolsa pinhões torrados, castanhas cozidas e pão. Viola comeu com alegria e gratidão. Elas permaneceram juntas o dia todo; o sol se pôs, a luz ofuscante de seu crepúsculo se apagou e a pastora a teria levado para casa, mas Viola temia ser vista por outros, desconfiando que, onde quer que surgisse uma possibilidade de abrigo, seus perseguidores a

procurariam. Ela deu algumas pequenas moedas de prata, parte do que tinha quando foi capturada, para sua nova amiga e, pedindo-lhe que trouxesse comida suficiente para o dia seguinte, implorou que não contasse sua aventura a ninguém. A menina prometeu e, com a ajuda de seu cachorro, conduziu o rebanho até o redil. Viola passou a noite nas proximidades do templo maior.

Sem nenhuma dúvida do sucesso de seu plano, na mesma noite seguindo à sua execução, o príncipe Mondolfo foi a Nápoles. Ele encontrou seu filho no Palácio Mondolfo. Desprezando a opulência da corte e sem se importar com as comemorações ao seu redor, Ludovico ansiava em voltar à casinha de Viola. Assim, passados dois dias, disse ao pai que cavalgaria até Mondolfo e voltaria na manhã seguinte. Fernando não se opôs, mas, duas horas depois de sua partida, o seguiu e chegou ao castelo logo após Ludovico, que havia deixado seus criados ali, e seguido sozinho para o casebre. A primeira pessoa que o príncipe Mondolfo viu foi o chefe da companhia encarregado de Viola. Ele logo contou sua história: o vento desfavorável, o aprisionamento em um quarto barricado com completa segurança, sua fuga incompreensível e os esforços vãos feitos posteriormente para encontrá-la. Fernando ouvia como em sonho; convencido da verdade, ele não via nenhuma pista para guiá-lo — nenhuma esperança de recuperar sua prisioneira. Ele espumava de raiva, então se esforçou para reprimir como inútil seu ódio avassalador. Inundou o portador da notícia com execrações; enviou grupos de homens em todas as direções, prometendo as maiores recompensas e pedindo o máximo sigilo, e então, deixado sozinho, andou de um lado para o outro em sua câmara em fúria e consternação. Sua solidão não durou muito. Ludovico irrompeu em seu quarto, o semblante iluminado pela raiva.

— Assassino! — exclamou ele. — Onde está minha Viola?

Fernando permaneceu em silêncio.

— Responda! — disse Ludovico. — Fale com estes lábios que pronunciaram sua sentença de morte — ou levante contra mim esta mão da qual há pouco seu sangue foi lavado — Ah, minha Viola! Você e meu filho anjo, espalhe em meu coração toda a sua doçura, para que minha mão não escreva parricídio em minha testa!

Fernando tentou falar.

— Não! — gritou o miserável Ludovico. — Não ouvirei ao seu assassino. Mas... ela está morta? Eu me ajoelho, lhe chamo de pai, apelo a esse coração feroz, tomo em paz essa mão que muitas vezes me atingiu e agora desferiu o golpe mortal. Ah, diga-me, ela ainda vive?

Fernando aproveitou esse intervalo de calma para contar sua história. Ele disse a simples verdade; mas tal relato poderia ganhar fé? A narração fez despertar a raiva mais selvagem no coração do pobre Ludovico. Ele não

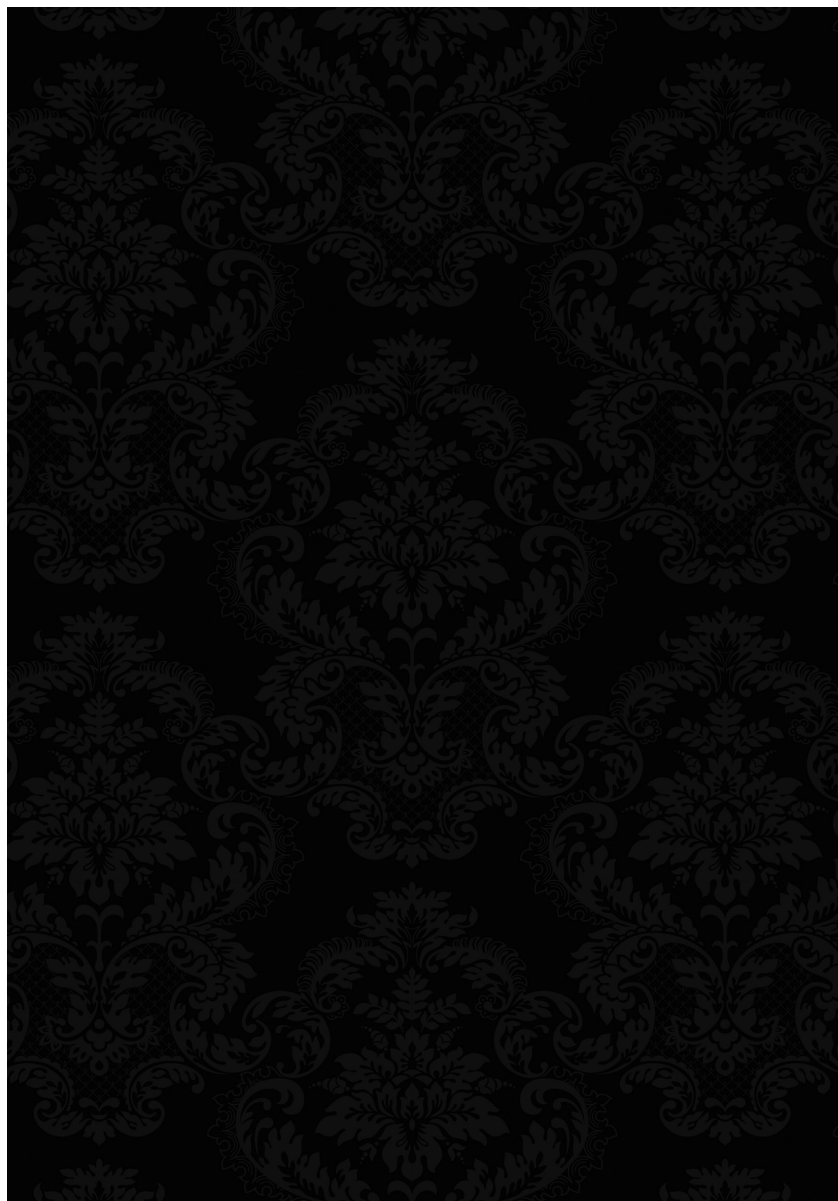
duvidava que Viola tivesse sido assassinada; e, depois de toda expressão de ódio e desespero, ordenou a seu pai que procurasse seu herdeiro entre os torrões da terra, pois ali ele logo estaria, e o deixou apressado.

Ele vagou até o casebre, vasculhou a área em volta, ouviu aqueles que testemunharam qualquer parte do rapto de sua Viola. Foi para Salerno. Ouviu a história ali com a mais determinada incredulidade. Era a história, ele não duvidava, que seu pai forjou para se livrar da acusação e lançar um véu impenetrável sobre o assassinato de sua amada. Sua imaginação rápida criou por si mesma a cena de sua morte. O local onde ela estivera confinada tinha na extremidade uma torre projetando-se sobre o mar; um rio corria em sua base, tornando sua confluência com o oceano profunda e escura. Ele estava convencido de que a cena fatal havia acontecido ali. Ele subiu a torre; o quarto mais alto não tinha nada protegendo as janelas, suas grades de ferro haviam sido removidas recentemente por algum motivo. Ele estava convencido de que Viola e seu filho haviam sido jogados dali, em direção às águas profundas e gorgolejantes abaixo.

Ele decidiu morrer! Naqueles dias de simples fé católica, o suicídio era contemplado com horror. Mas havia outros meios quase tão seguros. Ele iria como peregrino à Terra Santa, lutaria e morreria sob os muros de Jerusalém. Imprudente e enérgico, seu propósito mal foi formado e ele se apressou em colocá-lo em execução. Ele adquiriu trajes de peregrino em Salerno e, à meia-noite, sem avisar sobre suas intenções, deixou a cidade e seguiu para o sul. Seu coração transbordava em ambos dor e raiva. A raiva, porém, aos poucos desapareceu. Ela, cujo assassino ele amaldiçoou, era um anjo no céu, olhando por ele, e ele, na Terra Santa ganharia o direito de se juntar a ela. A dor comovente esmaeceu seus olhos. O grande teatro do mundo se fechava diante dele — de todos os seus adornos, seu manto de peregrino era sozinho o mais deslumbrante, seu cajado era o único cetro — símbolos de seu poder além da terra e as garantias de sua união com Viola. Ele dirigiu seus passos a Brindisi. Caminhava velozmente, como se lamentasse todo o espaço e tempo havendo entre ele e seu objetivo. O amanhecer despertou a terra e ele seguiu seu caminho. O sol do meio-dia lançava seus raios sobre ele, mas sua marcha era ininterrupta. Entrou num bosque de pinheiros e, seguindo o rastro dos rebanhos, ouviu o murmúrio de uma fonte. Oprimido pela sede, ele se apressou em direção a ela. A água brotava do solo e enchia uma bacia natural; as flores cresciam em suas margens encarando às águas sem reflexo, pois a corrente não parava, mas girava e girava, consumindo sua superabundância em um pequeno riacho que, dançando sobre pedras e brilhando ao sol, seguia o caminho para sua eternidade — o mar. As árvores se afastavam da montanha e formavam um círculo ao redor; a grama era verde e fresca, salpicada de flores

de verão. Em uma das extremidades havia um lago silencioso, formando um estranho contraste com a fonte que, sempre em movimento, não tinha forma e refletia apenas a cor dos objetos ao seu redor. O lago reproduzia a cena com maior nitidez e beleza do que sua real existência. As árvores erguiam-se distintas, o ar puro entre elas, agrupadas e retratadas pela mão de um artista divino. Ludovico bebeu da fonte e depois se aproximou do lago. Ele observava a cena meio maravilhado. Um pássaro agora voava ao redor, e sua forma, penas e movimento eram mostrados nas águas. Um asno emergiu entre as árvores, onde em vão buscou pastagem, e veio para a grama perto dessas águas; Ludovico o viu retratado ali, e então olhou para o animal, quase parecendo menos real, menos vivo, do que sua aparência no lago. Sob as árvores de onde viera o burro, jazia alguém no chão, envolto em um manto, dormindo. Ludovico olhou descuidadamente — ele mal sabia a princípio o motivo de sua curiosidade; então um pensamento ansioso, que considerou loucura, mas resolvido a gratificar, levou-o adiante. Aproximou-se rapidamente da pessoa adormecida, ajoelhou-se, afastou o manto e viu Viola, com o filho nos braços, o hálito quente saindo de seus lábios entreabertos, os olhos de amor radiantes quase mal velados pelas pálpebras transparentes, que logo se ergueram. Ludovico e Viola, ambos felizes demais para sentir o chão sob seus pés, voltaram para sua cabana — sua cabana mais querida do que qualquer palácio — ainda assim, apenas meio acreditando no excesso de sua alegria. Um por vez, eles choravam, e encaravam-se e a seu filho, segurando as mãos um do outro como se agarrassem a própria realidade, temendo que desaparecesse.

O príncipe Mondolfo ouviu sobre sua chegada. Ele havia sofrido profundamente com o medo de perder o filho. O pavor de descobrir-se sem herdeiros o acalmou. Ele temia a censura do mundo, o desagrado de seu soberano — talvez acusações piores e punições. Cedeu ao destino. Não ousando mostrar-se diante de sua vítima, ele enviou seu confessor para mediar seu perdão e suplicar-lhes que passassem a viver em Mondolfo. A princípio, pouco crédito foi dado a essas ofertas. Eles amavam sua casinha e tinham pouca inclinação para arriscar a felicidade, a liberdade e a vida por luxo inútil. O príncipe, por paciência e perseverança, finalmente os convenceu. O tempo suavizou as lembranças dolorosas; pagaram a ele o dever de filhos, e o estimaram e honraram em sua velhice; enquanto acariciava seu adorável neto, não se queixava de que a garota-violeta era a mãe do herdeiro de Mondolfo.



UM CONTO DAS PAIXÕES; OU, A MORTE DE DESPINA

Título original: A tale of Passions, or, The Death of Despina
Publicado anonimamente em 1823, no jornal The Liberal.

Após a morte de Manfredo^[63], rei de Nápoles, os gibelinos^[64] perderam a ascendência por toda a Itália. Os guelfos exilados voltaram às suas cidades nativas; e, não contentes em retomar as rédeas do governo, perseguiram seu triunfo até os gibelinos se virem obrigados a fugir e a lamentar em exílio o espírito violento do partido que antes ocasionara suas vitórias sangrentas, e agora era responsável por sua irreparável derrota. Após uma disputa obstinada, os gibelinos florentinos foram forçados a deixar sua cidade natal; suas propriedades confiscadas; suas tentativas de se restabelecer frustradas; e recuando de castelo em castelo, refugiaram-se finalmente em Lucca, esperando impacientemente a chegada de Conradino da Germânia^[65], por cuja influência tinham a intenção de estabelecer mais uma vez a supremacia imperial.

O primeiro de maio foi sempre um dia de júbilo e festividades em Florença. Jovens de ambos os sexos e todas as classes, desfilavam pelas ruas, coroados com flores e cantando as canzonets^[66] do dia. À noite se reuniam na Piazza del Duomo e passavam horas dançando. O carroccio^[67] era conduzido pelas ruas principais, o toque do seu sino abafado pelos repiques ressoando de todos os campanários da cidade, e pela música dos pífaros e tambores da procissão que o seguia. O triunfo do partido reinante em Florença os fez celebrar o aniversário de primeiro de maio de 1268 com peculiar esplendor. Realmente esperavam que Charles d'Anjou, rei de Nápoles, chefe dos guelfos na Itália, e então vicare (presidente) da sua república, lá estivesse para adornar o festival com sua presença. Mas a expectativa da tomada de Conradino fez com que a maior parte de seu reino recém-conquistado e oprimido se revoltasse, e ele havia saído às pressas da Toscana para garantir as conquistas que, por sua própria avareza e crueldade, poderiam ser perdidas. Mas, embora Charles de certo modo temesse a disputa iminente com Conradino, os guelfos florentinos, recentemente reintegrados em sua cidade e posses, não permitiram que o medo obscurecesse seu triunfo. As principais famílias competiam entre si na exibição de sua magnificência durante o festival. Os cavaleiros seguiam o

carroccio, e as janelas se enchiam de damas debruçando-se sobre tapeçarias bordadas a ouro, enquanto seus vestidos, ao mesmo tempo simples e elegantes, cujos únicos ornamentos, flores, contrastavam com a tapeçaria reluzente e as cores fortes das bandeiras das várias comunidades. A população de Florença lotou as ruas principais, ninguém ficou em casa, exceto os decrepitos e doentes, a não ser algum gibelino descontente, cujo medo, pobreza ou avareza o levaram a esconder sua afiliação quando fora banida da cidade.

Não foi o sentimento de insatisfação que impediu Monna^[68] Gegia de Becari de estar entre os primeiros foliões; e olhar irritada para o que chamava de “perna gibelina”, que a prendia à cadeira em um dia de tamanho triunfo. O sol brilhava com toda a sua glória em um céu limpo, e fazia com que as belas mulheres florentinas puxassem suas fazioles (véus) sob seus olhos escuros, privando os jovens daqueles raios mais reanimadores que os solares. O mesmo sol que derramava toda a sua luz no lar solitário de Monna Gegia, e quase extinguiu o fogo aceso no meio do cômodo, sobre o qual pendia o pote de minestra^[69], o jantar da dama e do marido. Mas ela havia abandonado o fogo e sentava-se à janela, com o rosário na mão, enquanto de vez em quando espiava da janela (cinco andares de altura) para a viela estreita abaixo; mas nenhuma criatura passava. Ela olhou para a janela oposta; um gato dormia ao lado de um vaso de baunilha, mas não se via ou ouvia nenhum ser humano — todos estavam na Piazza del Duomo.

Monna Gegia era uma senhora e seu vestido de calrasio (algodão) verde mostrava que pertencia a uma das arli minori (classes trabalhadoras). Sua cabeça estava coberta com um lenço vermelho, que, dobrado em um triângulo, pendia frouxo sobre seus cabelos grisalhos, penteados para trás de sua testa alta e enrugada. A rapidez de seus olhos revelava a atividade de sua mente, e a ligeira irritabilidade nos cantos de seus lábios podia ser ocasionada pela contínua guerra entre suas faculdades físicas e mentais.

— Agora, por São João! — ela disse. — Eu daria minha cruz de ouro para estar entre eles; embora sem ela, pela primeira vez, eu apareceria em uma festa sem algo que em festa nenhuma me faltou. — E enquanto falava, olhava com grande complacência para uma grande, porém fina cruz de ouro amarrada em seu pescoço murchado por uma fita, que antes fora preta, agora de um marrom enferrujado. — Acho que essa minha perna está enfeitiçada; e pode ser que meu marido gibelino tenha usado a arte negra para eu não seguir o carroccio com os outros.

Um leve som, como de passos na rua lá embaixo, interrompeu o monólogo da mulher.

— Talvez seja Monna Lisabetta, ou Messer^[70] Giani dei Agli, o tecelão, que chegou primeiro na tomada do castelo de Pagibonzi.

Ela olhou para baixo, mas não viu ninguém, e estava prestes a cair em sua antiga linha de pensamentos, quando o som de passos subindo as escadas atraiu novamente sua atenção; eram lentos e pesados, mas ela não teve dúvidas de quem era quando ouviu a chave no buraco da porta; o trinco foi levantado e, um momento depois, com um semblante inseguro e olhos baixos, seu marido entrou.

Ele era um homem baixo e franzino, com mais de sessenta anos; seus ombros largos e altos; seu cabelo escorrido, ainda preto como carvão; suas sobrançelas salientes e espessas; seus olhos negros e alertas. Seus lábios contradiziam, por assim dizer, a severidade da parte superior de seu rosto, pois sua curva suave denotava sentimentos gentis, e seu sorriso era indescritivelmente doce. Ele usava um chapéu de pano vermelho que lhe cobria os olhos, e, sentando-se em um banco baixo perto do fogo, soltou um profundo suspiro. Parecia pouco disposto a entrar em qualquer conversa, mas Monna Gegia estava decidida que não desfrutasse de seu humor melancólico sem interrupção.

— Você foi à missa, Cincolo? — ela perguntou, começando com uma pergunta distante o suficiente do assunto que queria se aproximar. Ele moveu os ombros, inquieto, mas não respondeu. — Chegou muito cedo para o almoço — continuou Gegia —, não vai sair de novo?

— Não! — respondeu Cincolo, em um tom que mostrava sua aversão a mais perguntas. Mas esta mesma impaciência apenas serviu para alimentar o espírito de discórdia fomentando no peito de Gegia.

— Não está acostumado — ela disse — a passar seus primeiros de maio debaixo do seu teto. — Nenhuma resposta veio. — Bem, se você não falar, eu falarei — querendo dizer que ela pretendia começar —, mas por essa sua cara feia vejo que boas notícias estão fervendo por aí, e eu abençoo a virgem por isso, seja lá o que for. Vamos, me diga, quais boas notícias o deixaram tão borocoxô?

Cincolo permaneceu em silêncio por um momento, então, meio que se virando, mas sem olhar para sua esposa, respondeu:

— E se o velho Marzio, o leão, estiver morto?

Gegia ficou pálida diante da ideia, mas um sorriso escondendo-se na boca bem-humorada do marido a tranquilizou.

— São João nos defenda! — ela começou. — Mas isso não é verdade. A morte do velho Marzio não o traria para essas quatro paredes, a não ser para se vangloriar de sua velha esposa. Pela bênção de São João, nenhum de nossos leões morreu desde a véspera da batalha de Montaperti^[71]; e não duvido que tenham sido envenenados; pois Mari, quem os alimentou naquela noite, era mais que meio gibelino de coração. Além disso, os sinos ainda soam, e os

tambores ainda tocam, e tudo estaria em silêncio se o velho Marzio estivesse morto. No primeiro de maio também! Santa Reparata é boa demais para nos permitir tal azar; e ela tem mais preferência, creio eu, no sétimo céu do que todos os santos gibelinos do seu calendário. Não, bom Cincolo, Marzio não está morto, nem o santo padre, nem Messer Carlo de Nápoles; mas eu apostaria minha cruz de ouro contra a riqueza dos seus homens banidos, que Pisa foi tomada... ou Conradino... ou...

— E eu aqui! Não, Gegia, velho como sou, e pelo tanto da minha ajuda que você precisa (e por essa última estou aqui), Pisa não seria tomada enquanto este velho corpo pudesse lutar na brecha do muro da cidade; ou Conradino fosse morto até que esse sangue preguiçoso estivesse mais gelado no chão do que em meu corpo. Não faça mais perguntas e não me provoque: não há notícias, nem boas nem más, que eu saiba. Mas quando vi os Neri, os Pulci, os Buondelmonti e o resto deles, cavalgando como reis pelas ruas, cujas mãos mal estão secas do sangue dos meus parentes; quando vi a filha deles coroada por flores, e pensei como a filha de Arrigo dei Elisei está de luto pelo pai assassinado, com cinzas na cabeça, junto à lareira de um estranho, meu espírito estaria mais morto do que pensei se tal visão me fizesse querer ficar entre eles; e achei que poderia muito bem arruinar sua pompa com minha sodela como espada, mas lembrei-me de você, e aqui estou, com minhas roupas limpas de sangue.

— Isso você nunca estará! — exclamou Monna Gegia, o sangue lhe subindo pelas bochechas enrugadas. — Desde a Batalha de Montaperti nunca estará limpo do que foi derramado por você e seus confederados; e como poderiam? Pois as águas do Arno nunca mais correram limpas desde que o sangue fluiu ali.

— E se o mar estivesse vermelho com tal sangue, ainda assim, enquanto houver sangue dos guelfos para derramar, eu estaria pronto para fazê-lo, se não fosse por você. Faz bem em mencionar Montaperti, e seria melhor se se lembrasse por cima de quem sua grama agora cresce.

— Paz, Cincolo; o coração de uma mãe tem mais memória do que pensa. E bem me lembro de quem me desprezou quando eu implorei de joelhos e arrastou meu único filho, com apenas dezesseis anos de idade, para morrer pela causa daquele descrente do Manfredo. Tem razão, não falemos mais. Ai do dia em que me casei contigo! Mas aqueles eram tempos felizes, quando não havia nem guelfos nem gibelinos; esses dias nunca voltarão.

— Nunca, até que, como disse, o Arno fique livre do sangue derramado em suas margens; nunca enquanto eu puder perfurar o coração de um guelfo; nunca até que ambos os lados estejam frios sob um esquite.

— E nós, Cincolo?

— Somos dois velhos tolos, e teremos mais paz debaixo da terra do que sobre ela. Guelfa como você é, casei-me com você antes de ser um gibelino; então agora devo comer no mesmo prato que a inimiga de Manfredo e fazer sapatos para os guelfos, em vez de seguir a sorte de Conradino e mandá-los, meu machado de guerra na mão, comprar seus sapatos em Bolonha.

— Xiu! Xiu! Não fale tão alto do seu partido homem; não ouve alguém batendo?

Cincolo foi abrir a porta com o ar de um homem que se julga maltratado pela interrupção em seu discurso, e está disposto a se zangar com o intruso, por mais inocente que seja de qualquer intenção de interromper sua eloquente lamentação. A visão do visitante acalmou seus sentimentos indignados. Era um jovem cujo rosto e aparência mostravam que não poderia ter mais de dezesseis anos; mas havia um autocontrole em sua atitude e uma dignidade em sua fisionomia, pertencentes a uma idade mais avançada. Sua figura era esguia, e seu semblante, embora belo, era pálido como mármore; as mechas grossas e encaracoladas de seu cabelo castanho aglomeravam-se sobre as sobrancelhas e em volta de seu pescoço claro; seu boné estava puxado bem para baixo, em sua testa. Cincolo estava prestes a conduzi-lo respeitavelmente a sua humilde sala, mas o jovem o deteve com a mão e pronunciou as palavras “Suábia, cavalieri^[72]!” expressão pela qual os gibelinos se reconheciam. Ele continuou em um tom baixo e apressado:

— Sua esposa está em casa?

— Sim.

— Não diga mais nada. Apesar de ser um estranho para você, venho através de um velho amigo. Abrigue-me até o cair da noite; então sairemos, e eu explicarei os motivos da minha intrusão. Chame-me de Ricciardo de’ Rossini de Milão, viajando para Roma. Deixarei Florença esta noite.

Ditas estas palavras, sem dar tempo a Cincolo de responder, fez sinal para que entrassem na sala. Monna Gegia havia fixado os olhos na porta desde o momento em que abriu, com uma expressão de impaciente curiosidade; quando viu o jovem entrar, não pôde deixar de exclamar: “Jesus Maria!”, pois era tão diferente de qualquer um que esperava ver.

— Um amigo de Milão — disse Cincolo.

— Mais provável de Lucca — respondeu sua esposa, olhando para seu visitante. — Você é sem dúvidas um dos homens banidos, e é mais ousado do que sábio para entrar nesta cidade; entretanto, se não for um espião, está seguro comigo.

Ricciardo sorriu e agradeceu em voz baixa e doce.

— Se você não me expulsar — disse ele — ficarei sob seu teto quase todo o tempo que estiver em Florença, e partirei logo após o anoitecer.

Gegia mais uma vez colocou os olhos em seu convidado, nem Cincolo o examinou com menos curiosidade. Sua túnica de algodão preto chegava abaixo dos joelhos e estava presa por um cinto de couro preto. Ele vestia calças de lã escarlate grosseira, sobre as quais erguiam-se botas curtas; um manto de pele de raposa comum, sem forro, pendia de seu ombro. Mas, embora seu traje fosse tão simples, era como as roupas então usadas pela jovem nobreza florentina. Naquela época, os italianos eram simples em sua indumentária cotidiana: o exército francês liderado por Charles d'Anjou na Itália, introduziu pela primeira vez o luxo nos palácios dos Cisalpinos^[73]. Manfredo era um príncipe magnífico, mas foi seu rival santo o autor dessa levandade de vestimenta e ornamentos que degrada uma nação e é um garantido precursor de sua queda. Mas de Ricciardo — seu semblante tinha todo o equilíbrio de uma cabeça grega; e seus olhos azuis, sombreados por cílios muito longos e escuros, eram suaves, mas cheios de expressão. Quando ele olhava para cima, as pálpebras pesadas, por assim dizer, revelavam a suave luz abaixo, e então novamente se fechavam, como se sombreando o que era ofuscante demais para ser visto. Seus lábios exprimiriam a mais profunda sensibilidade, e talvez um pouco de timidez, se a plácida confiança de sua conduta não proibisse tal ideia.

Seu anfitrião e anfitriã, a primeiro momento permaneceram em silêncio; mas ele fez algumas perguntas comuns sobre os prédios da cidade, e aos poucos os levou a uma conversa. Quando deu meio-dia, Cincolo virou o rosto na direção da panela de minestra e Ricciardo seguiu seu olhar, perguntando se aquele não era o almoço.

— Podem me alimentar? — disse ele — Pois não comi hoje.

Posicionaram uma mesa perto da janela, e a minestra, servida em um prato, foi colocada no centro, uma colher dada a cada um e um jarro de vinho enchido de um barril. Ricciardo olhou para os dois idosos e pareceu sorrir um pouco com a ideia de dividir um único prato com eles; ele comeu, embora comedidamente, e bebeu do vinho, embora com moderação ainda maior. Cincolo, porém, sob o pretexto de servir seu convidado, encheu sua jarra uma segunda vez, e estava prestes a servir uma terceira, quando Ricciardo, colocando sua pequena mão branca em seu braço, disse:

— Você é alemão, meu amigo, para não parar depois de tantos goles? Ouvi dizer que vocês florentinos eram um povo sóbrio.

Cincolo não ficou muito contente com a represália, mas sentiu que veio na hora certa; então, reconhecendo o argumento, sentou-se novamente, e, de certa forma aquecido com o que já havia bebido, pediu ao seu convidado notícias da Alemanha, e quais as esperanças pela boa causa? Gegia torceu o nariz diante dessas palavras, e Ricciardo respondeu:

— Muitos relatos estão circulando, e nutrimos grandes esperanças,

principalmente no norte da Itália, para o sucesso da expedição. Conradino chegou a Gênova, e espera-se que, apesar das tropas de seu exército terem sido muito reduzidas pela deserção das fileiras alemãs, sejam rapidamente preenchidas por italianos, mais corajosos e mais verdadeiros do que aqueles estrangeiros, que, estranhos ao nosso solo, não poderiam lutar pela causa com nosso ardor.

— E como ele se porta?

— Como convém àqueles da casa da Suábia, e ao sobrinho de Manfredo. Ele é inexperiente e jovem. Não tem mais do que dezesseis anos. Sua mãe mal pode consentir com esta expedição, e lamentou com pavor tudo que poderia lhe acontecer; pois ele cresceu em meio a todos os luxos, e habituado aos cuidados ternos de uma mulher que, embora uma princesa, o serviu com ávida prontidão. Mas Conradino tem bom coração; dócil, mas corajoso; obediente a seus amigos mais sábios, gentil com seus inferiores, mas nobre de alma, o espírito de Manfredo parece avivar sua mente em crescimento; e certamente, se esse glorioso príncipe agora desfruta da recompensa de suas virtudes insuperáveis, Manfredo olha com alegria e aprovação para aquele que, acredito, está destinado a ocupar seu trono.

O entusiasmo com que Ricciardo falava inundou seu rosto pálido com um leve rubor, enquanto seus olhos se banhavam no brilho do orvalho que os preenchia. Gegia não gostou nenhum pouco desse discurso, mas sua curiosidade a manteve calada, enquanto seu marido questionava o convidado:

— Você parece conhecer bem Conradino?

— Eu o vi em Milão, e conhecia bem seu amigo mais íntimo lá. Como eu disse, ele chegou a Gênova, e talvez já tenha desembarcado em Pisa; encontrará muitos amigos ali. Todos os homens naquela cidade serão fiéis a ele; mas durante sua jornada para o sul terá de enfrentar nosso exército florentino, comandado pelos marechais do usurpador Charles e auxiliado por suas tropas. O próprio Charles nos deixou e foi para Nápoles para se preparar para esta guerra. Mas ele é detestado lá como tirano e ladrão, e Conradino será recebido no reino como salvador; deste modo, se superar os obstáculos opondo-se à sua entrada, não duvido de seu sucesso e confio que será coroado em Roma dentro de um mês, e, na semana seguinte estará sentado no trono de seus ancestrais em Nápoles.

— E quem vai corá-lo? — exclamou Gegia, sem poder se conter. — A Itália não tem base herética o suficiente para tal ato, a menos que seja um judeu; ou ele mande buscar um grego em Constantinopla, ou um muçulmano no Egito. Maldita seja a raça dos Fredericos^[74]! Amaldiçoado três vezes aquele que se afilia ao canalha Manfredo! E você pouco me agrada, meu jovem, ao fazer tal discurso em minha casa.

Cincolo olhou para Ricciardo como se temendo que um partidário tão ávido da casa da Suábia se irritasse com o ataque de sua esposa; mas ele observava a velha senhora com uma expressão da mais serena benevolência; nenhum desprezo se misturava ao sorriso gentil que brincava em seus lábios.

— Vou me contar — disse ele e, voltando-se para Cincolo, conversou sobre assuntos mais gerais, descrevendo as diversas cidades da Itália que visitara; discutindo seus modos de governo e contando anedotas sobre seus habitantes com um ar de experiência contrastante a sua aparência jovem, que impressionou muito Cincolo, e fez o velho observá-lo imediatamente com admiração e respeito.

O final da tarde chegou. A toada dos sinos cessou depois da Ave-Maria, mas o som distante da música foi levado até eles pelo ar noturno. Ricciardo estava prestes a se dirigir a Cincolo, quando uma batida na porta o interrompeu. Era Buzeccha, o sarraceno, famoso jogador de xadrez, que costumava passear sob as colunatas do Duomo e desafiar os jovens nobres a jogar; às vezes muita ênfase era dada a esses jogos, e quem ganhava ou perdia tornava-se o assunto de Florença. Buzeccha era um homem alto e desajeitado, com aquelas maneiras agradáveis cuja fama vinda de sua proficiência em uma ciência tão insignificante, e a familiaridade com que podia tratar aqueles de posição superior que tinham o prazer de medir forças com ele, poderia muito bem conceder. Ele começou com “Ei, Messere!”, mas ao ver Ricciardo, exclamou:

— Quem temos aqui?

— Um amigo de homens bons — respondeu Ricciardo, sorrindo.

— Então, por Maomé, você é meu amigo, rapaz.

— É sarraceno, pelo seu discurso? — disse Ricciardo.

— E com a ajuda do Profeta, eu sou. Alguém que no tempo de Manfredo... mas chega disso. Não vamos falar de Manfredo, hein, Monna Gegia? Eu sou Buzeccha, o jogador de xadrez, ao seu dispor, Messer lo Forestiere^[75].

Com a apresentação feita, eles começaram a falar sobre a procissão do dia. Depois de um tempo, Buzeccha introduziu seu assunto favorito no xadrez; contou algumas jogadas maravilhosamente boas que havia feito e contou a Ricciardo como diante do Palagio del Popolo, na presença do conde Guido Novelle de’ Giudi, então vigário da cidade, jogou durante uma hora em três tabuleiros de xadrez, com três dos melhores enxadristas de Florença, jogando duas partidas por memória e uma por vista; e dos três jogos, ele vencera dois. Este relato foi encerrado por uma proposta de seu anfitrião para jogar.

— Você é um sujeito cabeça-dura, Cincolo, e joga melhor do que os nobres. Eu poderia jurar que você pensa no xadrez como remenda seus

sapatos; cada buraco do furador é um quadrado do tabuleiro, cada ponto um lance, e um par acabado pago pelo xeque-mate ao seu adversário; hein, Cincolo? Vamos para o campo de batalha, homem.

— Deixo Florença em duas horas — Ricciardo interpôs — e, antes de partir, Messer Cincolo prometeu me levar à Piazza del Duomo.

— Tempo o suficiente, bom jovem — exclamou Buzeccha, organizando as peças do xadrez — Peço apenas um jogo, e meus jogos nunca duram mais de quinze minutos; e então nós dois podemos escoltá-lo, e como barganha, você dançará uma música com uma huri^[76] de olhos negros, toda nazarita como você é. Portanto, não bloqueie minha luz, bom jovem, e feche a janela, se tem juízo, para que a chama não tremule assim.

Ricciardo pareceu se divertir com o tom autoritário do enxadrista; fechou a janela e espevitou a chama que, grudada na parede, era a única luz que tinham, e ficou ao lado da mesa, olhando o jogo. Monna Gegia havia recolocado a panela para o jantar e sentava-se um tanto inquieta, como se descontente por seu convidado não falar com ela. Cincolo e Buzeccha estavam profundamente concentrados no jogo, quando ouviram uma batida na porta. Cincolo estava prestes a levantar-se, mas Ricciardo, dizendo: “Não se incomode”, abriu-a, com o jeito de quem faz ofícios humildes como se o enobrecesse, de modo que nenhuma ação pode ser mais humilde do que outra.

O visitante foi cumprimentado apenas por Gegia:

— Ah! Messer Beppe, que gentileza, na noite do primeiro de maio.

Ricciardo olhou ligeiramente para ele, e então retornou para sua posição ao lado dos jogadores. Havia pouco em Messer Beppe para atrair uma opinião favorável. Ele era baixo, magro e seco; seu rosto alongado e esquelético; seus olhos fundos e desconfiados, seus lábios retos, seu nariz adunco, e sua cabeça coberta por um gorro apertado, com cabelo curto em volta. Sentou-se perto de Gegia e começou a conversar com voz melancólica e adulatora, parabenizando-a por sua boa aparência, lançando-se em elogios à magnificência de certos florentinos guelfos, e concluiu declarando que estava faminto e cansado.

— Faminto, Beppe? — disse Gegia. — Essa deveria ter sido sua primeira palavra, amigo. Cincolo, Cincolo, dará de comer ao seu convidado? Cincolo, está surdo? Está cego? Não ouve? Não vê? Aqui está Messer Giuseppe de' Bosticchi.

Cincolo lentamente, seus olhos ainda fixos no tabuleiro, estava prestes a se levantar. Mas o nome do visitante pareceu ter um efeito mágico em Ricciardo.

— Bosticchi! — ele exclamou — Giuseppe Bosticchi! Não esperava esse homem sob seu teto, Cincolo, guelfa como é sua esposa; pois ela também

comeu do pão de Elisei. Adeus! Encontrará-me na rua abaixo; siga-me logo.

Ele estava prestes a sair, mas Bosticchi se colocou diante da porta, dizendo em um tom cujo lamurio expressava raiva e bajulação:

— Em que ofendi este jovem cavalheiro? Ele não vai me dizer minha ofensa?

— Não ouse parar meu caminho — bradou Ricciardo, colocando a mão diante dos olhos — nem me force novamente a olhar para você. Saia!

Cincolo o deteve.

— Você é muito apressado, e está muito exaltado, meu nobre convidado — disse ele — por qualquer coisa que este homem o tenha ofendido, age com muita violência.

— Violência! — vociferou Ricciardo, quase sufocado pela emoção apaixonada. — Sim, puxe sua faca e mostre o sangue de Arrigo dei Elisei, com o qual ainda está manchada.

Seguiu-se um silêncio mortal. Bosticchi esgueirou-se para fora; Ricciardo escondeu o rosto nas mãos e chorou. Mas logo ele se acalmou e disse:

— Isso é realmente uma infantilidade. Perdoem-me; aquele homem se foi; desculpem e esqueçam minha violência. Retome seu jogo, Cincolo, mas conclua-o depressa, pois o tempo ganha vantagem sobre nós. Ouça! Uma hora de sons noturnos do Campanário^[77].

— O jogo já acabou — disse Buzeccha com tristeza — seu manto derrubou o melhor xeque-mate que esta cabeça já planejou — então Deus o perdoe!

— Xeque-mate! — exclamou Cincolo, indignado — Xeque-mate! E minha rainha ceifando você, fileira e coluna!

— Vamos! — exclamou Ricciardo. — Messer Buzeccha, você pode jogar com Monna Gegia. Cincolo não vai demorar.

Então, pegando seu anfitrião pelo braço, puxou-o para fora e desceu as escadas altas e estreitas com a atitude de quem era bem familiarizado com elas.

Quando atingiram a rua ele desacelerou o passo e, primeiramente olhando em volta para se certificar de que ninguém ouvia a conversa, dirigiu-se a Cincolo:

— Perdoe-me, meu caro amigo; estou impaciente, e a visão daquele homem fez cada gota do meu sangue gritar em minhas veias. Mas não venho aqui para me entregar a tristezas particulares ou mesmo vinganças particulares, devo me envolver apenas em meu propósito. Preciso ver o Messer Guielmo Lostendardo, o comandante napolitano, rápida e secretamente. Trago-lhe uma mensagem da condessa Elizabeth, mãe de Conradino, e tenho certa esperança de que sua transmissão possa induzi-lo a tomar ao menos um papel neutro durante o conflito iminente. Escolhi você, Cincolo, para me ajudar nisto, não

apenas por ser pouco notado na cidade e poder agir sem atrair atenção, mas por ser bravo e verdadeiro, e poder confiar em seu valor. Lostendardo reside no Palagio del Governo. Quando adentrar suas portas estarei nas mãos de meus inimigos, e seus calabouços podem muito bem conhecer o segredo do meu destino. Espero coisas melhores. Mas se depois de duas horas eu não aparecer ou não lhe der notícias, leve este pacote para Conradino em Pisa. Você então saberá quem eu sou; e se sentir alguma indignação com meu destino, deixe esse sentimento uni-lo com ainda mais força à causa pela qual eu vivo e morro.

Enquanto Ricciardo falava, ele seguia em frente, e Cincolo observou que, sem sua ajuda, ele conduzia seus passos em direção ao Palagio del Governo.

— Eu não entendo — disse o velho. — Diante desse argumento, a não ser que você traga um do outro mundo, você espera induzir Messer Guielmo a ajudar Conradino? Ele é um inimigo tão amargo de Manfredo que, embora esse príncipe esteja morto, quando ele menciona seu nome, agarra o ar como se fosse uma adaga. Eu o ouvi amaldiçoar toda a casa da Suábia.

Um tremor sacudiu o corpo de Ricciardo, mas ele respondeu:

— Lostendardo já foi o apoio mais firme daquela casa e amigo de Manfredo. Circunstâncias estranhas deram origem a esse ódio, e ele se tornou um traidor. Mas, talvez, agora que Manfredo está no paraíso, a juventude, as virtudes e a inexperiência de Conradino possam inspirá-lo com sentimentos mais generosos e despertar sua antiga fé. Pelo menos devo fazer esta última tentativa. Essa causa é muito santa, muito sagrada, para admitir formas comuns de raciocínio ou ação. O sobrinho de Manfredo deve sentar-se no trono de seus ancestrais; e para conseguir isso suportarei o que estou prestes a suportar.

Eles entraram no palácio; Messer Guielmo divertia-se no grande salão.

— Leve este anel para ele, bom Cincolo, e diga que estou esperando. Seja rápido, para que minha coragem, minha vida, não me abandone no momento da provação.

Cincolo, lançando mais um olhar inquisitivo ao seu extraordinário companheiro, obedeceu às suas ordens, enquanto o jovem se apoiava num dos pilares do pátio e levantava apaixonadamente os olhos para o límpido firmamento.

— Oh, vós, estrelas! — bradou ele com uma voz sufocada — vós sois eternas; que meu propósito, minha vontade, sejam tão constantes quanto vós!

Então, mais calmo, ele cruzou os braços sob o manto e, com grande batalha interior, tentou reprimir sua emoção. Vários servos se aproximaram e pediram que os seguisse. Mais uma vez ele olhou para o céu e disse: “Manfredo”, e então caminhou com passos lentos, porém firmes. Eles o conduziram por vários salões e corredores até um grande aposento coberto de

tapeçarias e bem iluminado por diversas tochas; o mármore do piso refletia seu brilho, e o teto em arco ecoava os passos de alguém caminhando quando Ricciardo entrou. Era Lostendardo. Ele fez um sinal para que os servos os deixassem; a pesada porta se fechou atrás deles, e Ricciardo ficou sozinho com Messer Guielmo; seu semblante pálido, mas composto, seus olhos baixos como em expectativa, não com medo; e não fosse o movimento convulsivo de seus lábios, poder-se-ia pensar que todas as faculdades estavam quase suspensas por intensa agitação.

Lostendardo se aproximou. Ele era um homem no auge da vida, alto, atlético; parecia ser capaz de, com apenas um único esforço, esmagar a figura frágil de Ricciardo. Cada traço de seu rosto falava da luta de paixões e do terrível egoísmo de quem sacrificaria até a si mesmo para estabelecer sua vontade: suas sobrancelhas negras estavam espalhadas, seus olhos cinzentos profundos e desconfiados, seu olhar ao mesmo tempo severo e abatido. Um sorriso parecia nunca ter perturbado o desprezo estabelecido em seus lábios; sua testa alta, já ficando calva, era marcada por mil linhas contraditórias. Sua voz estava cuidadosamente contida quando disse:

— Por que traz esse anel? — Ricciardo ergueu o rosto e encontrou seu olhar, que lançava fogo enquanto ele exclamava: — Despina! — Ele agarrou sua mão com o toque de um gigante. — Eu rezei por isso dia e noite, e agora está aqui! Não, não lute; você é minha; pois por minha salvação, eu juro que nunca mais me escapará.

Despina respondeu calmamente:

— Você pode muito bem acreditar que, colocando-me assim em seu poder não temo nenhum dano que me possa me infligir, ou eu não estaria aqui. Não o temo, pois não temo a morte. Afrouxe então o seu aperto, e ouça-me. Venho em nome daquelas virtudes que um dia foram suas; venho em nome de todos os sentimentos nobres, generosidade e fé antiga, e confio que, ao me ouvir, sua natureza heroica apoiará minha voz, e que Lostendardo não estará mais ao lado daqueles que os bons e grandes apenas nomeiam para condenar.

Lostendardo parecia prestar pouca atenção no que ela dizia. Ele a fitava com triunfo e orgulho maligno; e se ainda a segurava, seu motivo parecia ser mais o prazer em mostrar seu poder sobre ela, do que qualquer medo dela escapar. Você poderia ler em seu rosto pálido e olhos vidrados que, se ela temia, era de si mesma que desconfiava; que seu desígnio a elevava acima do pavor da morte, e que era tão impassível quanto mármore diante de qualquer evento que não avançasse ou ferisse o objetivo pelo qual ela veio. Os dois permaneceram em silêncio, até que Lostendardo a conduziu a uma cadeira, e então, de pé diante dela, de braços cruzados, cada traço em seu rosto dilatado

pelo triunfo, e sua voz aguda pela agitação, disse:

— Bem, fale! O que quer comigo!

— Eu venho pedir, que se você não pode ser induzido a ajudar o príncipe Conradino na batalha presente, você, ao menos, permanecerá neutro e não se oporá ao seu avanço ao reino de seus ancestrais.

Lostendardo riu. O teto abobadado reproduziu o som, mas o eco áspero, embora lembrasse o grito agudo de um animal de rapina cuja pata está no coração do inimigo, não era tão discordante e desumano quanto o próprio riso.

— Como — ele perguntou — você pretende me levar a concordar? Esta adaga — e ele tocou o punho de uma que estava meio escondida em seu traje — ainda está manchada pelo sangue de Manfredo; em breve estará embainhada no coração daquele garoto tolo.

Despina dominou o sentimento de horror que tais palavras inspiravam, e respondeu:

— Você ouvirá com paciência por alguns minutos?

— Ouvirei com paciência por alguns minutos, e se eu não for tão paciente quanto no Palagio Reale, bela Despina, deve me desculpar. Tolerância não é uma virtude pela qual aspiro.

— Sim, foi no Palagio Reale de Nápoles, o palácio de Manfredo, que você me viu pela primeira vez. Você era então o amigo íntimo de Manfredo, escolhido por ele como seu confidente e conselheiro. Por que se tornou um traidor? Não se assuste com essa palavra: se pudesse ouvir a voz unida da Itália, e mesmo daqueles que se dizem seus amigos, eles ecoariam esse nome. Por que você se denegriu e se contradisse? Você diz que eu fui a causa, mas eu sou muito inocente. Você me viu na corte de seu mestre, uma atendente da rainha Sibilla^[78], e uma que, sem saber, já havia se separado de seu coração, sua alma, sua vontade, todo o seu ser; um sacrifício involuntário no santuário de tudo que é nobre e divino na natureza humana. Meu espírito louvava Manfredo como um santo e meu pulso parou de bater quando os olhos dele caíram sobre mim. Eu senti isso, mas não sabia. Você me acordou do meu sonho. Você disse que me amava e refletiu minhas emoções em um espelho muito fiel: coloquei os olhos em mim mesma e estremeci. Mas a natureza profunda e eterna da minha paixão me salvou. Eu amava Manfredo. Amava o sol porque o iluminava; adorava o ar que o alimentava; eu me deifiquei, pois meu coração era o templo onde ele residia. Dediquei-me a Sibilla, pois ela era sua esposa, e nunca em pensamento ou sonho degradei a pureza de minha afeição por ele. Por isso você o odiou. Ele desconhecia minha paixão; meu coração a guardava como um tesouro, que, ao descobrir, você veio para fuzilar. Você poderia mais facilmente me privar da vida do que minha devoção ao seu rei e, portanto,

you se tornou um traidor.

“Manfredo morreu, e você pensou que eu o havia esquecido. Mas o amor seria de fato uma zombaria se a morte não fosse a traidora mais descarada. Como pode morrer aquele que está imortalizado em meus pensamentos — meus pensamentos, que compreendem o universo e contém em si a eternidade? Ainda que sua vestimenta terrena seja desprezada como uma erva daninha ao lado do verde, ele vive em minha alma, tão encantador, tão nobre, tão completo, como quando sua voz despertava o ar mudo; não, sua vida agora é mais plena, mais verdadeira. Pois antes, aquele pequeno santuário revestindo seu espírito era tudo o que existia dele; e agora, ele faz parte de todas as coisas; seu espírito me envolve, transpõe-se; e separada dele durante sua vida, sua morte me uniu a ele para sempre.”

O semblante de Lostendardo se fechou terrivelmente. Quando ela fez uma pausa, ele parecia ter escurecido como o mar diante das pesadas nuvens de trovão encobrendo-o, dissolvendo-se em chuva. A tempestade de paixão que surgiu em seu coração parecia forte demais para admitir uma manifestação rápida; veio lentamente das profundezas de sua alma, e emoção foi empilhada sobre emoção antes do relâmpago de sua raiva acelerar até seu destino.

— Não posso, eloquente Despina — disse ele — responder aos seus argumentos. Eles funcionam bem para o seu propósito. Conradino está, eu ouvi, em Pisa: você afiou minha adaga; e antes que o ar de outra noite a enferruje, eu posso, por meus atos, retribuir suas palavras hostis.

— Como você se engana sobre mim! O louvor e o amor de toda excelência heroica são um insulto para você? Lostendardo, quando você me conheceu, eu era uma garota inexperiente; eu amava, mas não sabia o que era o amor, e limitando minha paixão por margens estreitas, adorava o ser de Manfredo como poderia adorar uma efígie de pedra que, quebrada, não existe mais. Agora mudei muito. Eu posso ter lhe tratado antes com desdém ou raiva, mas esses sentimentos primitivos desapareceram de meu coração. Sou movida apenas por uma emoção — pelo desejo de outra vida, outro estado de ser. Tudo que é bom deixa esta estranha terra; e eu não duvido que quando me elevar suficientemente sobre a fraqueza humana, também será minha vez de deixar esta cena desoladora. Preparo-me somente para este momento; e ao empenhar-me para unir-me aos bravos, generosos e sábios que uma vez adornaram a humanidade, e agora passaram dela, eu me consagro ao serviço desta causa mais justa. Você se engana, portanto, se pensa que há algum desdém no que eu digo, ou que quaisquer sentimentos degradantes se associam a minha devoção de espírito quando venho e voluntariamente me coloco em seu poder. Você pode me aprisionar eternamente nas masmorras deste palácio, como uma gibelina que retornou e uma espí, e me executar como uma

criminosa. Mas antes de fazer isso, reflita, para seu próprio bem; pense sobre a escolha de glória ou infâmia que está prestes a fazer. Deixe seus antigos sentimentos de amor pela casa da Suábia terem alguma influência em seu coração; considere como, de mesmo modo que você é o inimigo desprezado, pode se tornar o amigo escolhido de seu último descendente, e receber de todo coração o louvor por restituir Conradino às honras e ao poder aos quais ele nasceu. Compare este príncipe com o hipócrita, o sangrento e mesquinho Charles. Quando Manfredo morreu, fui para a Alemanha e residi na corte da condessa Elizabeth; tenho sido, portanto, testemunha de hora em hora das grandes e boas qualidades de Conradino. A coragem de seu espírito o faz superar a fraqueza da juventude e da inexperiência; ele possui toda a nobreza pertencente à família da Suábia e, além disso, uma pureza e doçura que atraem o respeito e o amor dos velhos e desconfiados cortesãos de Frederico e Conrado^[79]. Você é corajoso, e seria benevolente, se a fúria de suas paixões, como um fogo consumidor, não destruísse em sua violência toda generosidade: como então você pode se tornar o instrumento de Charles? Seu olhar desconfiado e lábios escárnios mostram o egoísmo de sua mente. Avareza, crueldade, maldade e artimanhas são as qualidades que o caracterizam e o tornam indigno da majestade que usurpa. Deixe-o retornar a Provença e reinar com despotismo mesquinho dos glamourosos e aduladores franceses; os italianos, nascidos livres, precisam de outro senhor. A eles não cabe se curvar a alguém cujo palácio é a casa de câmbio de agiotas, cujos generais são usurários, cujos cortesãos são chapeleiros ou monges, e que ardilosamente jura fidelidade ao inimigo da liberdade e da virtude, Clemente^[80], o assassino de Manfredo. Seu rei, assim como eles, deve se vestir com a armadura da virtude e simplicidade; seus ornamentos, devem ser seu escudo e lança; seu tesouro, as posses de seus súditos; seu exército, sua amante inabalável. Charles irá tratá-lo como uma ferramenta; Conradino como amigo. Charles o fará o tirano detestável de uma província decadente; Conradino, o governador de um povo próspero e feliz.

“Pelas suas maneiras não posso dizer se meu discurso alterou sua determinação. Não me esqueço das cenas que passamos juntos em Nápoles. Eu posso tê-lo desdenhado; não o faço agora. Seu rancor por Manfredo encorajava a raiva em minha mente; mas, como eu disse, tudo, exceto o sentimento de amor, expirou em meu coração quando ele morreu, e penso que onde está o amor, a excelência deve ser companhia. Você disse que me amava; embora, em outros tempos, esse amor caminhasse lado a lado do ódio — mas então, era um pobre prisioneiro em seu coração, junto do ciúme, a raiva, o desprezo e a crueldade como suas servas — ainda assim, se fosse amor, acho que sua divindade purificou seu coração dos sentimentos mais primordiais; e agora que

eu, a noiva da Morte, fui removida de sua esfera, sentimentos mais suaves podem despertar em seu peito, e você pode sujeitar-se tranquilamente à minha voz. Se de fato você me amou, não será agora meu amigo? Não devemos juntos seguir o mesmo percurso? Retorne à sua antiga fé; e agora que a morte e a religião selaram o passado, que o espírito de Manfredo, olhando para baixo, contemple em seu amigo arrependido, o firme aliado de seu sucessor, o melhor e último descendente da casa da Suábia.”

Ela se calou; pois o clarão do feroz triunfo com o qual, como uma emergente fogueira na noite, iluminava com crescente e assustadora radiância o rosto de Lostendardo, a fez cessar seu apelo. Ele não respondeu; mas quando ela ficou em silêncio ele deixou a imobilidade com que havia permanecido diante dela, e caminhando pelo salão com passos medidos, sua cabeça inclinada, parecia ruminar algum projeto. Será que ele pesava seus argumentos? Se ele hesitava, a generosidade e a antiga fidelidade certamente triunfariam. Ainda assim ela não ousou ter esperança; seu coração batia rápido; ela teria se ajoelhado, mas temia se mover, no caso de algum movimento perturbar seus pensamentos e restringir o fluxo de bons sentimentos que ela afetuosamente esperava surgirem dentro dele; ela ergueu o rosto e rezou em silêncio enquanto permanecia sentada. Apesar do brilho das tochas, os raios de uma pequena estrela lutavam através do vidro escuro da janela; seus olhos pousados nela, seus pensamentos imediatamente elevados à eternidade e ao espaço simbolizados por aquela estrela; parecia-lhe o espírito de Manfredo, e ela o louvava e orava para derramar sua influência benigna sobre a alma de Lostendardo.

Alguns minutos se passaram em um silêncio aterrorizante, e então ele se aproximou:

— Despina, permita-me refletir sobre suas palavras; amanhã terá uma resposta. Você deve permanecer neste palácio até a manhã, então verá e julgará meu arrependimento e minha fé renovada.

Ele falou com estudiosa gentileza. Despina não pode ver seu rosto, pois as chamas reluziam atrás dele. Quando ela ergueu os olhos para responder, a pequena estrela brilhou logo acima de sua cabeça, e parecia, com seu brilho suave, tranquilizá-la. Nossas mentes, quando muito incertas, são estranhamente dadas à superstição e Despina viveu em uma época supersticiosa. Ela pensou que a estrela a implorava para obedecer e lhe assegurava proteção do céu — de onde mais ela poderia esperar isso? Portanto, ela disse:

— Eu concordo. Apenas peço que você informe ao homem que lhe deu meu anel sobre minha segurança, ou ele temerá por minha vida.

— Farei como você deseja.

— E eu me confiarei aos seus cuidados. Não posso, não ousou, temê-lo. Se você se virar contra mim, ainda confio nos santos celestiais que guardam a humanidade.

Seu semblante era tão calmo — irradiava com tamanha autodevoção angelical e crença no bem, que Lostendardo não ousou olhar para ela. Por um momento — enquanto ela, ao se calar, observava a estrela — ele se sentiu impelido a jogar-se aos seus pés, confessar o esquema diabólico que havia concebido, e devotar-se de corpo e alma à sua orientação, a obedecer, servir, e adorá-la. O impulso foi momentâneo; o sentimento de vingança o envolveu novamente. No instante em que ela o rejeitara, a fogueira do ódio havia queimado em seu coração, consumindo qualquer sentimento saudável, toda a simpatia humana, e gentileza de alma. Ele jurara nunca mais dormir em uma cama, a não beber nada além de água, até sua primeira taça de vinho ser misturada com o sangue de Manfredo. Ele havia cumprido este voto. Uma estranha alteração havia operado dentro dele no momento em que tragara da taça profana. O espírito, não de um homem, mas de um demônio, parecia viver em seu interior, incitando-o ao crime, do qual sua longa e prolongada esperança de vingança mais completa o dissuadiu. Mas Despina estava agora em seu poder, e parecia-lhe que o destino o havia protegido por tanto tempo apenas para que agora descarregasse nela todo o seu ódio. Quando ela falava do amor, ele pensava como poderia em seu discurso extrair dor. Ele elaborou seu plano; e essa leve fraqueza humana agora vencida, inclinou seus pensamentos para sua conclusão. No entanto, temia ficar mais tempo com ela; então retirou-se, dizendo que enviaria atendentes para lhe mostrar aposentos onde pudesse descansar. Ele a deixou, e diversas horas se passaram, mas ninguém veio. As tochas queimavam baixo, e as estrelas no céu podiam agora, com seus raios tremeluzentes, conquistar sua luz debilitada. Uma a uma, as tochas se apagaram, e as sombras das altas janelas do salão, antes invisíveis, foram lançadas sobre o chão de mármore. Despina olhou para suas formas, primeiramente inconsciente, até se encontrar contando uma, duas, três; as formas das barras de ferro que jaziam tão plácidas na pedra.

— Essas barras são grossas — ela disse — esta sala seria um grande, porém seguro, calabouço.

Como por intuição, agora se sentia uma prisioneira. Nenhuma mudança, nenhuma palavra, interveio desde que entrou sem medo na sala, acreditando-se livre. Mas agora não havia nenhuma dúvida sobre sua situação; pesadas correntes pareciam cair ao seu redor; o ar se tornou espesso e carregado como o de uma prisão; e as estrelas cintilantes antes animando-a, se tornaram os tristes mensageiros de um perigo terrível e da completa derrota de todas as esperanças que ousara nutrir para sua amada causa.

Cincolo esperou, primeiro com impaciência, e então com ansiedade, pela volta do jovem estranho. Ele caminhou de um lado para o outro diante dos portões do palácio; hora após hora passou; as estrelas se ergueram e desceram, e aqui e ali estrelas cadentes dispararam pelo céu. Não eram mais frequentes do que sempre são durante uma noite limpa de verão na Itália; mas pareciam estranhamente numerosos para Cincolo e um presságio de mudança e calamidade. Bateu a meia-noite e naquele momento uma procissão de monges passou, carregando um corpo e cantando um solene de profundis^[81]. Ele sentiu um tremor gelado sacudir seus membros quando refletiu como isso era um mal agouro era para o estranho aventureiro que guiara até esse palácio. Os capuzes sombrios dos sacerdotes, suas vozes surdas e o fardo escuro que carregavam aumentavam sua agitação até ao terror. Sem confessar a covardia para si mesmo, estava possuído pelo medo de ser incluído no destino maligno evidentemente aguardando seu companheiro. Cincolo era um homem corajoso; muitas vezes ele tinha sido o primeiro em um ataque perigoso; mas os mais bravos entre nós às vezes sentem os corações falharem pelo pavor do perigo oculto e predestinado. Ele foi tomado pelo pânico; procurou pelas luzes da procissão que desapareciam e ouviu as vozes dissipando; seus joelhos tremiam, uma transpiração fria surgiu em sua testa; até afinal, incapaz de resistir ao impulso, começou lentamente a se distanciar do Palácio do Governo e a sair do círculo de perigo que parecia cercá-lo se permanecesse naquele local.

Mal havia deixado seu posto junto ao portão do palácio, quando percebeu luzes vindo dali, acompanhadas por uma companhia de homens, alguns armados, como se podia notar pelo reflexo das pontas de suas lanças; e alguns deles carregavam uma liteira, com cortinas pretas e bem fechadas. Cincolo se enraizou no local. Ele não podia dar nenhuma razão à crença, mas estava convencido de que o jovem estranho estava ali, prestes a ser levado à morte. Levado pela curiosidade e ansiedade, acompanhou o grupo dirigindo-se à Porta Romana^[82]; foram interpelados pelas sentinelas; deram a palavra e passaram. Cincolo não ousou segui-los, mas estava agitado por medo e compaixão. Lembrou-se do pacote confiado aos seus cuidados; não se atreveu a tirá-lo do peito, para nenhum guelfo nas proximidades descobrir que era endereçado a Conradino; ele não sabia ler, mas queria olhar os brasões do selo, para ver se traziam as insígnias imperiais. Voltou ao Palagio del Governo: tudo estava escuro e silencioso; ele caminhou para cima e para baixo diante dos portões, olhando para as janelas, mas nenhum sinal de vida apareceu. Ele não sabia dizer por que estava tão agitado, mas sentia como se toda a sua paz futura dependesse do destino desse jovem estranho. Pensou em Gegia, em seu desamparo e idade; mas não pode resistir ao impulso impelindo-o, e resolveu naquela mesma noite começar sua viagem a Pisa, entregar o pacote, saber

quem era o estranho e que esperanças ele poderia ter para sua segurança.

Ele voltou para casa, para assim informar Gegia de sua viagem. Essa foi uma tarefa difícil, mas ele não poderia deixá-la sem notícias. Cincolo subiu as escadas estreitas inquieto. No último degrau, uma chama cintilava diante da imagem da Virgem. Noite após noite queimava ali, guardando por sua influência seu pequeno lar de todos os perigos terrenos e sobrenaturais. A visão o inspirou com coragem; ele rezou uma Ave-Maria diante dela; e então, olhando em volta para ter certeza que nenhum espião estava no estreito patamar, tirou o pacote do peito e examinou o selo. Naqueles dias, todos os italianos eram versados em heráldica, pois pelas insígnias dos escudos dos cavaleiros aprendiam, melhor do que por seus rostos ou pessoas, a que família e partido pertenciam. Mas não exigiu grande conhecimento para Cincolo decifrar esses brasões; ele os conhecia desde a infância; eram os dos Elisei, a família à qual ele se afiliara como partidário durante todas essas disputas civis. Arrigo de' Elisei fora seu patrono, e sua esposa cuidara de sua única filha, naqueles dias felizes em que não havia nem guelfos nem gibelinos. A visão desses brasões reanimou sua ansiedade. Poderia aquele jovem pertencer a tal casa? O selo mostrava que sim; e esta descoberta confirmou sua determinação em fazer todo o esforço para salvá-lo, e o inspirou com coragem o suficiente para enfrentar os protestos e medos de Monna Gegia.

Ele destrancou a porta; a velha dama estava dormindo em sua cadeira, mas acordou quando ele entrou. Ela havia dormido apenas para renovar sua curiosidade e fez mil perguntas em um só fôlego, as quais Cincolo não respondeu: ele ficou de pé com os braços cruzados olhando para o fogo, inseguro sobre como dar a notícia de sua partida. Monna Gegia continuou a falar.

— Depois que você partiu, fizemos uma conferência sobre o jovem esquentado desta manhã: Eu, Buzeccha, Beppe de' Bosticchi que voltou, e Monna Lissa do Mercato Nuovo. Todos concordamos que ele deve ser uma entre duas pessoas; e seja um ou outro, se ele não deixou Florença, o stinchi^[83] será sua morada ao nascer do sol. Ei, Cincolo, homem! Você não diz nada; onde você se separou do seu príncipe?

— Príncipe, Gegia! Está louca? Que príncipe?

— Não, ele é ou um príncipe ou um padeiro; ou o próprio Conradino, ou Ricciardo, o filho do Messer Tommaso de' Manelli; ele morava no Arno e fazia pão para toda aquela região, quando conde Guido de Giudi era vicario. Foi por isso que Messer Tommaso foi para Milão com Ubaldo de' Gargalandi, e Ricciardo, que foi com seu pai, agora deve ter dezesseis anos. Tinha a fama de amassar com a mão leve como o pai, mas preferiu seguir as armas com os Gargalandi. Ele era um jovem belo e agradável, diziam; e assim, para dizer a

verdade, era o nosso jovem desta manhã. Mas Monna Lissa acredita que deve ser o próprio Conradino.

Cincolo ouviu como se a fofoca das duas velhas senhoras pudesse decifrar seu enigma. Começou mesmo a se perguntar se a última conjectura, por mais extravagante que fosse, não estava certa. Todas as circunstâncias negavam tal ideia; mas ele pensou na juventude e beleza extraordinária do estranho, e começou a duvidar. Não havia nenhum entre os Elisei que correspondesse à sua aparência. Seu único jovem havia caído em Montaperti; o mais velho da nova geração tinha apenas dez anos; os outros homens daquela casa eram de idade madura. Gegia continuou a falar da raiva que Beppe de' Bosticchi demonstrou ao ser acusado do assassinato de Arrigo de' Elisei.

— Se ele tivesse feito isso — ela exclamou — nunca mais teria pisado em minha casa; mas ele jurou inocência; e realmente, pobre coitado, seria um pecado não acreditar nele.

Por que, se o estranho não fosse um Elisei, demonstraria tanto horror ao ver o suposto assassino do chefe daquela família? Cincolo afastou-se do fogo; assegurou-se que sua faca estava pendurada com segurança em seu cinto, e trocou suas sandálias por botas mais fortes de couro cru. Este último ato atraiu as atenções de Gegia.

— O que está fazendo, bom homem? — ela perguntou. — Não é hora de trocar de roupas, mas de ir para a cama. Esta noite você não falará; mas amanhã vou arrancar tudo de você. O que está fazendo?

— Estou prestes a deixá-la, minha querida Gegia; e o céu a abençoe e cuide de você! Vou para Pisa.

Gegia soltou um grito e estava prestes a protestar com uma torrente de palavras, enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas enrugadas. Lágrimas também encheram os olhos de Cincolo, quando ele disse:

— Eu não vou pela causa que você suspeita. Não entro no exército de Conradino, embora meu coração esteja com ele. Vou apenas levar uma carta e voltarei sem demora.

— Você jamais voltará! — gritou a velha senhora. — A guarda não o deixará entrar pelos portões da cidade outra vez se colocar os pés na traidora Pisa. Mas você não irá; eu vou acordar os vizinhos, vou dizer que está louco...

— Gegia, basta! Aqui está todo o dinheiro que tenho. Antes de ir, mandarei sua prima Nunziata até aqui. Eu devo partir. Não é a causa gibelina, ou Conradino, que me obriga a arriscar sua tranquilidade e conforto; mas a vida de um dos Elisei está em jogo; e se eu puder salvá-lo, você me manteria aqui, para depois amaldiçoá-la e também a hora em que nasci?

— O que? Ele é...? Mas não; não há ninguém entre os Elisei tão jovem quanto ele; e nenhum tão encantador a não ser aquela que esses braços

carregaram quando um bebê, mas ela é mulher. Não, não; essa é uma história inventada para me enganar e ter meu consentimento; mas você nunca terá. Veja bem! Você nunca terá! E eu profetizo que se você for, sua jornada será a morte de nós dois.

Ela chorou amargamente. Cincolo beijou-lhe a face envelhecida e suas lágrimas misturaram-se às dela; e então entregando-a aos cuidados da Virgem e dos santos, a deixou; enquanto a dor sufocava a asserção de Gegia, o nome do Elisei a privou de toda energia para resistir ao propósito de seu marido.

Eram quatro da manhã quando os portões de Florença abriram e Cincolo pôde deixar a cidade. A princípio, aproveitou as carroças dos camponeses para avançar em sua jornada; mas ao se aproximar de Pisa, todos os meios de transporte cessaram, e ele foi obrigado seguir em estradas laterais e agir com cautela, para não cair nas mãos dos postos florentinos, ou de algum gibelino feroz que pudesse suspeitar dele, e carregá-lo até o ancião da aldeia; pois se suspeitassem dele e o revistassem, o pacote endereçado a Conradino o condenaria, e ele pagaria por sua ousadia com a vida. Chegando a Vicopisano, encontrou ali uma tropa de cavalos pisanos em guarda; ele era conhecido por muitos dos soldados e conseguiu um transporte para Pisa; mas era noite antes dele chegar. Ele deu a palavra de ordem gibelina e foi admitido dentro dos portões. Perguntou sobre o príncipe Conradino: estava na cidade, no palácio dos Lanfranchi. Atravessou o Arno e foi admitido no palácio pelos soldados guardando a porta.

Conradino acabara de voltar de uma batalha bem-sucedida em Lucchese e estava descansando; mas quando o conde Gherardo Doneratico, seu principal atendente, viu o lacre da carta, imediatamente conduziu o portador a uma pequena sala, onde o príncipe estava deitado no chão sobre a pele de uma raposa. A mente de Cincolo ficara tão desnorteada pela rapidez dos acontecimentos da noite anterior, pelo cansaço e pela falta de sono, que se convencera que o jovem estranho era mesmo Conradino; e quando soube que o príncipe estava em Pisa, por uma estranha desordem de ideias, ainda pensou que ele e Ricciardo eram o mesmo; que a liteira com as cortinas pretas era uma visão e seus medos infundados. Ao colocar os olhos em Conradino, seus cabelos louros e feições saxãs arredondadas, essa ideia foi destruída; e substituída por um sentimento de profunda angústia, quando o conde Gherardo, anunciando-o, disse:

— A pessoa com uma carta de Madonna Despina dei Elisei, aguarda vossa alteza.

O velho saltou para a frente, sem poder se controlar mesmo com o respeito que, de outra forma, teria sentido por alguém de tão alta linhagem quanto Conradino.

— De Despina! Você disse dela? Oh! Retire o que disse! Não da minha amada filha adotiva perdida.

Lágrimas rolaram de seu rosto. Conradino, um jovem de gentileza fascinante, tentou acalmá-lo.

— Oh! Meu gracioso senhor — pediu Cincolo —, abra este pacote, e veja se é da minha criança abençoada — se no disfarce de Ricciardo eu a levei à destruição. — Ele terminou juntando as mãos.

Conradino, pálido como a morte pelo medo do destino de sua encantadora e aventureira amiga, quebrou o lacre. O pacote tinha um envelope sem nenhum destinatário e uma carta, a qual Conradino leu, enquanto o horror convulsionava cada um dos seus traços. Ele o entregou a Gherardo.

— É realmente dela. Ela diz que o portador pode relatar tudo o que o mundo provavelmente saberá sobre seu destino. E você, senhor, que chora tão amargamente, você por quem minha melhor e admirável amiga me remete, diga-me o que sabe dela!

Cincolo contou sua história em frases quebradas.

— Que esses olhos se tornem eternamente cegos! — ele exclamou, quando havia concluído — Por sua falha em reconhecer Despina em seus olhares delicados e sorrisos celestiais. Velho caduco que sou! Quando minha esposa praguejou sua família, meu senhor, e seu principesco, e do santo Manfredo, por que não li o segredo de Despina em sua paciência? Teria ela perdoado essas palavras em outra pessoa, exceto naquela que a cuidou em sua infância e foi uma mãe para ela quando Madonna Pia morreu? E quando ela acusou Bosticchi da morte de seu pai, eu, tolo cego, não vi o espírito Elisei em seus olhos. Meu senhor, tenho apenas um favor a lhe pedir. Deixe-me ouvir sua carta, para que eu possa julgar as esperanças restantes; mas não há nenhuma — nenhuma.

— Leia para ele, meu querido conde — disse o príncipe. — Não temerei como ele teme. Não ousei temer que alguém tão amável e amado seja sacrificado por minha causa inútil.

Gherardo leu a carta.

“Cincolo de’ Becari, meu pai adotivo, entregará esta carta em suas mãos, meu respeitado e querido Conradino. A condessa Elizabeth fez o apelo para meu presente empreendimento; não espero nada dele, exceto trabalhar por sua causa e, talvez, por meio deste evento, abandonar um pouco mais cedo uma vida que é apenas uma provação dolorosa para minha mente fraca. Procuro despertar os sentimentos de fidelidade e generosidade na alma do traidor Lostendardo; me colocarei em suas mãos, e não espero escapar delas

novamente. Conradino, minha última oração será pelo seu sucesso. Não chore por quem vai para casa depois de um exílio longo e cansativo. Queime o envelope fechado sem abri-lo. A Mãe de Deus te proteja!

“Despina.”

Conradino chorou enquanto a epístola era lida, mas então, erguendo o rosto, disse:

— Vingança ou morte! Ainda podemos salvá-la!

Um castigo havia caído sobre a casa de Suábia, e todos os seus esforços foram arruinados. Amados por seus súditos, nobres e com todas as vantagens de direito ao seu lado, exceto aqueles concedidos pela Igreja, eles foram derrotados em todas as tentativas de se defender contra um estrangeiro e um tirano, que governava pela força das armas, e essas nas mãos de poucos, sobre um extenso território em guerra. O jovem e ousado Conradino também estava fadado a perecer nesta disputa. Ao vencer as tropas de seu adversário na Toscana, ele avançou para seu reino com grandes esperanças. Seu arqui-inimigo, o papa Clemente IV, havia se trancado em Viterbo e era guardado por uma numerosa guarnição. Conradino passou em triunfo e esperança pela cidade, e orgulhosamente colocou suas tropas diante dela, para mostrar ao santo padre suas forças e humilhá-lo com essa demonstração. Os cardeais, que viram a longa fila e a boa ordem do exército, correram para o palácio papal. Clemente estava em seu oratório rezando. Os monges assustados, com olhares pálidos, relataram como o herege excomungado ousou ameaçar a cidade onde residia o santo padre; adicionando que, se o insulto fosse levado ao ponto de um ataque, poderia ser uma guerra perigosa. O papa sorriu desdenhosamente.

— Não temam — disse ele —, os planos desses homens dissiparão em fumaça.

Ele então foi para as muralhas e viu Conradino e Frederico da Áustria^[84], que marchavam na fila de cavaleiros na planície abaixo. Ele os observou por um tempo; depois, voltando-se para seus cardeais, disse:

— São vítimas, que se deixam levar ao sacrifício.

Suas palavras foram proféticas. Apesar dos primeiros sucessos de Conradino e do número superior de seu exército, ele foi derrotado pelo artifício de Charles em uma violenta batalha. Escapou do campo e, com alguns amigos, chegou a uma torre chamada Asturi, pertencente à família de Frangipani, de Roma. Aqui ele arranhou um navio, embarcou e fez-se ao mar, dirigindo-se para a Sicília, que, tendo-se rebelado contra Charles, o receberia, ele esperava, com alegria. Já estavam a caminho, quando um dos membros da família Frangipani, vendo um navio cheio de alemães se distanciando da costa, suspeitou que fossem fugitivos da batalha de Taglicozzo. Ele os seguiu em

outros navios e os levou todos prisioneiros. Conradino era uma presa rica para ele; entregou-o nas mãos de seu rival e foi recompensado com a doação de um feudo próximo de Benevento.

O espírito covarde de Charles o instigou à mais baixa vingança; e a mesma tragédia aconteceu naquelas margens que se renovam em nossos dias. Um príncipe ousado e ilustre foi sacrificado em uma imitação de justiça, no altar sanguinário da tirania e da hipocrisia. Conradino foi julgado. Apenas um de seus juízes, um provençal, ousou condená-lo, e ele pagou com a vida por sua vilania. Pois mal havia ele, o único entre seus companheiros, pronunciado a sentença de morte contra o príncipe, quando Roberto de Flanders^[85], o próprio cunhado de Charles, o golpeou no peito com um cajado, gritando:

— Não lhe convém, miserável, condenar à morte um cavaleiro tão nobre e digno.

O juiz caiu morto na presença do rei, que não ousou vingá-lo.

No dia 26 de outubro, Conradino e seus apoiadores foram levados para morrer na praça pública de Nápoles, à beira-mar. Charles estava presente com toda a sua corte, e uma imensa multidão cercou o rei triunfante e seu adversário mais digno, prestes a sofrer uma morte ignominiosa. A procissão fúnebre aproximou-se de seu destino. Conradino, agitado, mas controlado, foi levado em uma carruagem aberta. Atrás dele vinha uma liteira, com cortinas pretas, sem nenhuma maneira de se dizer quem estava dentro. O duque da Áustria e diversas outras vítimas ilustres seguiram. A guarda que os conduziu ao cadafalso era chefiado por Lostendardo; um triunfo malicioso sorria em seus olhos, e ele cavalgou perto da liteira, olhando às vezes para ela e então para Conradino, com a expressão sombria de um demônio algoz. A procissão parou ao pé do cadafalso, e Conradino olhou para a luz que de vez em quando surgia do Vesúvio e lançava seu reflexo no mar. O sol ainda não havia nascido, mas o halo de sua aproximação iluminava a baía de Nápoles, suas montanhas e suas ilhas. Os cumes das distantes colinas de Baiae brilharam com seus primeiros raios. Conradino pensou: “Quando esses raios chegarem aqui e as sombras desses homens — príncipes e camponeses — forem projetadas ao meu redor, meu espírito vivo não mais lançará sombras”. Então voltou os olhos para os companheiros de seu destino e pela primeira vez viu a liteira silenciosa e escura que os acompanhava. A princípio ele pensou: “É o meu caixão”. Mas então se lembrou do desaparecimento de Despina e teria saltado em direção a ele. Seus guardas o pararam; ele ergueu os olhos e seu rosto encontrou o de Lostendardo, que sorriu — um sorriso pavoroso; mas o sentimento de religião que antes o acalmara novamente tomou conta de si; pensou que os sofrimentos dela, assim como os dele, logo terminariam.

Eles já haviam terminado; e o silêncio do túmulo recaiu sobre os eventos

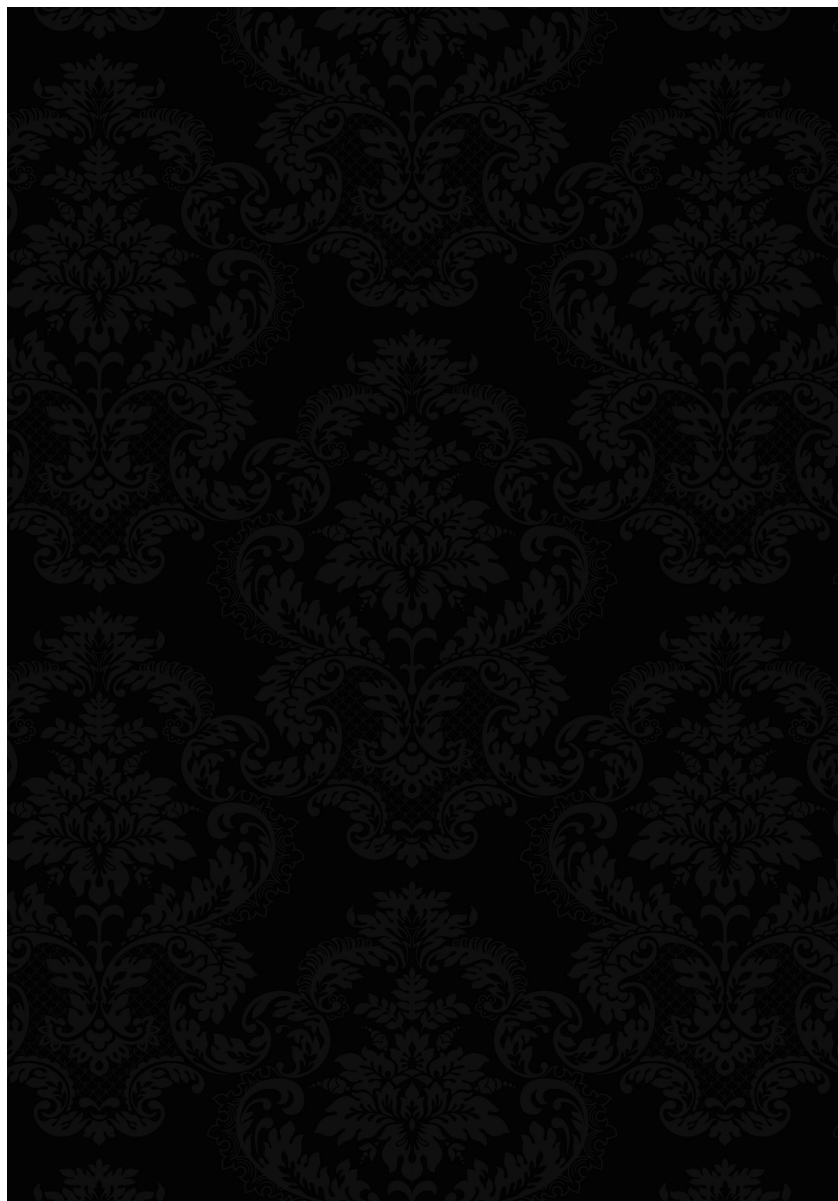
ocorridos desde que Cincolo a viu ser levada de Florença, até agora, quando ela foi conduzida por seu feroz inimigo para contemplar a morte do sobrinho de Manfredo. Ela muito deve ter sofrido; pois enquanto Conradino avançava diante do cadafalso, a liteira colocada à sua frente, Lostendardo ordenou que as cortinas fossem retiradas, a mão branca que pendia inanimada ao lado era fina como uma folha de inverno, e seu belo rosto, acolchoado pelas grossas mechas de seu cabelo escuro, estava afundado e pálido, enquanto se podia ver o azul profundo de seus olhos lutando através das pálpebras fechadas. Ainda usava o traje com que se apresentara na casa do Cincolo. Talvez seu algoz imaginou que sua imagem como um jovem atrairia menos compaixão do que uma linda mulher arrastada para uma cena tão anormal.

Conradino estava ajoelhado rezando quando sua forma ficou assim exposta. Ele a viu, e viu que ela estava morta! Ele mesmo, prestes a morrer; prestes, puro e inocente, a morrer vergonhosamente, enquanto seu vil conquistador, em pompa e glória, era espectador de sua morte. Ele não sentia pena dos que estavam em paz; sua compaixão pertencia somente aos vivos; e, ao se levantar de sua prece, exclamou:

— Minha amada mãe, que profunda tristeza a notícia que estás prestes a ouvir te causará!

Ele olhou para a multidão viva ao seu redor e viu que os partidários de rosto duro do usurpador choravam; ele ouviu os soluços de seus súditos oprimidos e conquistados; então ele tirou a luva da mão e a jogou no meio da multidão, em sinal de que ainda mantinha sua causa boa, e submeteu sua cabeça ao machado.

Durante muitos anos após esses eventos, Lostendardo desfrutou de riqueza, posição e poder. Quando de repente, ainda no auge da glória e da prosperidade, ele se retirou do mundo, fez os votos de uma severa ordem que habitava um convento nas planícies desoladas e insalubres à beira-mar da Calábria; e depois de ter ganho o caráter de um santo, através de uma vida de autoinfligida tortura, morreu murmurando os nomes de Conradino, Manfredo e Despina.



A NOIVA DA ITÁLIA MODERNA

Título original: The Bride of Modern Italy
Publicado anonimamente na London Magazine, em 1824.

My heart is fixt
This is the sixt'.

— Elia^[86]

Em uma serena manhã de inverno, duas moças, Clorinda e Teresa, andavam para cima e para baixo no jardim do convento de São S—, em Roma. Se meu leitor nunca viu um convento, ou se apenas viu os tipos melhores, deixe-o apagar de sua mente tudo que já tenha ouvido ou imaginado sobre tais moradas, ou ele jamais poderá se transportar para o jardim de São S—. O leitor deve imaginá-lo cercado por um longo edificio baixo, isolado, com as paredes caiadas manchadas pelo tempo, com janelas gradeadas, as mais baixas sem vidro. É um jardim de hortaliças, mas apenas as sobras do estoque de verão ainda estavam lá, exceto alguns repolhos, que perfumavam o ar com suas emanações malcheirosas. As trilhas estavam negligenciadas, e apesar de não cobertas de ervas daninhas, tinham pedaços quebrados de louças de barro, cinzas, talos de repolho, cascas de laranja, ossos e tudo o que marca os arredores de um casarão muito frequentado, porém desordenado. Os canteiros eram cortados por esses caminhos, e o jardim era cercado por um muro alto. Essa cena precária era, no entanto, pouco comum neste país. Podia-se ver os escassos ramos de maracujá secos contra as paredes; aqui e ali um gerânio, sua folhagem luxuriante estrelada por flores escarlates, crescia ileso pela geada entre os repolhos; os limoeiros haviam sido removidos para um abrigo, mas as laranjeiras estavam pregadas contra a parede, os frutos dourados espreitando por entre as folhas escuras; a própria parede era matizada por mil ricos tons; e aloés grossos e pontiagudos cresciam sob ela. Abaixo do muro mais alto, em frente à porta dos fundos do convento, havia um canto de terreno; este era o local onde sepultavam as freiras; e no caminho que levava da porta a este recinto, Clorinda e Teresa andavam para cima e para baixo.

— Ele jamais virá! — exclamou Clorinda.

— Se ele vier mesmo, temo que o sino do jantar soará e irá nos

interromper — observou Teresa.

— Algum obstáculo cruel sem dúvidas o impede — continuou Clorinda, suspirando — e eu rezei para São Giácomo, e prometi dar-lhe as melhores flores e acender uma vela de trinta centímetros na próxima páscoa.

Teresa sorriu.

— Eu me lembro — ela disse — que no Natal você cumpriu tal promessa para São Francisco, não foi por causa de Ciego Magni? Pois você muda de santo quando seu amado muda de nome. Diga-me, doce Clorinda, quantos santos se beneficiaram de sua devoção?

Clorinda ficou zangada, depois triste; as grandes gotas se acumularam em seus olhos escuros:

— Você é cruel em me provocar assim, Teresina. Eu já amei de verdade alguma vez antes? Acredite em mim, nunca; e se o céu me conceder Giacomo — ah! Esse é o sinal dele! Teresa maldosa, me fará encontrá-lo com lágrimas nos olhos.

Correram para a sala do convento e ali se juntaram uma velha cega e quase surda, que acompanharia à visita de Giacomo de' Tolomei, irmão de Teresa. Ele beijou as mãos das moças, e então eles iniciaram uma conversa, que, pelo tom baixo e uma mistura ocasional de francês, era bastante incompreensível para seu Argus^[87], que estava ocupado tricotando um grande xale de lã verde.

— Bem? — disse Clorinda, em tom de indagação.

— Bem, querida Clorinda, realizei nosso plano, embora espere pouco dele. Eu escrevi uma proposta de casamento; se você aprovar, vou enviá-la a seus pais. Aqui está.

— Do que se trata esse papel? — gritou o Argus.

Teresa berrou em seu ouvido:

— Só a história do último milagre realizado em Assis. — (Os italianos, homens ou mulheres, não são grandes patronos da verdade) — Olhe, cara Eusta — (Eusta não sabia ler) —, lerei para você logo mais. — Eusta continuou com seu tricô.

As duas meninas, olhando uma para a outra, leram a proposta de casamento que Giacomo de' Tolomei fez aos pais de Clorinda Saviani. O papel estava dividido em duas colunas, uma intitulada: “A Proposta” — a outra “Observações a serem feitas sobre ela” — e esta última coluna foi deixada em branco. A proposta em si foi dividida em vários itens e numerada. Argumentava que uma nobre família de Sienna, desejando aliar-se à família dos Saviani de Roma, nas pessoas de seu filho mais velho e Clorinda, apresentavam as seguintes considerações aos chefes daquela casa; que o jovem era bem-feito, bonito, saudável, estudioso e de moral irrepreensível. As

circunstâncias de sua fortuna eram então detalhadas, e as reivindicações de dote: concluía dizendo que, se os pais de Clorinda aprovassem os termos propostos, os jovens poderiam ser apresentados um ao outro e, se mutuamente satisfeitos no encontro, as núpcias poderiam ser celebradas no decorrer de alguns meses. Quando Clorinda terminou de ler, as lágrimas acumulando-se em seus olhos caíram gota após gota sobre o papel.

— Por que está chorando? — perguntou Giacomo. — Por que me aflige assim?

— Esta proposta nunca será aceita. Você pediu doze mil coroas em dote; meus pais não vão dar mais do que seis.

— E, no entanto — disse Giacomo —, eu coloquei uma quantia com a qual estou convencido de que meu pai nunca concordará; ele exigirá pelo menos vinte mil; mesmo que seus pais aceitem, terei que obter o consentimento dele; mas se orações e lágrimas puderem convencê-lo, não economizei nenhum.

O sino tocou para o jantar, a velha Eusta se levantou e Giacomo se retirou. Jantar! Que refinado banquete de confeitos o leitor imagina? Deixe-o ver, na verdade, um longo chão de tijolos, com mesas compridas e bancos também; as mesas cobertas com panos que um dia foram brancos; estoques de sal negro; garrafas de vinho azedo e pequenos pães amargos. Então veio a sopa, consistindo (pois era dia de jejum) de macarrão, água, óleo e queijo; e então alguns vegetais nadando no óleo; e para finalizar um prato de ovos fritos com alho, e a refeição de uma das moças mais nobres e encantadoras de Roma estava terminada. Clorinda Saviani era realmente bela, e todas as suas graciosas feições expressavam a *bisogna d'amare*^[88] governando seu coração. Ela tinha apenas dezoito anos e estava cinco anos neste convento, esperando seu pai encontrar um marido de origem nobre, que se contentasse com um dote pequeno. Durante este tempo ela formou diversos vínculos com vários jovens, que, sob diferentes pretextos, visitaram o convento. Ela havia escrito cartas, orado e derramado lágrimas, e depois, cedendo a dificuldades insuperáveis, mudou de ídolo, embora nunca tenha deixado de amar. O inglês exigente não deve ficar insatisfeito com esta imagem. É, talvez, apenas uma representação grosseira do que acontece em todos os salões de baile conosco. E se vai além; a natureza da religião católica, que esmaga a consciência inata dando uma falsa em seu lugar; o sistema de artifício e crueldade que subsiste em um convento; a máxima amplamente difundida na Itália, de que a desonra está ligada ao descoberto e não à falta oculta — tudo isso é a desculpa de que, com um coração terno e muito charme nativo, não havia nem constância no amor de Clorinda, nem dignidade em sua conduta.

Após a refeição, as amigas se retiraram para a cela de Clorinda; um

quarto pequeno, embora alto, com chão de tijolos, muito mal mobiliado, e nem limpo nem organizado. Um genuflexório com um crucifixo ficava ao lado da cama, junto com duas ou três gravuras (como as gravuras de nossos livros infantis) de santos, entre as quais São Giácomo aparecia com o rosto fresco e limpo; ao lado deles havia um receptáculo de vidro (semelhante a um recipiente de água de um pássaro) com água benta, não muito abençoada por estar há muito tempo parada; em um armário, com a porta entreaberta, em meio a livros corroídos e roupas femininas, pendia uma caixa de vidro com um menino Jesus de cera, e algumas flores, colhidas para esta santa dedicação e murchas por falta de luz, colocadas abaixo dele; algumas resedas, manjerição e heliotrópio, ervas daninhas crescidas, florescendo em um canteiro de madeira na janela; um espelho quebrado; um tinteiro de chumbo — tal era o budoar de Clorinda.

— Estou desesperada — ela exclamou —, não vejo fim para o meu sofrimento, apenas fugir.

— Isso arruinaria meu irmão.

— Como? Ele é de outro estado.

— E sua honra?

— Honra neste calabouço! Ah, deixe-me respirar o ar fresco do céu; deixe-me não ver mais esta cela de prisão; estes muros altos e todas as circunstâncias da minha vida neste convento, e não me importo com o resto.

— Mas como? Pode-se entrar no convento, mas sair é outra história.

— Tenho muitos planos: se esta proposta de seu irmão falhar, como vai, eu os revelarei a ele.

Uma irmã leiga entrou agora para perguntar às jovens se elas poderiam tomar café com a superiora. Elas a encontraram sozinha; uma velhinha baixinha, atarracada e cheirando rapé; ela estava de mau humor:

— Pelo corpo de Baco^[89]! — começou ela. — Vocês introduzem regras estranhas em São S—! — Este café está horrível — seu irmão, Teresina, está aqui todos os dias — detesto café sem rum — Clorinda o vê e, estão começando a falar. Quando ele vier amanhã, você deve recebê-lo sozinha e pedir que interrompa suas visitas.

As lágrimas de Clorinda se misturaram com o café.

— A velha bruxa! — ela disse quando se retiraram. — Ela está querendo um presente.

— E deve ter um; o que Giacomo deve trazer?

— Deixe-o trazer um pouco de rum. Você não viu as caretas que ela fez por causa do café? E mesmo assim ela é mesquinha demais para comprar.

Teresa despachou apressadamente um bilhete para Giacomo, para lhe informar da oferta necessária. Ele veio no dia seguinte bem equipado; pois o

criado de uma estalagem vizinha o acompanhava trazendo seis garrafas do que tinha o nome de Bomme. Teresa foi chamada e enviada para solicitar a presença da superiora. Ela veio; Giacomo tirou o chapéu:

— Signora — disse ele —, é inverno, e eu lhe trago um presente de inverno. Dar-me-ia o privilégio de aceitar este rum?

— Signor, você é muito cortês.

— A cortesia é sua, signora, ao me honrar recebendo meu presente. Espero que seja de seu agrado.

Ele abriu uma garrafa; Teresa correu para pegar uma taça; Giacomo a encheu, a superiora a esvaziou. Clorinda no mesmo momento entrou na sala. Ela começou com um ar natural, e depois de saudar Giacomo estava indo embora, mas ele a deteve, e todos se sentaram juntos, até a superiora ser chamada para distribuir pão para o jantar, e os três jovens permaneceram sozinhos.

As garotas se viraram para Giacomo com rostos investigativos; o dele era triste.

— Minha proposta não foi aceita. Seus pais responderam que já a propuseram a alguém e não podem romper o tratado.

— E assim serei sacrificada! — exclamou Clorinda, jogando seus lindos olhos para cima.

— Vai consentir? — disse Giacomo em tom de reprovação.

— Que meios eu tenho? Falei sobre fugir! — O semblante de Giacomo caiu. — E isso, embora difícil, não é impossível.

— Como?

— Ora, minha cela fica ao lado do da superiora. Ela gosta de doces; no próximo feriado farei alguns bolos para ela, cheios de açúcar e um pouco de ópio. Eu posso então roubar as chaves, fazer uma impressão em cera (tenho uma peça grande pronta), e você pode facilmente falsificá-las.

— Você envolveria meu irmão em um empreendimento perigoso — disse Teresa.

— Minha querida, querida Clorinda, minha doce amiga — disse Giacomo —, você é inocente aos jeitos do mundo. Eu sacrificaria minha vida por você; mas deste modo você perderia sua honra, eu seria preso e você enviada para algum convento sombrio nas montanhas, até ser forçada a se casar com algum grosseiro que a tornaria miserável pelo resto da vida.

— O que pode se fazer então? — perguntou Clorinda, desconsolada.

— Devemos pensar. Algo deve ser feito; seja fiel a mim, e recuse a oferta de seus pais, e eu não me desesperarei. Amanhã partirei para Sienna para ver meu pai.

Giacomo era amigo de um jovem artista inglês que morava em Roma, e

deixou os cuidados de seu amor nas mãos deste senhor, enquanto ele, em uma curta jornada, e com o coração pesado, seguia para Siena. O dia seguinte trouxe uma carta de cinco páginas, em caligrafia quase ilegível, para ser entregue a Clorinda. Nosso inglês estava há um ano em Roma, mas nunca tinha ido a um convento. Ao passar pelo edifício semelhante a uma prisão de São S—, e medir com os olhos as altas paredes de seu jardim, ele o povoou com freiras de todas as idades, estados e disposições; as solenes e recatadas, as ambiciosas, as fanáticas, e aquelas que, arrependendo-se de seus votos, molhavam seus colchões com suas lágrimas da meia-noite, e então, prostradas no mármore úmido diante do crucifixo, rogavam a Deus que as perdoasse por serem humanas. E então pensou nas noviças, temerosas como noivas, mas não tão esperançosas; e nas internas sonhando com o mundo lá fora, como nós sonhamos com o paraíso além do túmulo. Imaginou corredores ecoantes, janelas pintadas, a grade impenetrável, o claustro religioso e o jardim, o mais imaculado dos abrigos, com caminhos gramados, árvores majestosas e formas cujo véu esvoaçava sob sua sombra.

Bem, pensou ele, agora já estou nisso; e se eu não perder meu coração, ao menos terei algumas dicas excelentes para meu retrato da Vocação de Eloisa. Ele atravessou o saguão externo, tocou a campainha e a velha porteira cambaleante veio até a porta. Ele chamou pela “Signora Teresa de’ Tolomei”. Foi conduzido à sala de estar — uma sala abobadada, o piso de tijolos, os móveis medíocres, sem fogo ou chaminé, embora o vento frio do leste cobrisse o chão com geada. Em poucos minutos as duas amigas entraram na sala, seguidas por Eusta, que, em vez de tricotar, trazia um braseiro cheio de cinzas de madeira, sobre o qual segurava as mãos mirradas e o nariz azul, queimado pela neve. As moças ficaram um tanto assustadas ao ver o estranho, que se adiantou, e anunciando-se como Signor Marcott Alleyn, um velho amigo do irmão de Teresa, entregou um pacotinho, junto com um bilhete que pedia à irmã implícita confiança no inglês.

A conversa logo ficou animada. Nenhuma timidez impedia Clorinda de falar com eloquência de sua paixão, sobretudo quando observava o profundo interesse que seu relato despertava. Alleyn era um homem de maneiras infinitamente agradáveis; ele tinha um tom de voz suave e olhos expressivos. As senhoras italianas não estão acostumadas ao processo de cortejo dos ingleses; pois nesse país ou se faz amor puro, ou se conserva a mais longínqua frieza entre os sexos. Alleyn, por sua vez, logo se simpatizou com a situação. Soube que Clorinda estava presa naquele convento há cinco anos; viu o jardim desolado, sentiu o frio cortante, que não se poderia aliviar por nada, exceto panelas ao fogo; deu uma olhada nos corredores vazios e nas celas esquálidas, e viu na vítima uma elegância de maneiras e uma sensibilidade delicada que não

combinava com tais privações sombrias. Diversas visitas seguiram e Alleyn tornou-se um favorito no convento. Ele tinha somente dezessete anos; era muito espirituoso, porém; divertia as amigas, trazia rum e confeitaria de presente às freiras, beijava algumas das menos feias, fazia jogos disfarçados com a superiora, e estabeleceu-se com maior liberdade no convento em uma semana do que Giacomo havia feito em um ano. No começo ele simpatizava com Clorinda, agora passou a fazer mais — ele a divertia. Se ela chorava pela ausência de Giacomo, ele a fazia rir contando alguma história para alegrá-la. Se ela reclamava da tirania mesquinha das freiras, ele tramava uma vingança divertida, que ela executava. Ele introduziu um sistema de piadas e embustes ingleses, com o qual os pobres italianos ficaram perfeitamente horrorizados e do qual nenhuma experiência os impediu de se tornarem vítimas; tão completamente incapazes de compreender o significado de tais maquinações; e então, quando suas vozes ressoaram altas através das passagens em arco com admiração e raiva, eram apaziguadas por palavras suaves e presentes oportunos.

Mas este bom tempo não poderia durar para sempre. Clorinda estava, a princípio, mais feliz e alegre do que nunca. Em vão se esforçava para lamentar a ausência de seu amado. Alleyn impediu todas as emoções, exceto a alegria, de encontrar um lugar em seu coração. Ela ansiava pela hora de sua visita, e a animação despertada por ele deixava seus rastros pelo resto do dia. Seu caminhar passou a ser leve; não sentia mais o frio desolador de sua cela, pois havia sido adornada com caricaturas da superiora e das freiras; a tirania delas estava adormecida ou fora vingada, e Giacomo foi, infelizmente, esquecido. Suas cartas cheias de confissões de amor perderam o fogo, e escrevê-las tornou-se uma tarefa incômoda; seus suspiros tornaram-se sorrisos — de repente, porém, desapareceram novamente, e Clorinda ficou mais pensativa e triste do que nunca. Evitava Teresa e passava a maior parte do tempo em passeios solitários para cima e para baixo pelos caminhos retos do jardim. Ficava mal-humorada se Alleyn não aparecesse; quando ele era anunciado, corava, ficava calada em sua presença e, se alguma de suas investidas provocasse seu riso, era rapidamente apagado por suas lágrimas. Suas orações até perderam o calor costumeiro; Alleyn não tinha santo padroeiro; nenhum Marcott jamais foi homenageado com canonização, nem nenhum dos ossos encontrados nas catacumbas foi batizado com esse nome transalpino. “Céus, isso é maroteira disfarçada; significa infortúnio.^[90]” — o breve infortúnio da inconstância, do novo amor e de todos os males decorrentes de tal mudança. Alleyn não suspeitou dessa virada na maré, até que, deixados sozinhos uma certa manhã, algumas pequenas atenções de sua parte pintaram as bochechas da garota de rubor; a confissão não tardou, ouviu com um misto de surpresa e deleite e, um beijo selou a infidelidade ao ausente Giacomo no momento em que Teresa e

Eusta entraram.

Alleyn tinha somente dezessete anos. Nessa idade, os homens veem as mulheres como Édens vivos, sem jamais ousar imaginar que possam desfrutar; amam e não sonham em ser amados; eles buscam, e em suas fantasias mais delirantes não se imaginam como buscados: por isso não é de admirar que o coração de Alleyn batesse de exultação, que seus passos fossem leves e seus olhos cintilassem ao deixar o convento naquele dia. Suas visitas eram agora mais frequentes; Teresa estava confinada ao seu quarto por doença, e os apaixonados (embora esse nome sagrado seja profanado por tal aplicação) foram deixados sem vigia. Os pensamentos de Clorinda se voltavam inteiramente para a fuga, e Alleyn os fomentava descuidadamente, até que um dia ela disse:

— Se eu deixar o convento esta noite, você estará fora dos muros para me receber?

— Minha doce Clorinda, você está falando sério?

— Ah! Não, eu não posso. Mas em algumas noites acho que poderei executar meu plano. Veja, aqui está a cera com a impressão das chaves do convento; você manda fazer outras a partir do molde. As irmãs dormirão bem naquela noite, e antes do amanhecer estaremos longe em nossa jornada em direção ao seu feliz país. Não tema; meu disfarce está pronto — tudo dará certo.

“O diabo que vai!”, pensou Alleyn, ao sair de São S—, e colocando cuidadosamente a impressão de cera que recebera contra um muro ensolarado, caminhou pelo Corso, “e que o diabo me leve se eu entrar outra vez por aquela porta! Semeei uma bela safra, mas não sou louco o suficiente para colhê-la; e, como quer o destino, aqui está Tolomei de volta para me tributar por minhas falsas ações. Desejo que todos os conventos e mulheres...”

Tolomei agora o abordou. Caminharam juntos em direção ao Coliseu, falando de assuntos mundanos. Subiram até a parte mais alta da ruína e então, sentados em meio a arbustos frondosos, violetas perfumadas e flores de cheirantus, olhando para as vias desertas e o violado Fórum de Roma, Giacomo perguntou:

— Quais as notícias de Clorinda?

Alleyn desejou ser enforcado e, com um olhar que quase indicava que seu desejo estava prestes a ser realizado, respondeu brevemente às perguntas de seu amigo, e então começou ele mesmo um assunto, para escapar de seus intensos olhares — mais dolorosos do que suas palavras. As esperanças de Giacomo estavam quase mortas. Seu pai fora inexorável; e ele soubera, além disso, que a pessoa escolhida como marido pelos pais de Clorinda havia chegado a Roma, e esse fato concluiu sua tristeza. Derramou muitas lágrimas durante o relato e

terminou declarando que se Clorinda fora fiel e ainda estivesse apaixonada, o impedimento o levaria a uma medida desesperada. Eles se separaram por fim, após combinarem ir juntos para São S— no dia seguinte.

Alleyn quebrou este acordo. Ele enviou uma desculpa para Giacomo, que foi sozinho. À noite, recebeu um bilhete de Clorinda. Ela lamentou sua ausência; declarou sua total aversão por Giacomo; afligiu-se por seu duro destino e, após informar que passaria o dia seguinte com seus pais, rogou ele que a visitasse no próximo. Alleyn passou o tempo intermediário em Tivoli, para evitar o amigo prejudicado, e na hora marcada foi ao convento. Teresa e Clorinda apareceram juntas; ambas pareciam perturbadas e zangadas; quando Alleyn apareceu, Teresa se levantou e, lançando um olhar desdenhoso ao par, saiu da sala. Clorinda desatou a chorar.

— Oh, meu querido amigo! — ela exclamou — Passei por cenas de partir o coração desde a última vez que o vi. Essa cruel Teresa não para de me repreender, e os olhares repletos de dor de Giacomo foram uma censura ainda maior. No entanto, sou inocente. Este coração escapou do meu controle; suas sensações avassaladoras desafiam todos os esforços da minha razão, eu amo apaixonadamente, sem esperança, quase sem retorno — e nem isso é tudo. — Ela então relatou sua visita do dia anterior, e como fora apresentada à pessoa a quem seus pais escolheram para ela. — Primeiramente — ela continuou —, eu não sabia que ele viria a pé, e o vi com indiferença. Logo minha mãe me chamou de lado; ela começou com uma torrente de reprovações; me disse que todos os meus artifícios foram descobertos, e então me mostrou uma carta minha para Giacomo que havia sido interceptada por aquele monstro astuto, a superiora, e concluiu dizendo que eu deveria concordar imediatamente em me casar com quem me apresentaram.

“‘Não que você será forçada’, disse ela; ‘cuidado, portanto, em espalhar essa informação; mas sua conduta exige as medidas mais fortes. Se recusar este casamento, que em todos os aspectos lhe convém, será enviada a um convento de freiras cartuxas em Benevento, onde, se não tomar o véu, será rigorosamente vigiada, e os seus planos, cartas, e pretendentes serão inúteis.’

“Sem me dar oportunidade de responder, essa mãe cruel me levou de volta à sala de visitas; esse homem, cujo nome é Romani, aproximou-se de mim e logo aproveitou a oportunidade para perguntar se eu concordava com o arranjo de meus pais. O que eu poderia dizer? Eu dei um consentimento indelicado e eles consideram o assunto resolvido. Sua propriedade fica perto de Spoleto, e ele foi se preparar para minha recepção. O destino está sendo escrito; em breve virá o tempo em que mudarei minha gaiola e serei infeliz pelo resto da vida. Apenas você, Alleyn, você, generoso e corajoso inglês, pode me ajudar; leve-me daqui; leve-me para a liberdade e para o amor, e não me

deixe ser sacrificada a este esposo cuja pessoa mal conheço e cuja ideia enche o meu coração de desespero.”

Alleyn respondeu como pôde, com expressões de verdadeira tristeza, mas de pequeno consolo, e o implacável sino do jantar tocou e os separou no momento em que ele concluiu sua resposta.

Naquela mesma noite, Alleyn recebeu um bilhete de Clorinda:

Meu horror a este casamento aumenta em proporção à medida que o período de sua consumação se aproxima. Soube hoje que meus pais já deram o dinheiro do meu enxoval para Romani, ele vai gastar em joias e vestidos para mim, e assim meu destino está quase selado. Serei banida de Roma e de meus amigos, viverei com um estranho — sem dúvidas serei miserável. Giacomo é melhor que isso. Mas como uma união com ele é impossível, e você se recusa a vir a minha ajuda, e a libertar aquela a quem você diz amar, ouça o meu plano; alguns anos atrás eu fui abordada por um pretendente, que naquele momento ganhou meu coração, e que eu ainda penso com ternura. A pequenez do meu dote fez com que o pai dele rompesse o tratado; este pai agora está morto. Vá a este cavalheiro e descubra se ele ainda me ama. Casada com ele, eu estarei unida a alguém cujos méritos eu conheço, viveria em Roma, e haveria algum alívio para o meu destino cruel. Pelo menos venha amanhã ao convento, e tente consolar sua pobre amiga.

Alleyn, como pode facilmente se supor, não fez a visita ao antigo pretendente de Clorinda. Talvez ela esperasse isso; pois na mesma noite, escreveu para ele. Sua carta foi longa e eloquente. Suas expressões pareciam vir do excesso de sentimentos de um coração exaltado e afetuoso. Ela se referiu a Alleyn como um amigo comum, e pediu rapidez em todas as medidas a serem realizadas. Esta carta foi interceptada e levada aos seus pais. No dia seguinte, Alleyn recebeu um bilhete desesperador, pedindo-lhe para não tentar ir ao convento

Ela escreveu:

Ai de mim! Como sou completamente infeliz! Que destino! Eu soffro e sou a causa de mil tristezas para os outros. Oh, Céus! Seria melhor que estivesse morta; só assim deixaria de lamentar, ou, pelo menos, causar infelicidade aos demais. Agora sou odiada pelos outros, e até mesmo por mim mesma — ah, meu amigo incomparável! Anjo do meu coração! Posso ser a causa da tristeza até mesmo para você? Encontre Giacomo, meu amado amigo; diga-lhe o quão profundamente tenho pena dele, mas aconselhe-o em meu nome a desistir de toda perseguição. Ele deve permitir que eu obedeça aos

meus pais, e eles nunca consentirão. Meu único objetivo agora é escapar desta prisão.

Outra e mais outra carta chegaram; e ela implorava fervorosamente para ele não ir ao convento. Assim se passou quase um mês, quando uma manhã bem cedo Alleyn foi surpreendido pela visita da superiora do convento de São S—. A velha parecia muito séria. Ela bebeu o rosólio que ele a ofereceu, cheirou tabaco e soltou a taramela. Falou do problema que tivera com a pobre Clorinda; criticou Giacomo; e durante o longo discurso elogiou sua própria sagacidade, o terno afeto dos pais de Clorinda e contou como ela sempre se opôs à entrada de jovens no convento e sua livre comunicação com Clorinda, exceto a dele; sua polidez e integridade a fizeram afrouxar sua disciplina; e concluiu convidando-o a visitar o convento sempre que lhe fosse conveniente. Ela então se despediu.

Alleyn ficou muito perturbado. Ele não tinha a intenção de ir até São S—; sabia que não deveria ver Clorinda novamente. Ele resolveu não sair, e ficou pensando em sua beleza, amor e maneiras fáceis, até que resolveu ir para uma caminhada, a fim de se livrar de tais pensamentos. Ele seguiu para baixo do Corso, e sem se dar conta, se viu diante da porta do convento de São S—. Ele parou, recomeçou o passo e entrou no salão exterior — sua mão estava prestes a tocar o sino quando a porta se abriu e Giacomo saiu. Vendo Alleyn, ele se jogou em seus braços, derramando uma torrente de lágrimas. Este exórdio assustou nosso inglês; a conclusão logo foi dita: Clorinda havia se casado com Romani no dia anterior e, na mesma noite, havia deixado Roma por Spoleto.

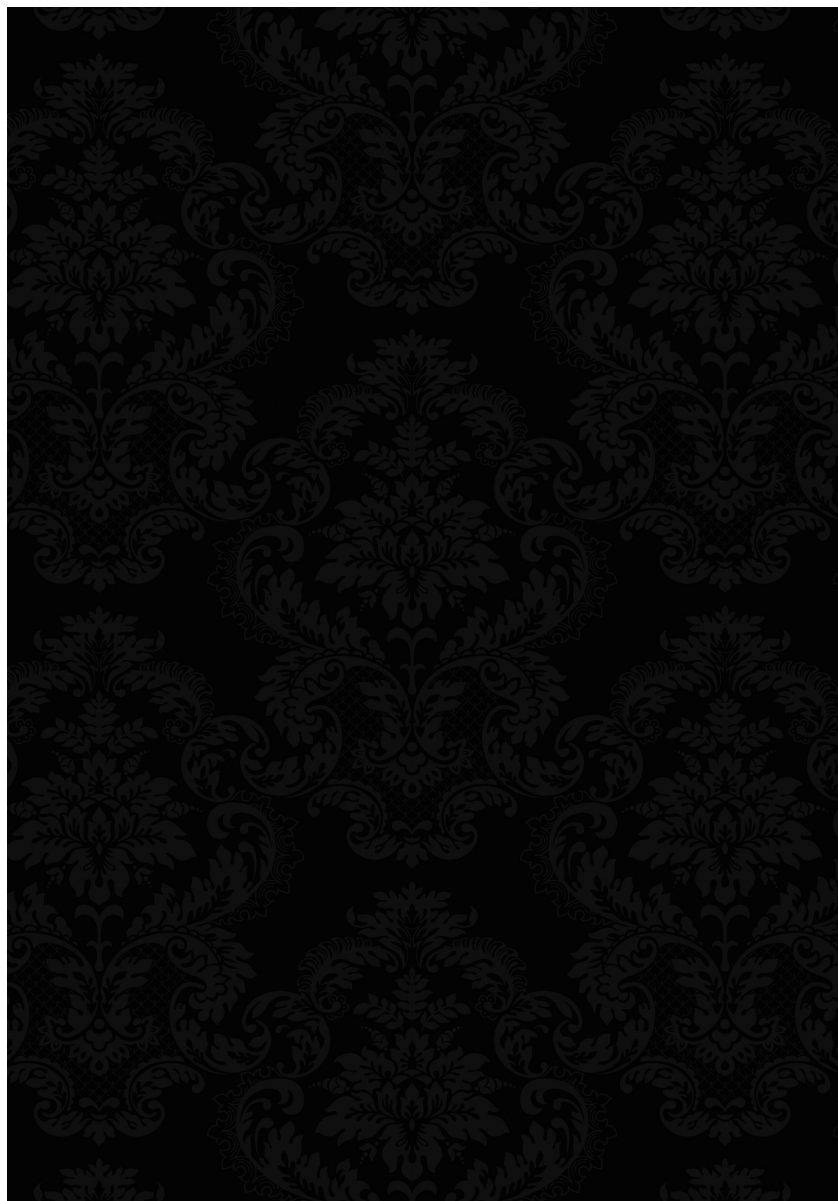
Esta notícia deixou Alleyn sóbrio de uma vez; ele estremeceu quase ao pensar na loucura que estava disposto a cometer, sentindo-se como alguém detido por uma mão amiga quando estava prestes a colocar o pé além da beira de um abismo. Eles se distanciaram da porta do convento.

— Mas — disse Alleyn enquanto caminhava — você tem certeza que isso é verdade? A superiora me fez uma visita ontem e me convidou para ir até São S—. Por que ela faria isso se Clorinda se foi? Eu quase quero ir até lá e entender esse mistério.

— Sim, fique à vontade — respondeu Giacomo amargamente. — Você será bem-vindo; encha seus bolsos com ameixas; encha a velha com rosólio e beije as gentis freiras, a mais jovem das quais carrega o peso de sessenta anos sob a dobra da testa. Elas sentem falta de seu bom ânimo, e quem sabe, agora que Clorinda se foi, que outras redes elas podem tecer para garantir um prêmio tão valioso. É verdade que você é um inglês e um herege; palavras que, interpretadas em toscano, significam um pródiogo incansável, e um, perdoe-me,

cuja consciência não será mais pesada em violar o santuário do que em comer carne às sextas-feiras. Vá, por todos os meios, e faça o melhor de seu sucesso entre estas huris.

— Isso é o mesmo que dizer “pegue uma carruagem para Spoleto”, amigo Giacomo. E, no entanto, não farei nenhum dos dois — é tudo vaidade e opressão de espírito. Vou é pintar minha Confissão de Eloisa.



SOBRE FANTASMAS

Título original: On Ghosts
Publicado na London Magazine, em 1824.

I look for ghosts; but none will force
Their way to me: 'tis falsely said
That there was ever intercourse
Between the living and the dead;
— Wordsworth^[91]

Como é diferente a terra a qual habitamos em comparação àquela onde nossos antepassados viviam! O mundo antediluviano, invadido por mamutes, assolado pelo megatherion^[92] e povoado pela descendência dos Filhos de Deus, é um tipo melhor da terra de Homero, Heródoto e Platão^[93], do que os campos de milho cercados e as colinas medidas dos dias atuais. O globo era então envolto por um muro que barrava os corpos dos homens, enquanto seus pensamentos plumados alçavam voo acima da fronteira; havia um limiar, e no profundo abismo sobre o qual era suspensa, a imaginação do homem, com asas de águia, mergulhava e voava, trazendo estranhas histórias para seus crédulos ouvintes. Vastas cavernas abrigavam gigantes; pássaros como nuvens lançam suas sombras sobre as planícies; enquanto em oceanos longínquos jaziam as ilhas da perfeita felicidade, o belo paraíso de Atlântida ou El Dorado cintilando com incontáveis joias. Onde estão agora? As Ilhas Afortunadas^[94] perderam a glória que a cercava como um halo; pois quem se considera mais próximo da idade de ouro, apenas por tocar nas Canárias em sua viagem à Índia? Nosso único enigma é a cheia do Rio Níger; o interior da Nova Holanda^[95], nossa única terra desconhecida; e nosso único mar desconhecido, a passagem noroeste. Mas essas são maravilhas domadas, leões na coleira; não investimos Mungo Park^[96], ou o capitão do Hecla^[97], de atributos divinos; ninguém imagina que as águas do rio desconhecido borbulham das fontes do inferno, nenhum poder estranho e insólito guia o icebergue, nem fabulamos que um batedor de carteiras perdido de Botany Bay^[98] encontrou os jardins das Hespérides^[99] dentro do circuito das Montanhas Azuis^[100]. O que nos resta para sonhar? As nuvens não são mais os servos do sol deslizando em suas carruagens, nem mais o astro dourado banha sua testa brilhante na bacia de

Tétis^[101]; o arco-íris deixou de ser o mensageiro dos deuses, e os trovões não são mais suas terríveis vozes, advertindo o homem do que está por vir. Temos um sol que foi pesado e medido, mas não compreendido; temos a assembleia dos planetas, a congregação das estrelas, e o ainda desalgemado ministério dos ventos — tal é a lista de nossa ignorância.

Tampouco o império da imaginação é menos limitado em suas próprias criações do que naquelas concedidas pelos pobres olhos cegos de nossos ancestrais. Qual foi o destino das feiticeiras com seus palácios de cristal e calabouços de escuridão palpável? E as fadas com suas varinhas? E as bruxas e seus animais de estimação? E, por fim, o que dizer dos fantasmas, com mãos nos chamando e formas fugazes, que aplacaram o bravo coração do soldado e fizeram o assassino revelar ao meio-dia atônito a obra velada da meia-noite? Estas eram realidades para nossos antepassados, em nossa era mais sábia:

Sem caráter são esmigalhados;

Ao poeirento nada^[102].

Mas é verdade que não acreditamos em fantasmas? Costumavam-se repetir várias histórias tradicionais, com suas autoridades, espantosas o suficiente para as enviarmos àquele lugar onde fica tudo o que “é como se nunca tivesse existido”. Mas estas estão fora de moda. O sonho de Brutus^[103] tornou-se um engano de seu cérebro superaquecido, a visão de Lord Lyttleton^[104] é chamada de trapaça; e um por um esses habitantes de casas desertas, clareiras ao luar, cumes de montanhas enevoadas e cemitérios à meia-noite, foram expulsos de seus tronos imemorais, e se sente pouca emoção quando a realeza morta da Dinamarca, com a face empalidecida, perturba a razão de seu filho filosófico^[105].

Mas nenhum de nós acredita em fantasmas? Se essa pergunta for lida ao meio-dia, quando:

Cada canto, vão, e brecha,

Penetra a luz insolente^[106]

Em tal momento o escárnio está assentado nas feições do meu leitor. Mas deixe que seja meia-noite em uma casa solitária; pegue, eu lhe suplico, a história da freira ensanguentada^[107]; ou da estátua^[108], à qual o noivo deu o anel de casamento, e ela veio na calada da noite para reivindicá-lo, alta e fria; ou do avô, que com forma sombria e lábios ofegantes reclinou-se sobre o sofá e beijou a testa de seus netos adormecidos, e assim os condenou à morte predestinada; e deixe que a solidão auxilie todos esses detalhes, também cortinas esvoaçantes, vento impetuoso, uma passagem longa e escura, uma porta entreaberta — oh, então, verdadeiramente, pode-se dar outra resposta, e muitos pedirão para responder no dia seguinte, antes de decidirem se existe algo no mundo como um fantasma, ou fora do mundo, se essa fraseologia for

mais espiritual. Qual é o significado desse sentimento?

Da minha parte, eu nunca vi nenhum fantasma a não ser uma vez em um sonho. Eu o temi durante o sono; acordei tremendo, e mesmo luzes acesas ou a voz de outras pessoas pouco dissiparam meu medo. Alguns anos atrás eu perdi um amigo e, alguns meses depois visitei a casa onde o havia visto pela última vez. Estava deserta e, apesar de ser localizada em meio a cidade, seus amplos corredores e cômodos espaçosos davam a impressão de solidão, como se ficasse em uma gândara desabitada. Caminhei pelos quartos vazios ao crepúsculo, e ninguém, exceto eu, despertou os ecos de seu pavimento. As montanhas ao longe (visíveis das janelas dos andares superiores) haviam perdido seu tom de pôr do sol; a atmosfera tranquila tornou-se metálica à medida que as estrelas douradas apareciam no firmamento; nenhum vento agitava o rio, agora diminuído pela seca, arrastando-se preguiçosamente pelo canal mais fundo de seu largo leito vazio; as badaladas da Ave-Maria haviam cessado, e o sino pendia imóvel no campanário aberto: a beleza vestia um mundo em repouso, e a admiração inspirava-se apenas na beleza. Caminhei pelas salas com o peito cheio de sensações da mais aguda dor. Ele estivera lá; sua estrutura viva havia sido enjaulada por aquelas paredes, seu hálito havia se misturado com aquela atmosfera, seus passos estiveram sobre aquelas pedras, pensei: “a terra é um túmulo, o céu festivo um mausoléu, nós apenas cadáveres ambulantes”. O vento aumentando do leste soprava pelas janelas abertas, fazendo-as sacudir; pensei, ouvi, senti — não sei o que — mas tremi. Para tê-lo visto apenas por um momento, eu teria me ajoelhado até que as pedras estivessem desgastadas pela impressão dos meus joelhos, assim disse a mim mesma, e assim soube um momento depois, mas naquele momento tremi, apavorada e com medo. Por quê? Há algo além de nós que ignoramos. O sol elevando o ar vaporoso cria um vazio, e o vento corre para preenchê-lo — deste modo, além do alcance de nossa alma, há um espaço vazio; e nossas esperanças e medos, em ventos suaves ou tornados terríveis, ocupam o vácuo; e se não faz mais nada, confere ao coração sensível a crença de que existem influências para nos vigiar e guardar, embora imperceptíveis para as faculdades mais grosseiras.

Ouvi dizer que quando perguntaram a Coleridge^[109] se ele acreditava em fantasmas — respondeu que tinha visto muitos deles para confiar em sua veracidade; e a pessoa de imaginação mais viva que eu já conheci ecoou essa resposta. Mas estes não eram fantasmas reais (perdão, incrédulos, meu modo de falar); eram sombras, fantasmas irreais; e embora aterrorizassem os sentidos, não levavam outro sentimento à mente senão dissimulação, e eram vistos como uma ilusão de óptica, algo verdadeiro a nossos olhos e mesmo assim, com nosso entendimento, sabemos que é falso. Falo de outras formas. A noiva

que retorna, reivindicando a fidelidade de seu noivo; o homem assassinado que sacode o coração do assassino até o remorso; fantasmas que levantam as cortinas ao pé da sua cama quando o relógio bate uma da manhã; que se erguem pálidos e medonhos do adro da igreja e assombram suas antigas moradas; que, ao serem dirigidos a palavra, respondem; e cujo toque frio e sobrenatural faz o cabelo arrepiar; o verdadeiro fantasma antiquado, profético, esvoaçante e deslizante, quem já viu um desses?

Conheci duas pessoas que em plena luz do dia admitiram acreditar em fantasmas, pois viram um. Um deles era inglês e o outro italiano. O primeiro havia perdido uma amiga querida, que por algum tempo apareceu para ele todas as noites, acariciando suavemente sua bochecha e espalhando uma serena calma sobre sua mente. Ele não temia a aparição, embora ficasse um pouco impressionado, pois todas as noites ela deslizava em seu quarto e,

Ponsi del letto insula sponda manca^[110].

(Colocava-se ao lado esquerdo da cama.)

Essas visitas continuaram por várias semanas, quando por alguma casualidade ele alterou sua residência e não mais a viu. Tal história pode ser facilmente explicada, mas vários anos se passaram e ele, um homem de intelecto forte e viril, disse que “tinha visto um fantasma”^[111].

O italiano era um nobre, um soldado, e de modo algum supersticioso: servira nos exércitos de Napoleão desde a juventude e esteve na Rússia, lutou e sangrou, e foi recompensado, e sem hesitar e com profundo alívio, contou sua história.

Este chevalier, um jovem e (de certa forma, uma ocorrência milagrosa) galante italiano, se envolveu em um duelo com um outro soldado e o feriu no braço. O assunto do duelo era frívolo; e aflito, portanto, com suas consequências, ele cuidou do jovem adversário durante sua consequente doença, de modo que, quando este se recuperou, tornaram-se amigos verdadeiros e queridos. Eles foram alojados juntos em Milão, onde o jovem se apaixonou desesperadamente pela esposa de um músico, que desdenhou de sua paixão, e isso abateu seu ânimo e sua saúde. Ele se ausentou de todas as diversões, evitava seus colegas oficiais, e seu único consolo era despejar seus lamentos apaixonados no ouvido do chevalier, que se esforçou em vão para tirar de sua mente a bela desdenhosa, ou aconselhar lições de coragem e heroísmo. Como último recurso, implorou para que ele pedisse licença; e buscasse, seja na mudança de cenário, ou na diversão da caça, alguma distração para sua paixão. Uma noite, o jovem veio ao chevalier e disse:

— Bem, eu pedi licença, e devo tê-la amanhã cedo, então me empreste sua arma e cartuchos de chumbo, pois vou caçar por quinze dias.

O chevalier deu a ele o que pediu; entre os cartuchos havia algumas

balas.

— Vou levá-las também — disse o jovem — para me proteger contra o ataque de algum lobo, pois quero me enterrar na floresta.

Embora eu tivesse dado o que ele pediu, o jovem ainda ficou ali. Falou da crueldade de sua dama, lamentou como ela nem sequer lhe permitia um encontro desiludido, e que o baniu inexoravelmente de sua vista.

— De modo que — disse ele — não tenho esperança senão no esquecimento. — Por fim, levantou-se para partir. Ele pegou a mão do chevalier e disse: — Você a verá amanhã, falará com ela e a ouvirá; diga a ela, eu lhe suplico, que nossa conversa esta noite foi sobre ela, e que seu nome foi o último que saiu de meus lábios.

— Sim, sim — exclamou o chevalier —, direi qualquer coisa que queira; mas não deve mais falar dela, deve esquecê-la.

O jovem abraçou o amigo calorosamente, mas este não viu nada mais do que os efeitos de sua afeição, junto da melancolia de se ausentar de sua amada, cujo nome, unido a um adeus terno, foi o último som que ele pronunciou.

Quando o chevalier estava de guarda naquela noite, ele ouviu o som de uma arma. Ficou a princípio perturbado e agitado, mas depois não pensou mais nisso e, quando aliviado do turno, foi para a cama, embora tenha passado uma noite inquieta e sem dormir. No início da manhã, alguém bateu à sua porta. Era um soldado, que disse ter a licença do jovem oficial e tê-la levado até sua casa; um criado o deixou entrar e ele subiu as escadas, a porta do quarto estava trancada e ninguém respondeu à sua batida, mas algo parecido com sangue escorria por debaixo da porta. O chevalier, agitado e assustado com este relato, correu para a casa do seu amigo, arrombou a porta e o encontrou estendido no chão — ele havia estourado os miolos, e o corpo jazia sem cabeça, frio e rígido.

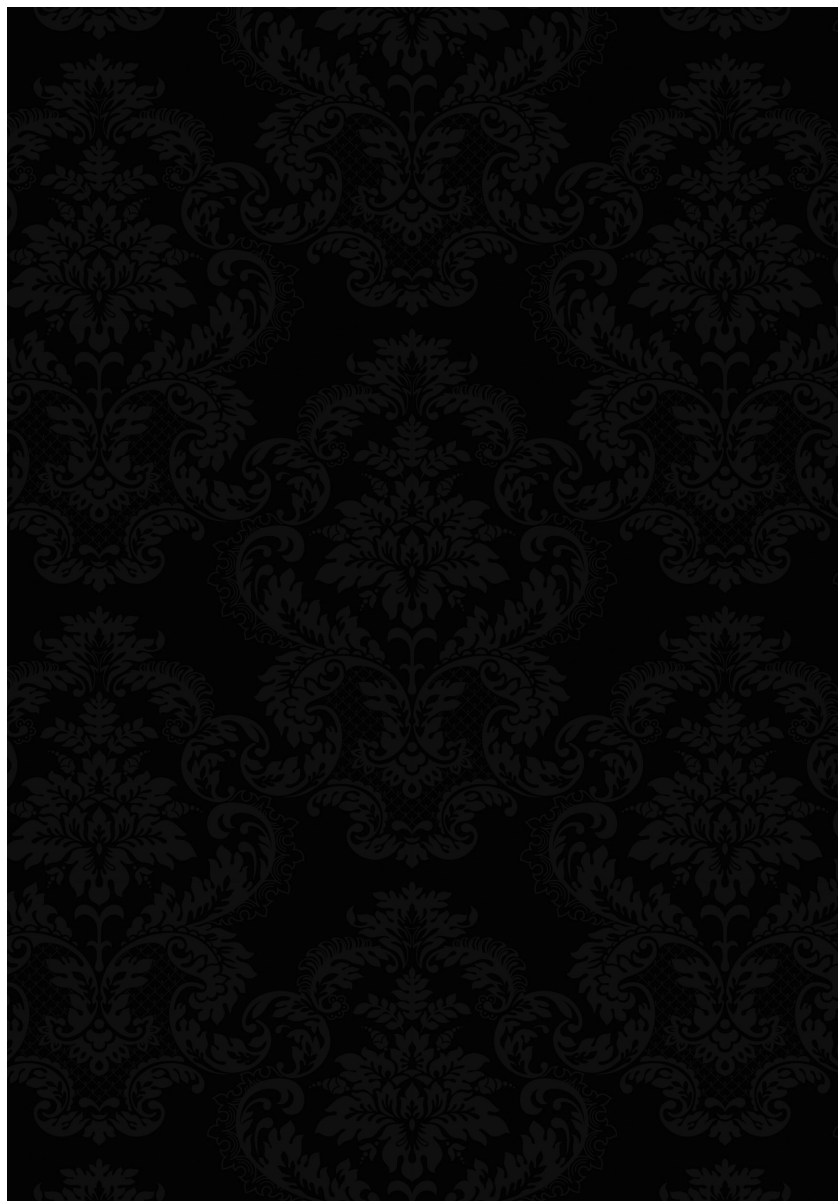
O choque e a dor que o chevalier sentiu devido a esta catástrofe produziu uma febre que durou alguns dias. Quando se recuperou, obteve licença e foi para o campo tentar distrair a mente. No final de um dia, ao luar, ele voltava para casa de uma caminhada e passou por uma ruela com uma cerca viva dos dois lados, tão alta que não conseguia ver por cima. A noite estava agradável; os arbustos brilhavam com vaga-lumes, mais cintilantes do que as estrelas veladas pela lua com sua luz prateada. De repente, ele ouviu um farfalhar próximo e a imagem de seu amigo saiu da folhagem e parou diante dele, mutilado como o vira após sua morte. Ele viu essa figura várias vezes, sempre no mesmo lugar. Era impalpável ao toque, imóvel, exceto quando avançava, e não fazia nenhum gesto quando o outro lhe dirigia a palavra. Certa vez, o chevalier levou um amigo até o local. Ouviu-se o mesmo murmúrio, a mesma sombra surgiu, seu companheiro fugiu horrorizado, mas o chevalier

permaneceu quieto, tentando em vão descobrir o que chamou seu amigo da tumba silenciosa, e se algum ato seu poderia dar repouso ao vulto inquieto^[112].

Essas são minhas duas histórias, e eu as registro com boa vontade, pois ocorreram a homens e a indivíduos distintos, um pela coragem, e outro pela sagacidade. Concluirei meus “exemplos modernos”, com uma história contada por M. G. Lewis^[113], provavelmente não tão autêntica quanto essas, mas talvez mais divertida. Eu a relato o mais próximo possível de suas palavras:

“Um cavaleiro viajando em direção à casa de um amigo, que morava às margens de uma extensa floresta, no leste da Alemanha, se perdeu. Ele vagou por algum tempo entre as árvores, quando viu uma luz ao longe. Aproximando-se, ficou surpreso ao perceber que vinha do interior de um mosteiro em ruínas. Antes de bater à porta, achou por bem olhar pela janela. Ele viu um grande número de gatos reunidos em volta de uma pequena sepultura, e quatro deles, naquele momento, abaixavam um caixão com uma coroa em cima. O cavaleiro se assustou com essa visão estranha e, imaginando que havia chegado ao refúgio de demônios ou bruxas, montou em seu cavalo e partiu a toda velocidade. Chegou tarde da noite à casa do amigo, que estava acordado à sua espera. Ao chegar, o outro o questionou sobre a causa da visível agitação em seu rosto. Após muito hesitar, ele começou o relato de sua aventura, sabendo que era quase impossível que seu amigo acreditasse nele. Assim que mencionou o caixão com a coroa em cima, o gato do seu amigo, que parecia estar dormindo diante do fogo, saltou, gritando:

“‘Então eu sou o rei dos gatos!’ E subiu pela chaminé, sem nunca mais ser visto.”



ROGER DODSWORTH, O INGLÊS REANIMADO

Título original: Roger Dodsworth: The Reanimated Englishman
Escrito e enviado para a New Monthly Magazine em 1826, publicado em 1863 nas
“reminiscências” de Cyrus Reading (editora da mesma revista), com autoria da “sra.
Shelley”^[114].

Pode-se lembrar que no quatro de julho passado, um parágrafo apareceu nos jornais noticiando que o dr. Hotham, de Northumberland, voltando da Itália, pelo Monte São Gotardo, uns tantos anos atrás, havia escavado sob uma avalanche, nos arredores da montanha, um ser humano cuja animação havia sido suspensa pela ação da neve. Após a aplicação dos remédios usuais, o paciente foi ressuscitado e descobriu-se que era o sr. Dodsworth, filho do antiquário Dodsworth, que morreu no reinado de Charles I^[115]. Ele tinha trinta e sete anos na época de sua inumação, ocorrida quando voltava da Itália, em 1654. Acrescentou-se que, quando suficientemente recuperado, retornaria à Inglaterra, sob a proteção de seu preservador^[116]. Desde então, não ouvimos mais falar dele, e vários planos para o benefício público, que começaram nas mentes filantrópicas ao ler a declaração, já voltaram ao seu nada anterior. A sociedade de antiquários havia procurado diversos votos por medalhas e já começava, em ideia, a considerar os preços que poderia oferecer pelas roupas velhas do sr. Dodsworth, e conjecturar quais tesouros, na forma de panfletos, velhas canções, ou cartas autografadas, pudessem conter em seus bolsos. Poemas de todos os cantos, de todos os tipos, elegíacos, congratulatórios, burlescos e alegóricos, estavam meio escritos. Sr. Godwin^[117] deixara de lado a história da Comunidade Britânica, recentemente começada, devido a uma informação tão original. É difícil não somente que o mundo resista a esses presentes destinados aos talentos do país, mas também que prometam e depois nos privem de um novo assunto de maravilha romântica e interesse científico. A ideia de uma novela vale muito na rotina cotidiana da vida, mas um novo fato, um assombro, um milagre, um desvio palpável do curso natural das coisas para aparentes impossibilidades, é uma circunstância à qual a imaginação deve se agarrar com alegria, e dizemos novamente que é difícil, muito difícil, que o sr. Dodsworth se recuse a aparecer, e que os crentes em sua ressurreição são forçados a sofrer os sarcasmos e argumentos triunfantes

daqueles céticos que sempre se mantêm do lado seguro da cerca.

Veja bem, não acreditamos que nenhuma contradição ou impossibilidade esteja ligada às aventuras desta jovem antiguidade. Animação (eu acredito que fisiólogos concordam) pode facilmente ser suspensa tanto por cem ou duzentos anos, quanto por alguns segundos. Um corpo hermeticamente fechado pela geada é necessariamente preservado em sua plenitude imaculada. Aquilo que está totalmente isolado da ação de agentes externos, não pode ter nada acrescentado nem retirado dele: não pode ocorrer nenhuma decomposição, pois algo não pode se tornar nada; sob a influência desse estado de ser chamado morte, a mudança, não a aniquilação, tira de nossa vista o átomo corpóreo; a terra recebe dele o sustento, o ar é alimentado por ele, cada elemento leva algo, deste modo cobrando o pagamento forçado do que emprestou. Mas os elementos pairando ao redor da mortalha de gelo do sr. Dodsworth não tinham poder para superar o obstáculo que ela apresentava. Nenhum zéfiro^[118] poderia arrancar um fio de cabelo de sua cabeça, nem poderia a influência da noite coberta por orvalho ou da encantadora manhã penetrar em sua armadura mais do que adamantina. A história dos Sete Adormecidos^[119] descansa sobre uma intervenção milagrosa — eles dormiram. Sr. Dodsworth não dormiu; seu peito nunca arfava, sua pulsação cessou; a morte tinha o dedo pressionado em seus lábios, onde nenhum suspiro poderia passar. Ele o removeu agora, a sombra sinistra foi derrotada, e permanece em dúvida. Sua vítima se livrou do feitiço gelado e se levanta um homem tão perfeito quanto quando se deitara, cento e cinquenta anos antes. Desejamos ansiosamente ter alguns detalhes de suas primeiras conversas e o modo como ele aprendeu a se adaptar ao novo cenário de sua vida. Mas, como os fatos nos são negados, permita-nos fazer conjecturas. Quais foram suas primeiras palavras pode se adivinhar pelas expressões usadas por pessoas expostas a acidentes mais curtos, mas de natureza semelhante. Entretanto, à medida que sua vivacidade retornou, a trama se complica. Seus trajes já haviam despertado o espanto do dr. Hotham — a barba pontiaguda — o corte de cabelo — o babado que, até ser descongelado, permanecia rígido sob uma mistura de goma e geada; seu traje como o de um dos retratos de Vandyke^[120], ou (uma semelhança mais familiar) o traje do sr. Sapio na Ópera do Oráculo de Inverno, seus sapatos pontudos — tudo falava de outros tempos. A curiosidade de seu protetor foi agudamente desperta, a de sr. Dodsworth estava prestes a ser. Mas, para especular com algum grau de probabilidade o teor de suas primeiras investigações, devemos nos esforçar para descobrir que papel ele desempenhou em sua vida anterior. Ele viveu no período mais interessante da história inglesa — estava perdido para o mundo quando Oliver Cromwell^[121] chegou ao ápice de sua ambição, e aos olhos de toda a Europa a

commonwealth^[122] da Inglaterra parecia tão estabelecida que duraria para sempre. Charles I estava morto; Charles II^[123] banido, um pedinte, falido até na esperança. O pai do sr. Dodsworth, o antiquário, recebia um salário do general republicano, Lord Fairfax^[124], que era um grande amante de antiguidades, e morreu no mesmo ano em que seu filho foi para o seu longo, porém não interminável sono, uma curiosa coincidência esta, pois parece que nosso amigo congelado estava voltando para a Inglaterra devido a morte de seu pai, para provavelmente reivindicar sua herança — como vivem pouco as visões humanas! Onde está agora o patrimônio do sr. Dodsworth? Onde estão seus coerdeiros, executores e colegas legatários? Sua ausência prolongada, devemos supor, entregou aos atuais detentores a sua propriedade — a cronologia do mundo é cento e setenta anos mais velha desde que ele deixou o cenário movimentado, muitas mãos cultivaram seus acres que depois se tornaram torrões; podemos duvidar se ao menos uma única partícula de tal território é igual àquelas que deveriam ter sido dele — o solo jovem rejeitaria por si mesmo a antiga argila de seu reivindicador.

Sr. Dodsworth, se podemos julgar pela circunstância de sua presença no exterior, não era um homem zeloso da commonwealth, ainda assim, ter escolhido a Itália como o país para viajar e retornar à Inglaterra apenas após a morte do pai, torna provável que não era um partidário real violento. Ele parece ser (ou ter sido) um daqueles homens que não seguiu o conselho de Catão conforme registrado na Farsália^[125]; um indivíduo, se não for de partido, admite tal termo, que Dante^[126] nos recomenda totalmente desprezar, e que não raramente cai entre os dois bancos, um assento em qualquer um deles é cuidadosamente evitado. Ainda assim, sr. Dodsworth dificilmente deixaria de sentir ansiedade pelas últimas notícias de seu país em um período tão crítico; sua ausência poderia ter colocado em risco sua propriedade; podemos imaginar, portanto, que após seus membros terem sentido o alegre retorno da circulação, e depois de ter se refrescado com tais produtos da terra, que por analogia, ele nunca poderia ter esperado viver para ver, depois de ter sido informado de qual perigo fora resgatado e ter feito uma oração que até pareceu enormemente longa para o dr. Hotham — podemos imaginar, digamos, que sua primeira pergunta seria: “se alguma notícia chegou recentemente da Inglaterra”.

— Eu recebi cartas ontem — dr. Hotham poderia muito bem responder.

— É mesmo? — expressaria sr. Dodsworth. — E rogo, senhor, alguma mudança para melhor ou pior ocorreu naquele pobre país insano?

Dr. Hotham suspeita que ele seja um radical e responde friamente:

— Ora, senhor, seria difícil dizer em que consiste sua insanidade. As pessoas falam de fabricantes morrendo de fome, falências e a queda das

Sociedades de Ações — excrescências estas, excrescências que adicionarão a um estado completamente são. A Inglaterra, de fato, nunca esteve em uma condição mais próspera.

Dodsworth agora mais do que suspeita estar diante de um republicano e, com sua suposta cautela habitual, disfarça por um momento sua lealdade e, em tom moderado, pergunta:

— Nossos governadores observam com descuido os sintomas de excesso de saúde?

— Nossos governadores — responde seu protetor —, se o senhor se refere ao nosso ministério, estão vivos demais para constrangimentos temporários. — (Pedimos perdão ao dr. Hotham se fizemos mal em torná-lo um alto conservador; tal qualidade pertence puramente à nossa antecipada cognição de um doutor, e este é o único conhecimento que temos deste cavalheiro.) — É de se desejar que eles se mostrassem mais firmes — o rei, Deus o abençoe!

— Senhor! — exclama o sr. Dodsworth.

O doutor Hotham continua, sem perceber o espanto excessivo de seu paciente:

— O rei, Deus o abençoe, poupa imensas somas de seu tesouro privado para o alívio de seus súditos, e toda a aristocracia e riqueza da Inglaterra seguem seu exemplo.

— O rei! — profere o sr. Dodsworth.

— Sim, senhor — enfaticamente continua seu protetor —, o rei, e estou feliz em dizer que os preconceitos que, tão infeliz e injustificadamente, o povo inglês conservava em relação a Sua Majestade foram agora, com algumas — (com severidade adicional) — se me permite dizer, exceções desprezíveis, trocadas por amor zeloso e reverência que seus talentos, virtudes e cuidados paternos merecem.

— Caro senhor, você me encanta — responde o sr. Dodsworth, enquanto sua lealdade tardia de repente se expande de um pequeno botão a uma plena flor. — No entanto, mal entendo; a mudança é tão repentina; e o homem — Charles Stuart, rei Charles, posso chamá-lo agora, seu assassinato foi execrado como merece?

Dr. Hotham põe a mão no pulso de seu paciente — ele teme um acesso de delírio por tal divagação do assunto. O pulso está calmo, e o sr. Dodsworth continua:

— Aquele mártir infeliz olhando do céu está, eu acredito, apaziguado pela reverência ao seu nome e orações dedicadas à sua memória. Nenhum sentimento, posso me aventurar a afirmar, é tão geral na Inglaterra quanto a compaixão e o amor na qual a memória daquele monarca desafortunado é

guardada? E seu filho, que agora reina?

— Certamente, senhor, você se esqueceu; nenhum filho; claro que isso é impossível. Nenhum descendente seu ocupa o trono inglês, agora dignamente ocupado pela casa de Hanover. A raça desprezível dos Stuarts, há muito exilada e dispersa, está agora extinta, e os últimos dias do último pretendente à coroa daquela família, justificaram aos olhos do mundo a sentença que os expulsou do reino para sempre.

Tal deve ter sido a primeira lição política do sr. Dodsworth. Logo, para espanto do protetor e protegido, o real estado do caso deve ter sido revelado; por um tempo, as estranhas e tremendas circunstâncias de seu longo transe podem ter ameaçado o juízo do sr. Dodsworth com uma total reviravolta. Ele havia, ao cruzar o Monte São Gotardo, lamentado um pai — agora todo ser humano que ele já vira “vestia um paletó de madeira”, era poeira, cada voz que já ouvira era muda. O próprio som da língua inglesa estava alterado, como lhe assegura sua experiência em conversa com o dr. Hotham. Impérios, religiões, raças de homens, provavelmente surgiram ou desapareceram; seu patrimônio (o pensamento é fútil, mas, sem ele, como se pode viver?) submergiu no golfo sedento que se abre sempre ávido por engolir o passado; seu aprendizado, suas aquisições, provavelmente estão obsoletos; com um sorriso amargo, ele pensa consigo mesmo, “devo seguir a profissão de meu pai e virar antiquário. Os objetos, pensamentos e hábitos familiares da minha infância são agora antiguidades”. Ele se pergunta onde estão os cento e sessenta volumes de fólio manuscrito que seu pai havia compilado, e que, quando rapaz, considerava com reverência religiosa, agora estão — aonde — ah, aonde? Sua companheira de brincadeiras favorita, a amiga de seus últimos anos, sua noiva predestinada e adorável, as lágrimas congeladas há muito tempo fluem e escorrem por suas jovens bochechas velhas.

Mas não queremos ser patéticos; certamente, desde os tempos dos patriarcas, nenhuma bela dama teve sua morte lamentada por seu amado tantos anos depois de ocorrida. A necessidade, tirana do mundo, até certo ponto reconcilia o sr. Dodsworth com seu destino. A princípio, ele se convence de que a geração posterior do homem está muito mais deteriorada do que seus contemporâneos; eles não são nem tão altos, nem tão bonitos, nem tão inteligentes. Então, aos poucos, ele começa a duvidar de sua primeira impressão. As ideias que se apoderaram de seu cérebro antes do acidente, congeladas por tantos anos, começam a derreter e se dissolver, dando lugar a outras. Ele se veste no estilo moderno, e não faz muita objeção a nada, exceto ao colarinho e a cartola. Admira a textura de seus sapatos e meias e olha com admiração para um pequeno relógio genovês, que consulta com frequência, como se ainda não tivesse certeza de que o tempo progrediu de maneira

costumeira e como se fosse encontrar em seu mostrador, uma demonstração ocular de que ele trocara seu trigésimo sétimo ano por duzentos anos e mais, e havia deixado o ano de 1654 d. C. para trás para encontrar-se subitamente um observador dos modos dos homens neste iluminado século XIX. Sua curiosidade é insaciável; quando ele lê, seus olhos não conseguem acompanhar sua mente com rapidez suficiente, e de vez em quando se depara com alguma passagem inexplicável, alguma descoberta e conhecimento familiar para nós, mas inimaginável em seus dias, que o lança em admiração e devaneios intermináveis. De fato, pode-se supor que ele passe grande parte de seu tempo nesse estado, de vez em quando se interrompendo com uma canção monarquista contra o velho Noll e os Roundheads^[127], parando de repente e olhando em volta com medo para ver quem o ouvia, e ao se deparar com o aspecto moderno de seu amigo, o doutor, suspirando ao pensar que não importa mais para ninguém, se ele canta um poema cavalheiresco ou um salmo puritano.

Seria uma tarefa interminável desenvolver todas as ideias filosóficas que a ressurreição do sr. Dodsworth naturalmente gera. Gostaríamos muito de conversar com esse cavaleiro, e ainda mais observar o progresso de sua mente, e a mudança de suas ideias nessa situação tão inédita. Se ele for um jovem alegre, apaixonado pelos espetáculos do mundo, descuidado com as atividades humanas superiores, pode rapidamente lançar na sombra todos os vestígios de sua vida anterior, e se esforçar para fundir-se imediatamente na corrente da humanidade agora fluindo. Seria curioso o bastante observar seus erros, e a mistura de condutas que assim seriam produzidas. Ele pode pensar em entrar na vida ativa, tornar-se um whig ou tory^[128] de acordo com suas inclinações, e conseguir um assento na, mesmo para ele, uma vez chamada capela de São Estêvão^[129]. Ele pode se contentar em tornar-se um filósofo contemplativo e encontrar alimento suficiente para sua mente ao traçar a marcha do intelecto humano, as mudanças realizadas nas disposições, desejos e poderes da humanidade. Será um defensor da perfeição ou deterioração? Provavelmente admirará nossas manufaturas, o progresso da ciência, a difusão do conhecimento e o novo espírito empreendedor característico de nossos compatriotas. Encontrará algum indivíduo que possa ser comparado aos espíritos gloriosos de sua época? Moderado em seus pontos de vista, como supomos que seja, ele provavelmente cairá de uma vez no espírito da contemporização, agora tão em voga. Ficará satisfeito em encontrar calma na política; admirará o ministério que conseguiu conciliar quase todos os partidos — para encontrar a paz onde ele deixou a contenda. O mesmo caráter que ele tinha duzentos anos atrás, o influenciará agora; ainda será o sr. Dodsworth moderado, pacífico e sereno que era em 1647.

Pois, não obstante educação e circunstâncias possam ser suficientes para dirigir e formar o material bruto da mente, não pode criar, nem dar intelecto, aspiração nobre e constância energética onde a estupidez, a hesitação e os desejos humilhantes estão naturalmente marcados. Entretendo essa crença, muitas vezes nos perguntamos (para esquecer o sr. Dodsworth por algum tempo) como tais e tais heróis da antiguidade agiriam, se renascessem nestes tempos: e então a fantasia desperta passa a imaginar que alguns deles realmente renasceram; que de acordo com a teoria explicada por Virgílio em sua sexta Eneida, a cada mil anos os mortos voltam à vida, e suas almas dotadas das mesmas sensibilidade e capacidades anteriores, são despidas de conhecimento neste mundo, para novamente vestir as faculdades do corpo com habilidades da educação, situação e experiência. Pitágoras^[130], dizem, lembrava-se de muitas transmigrações desse tipo, que dizia ter ocorrido a si mesmo, embora para um filósofo fez muito pouco uso de suas memórias anteriores. Seria uma escola magnífica para reis e estadistas e, de fato, para qualquer ser humano, chamados como são, a desempenhar seu papel no palco do mundo, se se lembrassem do que foram. Deste modo, poderíamos obter um vislumbre do céu e do inferno, quando, com o segredo de nossa identidade anterior confinado ao nosso próprio seio, estremeçemos ou exultamos com a culpa ou o elogio concedido a nós. Embora o amor à glória e à reputação póstuma seja tão natural para o homem quanto seu apego à vida, ele estaria, sob tal estado de coisas, tremendamente atento aos registros históricos de sua honra ou vergonha. O espírito suave de Fox^[131] teria sido acalmado pela lembrança de seu desempenho digno no papel de Marco Antonino^[132] — as experiências anteriores de Alcibíades^[133], ou mesmo do fragilizado Steeny^[134], o favorito de James I^[135], poderia ter feito com que Sheridan^[136] se recusasse a trilhar novamente o mesmo caminho de brilho deslumbrante, mas fugaz. A alma de nossa moderna Corinna^[137] teria sido purificada e exaltada pela consciência que uma vez deu vida à forma de Safo^[138]. Se no momento presente a bruxa, Memória, enlouquecesse, e fizesse com que toda a geração atual se lembrasse de que cerca de dez séculos atrás foram outras pessoas, vários de nossos mártires do livre pensamento, não se surpreenderiam ao descobrir que haviam sofrido como cristãos sob Domiciano^[139], enquanto o juiz, ao proferir a sentença, subitamente se daria conta, de anteriormente ter condenado os santos da primitiva igreja à tortura, por não renunciarem à religião agora defendida por ele — nada além de ações benevolentes e verdadeira bondade saíam da provação. Enquanto seria curioso perceber como alguns grandes homens em assuntos paroquiais, se empertigariam ao saber que suas mãos uma vez seguraram um cetro, um artesão honesto ou um doméstico gatuno descobriria que pouco mudou por ser agora um nobre ou o diretor ocioso de

uma sociedade de ações; de todas as formas podemos supor que os humildes seriam exaltados, e os nobres e orgulhosos sentiriam suas estrelas e honras se transformarem em bugigangas e brinquedos de criança quando evocassem as posições inferiores ocupadas outrora. Se romances filosóficos estivessem em voga, concebemos que um excelente poderia ser escrito sobre o desenvolvimento da mesma mente em várias estações, em diferentes períodos da história do mundo.

Mas voltemos ao sr. Dodsworth com mais algumas palavras para nos despedirmos dele. Pedimos-lhe que não se enterre mais na obscuridade; ou, se modestamente recusar publicidade, pedimos que venha nos conhecer pessoalmente. Temos mil indagações, dúvidas a esclarecer, fatos a apurar. Se há algum medo que velhos hábitos e uma aparência estranha o tornem ridículo para aqueles acostumados a se associar com os modernos requintados, lhe asseguramos que não somos dados a ridicularizar meras exibições externas, e que o valor e a excelência intrínseca sempre exigirão nosso respeito.

Isso dizemos, se o sr. Dodsworth estiver vivo. Talvez ele não seja mais. Talvez ele tenha aberto os olhos apenas para fechá-los novamente com mais obstinação; talvez seu barro antigo não pudesse prosperar nas colheitas destes últimos dias. Após esta pequena maravilha; um pequeno estremecimento ao se perceber o morto-vivo — sem encontrar nenhuma afinidade entre si e o atual estado das coisas — ele se despediu uma outra vez do sol. Seguido até o túmulo por seu protetor e pelos aldeões maravilhados, ele pode dormir o verdadeiro sono da morte no mesmo vale onde por tanto tempo descansou. O doutor Hotham pode ter erguido uma simples placa sobre seus restos enterrados duas vezes, com a inscrição:

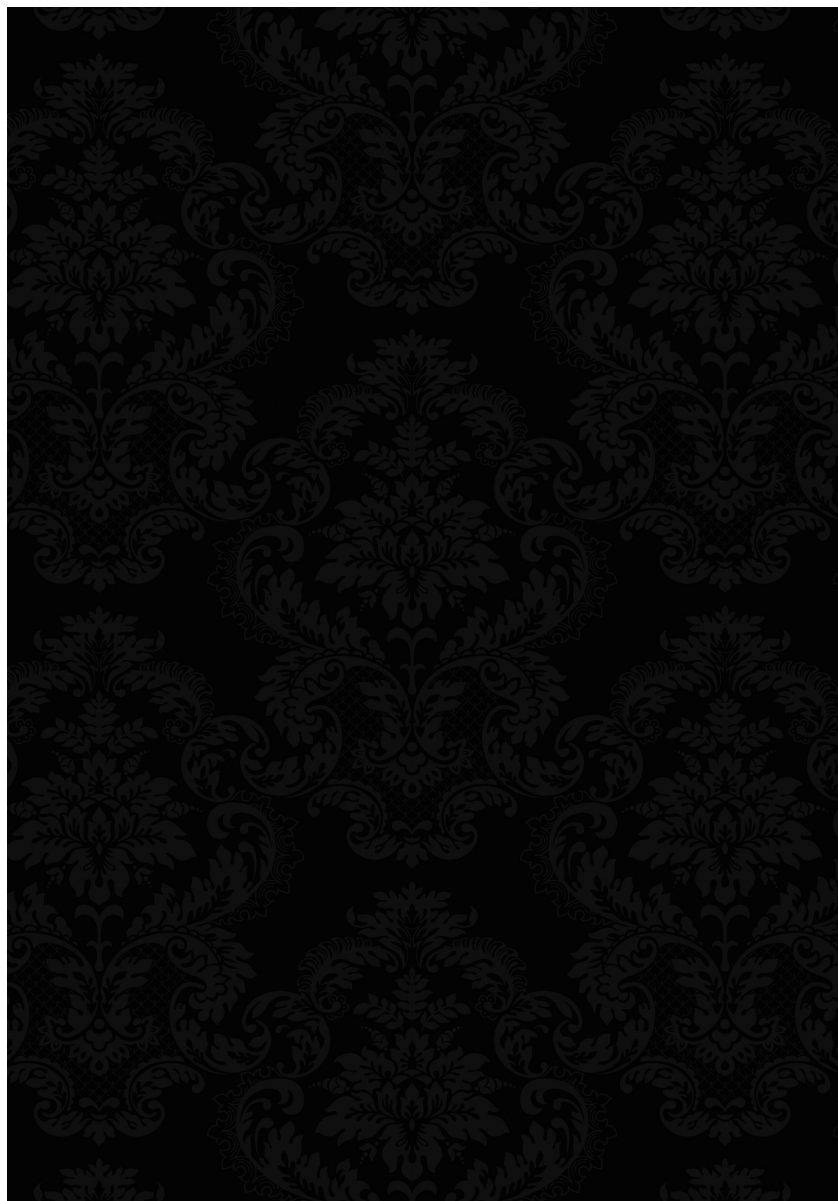
Em memória de R. Dodsworth

Um inglês,

Nascimento: 1º de abril de 1617;

Morte: 16 de julho de 18—, idade 187.

Uma inscrição que, se fosse conservada durante qualquer terrível calamidade que fizesse o mundo recomeçar a vida, ocasionaria muitas investigações eruditas e teorias engenhosas sobre uma raça cujos autênticos registros mostram ter alcançado o privilégio de atingir tão vasta idade.



AS IRMÃS DE ALBANO

Título original: The Sisters of Albano
Publicado em 1828 na revista The Keepsake, pelo “autor de Frankenstein”.

“And near Albano’s scarce divided waves
Shine from a sister valley;—and afar
The Tiber winds, and the broad ocean laves
The Latian coast where sprang the Epic war,
‘Arms and the Man,’ whose re-ascending star
Rose o’er an empire; but beneath thy right
Tully reposed from Rome; and where yon bar
Of girdling mountains intercepts the sight
The Sabine farm was till’d, the weary bard’s delight.”^[140]

Foi pela vista desse belo lago que fiz meu último passeio antes de deixar Roma. A primavera havia quase se transformado em verão, as árvores se enchiam daquela folhagem verde e fresca, o vinheteiro cantarolava, empoleirado em meio as vinhas ao apará-las: a cigarra ainda não cantava; não começara seu período de acasalamento; mas à noite os vaga-lumes cintilavam entre as colinas e a coruja arrulhava, nos assegurando de algo que naquela região não era necessário garantir — bom tempo para amanhã. Partimos bem cedo para evitar o calor, tomamos nosso café da manhã em Albano, e até as dez horas passamos o tempo visitando o Mosaico, a Vila de Cícero e outras curiosidades do lugar. Descansamos durante o meio-dia em uma tenda erguida para nós no topo da colina, de onde observávamos o lago margeado pela encosta e o relevo distante coroadado por uma cidade com sua igreja. Outras vilas e casebres espalhavam-se entre as dobras das montanhas, e adiante víamos o profundo mar azul dos poetas sulistas, que recebia o veloz e imortal rio Tibre, agitando-o para repousar entre suas ondas devoradoras. O Coliseu cai e o Panteão decai — até mesmo as colinas de Roma padecem — mas o Tibre vive eternamente, flui eternamente e eternamente alimenta o Mediterrâneo ladeado por terra com suas águas frescas.

Nosso grupo consistia em muitos, buscando dias de verão e entretenimento: para mim, a pessoa mais interessante era a condessa Atanasia D—, que era tão bela quanto a imaginação de Rafael e tão benévola quanto o ideal de um poeta. Dois de seus filhos a acompanhavam, com olhares

animados e modos gentis, quietos, mas alegres. Sentei-me próximo a ela, observando as sombras mutáveis da paisagem diante de nós. À medida que o sol se punha, derramava uma maré de luz no vale do lago, inundando com ouro líquido a margem profunda aos pés montanha. As cúpulas e torres da cidade distante reluziam e lampejavam, as árvores tingidas em esplendor; duas ou três nuvens discretas, que haviam bebido a radiância até se tornar sua essência, flutuavam como pequenas ilhas douradas no empíreo lustroso. As águas, absorvendo a resplandecência do infinito e as margens tingidas de fogo, refletiam um segundo céu, uma segunda terra irradiada, aos nossos pés. O Mediterrâneo, contemplando o sol — da mesma maneira que os olhos de uma noiva mortal falham e obscurecem ao refletir o olhar de seu amado — se perdeu, envolvido em sua luz, até se tornarem um. Por muito tempo (nossas almas como o oceano, as colinas e o lago, tragando a beleza suprema) observamos, até a taça cheia demais transbordar, e nos virarmos com um suspiro.

Aos nossos pés havia um pequeno morro, desenhando o primeiro plano da nossa paisagem; duas árvores se deleitavam no céu azul, banhando-se com a luz dourada, que como orvalho parecia flutuar brilhando entre seus galhos; uma rocha fechava a perspectiva do outro lado, tecida por trepadeiras e redolente com a dama da noite; um riacho, atravessado por grandes pedras, jorrava pela relva, e sobre os fragmentos de rocha que se estendiam, sentavam-se duas ou três pessoas, camponeses, que atraíram nossa atenção. Um deles era caçador, como demonstrava sua arma em uma margem não muito distante, e de mesmo modo era um camponês; seu chapéu de palha áspero e sua vestimenta pitoresca, mas grosseira, pertenciam a essa classe. A outra pessoa era alguma camponesa, com o traje de seu país e a cesta no braço, voltando da vila para sua choupana. Eles olhavam a mercadoria de um vendedor ambulante próximo a eles, com o chapéu na mão: alguns dos bens eram fotos e gravuras — paisagens italianas e retratos da Madona. Nossos camponeses os observavam com agrado.

— Pode-se facilmente inventar uma história para esse casal — eu disse —, a arma dele é um auxílio para a imaginação, e podemos pensar que é um bandido apaixonado pela camponesa, o terror de toda a vizinhança, exceto dela, a mais indefesa de todos.

— Você não deve falar levemente de tal combinação — disse a adorável condessa ao meu lado —, como se por si só não fosse a causa de terríveis tragédias. A mistura entre amor e crime é uma união catastrófica, e o crime nunca dá resultado exceto trazer ao criminoso, e todos envolvidos com ele, uma tristeza inefável. Eu falo com emoção, pois sua observação me lembra uma pobre garota, agora uma das Irmãs da Caridade no convento de Santa

Chiara em Roma, cuja paixão infeliz por um homem, como você menciona, espalhou apenas destruição e infelicidade ao seu redor.

Supliquei a minha querida amiga que contasse a história da freira. Por muito tempo ela resistiu por não querer deprimir o ambiente do grupo com uma história triste. Mas eu insisti e ela cedeu. Sua doce fraseologia italiana ressoa agora em meus ouvidos, e posso ver seu belo semblante diante de mim. Enquanto ela falava, o sol se pôs e a lua curvou seu chifre prateado na maré vazante de glória deixada pelo astro de fogo. De púrpura, o lago se transformou em prata, e as árvores, antes tão esplêndidas, agora em massas escuras, apenas refletiam o suave luar de suas copas. Os vaga-lumes bruxuleavam entre as rochas; os morcegos circulavam em volta, e assim a Condessa Atanasia começou:

— A freira de que falo tinha uma irmã mais velha; lembro-me delas quando crianças, trazendo ovos e frutas para a vila do meu pai. Maria e Anina estavam sempre juntas. Com seus grandes chapéus de palha protegendo-as do sol, trabalhavam o dia todo na podere^[141] do seu pai, e à noite, quando Maria, quatro anos mais velha, ia à fonte buscar água, Anina corria ao seu lado. Sua choupana — a dobra da colina a esconde — fica na margem oposta do lago; e cerca de quinhentos metros colina acima está a fonte rústica da qual falo. Maria era séria, gentil e atenciosa; Anina era uma criaturinha alegre e risonha, com o rosto de um querubim. Quando Maria tinha quinze anos, sua mãe adoeceu e foi levada para o convento de Santa Chiara, em Roma, para recuperar a saúde. Maria foi junto dela, e nunca deixou seu leito, dia ou noite. As freiras a consideravam um anjo, ela as considerava santas: sua mãe morreu, e elas a convenceram a se juntar ao convento; seu pai pôde apenas concordar com sua intenção benevolente, e ela se tornou uma das Irmãs da Caridade, as freiras enfermeiras de Santa Chiara. Uma ou duas vezes ao ano ela visitava sua casa, dava conselhos sábios e gentis a Anina e em ocasiões chorava ao se separar dela; mas sua piedade e suas atividades para com os doentes a reconciliaram com seu destino. Anina se lamentava mais ao perder a companhia da irmã. As outras moças da aldeia não a agradavam: ela era bem-criada e trabalhava duro para o pai, e sua mais doce recompensa eram os relatos que ele fazia sobre ela para Maria, e os carinhosos elogios e carícias que esta lhe presenteava quando se encontravam.

“Foi só aos quinze anos que a afeição de Anina pela irmã começou a diminuir. No entanto, não posso dizer que diminuiu, pois talvez ela a amasse mais do que nunca, mas o chamado divino de Maria e seus sábios conselhos a impediam de confiar e a faziam tremer por medo de que a freira, devotada ao céu e às boas obras, lesse em seus olhos e desaprovasse a paixão terrena que tomava conta dela. Talvez parte de sua relutância viesse dos relatos circulando

contra o caráter de seu amado, e certamente pela desaprovação e até mesmo ódio por ele que seu pai frequentemente expressava. Pobre Anina! Não sei se no norte seus camponeses amam como os nossos; mas a paixão de Anina se entrelaçava com as raízes de seu ser, era uma parte dela: ela poderia morrer, mas não deixaria de amar. A antipatia de seu pai por Domenico tornou seu relacionamento clandestino. Ele estava sempre na fonte para encher seu jarro e colocá-lo em sua cabeça. Ele assistia à mesma missa; e quando seu pai ia para Albano, Velletri ou Roma, ele parecia saber por instinto o momento exato de sua partida, e se juntava a ela na podere, trabalhando com ela e por ela, até que visse o velho descendo a montanha de volta. Ele dizia que trabalhava para um contadino^[142] perto de Nemi. Anina às vezes se perguntava como ele poderia ter tanto tempo para ela; mas suas desculpas eram plausíveis, e o resultado delicioso demais para não cegar a garota inocente para sua causa óbvia.

“Pobre Domenico! Os comentários contra ele eram muito bem fundamentados: sua única desculpa era que seu pai tinha sido um ladrão antes dele, e ele tinha passado os primeiros anos de sua infância entre esses homens sem lei. Ele tinha um bom caráter e ansiava pela paz dos inocentes. No entanto, dificilmente poderia ser considerado culpado, pois não cometera nenhum crime terrível. No entanto, era um fora-da-lei e um bandido; e agora que amava Anina, esses nomes eram as picadas de uma víbora perfurando sua alma. Ele teria fugido de seus companheiros para um país distante, mas Anina morava em meio a seus refúgios. Nesse período também a polícia, estabelecida pelo governo francês, que então possuía Roma, fez com que esses bandidos prestassem mais atenção na conduta de seus membros; e rumores de medidas a serem tomadas contra aqueles que ocupavam as colinas perto de Albano, Nemi e Velletri, fizeram com que esses grupos se unissem em laços mais estreitos. Domenico não iria, se pudesse, abandonar seus amigos na hora do perigo.

“Nessa época, em uma festividade (por volta do final de outubro) Anina passeava entre os aldeões com o pai, que por toda a Itália tiram férias reunindo-se e caminhando em um só lugar. A conversa na aldeia era inteiramente sobre os ladri^[143] e sobre os franceses, e diziam muitas histórias terríveis sobre o extermínio dos bandidos no reino de Nápoles, e o porquê os franceses eram bem-sucedidos em seu objetivo. As tropas vasculhavam o país, visitando um refúgio de ladrões após o outro, expulsando-os, os perseguindo como naqueles lugares onde caçam feras selvagens da floresta, até que, estreitando o círculo, os sitiavam em um ponto. Eles então guardavam o local com a máxima vigilância, proibindo sob pena de morte qualquer um de entrar com mantimentos. E assim em pouco tempo os bandidos eram levados a se render. Agora todos os dias se esperava as tropas francesas, pois haviam sido vistas em Velletri e Nemi; ao mesmo tempo, afirmava-se que vários bandidos

havia se instalado em Rocca Giovane, uma aldeia abandonada no alto de uma dessas colinas, e se supunha que fariam daquele lugar seu refúgio final.

“No dia seguinte, enquanto Anina trabalhava no podere, um grupo de cavalos franceses passou pela estrada que separava sua horta do lago. A curiosidade a fez olhar para eles; sua beleza era grande demais para não atrair. Sua conversa e a maneira como se portavam logo a afastaram; pois uma mulher apaixonada se consagra ao seu amado e considera a admiração de outros uma profanação. Ela falou ao seu pai sobre a impertinência desses homens; e ele respondeu regozijando-se com sua chegada e a destruição dos bandos sem lei que seguiria. No final do dia, quando Anina foi a fonte, olhou timidamente ao redor e torceu para que Domenico estivesse em seu lugar costumeiro, pois a chegada dos franceses acabara com sua sensação de segurança. Ela foi um pouco mais tarde do que de costume, e um céu nublado fazia já parecer noite; o vento rugia entre as árvores, dobrando para cá e para lá até os majestosos ciprestes; as águas do lago se agitavam em ondas altas, e massas escuras de nuvens carregadas de raios se aproximavam dos topos das colinas, dando um tom lúgubre à paisagem. Anina passou rapidamente pela trilha da montanha. Quando viu a fonte, toscamente talhada na rocha, viu Domenico encostado a uma saliência do morro, o chapéu sobre os olhos, o tabaro^[144] caído dos ombros, os braços cruzados em atitude de desânimo. Ele se assustou quando a viu; sua voz e frases eram quebradas e desconexas; no entanto, ele nunca a encarou com amor tão ardente, nem lhe pediu que demorasse para ir com tanta ternura apaixonada.

“‘Como estou feliz em vê-lo aqui!’, ela disse. ‘Eu temia encontrar um dos soldados franceses: tenho mais medo deles do que dos bandidos.’

“Domenico lançou-lhe um olhar ansioso de indagação e depois se virou, dizendo:

“‘Lamento não estar aqui para protegê-la. Sou obrigado a ir a Roma por uma ou duas semanas. Você será fiel, Anina mia; me amará mesmo que eu nunca mais a veja?’

“O encontro, sob tais circunstâncias, se prolongou mais do que o habitual. Ele a acompanhou pela trilha até quase avistarem sua choupana. Pôde-se ouvir um assobio baixo entre os arbustos de dama da noite à beira do lago. Foi Domenico quem começou; foi repetido; e ele respondeu com uma nota semelhante. Anina, apavorada, estava prestes a perguntar o significado disso, quando, pela primeira vez, ele a envolveu em seus braços e a pressionou contra seu coração, beijou-lhe os lábios rosados e, com um sussurrado ‘Carissima addio’^[145], deixou-a, saltando pela ribanceira; e enquanto olhava maravilhada, Anina pensou ter visto um barco cruzar uma linha de luz feita pela abertura de uma nuvem. Ela permaneceu por um longo tempo absorta

em devaneios, pensando e se lembrando com prazer emocionante o abraço veloz e a despedida apaixonada de seu amado. Demorou tanto que seu pai veio procurá-la.

“Todas as noites depois disso, Anina visitava a fonte quando tocavam os sinos da Ave-Maria; ele não estava lá: cada dia parecia uma era; e medos incompreensíveis tomavam conta de seu coração. Cerca de quinze dias depois, chegou uma carta de Maria. Ela esteve doente, com febre da malária, e agora se recuperava, mas uma mudança de ares era necessária para readquirir completamente a saúde, e havia obtido licença para passar um mês em casa, em Albano. Ela pedia ao pai para no dia seguinte ir buscá-la. Essa foi uma boa notícia para Anina; ela decidiu revelar tudo à irmã e, durante sua longa visita, não duvidava que Maria partilharia de sua felicidade. O velho Andrea partiu na manhã seguinte, e a doce menina passou o dia todo envolta em sonhos de felicidade futura. Maria chegou no final do dia, fraca e pálida, com todas as marcas daquela terrível doença, mas, ainda assim, como assegurou à irmã, sentindo-se muito bem.

“Enquanto se sentavam em seu jantar frugal, diversos aldeões vieram perguntar por Maria; mas toda a sua conversa era sobre os soldados franceses e os ladrões, dos quais um bando de, pelo menos, vinte se reuniu em Rocca Giovane, estritamente vigiado pelos militares.

“Podemos agradecer aos franceses’, disse Andrea ‘por esta boa ação; a região ficará livre desses rufiões.’

“‘Tem razão, amigo’, disse outro, ‘mas é horrível pensar no sofrimento desses homens: aparentemente eles consumiram todos os mantimentos que levaram consigo e estão passando fome. Eles não têm um grama de macarrão entre eles; e um pobre coitado que foi levado e executado ontem era um mero esqueleto: se podia ver cada osso debaixo da pele.’

“‘Soube de uma história triste outro dia’, disse outro, ‘de um idoso de Nemi, cujo filho, dizem, está entre aqueles em Rocca Giovane: e o encontraram próximo à fronteira com um pedaço de baccallà^[146] debaixo do pastrano^[147] e o assassinaram ali mesmo.’

“‘Não existe quadrilha mais desesperada’, observou o primeiro orador, ‘em todos os estados e no regno^[148] juntos. Eles juraram não se render a não ser em bons termos. Para assegurar esses bons termos, eles emboscaram viajantes e os fazem prisioneiros, os mantêm como reféns esperando tratamento brando do governo. Mas os franceses são implacáveis; eles preferem que os bandidos se vinguem nesses pobres coitados do que poupar uma de suas vidas.’

“‘Já capturaram duas pessoas’, disse outro, ‘e lá está a velha Betta Tossi a beira de um colapso, pois tem certeza que levaram seu filho: ele não esteve em casa nos últimos dez dias.’

“‘Meu palpite’, colocou um idoso, ‘é que ele foi até lá de boa vontade: o safado era companheiro de Domenico Baldi, de Nemi.’

“‘Não poderia ter achado companhia pior em todo país’, disse Andrea. ‘Domenico é o filho podre de uma raça podre. Ele está na aldeia com o resto?’

“‘Eu vi com meus próprios olhos’, respondeu o outro. ‘Quando eu estava subindo o morro com ovos e as galinhas para o piquete dali, vi os galhos de um azevinho se mover; o pobre sujeito estava fraco e não conseguia parar em pé; logo ele foi para o chão, todos os mosquetes foram apontados para ele, mas ele se levantou em um pulo e se foi como uma lebre entre as rochas. Uma vez ele se virou, e vi Domenico tão claramente — embora mais magro, coitado, muito mais do que era — tão claramente quanto vejo agora... Santa Virgem! O que tem a Nina?’

“Ela tinha desmaiado. O grupo se desfez e a deixaram sob os cuidados da irmã. Quando a garota voltou a si, ela tinha plena consciência de sua situação e não disse uma palavra, a não ser expressar o desejo de se retirar para descansar. Maria estava de bom humor com a perspectiva de sua longa estada em casa; mas a doença da irmã fez com que ela deixasse de conversar naquela noite e, abençoando-a, enquanto dava boa-noite, logo adormeceu. Domenico morrendo de fome! Domenico tentando fugir e morrendo de inanição, foi a visão de horror que tomou conta da pobre Anina. Em outro momento, a descoberta de que seu amado era um ladrão poderia ter causado dores tão agudas quanto as que sentia agora; mas naquele instante era apenas uma impressão fraca, obscurecida por maior miséria. Maria estava em um sono profundo e tranquilo. Anina se levantou, se vestiu em silêncio e desceu as escadas. Ela encheu sua cesta de mercado com a comida que havia na casa e, destrancando a porta, foi em frente, decidida chegar até Rocca Giovane e atender às terríveis necessidades de seu amado. A noite estava escura, mas isso era uma vantagem, pois ela conhecia cada trilha e curva das colinas, cada arbusto e montículo de terra entre sua casa e a aldeia abandonada que ocupava o cume daquela colina. Pode-se ver o contorno negro de algumas das casas a cerca de duas horas de distância a pé. A noite estava escura, mas silenciosa; o libeccio^[149] levou as nuvens para baixo dos cumes das montanhas e envolveu o horizonte em brumas; nem uma folha se mexia; seus passos soavam altos em seus ouvidos, mas a resolução superou o medo. Ela havia entrado no bosque de azevinho, seu ânimo aumentou com seu sucesso, quando de repente foi desafiada por um sentinela; não houve tempo para fugir; o medo gelou seu sangue; sua cesta caiu de seu braço; os mantimentos rolaram no chão; o soldado disparou sua arma e trouxe vários outros ao seu redor; ela foi levada como prisioneira.

“De manhã, quando Maria despertou, sentiu falta da irmã ao seu lado.

Eu dormi demais, pensou, e Nina não quis me perturbar. Mas quando ela desceu e encontrou seu pai, e Anina não apareceu, eles começaram a se preocupar. Ela não estava na podere; e depois de duas horas de espera, Andrea saiu para procurá-la. Ao entrar na aldeia próxima, ele viu os contadini se aglomerando e uma exclamação abafada de “Ecco il padre!”^[150] o fez perceber que algum mal havia se passado. Seu primeiro pensamento foi que a filha havia se afogado; mas a verdade, que fora presa pelos franceses por levar provisões para dentro da linha proibida, era ainda mais terrível. Ele voltou em desespero frenético para sua choupana, primeiro para dizer a Maria sobre o ocorrido, e depois para subir a colina na intenção de salvar sua filha do destino iminente. Maria ouviu sua história com horror; mas um hospital é uma escola na qual se aprende autocontrole e presença de espírito.

“Fique aqui, meu pai”, ela disse ‘Eu irei. Minha índole santa impressionará esses homens, minhas lágrimas os comoverão: confie em mim; juro que salvarei minha irmã.’

“Andrea cedeu à sua coragem e vontade superiores.

“As freiras de Santa Chiara, quando estão fora do convento, não costumam usar o hábito, mas se vestem de maneira simples, com um traje preto. Maria, no entanto, havia trazido consigo seu hábito e, pensando que deste modo impressionaria os soldados a respeitá-la, o vestiu. Ela recebeu a bênção de seu pai e, pedindo a da Virgem e dos santos, partiu em sua missão. Ao subir a colina, logo foi parada pelos sentinelas. Ela pediu para ver o comandante e, conduzida a ele, apresentou-se como irmã da infeliz garota que havia sido capturada na noite anterior. O soldado, que a recebera com descaso, agora mudou de semblante: seu olhar sério assustou Maria, que juntou as mãos, exclamando:

“‘Você não machucou a menina! Ela está segura!’

“‘Ela está segura... por agora’, ele respondeu hesitante, ‘mas não existe esperança de perdão.’

“‘Santa Virgem, tenha piedade! O que farão com ela?’

“‘Recebi ordens estritas: em duas horas ela morre.’

“‘Não! Não!’, exclamou Maria impetuosamente. ‘Não pode ser! Você não pode ser tão perverso a ponto de matar uma criança como ela.’

“‘Ela tem idade suficiente para saber que não deve desobedecer a ordens, madame; minhas instruções são tão estritas, que se ela tivesse apenas nove anos, morreria.’

“Essas palavras terríveis levaram Maria a uma nova resolução: ela implorou por misericórdia; se ajoelhou; jurando que não partiria sem a irmã; apelou para o céu e os santos. O homem, embora não estivesse comovido, tinha bom coração e era cortês, e assegurou-lhe com a maior gentileza que suas

súplicas não serviriam de nada; mesmo que a criminosa fosse sua própria filha, ele deveria cumprir suas ordens. Em uma única exceção, ele permitiu que ela visse a irmã. O desespero preencheu a freira de energia; ela quase subiu a colina correndo, ultrapassando a velocidade de seu guia: eles atravessaram uma depressão da colina até um pequeno casebre, onde sentinelas guardavam a porta. As janelas não tinham vidro, sendo assim as venezianas permaneciam fechadas; a primeiro momento, quando Maria passou da luz forte do dia para o interior, mal viu a figura esguia de sua irmã encostada na parede, os cabelos escuros caídos abaixo da cintura, a cabeça afundada no peito, sobre o qual os braços estavam cruzados. Ela ficou bastante assustada quando a porta se abriu, mas ao ver sua irmã se jogou com um grito cortante em seus braços.

“Elas foram deixadas sozinhas: Anina proferiu dezenas de exclamações frenéticas, implorando à irmã que a salvasse e estremecendo diante da aproximação de seu destino. Maria sentia que ela, desde a morte da mãe, era a natural protetora e o apoio de sua irmã, e nunca se considerou tão destinada a cumprir esse papel como agora que a menina trêmula colocou os braços em volta de seu pescoço, as lágrimas escorrendo em suas bochechas e sua voz embargada, implorando para salvá-la. O pensamento ‘Oh, eu poderia padecer em seu lugar!’ pairava em seu coração, e estava prestes a expressá-lo, quando deste sugeriu outra ideia, sobre a qual decidiu agir. Primeiro, ela acalmou Anina com suas promessas, depois olhou ao redor do casebre; não havia ninguém por perto: ela foi até a janela e, por uma fresta, viu os soldados conversando a certa distância.

“‘Sim, querida irmã’, ela exclamou, ‘eu irei... eu posso salvá-la... rápido... vamos trocar de roupas... não há tempo a perder eu... você escapará com meu hábito.’

“‘E você fica aqui para morrer?’

“‘Eles não se atreveriam a matar uma inocente, uma freira! Não tema por mim... estarei segura.’

“Anina cedeu facilmente à irmã, mas seus dedos tremiam; cada cordão de roupa que tocava emaranhava. Maria tinha perfeito controle de si, estava pálida, mas calma. Ela amarrou os longos cabelos da irmã e ajustou o véu para escondê-los; desamarrou o corpete de Anina e arrumou as dobras de seu hábito sobre ela com grande cuidado — depois, com mais pressa, vestiu as roupas da irmã, colocando, depois de um lapso de muitos anos, seu traje natal de contadina. Anina ficou ao seu lado, chorando e desesperada, mal ouvindo as ordens da irmã para voltar imediatamente ao pai e, sob sua orientação, buscar refúgio. O guarda agora abriu a porta. Anina agarrou-se à irmã aterrorizada, enquanto ela, em tom tranquilizador, suplicava que se acalmasse.

“O soldado disse que não deviam demorar mais, pois o padre havia

chegado, para confessar a prisioneira.

“Para Anina, a ideia de confissão associada à morte era terrível; para Maria trouxe esperança. Ela sussurrou, com voz abafada:

“O padre vai me proteger, não tema, vá depressa até o nosso pai!”

“Anina obedeceu quase de forma mecânica: chorando, com o lenço colocado naturalmente diante do rosto, ela passou pelos soldados; fecharam a porta diante da prisioneira, que foi até a janela e viu a irmã descer a colina com passos vacilantes, até se perder atrás de um terreno elevado. A freira caiu de joelhos — o orvalho frio banhava sua testa, instintivamente ela temia: os franceses mostravam pouco respeito pelo caráter monástico; destruíram os conventos e profanaram as igrejas. Seriam misericordiosos com ela e poupariam uma pessoa inocente? Misericórdia! Anina também não era inocente? Seu único crime foi desobedecer a uma ordem arbitrária, e Maria fizera o mesmo.

“‘Coragem!’, exclamou Maria. ‘Talvez eu esteja mais preparada para morrer do que minha irmã. Jesus, perdoe meus pecados, mas não acredito que vou sobreviver a este dia!’

“Enquanto isso, Anina descia o morro devagar e trêmula. Ela temia ser descoberta, temia por sua irmã, e, acima de tudo, no momento, temia a desaprovação e ira do pai. Esse último pensamento aumentou seu terror ainda mais, e ela decidiu, em vez de voltar para casa, fazer um caminho entre as colinas e ir sozinha até Albano, onde acreditava que encontraria proteção de seu pastor e confessor. Evitou os caminhos abertos e, seguindo qualquer outra direção a não ser pela estrada principal, passou mais perto de Rocca Giovane do que esperava. Ela olhou para as casas em ruínas e o campanário sem sino, forçando os olhos para vislumbrá-lo, o autor de todos os seus males. Um assobio baixo, mas distinto, chegou aos seus ouvidos, não muito longe; ela se assustou — lembrou-se de que, na noite em que viu Domenico pela última vez, um sinal como aquele o levou embora; o som ecoou e reecoou de outros lugares; ela ficou horrorizada, seu peito arfando, suas mãos entrelaçadas. Primeiro ela viu uma cabeleira escura e desgrehada, sombreando dois olhos intensamente brilhantes, erguer-se debaixo de um arbusto. Ela gritou, mas antes que pudesse repetir o grito, três homens saltaram de trás de uma pedra, prenderam seus braços, jogaram um pano sobre seu rosto e a conduziram até o aclave. Sua conversa, enquanto era levada, a informava do horror e perigo de sua situação.

“‘Uma pena’, disseram, ‘que o santo padre e alguns de seus meias vermelhas^[151] não comandassem as tropas: com uma freira nas mãos, poderiam obter quaisquer condições. Faziam brincadeiras rudes enquanto eles arrastavam sua vítima para a aldeia em ruínas.’ A pavimentação da rua lhe disse quando

chegaram a Rocca Giovane, e a mudança na atmosfera quando entraram em uma casa. Tiraram-lhe a venda dos olhos: a cena era sórdida e miserável, as paredes irregulares e pretas de fumaça, o chão coberto de resíduos e sujeira; uma mesa tosca e um banco quebrado eram os únicos móveis; e as folhas de milho, empilhadas num canto, serviam, ao que parecia, de cama, para um homem deitado ali, com a cabeça enterrada nos braços cruzados. Anina olhou seus bárbaros anfitriões: seus semblantes expressavam toda variedade de ferocidade brutal, tornada agora ainda mais terrível pela fome e sofrimento.

“Oh, não há ninguém para me salvar!”, disse em pranto.

“A voz chamou atenção do homem no chão; ele se levantou em um salto; era Domenico: Domenico, tão mudado, com bochechas e olhos fundos, cabelos emaranhados e a feição cuja selvageria e desespero pouco diferia das fisionomias escuras ao seu redor. Poderia este ser seu amado?

“Seu reconhecimento e surpresa pelos trajes dela levaram a uma explicação. Ao saberem que sua vítima não era um prêmio, os ladrões ficaram mortificados e zangados; mas quando Anina relatou o perigo que havia incorrido ao tentar trazer-lhes comida, eles prometeram com diversas juras que nenhum mal lhe aconteceria, e se assim desejasse, poderia ser um deles com toda honra e igualdade. A garota inocente estremeceu.

“Deixe-me ir”, ela pediu, ‘me deixe escapar e me esconder em um convento para sempre!’

“Domenico a encarou em agonia.

“Sim, pobre garota”, disse ele, ‘vá se salvar: Deus não conceda nenhum mal a você; a ruína já é muito grande.’

“Então, voltando-se ansiosamente para seus companheiros, ele continuou:

“Vocês ouviram a história. Ela deveria ter sido morta por nos trazer mantimentos: sua irmã tomou seu lugar. Conhecemos bem os franceses; para eles uma vítima é tão boa quanto outra: Maria morrerá em suas mãos. Vamos salvá-la. Nosso tempo acabou; devemos cair como homens, ou morrer de fome como cães: ainda temos munição, e um pouco de força em nossos corpos. Para as armas! Vamos atacar os covardes, libertar sua prisioneira e escapar ou morrer!’

“Foi preciso apenas um impulso como este para incitar os bandidos a resoluções desesperadas. Eles prepararam suas armas com olhares de feroz determinação. Domenico, enquanto isso, acompanhou Anina para fora da casa, até a beira do morro, perguntando onde ela tinha intenção de ir. Quando ela respondeu a Albano, ele observou:

“Não é seguro; ouça o que digo, peça-lhe: pegue estas moedas, alugue o primeiro transporte que encontrar, vá para Roma, ao convento de Santa

Chiara: por piedade, não fique nesta região.’

“‘Obedecerei às suas ordens, Domenico’, ela respondeu, ‘mas não posso aceitar seu dinheiro; custou-lhe muito caro: não tema, chegarei em segurança a Roma sem esta prata amaldiçoada.’

“Os camaradas de Domenico agora o chamavam: ele não tinha tempo para insistir e jogou o dinheiro desprezado aos seus pés.

“‘Nina, adeus para sempre’, disse ele, ‘que você volte a amar com mais felicidade.’

“‘Nunca!’, ela respondeu. ‘Deus me salvou neste traje; seria um sacrilégio mudá-lo: Jamais deixarei Santa Chiara.’

“Domenico desceu com ela por uma parte do caminho; seus companheiros apareceram no topo da colina, o chamando.

“‘Jesus te salve!’, exclamou ele, ‘chegue ao convento, Maria se juntará a você antes do cair da noite. Adeus!’

“Ele lhe deu um beijo apressado na mão, e subiu o aclave para se juntar aos companheiros impacientes.

“O pobre Andrea muito havia aguardado pelo retorno de suas filhas. As árvores nuas e o dia claro e iluminado faziam com que todos os objetos fossem visíveis, mas ele não viu vestígios delas na encosta da colina; as sombras do mostrador indicavam o meio-dia, quando, com impaciência incontável, ele começou a subir o morro, em direção ao local onde Anina fora levada. O caminho que seguiu foi em parte o mesmo que a miserável garota havia tomado a caminho de Roma. Pai e a filha se encontraram: o velho a viu vestida no hábito e desacompanhada: ela cobriu o rosto com as mãos em um misto de medo e vergonha; mas quando, confundindo-a com Maria, ele perguntou em tom de angústia pela caçula, os braços dela caíram. Ela não ousou erguer os olhos, que transbordavam de lágrimas.

“‘Menina infeliz!’, exclamou Andrea, ‘onde está sua irmã?’

“Ela apontou para a prisão, agora discernível perto do cume de uma ladeira íngreme.

“‘Ela está a salvo, ela me salvou; mas eles não se atreverão a assassiná-la.’

“‘Que os céus a abençoem por esta boa ação!’, exclamou o velho com fervor, ‘mas você, se apresse em seu caminho, e eu irei procurá-la.’

“Cada um seguiu em uma direção oposta. Andrea subiu a colina, agora diante de si, e perdeu de vista a cabana onde sua filha era prisioneira: ele era velho e o caminho era íngreme. Em um momento, quando a curva do morro escondia o ponto para onde ele forçava os olhos, um único tiro foi disparado naquela direção: seu cajado caiu das mãos, seus joelhos tremeram e fraquejaram; vários minutos de silêncio mortal se passaram antes que ele se recuperasse o suficiente para prosseguir: repleto de medo ele continuou, e na

próxima curva viu a cabana novamente. Um grupo de soldados estava no espaço aberto diante dele, alinhados como se esperassem um ataque. Em alguns momentos, de cima, tiros foram disparados, e eles devolveram, tudo foi envolto e velado em fumaça. Ainda assim, Andrea subiu o morro, ansioso para descobrir o que havia acontecido com sua filha: os tiros continuavam rápidos e quentes. De vez em quando, nas pausas dos mosquetes e nos ecos de resposta das montanhas, ele ouvia um canto fúnebre; logo, antes que percebesse, numa curva da colina, encontrou um grupo de padres e contadini, carregando uma grande cruz e um esquife. O pobre pai avançou com uma impaciência frenética; os camponeses aterrorizados baixaram sua carga — o rosto foi descoberto e o homem caiu indefeso sobre o cadáver da sua filha.”

A condessa Atanasia pausou, tomada pelas emoções inspiradas pela história que contava. Seguiu-se um longo momento de silêncio: por fim, uma pessoa do grupo observou:

— Maria, então, foi o sacrifício à sua bondade.

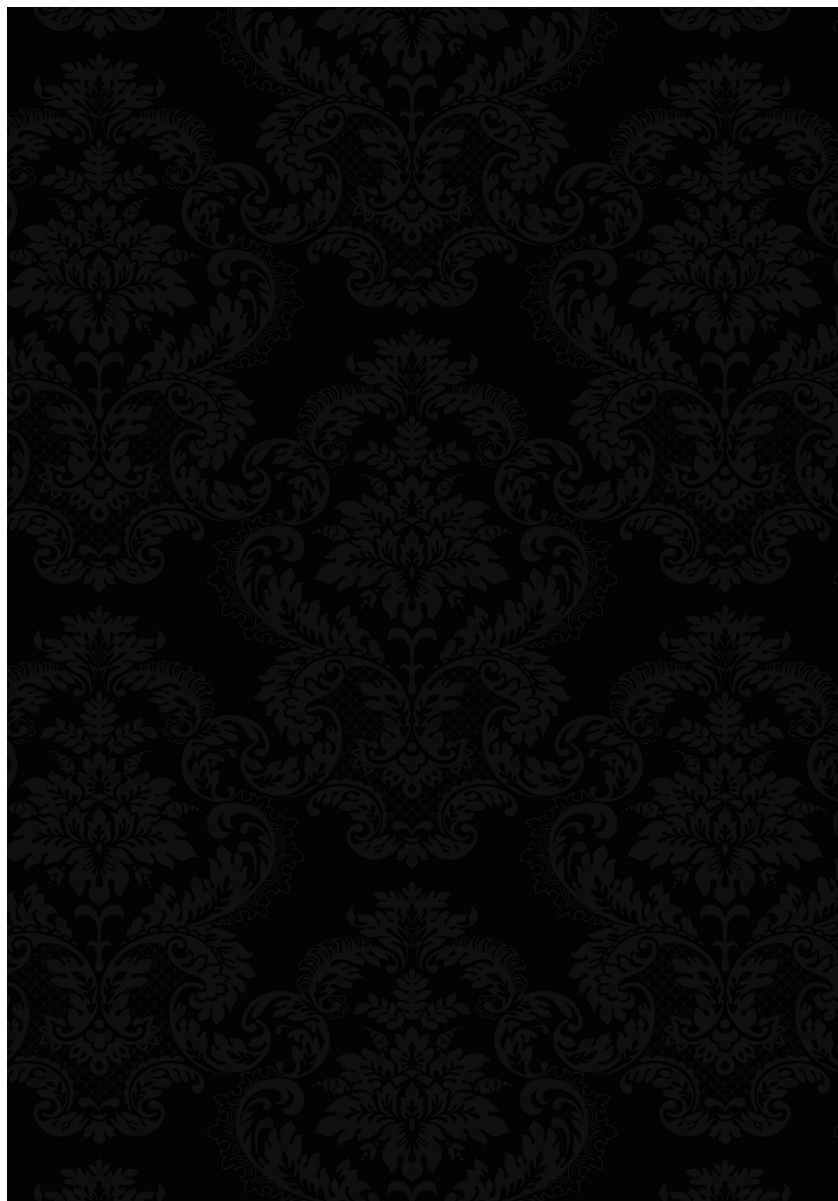
— Os franceses — respondeu a condessa — não veneravam sua santa vocação; uma camponesa para eles era o mesmo que outra. A imolação de qualquer vítima se adequava ao seu propósito de assombrar o campesinato. Mal, porém, o tiro entrou em seu coração, e seu espírito inocente foi recebido pelos santos no Paraíso, quando Domenico e seus seguidores desceram a colina para vingá-la e também a si mesmos. A disputa foi violenta e sangrenta; vinte soldados franceses caíram e nenhum dos bandidos escapou, Domenico, o iniciante do assalto, foi o primeiro a cair.

Eu perguntei:

— E onde estão agora Anina e seu pai?

— Você pode visitá-los, se quiser — disse a condessa — em seu retorno a Roma. Ela é uma freira de Santa Chiara. Constantes atos de benevolência e piedade inspiraram sua calma e resignação. Ela ora diariamente pela alma de Domenico, e espera, por intercessão da Virgem, reunir-se a ele no outro mundo.

Andrea está muito velho; ele sobreviveu à memória de seus sofrimentos; mas tem conforto nas atenções de sua filha ainda viva. Mas quando vejo sua choupana neste lago e me lembro do rosto alegre e risonho de Anina entre as vinhas, estremeço ao pensar na paixão que empalideceu suas bochechas, seus pensamentos sempre conversando com a morte, seu único desejo de encontrar repouso na sepultura.



FERDINANDO EBOLI

Título original: Ferdinando Eboli, A Tale
Publicado em 1828 na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”

Durante estes tempos tranquilos de paz, nos esquecemos facilmente dos emocionantes e admiráveis eventos das guerras napoleônicas; e até mesmo os nomes dos conquistadores da Europa estão se tornando antiquados aos ouvidos de nossos filhos. Eram dias mais românticos do que esses; pois o repúdio causado pela revolução ou invasão é repleto de romance; e viajantes nesses países nos quais tais cenas se passavam, ouviam histórias estranhas e maravilhosas, cuja verdade se assemelha tanto a ficção, que, enquanto interessados na narrativa, nunca davam crédito implícito ao narrador. Deste tipo é uma história que ouvi em Nápoles. As sinas da guerra talvez não tenham influenciado seus personagens, mas parece improvável que quaisquer circunstâncias tão fora do habitual pudessem ter ocorrido sob a berrante luz do dia que a paz derrama sobre o mundo.

Quando Murat^[152], então chamado Gioacchino, rei de Nápoles, criou seus regimentos italianos, vários jovens nobres, que antes eram pouco mais que vinhateiros, foram inspirados pelo amor às armas e se candidataram a honras militares. Entre estes estava o jovem conde Eboli. O pai desse nobre jovem havia seguido Ferdinando até a Sicília; mas suas terras ficavam próximo a Salerno, e ele tinha o natural desejo de preservá-las; enquanto as esperanças que o governo francês mantivesse glória e prosperidade de seu país o fizeram diversas vezes se arrepender de ter seguido seu rei legítimo, porém imbecil, para o exílio. Em seu leito de morte, portanto, ele recomendou ao seu filho que retornasse a Nápoles, para colocar-se à disposição do seu velho e experiente amigo, o marquês Spina, que ocupava um alto cargo no governo de Murat, e por seus meios se reconciliar com o novo rei. Isso foi facilmente alcançado. O jovem e galante conde conseguiu a posse de seu patrimônio; e, como garantia adicional de boa fortuna, ficou noivo da filha única do marquês Spina. As núpcias foram adiadas até o final da campanha que viria.

Enquanto isso, o exército seguiu viagem, e o conde Eboli só obteve uma licença curta que lhe permitiu visitar por algumas horas a vila de seu futuro sogro, para se despedir dele e de sua noiva. A vila ficava em um dos Apeninos ao norte de Salerno, e se estendia sobre a planície da Calábria, onde fica Paestum, na direção do azul Mediterrâneo. Um precipício de um lado, uma

corredeira turbulenta montanha abaixo, e um espesso bosque de carvalho, acrescentavam beleza à sublimidade do local. O conde Eboli subiu o caminho da montanha com toda a alegria e esperança da juventude. Sua estada foi breve. Um conselho e uma benção do marquês, um adeus terno, agraciado por lágrimas suaves, da bela Adalinda foram as memórias levadas consigo para inspirá-lo com coragem e fé no perigo e na solidão. O sol acabara de afundar atrás da distante ilha de Ístria, quando, beijando a mão de sua dama, ele disse um último addio^[153], e com passos lentos e um semblante melancólico, desceu a montanha em seu caminho para Nápoles.

Naquela mesma noite Adalinda foi cedo para seus aposentos, dispensando seus atendentes; e então, inquieta em uma mistura de medo e esperança, abriu a porta de vidro levando a uma sacada que dava para o desfiladeiro sobre a corredeira, cujo forte ruído muitas vezes a embalava no sono, mas cujas águas eram escondidas pelas árvores de carvalho erguendo seus galhos acima do parapeito da sacada.

Apoiando o rosto na mão, ela pensou nos perigos que seu amado encontraria, em sua solidão durante esse tempo, em suas cartas e em seu retorno. Um som farfalhante agora chegou aos seus ouvidos. Foi a brisa entre as árvores? Seu véu não se moveu com o vento, seus cachos, pesados em sua rica beleza, não se ergueram de sua bochecha. Mais uma vez aqueles sons. Seu sangue encontrou refúgio em seu coração, e seus membros tremeram. O que poderia ser? De repente, os galhos mais altos de uma árvore próxima se moveram; se abriram, e a luz tênue das estrelas revelou a figura de um homem. Ele se preparou para saltar na parede. Foi uma façanha perigosa. Primeiro a voz suave de seu amado a pediu “Não tema”, e no momento seguinte ele estava ao seu lado, acalmando seus temores e evocando seu espírito, que havia quase deixado seu corpo delicado, devido a um misto de surpresa, pavor e alegria. Ele envolveu sua cintura com o braço e, derramando mil expressões apaixonadas de amor, ela se apoiou em seu ombro e chorou de agitação, enquanto ele cobria suas mãos de beijos e a observava com ardente adoração.

Então, agora mais calmos, eles sentaram juntos; triunfo e felicidade iluminaram os olhos de Adalinda, e um rubor modesto brilhou em seu rosto: pois ela nunca estivera sozinha com ele, nem ouvira suas declarações apaixonadas de afeto. Era, de fato, a hora do Amor. As estrelas tremeram no dossel de seu templo eterno; a velocidade da torrente, a atmosfera amena de verão e o aspecto misterioso da paisagem escurecida entoavam em uníssono para inspirar segurança e esperança voluptuosa. Eles falaram sobre como seus corações, através da natureza divina, poderiam manter comunhão durante a ausência; das alegrias do reencontro e de sua perspectiva de perfeita felicidade.

Afinal chegou o momento dele partir.

— Uma mecha de seu cabelo sedoso — disse ele, levantando um dos muitos cachos se agrupando em seu pescoço. — Colocarei em meu coração, um escudo para me proteger das espadas e tiros do inimigo. — Ele puxou sua adaga afiada da bainha. — Arma ruim para um ato tão gentil — disse, cortando a mecha, e no mesmo momento, diversas gotas de sangue caíram rapidamente no braço da dama.

Ele respondeu às suas perguntas temerosas mostrando um corte que desajeitadamente infligiu em sua mão esquerda. Primeiro, insistiu em garantir seu prêmio, e depois deixou que ela atasse a ferida, ao que ela fez meio rindo, meio com tristeza, enrolando em sua mão uma fita de cetim que tirou de seu próprio braço.

— Agora, adeus — ele exclamou. — Preciso cavalgar trinta quilômetros antes do amanhecer, e a Ursa Maior baixa no céu mostra que já passou de meia-noite.

A descida foi difícil, mas ele teve sucesso, e a pauta de uma canção — cujos sons suaves erguiam-se como a fumaça de incenso em um altar — do vale abaixo, para o ouvido impaciente de Adalinda, garantiu a ela sua segurança.

Como é sempre o caso quando uma história é contada por um espectador, eu jamais pude especificar a data exata destes eventos. Ocorreram, entretanto, enquanto Murat era rei de Nápoles; e quando ele reuniu seus regimentos Italianos, Conde Eboli, como dito antes, tornou-se um oficial subalterno deles, e serviu com muita distinção, embora eu não possa nomear nem o país nem a batalha onde sua atuação foi tão notável, que no mesmo momento foi promovido a uma tropa.

Não muito depois deste evento, e enquanto exercia seu posto no norte da Itália, Gioacchino, mandando chamá-lo ao quartel no cair da noite, o encarregou de uma missão confidencial, através de uma região ocupada pelas tropas inimigas, até uma cidade dominada pelos franceses. Era necessário realizar a expedição durante a noite, e seu retorno era esperado no dia seguinte. O próprio rei lhe deu o despacho e a ordem; e o nobre jovem, com modesta confiança, declarou que ele teria sucesso, ou morreria tentando realizar a missão.

Já estava escuro e a lua crescente mostrava-se baixa no oeste, quando Conde Ferdinando Eboli, montado em seu cavalo favorito, desbravou as ruas da cidade em um galope veloz, e então, seguindo suas ordens, atravessou a região entre os vinhedos, cuidadosamente evitando a estrada principal. Era uma noite bela e tranquila; calma e serenidade ocupavam a terra; guerra, o sanguinário cão de caça, dormia; apenas o espírito do amor vivia naquela hora silenciosa. Exultante na esperança da glória, nosso jovem herói começou sua

jornada, visões de engrandecimento e amor edificavam seus devaneios. Um som distante o despertou: ele parou seu cavalo e escutou; vozes se aproximavam. Ao reconhecer uma fala em alemão, desviou ainda mais do caminho, mas novamente ouviu o tom do inimigo e o galopar de cavalos. Eboli não hesitou; ele desmontou, amarrou seu corcel a uma árvore e, contornando o cercado de um campo, confiou que assim escaparia sem ser notado. Após uma hora de progresso difícil, chegou às margens de um riacho que, marcando o limiar entre dois estados, era o indício de que afinal havia escapado do perigo. Descendo a margem íngreme do rio, que, com seu cavalo, talvez tivesse vadeado, ele agora preparava-se para nadar. Ele levou o despacho em uma das mãos, se desfez do manto, e estava prestes a dar um mergulho, quando, em meio a sombra de um argine^[154] que havia escondido o inimigo, de repente foi preso por mãos invisíveis, enviado ao chão, amarrado, amordaçado, e teve os olhos vendados, e então o colocaram em uma pequena embarcação, que se locomoveu com infinita rapidez rio abaixo.

O ato parecia ser tão premeditado que confundia a razão, entretanto foi necessário concluir que havia se tornado prisioneiro dos austríacos. Enquanto ainda refletia em vão, porém, percebeu que o barco havia atracado. Ele foi tirado dali e a mudança na atmosfera o fez se dar conta que agora entravam em uma casa. Com extremo cuidado e agilidade, mas em total silêncio, aqueles que o acompanhavam arrancaram suas roupas e dois anéis de seus dedos; vestiram-no com outros trajes; e após isso não se ouviu nenhum passo em retirada; mas logo o som de um único remo atingindo a água chegou aos seus ouvidos e ele sentiu que estava sozinho. Incapaz de se mover, seu único alívio era que seu captor ou captores trocaram a mordaça por um lenço bem apertado. Por horas ele permaneceu desta maneira, com a mente torturada, explodindo de raiva, ansiedade, decepção; ora contorcendo-se em esforços para se libertar, ora ainda em desespero. Seus despachos foram levados, e o período em que poderia remediar em algum grau este mal com sua presença, passava rápido. O dia clareou, e, embora os raios do sol não pudessem visitar seus olhos, ele os sentiu gracejando em seus braços e pernas. Conforme o dia avançava, a fome o dominou, e, em meio a visitas mais poderosas, ele primeiramente desprezou este mal menor, mas já no final da tarde tornou-se a sensação predominante. A noite se aproximava, e o medo de que a fome permaneceria, e até poderia morrer de inanição nesta absoluta solidão havia mais de uma vez feito calafrios percorrerem pelo seu corpo, quando uma voz feminina e a risada alegre de uma criança encontraram seus ouvidos. Ele ouviu pessoas entrando no local, e lhe perguntaram em sua língua nativa, enquanto libertavam seus lábios, o que acontecera com ele. Ele disse que foram bandidos. Cortaram suas amarras rapidamente, seus olhos tiveram a visão

restaurada. Passou um longo tempo antes que ele se recuperasse. A água vinda do riacho, entretanto, trouxe um pouco de alívio, aos poucos ele recobrou seus sentidos e viu que estava em um casebre pastoral em ruínas, sem ninguém por perto a não ser a camponesa e uma criança que o haviam libertado. Eles trataram de seus tornozelos e pulsos e o rapazinho lhe ofereceu um pouco de pão e ovos, após os quais, junto de uma hora de repouso, Ferdinando sentiu-se bem o suficiente para pensar em sua aventura e decidir a conduta a seguir.

Ele olhou para os trajes substituídos pelos que ele usava. Eram da descrição mais simples e mesquinha. Ainda assim, não havia tempo a perder; e ele sentia que o único passo a ser tomado era retornar a toda velocidade ao quartel-general do exército napolitano e informar o rei de seus infortúnios e sua perda.

Foi um longo tempo para refazer seus passos, sem mencionar toda a indignação e decepção que transbordavam em seu coração. Ele caminhou arduamente a noite toda, mas com resolução, e por volta das três da manhã entrou no vilarejo onde Gioacchino estava. Os sentinelas o desafiaram; ele falou sobre a ordem confiada a ele por Murat, e foi instantaneamente feito prisioneiro pelos soldados. Declarou seu nome e posição, e a necessidade de ver imediatamente o rei. Foi levado para a casa de guarda, e o soldado em serviço ouviu com desprezo seus argumentos, dizendo que o conde Ferdinando Eboli voltara três horas antes, e ordenou que ele fosse confinado para investigarem se era um espião. Aos gritos, Eboli insistiu que algum impostor havia tomado seu nome; e enquanto contava a história de seu rapto, outro soldado entrou e o reconheceu; outros indivíduos que o conheciam se juntaram ao grupo; e como o impostor só fora visto pelo soldado da noite, sua história ganhou terreno.

Um jovem francês de posto superior, que tinha ordens de assistir ao rei pela manhã, levou um relatório do que estava acontecendo para Murat. A história era tão estranha que o rei mandou chamar o jovem conde; e então, apesar de ter visto e acreditado em seu usurpador algumas horas antes, e ter recebido dele um relato de sua missão, a qual havia sido fielmente executada, a aparência do jovem o surpreendeu, e ele ordenou a presença daquele que, como Conde Eboli, aparecera diante dele algumas horas antes. Enquanto Ferdinando estava ao lado do rei, seus olhos se depararam com um grande e esplêndido espelho. Seu cabelo emaranhado, seus olhos vermelhos, sua aparência abatida e traje rasgado e mesquinho, depreciavam a nobreza de sua aparência; e menos ainda ele se assemelhava ao magnífico Conde Eboli, quando, para sua total confusão e espanto, seu usurpador ficou bem ao seu lado.

Em todos os sinais exteriores denotando nascimento nobre ele era

perfeito; e tão parecido com aquele que representava, que era impossível discernir um do outro. O mesmo cabelo castanho caindo na testa; os olhos cor de mel doces e cheios de vida eram idênticos; uma voz era eco da outra. A compostura e dignidade do mentiroso ganharam a aprovação daqueles em volta. Quando lhe disseram sobre a estranha aparição de um outro conde Eboli ele riu de um jeito franco e bem-humorado, e virando-se para Ferdinando, disse:

— Muito me honra ao me escolher para sua personificação; mas existem duas ou três coisas sobre mim que gosto tanto, que deve desculpar a minha indisponibilidade de fazer a troca.

Ferdinando teria respondido, mas o falso conde, com maior soberba, virando-se para o rei disse:

— Vossa majestade decidirá entre nós? Não posso trocar palavras com um sujeito desse nível.

Irritado pelo desprezo, Ferdinando pediu licença para desafiar o farsante; que interveio dizendo que se o rei e seus companheiros oficiais achavam que ele deveria se rebaixar e desgracar o exército em um duelo com um vagabundo, ele não se importava em colocá-lo em seu lugar, mesmo arriscando a sua própria vida. Mas o rei, depois de mais algumas perguntas, sentindo-se seguro de que o infeliz nobre era um impostor, o repreendeu por sua insolência com severidade e ameaças, dizendo que era apenas por sua misericórdia que não era executado como espião, ordenando que fosse imediatamente conduzido para fora dos muros da cidade com advertências de pesada punição se ousasse fazer outra tentativa a sua farsa.

É necessária grande imaginação, e a experiência de muita tristeza, para compreender a totalidade dos sentimentos de Ferdinando. De alto nível social, glória, esperança e amor, ele foi atirado a completa miséria e desgraça. As palavras ofensivas de seu rival triunfante e as ameaças degradantes do seu gracioso soberano soaram em seus ouvidos; cada nervo em seu corpo se contorceu em agonia. Mas, felizmente para a resistência da vida humana, a pior angústia na juventude é nada além de um sonho doloroso que abandonamos quando o sono deixa nossos olhos. Após o conflito com intolerável desespero, esperança e coragem renasceram em seu coração. Ele rapidamente tomou uma decisão. Ferdinando retornaria a Nápoles, contaria sua história ao marquês Spina e, com sua influência, obteria ao menos uma audiência imparcial do rei. Nesta situação peculiar, porém, não foi uma tarefa fácil colocar sua resolução em prática. Ele não tinha um tostão; seus trajes eram feitos sob medida para mostrar pobreza; ele não tinha amigo nem parente por perto, apenas quem o contemplasse como o mais insolente dos vigaristas. Ainda assim, sua coragem não lhe falhou. O bom solo italiano, no

outono já avançado, lhe fornecia castanhas, medronheiros e uvas. Ele pegou a estrada mais rápida através das colinas, evitando vilarejos e, na verdade, todo o tipo de habitação; viajando principalmente à noite, quando, exceto nas cidades, os oficiais do governo se retiravam de seus postos. Como ele conseguiu ir de um extremo a outro da Itália é difícil dizer; mas certo é que, após o intervalo de algumas semanas, ele chegou até a Villa Spina.

Com dificuldade considerável ele teve permissão para ver o marquês, que o recebeu de pé, com um olhar curioso, sem nenhum reconhecimento do nobre jovem. Ferdinando pediu uma reunião privada, pois havia diversos visitantes presentes. Sua voz assustou o marquês, que aquiesceu, levando-o a outro cômodo. Aqui Ferdinando se revelou, e, com frases rápidas e agitadas, relatava a história de seus infortúnios quando o galope de cavalos foi ouvido, o grande sino tocou, e um criado anunciou “O conde Ferdinando Eboli”.

— É ele! — exclamou o jovem, empalidecendo.

As palavras eram estranhas, e pareceram ainda mais estranhas quando a pessoa anunciada entrou; a perfeita fisionomia do jovem nobre, cujo nome ele assumiu, exatamente como aparecera em sua última visita, entrou no salão. Ele inclinou a cabeça graciosamente para o barão, virando-se com um olhar de surpresa, mas desdém, para Ferdinando, exclamando:

— Você aqui!

Ferdinando ergueu-se em sua altura completa. Apesar do cansaço, mal estar, e roupas pobres, suas maneiras eram cheias de dignidade. O marquês o encarou fixamente e se surpreendeu ao notar seu ar orgulhoso, e viu em seus traços expressivos o rosto de Eboli. Mas novamente ele ficou perplexo quando virou-se e viu, como em um espelho, a mesma expressão refletida no recém-chegado, que passou pelo exame um tanto impaciente. Em palavras breves e desdenhosas, ele disse ao marquês que esta era a segunda tentativa do intruso em se passar por conde Eboli; que o truque havia falhado antes, e falharia novamente; adicionando, com uma risada, que era difícil ser levado a provar que ele era ele mesmo, contra a afirmação de um briccone^[155], cuja semelhança a ele, e imprudência sem igual, eram suas únicas moedas de troca.

— Veja bem, meu bom sujeito — continuou ele, ironicamente —, assim você me envergonha, me fazendo pensar que um homem aparentemente tão parecido comigo, não deveria se dar melhor na vida.

O sangue acumulou nas bochechas de Ferdinando pelas provocações amargas de seu inimigo; com dificuldade ele se refreou em agredir seu adversário, enquanto as palavras “traidor impostor!” explodiam de seus lábios. O barão ordenou para que o jovem ficasse em silêncio, e, comovido por um olhar que se lembrava ser de Ferdinando, disse gentilmente:

— Por seu respeito a mim, eu suplico que seja paciente; não tema, vou

resolver este caso imparcialmente.

Então, virando-se para o Eboli falso, adicionou que não poderia duvidar que ele era o verdadeiro conde, e se desculpou por sua indecisão anterior. No primeiro momento o segundo pareceu zangado, mas logo explodiu em uma gargalhada, e então, se desculpando pela indiscrição, continuou rindo com vontade pela perplexidade do marquês. Sem dúvidas, sua alegria fez com que ganhasse mais crédito em comparação ao olhar indignado do pobre Ferdinando. O falso conde disse então que, depois das ameaças do rei, não tinha expectativas de que a farsa se repetisse. Ele obtivera uma licença, da qual aproveitou para visitar seu futuro sogro, depois de ter passado alguns dias em seu palácio em Nápoles. Até agora, Ferdinando ouvira em silêncio, com um sentimento de curiosidade, ansioso por saber tudo o que pudesse sobre as ações e os motivos de seu rival; mas diante dessas últimas palavras ele não pode mais se conter.

— O quê? — exclamou ele. — Usurpou meu lugar na casa do meu pai, e ousou assumir meu poder em minhas câmaras ancestrais?

Uma torrente de lágrimas dominou o jovem; ele escondeu o rosto com as mãos. Ira e orgulho inundaram a expressão do farsante.

— Pelo Deus eterno e pela cruz sagrada, eu juro — ele exclamou — aquele palácio é o palácio do meu pai; aquelas câmaras são as câmaras dos meus ancestrais!

Ferdinando ergueu o rosto em surpresa:

— E a terra não se abre — disse ele — para engolir o homem perjurado.

Ele então, a pedido do marquês, relatou suas aventuras, enquanto desdém cobria as feições de seu rival. O marquês, olhando os dois, não podia se livrar das dúvidas. Ele virou-se de um para o outro: apesar da aparência selvagem e perturbada do pobre Ferdinando, havia algo nele que proibia seu amigo de condená-lo como impostor; mas, da mesma forma, era impossível dizê-lo de um jovem tão galante e de aparência nobre, que poderia apenas ser reconhecido como o verdadeiro conde pela descrença na narrativa do outro. O marquês, chamando um atendente, mandou buscar sua bela filha.

— Esta decisão — disse ele — deverá ser feita pelo julgamento sutil de uma mulher, e o atento discernimento daqueles que amam.

Ambos os jovens agora sorriram — o mesmo sorriso; a mesma expressão — de triunfo antecipado. O barão ficou mais perplexo do que nunca.

Adalinda ouvira sobre a chegada do conde Eboli, e entrou, transbordando em graça e alegria. Ela logo se virou para aquele que se parecia mais com a pessoa que esperava ver; quando uma voz muito bem conhecida pronunciou seu nome, e ela estremeceu diante da aparência dupla de seu amado. Seu pai, pegando em sua mão, explicou o mistério brevemente, e

pediu que se assegurasse sobre qual deles era seu futuro marido.

— Signorina^[156] — disse Ferdinando —, não desdenhe de mim pois apareço diante de seus olhos em desgraça e miséria. Seu amor, sua bondade restaurarão a minha prosperidade e felicidade.

— Eu não sei como — disse a garota, perplexa —, mas sem dúvidas você é o conde Eboli.

— Adalinda — disse o jovem rival —, não desperdice suas palavras com um vilão. Adorável e enganada, eu confio que, e tremo ao dizê-lo, com uma única palavra posso lhe garantir que sou Eboli.

— Adalinda — disse Ferdinando —, eu coloquei o anel de noivado em seu dedo; diante de Deus você me deu seus votos.

O falso conde se aproximou da donzela e, dobrando um joelho, tirou de seu peito um medalhão, envolvendo o cabelo amarrado com uma fita verde, que ela reconheceu ter usado, e apontou para uma pequena cicatriz na mão esquerda.

Adalinda corou profundamente e, virando-se para o pai, disse, apontando para o jovem ajoelhado:

— Ele é Ferdinando.

Todos os protestos agora do infeliz Eboli foram em vão. O marquês o teria jogado em um calabouço; mas diante do pedido sincero de seu rival, ele não foi feito prisioneiro, e sim expulso da vila em grande humilhação. A raiva de um animal selvagem recém-encarcerado era menor do que a tempestade de indignação agora preenchendo o coração de Ferdinando. Sofrimento físico, do cansaço e jejum, somava-se a sua angústia interna; por algumas horas a loucura, se pode chamar-se de loucura o sentimento que nunca esquece seu mal, o envolveu. Em meio a uma revolta de emoções, houve uma ideia predominante: de tomar posse da casa de seu pai, e tentar, melhorando as circunstâncias imprevistas de sua sorte, ganhar vantagem sobre seu adversário. Ele gastou suas forças restantes para chegar a Nápoles, entrou no palácio de sua família e foi recebido e reconhecido por seus criados atônitos.

Um de seus primeiros atos foi tirar de um armário o retrato em miniatura de seu pai cercado de joias, e invocar a ajuda do espírito paternal. Uma refeição e um banho restauraram um pouco de sua energia habitual; e ele ansiava com deleite quase infantil por uma noite pacífica sob o teto de seu pai. Tal não foi permitido. Antes da meia-noite o grande sino soou: seu rival entrou como mestre, junto do marquês Spina. Pode-se adivinhar o resultado. O marquês parecia mais indignado que o falso Eboli. Ele insistiu que o jovem infeliz deveria ser aprisionado. O retrato, cujos ornamentos eram caros, encontrado com ele, tornou-se uma prova de roubo. Ele foi entregue nas mãos da polícia e jogado em um calabouço. Não me alongarei nas cenas

subsequentes. Ele foi julgado pelo tribunal, condenado como culpado e sentenciado aos galés^[157] pelo resto da vida.

Na véspera do dia em que ele deveria ser levado da prisão napolitana para trabalhar nas estradas da Calábria, seu rival o visitou em sua masmorra. Por alguns momentos eles olharam um para o outro em silêncio. O impostor encarou o prisioneiro com uma mistura de orgulho e compaixão: era evidente que havia dúvida em seu coração. O olhar devolvido por Ferdinando foi calmo, livre e digno. Ele não havia se conformado com seu duro destino, mas não tinha a intenção de fazer qualquer exibição de desespero para seu inimigo cruel e vitorioso. Um espasmo de dor pareceu dilacerar o peito do falso; e ele desviou o olhar, esforçando-se para recuperar a frieza que até então o havia apoiado em seu empreendimento culposo. Ferdinando falou primeiro.

— O que o criminoso triunfante teria a dizer para sua vítima inocente?

O visitante respondeu com soberba:

— Não dirija tais epítetos a mim, ou o deixarei à própria sorte: eu sou quem digo que sou.

— Para mim, esta exibição! — exclamou Ferdinando, com escárnio. — Mas talvez essas paredes tenham ouvidos.

— O Céu, ao menos, não é surdo — disse o charlatão. — Céu acolhedor, que conhece e admite minha reivindicação. Mas vamos dar uma trégua nessa discussão inútil. Compaixão — um desgosto ver alguém tão parecido comigo em tão mau estado —, um capricho tolo, talvez, pelo qual você pode se parabenizar — trouxe-me até aqui. Os parafusos de sua masmorra estão agora frouxos; aqui está uma bolsa cheia de ouro; cumpra uma condição fácil, e você será livre.

— E qual é a condição?

— Assine este papel.

Ele deu a Ferdinando um documento, com uma confissão dos crimes que lhe foram atribuídos. A mão do culpado tremeu ao lhe entregar; havia confusão em seu semblante e um revirar de olhos desconfortável e inquieto. Ferdinando desejava em uma palavra poderosa, potente como um raio, alta como trovão, transmitir seu desdém inflamado por tal proposição: mas palavras são fracas, e a calma tem mais poder do que a tempestade. Em silêncio, ele rasgou o papel em dois pedaços e os jogou aos pés do seu inimigo.

Com uma súbita mudança em suas maneiras, o visitante o implorou, em termos eloquentes e impulsivos, para que aceitasse. Ferdinando respondeu somente pedindo para ficar sozinho. Ora ou outra meia palavra escapava incontrolada de seus lábios; mas ele se conteve. Ainda assim, não conseguiu esconder sua agitação quando, como um argumento para fazê-lo concordar, o falso conde o afirmou que já havia se casado com Adalinda. Amarga agonia

passou pelo corpo do pobre Ferdinando; mas ele preservou a calma e uma resolução inalterada. Após extinguir cada ameaça e persuasão, seu rival o deixou, o propósito pelo qual viera inacabado. Pela manhã, junto de muitos outros, os rejeitados da humanidade, conde Ferdinando Eboli foi enviado em correntes para as insalubres planícies da Calábria, para trabalhar nas estradas.

Devo me apressar com os eventos subsequentes, pois seu relato detalhado encheria volumes. A afirmação do usurpador, de que já era casado com Adalinda, era, como tudo o que dizia, falsa. O dia para sua união, no entanto, estava marcado, quando a doença e a então morte do marquês Spina atrasou a celebração. Adalinda retirou-se durante os primeiros meses de luto para um castelo de seu pai, não muito longe de Arpino, cidade do reino de Nápoles, em meio aos Apeninos, a cerca de oitenta quilômetros da capital. Antes de partir, o farsante tentou convencê-la a se casar em uma cerimônia privada. Ele provavelmente temia que, no longo intervalo que viria antes de desposá-la, ela descobrisse sua farsa. Além disso, correu o boato de que um dos companheiros de prisão de Ferdinando, um bandido notável, havia escapado, e que o jovem conde era seu companheiro de fuga. Adalinda, no entanto, recusou-se a atender às súplicas do noivo e entrou em reclusão com uma tia velha, cega e surda, mas uma excelente companhia. O falso Eboli pouco visitava sua pretendente; mas era mestre em sua arte, e eventos seguintes mostraram que ele deveria passar a maior parte do seu tempo disfarçado nos arredores do castelo. Ele conseguiu, por vários meios, sem levantar suspeita até então, trocar todos os servos de Adalinda com pessoas escolhidas por ele; de modo que, sem perceber seu cárcere, ela era, de fato, prisioneira em sua própria casa. É impossível dizer o que primeiro a fez suspeitar sobre o engano em que fora colocada. Ela era italiana, com toda a habitual quietude e lassidão de suas conterrâneas na rotina ordinária da vida, e com toda energia e paixão quando provocada. No momento em que a dúvida disparou em sua mente, ela decidiu ter certeza. Algumas perguntas relativas a cenas que se passaram entre o pobre Ferdinando e ela foram suficientes. Suas indagações vieram tão repentina e incisivamente que o falsário derrubou a guarda; ele pareceu confuso e gaguejou em suas respostas. Seus olhos se encontraram; ele sentiu que havia sido descoberto, e ela viu que ele percebia suas suspeitas agora confirmadas. Um olhar tão peculiar a um impostor — um olhar que deformava sua beleza e enchia seu rosto normalmente nobre com as linhas hediondas do triunfo astuto e cruel — completou a certeza em suas suspeitas. “Como”, ela pensou, “eu poderia ter confundido este homem com meu gentil Eboli?” Novamente seus olhos se encontraram. Sua expressão peculiar a aterrorizou, e ela saiu apressadamente dos aposentos.

Ela rapidamente tomou uma decisão. Não havia motivos para tentar

explicar a situação a sua velha tia. Ela deveria partir imediatamente para Nápoles, jogar-se aos pés de Gioacchino e contar sua estranha história e obter crédito por ela. Mas o tempo em que poderia ter executado este plano já estava perdido. Os artifícios do charlatão estavam completos — ela se viu prisioneira. O excesso de medo lhe deu ousadia, se não coragem. Ela procurou seu carcereiro. Alguns minutos antes ela fora uma garota ingênua, dócil como uma criança e tão ignorante quanto; agora sentia como se, de uma hora para outra, tivesse envelhecido em sabedoria, e adquirira a experiência de anos em poucos segundos.

Durante sua conversa ela foi cautelosa e firme, enquanto o poder instintivo da inocência sobre a culpa deu maestria ao seu comportamento. O instigador de seus males por um momento se acovardou sob seu olhar. A princípio ele não admitiu que não fosse a pessoa que clamava ser, mas a energia e a eloquência da verdade derrubaram seu artifício, e deste modo, finalmente cercado, suas palavras se transformaram — como um cervo encurralado. Então foi a vez dela se acovardar, pois a energia superior de um homem lhe deu vantagem. Ele confessou a verdade: era o irmão mais velho de Ferdinando, filho natural do velho conde Eboli. Sua mãe, que havia sido injustiçada, nunca perdoou seu ofensor, e criou seu filho com ódio mortal por seu pai e crente de que as vantagens desfrutadas por seu irmão mais afortunado eram dele por direito. Sua educação foi rude; mas tinha os talentos sutis de um italiano, a rapidez de raciocínio e as artes maliciosas.

— Empalideceria seu rosto — disse ele a sua ouvinte trêmula — se eu descrevesse tudo que sofri para atingir meu propósito. Não confiei em ninguém, fiz tudo sozinho. Foi um triunfo glorioso (vindo apenas pela minha perseverança e fortaleza) quando eu e meu irmão usurpador ficamos lado a lado — eu o nobre, ele o marginal rebaixado — diante de nosso soberano.

Após rapidamente detalhar sua história, ele agora procurou ganhar o favor de Adalinda, que mal conseguia encará-lo, a não ser com olhares raivosos. Ele tentou por diversas mostras de paixão e ternura mudar seu coração. Não era ele, na verdade, o objeto de seu amor? Não fora ele quem havia escalado sua sacada na Villa Spina? Ele a fez recordar de momentos mútuos de afeto, incitando assim argumentos de maior peso com uma mulher delicada. O mais puro rubor tingiu suas bochechas, mas o horror pelo charlatão predominou sobre todos os outros sentimentos. Ele jurou que assim que seu casamento fosse consumado ele libertaria Ferdinando e concederia competência, ou melhor, se ela assim desejasse, metade de suas posses a ele. Ela respondeu friamente que preferia compartilhar as correntes dos inocentes, e o sofrimento vindo junto delas, a se envolver à falsidade e ao crime. Ela exigiu sua liberdade; mas a natureza indomável e até mesmo feroz que havia

carregado o impostor ao longo de sua carreira de crime agora se mostrou, e ele invocou terríveis imprecações^[158] a cabeça dele se ela alguma vez deixasse o castelo, exceto como sua esposa. Seu olhar poderoso de maldade desenfreada a aterrorizou; os olhos rutilantes de Adalinda mostravam aversão ao encará-lo. Teria sido muito mais fácil para ela ter morrido do que ceder a um homem que a fez sentir por um momento seu poder irresistível, resultante do fato dela ser uma mulher desprotegida, totalmente em suas mãos. Ela o deixou, com a impressão de ter acabado de escapar da iminente espada de um assassino.

Uma hora de deliberação a inspirou em uma maneira de escapar de sua terrível situação. Em um guarda-roupas no castelo estava, em ótima condição, as vestimentas de um pajem de sua mãe que havia morrido repentinamente, deixando as relíquias de sua posição intocadas. Vestindo-se em tais roupas, ela amarrou seus brilhantes cabelos negros, e até, com certo sentimento de amargura, cingiu a delicada espada que pertencia ao traje. Então, através de uma passagem que ligava seus aposentos à capela do castelo, ela deslizou com passos silenciosos muito tempo depois da Ave-Maria, que soando às quatro horas, tinha, em uma tarde de novembro, avisado que passara meia hora do pôr do sol. Ela tinha as chaves da porta da capela — abriu-se ao seu toque; a fechou atrás de si, e estava livre. As colinas estendiam-se ao seu redor, o céu estrelado acima, e a gélida brisa invernal murmurava em volta dos muros do castelo; mas o medo de seu inimigo conquistou outros temores, e ela caminhou com leveza, em um tipo de êxtase, durante muitas horas pela trilha pedregosa da montanha — ela, que nunca havia caminhado mais do que dois ou três quilômetros longe de casa em sua vida — até seus pés ficarem repletos de bolhas, seus sapatos rasgados, seu caminho completamente perdido. Ao amanhecer ela se viu em meio aos Apeninos selvagens, cobertos por azevinhos, e nem habitação nem ser humano à vista.

Ela estava faminta e exausta. Havia trazido ouro e joias consigo; mas não havia meio de trocá-los por comida aqui. Ela se lembrou de histórias sobre os banditti^[159], mas nenhum deles poderia ser tão vigarista e cruel como aquele de quem ela havia fugido. Este pensamento trouxe uma certa tranquilidade, e um gole de água de uma fonte pura da montanha devolveu um pouco de sua coragem, e ela continuou sua jornada. O meio-dia se aproximava; e, no sul da Itália, o sol do meio-dia, com um céu sem nuvens, até mesmo em novembro, é opressivamente quente, principalmente para uma mulher italiana, que nunca se expõe aos raios. Fraqueza tomou conta dela. Caminhando mais alguns passos, viu surgir reentrâncias nas encostas das montanhas, cobertas de louro e medronheiros: ela entrou em uma delas para descansar. Era funda e levava a outra entrada que dava para uma espaçosa caverna iluminada de cima: havia iguarias, uvas e um jarro de vinho sobre uma mesa tosca. Ela olhou ao redor

com medo, mas nenhum habitante apareceu. Ela se sentou e, meio apavorada, comeu; e depois permaneceu ali, o cotovelo na mesa, a cabeça apoiada na pequenina mão branca como a neve, o cabelo escuro sombreando a testa e se aglomerando em volta do pescoço. Uma aparência de languidez e fadiga mostrava-se em sua atitude, enquanto seus delicados olhos negros se enchiam de lágrimas em intervalos, ao mesmo tempo em que, com pena de si, ela pensava nas cruéis circunstâncias de seu destino. Seu traje extravagante, mas elegante, sua forma feminina, sua beleza e graça, enquanto se sentava pensativa e sozinha na caverna tosca e intocada, formavam um quadro que um poeta descreveria com prazer, um artista adoraria pintar.

— Ela se assemelhava a um ser de outro mundo; um serafim, repleta de luz e beleza; um Ganimedes^[160], escapado de sua servidão no mundo dos deuses em direção a sua terra natal, Ida. Um longo tempo se passou antes que eu a reconhecesse, olhando para ela de cima, da colina, de onde o teto da caverna se abria, minha Adalinda perdida. — Assim falou o jovem conde Eboli, quando contou sua história; pois seu fim foi tão romântico quanto o começo.

Quando Ferdinando havia chegado na Calábria, um escravo dos galés, ele foi pareado com um bandido, um sujeito corajoso que detestava suas correntes, por amor a liberdade, tanto quanto ele detestava, por toda combinação de desgraça e miséria que o trouxeram. Juntos eles pensaram em um plano para escapar e foram bem-sucedidos. No caminho tomado durante a fuga, Ferdinando contou sua história ao fora-da-lei, que o encorajou a ter esperanças a uma mudança na sorte; e enquanto isso convidou e persuadiu o homem desesperado a compartilhar seus ganhos como ladrão entre as colinas da Calábria.

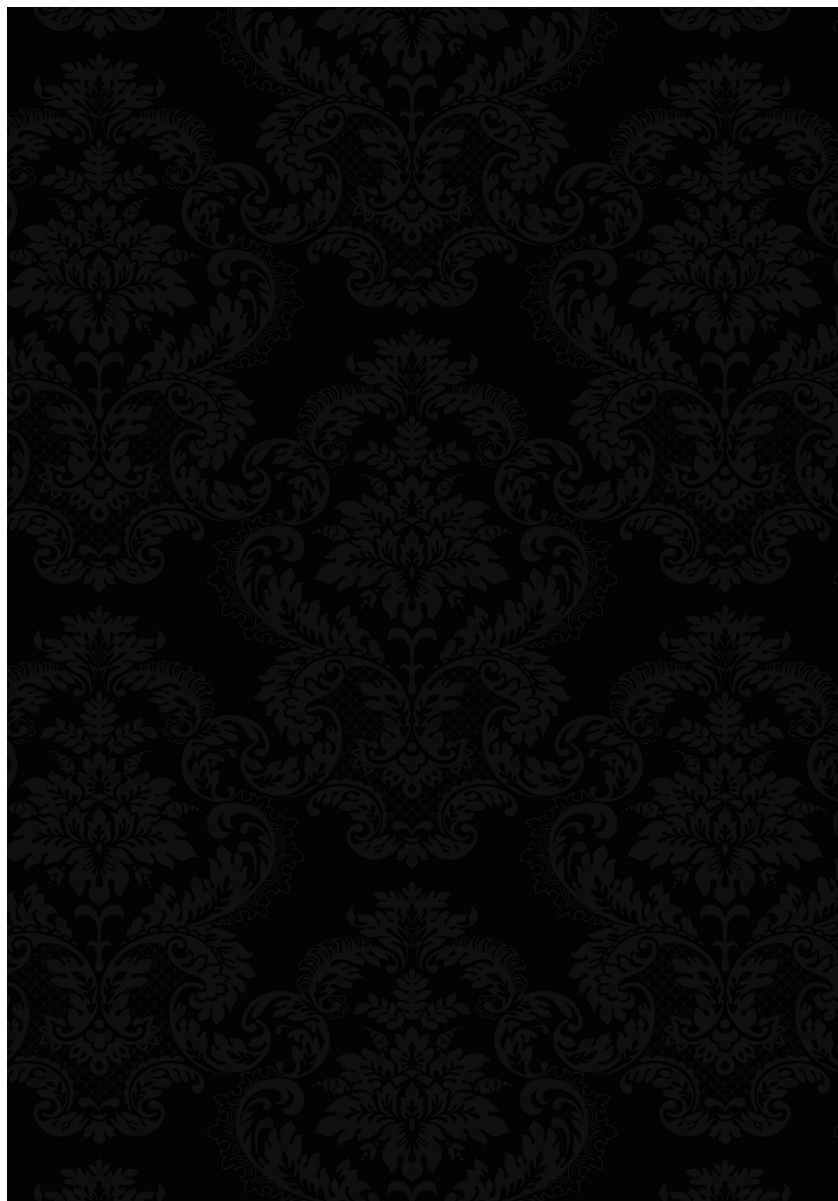
A caverna onde Adalinda havia se refugiado era uma de suas fortalezas, para onde eles iam em períodos de grande perigo, pois nenhum despojo poderia ser recolhido naquela solidão despovoada; e ali, uma tarde, voltando da fuga, encontraram a garota perdida em pensamentos, cheia de medo, solitária, tentando escapar; e nunca um farol foi mais bem-vindo para um marinheiro abalado pela tempestade do que o verdadeiro Ferdinando para sua amada.

A sorte, agora cansada de fugir do jovem nobre, o favoreceu ainda mais. A história dos amantes interessou o chefe dos bandidos, que prometeu recompensá-lo. Ferdinando convenceu Adalinda a ficar uma noite na caverna, e na manhã seguinte eles se preparariam para seguir até Nápoles; mas no momento de sua partida foram surpreendidos por um visitante inesperado: os ladrões trouxeram um prisioneiro — era o impostor. Ao se dar conta que Adalinda, sua garantia de segurança e sucesso, havia fugido pela manhã, mas

confiante de que ela não poderia ter ido longe, enviou emissários em todas as direções para procurá-la; ele também juntou-se a perseguição, e, seguindo pela estrada que ela havia pegado foi capturado por esses homens sem lei, que esperavam um bom resgate do homem cuja aparência mostrava boa posição e riqueza. Quando descobriram quem seu prisioneiro era, eles generosamente o entregaram às mãos de seu irmão.

Ferdinando e Adalinda seguiram para Nápoles. Ao chegarem, ela se apresentou a rainha Caroline; e através dela, Murat ouviu perplexo a artimanha da qual havia sido vítima. As honras e posses de Ferdinando foram restituídas, e após alguns meses o jovem conde se uniu a sua noiva.

A natureza compassiva do conde e da condessa os levou a se interessar calorosamente pelo destino de Ludovico, cuja carreira posterior foi mais honrosa, mas menos afortunada. Por intercessão de seu irmão, Gioacchino permitiu que ele entrasse no exército, onde se distinguiu e foi promovido. Os irmãos estavam juntos em Moscou e se ajudaram mutuamente durante os horrores da retirada. Em um momento dominado pela sonolência, sintoma mortal resultante do frio excessivo, Ferdinando ficou para trás de seus companheiros; mas Ludovico, recusando-se a deixá-lo, arrastou-o contra sua vontade, até entrarem em uma aldeia, onde comida e fogo o restabeleceram, e sua vida foi salva. Em outra noite, quando o vento e o granizo aumentaram o horror de sua situação, Ludovico, depois de muitas lutas inefcazes, deslizou de seu cavalo, sem vida; Ferdinando estava ao seu lado e, desmontando, esforçou-se por todos os meios ao seu alcance para trazer de volta a pulsação ao seu sangue estagnado. Seus camaradas avançaram, e o jovem conde foi deixado sozinho com seu irmão à beira da morte no deserto branco infinito. Em um momento Ludovico abriu os olhos e o reconheceu; ele apertou sua mão, e seus lábios se moveram, proferindo uma bênção enquanto morria. Naquele momento, os sons bem-vindos da aproximação do inimigo despertaram Ferdinando do desespero em que sua terrível situação o havia enterrado. Ele foi feito prisioneiro, e deste modo sua vida foi salva. Quando Napoleão foi para Elba, ele, com muitos outros de seus compatriotas, foi libertado e retornou a Nápoles.



O LUTO

Título original: The Mourner
Publicado em 1829, na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”.

“One fatal remembrance, one sorrow that throws
Its bleak shade alike o’er our joys and our woes,
To which life nothing darker or brighter can bring,
For which joy has no balm, and affliction no sting!”

— Moore^[161]

Uma maravilhosa cena de orgulho régio é a perspectiva agora diante de nós! A prole da arte, o rebento da natureza — onde podem os olhos descansar em uma paisagem mais deliciosamente encantadora do que a bela vastidão do Lago Virginia Water, ora um espelho aberto para o céu, ora sombreado por margens frondosas, serpenteando em reentrâncias escuras, ou arredondado em suaves elevações? Visto de cima, agora com o sol baixo no oeste, o olho fica deslumbrado, a alma humilhada pelo excesso de beleza. Terra, água, ar, bebem até transbordar o esplendor jorrando da fonte de luz além; a folhagem das árvores dá a impressão de gotejar com a inundação dourada; enquanto o lago, sem nenhuma partícula de orvalho, parece apenas uma infusão da atmosfera tingida de sol; e as árvores e o alegre dossel flutuante, mais caros, mais distintos que seus gêmeos no infinito acima. A cena não é silenciosa: acordes mais doces do que aqueles que embalam Vênus^[162] para seu descanso balsâmico, mais inspiradores do que o canto de Tirésias^[163] que despertou Alexandre para a ruína, mais solenes do que os cantos de Santa Cecília^[164], flutuam ao longo das ondas e misturam-se com a brisa lenta, que não perturba o lago. Estranho, que algumas notas sombrias sejam o tom para esta fonte musical; a ligação inconsciente entre ruídos despercebidos e harmonias que desvendam o paraíso aos nossos sentidos hipnotizados!

O sol toca o limite, e uma luz mais suave, delicada, mistura um tom rosado ao brilho ardente. Nosso barco flutuou por muito tempo na vasta extensão; agora o deixe se aproximar da margem sombreada. As madeixas verdes do gracioso salgueiro mergulham nas águas, oscilando junto delas. A marrequinha assustada salta de seu esconderijo, roçando as ondas com asas respingadas. Os imponentes cisnes flutuam; enquanto inúmeras aves aquáticas

se aglomeram fora do caminho dos remos. O crepúsculo está livre de manchas escuras; um retrocesso suave e equilibrado da grande correnteza do dia. Podemos desembarcar e passear ainda entre as clareiras, muito antes das espessas sombras pronunciarem a noite. Todo tipo de árvores inglesas desenhm os bosques, com um velho carvalho ou dois destacando-se durante a caminhada. Lá, a folhagem reluzente obscurece o infinito, como a textura acetinada de um véu marca as belas feições de uma mulher. Abaixo de tal ornamento, podemos nos entregar a pensamentos despreocupados; ou, se meditações mais tristes nos levam a procurar tons mais escuros, podemos passar a cascata pelos grandes pinhais, com a sua vasta vegetação rasteira de loureiros, até chegar ao gazebo; ou, diante da água, sentar-se à sombra da bétula branca, ou sob os pavilhões frondosos daqueles belos antigos fagus, cujas raízes altas e fantásticas parecem uma brincadeira da natureza; e a selva próxima de samuco de brabante não deixa nenhum sentido sem a consulta de uma prescrição agradável.

Agora esta cena esplêndida é reservada à realeza; mas em anos anteriores; enquanto a morada se chamava Regent's Cottage, ou antes, quando o guarda-florestal a habitava^[165], os caminhos labirínticos de Chapel Wood estavam abertos, e os portões de ferro que cercavam os bosques e o Virginia Water não eram guardados por nenhum Cérbero indomesticável por bolos de mel^[166]. Foi aqui, em uma noite de verão, que Horace Neville e suas duas belas primas flutuavam preguiçosamente no plácido lago;

“Naquele ânimo doce quando pensamentos agradáveis

“Trazem à mente pensamentos tristes^[167]”.

Neville fora eloquente ao elogiar a paisagem inglesa.

— Em regiões distantes — disse ele — pode-se encontrar visões grandiosas no agreste bárbaro, ou ricas na vegetação exuberante do sul, ou sublimes na magnificência alpina. Podemos lamentar — embora seja ingratidão dizer tal coisa numa tarde como esta — a necessidade de um céu mais limpo; mas onde encontrar paisagens comparáveis aos bosques verdejantes, bem arborizados e frescos de nossa terra natal; os chalés aglomerados, sombreados por bons e velhos olmos; cada jardim florescendo com botões precoces, cada treliça adornada com gerânios e rosas; a criança de olhos azuis devorando seu pão branco, enquanto leva uma vaca para pastar; a cerca viva redolente com flores de verão; os densos campos de milho, um oceano de grãos dourados, agitados pela brisa; a escada na cerca, a trilha através do prado, conduzindo pelo bosque, sob o qual o caminho serpenteia, e os ramos encontrando-se acima, que dão, por seus rendilhados escuros, uma solenidade de catedral à cena; o rio, ondulando “com doce murmúrio terrestre^[168]”; e, como uma graça adicional, lugares como estes — oásis do

bom gosto — jardins do Éden — as obras da riqueza, que evidenciam ao mesmo tempo o maior poder e a maior disposição de criar beleza?

— E mesmo assim — continuou Neville — foi com dificuldade que me convenci a colher os melhores frutos do testamento do meu tio e habitar este lugar, familiar de minha infância, associado a arrependimentos inúteis e recordações dolorosas.

Horace Neville era um homem de bom nascimento — de fortuna; mas mal se podia intitulá-lo como um homem do mundo. Havia em si uma gentileza, uma doçura, uma sensibilidade vitoriosa, aliados ao talento e distinção pessoal, que dava peso a suas expressões mais simples, e incitava simpatia por todas as suas emoções. Sua prima caçula, por diversos anos mais nova, era ligada a ele pelos sentimentos mais ternos — secretos há muito tempo — mas eles agora estavam noivos — um par adorável e feliz. Ela olhou com uma expressão de dúvida, mas ele virou o rosto.

— Chega disso — ele disse, e dando um impulso mais veloz ao barco, eles chegaram à margem rapidamente, aportaram, e caminharam pela longa extensão do bosque Chapel. Já estava escuro quando chegaram a sua carruagem em Bishopsgate.

Uma ou duas semanas mais tarde, Horace recebeu uma carta convocando-o para uma região distante do país. Alguns dias antes de partir, ele chamou sua prima para dar um passeio. Eles caminharam por diversos prados até o cemitério de Old Windsor. No primeiro momento ele não desviou da trilha usual; e enquanto seguiam conversavam animados — felizes. O belo dia de sol poderia muito bem alegrá-los; as ondas dançantes avançavam a seus pés; a igreja campestre elevava sua torre rústica para um puro céu azul. Não havia nada em sua conversa que pudesse fazer sua prima pensar que Neville a conduzira até ali por algum motivo infeliz; mas quando estavam prestes a sair do adro da igreja, Horace, como se de repente tivesse se recomposto, desviou do caminho, atravessou o gramado e parou ao lado de uma sepultura perto do rio. Nenhuma pedra homenageava o ser que repousava embaixo — era coberto por grama densa, estrelada por um viçoso crescimento de humildes margaridas: algumas folhas mortas, um galho quebrado de espinheiro, desfiguravam seu asseio. Neville os removeu e então disse:

— Juliet, entrego este local sagrado à sua guarda enquanto eu estiver fora.

“Não há nenhum monumento — ele continuou —, pois suas instruções foram obedecidas implicitamente pelos dois seres a quem ela as dirigiu. Um dia, um outro pode deitar-se ao seu lado, e seu nome será o epitáfio dela. Não me refiro a mim mesmo — ele disse, com meio sorriso ao terror que a expressão no rosto de sua prima mostrava. — Mas prometa-me, Juliet, preservar esta sepultura de qualquer violação. Não desejo entristecê-la com a

história; entretanto, se despertei seu interesse, posso satisfazê-lo; mas não agora — não aqui.”

“Não” foi até o dia seguinte, quando, em companhia da irmã de Juliet, eles visitaram novamente Virginia Water, que, sentado à sombra de seus pinheiros, cujo melodioso balanço ao vento suspirava harmonia sobrenatural, Neville, sem ser solicitado, começou sua história.

— Fui enviado a Eton^[169] aos onze anos de idade. Não me alongarei sobre meus sofrimentos lá; dificilmente me referiria a eles, se não fizessem parte da minha narrativa. Eu era um calouro designado a um veterano rígido; todo trabalho que ele podia inventar — e o jovem tirano era engenhoso — inventava para meu aborrecimento; muito cedo até bem tarde, eu era obrigado a cooperar, negligenciando meus deveres escolares, incorrendo deste modo em punição. Havia coisas piores a suportar do que estas: era seu prazer me envergonhar e, descobrindo que eu tinha muito de minha mãe em meu sangue, de tentar me obrigar a atos de crueldade contra os quais minha natureza se revoltava — recusei-me a obedecer. Fale da escravidão das Índias Ocidentais! Espero que as coisas estejam melhores agora; em meus dias, os tenros anos da infância aristocrática foram entregues a uma servidão caprichosa, implacável e cruel, muito além do despotismo medido da Jamaica.

“Um dia — eu já estava há dois anos na escola, e quase completara treze anos — meu tirano, não lhe darei nenhum outro nome, me deu um comando, na corrupção do poder, para que eu abatesse um pobre dom-fafe que eu havia domado e enjaulado. Em uma hora infeliz ele o encontrou em meu quarto e ficou indignado por eu ousar me apropriar de um único prazer. Recusei, teimosamente, destemidamente, embora a consequência de minha desobediência fosse imediata e terrível. Nesse momento veio uma mensagem do tutor de meu algoz — seu pai havia chegado.

“‘Bem, meu velho’, ele exclamou, ‘um dia eu lhe pago!’ Ao mesmo tempo, agarrou meu animal de estimação, torceu seu pescoço, jogou-o aos meus pés e, com uma risada de escárnio, saiu do quarto.

“Nunca sentira antes — nunca mais poderei sentir a mesma fúria inflamada e fervente em meu coração arrebatando; a visão do meu filhote morrendo aos meus pés — meu desejo de vingança — minha impotência, criou um Vesúvio dentro de mim, que nenhuma lágrima escorreu para extinguir. Se eu pudesse ter dito — agido — minha cólera teria sido menos torturante: deste modo eu explodi em uma torrente de insultos e imprecações. Meu vocabulário — deve ter sido uma excelente coleção — se direcionou a ele contra quem fui pareado. Mas as palavras eram ar. Eu desejava dar provas mais substanciais de meu ressentimento — destruí tudo no quarto que pertencia a ele; rasguei em pedaços, pisei, esmaguei com uma força mais do que infantil.

Meu último ato foi pegar um relógio, do qual meu tirano se orgulhava infinitamente, e jogá-lo no chão. Tal visão, o item despedaçado aos meus pés, me trouxe de volta aos meus sentidos, e algo parecido com medo acalmou o tumulto em meu coração. Comecei a pensar em uma fuga: Saí da casa, corri por uma viela e atravessei alguns prados, longe dos limites, acima de Eton. Um menino mais velho me viu, amigo do meu almoz. Ele me chamou, pensando a princípio que eu fazia alguma tarefa para ele; mas vendo que eu fugia, ele repetiu seu “Venha!” com voz autoritária. Isso colocou asas nos meus calcanhares; ele não achou necessário me seguir. Mas minha história está ficando tediosa, minha querida Juliet; diante dos temores mais intensos de punição, tanto de meus mestres quanto dos meninos superiores, resolvi fugir. Cheguei às margens do Tâmis, amarrei minhas roupas sobre a cabeça, atravessei nadando e, passando vários campos, entrei na floresta de Windsor com uma vaga sensação infantil de poder me esconder para sempre na obscuridade inexplorada de sua imensurável selva. Era início do outono; o clima estava ameno, quente até; os carvalhos ainda não mostravam nenhum sinal de mudança do inverno, embora a samambaia a seus pés tivesse um tom amarelado. Eu entrei no bosque Chapel; alimentei-me de castanhas e amêndoas de faia; continuei me escondendo dos guardas-florestais e lenhadores. Vivi desta maneira por dois dias.

“Mas as castanhas e amêndoas de faia eram iguarias tristes para um rapaz de treze anos em crescimento. Houve um dia de chuva e comecei a me considerar o menino mais infeliz do mundo. Eu tinha uma ideia distante e obscura da fome: Pensei nas Crianças da Floresta^[170], em sua mortalha frondosa, presente do piedoso tordo; isso trouxe meu pobre dom-fafe à mente, e lágrimas escorreram em torrentes pelo meu rosto. Pensei em meu pai e minha mãe; em você, então minha prima bebê e companheira de brincadeiras; e chorei com renovado fervor, até que, exausto, me enrolei sob um enorme carvalho entre algumas folhas secas, relíquias de cem verões, e adormeci.

“Eu divago na minha narração como se tivesse uma história para contar; no entanto, tenho pouco além de um retrato — um esboço — para apresentar, para sua diversão ou interesse. Quando acordei, o primeiro objeto que encontrou meus olhos se abrindo foi um pezinho, delicadamente calçado em seda e couro macio. Ergui os olhos com desânimo, esperando ver o restante da figura bem-vestida devido a tal indicação de elegância de alta classe; mas vi uma menina, talvez dezessete anos, vestida de modo simples com um vestido de algodão escuro, o rosto sombreado por um grande chapéu de palha muito grosseiro; ela estava pálida como mármore; seus cabelos castanhos repartidos em mechas lisas sobre uma testa que exibia traços de extremo sofrimento; seus olhos eram azuis, cheios, grandes, melancólicos, muitas vezes até marejados de

lágrimas; mas sua boca tinha uma doçura e inocência infantis, que suavizava a expressão senão triste de seu semblante.

“Ela falou comigo. Eu estava faminto demais, exausto demais, infeliz demais, para resistir a sua bondade, e com alívio permiti que ela me guiasse para sua casa. Saímos da floresta por algumas paliçadas quebradas em direção a Bishopsgate Heath, e depois de uma longa caminhada chegamos à sua morada. Era uma cabana solitária e de aparência lúgubre; as cercas estavam em ruínas, os jardins abandonados, as treliças sem flores ou trepadeiras; dentro, tudo era limpo, mas sombrio e até sinistro. Uma cabana pequena requer uma aparência de alegria e elegância para torná-la agradável; o chão nu — limpo, é verdade — as cadeiras de junco, a mesa de pinho, as cortinas xadrezes, estavam até abaixo da rusticidade de um camponês; no entanto, era a morada de minha adorável guia, cuja mãozinha branca, delicadamente enluvada, contrastava com seu traje sem adornos, assim como sua personalidade gentil com os acessórios desajeitados de sua casa humilde.

“Pobre criança! Ela tinha a intenção de esconder inteiramente sua origem, rebaixar-se ao estado de camponesa, e mal sabia que se traía com as mais estranhas incoerências; o arranjo da mesa era mesquinho, sua refeição escassa até mesmo para um eremita; mas o linho era incomparavelmente fino, e velas de cera erguiam-se em castiçais que um mendigo teria quase desdenhado. Mas falo de coisas que observei depois; naquele momento eu percebi principalmente o farto café da manhã que ela fez com que sua única atendente, uma jovem, colocasse diante de mim, e a voz doce e calmante de minha anfitriã falava de uma gentileza com a qual ultimamente eu tinha ouvido pouco. Quando saciei minha fome, ela tirou minha história de mim, encorajou-me a escrever para meu pai e me manteve em sua casa até, depois de alguns dias, eu voltar à escola perdoado. Não muito tempo depois disso eu entrei em turmas superiores, e minha terrível escravidão terminou.

“Sempre que podia, eu visitava minha ninfa em disfarce. Não me associava mais aos meus colegas de escola; suas distrações, suas atividades pareciam vulgares e estúpidas para mim; eu tinha apenas um objetivo em vista — cumprir minhas lições e ir para a cabana de Ellen Burnet.

“Não olhe com preocupação, amor! É verdade que outros, tão jovens quanto eu, tinham então amado, e eu também poderia; mas não Ellen. Sua profunda, sua intensa melancolia, irmã do desespero — sua fala séria e triste — sua mente, afastada de todas as preocupações mundanas, proibia isso; mas havia um certo encantamento em sua dor, um fascínio em sua conversa, que me elevava acima da existência comum; ela criou um círculo mágico, no qual eu entrava como solo sagrado: não era semelhante ao céu, pois a dor era o espírito dirigente; mas havia uma exaltação de sentimentos, um entusiasmo,

uma visão além-túmulo, que o tornava sobrenatural, singular, rebelde, fascinante. Você diversas vezes observou que eu sou estranhamente diferente de todos os outros homens; eu me misturo com eles, participo de suas ocupações e diversões, mas uma parte do meu ser permanece isolada deles: um poço vivo, selado de sua contaminação, jaz fundo no meu coração — é de pouca utilidade, mas aqui está; Ellen abriu a fonte, e as águas fluíram desde então.

“Sobre o que ela falava? Ela não narrava aventuras anteriores, não se referia a nenhum relacionamento passado com amigo ou parente; falava das várias desgraças que aguardam a humanidade, dos intrincados labirintos da vida, das tristezas da paixão, do amor, do remorso e da morte, e daquilo que podemos esperar ou temer além do túmulo; ela falava da sensação de miséria viva em seu coração partido, e então tornava-se terrivelmente expressiva, até que, parando de repente, se repreendia por me familiarizar com tal sofrimento inexprimível.

“‘Eu lhe faço mal’, ela costumava dizer. ‘Eu o desqualifico para a sociedade; eu tentei, vendo você jogado sobre aquela miniatura distorcida de um mundo ruim, afastá-lo de seu contágio maligno; temo que eu seja a causa de um dano maior do que poderia vir da associação com seus semelhantes no curso natural das coisas. Isso não é bom; evite o cervo ferido.’

“Havia tons mais escuros no retrato além dos que já expus. Ellen era mais malfadada do que a imaginação de alguém como você, querida garota, que desconhece o sofrimento, pode conceber. Às vezes ela dava palavras ao seu desespero — era tão grande ao ponto de mesclar a fronteira entre a sensação física e mental — e cada pulsação de seu coração era um palpitar de dor. Repentinamente, ela cessava a narração de suas tristezas com um grito de agonia — ordenando-me que a deixasse — escondendo o rosto nos braços, estremecendo com a angústia que algum pensamento despertara. A ideia que principalmente a assombrava, embora se esforçasse para colocá-la de lado, era a autodestruição — quebrar o cordão de prata que unia tanta graça, sabedoria e doçura — roubar o mundo de uma criação feita para ser seu adorno. Às vezes sua compaixão a detinha; com mais frequência, uma sensação de sofrimento insuportável a fazia pensar com prazer sobre a terrível resolução. Ela me falava sobre isso como uma ideia perversa; no entanto, em diversos momentos imaginei que essa represália fosse mais para evitar um mal exemplo para mim, do que qualquer convicção de que o Pai de todos se enraivecesse com o último ato de sua filha miserável. Em uma ocasião ela preparou a bebida mortal; estava na mesa diante de si quando entrei; ela não negou seu conteúdo, não tentou se justificar; apenas me implorou para não odiá-la e que acalmasse com minha bondade seus últimos momentos. “Não posso viver!” era toda sua explicação, toda sua desculpa; e foi dito com tamanha angústia fervorosa que

parecia errado tentar convencê-la a prolongar a sensação de dor. Eu não agi como um menino; acho que não; fiz um simples pedido, ao qual ela imediatamente cedeu, que me acompanhasse até aqui, até este local. Era um pôr do sol glorioso; a beleza e o espírito do amor suspiravam no vento e pairavam sobre os tons suaves da paisagem.

“‘Olhe, Ellen’, exclamei, ‘mesmo se essa beleza da natureza fosse a única coisa no mundo, valeria a pena viver por ela!’

“‘É verdade’, disse ela, ‘se um sentimento latente não borrasse esta cena gloriosa com sombras turvas. A beleza está nos olhos de quem a vê — meus olhos a tudo veem disforme e cruel.’ Ela os fechou enquanto dizia isso, mas, jovem e sensível, as visitas da brisa já começavam a servir de consolo.

“‘Querida Ellen’, continuei, ‘o que não devo a você? Eu sou seu menino, seu pupilo; eu poderia ter continuado a viver cegamente como os outros, mas você abriu meus olhos; você me deu um senso do justo, do bom, do belo — e fez isso apenas para minha desgraça? Se você me deixar, o que será de mim?’ As últimas palavras vieram do meu coração, e lágrimas jorraram dos meus olhos. ‘Não me deixe, Ellen, não posso viver sem você, e não posso morrer, pois tenho mãe, pai.’

“Ela se virou rapidamente, dizendo: ‘Você é abençoado o suficiente.’ Sua voz me pareceu artificial; ela ficou mortalmente pálida enquanto falava e foi obrigada a se sentar. Ainda me agarrei a ela, rezei, chorei; até que ela — eu nunca a tinha visto derramar uma lágrima antes — explodiu em um choro apaixonado. Depois disso, pareceu esquecer sua determinação. Voltamos ao luar e nossa conversa foi ainda mais calma e alegre do que de costume. Quando em sua casa, eu joguei fora o elixir fatal. Seu ‘boa-noite’ não trazia nenhum vestígio de sua agitação anterior; e no dia seguinte ela disse:

“‘Eu criei, sem pensar, perversamente até, uma nova incumbência para mim, mesmo em uma época em que havia renunciado a tudo; mas serei fiel a tal. Perdoe-me por lhe familiarizar com emoções e cenas tão terríveis; me comportarei melhor — me preservarei se puder, até que a ligação entre nós se atenuie ou se quebre e eu seja livre outra uma vez.’

“Um pequeno incidente ocorreu durante nossa relação que pareceu conectá-la com o mundo. Às vezes eu levava um jornal para ela, pois aqueles eram tempos agitados; e embora, antes que eu a conhecesse, ela havia se fechado para tudo, exceto o mundo cercado por seu coração, ainda assim, para me agradar, ela falava de Napoleão — Rússia, de onde o imperador agora voltava derrubado — e a perspectiva de sua derrota final. O jornal estava um dia em sua mesa; algumas palavras chamaram sua atenção; ela se inclinou ansiosamente para lê-las, e seu peito arfou com violentas palpitações; mas ela se controlou e, depois de alguns momentos, me disse para levar o jornal

embora. Então, de fato, senti uma curiosidade até mesmo impertinente; não encontrei nada que a satisfizesse, embora depois tenha percebido um anúncio singular, dizendo:

“Se essas linhas encontrarem os olhos de qualquer um dos passageiros a bordo do St. Mary, com destino a Liverpool de Barbados, que embarcou no último dia 3 de maio, e foi destruído por um incêndio em alto-mar, uma parte da tripulação salva pela fragata^[171] de Sua Majestade, o Bellerophon, pede-se que se comuniquem com o anunciante; e se alguém estiver familiarizado com os detalhes do destino e localização da Exma. Srta. Eversham, solicita-se enfaticamente a divulgá-los, encaminhando-os para L.E., Stratton Street, Park Lane.

“Foi depois desse evento, com a chegada do inverno, que os sintomas de uma doença se manifestaram no corpo delicado de minha pobre Ellen. Muitas vezes suspeitei que, sem realmente tentar viver, ela talvez tenha feito coisas para reduzir sua vida e produzir doenças mortais. Agora, já muito doente, ela recusou todo atendimento médico; mas melhorou novamente, e eu pensei que estava quase saudável quando a vi pela última vez, antes de ir para casa para as festas de Natal. Seus modos eram cheios de afeto: ela acreditava, disse, na continuação de nossa amizade; fez-me prometer nunca esquecê-la, embora se recusasse a me escrever e proibisse qualquer carta minha.

“Mesmo agora eu a vejo de pé em sua porta humilde. Se uma aparência de doença e sofrimento pode ser chamada de adorável, ela era. Ainda assim, deveria ser vista como a ruína da beleza. O que ela não deveria ter sido em dias mais felizes, com sua expressão angelical, sua figura de ninfa, sua voz, cujos tons eram música? ‘Tão jovem — tão perdida!’ Foi o pensamento que explodiu até mesmo de mim, um jovem rapaz, quando acenei para ela como um último adeus. Ela mal parecia ter mais de quinze anos, mas ninguém podia duvidar que em sua alma estavam impressas as tristes linhas do sofrimento, repousando tão permanentemente em sua testa clara. Longe dela, sua figura flutuava sempre diante de meus olhos; eu os tapava com as mãos, ela ainda estava lá: meus dias, meus sonhos noturnos se preencheram das minhas lembranças dela.

“Durante as férias de inverno, num belo dia de sol, saí para caçar: você, querida Juliet, vai se lembrar da triste catástrofe; eu caí e quebrei minha perna. A única pessoa que me viu cair foi um jovem montado em um dos cavalos mais belos que já coloquei os olhos, e acredito que foi ao observá-lo dar um salto que meu desastre aconteceu: ele desmontou e estava ao meu lado em um minuto. Meu cavalo havia fugido; ele chamou o seu; obedeceu à sua voz; com facilidade ele ergueu minha figura leve sobre a sela, tentando sustentar minha

perna, e assim me conduziu a uma curta distância até uma casa situada nos retiros arborizados de Elmore Park, a residência do Conde de D— cujo segundo filho era meu protetor. Ele foi meu único enfermeiro por um ou dois dias, e durante toda a minha recuperação passava muitas horas ao lado da minha cama. Enquanto eu olhava para ele, enquanto ele lia para mim, ou falava, narrando mil aventuras estranhas que aconteceram durante seu serviço na Península, eu pensava — será para sempre meu destino cair com os altamente talentosos e excessivamente infelizes?

“O vizinho imediato da família de Lewis era Lord Eversham. Casou-se muito jovem e ficou viúvo ainda moço. Após esse infortúnio, que passou como uma praga mortal sobre suas perspectivas e posses, deixando sua alegre propriedade totalmente estéril e nua, ele deixou sua filha sob os cuidados da mãe de Lewis e viajou por muitos anos a terras distantes. Ele voltou quando Clarice tinha cerca de dez anos, uma criança adorável e doce, o orgulho e o deleite de todos. Lord Eversham, em seu retorno — ele tinha pouco mais de trinta anos — dedicou-se à sua educação. Eles nunca se separaram: ele era um bom músico, e ela se tornou proficiente sob sua orientação. Eles cavalgavam, passeavam, liam juntos. Quando um pai é tudo o que um pai pode ser, unidos os sentimentos de piedade filial, completa dependência e perfeita confiança, o amor de uma filha é um dos mais profundos e fortes, pois é a paixão mais pura da qual nossas almas são capazes. Clarice venerava o pai, que havia chegado na transição da mera infância para o período em que a reflexão e a observação despertam, para adornar uma existência banal com todos os brilhantes complementos que a afeição iluminada e devotada pode conceder. Ele parecia para ela um presente especial dos Céus, um anjo da guarda — mas muito mais querido, pois era semelhante à sua natureza. Ela cresceu, sob seus olhos, em beleza e refinamento tanto de intelecto quanto de coração. Esses sentimentos não foram divididos — e sim quase fortalecidos, pelo noivado entre ela e Lewis. Ele estava destinado ao exército e, após alguns anos de serviço, eles seriam unidos.

“É difícil, quando tudo é belo e tranquilo, quando o mundo, abrindo-se diante do olhar ardente da juventude, parece um lugar bem cuidado, livre de obstáculos ou impedimentos, voluntariamente nos desviarmos para desertos selvagens e regiões tempestuosas. Lewis Elmore foi enviado para a Espanha; e, ao mesmo tempo, Lord Eversham teve a necessidade de visitar algumas propriedades que possuía em Barbados. Não se arrependeu de revisitar a cena habitando sua memória como um paraíso terrestre, nem de mostrar à filha um mundo novo e estranho, para formar seu entendimento e ampliar sua mente. Eles deveriam retornar em três meses e partiram como em uma turnê de verão. Clarice estava feliz pois, enquanto seu amado acumulava experiência e

conhecimento em uma terra distante, ela não ficaria na ociosidade; estava contente por poder distrair sua ansiedade durante a perigosa ausência de seu noivo; e em todos os sentidos gostava da ideia de viajar com seu amado pai, que preencheria cada hora e adornaria cada nova cena, com prazer e alegria. Eles partiram. Clarice escreveu para casa de Madeira com expressões de êxtase e deleite — no entanto, sem o pai, disse ela, a bela cena teria passado em branco. Mais da metade de sua carta foi preenchida com palavras de gratidão e afeição por seu pai adorado e reverenciado. Enquanto ele, em sua carta, com menos palavras, talvez, mas não com menos energia, falava de sua satisfação pela melhora dela, seu orgulho por sua beleza e gratidão por seu amor e bondade.

“Tais eram eles, exemplo inigualável de felicidade no vínculo mais caro da vida, como resultado do exercício de seus deveres e afetos recíprocos. Um pai e uma filha; um com todo cuidado, gentileza e simpatia, consagrando sua vida para a felicidade dela; o outro afeiçoado, obediente, agradecido — assim eles eram — e onde estavam agora? O pai nobre, gentil e respeitado, e a filha querida e amorosa! Eles haviam deixado a Inglaterra em uma viagem de lazer por um rio continental; mas a implacável carruagem do destino os ultrapassou em seu caminho desavisado, esmagando-os sob suas pesadas rodas — espalhando amor, esperança e alegria enquanto a avalanche clamorosa amassa e tritura para apenas pulverizar o riacho do vale. Eles se foram; mas para onde? O mistério pairava sobre o destino da vítima mais indefesa; e a ansiedade do meu amigo era penetrar nas nuvens que escondiam a pobre Clarice de sua vista.

“Após uma ausência de alguns meses, eles escreveram marcando sua partida no St. Mary, de Barbados, em poucos dias. Lewis, ao mesmo tempo, voltou da Espanha: tornou-se inválido em sua primeira missão por um ferimento grave no lado. Ele chegou, e todos os dias esperava notícias do desembarque de seus amigos, quando aquele mensageiro comum, o jornal, lhe trouxe notícias que o encheram de sentimentos mais obscuros do que ansiedade — de medo e dúvida agonizante. O St. Mary tinha pegado fogo e queimado em mar aberto. Uma fragata, a Bellerophon, salvou uma parte da tripulação. Apesar do ferimento e das ordens de um médico, Lewis partiu no mesmo dia para Londres para averiguar o mais rápido possível o destino de sua amada. Lá ele ouviu que a fragata era esperada em Downs. Sem dispensar sua carruagem, seguiu para lá, chegando com febre ardente. Ele subiu a bordo, viu o comandante e falou com a tripulação. Eles puderam dar-lhe poucos detalhes sobre quem salvaram; haviam aportado em Liverpool e deixado lá a maioria das pessoas, incluindo todos os passageiros resgatados do St. Mary. Sofrimento físico por um tempo incapacitou sr. Elmore; ele estava confinado por seu

ferimento e conseqüente febre, e só se recuperou para entregar-se aos seus esforços de descobrir o destino de seus amigos; eles não apareceram nem escreveram; e todas as indagações de Lewis só tendiam a confirmar seus piores temores; ainda assim ele tinha esperança, e permanecia incansável em suas investigações. Visitou Liverpool e a Irlanda, para onde alguns dos passageiros haviam ido, e ficou sabendo apenas detalhes dispersos e incongruentes da terrível tragédia, que nada diziam sobre a atual residência da srta. Eversham, embora confirmassem sua suspeita de que ela ainda estava viva.

“O fogo a bordo do St. Mary se alastrou longa e assustadoramente antes que o Bellerophon surgisse à vista, e os barcos saíram para resgatar a tripulação. As mulheres deveriam embarcar primeiro; mas Clarice agarrou-se ao pai e se recusou a ir até que ele a acompanhasse. Algum pressentimento temeroso de que, se ela fosse salva, ele ficaria para trás e morreria, deu tal energia à sua resolução, que nem as súplicas de seu pai, nem as críticas raivosas do capitão, conseguiram abalá-la. Lewis visitou esse homem, após o lapso de dois ou três meses, e ele lançou mais luz sobre a cena escurecida. Ele bem se lembrava de que, tomado de raiva pela obstinação da moça, lhe dissera: ‘Você causará a morte de seu pai — e será tão culpada quanto se colocasse veneno no copo dele; você não é a primeira garota que assassinou o pai por uma teimosia inabalável’. Mesmo assim, Clarice se recusou veementemente a ir — não havia tempo para longas discussões — eles cederam, e ela permaneceu pálida, mas firme, ao lado de seu pai, cujo braço estava em volta dela, apoiando-a durante o terrível episódio. Não era uma ocasião para ação equilibrada e ordem calma; uma tempestade se aproximava, as ondas abrasadoras sopravam de um lado para o outro, tornando um dia terrível na noite que velava tudo com exceção do navio em chamas. Os barcos voltavam com dificuldade, e só um deles conseguia se aproximar; estava quase cheio; Lord Eversham e sua filha avançaram até a beirada do convés para entrar. ‘Só podemos levar um de vocês’, vociferaram os marinheiros; ‘afaste-se, por sua vida! Jogue a garota para nós — nós voltaremos por você se pudermos’. Lord Eversham lançou com um braço forte sua filha, que agora havia perdido completamente seu autocontrole, no barco; ela despertou novamente em um minuto; chamou o pai, estendeu os braços para ele e teria se atirado no mar, mas foi detida pelos marinheiros. Enquanto isso, Lord Eversham, sentindo que nenhum barco poderia se aproximar outra vez do navio perdido, conseguiu lançar um mastro ao mar e se jogou na água, agarrando-se a ele. O barco, sacudido pelas imensas ondas, chegou com dificuldade à fragata; e ao subir o canal do mar, Clarice viu o pai lutando com seu destino — lutando com a morte que finalmente saía vitoriosa; o mastro flutuava, seus braços não mais o seguravam; aquelas eram suas feições pálidas? Ela não chorou nem desmaiou, mas seus membros ficaram

rígidos, seu rosto sem cor, e ela foi erguida como um tronco para o convés da fragata.

“O capitão admitiu que em sua viagem de volta as pessoas tinham certo horror a ela, como a causa da morte de seu pai; seus servos haviam morrido, poucas pessoas se lembravam de quem era; mas conversavam sem cuidado ao passarem por ela, e uma centena de vezes Clarice deve ter ouvido acusações sobre a morte do pai. Ela não falou com ninguém, ou quando dirigida dava respostas breves para evitar os protestos ásperos daqueles à sua volta, ela aparecia durante as refeições, comia o melhor que podia; mas havia uma infelicidade em seu rosto que nunca mudou. Quando desembarcaram em Liverpool, o capitão a conduziu a um hotel; ele a deixou, com a intenção de voltar, mas teve uma oportunidade de velejar naquela noite para os Downs, da qual ele se aproveitou, sem voltar para visitá-la. Ele sabia, ele disse, e com razão, que ela estava em seu país nativo, onde tinha apenas de escrever uma carta para reunir multidões de amigos ao seu redor; e onde pode-se encontrar maior civilidade do que num hotel inglês, quando se sabe que pode perfeitamente pagar a conta?

“Isso foi tudo o que o sr. Elmore soube, e levou muitos meses para reunir esses poucos detalhes. Ele foi para o hotel em Liverpool. Pelo que compreendeu, assim que surgiu alguma esperança de resgate pela fragata, Lord Eversham havia entregado sua carteira aos cuidados da filha, com cédulas de um banco na cidade, no valor de algumas centenas de libras. No segundo dia após a chegada de Clarice, ela mandou chamar o dono do hotel e mostrou-lhe as notas. Ele conseguiu o dinheiro para ela; e no dia seguinte ela deixou Liverpool em um pequeno barco costeiro. Em vão, Lewis tentou localizá-la. Aparentemente, havia cruzado para a Irlanda; mas o que fez, ou para onde foi, se esforçou infinitamente para esconder, e todo seu rastro foi rapidamente perdido.

“Lewis ainda não tinha se desesperado; até mesmo agora ele continuava a fazer viagens, enviar emissários, empregando todos os meios possíveis para descobrir onde ela estava. A partir do momento em que ele me contou essa história, não falamos de mais nada. Fiquei profundamente interessado e discutimos incessantemente as probabilidades do caso e onde Clarice poderia estar escondida. Era evidente que ela não havia considerado suicídio, principalmente pelo fato de ter dinheiro consigo; no entanto, desacostumada ao mundo, jovem, encantadora e inexperiente, qual poderia ser seu plano? Qual poderia ser seu destino?

“Enquanto isso, continuei por quase três meses confinado pela fratura da minha perna; antes do lapso desse tempo, eu tinha começado a me deslocar rastejando pelo chão, e agora me considerava quase recuperado. Foi decidido

que eu não retornaria a Eton, mas sim ingressaria em Oxford; e esse salto da juventude para a condição de um homem me exultou consideravelmente. No entanto, ainda pensava na minha pobre Ellen e me zanguei com seu obstinado silêncio. Uma ou duas vezes, desobedecendo sua ordem, escrevi para ela, mencionando meu acidente e os simpáticos cuidados do sr. Elmore. Ainda assim, ela não escreveu; e comecei a temer que sua doença pudesse ter tido um fim fatal. Ela me fez jurar tão solenemente nunca mencionar seu nome, nunca perguntar sobre ela durante minha ausência, que, considerando a obediência o primeiro dever de um menino inexperiente para com alguém mais velho do que ele, resisti transgredir suas ordens a cada impulso de minha afeição ou meus medos.

“E então chegou a primavera, com sua dádiva de botões desabrochando, flores perfumadas e dias ensolarados e alegres. Voltei para casa e encontrei minha família na véspera de sua partida para Londres; meu longo confinamento me enfraquecera; fui desaconselhado a encontrar o ar ruim e as fadigas da metrópole, e fiquei no campo. Eu cavalgava e caçava, e pensava em Ellen; sentindo falta da excitação de sua conversa e o vazio em meu coração que ela havia preenchido. Comecei a pensar em cavalgar pela região de Shropshire a Berks com o objetivo de vê-la. A paisagem toda assombrava minha imaginação — os campos ao redor de Eton — o Tâmsa prateado — a majestosa floresta — esta linda cena de Virginia Water — a urze e sua cabana desolada — a palidez de Ellen, seu corpo ligeiramente curvado pela fraqueza de sua saúde, e seu despertar da sombria abstração para me conceder um sorriso amável de boas-vindas. Tornou-se um desejo apaixonado de meu coração contemplá-la, alegrá-la como eu poderia com minhas afetuosas atenções, ouvi-la e me agarrar a seu timbre de desespero inconsolável como se fosse uma harmonia celestial. Enquanto eu meditava sobre essas coisas, uma voz parecia sempre repetir: vá agora, ou será tarde demais; enquanto outro tom ainda mais triste respondia: você nunca mais poderá vê-la!

“Eu pensava assim em uma noite de luar de verão, e perambulava pelos arbustos, incapaz de abandonar a cena de beleza arrebatadora, quando me assustei ao ser chamado pelo sr. Elmore. Ele vinha a caminho da costa; havia recebido uma carta da Irlanda, que o fez pensar que a srta. Eversham residia perto de Enniscorthy — um lugar estranho para sua escolha, mas como se esconder evidentemente seu objetivo, não era improvável. No entanto, as esperanças do sr. Elmore não eram grandes; pelo contrário, fazia essa viagem mais com o desejo de não perder nenhuma pista, do que na expectativa de um resultado positivo. Ele me perguntou se eu poderia acompanhá-lo; fiquei encantado com a oferta e partimos juntos na manhã seguinte.

“Chegamos a Milford Haven, onde deveríamos pegar nossa passagem. O

barco partiria cedo pela manhã — caminhamos pela praia e passamos o tempo conversando. Eu nunca mencionara Ellen para Lewis; senti-me agora fortemente inclinado a quebrar meu voto e relatar toda minha aventura; mas me contive, e falamos apenas da infeliz Clarice — do desespero que provavelmente sentiu, de seu remorso e arrependimento inútil.

“Retiramo-nos para descansar; e de manhã cedo fui chamado para me preparar para embarcar. Eu me aprontei e então bati à porta de Lewis; ele me recebeu, pois estava vestido para sair, embora algumas de suas coisas ainda estivessem desempacotadas e espalhadas pelo quarto. O estojo marroquino de uma miniatura estava em sua mesa; eu o peguei.

“‘Eu nunca lhe mostrei isso?’, disse Elmore, ‘pobre querida Clarice! Ela estava muito feliz quando esse retrato foi pintado!’

“Eu abri; cachos ricos e luxuosos agrupavam-se em sua testa e na garganta branca como a neve; havia uma leve aparência de Zéfiro^[172] na figura; uma expressão de pura felicidade exuberante no rosto; mas aqueles grandes olhos de pomba, a inocência que habitava em sua boca, eu não poderia confundir, e o nome de Ellen Burnet explodiu de meus lábios. Não havia dúvida: por que eu tinha duvidado? Era tão claro! Quem, além da sobrevivente de seu pai e aparentemente a causa de sua morte, poderia ser tão miserável quanto Ellen? Uma torrente de explicações seguiu, e mil circunstâncias bobas, antes esquecidas, agora nos asseguravam que minha triste eremita era a amada de Elmore. Acabaram-se as viagens marítimas — nem um segundo de atraso — nossa carruagem, as cabeças dos cavalos apontadas para leste, rolava com a rapidez de um relâmpago, mas devagar demais para satisfazer nossa impaciência. Foi só quando chegamos a Worcester que a maré de expectativa, fluindo em uma só direção, diminuiu. De repente, mesmo enquanto eu contava a Elmore algum pormenor para provar que, apesar de tudo, ela poderia ser salva, lembrei-me de sua doença e de meus medos. Lewis viu a mudança em meu semblante; por algum tempo não consegui dizer nada; e quando finalmente falei, minhas expectativas sombrias passaram como um choque elétrico pela alma de meu amigo.

“Quando chegamos a Oxford, paramos por uma ou duas horas, incapazes de prosseguir; no entanto, não conversamos sobre o assunto tão próximo de nossos corações, nem, até avistamos Windsor, trocamos uma palavra; então Elmore disse:

“‘Amanhã de manhã, querido Neville, você visitará Clarice; não devemos nos precipitar muito.’

“O amanhã veio. Levantei-me com aquele peso intolerável no peito, que é a pior herança do luto. Era um dia ensolarado; no entanto, a atmosfera parecia negra a meu ver; meu coração estava morto. Sentamo-nos à mesa do

café da manhã, mas nenhum dos dois comeu, e depois de alguma indecisão inquieta, deixamos nossa estalagem e (com a intenção de prolongar o intervalo) caminhamos até Bishopsgate. Nossa conversa contradizia nossos sentimentos: falávamos como se esperássemos um final feliz; sentíamos que não havia esperança. Atravessamos a urze pelo caminho conhecido. De um lado estava a folhagem exuberante da floresta, do outro a charneca extensa; sua cabana estava situada em uma extremidade e mal se podia distingui-la até nos aproximarmos. Quando estávamos perto, Lewis me pediu para seguir sozinho; ele esperaria meu retorno. Obedeci e relutantemente me aproximei da confirmação de meus temores. Por fim, ficou diante de mim, a cabana solitária e o jardim desolado; o postigo solto balançava na brisa; todas as persianas estavam fechadas. Permanecer imóvel e contemplar esses símbolos dos meus piores pressentimentos era tudo o que eu podia fazer. Meu coração parecia chamar em voz alta por Ellen — pois ela era Ellen para mim — seu outro nome poderia ser uma ficção — mas silenciosos como seus lábios abandonados pela vida, também eram os meus. Lewis ficou impaciente e avançou. Minha demora ocasionou um momentâneo raio de esperança em sua mente; desapareceu quando ele colocou os olhos em mim e em sua morada deserta. Lentamente nos viramos e voltamos, quando uma criança chamou meu nome. Uma menininha veio correndo por alguns campos em nossa direção, que finalmente reconheci, pois a havia visto antes com Ellen.

“Senhor Neville, há uma carta para você!”, exclamou a criança.

“Uma carta? Onde? De quem?”, perguntei.

“A senhora deixou uma carta para você”, disse ela. ‘Deve ir para Old Windsor, para a casa do sr. Cooke; ele a guardou para você.’

“Ela deixara uma carta: então partira para uma jornada terrena?”

“Vou buscá-la imediatamente”, respondi. ‘Sr. Cooke! Old Windsor! Onde o encontrarei? Quem é ele?’

“Oh, senhor, todo mundo o conhece”, disse a criança, ‘ele mora perto do cemitério; é o sacristão. Depois do enterro, Nancy deu a ele a carta para guardar.’

“Tínhamos esperança? Tínhamos nos deixado levar pela expectativa de um dia ver nossa infeliz amiga? Nunca! Ó, nunca! Nossos corações nos disseram que a sofredora estava em paz — a órfã infeliz com seu pai na morada dos espíritos! Por que, então, estávamos aqui? Por que um sorriso morava em nossos lábios, agora envoltos em uma expressão de angústia? Nossos corações cheios exigiam um consolo — chorar em seu túmulo; seu único vínculo agora conosco, aqueles em luto por ela. Lá, finalmente, a dor do meu amigo se manifestou em lágrimas, em lamentações. Você viu o local; o monte de grama repousa levemente no peito da bela Clarice, da minha pobre

Ellen. Curvado sobre o verde, beijando a relva que mal brota; por muitas horas nenhum pensamento veio a mim, a não ser a pobre miserável, que ela havia vivido e estava perdida para mim para sempre!

“Se Lewis alguma vez duvidou da identidade de minha amiga com a de sua amada, a carta que ela deixou foi confirmação o suficiente; a caligrafia era da senhorita Eversham, foi dirigida a mim, e continha palavras como estas:

“11 de abril

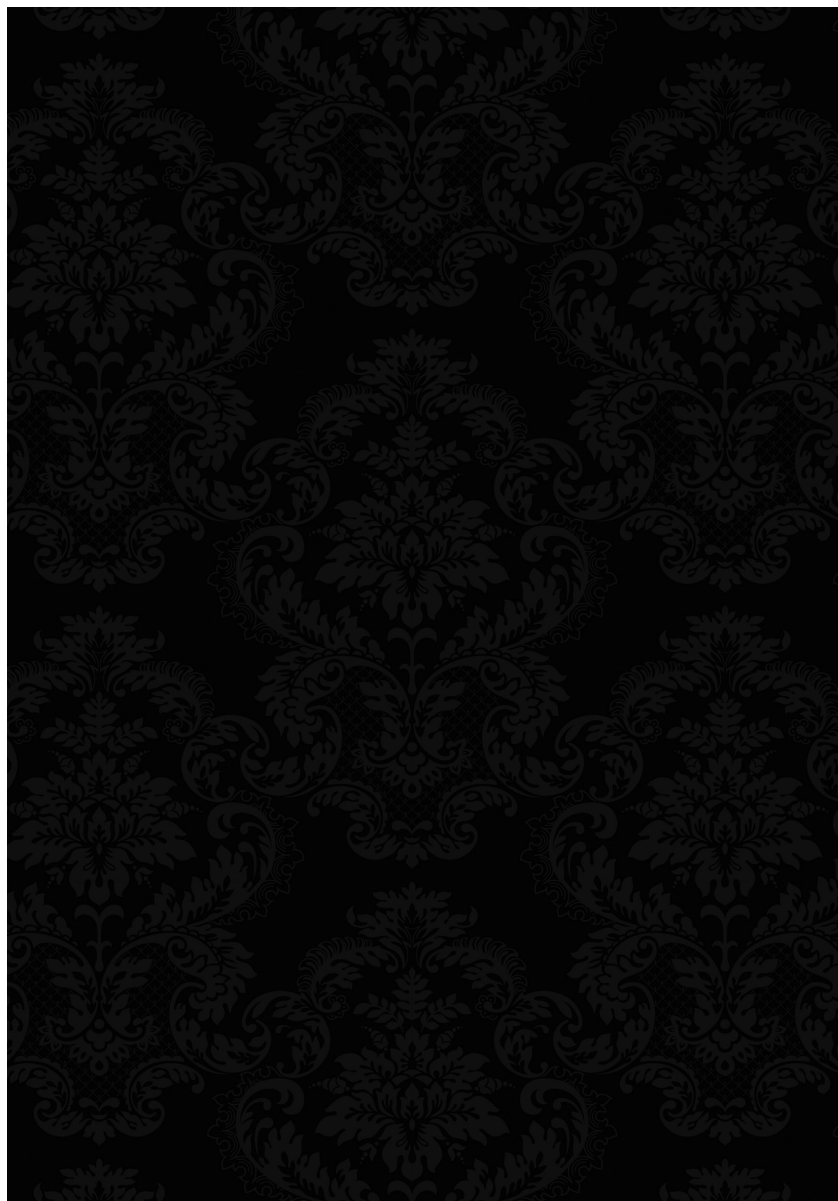
“Eu prometi nunca mencionar certos nomes queridos, nunca me comunicar com pessoas que outrora me quiserem bem, a quem devo minha mais alta gratidão; e, tão bem quanto um pobre mendigo pode, está paga. Talvez seja uma mera prevaricação escrever para você, querido Horace, a respeito deles; mas que o Céu me perdoe! Meu espírito despido não poderia repousar, temo, se eu, assim com tanta imperfeição, não lhes disser um último adeus.

“Você o conhece, Neville; e sabe que ele para sempre lamenta aquela quem ele perdeu. Descreva-lhe sua pobre Ellen, e ele rapidamente verá que ela morreu nas ondas do Atlântico assassino. Ellen não tinha nada em comum com ela, a não ser amor e interesse por ele. Diga-lhe que teria sido bom para ele, talvez, unir-se a filha da prosperidade, ao rebento do amor profundo; mas seria destruição, mesmo que ele pudesse ter meditado tal ato, casar-se com a parrici^[173]...

“Não escreverei tal palavra. A doença e a morte que se aproxima tiraram o amargor do meu desespero. A agonia do infortúnio que você testemunhou é derretida em terna aflição e esperança piedosa. Eu não estou triste agora. Agora! Quando você ler estas palavras, a mão que as escreve, o olho que as veem, serão um punhado de pó, tornando-se um só com a terra ao seu redor. Você, talvez ele, visitará meu retiro tranquilo, derramará algumas lágrimas pelo meu destino, mas que o façam em segredo; elas podem tornar minha sepultura verde, mas não deixe que um sentimento equivocado a adorne com qualquer outro tributo. É meu último pedido; que nenhuma pedra, nenhum nome, marque aquele local.

“Adeus, querido Horace! Adeus a um outro que não posso nomear. Que o Deus a quem estou prestes a entregar meu espírito com confiança e esperança, abençoe suas ocupações terrenas! Cegamente, talvez, vocês lamentarão por mim por seu próprio bem; mas quanto a mim, serão gratos aos Céus que romperam a pesada corrente que me unia a uma dor inexprimível e que me permite, de minha humilde tumba coberta de grama, dizer a vocês — estou em paz.

“Ellen”.



A FALSA RIMA

Título original: The False Rhyme

Publicada em 1829 na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”

Come, tell me where the maid is found
Whose heart can love without deceit,
And I will range the world around
To sigh one moment at her feet.”

— Moore.^[174]

Em um claro dia de julho, a bela Margaret, rainha da Navarra, então em uma visita a seu irmão, havia planejado um banquete campestre para a manhã seguinte, o qual Francis se recusou a ir. Ele era pura melancolia; a causa dizia-se ser alguma briga com sua dama favorita. O dia seguinte veio e a chuva escura e nuvens sombrias destruíram os planos da corte de uma só vez. Margaret se enfureceu, e ficou entediada: sua única esperança de diversão estava em Francis, e ele havia se trancado — uma excelente razão pela qual ela deveria querer vê-lo ainda mais. Ela entrou em seus aposentos, ele estava na janela, contra a qual caía a ruidosa torrente, escrevendo no vidro com um diamante. Dois belos cães eram sua única companhia. Enquanto a rainha Margaret entrava, ele apressadamente desceu a cortina de seda diante da janela, e pareceu um pouco confuso.

— Que traição é essa, meu senhor — disse a rainha — que enrubesce sua bochecha? Devo conhecê-la também.

— É traição — respondeu o rei — e, portanto, querida irmã, você pode não conhecê-la.

Isso instigou ainda mais a curiosidade de Margaret, e algumas brincadeiras seguiram. Francis cedeu afinal: jogou-se em um enorme sofá de espaldar alto; e enquanto a dama erguia a cortina com um sorriso malicioso, ele se tornou grave e sentimental, ao refletir a causa de sua calúnia contra o sexo feminino.

— O que temos aqui? — exclamou Margaret — não, isso é uma ofensa...

“Souvent femme varie,

“Bien fou qui s’y fie!^[175]”

“Algumas mudanças melhorariam seus versos; não ficaria melhor assim:

“Souvent homme varie,

“Bien folle qui s’y fie?^[176]”

“Eu poderia narrar vinte histórias da inconsistência do homem”.

— Eu ficaria contente com apenas uma história da fidelidade feminina — disse Francis, seco. — Mas não me provoque. Eu quero ficar em paz com as suaves Mutabilidades^[177], por amor a você.

— Eu desafio Sua Graça — respondeu Margaret impetuosamente — a dar um exemplo da falsidade de uma dama nobre e de boa reputação.

— Nem mesmo Emilie de Lagny? — perguntou o rei.

Esse era um assunto doloroso para a rainha. Emilie havia sido criada em sua casa, a mais bela e mais virtuosa de suas atendedoras. Por muito tempo ela amou o Senhor de Lagny e suas núpcias foram celebradas com júbilo, mas pouco se sabia do resultado agourento. De Lagny foi acusado, um ano depois, de ceder traiçoeiramente ao imperador uma fortaleza sob seu comando, e foi condenado à prisão perpétua. Por algum tempo Emilie pareceu inconsolável, visitando com frequência o terrível calabouço de seu marido, e sofrendo por testemunhar sua miséria. Tais paroxismos de dor ameaçavam sua vida. De repente, em meio a sua tristeza, ela desapareceu; e a investigação apenas levou à tona fato vergonhoso de que ela havia fugido da França, levando consigo suas joias e acompanhada por seu pajem, Robinet Leroux. Dizia-se que, durante a viagem, a dama e o jovem muitas vezes ocupavam um quarto; e Margaret, enfurecida com essas descobertas, ordenou que cessassem as buscas por sua favorita perdida.

Provocada agora por seu irmão, ela defendeu Emilie, declarando que acreditava que ela não tinha culpa de nada, dizendo até mesmo que dentro de um mês traria provas de sua inocência.

— Robinet era um garoto muito bem-apegoado — disse Francis, rindo.

— Vamos fazer uma aposta — exclamou Margaret. — Se eu perder, levarei ao túmulo essa sua rima vil, como um lema da minha vergonha; se eu ganhar...

— Eu quebrarei minha janela e lhe concederei qualquer graça que desejar.

O resultado desta aposta foi por muito tempo cantada por trovadores e menestrelas. A rainha empregou cem emissários — divulgou recompensas por qualquer informação de Emilie — tudo em vão. O mês estava no fim, e Margaret teria dado muitas joias de pedras preciosas para salvar sua palavra. Na véspera do dia fatal, o carcereiro da prisão em que o Senhor de Lagny estava confinado procurou uma audiência com a rainha; ele lhe trouxe uma mensagem do cavaleiro dizendo que, se Lady Margaret pedisse como graça do

rei seu perdão, e obtivesse sua permissão para que o cavaleiro pudesse vê-lo, sua aposta estaria ganha. A bela Margaret ficou muito contente e sem pestanejar fez a promessa desejada. Francis não estava disposto a ver seu falso servo, mas estava de bom humor, pois um cavaleiro trouxera naquela manhã a notícia de uma vitória sobre os imperialistas. O próprio mensageiro foi elogiado nos despachos como o cavaleiro mais destemido e corajoso da França. O rei o encheu de presentes, lamentando apenas que um voto o impedisse de levantar a viseira ou dizer seu nome.

Naquela mesma noite, enquanto o sol poente brilhava na janela sobre a qual a infeliz rima fora traçada, Francis repousava no mesmo sofá, e a bela rainha de Navarra, com triunfo nos olhos cintilantes, sentava-se ao seu lado. Acompanhado por guardas, o prisioneiro foi trazido: seu corpo estava atenuado pela privação e ele caminhava em passos vacilantes. Ajoelhou-se aos pés de Francis e descobriu a cabeça; uma quantidade de rico cabelo dourado então escapando, caiu sobre as bochechas fundas e a testa pálida do suplicante.

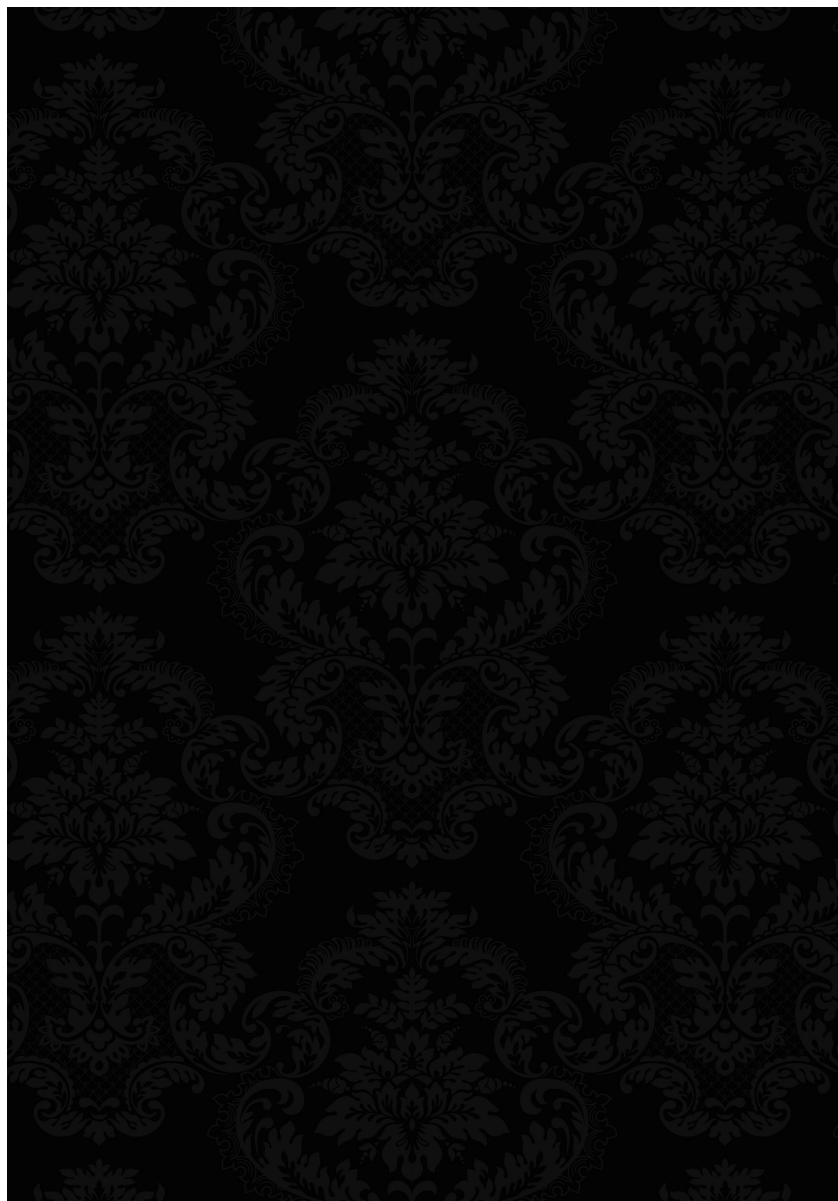
— Temos um crime aqui! — gritou o rei. — Senhor carcereiro, onde está o seu prisioneiro!?

— Senhor, não o culpe — disse a voz suave e vacilante de Emilie —, homens mais sábios do que ele foram enganados por uma mulher. Meu caro senhor era inocente do crime pelo qual sofreu. Só havia um modo de salvá-lo: assumi suas correntes. Ele fugiu com o pobre Robinet Leroux em meus trajes, juntou-se ao seu exército: o jovem e galante cavaleiro que entregou os despachos a sua graça, a quem você inundou de honras e recompensas, é o meu Enguerrard de Lagny. Só esperei a chegada dele como testemunho de sua inocência, para me revelar a minha senhora, a rainha. Ela não ganhou sua aposta? E a graça que ela pede...

— É o perdão de Lagny — disse Margaret, enquanto também se ajoelhava diante do rei. — Poupe essa fiel vassala, senhor, e recompense a honestidade desta senhora.

Francis primeiro quebrou a janela da falsa rima, então ergueu as senhoras de sua postura suplicante.

No torneio dado para celebrar este “Triunfo das Damas”, o Senhor de Lagny levou todos os prêmios; e certamente havia mais beleza no rosto desbotado de Emilie — mais graça em sua forma esguálida, símbolo como era da afeição mais verdadeira — do que no porte mais orgulhoso e na tez mais fresca da beldade mais maravilhosa presente no festival.



O MAU-OLHADO

Título original: The Evil Eye

Publicado em 1829 na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”

“The wild Albanian kirtled to his knee,
With shawl-girt head, and ornamented gun,
And gold-embroider’d garments, fair to see;
The crimson-scarfed man of Macedon.

— Lord Byron^[178].

O moreota, Katusthius Zuani, viajava através do Pashalik de Janina, exausto e temendo os ladrões que assolavam a região; no entanto, não tinha motivo para temer. Se chegasse, cansado e faminto, a uma aldeia solitária — se se encontrasse nas selvas desabitadas repentinamente cercado por um bando de cleftes^[179] — ou nas cidades maiores, se tremesse ao se perceber, o único de sua raça, entre os montanhistas selvagens e turcos tirânicos — assim que anunciava ser o pobratimo^[180] de Dmitri do mau-olhado, todas as mãos eram estendidas, todas as vozes lhe davam boas vindas.

O albanês, Dmitri, era nativo da vila de Korvo. Em meio às montanhas bárbaras da região entre Janina e Terpellenè corre o profundo e amplo rio de Argyro-Castro; fortificado a oeste por abruptos precipícios cobertos de bosques, sombreado a leste por elevadas montanhas. A mais alta entre elas é o Monte Trebucci; e em uma romântica curva daquela colina, distinta por minaretas^[181], coroada por uma cúpula se erguendo em meio a um grupo de ciprestes pontiagudos, ficava a pitoresca aldeia de Korvo. Ovelhas e cabras eram o aparente tesouro de seus moradores; suas armas e iatagãs^[182], seus hábitos bélicos, e, junto deles, a nobre profissão do roubo, eram fontes de ainda maior riqueza. Entre uma raça renomada por coragem irrefreada e iniciativas sanguinárias, Dmitri se destacava.

Diziam que, em sua juventude, este cleftes era conhecido por suas maneiras gentis e gosto mais refinado se comparado aos seus compatriotas. Ele havia viajado, e aprendido artes europeias, das quais não se orgulhava pouco. Ele sabia ler e escrever grego e sempre tinha um livro na cinta, ao lado de suas pistolas. Passara muitos anos em Quios, a mais civilizada das ilhas gregas, e casara-se com uma moça de lá. Os albaneses eram conhecidos por desprezarem

as mulheres; mas Dmitri, ao se casar com Helena, passou a ter maneiras mais cavalheirescas e tornou-se o adepto de uma crença melhor. Diversas vezes ele retornou às suas montanhas nativas e lutou sob a bandeira do renomado Ali, e depois voltou ao seu lar na ilha. O amor do bárbaro domesticado era intenso, ardente, e algo além: era uma parte de seu coração vivo e palpitante — a parte mais nobre de si — o molde mais divino onde sua natureza áspera fora remodelada.

Ao voltar de uma de suas expedições na Albânia, ele encontrou sua casa destruída pelos mainotas^[183]. Helena — eles apontaram para seu túmulo, mas não ousaram lhe dizer como ela morreu; sua única filha, seu doce bebezinho, fora roubada; a casa, seu tesouro de amor e felicidade fora saqueado, sua distinta riqueza dourada tornou-se a mais cinza desolação. Durante três anos, Dmitri se esforçou para recuperar sua filha. Expôs-se a mil perigos, passou por incríveis dificuldades. Desafiou a fera em seu covil, os mainotas em seu porto seguro; atacou, e foi atacado por eles. Ele usava o distintivo de sua ousadia em um corte profundo em sua sobrancelha e bochecha. Nesta ocasião ele fora dado como morto, mas Katusthius, vendo uma briga na praia e um homem deixado a morte, desembarcou de um barco a vela, o levou consigo, cuidou dele e o curou. Eles trocaram votos de amizade e, durante algum tempo, o albanês partilhou de suas labutas; mas eram pacíficas demais para seu gosto, e ele voltou a Korvo.

Quem, naquele feroz rosto mutilado, poderia reconhecer o mais belo entre os arnauts^[184]? Seus hábitos logo alcançaram sua mudança física: ele se tornou cruel e impiedoso; apenas sorria quando envolvido em empreitadas perigosas. Havia chegado ao pior estado da perversidade, o prazer no sangue. Ele envelheceu nessas ocupações; sua mente tornou-se imprudente, seu semblante mais sombrio; homens tremiam diante de seu olhar, mulheres e crianças exclamavam aterrorizadas: “O mau-olhado!”. A opinião tornou-se predominante; ele mesmo a compartilhava; se vangloriava no terrível privilégio; e quando sua vítima vacilava e ressecava sob a influência mortal, a risada diabólica saudando essa demonstração do seu poder atingia com maior desespero o coração falho da pessoa enfeitiçada. Mas Dmitri podia comandar as flechas de seu olhar; e seus camaradas o respeitavam ainda mais por seu atributo sobrenatural, pois não temiam o mau-olhado recaindo neles.

Dmitri acabara de retornar de uma expedição além de Preveza. Ele e seus camaradas estavam carregados de despojos. Mataram e assaram uma cabra inteira para sua refeição; secaram diversos cantis de vinho; então envolta da fogueira no pátio, abandonaram-se aos prazeres da dança do lenço, rugindo em coro enquanto caíam de joelhos e depois se levantavam, girando, girando, com muita energia. O coração de Dmitri estava pesado; recusou-se a dançar e

sentou-se longe dos outros, a princípio juntando-se à música com sua voz e o alaúde, até a atmosfera mudar, fazendo-o se lembrar de dias melhores. Sua voz morreu, seu instrumento caiu de suas mãos e sua cabeça afundou sobre o peito.

Diante do som de passos estranhos ele ergueu o rosto; a silhueta diante de si sem dúvidas o lembrava a de um amigo — ele não estava enganado. Com uma exclamação de alegria, saudou Katusthius Ziani, agarrando-lhe a mão e beijando-o na bochecha. O viajante estava exausto, então eles se recolheram para a casa de Dmitri — um casebre bem rebocado, caiado de branco, cujo piso de terra estava perfeitamente seco e limpo, e nas paredes estavam penduradas armas — algumas ricamente ornadas — e outros troféus de seus triunfos cléficos. Um fogo foi aceso por sua criada idosa; os amigos descansaram em esteiras de junco branco enquanto ela preparava o pilaf^[185] e cozinhava a carne de cabrito. Ela arrumou uma brilhante bandeja de latão sobre um bloco de madeira diante deles e colocou bolo de milho indiano, queijo de cabra, ovos e azeitonas; uma jarra de água da fonte mais pura, e um odre de vinho, servidos para refrescar e alegrar o viajante sedento.

Após o jantar o visitante falou do motivo de sua visita.

— Eu vim até meu pobratimo — ele disse — para pedir que cumpra seu voto. Quando eu o salvei dos bárbaros kakouvognis^[186] de Boularias, você me prometeu sua gratidão e fidelidade; agora nega sua dívida?

Dmitri juntou as sobranceiras.

— Meu irmão — exclamou ele —, não precisa me lembrar o que devo. Você tem o controle da minha vida; no que pode o clefte das montanhas ajudar o filho do afortunado Ziani?

— O filho de Ziani é um mendigo — respondeu Katusthius — e perecerá se seu irmão lhe negar ajuda.

O moreota então contou sua história. Ele foi criado como o filho único de um rico comerciante de Corinto. Com frequência navegara como um caravokeiri^[187] nas embarcações de seu pai para Istambul, e até para a Calábria. Alguns anos antes fora capturado e levado por um corsário^[188] da Barbária. Desde então, sua vida tinha sido aventureira, ele disse; na verdade, uma vida culpada — ele renegou suas antigas crenças — e ganhou a estima de seus novos aliados, não por sua coragem superior, pois ele era um covarde, mas por fraudes que enriquecem os homens. Em meio a essa carreira, algum tipo de superstição o influenciou e ele retornou à sua antiga religião. Escapou da África, vagou pela Síria, atravessou para a Europa, encontrou trabalho em Constantinopla; e deste modo os anos se passaram. Por fim, quando estava a ponto de se casar com uma beldade fanariota^[189], caiu novamente na pobreza e voltou a Corinto para ver se a fortuna de seu pai havia prosperado durante

suas longas andanças. Ele descobriu que enquanto as riquezas haviam prosperado para uma quantidade extraordinária, estavam perdidas para ele para sempre. Seu pai, durante sua prolongada ausência, reconheceu outro filho como seu; e, morrendo um ano antes, deixara tudo para ele. Katusthius encontrou este parente desconhecido, junto de sua esposa e filho, em posse de sua herança. Cyril dividiu com ele, é verdade, a propriedade de seu pai, mas Katusthius queria tudo e decidiu tomá-lo. Ele pensou em mil estratagemas de assassinato e vingança; mas o sangue de um irmão era sagrado para ele, além disso era um risco considerável atacar Cyril, pois era amado e respeitado em Corinto. E mesmo assim seu filho, logo em seguida, seria um novo obstáculo. Sua melhor possibilidade seria pedir o conselho e a assistência do arnaut cuja vida ele havia salvado, de quem era pobratimo, deste modo, embarcou apressadamente para Butrinto. Não foi assim que ele contou sua história, mas a embelezou; de modo que se fosse necessário incentivar Dmitri à justiça, algo que não era preciso de forma alguma, ele teria ficado convencido de que Cyril era um intruso vil, e que todo o negócio era falsidade e vilania.

Durante a noite toda os dois discutiram diversos planos, cujo objetivo era, que a fortuna do falecido Ziani passasse completamente para as mãos de seu filho mais velho. No raiar do dia Katusthius partiu, e dois dias depois Dmitri deixou seu lar nas montanhas. A primeira coisa que fez foi comprar um cavalo, há muito cobiçado por ele por sua beleza e agilidade; providenciou cartuchos e reabasteceu seu polvarim. Seus equipamentos eram luxuosos, seu traje alegre, suas armas reluziam sob o sol. Seu cabelo comprido caía direto sob o xale enrolado em volta da touca, até a cintura; um felpudo casaco branco pendia de seu ombros; seu rosto enrugado e envelhecido pela exposição às estações; sua testa franzida com preocupação; seus longos bigodes pretos como piche; seu rosto marcado por cicatrizes; seus olhos selvagens e indomáveis — toda a sua aparência, repleta da graça bárbara, mas marcada principalmente com ferocidade e orgulho bandido, inspirou, e não é de se admirar, os gregos supersticiosos com a crença de que um espírito do mal habitava em sua fisionomia, lançando maldições e destruição por onde fosse. Agora preparado para sua jornada, partiu de Korvo, atravessando os bosques da Acarnânia, a caminho de Morea.

— Por que Zella está tremendo, e abraça o menino junto ao peito, como se temesse o mal? — perguntou Cyril Ziani, ao votar de Corinto para sua casa no campo.

Era um lar cheio de beleza. Os penhascos cobertos de oliveiras, ou

plantações mais coloridas de laranjeiras, elevavam-se sobre as ondas azuis do Golfo de Egina. Os arbustos de dama da noite alastravam seu doce perfume ao redor, mergulhando parte de suas folhas cintilantes no mar. A casa de teto baixo partilhava das sombras de duas enormes figueiras, enquanto vinhedos e plantações de milho se estendiam ao longo do suave planalto ao norte. Quando Zella viu seu marido ela sorriu, apesar de seu rosto ainda pálido e seus lábios trêmulos.

— Agora você está aqui para nos proteger — ela disse —, mas o perigo ameaça nosso Constans, e sinto calafrios ao lembrar que o mau-olhado esteve sobre ele.

Cyril pegou seu filho nos braços.

— Por minha vida! — exclamou. — Você fala de algo doentio. Os francos chamavam de superstição, mas vamos tomar cuidado. Suas bochechas ainda estão rosadas, as mechas de seus cabelos ainda douradas. Fale, Constans; cumprimente seu pai, meu garoto corajoso!

Foi apenas um medo passageiro; nenhum mal seguiu, e eles logo se esqueceram do incidente que, sem causa aparente, havia feito seus corações temerem. Uma semana depois, Cyril voltou, como de costume, do embarque de um carregamento de groselhas, para seu retiro na costa. Era um belo final de tarde de verão: a rangente roda d'água, que produzia a irrigação do solo, harmonizava-se com a canção das ruidosas cigarras; as ondas oscilavam entre os cascalhos quase em silêncio. Este era seu lar; mas onde estava sua linda flor? Zella não apareceu para recebê-lo. Um doméstico apontou para uma capela em uma colina vizinha, e lá ele a encontrou; seu filho (de quase três anos) estava nos braços de sua ama; sua esposa orava fervorosamente, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Cyril perguntou ansiosamente o significado da cena; mas a ama soluçou; Zella continuou a orar e chorar; e o menino, por empatia, começou a chorar. Isso era demais para o homem suportar. Cyril saiu da capela; encostou-se a uma nogueira. Sua primeira exclamação foi o costumeiro ditado grego: “Que seja bem-vinda esta desgraça, para que venha sozinha!” Mas que mal havia ocorrido? Ainda não se podia ver; mas o espírito maligno é mais mortal quando invisível. Ele era um homem feliz — uma esposa afetuosa, uma criança saudável, um lar pacífico, competência, e a perspectiva de riqueza; essas bênçãos eram suas: entretanto, com qual frequência a Sorte utiliza estas graças como chamarizes? Ele era um escravo em uma terra escravizada, um mortal sujeito à força do destino, e dez mil eram os dardos envenenados que poderiam ser lançados em sua cabeça fiel. Agora, tímida e trêmula, Zella saiu da capela: sua explicação não acalmou seus temores. Novamente, o mau-olhado estivera em seu filho, e certamente uma grande tragédia espreitava sob esta segunda visita. O mesmo homem, um arnaut, com armas brilhantes, trajes

coloridos, montado em um corcel preto, veio do bosque de azevinho próximo e, galopando furiosamente até a porta, de repente parou e freou seu cavalo bem na soleira. A criança correu em sua direção: o arnaut curvou seus olhos sinistros sobre ele:

— Você é adorável, criança iluminada — disse ele —, seus olhos azuis são radiantes, suas mechas douradas belas de se ver; mas é uma visão tão fugaz quanto bela — olhe para mim!

O inocente olhou para cima, soltou um grito e caiu ofegante no chão. As mulheres correram para socorrê-lo; o albanês esporeou seu cavalo e, ganhando velocidade pela pequena planície, subiu a encosta arborizada da colina, e logo se perdeu de vista. Zella e a ama levaram a criança à capela; jogaram água benta em seu rosto, e quando ele voltou a si, rogaram à Panagia^[190] com súplicas fervorosas para salvá-lo do mal ameaçador.

Diversos meses se passaram; pequeno Constans cresceu em inteligência e beleza; nenhuma praga visitara a flor do amor, e seus pais abandonaram o medo. Por vezes Cyril brincava com alguma piada sobre o mau-olhado; mas Zella não ria, e fazia o sinal da cruz todas as vezes que aludiam ao evento. Neste período Katusthius os visitou. Ele estava a caminho, ele disse, de Istambul, e veio para saber se poderia servir seu irmão em qualquer de seus negócios na capital. Cyril e Zella o receberam com afeição cordial: alegraram-se em perceber que o amor fraternal começava a aquecer seu coração. Ele parecia estar cheio de ambição e esperança: os irmãos discutiram suas perspectivas, a política da Europa, e as intrigas do Fanar: até os assuntos mesquinhos de Corinto renderam conversa; e a probabilidade de que em pouco tempo, jovem como era, Cyril fosse nomeado codja-bashee^[191] da província. No dia seguinte, Katusthius preparou-se para partir:

— Este exilado voluntário pede um favor; meu irmão e minha irmã, podem me acompanhar por algumas horas em meu caminho para Nápoles, de onde embarcarei?

Zella não queria deixar sua casa, mesmo que por um breve intervalo; mas deixou-se persuadir, e eles seguiram juntos por diversos quilômetros em direção a capital de Morea. Ao meio-dia fizeram uma refeição nas sombras de um bosque de carvalho e então se separaram. Voltando para casa, o casal falava com satisfação de sua vida tranquila e calma felicidade em contraste aos prazeres solitários e desabrigados do irmão viajante. Estes sentimentos aumentaram em intensidade quando se aproximavam de seu lar, e anteciparam as boas-vindas balbuciadas de seu filho idolatrado. De uma elevação eles observaram o vale fértil que era sua morada: estava situado no lado sul do istmo, e dava para o Golfo de Egina — tudo era verde, sereno e belo. Eles desceram para a planície; ali uma aparência singular atraiu sua atenção. Um

arado com sua junta de bois fora abandonado no meio do sulco; os animais a arrastaram para o lado do campo e tentaram repousar tão bem quanto sua união permitia. O sol já tocava o limiar oeste, e os cumes das árvores estavam tingidos de dourado pelos raios de sol. Tudo estava quieto; até a eterna roda d'água estava parada; não se via nenhum servo em suas habituais tarefas. Da casa, podia-se ouvir o som de pranto com muita clareza.

— Meu menino! — Zella exclamou.

Cyril começou a tranquilizá-la, mas um outro lamento surgiu e ele se apressou. Ela desmontou e o teria seguido, mas seus joelhos fraquejaram na beira da estrada, e ela desabou. Seu marido voltou:

— Coragem, minha amada — ele pediu — não vou descansar dia e noite até que Constans volte para nós — confie em mim — adeus! — Com essas palavras ele rapidamente cavalgou e se foi.

Seus piores temores foram assim confirmados; seu coração de mãe, ultimamente tão cheio de alegria, tornou-se a morada do desespero, enquanto a narração da ama sobre a triste ocorrência adicionou mais medo ao medo. Foi assim: o mesmo estranho do mau-olhado havia aparecido, não como antes, avançando sobre eles com a velocidade de uma águia, mas como se viesse de uma longa jornada; seu cavalo mancando e com a cabeça caída; o arnaut coberto com poeira, aparentemente mal conseguia se equilibrar na sela.

— Pela vida da sua criança — ele disse — dê um copo de água a quem está prestes a desmaiar de sede.

A ama, com Constans em seus braços, pegou uma tigela do líquido desejado e deu a ele. Antes dos lábios ressecados do estranho tocarem a água, o recipiente caiu de suas mãos. A mulher recuou, enquanto ele, ao mesmo tempo, avançou e arrancou com braços fortes a criança de seu colo. Ambos desapareceram — com velocidade de uma flecha eles atravessaram a planície, enquanto os brados e gritos de socorro da mulher chamavam atenção de todos os empregados. Eles seguiram o rastro do infrator, mas nenhum retornara ainda. Agora, à medida que a noite se aproximava, um a um eles voltavam: não tinham nada a relatar; vasculharam os bosques, atravessaram as colinas — não conseguiram nem descobrir a rota tomada pelo albanês.

No dia seguinte Cyril voltou, exausto, abatido, miserável; sem nenhuma notícia de seu filho. Pela manhã ele partiu novamente em sua busca, e não voltaria por vários dias. Zella passava o tempo abatida — ora sentada em um desânimo desesperado, ora subindo a colina próxima para ver se conseguia um vislumbre do marido chegando. Não foi possível que ficasse muito tempo assim, fora de perigo; os domésticos trêmulos, deixados de guarda, avisaram-na de que as silhuetas bárbaras de vários arnauts foram vistas rondando: ela mesma viu uma figura alta, vestida com uma capa branca felpuda, esgueirar-se

pela colina e, ao vê-la, esconder-se: em uma ocasião à noite, o bufar e pisotear de um cavalo a despertou, não do sono, mas da sensação de segurança. Por mais miserável que estivesse a mãe inconsolada, pessoalmente ela se sentia quase negligente diante do perigo; mas ela não pertencia mais a si mesma, pertencia a alguém querido além de qualquer expressão; e o dever, bem como a afeição por ele, exigia a autopreservação. Cyril voltou outra vez: ele estava mais sombrio, mais triste do que antes; mas havia mais confiança em seus olhos, mais energia em seus movimentos; ele havia obtido uma pista, mas isso só poderia levá-lo às profundezas do desespero.

Ele descobriu que Katusthius não havia embarcado em Nápoli. Ele se juntara a um grupo de arnauts que espreitava nos arredores de Vasilico, e seguiu para Patras com os protocleptes; dali seguiram juntos em uma embarcação para as margens setentrionais do Golfo de Lepanto: eles não estavam sozinhos; traziam consigo uma criança envolta num sono pesado e tórpido. O sangue do pobre Cyril gelou ao pensar nos feitiços e bruxarias provavelmente praticadas em seu filho. Ele teria seguido de perto os ladrões, se não fosse pela notícia de que o restante dos albaneses seguiu para o sul em direção a Corinto. Ele não poderia entrar em uma longa busca errante entre os sertões de Épiro, e deixar Zella exposta aos ataques desses bandidos. Ele voltou para consultá-la, para elaborar algum plano de ação garantindo ao mesmo tempo a segurança dela e prometendo sucesso aos seus esforços.

Depois de alguma hesitação e discussão, ficou decidido que ele primeiro deveria levá-la a sua terra natal, consultar seu pai sobre a situação, e guiar-se pela experiência de guerra de seu sogro, antes de se apressar para dentro do olho do furacão. O rapto de seu filho poderia ser apenas um atrativo, e não seria bom para ele, o único protetor da criança e da mãe, precipitar-se, sem se prevenir, em uma emboscada.

Zella, por mais estranho que fosse, devido aos seus olhos azuis e pele alva que desafiavam seu nascimento, era filha de um mainota: mesmo que temidos e abominados pelo resto do mundo como eram os habitantes de Cabo Tênaro, eram celebrados por suas virtudes domésticas e a força de seus vínculos familiares. Zella amava seu pai, e a memória do lar rochoso e inóspito do qual ela fora arrancada em uma hora de adversidade. Vizinhos próximos dos mainotas, habitando a região mais grosseira e selvagem de Mani, estão os kakovougnis, uma raça sombria e desconfiada, com corpos atarracados e magros, contrastando fortemente com o semblante tranquilo característico dos mainotas. As duas tribos estão envolvidas em perpétuas disputas; a morada estreita cercada pelo mar que compartilham oferece um local seguro, longe de inimigos estrangeiros e ao mesmo tempo facilita a guerra interna nas montanhas. Cyril certa vez, durante uma viagem costeira, foi levado pelo mal

tempo para a pequena baía em cujas margens está a pequena cidade de Kardamyla. Primeiramente, a tripulação temeu sua captura por piratas; mas se tranquilizaram quando encontraram os habitantes completamente ocupados por suas disputas domésticas. Um grupo de kakovougnis sitiava a rocha acastelada com vista para Kardamyla, bloqueando a fortaleza na qual o capitão mainota e sua família haviam se refugiado. Dois dias se passaram deste modo, enquanto ventos contrários furiosos detinham Cyril na baía. Na terceira noite, a ventania vinda do oeste diminuiu, e uma brisa soprando da terra prometeu libertá-los de sua condição perigosa; quando à noite, já prestes a partir da costa em um barco, foram saudados por um grupo de mainotas, e um deles, um velho de figura imponente, exigiu uma negociação. Ele era o capitão dos kardamyla, o chefe da fortaleza, agora atacado por seus inimigos implacáveis: não via escapatória — ele cairia — e seu único desejo era salvar seu tesouro e sua família das mãos de seus inimigos. Cyril concordou em recebê-los a bordo: uma velha mãe, uma ama, e uma jovem e bela menina, sua filha. Cyril os conduziu em segurança para Napoli. Logo depois a mãe do capitão e ama retornaram à sua cidade natal, e, com o consentimento de seu pai, a bela Zella se tornou a esposa de seu protetor. As fortunas do mainota prosperaram desde então, e ele ocupava a posição mais alta, o chefe de uma grande tribo, o capitano de Kardamyla.

Para lá, então, os infelizes pais se dirigiram; seguiram numa pequena embarcação que descia o golfo de Egina, atravessava as ilhas de Skylo e Cerigo, e o extremo de Tênaro: favorecidos por ventanias prósperas, aportaram no local desejado, e chegaram à hospitaleira mansão do velho Camaraz. Ele ouviu a história com indignação; jurou por sua barba mergulhar seu punhal no melhor sangue de Katusthius, e insistiu em acompanhar seu genro em sua expedição à Albânia. Eles não perderam tempo — o marinheiro grisalho, ainda cheio de energia, apressou todos os preparativos. Cyril e Zella se separaram; mil medos, mil horas de infelicidade se ergueram entre marido e mulher, partilhantes anteriormente de uma felicidade perfeita. O mar revoltoso e as terras distantes eram o menor dos obstáculos separando-os; eles não temiam o pior; no entanto, a esperança, uma planta frágil, desvaneceu-se em seus corações dilacerados após um último abraço.

Zella voltou da fértil região de Corinto para suas estêreis rochas nativas. Sentiu que toda a alegria se esvaía ao ver da costa pedregosa as velas cada vez menores da embarcação. Dias e semanas se passaram, e ela ainda permanecia em solitária e triste expectativa: nunca participava de festas, nem das assembleias de seus conterrâneos, que se reuniam ao entardecer para cantar, contar histórias e afugentar as horas na dança e na alegria. Ela se isolava na parte mais solitária da casa de seu pai e olhava incessantemente da janela para

o mar abaixo, ou vagava pela praia rochosa; e quando a tempestade escurecia o céu, e cada cume de penhasco tornava-se roxo sob as sombras de nuvens de largas asas, quando o rugido das águas atingia a costa, e as cristas brancas das ondas, vistas ao longe na planície oceânica, desenhadas como rebanhos de ovelhas recém-tosquiadas espalhadas ao longo de extensas colinas, ela não sentia nem o vento forte nem o frio inclemente, nem voltava para casa até ser chamada por seus criados. Em obediência a eles que a aconselhavam a não ficar muito tempo, ela procurava o abrigo do seu lar; pois os ventos selvagens falavam em seus ouvidos, e o oceano tempestuoso censurava sua inação. Incapaz de se controlar, às vezes corria de sua casa no penhasco, sem se lembrar, até chegar à praia, que tinha deixado seus chinelos no meio do caminho da montanha, e que a ausência de seu véu e seu vestido desarrumado eram impróprios para tal local. Em ocasiões as horas incontáveis passavam, enquanto essa criança órfã de felicidade se apoiava em uma pedra fria e escura; as rochas baixas encobrimdo-a, as ondas quebrando a seus pés, seus lisos braços manchados de gotículas d'água, seus cabelos desgrenhados pelo vento poderoso. Desesperadamente ela chorava até uma vela aparecer no horizonte; e então enxugava as lágrimas jorrando em uma corrente, fixava os grandes olhos no casco que se aproximava ou na gávea que aos poucos desaparecia. Enquanto isso, a tempestade agitava as nuvens em mil formas gigantescas, e o mar tumultuoso ficava mais escuro e selvagem; sua melancolia natural era intensificada pelo horror supersticioso; as moiras, antigas Parcas^[192] de seu nativo solo grego, uivavam na ventania; aparições, falando sobre seu filho sofrendo sob a influência do mau-olhado, e de seu marido, vítima de alguma feitiçaria trácia^[193], como ainda é praticada na pavorosa região de Larissa, aterrorizaram seu sono interrompido e espreitaram como sombras da ruína através de seus pensamentos acordados. Sua vivacidade se foi, seus olhos perderam o brilho, seus membros, a beleza plena e redonda; sua força falhou, enquanto ela cambaleava para o local costumeiro para observar — em vão, mas para eternamente observar.

O que existe de mais terrível além da espera de más notícias que tardam? Às vezes, em meio às lágrimas, ou pior, em meio aos arquejos convulsivos do desespero, nos recriminamos por influenciar os eternos destinos com nossas antecipações sombrias: então, se um sorriso envolve os lábios trêmulos do desafortunado, é interrompido por um pulsar de agonia. Até finalmente, as mechas escuras da jovem estarem pintadas de cinza, o rosto cheio de beleza esculpido com linhas tristes pelo ânimo de tais horas. A miséria é um visitante mais bem quisto quando vem em seu disfarce sombrio e nos envolve em uma noite perpétua, pois desta maneira o coração não adoece ainda mais com a esperança desiludida.

Cyril e o velho Camaraz tinham encontrado grande dificuldade em navegar pelos muitos cabos da Moreia enquanto faziam uma expedição costeira de Kardamyla ao golfo de Arta, norte de Cefalônia e São Mauro. Durante a viagem eles tiveram tempo de organizar seus planos. Como um certo número de moreotas viajando juntos talvez atraísse muita atenção, eles decidiram desembarcar seus aliados em pontos diferentes, e seguir separados pelo interior da Albânia: Janina foi seu primeiro local de encontro. Cyril e seu sogro desembarcaram em um dos mais isolados de diversos riachos que se formavam nas costas íngremes e sinuosas do golfo. Seis outros, escolhidos entre a tripulação, iriam, por outros caminhos, encontrá-los na capital. Eles não temiam por si; sozinhos, mas bem armados e protegidos na coragem do desespero, eles penetraram nas fortalezas de Épiro. Nenhum sucesso os incentivou: eles chegaram a Janina sem serem descobertos. Seus companheiros os alcançaram, a quem eles orientaram a permanecer três dias na cidade, e então, separarem-se e prosseguir para Terpellènè, onde eles imediatamente direcionaram seus passos. Na primeira vila a caminho, na monástica Zitsa, obtiveram algumas informações, não para dirigir, mas para encorajar seus esforços. Procuraram abrigo e hospitalidade no monastério, situado em uma colina verde, coroado por um bosque de árvores de carvalho, imediatamente atrás da aldeia.

Talvez não haja lugar no mundo mais belo e romântico; protegido pelas muitas árvores, com vista a uma ampla paisagem de montes e vales, enriquecida por vinhas, pontilhada por frequentes rebanhos; enquanto o Rio Calamas nas profundezas do vale dá vida à cena, e as distantes montanhas azuis de Zoumerkás, Sagori, Sulli e Acrocerânia, a leste, oeste, norte e sul, se fecham nas várias perspectivas. Cyril quase invejava os monges e sua inabalável tranquilidade. Recebiam bem os viajantes, e eram cordiais embora simples em suas maneiras. Quando questionaram sobre o objetivo de sua jornada, calorosamente se solidarizaram com a ansiedade do pai, e de bom grado disseram tudo que sabiam. Duas semanas antes, um arnaut, bem conhecido por eles como Dmitri do mau-olhado, um famoso clefte de Korvo, junto de um moreota chegou, trazendo com eles uma criança — um ousado, vigoroso e belo garoto, com resolução além de seus anos, pediu a proteção dos monges e acusou os homens de tê-lo levado a força de seus pais.

— Por tudo que é sagrado! — exclamou o albanês. — Um bravo palikar^[194]: ele mantém sua palavra, irmão; ele jurou pela Panagia, apesar de nossas ameaças de jogá-lo em um precipício como comida para abutres, de nos acusar para os primeiros homens bons que visse: ele não enfraquece sob o mau-olhado, nem se acovarda diante de nossas advertências.

Katusthius cerrava as sobrancelhas com esses elogios, e ficou evidente

durante a estada no mosteiro que o albanês e o moreota brigavam quanto ao que fazer com a criança. O homem rude das montanhas dissipava toda sua severidade ao olhar para o menino. Quando o pequeno Constans dormia, debruçava-se sobre ele, abanando, com cuidado de mulher, as moscas e os mosquitos. Quando o menino falava, ele respondia com expressões de carinho, conquistando-o com presentes, ensinando-o, ainda que uma criança, uma mímica de exercícios de guerrilha. Quando o menino se ajoelhou e implorou a Panagia para devolvê-lo a seus pais, sua voz trêmula e lágrimas escorrendo pelo rosto, os olhos de Dmitri transbordaram; ele jogou seu manto sobre o rosto; seu coração sussurrou para ele: “Assim, talvez, rezou minha filha. O céu estava surdo. Ai de mim! Onde está ela agora?”

Encorajado por esses sinais de compaixão, que crianças percebem rápido, Constans envolvia os braços em seu pescoço, dizendo que o amava e que lutaria por ele quando fosse um homem, se ele o levasse de volta para Corinto. Diante dessas palavras, Dmitri corria para procurar Katusthius, protestava com ele, até o homem inflexível lembrá-lo de seu voto. Ainda assim, Dmitri jurou que nenhum fio de cabelo da criança seria machucado; enquanto o tio, inabalado pelo remorso, meditava sobre sua destruição.

As brigas que então surgiram eram frequentes e violentas, até Katusthius, cansado da oposição, recorreu à astúcia para realizar seu propósito. Uma noite ele deixou secretamente o mosteiro, levando a criança consigo. Quando Dmitri soube dessa fuga, foi amedrontador para os bons monges olhar para ele; eles instintivamente agarraram qualquer pedaço de ferro que poderiam colocar as mãos, para evitar o mau-olhado que brilhava com ferocidade indomável. Em seu pânico, muitos deles correram para a porta de ferro que dava para fora de sua morada: com a força de um leão, Dmitri os tirou dali, abriu o portão e, com a rapidez de uma torrente alimentada pelo degelo das neves na primavera, desceu a colina — o voo de uma águia não poderia ser mais rápido; o percurso de uma fera selvagem não mais resolutivo.

Essa foi a pista dada a Cyril. Havia passado muito tempo para seguir Dmitri em sua busca subsequente; Cyril, com o velho Camaraz, perambulou pelo vale de Argyro-Castro, e subiu o monte Trebucci até Korvo. Dmitri havia retornado; ele reuniu uma vintena de homens fiéis e partiu novamente; vários foram os relatos de seu destino e seus planos. Um deles levou nossos aventureiros a Terpellenè, e daí de volta para Janina; e agora o acaso mais uma vez os favorecia. Descansaram uma noite na morada de um sacerdote na pequena aldeia de Mosme, cerca de quinze quilômetros ao norte de Zitsa; e ali encontraram um arnaut que fora incapacitado por uma queda de seu cavalo; este homem deveria ter feito parte do bando de Dmitri: eles souberam com ele, que o arnaut havia rastreado Katusthius, seguindo-o de perto, e forçando-

o a se refugiar no mosteiro do profeta Elias, que fica em um pico elevado das montanhas de Sagori, a quarenta quilômetros de Janina. Dmitri o seguiu e exigiu a criança. Os monges recusaram-se a libertá-lo, e o clefte, indignado, estava agora sitiando e atacando o mosteiro, para obter pela força o objeto de suas afeições recém-despertadas.

Em Janina, Camaraz e Cyril reuniram-se aos seus homens, e partiram para juntar-se ao seu inconsciente aliado. Ele, mais impetuoso do que um riacho descendo a montanha ou as ondas mais ferozes do oceano, infundiu terror nos corações dos reclusos por seus ataques incessantes e destemidos. Para incentivá-los a resistir ainda mais, Katusthius, deixando a criança para trás no mosteiro, partiu para a cidade mais próxima de Sagori, para suplicar ao belouk-bashee que viesse em seu auxílio. Os sagorianos são um povo gentil, amável e sociável; são alegres, francos, inteligentes; sua bravura é universalmente reconhecida, mesmo pelos montanhistas mais incivilizados de Zoumerkask; roubo, assassinato e outros atos de violência são desconhecidos entre eles. Essas pessoas boas não ficaram pouco indignadas quando souberam que um bando de arnauts havia sitiado e agora atacava o retiro sagrado de seus monges favoritos. Eles se reuniram em uma corajosa tropa e, levando Katusthius com eles, apressaram-se para mandar os insolentes cleftes de volta às suas fortalezas rudes. Eles chegaram tarde demais. À meia-noite, enquanto os monges rezavam fervorosamente para serem libertados de seus inimigos, Dmitri e seus seguidores derrubaram a porta de ferro e entraram no recinto sacro. O protoclefe foi até os portões do santuário e, colocando as mãos sobre ele, jurou que veio para salvar, não para destruir. Constans o viu. Com um grito de prazer, ele se desvencilhou do monge que o segurava e correu para seus braços: isso foi triunfo suficiente. Com sincero arrependimento por tê-los perturbado, o clefte deixou a capela com seus seguidores, levando consigo seu prêmio.

Katusthius voltou algumas horas depois, e o traidor defendeu tão bem sua causa com os bons sagorianos, lamentando o destino de seu sobrinho entre aqueles homens maus, que eles se ofereceram para segui-los e, por mais superiores que fossem em número, resgatar o menino de suas mãos sanguinárias. Katusthius, encantado com a proposta, preparou a partida imediatamente. Ao amanhecer começaram a subir as montanhas, por onde os zoumerkianos já haviam passado.

Extasiado por recuperar o seu pequeno favorito, Dmitri colocou-o à sua frente em seu cavalo e, seguido pelos companheiros, fez seu caminho pelas montanhas vestidas dos velhos carvalhos de Dodona^[195], ou, nos cumes mais altos, por gigantescos pinheiros escuros. Prosseguiram por algumas horas e, por fim, desmontaram para descansar. O local escolhido era a depressão de uma

ravina, cuja penumbra era ampliada pelas grandes sombras das azinheiras; um emaranhado de arbustos e um punhado de rochas íngremes e isoladas tornavam difícil para os cavalos manterem o equilíbrio. Eles desmontaram e sentaram-se junto ao pequeno riacho. Espalharam sua comida simples, e Dmitri persuadiu o menino a comer com mil carícias. De repente, um de seus homens, colocado como guarda, trouxe informações de que uma tropa de sagorianos, com Katusthius como seu guia, estava avançando do mosteiro de Santo Elias; enquanto outro homem deu o alarme da aproximação de seis ou oito moreotas bem armados, que avançavam na estrada de Janina; em apenas um instante, todos os sinais de acampamento desapareceram. Os arnauts começaram a subir as colinas, camuflados atrás das rochas e dos grandes troncos das árvores, escondendo-se até seus invasores se encontrarem bem em meio a eles. Logo apareceram os moreotas, contornando o desfiladeiro, num caminho que só lhes permitia avançar de dois em dois; eles não tinham consciência do perigo e caminhavam descuidadamente, até que um tiro zunindo sobre a cabeça de um deles, atingiu o galho de uma árvore, e os lembrou de sua segurança. Os gregos, acostumados com o mesmo modo de guerra, também se salvaguardaram nas rochas, atirando atrás delas, lutando com seus adversários para chegar ao local mais elevado; pulando de penhasco em penhasco, e caindo e atirando o mais rápido que podiam: apenas um velho permaneceu no caminho. O marinheiro, Camaraz, muitas vezes encontrou o inimigo no convés de seu caique^[196], e ainda teria lutado na frente de um embarque, mas esta guerra exigia muita atividade. Cyril chamou-o para se abrigar debaixo de uma pedra baixa e larga: o mainota acenou com a mão.

— Não tema por mim — ele proclamou. — Eu sei como morrer!

Os bravos admiram os bravos. Dmitri viu o velho de pé, inabalável, um alvo para todos os tiros, e ele começou, de trás de sua proteção rochosa, a pedir a seus homens que parassem. Então, dirigindo-se ao seu inimigo, ele gritou:

— Quem é você? Por que está aqui? Se vem em paz, prossiga seu caminho. Responda e não tema!

O velho se endireitou, dizendo:

— Eu sou um mainota, e não temo. Toda a Hella^[197] treme diante dos piratas do Cabo Tênaros, e eu sou um desses! Eu não venho em paz! Veja! Tem em seus braços a causa de nossa discórdia! Eu sou o avô desta criança — entregue-o a mim!

Dmitri, se segurasse a cobra que sentiu despertar em seu peito, não poderia ter mudado sua alegria tão repentinamente.

— O filho de um mainota! — Ele relaxou os braços, Constans teria caído se não estivesse agarrado em seu pescoço.

Enquanto isso, cada grupo desceu de sua estação rochosa e aos poucos foi

se agrupando no caminho abaixo. Dmitri arrancou a criança de seu pescoço — ele sentiu como se pudesse, com um prazer selvagem, jogá-lo no precipício; quando, enquanto ele parava e tremia com excesso de cólera, Katusthius e os sagorianos os alcançaram.

— Pare — gritou o enfurecido arnaut. — Aqui está Katusthius! Aqui está, amigo, a quem eu, impelido pelo destino irresistível, renunciei louca e perversamente! Eu agora executo seu desejo — a criança mainota morre! O filho da raça amaldiçoada será a vítima da minha justa vingança!

Cyril, em um impulso de medo, correu morro acima; apontou seu mosquete, mas temia sacrificar seu filho. O velho mainota, menos tímido e mais desesperado, mirou com firmeza; Dmitri viu e sacou sua adaga, já erguida contra a criança, em direção a ele — perfurou seu lado — enquanto Constans, sentindo o braço de seu antigo protetor relaxar, saltou para os braços do pai.

Camaraz havia caído, mas seu ferimento era leve. Ele viu os arnauts e os sagorianos circulando-o; viu seus próprios homens feitos prisioneiros. Dmitri e Katusthius se jogaram em cima de Cyril, lutando para recuperar o menino que gritava. O mainota ergueu-se — ele era fraco de membros, mas de coração forte; se colocou diante do pai e do filho; e pegou o braço erguido de Dmitri.

— Que sobre mim — ele exclamou — caia toda a sua vingança! Eu da raça do mal! Pois a criança, ele é inocente de tal parentesco! Maina não pode se gabar dele como filho!

— Você está mentindo! — disse o arnaut enfurecido. — Esta falsidade não lhe fará bem!

— Não, pela alma daqueles que você amou, ouça! — continuou Camaraz. — E se minhas palavras não forem verdadeiras, que eu e meus filhos morramos! O pai do menino é Corinto, e sua mãe, uma mulher quiote!

— Quio! — a própria palavra fez o sangue correr para o coração de Dmitri. — Vilão! — ele gritou, afastando o braço de Katusthius, que se erguia contra o pobre Constans. — Eu protejo esta criança — não ouse machucá-la! Fale, velho, e não temas, se falas a verdade.

— Quinze anos atrás — disse Camaraz, — eu navegava com meu caiaque, em busca de despojos, na costa de Quios. Uma cabana ficava às margens de um bosque de castanheiras; era a casa da viúva de um ilhéu rico — ela morava com sua única filha, casada com um albanês, então ausente; — a boa mulher teria um tesouro escondido em sua casa — a menina também seria rica bonificação — era uma aventura que valia o risco. Corremos nossa embarcação por um riacho sombreado e, ao cair da lua, aportamos; seguindo sob o manto da noite em direção à morada solitária dessas mulheres.

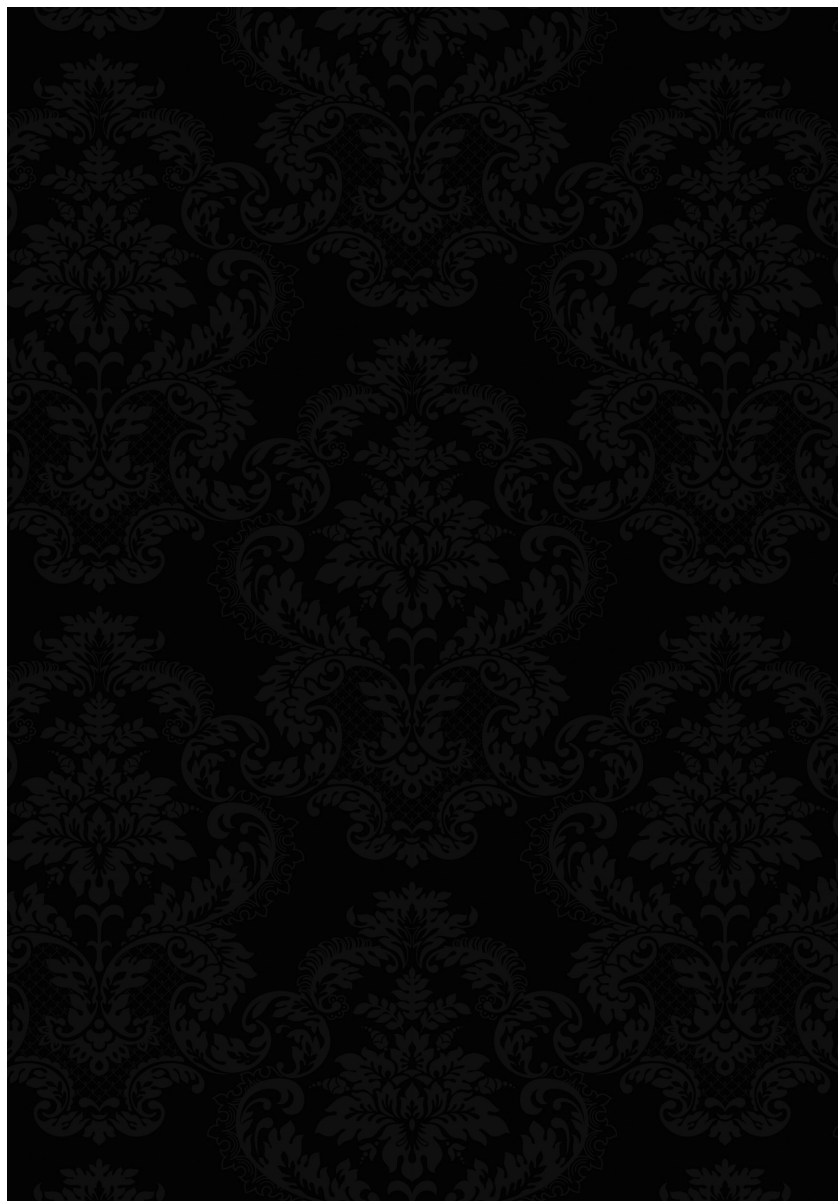
Dmitri buscou pelo cabo de sua adaga — não estava mais lá; então meio que tirou uma pistola do cinto — o pequeno Constans, novamente confiando

em seu antigo amigo, estendeu as mãos e se agarrou ao seu braço; o clefe olhou para ele, quase cedendo ao seu desejo de abraçá-lo, mas temendo ser enganado; então ele se virou, jogando seu manto sobre o rosto, velando sua angústia, controlando suas emoções, até que tudo fosse dito. Camaraz continuou:

— Tornou-se uma maior tragédia do que eu havia imaginado. A filha da viúva tinha uma criança — ela temia por sua vida e lutou contra os homens como uma tigresa defendendo seus filhotes. Eu estava em outra sala procurando o estoque escondido, quando um grito lancinante cortou o ar — eu nunca soube o que era compaixão antes — esse grito tocou meu coração; mas era tarde demais, a pobre mulher tinha caído no chão, a maré da vida escorrendo de seu peito. Não sei porque, mas me transformei em mulher em meu arrependimento pela bela assassinada. Pretendia tê-la carregado com a filha a bordo, para ver se algo poderia ser feito para salvá-la, mas ela morreu antes de deixarmos a costa. Achei que ela gostaria mais de seu túmulo na ilha, e realmente temi que ela pudesse se transformar em um vampiro para me assombrar, se eu a levasse embora; então deixamos o corpo para os padres enterrarem e levamos a criança, com cerca de dois anos. Ela podia dizer poucas palavras, exceto seu próprio nome — que era Zella, e ela é a mãe desse menino!

Uma sucessão de chegadas na baía de Kardamyla deixou a pobre Zella em vigília por muitas noites. A criada, no desespero de não vê-la voltar a dormir, drogou com ópio os poucos bolos que a convenceu a comer, mas a pobre mulher não calculou o poder da mente sobre o corpo, do amor sobre todos os inimigos, físicos ou morais, dispostos contra ele. Zella deitou-se em seu sofá, seu espírito um tanto subjugado, mas seu coração vivo, seus olhos abertos. De noite, guiada por algum impulso inexplicável, arrastou-se até a janela e viu uma pequena embarcação entrar na baía; corria rapidamente a favor do vento, e perdeu-se de vista sob um penhasco protuberante. Levemente ela caminhou pelo piso de mármore de seu quarto; se enrolou com um grande xale; desceu o caminho rochoso e alcançou, com passos rápidos, a praia — a embarcação ainda permanecia invisível, e ela estava meio inclinada a pensar que era fruto de sua imaginação exaltada — mas ela continuou ali. Sentia um mal-estar em seu coração sempre que tentava se mover, e suas pálpebras pesavam contra sua vontade. O desejo de dormir finalmente se tornou irresistível; deitou-se sobre o cascalho, recostou a cabeça no travesseiro frio e duro, cobriu-se ainda mais com o xale e se entregou ao esquecimento.

Tão profundamente ela adormeceu sob a influência do opiáceo, que por muitas horas ficou insensível a qualquer mudança em sua situação. Apenas aos poucos ela acordou, aos poucos tomou consciência dos objetos ao seu redor; a brisa parecia fresca e livre — como é sempre na costa golpeada pelas ondas; as águas oscilavam bem próximas, seu impacto ecoava em seus ouvidos quando ela se rendeu ao repouso; mas este não era seu sofá de pedra, aquele dossel, não era o penhasco escuro e saliente. De repente, ela ergueu a cabeça — estava no convés de um pequeno navio, que deslizava rapidamente sobre o mar — um manto de zibelina cobria sua cabeça; as margens do Cabo Matapan estavam à sua esquerda, e eles seguiam para a direita, em direção ao sol do meio-dia. A admiração e não o medo tomou conta de si: com uma mão rápida, ela afastou a cortina que a separava da tripulação — o temido albanês estava sentado, ao seu lado, seu Constans aninhado em seus braços; ela soltou um grito — Cyril se virou ao som, e em um momento ele a tomou em seus braços.



TRANSFORMAÇÃO

Título original: Transformation
Publicado em 1830 na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”.

“Forthwith this frame of mine was wrench’d
With a woful agony,
Which forced me to begin my tale,
And then it set me free.

“Since then, at an uncertain hour,
That agony returns;
And till my ghastly tale is told
This heart within me burns.”
— Coleridge^[198].

Eu ouvi dizer, que, quando qualquer aventura estranha, sobrenatural, e necromântica acontece a um ser humano, aquele ser, não importa o quanto queira esconder a mesma, se sente, em certos períodos, dilacerado como se por um terremoto espiritual, e é forçado a revelar as profundezas do seu eu para outra pessoa. Sou testemunha dessa verdade. Jurei para mim mesmo nunca revelar a ouvidos humanos os horrores aos quais eu, uma vez no excesso do meu orgulho diabólico, me entreguei. O homem santo que ouviu minha confissão, e me reconciliou com a igreja, está morto. Ninguém sabe que uma vez...

Por que não deve ser assim? Por que contar uma história de ímpia tentação do divino e humilhação que subjuga a alma? Por quê? Responda-me, vós que sois sábios nos segredos da natureza humana! Só sei que assim é; e apesar de uma forte determinação — de um orgulho que me domina demais — de vergonha, e mesmo de medo, de tornar-me odioso à minha espécie — devo falar.

Gênova! O local onde nasci — cidade orgulhosa! Observando o mediterrâneo azul — debes lembrar-te de mim em minha juventude, quanto teus penhascos e promontórios, teus céus radiantes e alegres vinhedos, eram meu mundo? Tempos felizes! Quando para o jovem coração o universo estreito, que deixa, por sua limitação, margens livres para a imaginação, acorrenta nossas energias físicas, e, pelo único período de nossas vidas,

inocência e prazer caminham juntas. Porém, quem pode olhar para a infância e não se lembrar de suas tristezas e medos angustiantes? Eu nasci com o espírito mais soberbo, altivo e indomável. Tremi apenas diante do meu pai; e ele, nobre e generoso, porém caprichoso e tirano, fomentou e ao mesmo tempo refreou a impetuosidade selvagem de meu caráter, me fez obedecer, mas sem inspirar respeito pelos motivos guiando seus comandos. Ser um homem, livre, independente; ou melhor, insolente e dominador, era a esperança e o desejo do meu coração rebelde.

Meu pai tinha um amigo, um rico nobre genovês, que em um tumulto político, foi subitamente banido do país e seus bens confiscados. O marquês Torella foi exilado sozinho. Como meu pai, ele era viúvo: tinha uma filha, Juliet, quase uma criancinha, que ficou sob a tutela do meu pai. Eu certamente teria sido cruel com a menina encantadora, mas por minha posição, fui obrigado a me tornar seu protetor. Uma série de incidentes infantis tenderam para um ponto — Juliet passou a me ver como uma rocha de defesa; e eu, vê-la como alguém que deve perecer pela sensibilidade maleável de sua natureza, afligida por muita grosseria, a não ser por meu cuidado de guardião. Nós crescemos juntos. O desabrochar da rosa em maio não era mais doce do que esta querida criança. A beleza irradiava por seu rosto. Sua forma, seu passo, sua voz — meu coração chora até mesmo agora, ao pensar em tudo de verdadeiro, gentil, amoroso e puro, consagrado por ela. Quando eu tinha onze anos de idade e Juliet oito, um primo meu, muito mais velho que ambos — ele nos parecia um homem — deu muita atenção a minha companheira de brincadeiras; ele a chamou de noiva e a pediu em casamento. Ela recusou, e ele insistiu, puxando-a para perto contra sua vontade. Com o semblante e as emoções de um maníaco me joguei sobre ele — tentei desembainhar sua espada — agarrei-me ao seu pescoço com a determinação feroz de estrangulá-lo: ele foi obrigado a pedir ajuda para se desvencilhar de mim. Naquela noite, levei Juliet à capela de nossa casa: Fiz com que ela tocasse as relíquias sagradas — dilacerei seu coração de menina e profanei seus lábios infantis fazendo-a jurar que seria minha, e somente minha.

Bem, aqueles dias passaram. Torella voltou em alguns anos, e se tornou ainda mais rico e próspero do que nunca. Quando eu tinha dezessete anos meu pai morreu; ele ostentara até a prodigalidade; Torella ficou contente pela minha menoridade lhe dar uma oportunidade para consertar meu destino. Juliet e eu nos tornamos noivos ao lado do leito de morte do meu pai — Torella seria um segundo pai para mim.

Meu desejo era ver o mundo, e fui atendido. Visitei Florença, Roma, Nápoles; dali fui para Toulon e finalmente cheguei onde há muito tempo tinha sido o limite dos meus quereres, Paris. Havia uma descontrolada

atividade em Paris naquela época. O pobre rei, Charles VI^[199], ora são, ora louco, ora um monarca, ora um desprezível escravo, era a zombaria personificada da humanidade. A rainha, o delfim, o duque da Borgonha^[200], alternadamente amigos e inimigos — ora encontrando-se em banquetes pródigos, ora derramando sangue em rivalidade — estavam cegos para a situação miserável de seu país, e os perigos que os cercavam, perdendo-se inteiramente no prazer dissoluto ou na luta desenfreada. Meu caráter ainda era o mesmo. Eu era arrogante e obstinado; adorava a exibição e, acima de tudo, abandonava todo o controle. Meus jovens amigos ansiavam em cultivar paixões prazerosas. Eu era considerado bonito — era o mestre de todas as conquistas cavalheirescas. Não me conectava com qualquer partido político. Era favorito de todos: minha presunção e arrogância foram perdoadas em alguém tão jovem: tornei-me uma criança mimada. Quem poderia me controlar? Certamente não as cartas e conselhos de Torella — apenas a forte necessidade visitando-me na forma abominável de um bolso vazio. Mas havia meios de preencher tal vazio. Acre após acre, propriedade após propriedade, eu vendi. Meus trajes, minhas joias, meus cavalos e seus apetrechos eram quase incomparáveis na bela Paris, enquanto as terras de minha herança passavam para a posse de outros.

O duque de Orleans^[201] foi atacado e assassinado pelo duque de Borgonha. Medo e terror tomaram conta de Paris. O delfim e a rainha se fecharam em seus palácios; toda diversão foi suspensa. Cansei-me desse estado de coisas, e meu coração ansiava pelos refúgios da minha infância. Eu era quase um mendigo, mas, ainda assim, iria até lá, reivindicaria minha noiva e reconstruiria minha fortuna. Alguns bons empreendimentos como comerciante me deixariam rico outra vez. Ainda assim, não retornaria em um disfarce humilde. Meu último ato foi vender minha propriedade próxima de Albaro, a única restante, pela metade do valor, por dinheiro vivo. Então enviei todo tipo de artifícios, tapeçarias, móveis de esplendor régio, para ornar a relíquia final da minha herança, meu palácio em Gênova. Demorei-me mais ainda, envergonhado com o papel do pródigo regressado que temia interpretar. Enviei meus cavalos. Despachei um incomparável corcel espanhol para minha noiva: sua capa e montaria flamejavam com joias e tecidos de ouro. Em cada parte, estavam bordadas as iniciais de Juliet e seu Guido. Meu presente encontraria graça nos olhos dela e de seu pai.

Ainda assim, retornar como um esbanjador, a marca da admiração impertinente, talvez de desprezo, e enfrentar sozinho as censuras ou insultos de meus concidadãos, não era uma perspectiva atraente. Como escudo entre mim e a represália, convidei alguns dos meus camaradas mais imprudentes para me acompanhar: assim me armei contra o mundo, escondendo um sentimento

rancoroso, meio de medo e meio de penitência, por ameaça.

Eu cheguei em Gênova. Trilhei o caminho do meu palácio ancestral. Meu andar orgulhoso não era reflexo do meu coração, pois eu sentia profundamente que, apesar de estar cercado de todo luxo, eu era um mendigo. O primeiro passo que tomei ao reivindicar Juliet certamente me declarou tal. Eu li desprezo ou pena nos olhares de todos. Eu imaginei que ricos ou pobres, jovens ou idosos, todos me encaravam com desdém. Torella não veio me visitar. Não era de se admirar que meu segundo pai esperasse de mim a consideração de um filho e eu o procurasse primeiro. Mas, irritado e magoado pelas minhas tolices e deméritos, me esforcei para jogar a culpa nos outros. À noite, festejamos no Paálazzo Carega. Às turbulentas madrugadas seguiam-se manhãs apáticas e inertes. No final do dia mostrávamos nossos rostos graciosos nas ruas, zombando dos homens sóbrios, lançando olhares insolentes às mulheres encolhidas. Juliet não estava entre eles — não, não; se ela estivesse lá, a vergonha teria me afugentado, se o amor não me tivesse me deixado aos seus pés.

Eu me cansei disso. Repentinamente visitei o marquês. Ele estava em sua vila, uma entre muitas decorando o subúrbio de San Pietro d’Arena. Era o mês de maio, as flores das árvores frutíferas desapareciam entre a folhagem espessa; as videiras brotavam; no chão se espalhavam as flores caídas das oliveiras; os vaga-lumes pairavam pelos arbustos de murta; o céu e a terra vestiam um manto de incomparável beleza. Torella me recebeu com gentileza, porém com seriedade; e até seu tom de desagrado logo se dissipou. Alguma semelhança com meu pai, algum olhar e tom de ingenuidade juvenil, abrandou o coração do bom homem. Ele mandou chamar sua filha — me apresentou a ela como seu noivo. O salão foi abençoado por uma luz sagrada quando ela entrou. Juliet tinha aquele olhar de querubim, aqueles olhos grandes e suaves, bochechas cheias e com covinhas, a boca de doçura infantil, que expressa a rara união entre felicidade e amor. No primeiro momento a admiração me possuiu; ela é minha! foi a segunda emoção orgulhosa, e meus lábios se curvaram com altivo triunfo. Eu não tinha sido o enfant gâté^[202] das beldades da França para não ter aprendido a arte de agradar o coração suave de uma mulher. Se para com os homens eu era arrogante, a reverência que eu prestava a elas era ainda mais contrastante. Comecei meu namoro com a exibição de mil galanteios a Juliet, que, jurada a mim desde a infância, nunca havia admitido a devoção de outros; e que, embora acostumada a expressões de admiração, não conhecia a linguagem dos amantes.

Por alguns dias tudo correu bem. Torella não mencionou minhas extravagâncias; ele me tratava como um filho favorito. Mas chegou o momento, enquanto discutimos os preliminares de minha união com sua filha,

que esta bela face das coisas foi encoberta. Um contrato havia sido elaborado com meu pai ainda em vida. Eu o tinha tornado, de fato, nulo por eu ter desperdiçado toda a riqueza a ser compartilhada entre Juliet e mim. Torella, portanto, decidiu considerar esse vínculo cancelado, e propôs outro, um que, embora a riqueza cedida por ele fosse imensamente maior, havia tantas restrições quanto ao modo de gastá-la, que eu, que via independência somente em um caminho livre dado à minha própria vontade imperiosa, insinuei que ele se aproveitava de minha situação e me recusei totalmente a suas condições. Ele temperadamente se esforçou para me chamar à razão. O orgulho tornou-se o tirano do meu pensamento: escutei com indignação — repeli-o com desdém.

— Juliet, tu és minha! Não trocamos votos em nossa infância inocente? Não somos um perante Deus? E deves o coração gelado, o sangue gelado de teu pai nos separar? Seja generosa, meu amor, seja justa; não retires o presente, o último tesouro de teu Guido — não retrate teus votos — vamos desafiar o mundo, e, desprezando os cálculos da idade, encontremos em nossa afeição mútua um refúgio de todos os males.

Demônio, eu devo ter sido com tal sofisma para tentar envenenar aquele templo de pensamento santo e amor terno. Juliet se encolheu de mim assustada. Seu pai era o melhor e mais gentil dos homens, e ela se esforçou para me mostrar como, ao obedecê-lo, todo o bem seguiria. Ele receberia minha tardia submissão com calorosa afeição, e seguido de seu generoso perdão viria meu arrependimento; palavras inúteis para uma jovem e gentil filha usar com um homem acostumado a fazer sua vontade lei e a sentir em seu próprio coração um déspota tão terrível e severo que ele não renderia obediência a nada além de seus desejos imperiosos! Meu ressentimento cresceu com a resistência; meus companheiros rebeldes se aprontaram para adicionar combustível à chama. Fizemos um plano para levar Juliet. A princípio parecia ser coroado com sucesso. No meio do caminho, em nosso retorno, fomos surpreendidos pelo pai agonizante e seus empregados. Seguiu-se um conflito. Antes que a guarda da cidade viesse decidir a vitória em favor de nossos antagonistas, dois dos servidores de Torella foram gravemente feridos.

Esta porção da minha história pesa mais em mim. Homem mudado como sou, abomino a mim mesmo ao relembrear. Que ninguém ouvindo essa história um dia se sinta como eu. Um cavalo levado à fúria por um cavaleiro armado com esporas farpadas não é mais escravo do que sou da violenta tirania de meu temperamento. Um demônio possuiu minha alma, enfurecendo-a à loucura. Senti a voz da consciência em meu interior; mas se eu cedesse a ela por um breve intervalo, seria apenas um momento após ser arrancado, como por um redemoinho, para longe — levado na corrente de raiva desesperada —

o brinquedo das tempestades criadas pelo orgulho. Fui preso e, por insistência de Torella, posto em liberdade. Mais uma vez voltei para levar ambos ele e sua filha para a França, um país infeliz, então assolado por saqueadores e gangues de soldados sem lei, oferecia um grato refúgio a um criminoso como eu. Nosso plano foi descoberto. Fui banido; e, como minhas dívidas já eram enormes, minha propriedade restante foi colocada nas mãos de comissários para pagamento. Torella novamente ofereceu sua mediação, exigindo apenas minha promessa de não renovar minhas tentativas frustradas contra ele e sua filha. Rejeitei suas ofertas e imaginei ter triunfado quando fui expulso de Gênova, um exilado solitário e sem dinheiro. Meus companheiros se foram: haviam deixado a cidade algumas semanas antes e já estavam na França. Eu estava sozinho — sem amigos, sem nem espada ao meu lado, nem tostão na bolsa.

Perambulei ao longo da praia, um redemoinho de paixão possuindo e rompendo minha alma. Era como se um carvão aceso queimasse em meu peito. Primeiro, meditei sobre o que eu deveria fazer. Juntar-me-ia a um bando de piratas. Vingança! A palavra parecia um bálsamo a mim; eu a abracei, acariciei, até que, como uma serpente, me picou. Por outro lado, eu condenava e desprezava Gênova, este pequeno canto de mundo. Eu retornaria a Paris, onde estavam tantos dos meus amigos; onde meus serviços seriam avidamente aceitos; onde cavaria fortuna com minha espada, e faria meu miserável local de nascimento e o falso Torella lamentar o dia em que me expulsaram, um novo Coriolano^[203], de seus muros. Voltaria então a Paris — assim, a pé — um mendigo — e me apresentaria em minha pobreza aos que outrora entretive suntuosamente? Desprezei até o mero pensamento.

A realidade das coisas começou a clarear em minha mente, trazendo desespero em seu enlaço. Por diversos meses eu fui um prisioneiro: os flagelos de meu calabouço haviam açoitado minha alma à loucura, e reduziram minha forma corpórea. Eu estava fraco e pálido. Torella havia usado de mil artifícios para o meu conforto; eu os havia detectado e desprezado todos, e extrai a colheita da minha teimosia. O que poderia ser feito? Deveria me ajoelhar diante de meu inimigo e suplicar por perdão? Preferia morrer dez mil mortes! Ele nunca teria tal vitória! Ódio — jurei ódio eterno! Ódio de quem? Para quem? De um banido errante — a um poderoso nobre! Eu e meus sentimentos não eram nada para eles: eles já haviam esquecido alguém tão indigno. E Juliet! Seu rosto de anjo e forma de sílfide reluzia entre as nuvens de meu desespero com vã beleza; pois eu a havia perdido — a glória e a flor do mundo! Um outro a chamará de sua! Aquele sorriso do paraíso abençoará um outro!

Até mesmo agora meu coração fraqueja quando recorro a essa rota de ideias sombrias. Ora reduzido quase às lágrimas, ora delirando em minha

agonia, eu ainda vagava pela costa rochosa, que a cada passo, se tornava mais selvagem e desolada. Rochas suspensas e precipícios cobertos pela geada contornavam o oceano sem ondas; cavernas negras bocejavam; e eternamente, entre os recessos desgastados pelo mar, murmuravam e quebravam as águas inférteis. Ora meu caminho era quase bloqueado por um promontório abrupto, ora tornado quase inviável por fragmentos caídos do penhasco. A noite estava próxima, quando, em direção ao mar, surgiu, como que no aceno da varinha de um feiticeiro, uma teia turva de nuvens, borrando o céu azul da tarde, e escurecendo e perturbando as profundezas até agora plácidas. As nuvens tinham formas estranhas e fantásticas, mudavam e se misturavam, pareciam ser conduzidas por um poderoso feitiço. As ondas ergueram suas cristas brancas; o trovão a primeiro momento murmurou, depois rugiu do outro lado da vastidão das águas, que agora se coloriam de um intenso púrpura, salpicado de espuma. O local onde eu estava dava, em um lado, para o oceano extenso; do outro, era barrado por um inóspito promontório. Ao redor deste cabo veio de repente, impulsionado pelo vento, um navio. Em vão os marinheiros tentaram forçar um caminho para o mar aberto — o vendaval o levava às rochas. Ele perecerá! Todos a bordo perecerão! Se eu estivesse entre eles! E para meu jovem coração a ideia de morte veio pela primeira vez misturada com a de alegria. Foi uma visão horrível ver aquele navio lutando com seu destino. Mal pude discernir os marinheiros, mas os ouvi. Logo tudo acabou! Uma rocha, coberta pelas ondas agitadas, e assim despercebida, estava à espreita de sua presa. Um estrondo arrebentou sobre minha cabeça no momento em que, com um choque assustador, o navio se lançou sobre seu inimigo invisível. Em um breve espaço de tempo, se desfez em pedaços. Lá fiquei em segurança; e lá estavam meus semelhantes lutando, tão irremediavelmente, contra a aniquilação. Achei que eu os vi lutando — e realmente ouvi seus gritos, conquistando os latidos das ondas em sua agonia estridente. O furor escuro jogava os fragmentos do naufrágio aqui e ali: logo desapareceu. Fiquei fascinado ao ponto de assistir até o fim: finalmente caí de joelhos — cobri o rosto com as mãos. Novamente olhei para o mar; algo fluuava nas ondas em direção à costa, aproximando-se cada vez mais. Aquilo era uma forma humana? Tornou-se a cada momento mais distinta; e, por fim, uma onda poderosa, levantando toda a carga, colocou-a sobre uma rocha. Um ser humano montado em um baú! Um ser humano! No entanto, era mesmo? Certamente um ser humano assim nunca existiu antes — um anão aleijado, com olhos semicerrados, feições distorcidas e corpo deformado, até se tornar uma visão de horror. Meu sangue, aquecendo-se em relação a um ser arrancado de um tumulto aquático, congelou em meu coração. O anão saiu de cima do baú; tirou o cabelo liso e emaranhado de seu rosto odioso.

— Por São Belzebu! — exclamou. — Fui vencido. — Ele olhou em volta e me viu. — Ah, pelo demônio! Aqui está outro aliado do Poderoso. A que santo você orou, amigo, se não ao meu? No entanto, não me lembro de você a bordo.

Eu me encolhi diante do monstro e de sua blasfêmia. Novamente ele me questionou, e eu murmurei alguma resposta inaudível. Ele continuou:

— Esse rugido dissonante abafa sua voz. Que barulho faz o grande oceano! Estudantes saindo de sua prisão não são mais barulhentos do que essas ondas livres para brincar. Elas me perturbam. Eu não vou mais suportar suas rixas inoportunas. Silêncio, ancião! Ventos, vão embora! Para suas casas! Nuvens, voem para longe e deixem nosso céu limpo!

Enquanto falava, estendia os dois braços compridos e lânguidos, que se assemelhavam a pernas de aranha, e pareciam abraçar com eles a vastidão além. Era um milagre? As nuvens se dissiparam e fugiram; o céu azul primeiramente espreitou, e então se espalhou em um calmo campo de cerúleo acima de nós; o vento tempestuoso foi trocado pela suave brisa oeste; o mar ficou calmo; as ondas se reduziram a ondulações.

— Gosto de obediência mesmo nesses elementos estúpidos — disse o anão. — Quanto mais na mente indomável do homem! Foi uma tempestade bem armada, você deve admitir, e tudo de minha autoria.

Era tentar os santos conversar com esse mago. Mas o Poder, em todas as suas formas, é respeitado pelo homem. Admiração, curiosidade, um fascínio crescente, atraíram-me para ele.

— Venha, não se assuste, amigo — disse o desgraçado. — Fico de bom humor quando estou satisfeito; e algo me agrada em seu corpo bem-proporcionado e rosto bonito, embora você pareça um pouco triste. Você sofreu um desastre na terra — eu, no mar. Talvez eu possa acalmar a tempestade de sua sorte como fiz com a minha. Vamos ser amigos? — Ele estendeu a mão; eu não podia tocá-la. — Bem, então, companheiros, isso também serve. E agora, enquanto descanso depois desta surra, diga-me porque, jovem e galante como você parece, caminha assim sozinho e abatido nesta praia inóspita.

A voz do miserável era estridente e horrível, e suas contorções enquanto falava eram uma visão assustadora. Ainda assim, ele tinha uma espécie de influência sobre mim, que eu não conseguia dominar, e lhe contei minha história. Quando terminei, ele riu muito e alto: as pedras ecoaram o som: o inferno parecia gritar ao meu redor.

— Ah, primo de Lúcifer! — disse ele. — Então tu também caíste por causa do teu orgulho; e, embora radiante como o filho da Manhã, estás pronto para desistir de tua boa aparência, tua noiva e teu bem-estar, ao invés de se

submeter à tirania do bem. Eu honro a tua escolha, por minha alma!

Então tu fugiste, e renunciaste ao dia; e pretendes morrer de fome nestas rochas, deixando os pássaros bicarem teus olhos mortos, enquanto teu inimigo e tua noiva se alegram em tua ruína. Teu orgulho é estranhamente parecido com humildade, eu acho.

Enquanto ele falava, mil pensamentos com presas feriram meu coração.

— O que você quer que eu faça? — exclamei.

— Eu? Ah, nada, mas deite-se e faça suas orações antes de morrer. Mas, se eu fosse você, eu sei o que deveria ser feito.

Eu me aproximei dele. Seus poderes místicos o fizeram um oráculo aos meus olhos; no entanto, uma estranha emoção sobrenatural estremeceu meu corpo quando eu disse:

— Fale! Ensine-me — que ato você aconselha?

— Vinga-te, homem! Humilha teus inimigos! Põe o pé no pescoço do velho e tome posse de sua filha!

— Para leste e oeste eu me viro — exclamei — e não vejo meios! Se eu tivesse ouro, muito poderia alcançar; mas, pobre e sozinho, sou impotente.

O anão estava sentado em seu baú enquanto ouvia minha história. Naquele momento ele desceu; tocou uma mola; se abriu! Que mina de riqueza — de joias resplandcentes, ouro brilhante e clara prata — estavam ali. Um desejo louco de possuir este tesouro nasceu dentro de mim.

— Sem dúvidas — eu disse — alguém tão poderoso quanto você poderia fazer qualquer coisa.

— Não — disse o monstro, humildemente — sou menos onipotente do que pareço. Posso algumas coisas que você pode cobiçar; mas eu daria tudo por uma pequena parte, ou mesmo por um empréstimo do que é seu.

— Minhas posses estão a seu serviço — respondi amargamente —, minha pobreza, meu exílio, minha desgraça — dou tudo de graça.

— Bom! Eu que agradeço. Adicione mais uma coisa ao seu presente e meu tesouro será seu.

— Como o nada é minha única herança, o que além de nada você teria?

— Seu rosto bonito e membros bem-feitos.

Eu estremei. Esse monstro todo-poderoso me mataria? Eu não tinha adaga. Esqueci de rezar, mas empalideci.

— Peço um empréstimo, não um presente — disse a coisa assustadora.

— Emprresta-me seu corpo por três dias; você terá o meu para enjaular sua alma por enquanto e, em pagamento, meu baú. O que você acha da barganha? Três dias curtos.

Dizem-nos que é perigoso manter conversas ilícitas; e eu sou prova disso. Mansamente oprimido, pode parecer incrível que eu tenha dado ouvidos a essa

proposta; mas, apesar de sua feiura antinatural, havia algo fascinante em um ser cuja voz podia governar a terra, o ar e o mar. Senti um forte desejo em obedecer; pois com aquele baú eu poderia comandar os mundos. Minha única hesitação vinha do medo de que ele não fosse fiel à sua promessa. Então, pensei, em breve morrerei aqui nestas areias solitárias, e os membros que ele cobiça não serão mais meus: vale a pena arriscar. E, além disso, eu sabia que, segundo todas as regras da arte mágica, havia fórmulas e juramentos que nenhum de seus praticantes ousava quebrar. Hesitei em responder; e ele insistiu, ora exibindo sua riqueza, ora falando do pequeno preço exigido, até parecer loucura recusar. Assim é; colocamos nossa barca na corrente do rio, e para baixo, sobre a queda e a cascata, ela é levada; abandonemos nossa conduta à torrente selvagem da paixão, e vamos embora, sem saber para onde.

Ele fez muitos juramentos, e eu invoquei muitos nomes sagrados; até que vi esse extraordinário poder, esse governante dos elementos, estremecer como uma folha de outono diante de minhas palavras; e como se o espírito falasse sem vontade e forçosamente dentro dele, por fim, ele, com a voz quebrada, revelou o feitiço pelo qual ele poderia ser obrigado, se quisesse me enganar, a entregar o despojo ilegítimo. Nosso sangue quente deve se misturar, ambos para fazer e desfazer o encanto.

Chega desse tema profano. Eu fui convencido — a coisa foi feita. A alvorada chegou enquanto eu estava deitado sobre os cascalhos, e eu não reconheci minha própria sombra quando ela caiu de mim. Senti-me transformado em uma forma de horror e amaldiçoei minha confiança fácil e credulidade cega. O baú estava lá — lá estavam o ouro e as pedras preciosas pelas quais eu vendi a moldura de carne que a natureza me deu. A visão acalmou um pouco minhas emoções: três dias logo passariam.

Eles passaram. O anão tinha me fornecido comida em fartura. No começo eu mal conseguia andar, tão estranhos e desconjuntados eram meus membros; e minha voz — era a do demônio. Mas me mantive em silêncio e virei o rosto para o sol, para não ver minha sombra, e contei as horas, e ruminei sobre o que faria depois. Colocar Torella aos meus pés — possuir minha Juliet apesar dele — tudo isso minha riqueza poderia facilmente alcançar. Durante a noite escura dormi, e sonhei com a realização dos meus desejos. Dois sóis haviam se posto — o terceiro amanheceu. Eu estava agitado, com medo. Oh expectativa, que coisa assustadora és tu, quando ateadada mais pelo medo do que pela esperança! Como te contorces ao redor do coração, torturando tuas pulsações! Como lanças dores desconhecidas por todo o nosso frágil mecanismo, ora parecendo nos estremecer como vidro quebrado, até não restar nada — ora nos dando uma nova força, que não pode fazer nada, e assim nos atormenta por uma sensação, como deve se sentir o homem forte

que não pode romper seus grilhões, embora eles se dobrem em suas mãos. Lentamente, a brilhante, brilhante orbe no céu oriental; por muito tempo demorou-se no zênite, e ainda mais lentamente vagou para o oeste: tocou a beira do horizonte — se perdeu! Suas glórias estavam nos cumes do penhasco — elas se tornavam pardas e cinzentas. A estrela da noite brilhou. Ele logo estará aqui.

Ele não veio! Pelos Céus, ele não veio! E a noite se arrastou em seu comprimento cansado e, em sua idade decadente, “o dia começou a acinzentar suas mechas escuras”; e o sol se ergueu novamente sobre o mais miserável desgraçado que já censurou sua luz. Três dias assim passei. As joias e o ouro — ah, como eu os abominava!

Bem, bem — não mancharei estas páginas com delírios demoníacos. Terríveis demais eram os pensamentos, o tumulto furioso de ideias preenchendo minha alma. No final desse tempo eu dormi; não tinha antes desde o terceiro pôr do sol; e sonhei que estava aos pés de Juliet, e ela sorriu, e então gritou — pois viu minha transformação — e novamente sorriu, pois seu belo amado ainda estava ajoelhado diante dela. Mas não era eu — era ele, o demônio, vestido em meus membros, falando com minha voz, conquistando-a com meus olhares apaixonados. Esforcei-me para avisá-la, mas minha língua recusou seu ofício; me esforcei para arrancá-lo dela, mas eu estava enraizada no chão — acordei com a agonia. Lá estavam os precipícios solitários e grisalhos — lá o mar agitado, a praia tranquila e o céu azul acima de tudo. O que isso significava? Meu sonho era apenas um espelho da verdade? Estaria ele cortejando e ganhando minha noiva? Eu voltaria imediatamente para Gênova, mas fui banido. Eu ri — o grito do anão saiu dos meus lábios — eu fui banido! Ah não! Eles não exilaram os membros imundos que eu usava; eu poderia entrar com eles, sem medo de incorrer na ameaça de pena de morte, minha cidade, minha terra natal.

Comecei a caminhar em direção a Gênova. Estava de certo modo acostumado com meus membros distorcidos; nenhum corpo era tão mal-adaptado para movimentos contínuos; procedi com infinita dificuldade. Quis também evitar todas as aldeias espalhadas aqui e ali na beira-mar, pois não desejava exibir minha feitura. Eu não tinha certeza de que, se fosse visto, meninos não me apedrejariam até a morte por ser um monstro; recebi algumas saudações pouco gentis dos escassos camponeses ou pescadores que encontrei por acaso. Mas era noite quando me aproximei de Gênova. O tempo estava tão ameno e agradável que me ocorreu que o marquês e sua filha muito provavelmente teriam deixado a cidade para seu retiro no campo. Foi de Villa Torella que tentei levar Juliet; eu havia passado horas fazendo o reconhecimento do local e conhecia cada centímetro de terreno ao redor.

Estava lindamente situada, cercada de árvores, à margem de um riacho. Ao me aproximar, ficou evidente que minha suposição estava correta; além disso, naquele momento as horas eram dedicadas à festa e animação, pois a casa estava iluminada; a brisa trazia até mim acordes de música suave e alegre. Meu coração afundou dentro de mim. Tal era a bondade generosa de Torella que tive certeza de que ele não teria se entregado a manifestações públicas de alegria logo após meu infeliz banimento, a não ser por um motivo que eu não ousava pensar.

Os camponeses estavam animados e reunidos aqui e ali; foi necessário me esconder; e, no entanto, ansiava por falar com alguém, ou ouvir uma conversa, ou de alguma forma obter informações sobre o que realmente estava acontecendo. Por fim, trilhando os caminhos ao redor da mansão, encontrei uma ruela escura o suficiente para ocultar minha deformidade excessiva; e havia outros, assim como eu, perambulando à sua sombra. Logo reuni tudo o que queria saber — a primeiro momento, toda a informação fez meu coração morrer de horror e depois ferver de indignação. Amanhã Juliet seria entregue ao penitente, reformado e amado Guido — amanhã minha noiva faria seus votos a um demônio do inferno! E eu fiz isso! Meu maldito orgulho — minha violência infernal e perversa autoidolatria causaram esse ato. Pois se eu tivesse agido como o miserável que roubou minha forma agiu — se, com um semblante ao mesmo tempo dócil e digno, eu me apresentasse diante de Torella, dizendo: o que fiz foi errado, me perdoe; sou indigno de sua filha, mas permita-me reivindicá-la no futuro, quando minha conduta alterada mostrar a renúncia de meus vícios e meu esforço para me tornar de alguma forma digno dela. Servirei contra os infiéis; e quando meu zelo pela religião e minha verdadeira penitência pelo passado parecerem para você cancelar meus crimes, permita-me novamente me chamar de seu filho. Assim ele havia falado; e o penitente foi recebido como filho pródigo das Escrituras: o bezerro cevado foi morto por ele; e ele, ainda seguindo o mesmo caminho, mostrou um arrependimento tão sincero por suas loucuras, uma concessão tão humilde de todos os seus direitos e uma vontade tão ardente de readquiri-los por uma vida de contrição e virtude, que logo conquistou o gentil senhor; e o perdão total, e o presente de sua adorável filha, rapidamente seguiram.

Ah, se um anjo do Paraíso tivesse sussurrado em meu ouvido para agir assim! Mas agora, qual seria o destino da inocente Juliet? Será que Deus permitiria a união suja — ou, se algum evento a destruísse, ligaria o nome desonrado de Carega ao pior dos crimes? Amanhã, ao nascer do sol, eles se casariam: havia apenas uma maneira de evitar isso: encontrar meu inimigo e fazer valer a ratificação de nosso acordo. Senti que isso só poderia ser feito por uma luta mortal. Eu não tinha espada — se é que meus braços distorcidos

podiam manejar a arma de um soldado — mas eu tinha uma adaga, e nela coloquei minha esperança. Não havia tempo para ponderar ou refletir bem a questão: eu poderia morrer tentando; mas, além do ciúme ardente e do desespero de meu próprio coração, honra, mera humanidade, exigia que seria melhor fracassar em vez de não tentar destruir as maquinações do demônio.

Os convidados partiram — as luzes começaram a desaparecer; era evidente que os habitantes da vila procuravam repouso. Escondi-me entre as árvores — o jardim ficou deserto — fecharam os portões — vaguei ao redor e passei por uma janela — ah! Muito bem eu a conhecia! Um suave crepúsculo cintilava no quarto — as cortinas estavam entreabertas. Era o templo da inocência e da beleza. Sua magnificência fora reduzida, por assim dizer, pela ligeira desordem da permanência, e todos os objetos espalhados mostravam o gosto daquela que o santificava com sua presença. Eu a vi entrar com um passo rápido e leve — a vi se aproximar da janela — ela abriu a cortina ainda mais e olhou para a noite. O frescor alegre da brisa brincava entre seus cachos, e os levantava do mármore transparente de sua testa. Ela apertou as mãos, ergueu os olhos para o céu. Ouvi sua voz.

— Guido! — ela murmurou baixinho. — Meu Guido!

E então, como que dominada pela plenitude de seu coração, ela caiu de joelhos; seus olhos erguidos, sua atitude graciosa, a gratidão radiante que iluminava seu rosto — ah, essas palavras são brandas! Coração meu, tu sempre imaginas, embora não possas retratar, a beleza celestial daquela filha de luz e amor.

Ouvi um passo — um passo rápido e firme ao longo do corredor sombreado. Logo vi um cavaleiro, ricamente vestido, jovem e, pensei, elegante, avançar. Eu me escondi ainda mais. O jovem se aproximou; ele parou debaixo da janela. Ela se levantou e, olhando novamente para fora, viu-o e disse: não posso, não, neste momento distante não posso registrar seus termos de suave ternura prateada; foram ditas para mim, mas ele as respondeu.

— Eu não irei — ele disse — aqui, onde tu esteves, onde tua memória desliza como um fantasma vindo do paraíso, passarei as longas horas até nos encontrarmos para nunca, minha Juliet, novamente, dia ou noite, nos separar. Mas tu, meu amor, retira-te; a manhã fria e a brisa inconstante empalidecerão teu rosto e abaterão teus olhos iluminados pelo amor. Ah, os mais doces olhos! Se eu pudesse dar um beijo neles, eu poderia, penso eu, descansar.

E então ele se aproximou ainda mais, e eu pensei que ele estava prestes a subir em seu quarto. Eu havia hesitado, para não aterrorizá-la; agora eu não era mais senhor de mim. Fui para frente — me joguei sobre ele — eu o joguei para longe — e gritei:

— Ó desgraçado repugnante e de aspecto imundo!

Não preciso repetir epítetos, todos na intenção, ao que parece, de insultar uma pessoa pela qual atualmente sinto algum apreço. Um grito saiu dos lábios de Juliet. Não ouvi nem vi — senti apenas meu inimigo, cuja garganta eu agarrei, e o punho de minha adaga; ele lutou, mas não conseguiu escapar. Por fim, com voz rouca, ele sussurrou estas palavras:

— Faça! Vá em frente! Destrua este corpo — você ainda viverá: que sua vida seja longa e feliz!

A adaga que descia foi detida com suas palavras, e ele, sentindo meu aperto relaxar, libertou-se e desembainhou sua espada, enquanto o alvoroço na casa e o passar de tochas de um cômodo para o outro revelavam que em

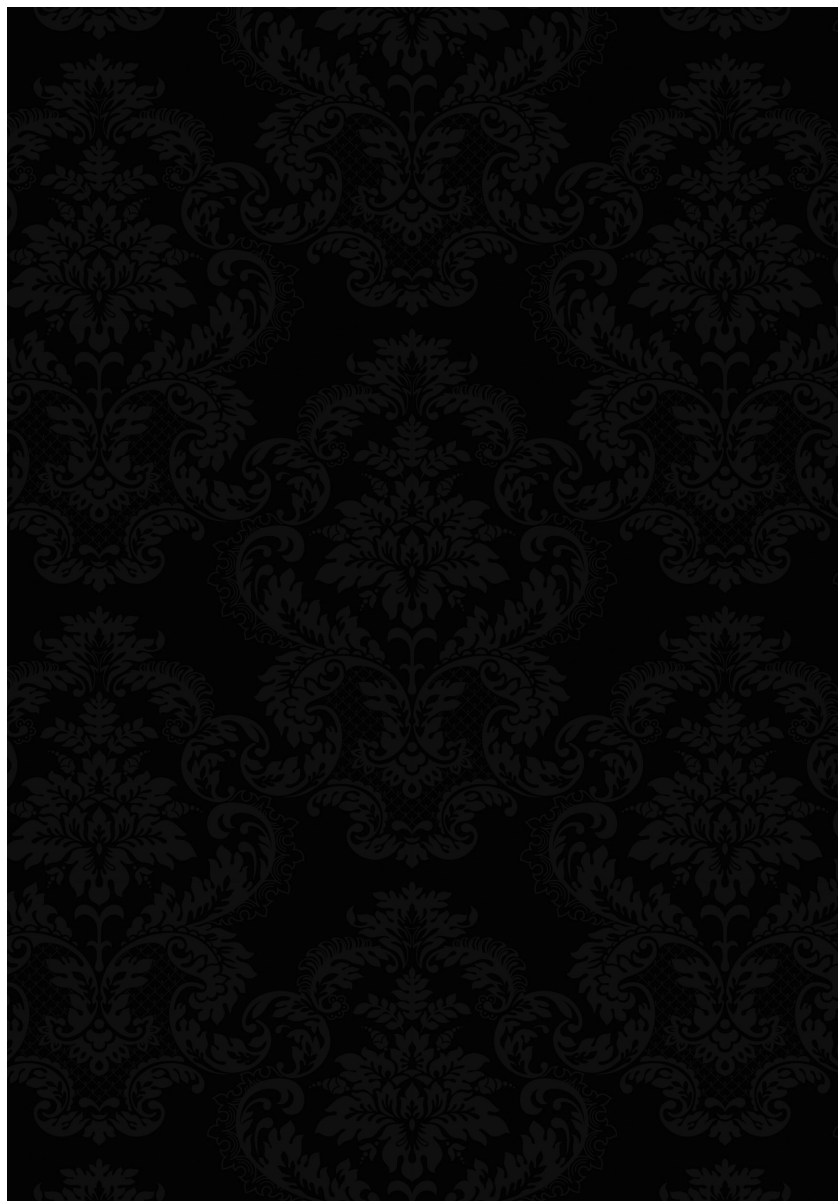
breve deveríamos nos separar. Em meio do meu frenesi eu calculava: eu poderia cair, e para que ele não sobrevivesse, o golpe mortal que poderia desferir contra mim, não me importava. Portanto, enquanto o vilão pensava que eu hesitava, e quando eu o vi resolver tirar vantagem de minha dúvida, no súbito golpe que ele me deu, eu me joguei em sua espada e, no mesmo momento, cravei minha adaga, com um objetivo verdadeiro e desesperado, ao lado de seu abdômen. Caímos juntos, rolando um sobre o outro, e a maré de sangue que escorria da ferida aberta de cada um se misturou na grama. Mais não sei — perdi os sentidos.

Novamente voltei à vida: fraco quase até a morte, encontrei-me estirado sobre uma cama — Juliet estava ajoelhada ao meu lado. Estranho! Meu primeiro pedido atrapalhado foi para um espelho. Eu estava tão pálido e medonho, que minha pobre menina hesitou, como ela me disse depois; mas, pela eucaristia! Eu me julguei um bom jovem quando vi o querido reflexo de meu semblante bem conhecido. Confesso como uma fraqueza, mas tenho uma afeição considerável pelo rosto e pelos membros vistos, sempre que olho para um espelho; e tenho mais espelhos em minha casa e os consulto com mais frequência do que qualquer dama em Gênova. Antes que você me condene demais, permita-me dizer que ninguém sabe melhor o valor de seu próprio corpo do que eu; ninguém, provavelmente, exceto eu mesmo, jamais foi roubado dele.

Incoerentemente, a princípio falei do anão e de seus crimes, e censurei Juliet por ter aceitado tão facilmente seu amor. Ela pensou que eu delirava, assim como bem poderia; e, no entanto, levou algum tempo até eu me convencer a admitir que o Guido cuja penitência a reconquistara era eu mesmo; e enquanto eu amaldiçoava amargamente o anão monstruoso, e abençoava o golpe bem dirigido que o havia tirado a vida, de repente me contive quando a ouvi dizer: amém! sabendo que aquele a quem ela injuriava era eu. Um pouco de reflexão me ensinou o silêncio — um pouco de prática me permitiu falar daquela noite assustadora sem nenhum disparate muito

excessivo. O ferimento que eu havia causado a mim mesmo não era de se zombar — demorou muito para eu me recuperar — e enquanto o benevolente e generoso Torella se sentava ao meu lado, falando tamanha sabedoria que poderia levar amigos ao arrependimento, e minha querida Juliet mantinha-se por perto, administrando aos meus desejos, e me animando com seus sorrisos, o trabalho de minha cura corpórea e minha reforma mental continuaram juntos. Na verdade, nunca recuperei totalmente minhas forças — meu rosto está mais pálido desde então — meu corpo um pouco curvado. Juliet às vezes se atreve a aludir amargamente à maldade que causou essa mudança, mas eu a beijo então e digo a ela que tudo vai bem. Sou um marido mais carinhoso e fiel, isso é verdade, e se não fosse por essa ferida, nunca a teria chamado de minha.

Não fui novamente até a praia, nem procurei o tesouro do demônio; no entanto, enquanto reflito no passado, muitas vezes penso, e meu confessor não foi contrário em favorecer a ideia, que poderia ser um espírito bom e não mau, enviado por meu anjo da guarda, no intuito de me mostrar a loucura e miséria do orgulho. Tão bem, pelo menos, aprendi esta lição, grosseiramente ensinado como fui, que agora sou conhecido por todos os meus amigos e concidadãos pelo nome de Guido il Cortese^[204].



A CAMPONESA SUÍÇA

Título original: The Swiss Peasant

Publicado em 1830 na revista The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”.

Por que a mente humana é tão apta a ser influenciada por contrários? Por que a imaginação para sempre pinta o impossível em tons cintilantes, e os corações dos rebeldes mortais se agarram, com a maior tenacidade, a algo que, como uma enguia, tende a escapar de seu enlaço? Por que — para tornar o assunto mais familiar — a solidão é abominável para mim, agora que a desfruto com perfeição? Catequizei a recatada ninfa em salões de baile, quando as ofuscantes lâmpadas do céu eram envergonhadas por estrelas terrestres mais reluzentes, e lamentei sua ausência em um piquenique, quando o rouxinol era silenciado pelo violino.

E agora, Ó solidão! Eu te abjuro, em teu templo oportuno — na Suíça — entre montanhas que atravessam nuvens, ao lado de ondas ressonantes vindas do lago circundando a ilha. Estou junto às águas de Uri — onde Tell^[205] viveu — em Brunnen, onde os patriotas suíços juraram morrer pela liberdade. Chove — palavra mágica para destruir o feitiço causado por estas frases — as nuvens envolvem as colinas — as brumas brancas velam as ravinas — há um rugido e um chapinhar em meus ouvidos — e de vez em quando a névoa quebra e se dissipa, e vejo algo escuro, o lado congelado de um precipício, mas poderia muito bem ser a pilha de turfe ou o velho muro que delimitava a visão de Cumberland enquanto ele escrevia a Roda da Fortuna^[206].

O único livro que possuo é O prisioneiro de Chillon^[207]. Já o li três vezes na última hora. Seu nobre autor o compôs para ludibriar horas cansativas como essas, quando permaneceu preso por três dias em uma pequena estalagem às margens do lago de Genebra devido a chuva incessante; e não posso, mesmo que seguindo com o andar vacilante, enganar os minutos neste local escuro? Eu nunca, aliás, poderia inventar o incidente mais banal. Como homem honrado, é claro, nunca minto; mas mesmo na infância e juventude nunca o fiz; simplesmente, pelo que me lembro, pois nunca consegui inventar uma mentira; entretanto, recentemente uma história verdadeira me foi narrada por sua heroína, cujos incidentes assombram minha memória, adornados como eram por seus olhares animados e suave sotaque prateado. Deixe-me tentar registrá-los, embora temo que despojados de seu charme anterior.

Eu estava, apenas uma semana atrás, viajando em uma carruagem com meu amigo Ashburn, no distrito de Subiaco, no território eclesiástico. Fomos sacudidos ao longo de um acidentado barranco, por onde corria o rio Anio, e em meio as montanhas e árvores frondosas, um convento distante e uma cela pitoresca em uma colina, despertaram tanto as aptidões artísticas do meu amigo, que ele parou a carruagem (apesar dos protestos de que nunca chegaríamos à estalagem ao cair da noite, e que a estrada era perigosa no escuro), pegou sua pasta e começou a desenhar. Enquanto ele desenhava, continuei a falar sobre uma conversa que iniciamos anteriormente. Eu reclamava sobre a banalidade e o tédio da vida. Ashburn insistia que nossa existência era cheia demais de variedade e mudança — trágica variedade e magnífica e incrível mudança.

— Assim — disse o pintor — como o céu, a terra, e a água parecem sempre os mesmos ao olho comum, ao dotado assumem mil variedades de disfarces e tons — ora vestidos em púrpura — ora cobertos em preto — ora resplandecendo em dourado vivo — e logo afundando no sóbrio e discreto cinza, do mesmo modo nossas vidas mortais mudam e variam. Nenhum ser vivo entre nós poderia contar uma história digna de alegrias que subjugam a alma e tristezas que consomem o coração, se todos fossem poetas da imaginação de Shakespeare^[208] ou Goethe^[209]. A choupana mais desgastada pelo tempo é um estudo de cor, e o camponês mais mesquinho pode dar todos os atos de um drama na rotina aparentemente monótona de sua vida humilde.

— Isso é puro romance — respondi — faça o teste. Vamos pegar, por exemplo, aquela mulher descendo o caminho da montanha.

— Que figura! — exclamou Ashburn — ah, que ela ficasse ao menos quinze minutos! Ela veio banhar seu filho; seu rosto orgulhoso; seus cabelos escuros; seu traje singular; o garotinho gorducho em seu colo; o cenário rude em volta...

— E a história romântica que ela tem para contar.

— Eu apostaria uma moeda de ouro que ela não tem um destino comum. Ela caminha como uma deusa; sua atitude, sua aparência, estão repletos de majestade.

Eu ri diante de seu entusiasmo e aceitei a aposta. Nós nos apressamos para nos juntar a nossa bela camponesa, e assim conhecemos Fanny Chaumont.

Uma chuva repentina, enquanto conversávamos, veio, empurrada pelas colinas tempestuosas, e ela nos convidou cordialmente para seu chalé.

Era situado em uma encosta ensolarada, porém protegida. Havia um aspecto de alegria e aïssance^[210] em sua morada, além do que se costuma encontrar naquela parte da Suíça, que me lembrava chalés dos Estados livres.

Lá, também, encontramos seu marido. Sempre tenho curiosidade para sabermos quem uma mulher que carrega a marca do intelecto superior, bela e refinada (camponesa como era, Fanny era ambos), se entregou.

Louis Chaumont era consideravelmente mais velho que sua esposa; ele era bonito; com olhos castanhos vivos, cabelos encaracolados na mesma cor, e o rosto moreno do sol, com todas as marcas de ter levado uma vida ativa, até aventureira; havia, além disso, uma expressão em seus olhares dinâmicos, e na severidade de sua testa profundamente enrugada que se não fosse ferocidade, se assemelhava; enquanto ela, apesar de seu rosto delicadamente formado, sua pessoa majestosa, e seus grandes olhos expressivos, parecia-se com a própria leveza e paciência. Havia algo incongruente no par, e pareceram mais estranhamente combinados quando ouvimos sua história. Eu perdi minha moeda de ouro, mas ficou provado imediatamente que Fanny era uma heroína à altura de um romance, e foi uma lição, além disso, aprender as estranhas travessuras que o amor pode fazer conosco, misturando fogo e água, mesclando em uma harmoniosa concordância o austero baixo e melodioso tenor de dois distintos instrumentos de cordas. Embora seu filho tivesse cinco anos, Fanny e seu marido estavam ligados um ao outro com a ternura e a paixão do amor juvenil; eles eram felizes — as falhas dele eram temperadas pela disposição angelical dela, e espírito melancólico e sentimentalista dela era estimulado e preparado para os propósitos deste mundo pela energia e entusiasmo dele.

Fanny era bernesa de nascimento: filha de humildes camponeses, uma entre a família numerosa. Eles viviam no topo de uma montanha e no pé de outra. A cordilheira coberta por neve empilhava-se ao seu redor; torrentes alimentadas pelo gelo corriam ruidosamente em volta; durante a noite um som como um trovão, um estrondo entre os pinheiros surrados pela tempestade, indicava uma avalanche; ou a neve que se acumulava, zunindo pela treliça, ameaçava enterrar a pequena estrutura. O inverno era a estação da paz nos vales profundos, mas não era assim nas regiões mais altas. Os camponeses às vezes permaneciam acordados noite adentro pela neve caindo suave, que traiçoeiramente ameaçava a afogar sua morada; ou uma vaca perdida poderia levá-lo para os abismos das colinas tempestuosas, e sua família amedrontada contaria em agonia as horas de sua ausência. Perpétuas dificuldades e perigos, no entanto, de certo modo brutificavam ao invés de exaltar a alma do homem; e os suíços enraizados entre as selvas rochosas eram muitas vezes enfatiados e taciturnos.

Fanny abriu seus olhos juvenis e observação neste cenário. Ela era uma daquelas crianças adoráveis cuja beleza é profunda, mas indescritível: com testa lisa e inocente, os grandes olhos cor de mel, ligeiramente suaves, ligeiramente

ferozes; a bochecha redonda com covinhas, a boca cheia e sensível, o queixo saliente, e (como moldura para o quadro) os luxuosos cachos castanhos, e voz, que era a mais doce música. A extraordinária beleza da pequena Fanny chamou atenção da esposa do proprietário do castelo que dominava e comandava a região, e aos dez anos de idade ela se tornou uma visita frequente lá. A pequena alma de Fanny era o amor, então ela logo se abrigou no coração da gentil dama, tornou-se uma criança querida para seu marido e a companheira de brincadeiras favorita de seu único filho.

Em um dia de festa Fanny jantava no castelo. Havia sido um bom dia de primavera, mas junto do sol poente vieram ventos e temporais; a neve começou a cair pesada, e foi decidido que Fanny deveria passar a noite no castelo. Ela estava excepcionalmente ansiosa para voltar para casa; e quando a tempestade veio, ela se aproximou de sua protetora e implorou para ser enviada para sua mãe. “C’est impossible^[211]” — Fanny não pressionou mais, mas escalou até uma janela e olhou melancolicamente para onde, escondida pelas colinas, ficava a casa de seus pais. Foi uma noite fatal para ela: os trovões de avalanches frequentes, o rugir das torrentes, o estrondo das árvores, falavam de devastação, e sua casa era sua principal presa. Pai, mãe, irmãos e irmãs, nenhum sobreviveu. Onde, no dia anterior, estava o chalé, o jardim, o pequeno gramado onde ela brincava e o bosque que a abrigava, agora havia uma pilha monumental de neve e a trilha destruidora de uma torrente; não havia nenhum vestígio, nenhum sobrevivente para contar a história. A partir dessa noite, Fanny tornou-se uma habitante do castelo.

Era projeto de Madame de Marville dar-lhe uma educação burguesa, o que a tiraria das dificuldades da vida de camponesa, mas sem elevá-la acima de sua posição natural na sociedade. Ela foi educada gentilmente, mas humildemente; eram as virtudes de sua disposição que a elevavam aos olhos de todos ao seu redor — não qualquer favor imprudente de sua benfeitora. A noite em que sua família fora destruída nunca deixou sua memória; colocou um selo de seriedade prematura em seu rosto infantil, despertou pensamentos profundos em seu coração de criança e uma forte resolução de que, enquanto vivesse, seus amados amigos poderiam encontrar nela — até onde seus humildes poderes admitiam — uma fonte do bem, uma razão para se alegrar por tê-la salvado da destruição que afligiu sua família.

Assim, Fanny cresceu em beleza e virtude. Seus sorrisos eram como o arco-íris vindo junto dos temporais de sua terra natal: sua voz, suas carícias, seu passo leve, sua inalterável doçura e incessante devoção aos desejos dos outros, faziam dela o ídolo da família. Henry, o único filho de seus protetores, era da mesma idade dela, ou apenas alguns meses mais velho. Toda vez que Henry voltava da escola para visitar seus pais, achava Fanny mais bonita, mais

gentil, mais atraente do que antes; e a primeira paixão que seu coração juvenil conheceu foi pela adorável camponesa, cujas virtudes santificavam seu lar. Um olhar, um gesto, traiu seu segredo para sua mãe; ela lançou um olhar apressado para Fanny e viu em seu semblante inocência e confiança apenas. Meio tranquilizada, mas ainda temerosa, Madame de Marville começou a refletir sobre alguma cura para o mal que ameaçava. Ela não suportaria mandar Fanny embora; estava receosa que seu filho permanecesse em casa no momento. A garota adorável mantinha-se perfeitamente inconsciente dos sentimentos do jovem senhor; mas continuaria assim? E o coração ardente que aquecia seu peito gentil seria eternamente insensível às emoções autoritárias e sedutoras do amor?

Foi com espanto, e uma curiosa mistura de frustrado orgulho maternal e verdadeiro alívio, que a dama finalmente descobriu uma paixão surgindo no coração da bela Fanny por Louis Chaumont, um camponês uns dez anos mais velho que ela. Era natural que uma pessoa com sentimentos tão glorificados como nossa heroína amasse alguém a quem pudesse admirar e depender, em vez de seu companheiro de infância — o alegre e imprudente Henry. A família de Louis tinha sido vítima de uma ruína moral, como a dela de uma ruína física. Eles foram oprimidos, reduzidos à pobreza, expulsos de suas casas por um tirano feudal e chegaram de um distrito distante, pobres e desamparados. Sua mãe, acostumada a uma vida burguesa, morreu com o coração partido: seu pai, um homem de paixões violentas, nutriu no coração dele e do filho, sentimentos de ódio e vingança contra os “orgulhosos opressores da terra”. Eles eram obrigados a trabalhar duro, mas nos intervalos do trabalho, pai e filho liam ou discursavam sobre os males da humanidade, e atribuíam tudo ao sistema social, que fazia de poucos os tiranos de muitos.

Louis era bonito, ousado e ativo; superava seus colegas em todas as atividades físicas; sua resolução, sua ousadia, fizeram dele, apesar de sua pobreza, uma espécie de líder entre eles. Ele tinha muitos defeitos; permanecia cheio de ódio, do espírito de resistência e vingança; mas seu coração era bondoso; sua visão, quando não frustrada, era forte; e a profundidade de seus sentimentos o tornava extremamente suscetível ao amor. Fanny, em sua beleza simples, mas majestosa, em seus modos suaves, misturados com a mais profunda sensibilidade, impressionou o coração do jovem. Sua conversa, tão diferente e tão superior às de seus companheiros, ganhou sua atenção.

Até então, Fanny não havia revelado os segredos de sua alma. O respeito habitual não a deixava confidenciar em Madame, e Henry, tão espirituoso e descuidado como uma cabra-montesa, mal podia entendê-la; mas Louis tornou-se o confidente de muitos sentimentos que, empilhados em segredo e silêncio, eram meio assustadores para ela; ele trouxe a razão, ou o que

considerava tal, para direcionar as conclusões nascidas de seu coração. Ao ouvi-los falar de vida e morte, e todos os seus espetáculos, você teria se perguntado qual filosofia excêntrica havia se vestido em juventude e trajes campestres, e perambulado das escolas para esses ermos incultos.

Madame de Marville percebeu e encorajou esse apego. Louis não era exatamente a pessoa que ela escolheria para Fanny; mas era o único ser por quem ela já havia mostrado preferência; e, além disso, o perigo de um casamento inadequado ameaçando seu filho a tornou ávida para construir um muro intransponível entre ele e o objeto de suas afeições. Assim, Fanny desfrutou com orgulho sua escolha ser aplaudida e elogiada pela pessoa que ela mais respeitava e amava no mundo. Até agora, porém, o amor havia sido encoberto; a alma, mas não o corpo aparente de sua relação. Louis ficou admirado com essa garota de mente elevada, e Fanny ainda não havia descoberto seu próprio segredo. Foi Henry quem fez a descoberta para eles; Henry, que, com toda a impetuosidade de seu caráter vivaz, inventou mil maneiras de se colocar entre eles, que, ferroadado pelo ciúme da injustiça, insultou Louis por sua ruína, sua pobreza, suas opiniões, e trouxe o espírito de discórdia para inquietar uma mente inteiramente voltada, como ela imaginava, para pensamentos santos e puros.

Sob tal choque de paixões, a ação do drama rapidamente se desenvolveu e, por quase um ano, uma variedade de cenas foi interpretada entre essas montanhas isoladas, de nenhum interesse exceto para as partes, mas eram fatídicas e envolventes. Louis e Fanny trocaram votos; mas isso não bastou. Fanny insistia no direito de tratar com bondade o filho de sua melhor amiga, apesar de sua injustiça e insolência. Os jovens homens eram muitas vezes, durante os festivais rurais, levados a uma colisão furiosa. Fanny era a pacificadora: mas uma mulher é a pior mediadora entre seus amantes rivais. Henry às vezes se irritava ao reclamar com o pai da presunção de Louis. O espírito da Revolução Francesa então despertando tornou as suposições de um camponês particularmente irritantes; e era necessária a gentileza imparcial de Madame de Marville para evitar que o noivo de Fanny, como agora ele era quase considerado, fosse ainda mais oprimido.

Por fim, ficou decidido que Henry deveria se ausentar por um tempo e visitar Paris. Ele ficou furioso ao extremo com o que chamou de exílio. Nobre e generoso como era naturalmente, o amor era o tirano de sua alma e quase o levou ao crime. Ele entrou em uma briga feroz com seu rival na véspera de sua partida: terminou em uma cena de violência e derramamento de sangue. Nenhum ficou ferido gravemente; mas o Monsieur de Marville, até então afastado de tal medida por parte de sua esposa, repentinamente obteve uma ordem para Louis (seu pai morrera um ano antes) deixar o território dentro de

doze horas. Fanny foi ordenada, por valorizar o favor de seus amigos, a desistir dele. Os dois jovens se foram antes que se passasse qualquer intercessão; e aquele tipo de paz que se assemelha à desolação tomou posse do castelo.

Consciente do papel desempenhado ao encorajar a ligação de Fanny com seu amado camponês, Madame de Marville não teve parte na tirania de seu marido; pediu apenas que sua protegida adiasse qualquer ação decisiva, e não deixasse sua tutela até o retorno de seu filho, o que ocorreria no ano seguinte. Fanny concordou, embora tivesse que resistir aos protestos raivosos de seu amado, exigindo que ela deixasse o teto de seus opressores. Era irritante para seu orgulho ela continuar a receber benefícios deles, e prejudicial ao seu amor que ela permanecesse onde o nome de seu rival era o tema constante de conversas e o objeto de interesse. Fanny argumentava em vão sua dívida de gratidão, a ausência de Henry, a impossibilidade de sentir qualquer emoção indevida em relação ao jovem senhor; não odiá-lo era um crime aos olhos de Louis; mas como, apesar da má conduta, Fanny poderia odiar seu companheiro de infância — seu irmão? Louis chegou ao extremo da violência de suas paixões — ciúmes e a sensação de indignação impotente fervilhando em seu coração — ele jurou se vingar dos Marvilles — esquecer e desprezar sua amada! Suas últimas palavras foram uma maldição para eles, e uma denúncia violenta de desprezo contra ela.

“Logo tudo ficará bem”, pensou Fanny, enquanto se esforçava para acalmar as emoções tumultuosas e dolorosas originadas por sua paixão desenfreada. “As tempestades não são apenas o nascimento dos elementos selvagens, mas do coração do homem, e podemos apenas remediar com paciência e fortaleza sua violência destrutiva. Um ano se passará — deixarei o castelo; Louis reconhecerá minha verdade e retirará suas palavras ameaçadoras.

Fanny continuou, portanto, a cumprir seus deveres com alegria, sem se permitir deter na ideia de que — apesar de seus conflitos, tal probabilidade ocupava dolorosamente seus pensamentos; que Louis finalmente a renunciasse ou a esquecesse; mas confiando sua causa ao espírito do bem, ela esperava que sua influência prevaleceria no final.

Ela tinha, no entanto, muito a suportar; pois meses se passaram, e não lhe chegou nenhuma notícia de Louis. Muitas vezes seu coração se abalava; muitas vezes se tornava presa do mais sombrio desespero; acima de tudo, seu terno peito sentia falta das atenções amorosas, do prazer em saber que ela o fazia feliz e da livre troca que a afeição mútua havia gerado. A esperança era para ela um dever e tinha fé no amor, e não em seu amado injusto e cruelmente negligente. Era uma tarefa difícil, pois não tinha a quem recorrer para consolo ou encorajamento. Madame de Marville observou com alegria a separação total entre eles. Agora que o perigo ameaçando seu filho fora

evitado, ela abrandou por ter influenciado uma ligação entre Fanny e alguém que ela considerava indigno. Redobrou sua bondade e, no verdadeiro estilo continental, tentou arranjar uma união entre ela e alguém entre seus muitos e mais prósperos admiradores. Ela falhou, mas não se desesperou, até que viu o rosto da pobre menina empalidecer e sua vivacidade abandoná-la, enquanto mês após mês, o nome de Louis parecia ter sido esquecido por todos, exceto por ela.

Os eventos terríveis e emocionantes que ocorreram nessa época na França aumentaram a angústia de Fanny. Ela estava familiarizada com a discussão das teorias, agora talvez colocadas em prática, pelas conversas de Chaumont. À medida que cada novo relato trazia informações sobre os atos culpados e sanguinários de homens cujas opiniões eram as mesmas de seu amado, seus temores aumentavam. Expressar-me-ei em poucas palavras nessa parte de sua história. A Suíça foi agitada pelas mesmas comoções despedaçando o reino próximo. O campesinato se levantou em tumulto; atos de violência e sangue foram cometidos; a princípio distante de seu vale retirado, mas gradualmente se aproximando de seus arredores, até que finalmente a árvore da liberdade foi plantada na aldeia vizinha. Monsieur de Marville era dos mais intolerantes aristocratas. O perigo foi representado em vão para ele e para o estado pacífico de sua comitiva. Ele os armou — desceu apressado — chegou desprevenido diante da multidão que proclamava o triunfo da liberdade, mais com festa do que com força. No primeiro ataque, a multidão foi dispersa e um ou dois ficaram feridos; o poste onde eles tinham se reunido foi arrancado, os chapéus emblemáticos pisoteados no chão. O governador voltou vitorioso ao seu castelo.

Esse ato de violência foi o bastante para disparar uma sucessão de atos de resistência à sua autoridade, com a qual ninguém havia sonhado antes. Estranhos vindos de outros cantões se aglomeravam no vale; ocupações rústicas foram deixadas de lado; assembleias populares foram realizadas e os camponeses treinavam no uso de armas. Um deles, diziam, que fora parte nos tumultos em Genebra, estava vindo para encabeçá-los. Louis Chaumont estava a caminho — o campeão da liberdade, o inimigo jurado do Monsieur de Marville. A influência de sua presença logo se manifestou. Os habitantes do castelo foram sitiados. Se alguém se aventurasse além de um certo limite, era agredido. Louis decidiu que todos dentro de seus muros deveriam se render à sua misericórdia. O que isso poderia significar, a curva orgulhosa de seu lábio e o fogo reluzindo em seus olhos escuros se declaravam certamente problemáticos. Fanny não acreditaria no pior de seu amado, mas Monsieur e Madame de Marville, não mais contidos por qualquer delicadeza, falaram do ameaçador em destemidos termos de aversão, comparando-o aos monstros que

então reinavam na França, enquanto o perigo que poderia vir através dele acrescentava um tom amargo às suas palavras. O risco crescia a cada dia; a fome começou a aparecer no castelo; enquanto as informações que alguns dos camponeses mais amigáveis trouxeram indicavam os preparativos para um ataque do tipo mais formidável. Uma intimação finalmente veio dos rebeldes. Estavam decididos a destruir o emblema de sua escravidão — os pavilhões feudais de seus tiranos. Declararam sua intenção de incendiar o castelo no dia seguinte e pediram a todos que se entregassem, se não, seriam enterrados em seus escombros. Eles ofereceram suas vidas e licença livre para partir a todos, exceto ao governador, que deveria se colocar incondicionalmente à mercê de seu líder.

— O desgraçado — exclamou sua senhora — que tem sede de seu sangue! Fuja! Se ainda há tempo para fuga; nós, você vê, estamos seguros. Fuja! Não permita que esses covardes cruéis se vangloriem de tê-lo assassinado.

Monsieur de Marville cedeu a essas súplicas e performances. Ele havia pedido uma força militar para ajudá-lo — seu pedido fora negado. Ele percebeu que era ele mesmo, a pessoa detestada, a causa do perigo para sua família. Ficou, portanto, combinado que ele procuraria abrigo em um chalé situado numa montanha a cinquenta quilômetros de distância, onde pudesse se esconder até sua família se juntar a ele. Deste modo, disfarçado de plebeu, ele deixou os muros que não podia defender à meia-noite; uma noite miserável para os infelizes deixados para trás. No dia seguinte sua família seria testemunha da destruição de seu lar; e eles, mendigos do mundo, deveriam vagar pelas montanhas inóspitas, até que, com cautela e terror, pudessem chegar sem ser percebidos ao remoto e miserável chalé e saber o destino do infeliz fugitivo. Foi uma noite em claro para todos. Para aumentar a agonia de Madame, ela sabia que a vida de seu filho estava em perigo em Paris — que ele havia sido denunciado — e, embora ainda não capturado, sua fuga ainda era incerta. No torreão do castelo que, situado no alto de uma rocha, via-se o vale lá embaixo, ela passou a noite toda analisando cada som — temerosa de algum grito, algum barulho de arma de fogo, que anunciasse a captura de seu marido. Era Setembro; as noites eram frias; pálida e trêmula, ela viu o dia raiar sobre as colinas. Fanny, durante essas horas ansiosas, ocupou-se com os preparativos de sua partida; os domésticos aterrorizados já haviam fugido; ela, a senhora e o velho jardineiro coxo eram os únicos restantes. Ao amanhecer, ela trouxe a mula e a atrelou a carroça que os levaria ao local de refúgio. O que havia de mais valioso no castelo já havia sido mandado embora muito antes, ou estava escondido; algumas necessidades sozinha ela forneceu. E agora ela subiu as escadas da torre e parou diante de sua protetora, anunciando que tudo estava pronto e que eles deveriam partir. Neste último momento, Madame de

Marville pareceu desprovida de forças; ela se esforçou para se levantar — caiu no chão desmaiada. Esquecendo-se de que não havia ninguém no castelo, Fanny gritou por ajuda, e seu coração bateu descontroladamente ao ouvir um passo rápido e energético na escada. Quem poderia ser? Ele viria insultar sua miséria — ele, o autor de sua desgraça? O primeiro olhar mudou o objeto de seu terror. Henry voou para o lado da mãe e, com exclamações quebradas e perguntas agitadas, exigiu uma explicação. Ele havia fugido para a morada de seus pais — encontrou tudo deserto; a primeira voz que ouviu foi a de Fanny gritando por socorro — a primeira visão foi a de sua mãe, aparentemente morta, deitada no chão da torre. A recuperação de Madame foi seguida por breves explicações e uma consulta sobre como a segurança dele deveria ser garantida. O nome de Chaumont excitou suas mais amargas execrações. Com a determinação ativa de um soldado, ele apressadamente saiu do castelo para encontrar e vingar-se de seu rival. A mãe atirou-se aos seus pés, agarrando-lhe os joelhos, pedindo violentamente para não abandoná-la. A voz suave e doce de Fanny foi mais útil para acalmar sua cólera.

— Chevalier — ela disse — não é assim que deve mostrar sua coragem ou proteger os indefesos. Encontrar aquela multidão enfurecida seria correr para a morte certa; você deve se preservar para sua família; deve ter pena de sua mãe, que não pode sobrevivê-lo. Deixe-me guiá-lo, eu suplico.

Henry cedeu à sua voz, e um arranjo mais razoável foi feito. A partida de Madame de Marville e Fanny era esperada na aldeia, sob a promessa que elas deveriam seguir em segurança. Mas os rebeldes juraram profundamente que, se o governador ou seu filho (cuja chegada ao castelo se suspeitava) tentassem fugir com elas, deveriam ser sacrificadas justamente. Nenhum disfarce seria suficiente — elas tinham conhecimento da observação ativa de seus inimigos. Todos os habitantes do castelo estavam contados — o destino de cada um determinado, exceto o dos dois mais detestados — o governador, cuja fuga não foi descoberta, e seu filho, cuja chegada foi tão inesperada e inoportuna. Enquanto ainda consultavam, ouviu-se o som de um tambor no vale abaixo: era o sinal de que o ataque às muralhas vazias do castelo começaria em breve. Não havia tempo para demora ou hesitação. Henry se colocou no fundo da charrete; palha e uma variedade de artigos foram empilhados sobre ele; as duas mulheres subiram apreensivas; e o velho jardineiro sentou-se na frente e segurou as rédeas.

Devido ao estado perturbado das províncias por onde deveriam passar — onde a presença de uma pessoa de classe superior provocava a mais feroz inimizade, e o insulto assustador, se não a morte, seriam suas boas-vindas — Madame e sua amiga vestiram-se em trajes de camponesas. E assim desceram a ladeira; a infeliz senhora chorando amargamente; Fanny, com olhos sem

lágrimas, mas com bochecha pálida e lábios apertados, olhando pela última vez para a residência que tinha sido seu refúgio quando, na infância indefesa, ela ficou órfã — onde bondade e benevolência a serviram, e onde seus dias foram passados em inocência e paz. “E é ele quem nos afasta! Ele, a quem eu amei — a quem eu amo! Ó infelicidade!”

Chegaram ao sopé da montanha onde ficava o castelo e seguiram pela estrada que passava diretamente pela aldeia. Com a aproximação do perigo, arrependimentos vãos foram trocados por uma viva sensação de medo no seio da mãe infeliz e pelo esforço de sua coragem e premeditação na mente mais enérgica de Fanny. Passaram por um camponês ou dois, que proferiram uma maldição ou impreciação a elas enquanto caminhavam; depois grupos de dois ou três, ainda mais violentos em gestos e ameaças; quando de repente o som de muitos passos chegou em seus ouvidos, e em uma curva da estrada eles encontraram Chaumont com um bando de cerca de vinte homens.

— Não tema — disse ele à Madame de Marville. — Eu as protegerei do perigo até que estejam além da aldeia.

Com um grito de pavor, a senhora, em resposta, se jogou nos braços de Fanny.

— Não tenha medo, Madame, ele não ousaria feri-la. Vá embora, Louis! Não nos insulte com sua presença. Vá embora! Eu peço.

Fanny falou com raiva. Ela não tinha adotado esse tom, mas o terror da dama, e o conhecimento de que o jovem soldado agachado a seus pés poderia se levantar e enfrentar seu inimigo, a fez usar uma autoridade que uma mulher sempre imagina que seu amado não ousaria resistir.

— Eu não as insulto — repetiu Chaumont —, eu as salvo. Não tenho nada contra a senhora; só os tiranos precisam temer-me. Vocês não estarão seguras sem minha escolta. Não me irrita, garota falsa. Eu assegurei a fuga de Madame; mas a sua — você está em meu poder.

Um movimento violento no fundo da charrete provocou todos os terrores de Fanny.

— Leve-me! — ela exclamou. — Faça comigo o que quiser; mas não se atreva, não pode levantar um dedo contra os inocentes. Vá embora, eu digo! Não quero mais vê-lo.

— Vou fazer o que pede. Em você recairão as consequências.

Assim, após muitos meses de separação, Fanny e seu amado se encontraram. Ela tinha a intensão de apelar a sua melhor natureza quando o visse — sua razão, pretendia usar sua voz persuasiva para retirá-lo do caminho perigoso que ele trilhava. Várias vezes, de fato, desde sua chegada ao vale, ela tentou obter uma entrevista com ele, mas ele temia sua influência: havia decidido se vingar e temia voltar atrás. Mas agora a presença inesperada de seu

rival roubou-lhe o autocontrole e a forçou a mudar seus planos. Ela viu um perigo assustador em seu encontro, e todos os seus esforços foram direcionados para se livrar de seu amado.

Louis e seus companheiros seguiram em direção ao castelo, enquanto a charrete dos fugitivos seguia na direção oposta. Eles encontraram muitos grupos ferozes, que se apressavam para ajudar na destruição de sua casa; e se viram aliviados, naquela hora terrível, que qualquer distração pudesse desviar a mente de seus inimigos. A estrada que seguiam serpenteava pelo vale; a montanha escarpada de um lado, um riacho turbulento do outro. Ora subiam mais alto e ora desciam novamente, enquanto a estrada, quebrada pela queda de rochas, cortada por torrentes, que rasgavam seu caminho através dela, tornava seu progresso lento. Ir além da aldeia era seu objetivo; quando finalmente chegaram e estavam em meio a sua população, que saía em direção ao castelo, de repente a charrete afundou em um sulco profundo; ficou meio virada, e cada raio da roda que cedeu tornou o veículo totalmente inútil

Fanny já havia saltado ao chão para examinar o que restava de esperança: não havia nenhuma.

— Grand Dieu^[212]! Estamos perdidos! — foram as primeiras palavras que lhe escaparam, enquanto Madame permanecia horrorizada, trêmula, quase insensível, sabendo que a esperança de sua vida, a existência de seu filho, dependia desses momentos miseráveis.

Um camponês que devia alguma gentileza a Fanny agora avançou, e de uma maneira meio cavalheiresca, como se para macular o máximo que pudesse a questão de sua oferta, disse-lhes que, pelo prazer de se livrar dos aristocratas, ele emprestaria seu carro — lá estava, deixe que eles rapidamente colocassem sua carga e seguissem seu caminho. Enquanto falava, pegou uma caixa e começou a transferência de um carro para o outro.

— Não, não! — exclamou Madame de Marville, quando, com um grito, saltou para a frente e agarrou o braço do homem que estava prestes a descobrir o esconderijo do filho. — Nós não aceitaremos nada de nossos inimigos plebeus! Vá embora com suas ofertas! Preferimos morrer aqui, em vez de aceitar qualquer coisa de tal canaille^[213].

A palavra foi eletrizante. A cólera feroz da multidão, excitada pela maldade que estavam prestes a cometer, agora irrompeu como um riacho neste novo canal. Com violentas maldições, lançaram-se sobre a infeliz: tê-la-iam arrancado do carro, mas o filho já tinha saído do esconderijo e, desferindo um violento golpe no primeiro assaltante, deteve por um momento os seus brutais ultrajes. Então, novamente, com um grito, como apenas os índios selvagens poderiam imitar, eles atacaram suas presas. Mãe e filho foram dilacerados, e gritos de “A bas les aristocrats^[214]!”, “A la lanterne^[215]!” declararam muito

verdadeiramente seus planos sanguinários.

Nesse momento apareceu Louis — Louis, cujos temores por Fanny superaram sua indignação e que voltou para protegê-la; enquanto ela, percebendo-o, com uma explosão de alegria, o chamava para resgatar seus amigos. Seu grito de “Arrêtez-vous^[216]!” foi alto e distinto em meio ao alvoroço. Foi obedecido; e então primeiro ele viu seu rival, seu opressor, seu inimigo em seu poder. No início, a raiva inflamou cada traço, para ser substituído por uma expressão de triunfo e ódio implacável. Fanny captou seu olhar feroz e empalideceu. Ela estremeceu quando, tentando ficar calma, disse:

— Sim, você vê que ele está aqui. E você deve salvá-lo — e sua própria alma. Resgate-o da morte e seja abençoado por sua carreira maligna permitir que você, pelo menos, realize esta boa ação.

Por um momento, Louis pareceu procurar uma palavra, como um homem com a intenção de esfaquear, tateia pelo cabo de sua adaga, incapaz em sua agitação de alcançar sua arma.

— Meus amigos — ele disse finalmente —, deixem as mulheres partirem; nós prometemos isso. Vocês podem lidar com o jovem aristocrata de acordo com seus méritos.

— A la lanterne! — explodiu a resposta de uma centena de vozes.

— Deixe sua mãe partir primeiro!

Poderia ser Louis quem disse essas palavras, e ela amava esse homem? Apelar para ele era despertar um tigre de seu covil. Outro pensamento surgiu na mente de Fanny; ela mal sabia o que dizia ou fazia: mas as facas já estavam em punho; já, com um arrepio de horror, ela pensou ter visto o sangue de seu companheiro de infância derramado como água na terra. Ela correu para frente, segurou o braço erguido de um homem.

— Ele não é um aristocrata! — ela exclamou. — Ele é meu marido! Você assassinará alguém que, esquecendo-se seu nascimento, seu dever, sua honra, se casou com uma camponesa — uma de vocês?

Mesmo esse apelo teve pouco efeito sobre a multidão; mas estranhamente afetou seu amante cruel. Agarrando seu braço com dedos de ferro, ele exclamou:

— Isto é verdade? Está casada com aquele homem, é sua esposa?

— Sim! — As palavras morreram em seus lábios enquanto ela se esforçava para formá-las, aterrorizada com seu significado e o efeito que poderiam produzir.

Uma expressão inexplicável passou pelo rosto de Chaumont; a ferocidade que o ciúme criara por um momento foi exaltada quase até a loucura, e então se desvaneceu completamente. O coração de pedra dentro dele suavizou imediatamente. Uma onda de emoção calorosa, humana e avassaladora fluiu

em sua alma: ele olhou para aquela que amara, para aquela que havia perdido para sempre; e lágrimas correram em seus olhos, quando ele a viu tremendo diante dele.

— Não tema — ele disse finalmente. — Não tema nem por ele nem por você. Pobre menina! Tão jovem, você não perderá tudo — tão jovem, não ficará viúva. Ele será salvo!

No entanto, não era tarefa fácil, mesmo para ele, conter a cólera da multidão sanguinária. Ele havia passado muitas horas excitando-os contra seus senhores, e agora controlar imediatamente a violência que ele havia causado parecia impossível. No entanto, sua energia, sua força de vontade superou toda a oposição. Eles perfurariam o coração do chevalier, ele jurou, apenas através dele. Sua vontade prevaleceu. Ele pegou as rédeas de sua mula e os levou para fora da aldeia. Todos ficaram em silêncio; Fanny não sabia o que dizer, e a surpresa emudeceu os outros. Louis foi com eles até onde uma curva na estrada os escondeu da vista da aldeia. Quais eram seus pensamentos, ninguém podia adivinhar: ele parecia calmo, enquanto entregando a rédea nas mãos do chevalier, gentilmente lhes disse “Adeus”, tocando seu chapéu em resposta às suas saudações. Eles seguiram em frente, e Fanny olhou para trás para ter uma última visão de seu amado: ele estava parado onde o deixaram, quando de repente, em vez de voltar em seus passos para a aldeia, ela o viu subir a encosta da montanha com passos rápidos, tomando um caminho conhecido que o levou para longe da cena de suas últimas façanhas. Seu ritmo era o de um homem fugindo de perseguidores — logo o perderam de vista.

O espanto ainda mantinha os fugitivos em silêncio, enquanto seguiam seu caminho; e quando finalmente a alegria irrompeu, e Madame de Marville, regozijando-se com sua fuga, abraçou repetidamente seu filho, ele com a mais suave ternura agradeceu a Fanny por sua vida: ela não respondeu, mas chorou amargamente.

Tarde da noite chegaram ao chalé de destino, e encontraram Monsieur de Marville. Era uma habitação miserável e meio arruinada, situada em meio a neve, fria e nua; a comida era difícil de se obter, e o perigo respirava ao redor deles. Fanny os servia com cuidado assíduo, mas nunca falava da cena na aldeia; e embora ela se esforçasse para parecer a mesma, Henry nunca se dirigia a ela sem que ela empalidescesse e sua voz tremesse. Ela não conseguia adivinhar os pensamentos de seu amado ausente, mas sabia que ele acreditava que ela estava casada com outro; e esse outro, embora se esforçasse seriamente para controlar seus sentimentos, tornou-se um objeto de aversão para ela.

Três semanas eles passaram nesta morada miserável; três semanas repletas de alarme, pois o distrito ao redor estava em furor e a vida de Monsieur de Marville ameaçada ruidosamente. Eles nunca dormiam, e temiam a

aproximação dos assassinos; comida eles tinham pouco, e a estação inclemente os visitava grosseiramente. Fanny parecia não sentir nenhuma inconveniência; sua voz era alegre: consolar, encorajar e ajudar seus amigos parecia ocupar todo o seu coração. Por fim, uma noite, foram despertados por uma batida violenta na porta de sua cabana: Monsieur de Marville e Henry estavam de pé em um momento, pegando suas armas enquanto se levantavam. Era um de seus criados, vindo comunicar a notícia que os problemas haviam acabado, o governo legal havia reafirmado sua autoridade e convidado o governador a retornar a Berna.

Eles deixaram seu refúgio na montanha, e o nome de Louis pairava nos lábios de Fanny, mas ela não o pronunciou. Ele parecia esquecido em todos os lugares. Foi só algum tempo depois que ela confirmou o fato de que ele nunca tinha sido visto ou ouvido falar desde sua separação na manhã de sua fuga. Os aldeões o esperaram em vão; eles suspenderam seus desígnios, pois todos dependiam dele; mas ele não veio.

Monsieur e Madame de Marville voltaram ao castelo com o filho, mas Fanny ficou para trás. Ela não habitaria o mesmo teto que Henry; se recusava a receber mais benefícios de seus pais. O que ela poderia fazer? Louis sem dúvida descobriria a falsidade de seu casamento, mas ele não ousou voltar; e mesmo que se comunicasse com ela, mesmo que ela o amasse, ela poderia se unir a alguém verdadeiramente acusado dos crimes mais terríveis? A princípio, essas dúvidas a agitaram, mas aos poucos foram desaparecendo à medida que o esquecimento se fechava sobre o nome de Chaumont; e ele não veio, e ela não ouviu falar dele, e ele estava morto para ela. Então a memória do passado reviveu em seu coração; seu amor acordou com seu desespero; sua misteriosa fuga tornou-se a única ocupação de seus pensamentos; o tempo passou e trouxe suas mudanças. Madame de Marville morreu — Henry foi unido a outra — Fanny ficou, segundo seus próprios pensamentos, sozinha no mundo. Um parente, que morava em Subiaco, mandou chamá-la, e lá ela foi morar. Em vão ela se esforçou para se livrar da memória de Louis — seu amor por ele assombrava sua alma.

Houve guerra na Europa, e todos os homens se tornaram soldados; o país diminuiu seu número de habitantes, e cada vitória ou derrota trouxe um novo recrutamento. Por fim, a paz voltou, e seu retorno foi celebrado com satisfação. Muitos soldados voltaram para suas casas — e também um que não tinha casa. Um homem, evidentemente sofrendo de ferimentos recentes, cansado e doente, pediu hospitalidade na casa de Fanny; foi prontamente concedido, e ele sentou-se na lareira de seu chalé, e tirou o chapéu da testa. Seu corpo estava curvado, suas bochechas caídas; no entanto, aqueles olhos de fogo, aquele olhar rápido e animado, que quase trouxe a expressão brilhante da

juventude de volta ao seu rosto, nunca poderiam ser esquecidos. Fanny olhou quase assustada, depois com alegria e, finalmente, com sua voz doce, disse:

— Et toi, Louis — tu aussi es de retour^[217].

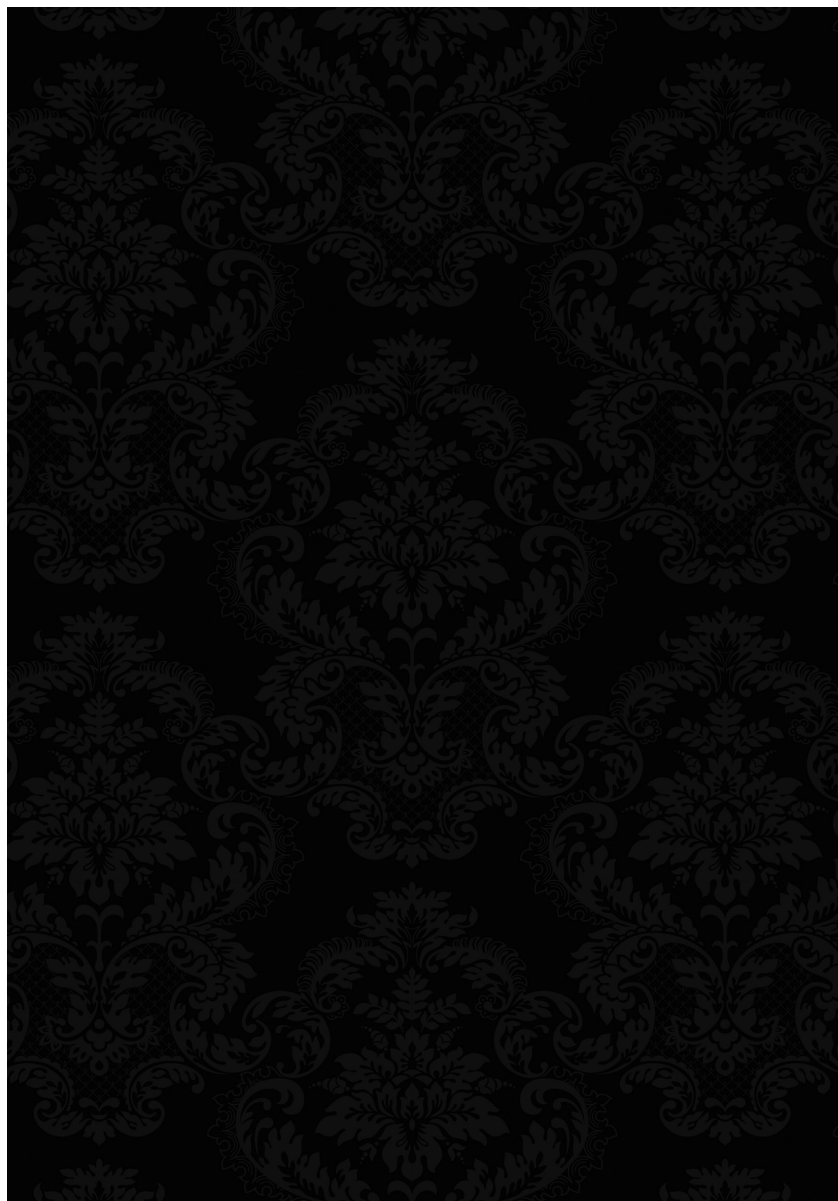
Louis suportara muitas tristezas e dificuldades e, acima de tudo, fora chamado para travar uma batalha com seu próprio espírito feroz. A cólera e o ódio nutridos diligentemente tornaram-se seus algozes e tiranos — no momento em que o amor, antes muito aliado a eles, emancipou-se de seu controle. O amor, que é a fonte de tudo o que é mais generoso e nobre em nós, de autodevoção e de alta intenção, separado da liga que ele havia feito, afirmou seu poder indiviso sobre ele; estranho ser assim no momento em que ele acreditava ter perdido a que amava para sempre!

Todos os seus planos foram estruturados na vingança. Ele destruiria a família que o oprimira; desconstruiria, pedra por pedra, a orgulhosa morada de sua herança; ele seria o único refúgio e apoio de sua amada no exílio e na pobreza. Ele havia entrado em sua carreira criminosa apenas com esse desígnio, e com a expectativa de acabar com tudo acumulando benefícios e dádivas de fortuna para Fanny. Os próprios passos que ele havia dado, ele agora acreditava serem aqueles que ocasionaram sua derrota. Ele a havia perdido — a bela e a boa — ele a havia perdido ao se provar indigno, mas não tão indigno a ponto de torná-la vítima de seus crimes. A família que ele havia jurado arruinar era agora dela, e todos os ferimentos que os acometeram a visitavam; para salvá-la, ele deveria desfazer suas teias perniciosas; para mantê-la incólume, seus propósitos mais queridos deveriam cair por terra.

Um véu parecia ter rasgado diante de seus olhos; ele havia fugido, pois não ajudaria na destruição de seu destino; não retornara, pois era uma tortura para ele saber que ela vivia como esposa de outro. Ele entrou no exército francês, mas a cada mudança seus sentimentos alterados o perseguiram, e provar-se digno daquela que perdera era o seu objetivo constante. Sua excelente conduta levou à sua promoção, e mesmo assim o infortúnio ainda o aguardava. Ele foi ferido, até perigosamente, e tornou-se tão incapaz de servir que foi forçado a solicitar sua demissão. Isso ocorrera no final de uma dura campanha na Alemanha, e sua intenção era ir para a Itália, onde um amigo, com quem ele havia se tornado íntimo no exército, prometeu arranjar-lhe algum emprego no governo. Passou por Subiaco no caminho e, sem saber quem residia ali, pedira hospitalidade na casa de Fanny.

Se a culpa pode ser reparada pelo arrependimento e reforma, como é a melhor lição da religião, Louis reparou a sua. Se a constância no amor merece recompensa, esses amantes mereceram aquilo que colheram, na felicidade consequente de sua união. A imagem dela, lado a lado de tudo o que é bom, habitou em seu coração, e deste modo se tornou um santuário no qual ele

sacrificou todas as emoções ruins. Foi uma felicidade maior do que ele jamais ousara prever, descobrir que, ao fazê-lo, estava ao mesmo tempo conduzindo o bem-estar de sua amada, e que o ser perdido e idolatrado, adorado por ele, fundava a felicidade de sua vida em seu retorno à virtude, e a constância de sua afeição.



O SONHO

Título original: The Dream
Publicado em 1831 na revista The Keepsake, pelo “autor de Frankenstein”.

“Chi dice mal d’amore
“Dice una falsità!^[218]”
— Canção italiana.

A época da pequena lenda prestes a ser narrada, se passou no início do reinado de Henrique IV^[219] da França, cuja adesão e conversão, embora trouxessem a paz ao reino cujo trono ascendeu, não foram suficientes para curar as feridas profundas infligidas mutuamente pelos inimigos. Disputas particulares e a lembrança de danos mortais existiam entre os agora aparentemente unidos; e muitas vezes as mãos juntando-se uma a outra em uma saudação, à primeira vista amigável, involuntariamente, quando o aperto terminava, seguravam o punho da adaga, como indicador mais adequado de seus sentimentos do que as palavras de cortesia recém-pronunciadas por seus lábios. Muitos dos católicos mais fervorosos se retiraram para províncias distantes; e enquanto escondiam na solidão seu descontentamento exasperante, não com menos ardor ansiavam pelo dia em que poderiam mostrá-lo abertamente.

Em um grande castelo fortificado, construído em um penhasco acima do Loire, próximo da cidade de Nantes, morava a última de sua raça, e a herdeira de sua fortuna, a jovem e bela Condessa de Villeneuve. Ela passara o ano anterior em completa solidão em sua morada isolada; e o luto trajado em memória ao pai e dois irmãos, vítimas das guerras civis, era um bom e gracioso motivo para não comparecer à corte e se misturar às festividades. Mas a condessa órfã herdou um alto nome e amplas terras; e logo lhe foi comunicado que o rei, seu guardião, desejava que entregasse sua fortuna, acompanhada de sua mão, a algum nobre cujo nascimento e realizações lhe davam direito ao presente. Constance, em resposta, expressou sua intenção de fazer votos e se aposentar em um convento. O rei, com seriedade e resolução, proibiu esse ato, acreditando que tal ideia fosse o resultado da sensibilidade sobrecarregada pela tristeza, e confiando na esperança de que, depois de um tempo, o espírito gentil da juventude dissiparia essa nuvem.

Um ano se passou, e ainda, a condessa persistia; e afinal Henrique, não

querendo forçá-la — desejando, também, julgar por si mesmo os motivos que levaram uma pessoa tão bela, jovem, e dotada das bênçãos da sorte, ao desejo de se enterrar um claustro — anunciou sua intenção, agora que seu período de luto havia terminado, de visitar seu castelo; e se ele não trouxesse, o monarca disse, incentivo suficiente para mudar sua decisão, ele consentiria ao seu intuito.

Inúmeras horas tristes Constance passou — inúmeros dias de lágrimas, e inúmeras noites de miséria inquietante. Ela fechara seus portões contra qualquer visitante; e, como Lady Olívia em “Noite de Reis^[220]”, jurou solidão e lágrimas. Dona de si, ela facilmente silenciava as súplicas e protestos de seus subordinados e alimentava sua dor como se fosse o algo que ela amava. Embora sua dor fosse muito intensa, muito amarga, muito inflamada, para ser sua convidada favorita. Na verdade, Constance, jovem, ardente e vivaz, batalhou contra ela, lutou e ansiava por abandoná-la; mas tudo o que era alegre em si, ou belo em aparência, servia apenas para renová-la; e ela poderia suportar melhor o peso de sua tristeza com paciência, quando, cedendo à dor, a mesma a oprimia, mas não a torturava.

Constance deixara o castelo para dar um passeio nas terras vizinhas. Nobres e extensos eram os aposentos de sua morada, mas ela se sentia oprimida entre suas paredes, sob seus tetos ornamentados. As colinas ao redor e o antigo bosque, associados a cada lembrança querida de sua vida passada, seduziam-na a passar horas e dias sob seus abrigos frondosos. O movimento e a mudança trabalhando eternamente, enquanto o vento agitava os galhos, ou o sol viajante chovia seus raios através deles, acalmavam-na e a tiravam daquela tristeza opaca que comprimia seu coração com uma dor tão implacável sob o teto do castelo.

Havia um local no limiar de uma área bem arborizada, um recanto de terra, de onde ela conseguia ver a região espalhando-se além, e ainda assim era denso com árvores altas e sombreado — um ponto que ela havia desprezado, mas para onde inconscientemente seus passos sempre a levavam, e onde agora novamente, pela vigésima vez naquele dia, ela sem querer, se encontrava. Sentou-se em um monte de grama e olhou melancolicamente para as flores que ela mesma plantara para adornar o refúgio verde — para ela, o templo da memória e do amor. Ela tinha em suas mãos a carta do rei, que era a fonte de tanto desespero. O desânimo se instalava em suas feições, e seu coração gentil perguntou ao destino por que, tão jovem, desprotegida e abandonada, ela deveria lutar com mais esta forma de infortúnio.

“Mas eu apenas peço”, ela pensou “para viver entre as paredes do meu pai — no local familiar da minha infância — para regar com minhas constantes lágrimas os túmulos daqueles que amei; e aqui nestes bosques, onde tal

delirante sonho de felicidade foi meu, celebrar eternamente os funerais da Esperança!”

Um farfalhar entre os ramos agora encontrou seus ouvidos — seu coração bateu rápido — tudo novamente ficou em silêncio.

— Garota tola — ela meio que murmurou — enganada por sua própria fantasia de amor: pois aqui nos encontrávamos; sentada aqui eu esperava, e sons como estes anunciavam, sua querida aproximação; então agora cada coelho que se move, cada pássaro que desperta o silêncio, fala dele. Ó Gaspar! — meu uma vez — nunca mais este lugar amado será alegrado por você — nunca mais!

Novamente os arbustos se mexeram, e ela ouviu passos na mata. Constance se levantou; seu coração batia alto; deve ser aquela tola Manon, com suas súplicas impertinentes para seu retorno. Mas os passos eram mais firmes e mais lentos do que os de sua criada; e agora emergindo da sombra, ela pode ver claramente o intruso. Seu primeiro impulso foi fugir: — mas vê-lo mais uma vez — ouvir sua voz: — apenas uma outra vez antes que seus votos eternos estivessem entre eles, ficar junto dele e encontrar o largo abismo preenchido pela ausência, não poderia ferir os mortos, e suavizaria a tristeza fatal que tanto empalidecia seu rosto.

E agora ele estava diante dela, o mesmo adorado com quem ela havia trocado votos de fidelidade. Ele, assim como ela, parecia triste; e ela nem conseguiu resistir ao olhar suplicante que lhe implorou por um momento que ficasse.

— Eu venho, senhora — disse o jovem cavaleiro — sem esperanças de mudar sua decisão inflexível. Venho mais uma vez para vê-la, e dizer adeus antes de partir para a Terra Santa. Venho pedir-lhe que não se aprisione no claustro para evitar alguém tão desprezível quanto a mim, alguém que você nunca mais verá. Quer eu morra ou viva, a França e eu nos separamos para sempre!

— Isso seria assustador, se fosse verdade — disse Constance — mas o rei Henrique nunca perderá deste modo seu cavaleiro favorito. O trono que você ajudou a construir, você ainda guardará. Não, se eu algum dia tive poder sobre um pensamento seu, não vá para a Palestina.

— Uma palavra sua poderia me deter aqui — um sorriso... Constance — e o jovial amado ajoelhou-se diante dela; mas diante imagem outrora tão querida e familiar, agora tão estranha e tão proibida, lembrou-se de propósito mais austero.

— Não fique mais aqui! — ela suplicou. — Nenhum sorriso, nenhuma palavra minha nunca mais será sua. Porque está aqui — aqui, onde vagam os espíritos dos mortos, e, reivindicando estas sombras como suas,

amaldiçoam a garota falsa que permite seu assassino perturbar seu repouso sagrado?

— Quando nosso amor era jovem e você era gentil — respondeu o cavaleiro — você me ensinou a trilhar os meandros desses bosques — você me recebeu neste local querido, onde uma vez jurou ser minha — até sob estas mesmas árvores antigas.

— Foi um pecado perverso — disse Constance — destrancar as portas do meu pai para o filho do inimigo, e a punição foi muito cara.

O jovem cavaleiro ganhava coragem enquanto ela falava; mas não ousava se mexer, para que ela, que a cada instante parecia pronta para ir embora, não saísse de sua tranquilidade momentânea; mas ele respondeu lentamente:

— Foram dias felizes, Constance, cheios de temores e profunda alegria, quando a noite me trazia aos seus pés; e enquanto o ódio e a vingança eram, como para a atmosfera daquele castelo sisudo, este caramanchão repleto de folhas e estrelado era o santuário do amor.

— Felizes? — dias miseráveis! — ecoou Constance — Quando eu imaginava que o bem poderia surgir da falha de meus deveres, e essa desobediência seria recompensada por Deus. Não fale de amor, Gaspar! — um mar de sangue nos divide para sempre! Não se aproxime de mim! Os mortos e os amados ainda estão entre nós: suas sombras pálidas me alertam sobre minha culpa e me ameaçam por ouvir seu assassino.

— Isso eu não sou! — exclamou o jovem. — Veja, Constance, somos ambos os últimos da nossa raça. A morte nos foi cruel, e estamos sozinhos. Não era assim quando nos apaixonamos — quando pais, familiares, irmãos — céus, até minha mãe lançava maldições à casa de Villeneuve; e apesar de tudo isso eu abençoava. Eu a vi, minha bela, e a abençoei. O Deus da paz plantou amor em nossos corações, e com mistério e segredo nos encontramos durante muitas noites de verão a luz da lua; e quando a luz do dia era ampla, nesse doce recanto nos refugiávamos para evitar seu escrutínio, e aqui, mesmo aqui, onde agora me ajoelho em súplica, nós dois nos ajoelhamos e fizemos nossos votos. Devem ser quebrados?

Constance chorou enquanto seu amado relembrava imagens de doces momentos.

— Nunca — exclamou ela. — Oh, nunca! Você sabe, ou saberá em breve, Gaspar, a fé e resolução de quem não ousa ser sua. Deveríamos ter falado de amor e felicidade quando guerra, ódio, e sangue enfureciam ao nosso redor? As flores fugazes que nossas mãos jovens espalharam foram pisoteadas pelo encontro fatal de inimigos mortais. Pela mão de seu pai o meu morreu; e pouco adianta saber se, como meu irmão jurou, e você nega, sua mão desferiu ou não o golpe que o destruiu. Você lutou entre aqueles por quem ele morreu.

Não diga mais nada — nenhuma palavra: é impiedade para com os mortos inquietos ouvi-lo. Vá, Gaspar; me esqueça. Que sob o cavalheiresco e galante Henrique sua carreira seja gloriosa; e alguma bela moça ouvirá, como eu fiz, seus votos, e ficará feliz com eles. Adeus! Que a Virgem o abençoe! Na minha cela e claustro não esquecerei a melhor lição cristã: orar por nossos inimigos. Gaspar, adeus!

Ela deslizou apressadamente do caramanchão: com passos rápidos atravessou a clareira e foi em direção ao castelo. Uma vez dentro da reclusão de seus aposentos, ela cedeu à explosão de dor rasgando seu peito gentil como uma tempestade; pois dela era a pior tristeza, que mancha as alegrias passadas, fazendo o remorso esperar pela lembrança da felicidade, e ligando o amor e a culpa em uma relação tão horrível como a do tirano que amarra um corpo vivo a um cadáver. De repente, um pensamento disparou em sua mente. A princípio, ela o rejeitou como pueril e supersticioso; mas não conseguia se livrar dele. Ela chamou apressadamente sua criada.

— Manon — ela disse —, você já dormiu no sofá de Santa Catarina^[221]?

Manon fez o sinal da cruz.

— Deus me defenda! Ninguém nunca dormiu, desde que eu nasci, a não ser duas pessoas: uma caiu no Loire e se afogou; a outra olhou para o leito estreito e voltou para casa sem nenhuma palavra. É um lugar horrível; e se o devoto não levou uma vida piedosa e boa, maldita hora em que descansar a cabeça na pedra sagrada!

Constance também fez o sinal da cruz.

— Quanto às nossas vidas, é somente por meio de nosso Senhor e dos santos abençoados que podemos esperar pela justiça. Vou dormir no sofá amanhã à noite!

— Céus, minha senhora! E o rei chega amanhã.

— Ainda mais necessidade para uma resolução. Não pode ser que uma miséria tão intensa habite em qualquer coração, e não se encontre nenhuma cura. Eu esperava trazer paz as nossas casas; e a obra santa será para mim uma coroa de espinhos? O céu me guiará. Descansarei amanhã à noite na cama de Santa Catarina: e se, como ouvi, a santa dignar-se a dirigir seus devotos em sonhos, serei guiada por ela; e, acreditando que ajo de acordo com os ditames do Céu, sentir-me-ei resignada até diante do pior.

O rei estava a caminho de Nantes vindo de Paris e dormiu esta noite em um castelo a poucos quilômetros de distância. Antes do amanhecer, um jovem cavaleiro foi anunciado em seus aposentos. O cavaleiro tinha um aspecto sério, ou melhor, triste; e mesmo com belas feições e membros, parecia desgastado e abatido. Ficou calado na presença de Henrique, que, alerta e alegre, voltou seus vívidos olhos azuis para seu convidado, dizendo gentilmente:

— Então, a considerou obstinada, Gaspar?

— Eu a encontrei obstinada em nossa mútua tristeza. Infelizmente, meu soberano, não é, acredite, o fim de minha dor, que Constance sacrifique sua própria felicidade ao destruir a minha.

— E você acredita que ela negará o virtuoso cavaleiro, a quem a apresentaremos?

— Oh, meu soberano, não pense isso! Não pode ser. Meu coração agradece profundamente, muito profundamente, sua generosa benevolência. Mas aquela a quem a voz de seu amado na solidão — cujas súplicas, quando a memória e a reclusão auxiliavam o feitiço — não conseguiu persuadir, resistirá até mesmo aos comandos de Vossa Majestade. Ela está inclinada a entrar em um claustro; e eu, por favor, me despeço: sou agora um soldado da cruz.

— Gaspar — disse o monarca — conheço as mulheres melhor do que você. Não é por submissão nem lamentos chorosos que devemos conquistá-las. A morte da família naturalmente pesa no coração da jovem condessa; e nutrindo na solidão seu arrependimento e contrição, ela imagina que o próprio Céu proíbe sua união. Deixe que a voz do mundo a alcance — a voz do poder terreno e da bondade terrena — uma comandando, a outra suplicando, e ambas encontrando resposta em seu coração — e por minha fé e pela Santa Cruz, ela será sua. Vamos manter nosso plano. E agora vamos seguir viagem: a manhã passa e o sol nasce.

O rei chegou ao palácio do bispo e procedeu imediatamente à missa na catedral. Seguiu-se um suntuoso jantar, e só à tarde o monarca atravessou a cidade ao lado do Loire até onde, um pouco acima de Nantes, era situado o Château Villeneuve. A jovem condessa o recebeu no portão. Henrique procurou em vão a face pálida pela tristeza, o aspecto de desespero abatido que fora preparado a esperar. Suas bochechas estavam coradas, seus modos animados, sua voz firme. “Ela não o ama”, pensou Henrique, “ou seu coração já concordou”.

Uma refeição leve foi preparada para o monarca; e depois de um pouco de hesitação, decorrente até da alegria do seu semblante, ele mencionou o nome de Gaspar. Constance corou em vez de empalidecer e respondeu com rapidez:

— Amanhã, meu bom soberano; peço uma trégua até amanhã; tudo então será decidido; amanhã peço a Deus... ou...

Ela pareceu confusa, e o rei, ambos surpreso e satisfeito, disse:

— Então você não odeia o jovem De Vaudemont; o perdoa pelo sangue inimigo que aquece suas veias.

— Nos ensinam a perdoar, que devemos amar nossos inimigos — a condessa respondeu, com certa hesitação.

— Agora, por São Denis, essa é uma resposta bem-vinda para o jovem — disse o rei, rindo. — Olá! Meu fiel servo, senhor Apolo^[222] disfarçado! Revele-se e agradeça sua senhora por seu amor.

Em tal disfarce que o escondeu de todos, o cavaleiro havia ficado atrás, e viu com infinita surpresa a atitude e semblante calmo da condessa. Ele não pode ouvir suas palavras: mas esta era a mesma que vira tremendo e chorando na tarde anterior? Era ela cujo coração estava dilacerado por uma paixão conflitante? Ela quem viu os pálidos fantasmas de pais e familiares se colocarem entre ela e o amado que adorava além de sua vida? Era um enigma difícil de resolver. O chamado do rei foi em uníssono com sua impaciência, e ele saltou para frente. Ele estava a seus pés; enquanto ela, ainda movida pela paixão, extenuada pela própria calma que assumira, soltou um grito ao reconhecê-lo e caiu inconsciente no chão.

Ninguém pode entender o que aconteceu. Mesmo quando seus assistentes a trouxeram de volta à consciência, ela teve outro ataque, e então uma torrente de lágrimas apaixonadas; enquanto o monarca, esperando no salão, olhando a refeição pela metade, e cantarolando algum romance em comemoração à imprevisibilidade da mulher, não sabia como responder ao olhar de amarga decepção e ansiedade de Vaudemont. Por fim, a assistente-chefe da condessa veio com um pedido de desculpas: sua senhora estava doente, muito doente. No dia seguinte, ela se jogaria aos pés do rei para imediatamente pedir desculpas e revelar seu propósito.

— Amanhã... novamente amanhã! Há algo de especial no dia de amanhã, donzela? — disse o rei. — Você pode nos ler o enigma, bela moça? Que estranha história pertence ao amanhã, que tudo depende de sua vinda?

Manon corou, olhou para baixo e hesitou. Mas Henrique não era nenhum novato na arte de cativar atendentes de damas a revelar o segredo de suas senhoras. Além disso, Manon estava assustada com os planos da condessa, dos quais ainda estava obstinadamente inclinada, por isso foi induzida a traí-los. Dormir na cama de Santa Catarina, repousar sobre uma saliência estreita acima do profundo e rápido rio Loire, e se, como era mais provável, o infeliz sonhador não caísse, considerar tais visões perturbadas que esse sono inquieto poderia produzir como o conselho do Céu, era uma loucura da qual até o próprio Henrique dificilmente consideraria uma mulher capaz. Mas poderia Constance, cuja beleza era tão altamente intelectual, e a quem o rei ouvira perpetuamente elogiada por sua força de espírito e talentos, poderia ela estar tão estranhamente apaixonada! E a paixão pode despertar tais caprichos em nós? Como a morte, nivelando até a aristocracia da alma e trazendo nobres e camponeses, sábios e tolos, sob uma única escravidão? Era estranho, mas ela deveria continuar com seus planos. Que ela hesitasse em sua decisão era muito;

e era de se esperar que Santa Catarina não desempenhasse nenhum papel ruim. Caso contrário,

um propósito de ser inspirado por um sonho pode ser influenciado por outros pensamentos de vigília. Para o tipo de perigo mais material, alguma salvaguarda se deve levar.

Não há sentimento mais horrível do que aquele invadindo um fraco coração humano, inclinado a satisfazer seus impulsos ingovernáveis em contradição com os ditames da consciência. Prazeres proibidos, diz-se, são os mais agradáveis; — pode ser tal para naturezas rudes, para os amantes de lutas, combates e disputas; que encontram felicidade na briga e alegria no conflito da paixão. Entretanto, mais suave e doce era o espírito gentil de Constance; e o amor e a luta pelo dever esmagavam e torturavam seu pobre coração. Entregar sua conduta às graças da religião, ou, se assim podemos chamá-la, da superstição, era um alívio abençoado. Mesmo os perigos ameaçando sua empreitada davam um certo sabor — ousar por causa dele era felicidade — a dificuldade do caminho levando à realização de seus desejos ao mesmo tempo gratificava seu amor e distraía seus pensamentos do desespero. Ou se foi decretado que ela deveria sacrificar tudo, o risco de perigo e morte eram insignificantes se comparados com a angústia que viria a ser seu futuro para sempre.

A tempestade ameaçava a noite, o vento furioso sacudia as janelas, e as árvores agitavam seus enormes braços sombrios, como gigantes fariam em danças fantásticas e cólera mortal. Constance e Manon, desacompanhadas, deixaram o castelo por uma poterna^[223] e desceram a encosta. A lua ainda não havia nascido; e embora o caminho fosse familiar para ambas, Manon cambaleava e tremia; enquanto a condessa, envolvendo-se no manto de seda, descia a ladeira com passos firmes. Elas chegaram à margem do rio, onde havia um pequeno barco atracado, e um homem as esperava. Constance entrou com leveza, e então ajudou sua companheira temerosa. Em alguns momentos elas estavam no meio do riacho. O vento morno, tempestuoso, animador e equinocial varreu-as. Pela primeira vez desde seu luto, um arrepio de prazer inundou o peito de Constance. Ela saudou a emoção com dupla alegria. “Não pode ser”, pensou, “que o Céu me proíba amar alguém tão valente, tão generoso e tão bom quanto o nobre Gaspar. Outro nunca poderei amar; morrerei se for separada dele; e este coração, estes membros, tão vivos com esta sensação radiante, estão predestinados a uma sepultura precoce? Oh não! A vida fala alto dentro deles. Eu viverei para amar. Todas as coisas não amam? Os ventos ao sussurrar para as águas impetuosas? As águas que beijam as margens floridas, e apressam-se a misturar-se com o mar? O céu e a terra são sustentados e vivem através do amor; e apenas Constance, cujo coração sempre

foi uma fonte profunda, jorrando e transbordando verdadeira afeição, deve ser compelida a colocar uma pedra sobre a nascente trancá-la eternamente?”

Tais pensamentos favoreciam sonhos agradáveis; e a condessa, uma adepta da sabedoria do deus cego, portanto cedeu a eles mais prontamente. Mas como ela estava envolvida em emoções delicadas, Manon segurou seu braço:

— Senhora, olhe — ela exclamou — eles se aproximam, mas os remos não fazem barulho. Agora a Virgem nos proteja! Se estivéssemos em casa!

Um barco escuro deslizou por elas. Quatro figuras, vestidas com mantos pretos, puxavam remos que, como Manon disse, não faziam barulho; outro se sentava ao leme: como os demais, sua pessoa estava velada em uma capa escura, mas ele não usava um capuz; e embora seu rosto estivesse virado, Constance reconheceu seu amante.

— Gaspar — exclamou — é você? — mas a figura no barco não virou a cabeça nem respondeu, e rapidamente se perdeu nas águas sombrias.

Como se alterou agora o devaneio da bela condessa! O céu já havia começado seu feitiço, e formas sobrenaturais estavam ao redor, enquanto ela forçava os olhos através da escuridão. Em momentos via e em momentos perdia a embarcação que lhe causou terror; e agora parecia que havia outra lá, que continha os espíritos dos mortos; e seu pai acenou para ela da margem, e seus irmãos olharam em desaprovação.

Enquanto isso, aproximavam-se da costa. Ancoraram o barco em uma pequena enseada, e Constance saiu para a margem. Agora ela tremia, e meio que cedeu ao pedido de Manon para voltar; até que a imprudente suivante^[224] mencionou o nome do rei e de De Vaudemont, e falou da resposta a ser dada amanhã. Que resposta, se ela voltasse atrás em sua intenção?

Ela então se apressou pelo terreno acidentado da margem, e depois ao longo de sua borda, até chegarem a uma colina que abruptamente pairava sobre a corrente. Uma pequena capela ficava perto. Com dedos trêmulos, a condessa tirou a chave e destrancou a porta. Elas entraram. Estava escuro, exceto por uma pequena lamparina, tremeluzindo ao vento, e revelando em uma luz incerta diante a figura de Santa Catarina. As duas mulheres se ajoelharam; oraram; e então, levantando-se, com uma voz alegre, a condessa deu boa-noite à atendente. Ela destrancou uma pequena porta baixa de ferro. Abria-se para uma caverna estreita. O rugido das águas foi ouvido além.

— Você não pode vir comigo, minha pobre Manon — disse Constance — nem quer: esta aventura é apenas para mim.

Quase não era justo deixar a criada trêmula sozinha na capela, que não tinha esperança, nem medo, nem amor, nem dor para seduzi-la; mas, naqueles dias, os escudeiros e as damas de companhia muitas vezes desempenhavam o

papel de subalternos do exército, levando pedradas e nenhuma fama. Além do mais, Manon estava segura em solo sagrado. Enquanto isso, a condessa seguia seu caminho tateando no escuro pela estreita passagem tortuosa. Por fim, algo que parecia luz brilhou para seus sentidos escurecidos. Ela atingiu uma caverna aberta na encosta da colina, que dava para o rio abaixo. Ela olhou para a noite. As águas do Loire estavam acelerando, e desde aquele dia elas estão sempre acelerando — mutáveis, mas as mesmas; o infinito velava-se densamente por nuvens, e o vento nas árvores soava tão lúgubre e de mau agouro que era como se uivasse em volta da sepultura de um assassino. Constance estremeceu um pouco e olhou para sua cama — uma estreita saliência de terra e uma pedra coberta de musgo beirando o precipício. Ela tirou o manto — essa era uma das condições do sonho — baixou a cabeça e soltou as tranças de seus cabelos escuros; desnudou os pés; e assim, totalmente preparada para sofrer ao máximo a influência da noite fria, se esticou no leito estreito que mal lhe dava espaço para repouso, e de onde, se ela se mexesse no sono, seria arremessada nas águas geladas abaixo.

No primeiro momento lhe pareceu que nunca dormiria novamente. Não era de se espantar que a exposição ao estrondo e sua posição perigosa proibiram suas pálpebras de se fecharem. Finalmente ela caiu em um devaneio tão suave e reconfortante que desejou até mesmo permanecer acordada; e então, aos poucos, seus sentidos ficaram confusos; e agora ela estava na cama de Santa Catarina — o Loire correndo abaixo, e o vento selvagem varrendo... e agora... ah para onde? E quais sonhos a santa mandaria para levá-la ao desespero, ou para abençoá-la para sempre?

Sob a colina grosseira, nas águas escuras, outro que temia mil coisas observava, e mal ousava ter esperança. Sua intenção era preceder a dama no caminho, mas quando descobriu que havia se atrasado, com remos abafados e pressa ofegante, passou pela barca onde estava sua Constance, nem sequer se virou ao ouvir sua voz, com medo de render-se a suas acusações, e pedidos para retornar. Ele a viu sair da passagem e estremeceu quando ela se inclinou sobre o penhasco. Viu-a dar um passo à frente, vestida como estava de branco, e pôde identificá-la deitada no parapeito acima. Que vigília os amantes tiveram! Ela rendida a pensamentos visionários, ele sabendo — e tal conhecimento estremeceu seu peito com curiosa emoção — que o amor, e o amor por ele, a havia conduzido àquele leito perigoso; e que enquanto as ameaças a cercavam em todas as formas, ela estava viva apenas para a vizinha mansa sussurrando em seu coração o sonho que decidiria seus destinos. Ela dormia talvez — mas ele mantinha-se acordado e observando, e a noite passou, enquanto, ora orando, ora extasiado entre esperança e medo, ele sentava em seu barco, os olhos fixos na roupa branca acima.

Manhã — era a manhã batalhando entre as nuvens? A manhã chegaria para acordá-la? E ela tinha dormido? E que sonhos de felicidade ou desgraça povoaram seu sono? Gaspar ficou impaciente. Ele ordenou a seus barqueiros para ainda esperarem e saltou para a frente, decidido a escalar o precipício. Em vão eles insistiram no perigo, ou melhor, na impossibilidade da tentativa; ele agarrou-se à face áspera da colina e encontrou apoio onde parecia não haver. A inclinação, de fato, não era alta; os perigos da cama de Santa Catarina decorriam da probabilidade de quem dormisse em um sofá tão estreito poderia despencar nas águas abaixo. Alçando a íngreme subida, Gaspar continuou a esforçar-se e, por fim, chegou às raízes de uma árvore crescendo perto do cume. Com ajuda de seus galhos, ele se posicionou bem na extremidade da saliência, próximo ao travesseiro sobre o qual jazia a cabeça descoberta de sua amada. Suas mãos estavam dobradas em seu peito; seu cabelo escuro caía em volta do pescoço e cobria sua bochecha; seu rosto era sereno: o sono estava lá em toda sua inocência e desamparo; cada emoção mais primitiva fora silenciada, e seu peito oscilava em respiração regular. Ele podia ver seu coração bater enquanto levantava suas claras mãos cruzadas acima. Nenhuma estátua esculpida em mármore em uma monumental efígie jamais foi tão bela; e dentro dessa forma transcendente morava uma alma verdadeira, terna, dedicada e afetuosa como jamais aqueceu um peito humano.

Com tal profunda paixão Gaspar a encarava, colhendo esperança na placidez do seu semblante de anjo! Um sorriso adornou seus lábios; e ele também sorriu involuntariamente, enquanto saudava o feliz presságio; de repente sua bochecha corou, seu peito arfava, uma lágrima escapou de seus cílios escuros, e então muitas mais vieram, quando ela começou a gritar:

— Não! Ele não deve morrer! Eu vou soltar suas correntes! Eu vou salvá-lo!

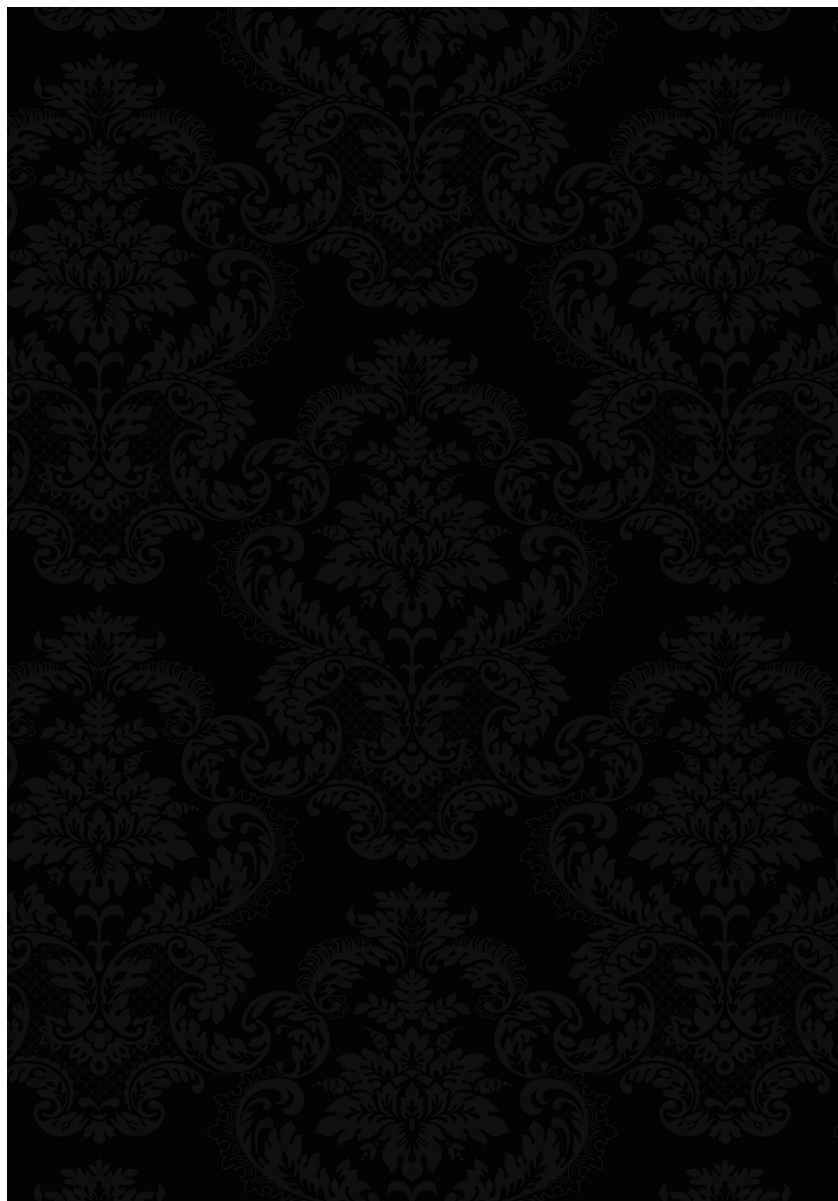
A mão de Gaspar estava ali. Ele segurou sua leve silhueta pronta para cair do sofá perigoso. Ela abriu os olhos e viu seu amado, que guardou seu sonho de destino, e que a salvou.

Manon também dormira bem, sonhando ou não, e levou um susto pela manhã ao se descobrir cercada por uma multidão. A pequena capela desolada estava coberta de tapeçarias — o altar adornado com cálices de ouro — o padre cantava a missa para uma bela fileira de cavaleiros ajoelhados. Manon viu que o rei Henrique estava lá; e enquanto procurava outra que não encontrou, a porta de ferro da passagem da caverna se abriu e Gaspar de Vaudemont entrou conduzindo a bela forma de Constance; que, em suas vestes brancas e cabelos escuros desgrenhados, com um rosto em que sorrisos e rubores lutavam com emoção mais profunda, aproximou-se do altar e, ajoelhando-se com seu amado, pronunciou os votos que os uniram para sempre.

Foi um longo tempo antes que Gaspar pudesse conquistar de sua dama o segredo de seu sonho. Apesar da felicidade que agora desfrutava, ela sofrera demais para não olhar para trás, com terror até, para aqueles dias que considerou o amor um crime, e cada evento relacionado a eles tinha um aspecto angustiante. Muitas visões, ela disse, ela teve naquela noite terrível. Ela tinha visto os espíritos de seu pai e irmãos no Paraíso; ela viu Gaspar lutando vitorioso entre os infiéis; ela o tinha visto na corte do rei Henrique, favorecido e amado; e ela mesma — ora definhando em um claustro, ora noiva, ora grata ao céu pela plena medida de felicidade que lhe foi oferecida, ora chorando seus dias tristes — até que de repente se viu nas terras de paynim^[225]; e a própria santa, Santa Catarina, guiando-a sem ser vista pela cidade dos infiéis. Ela entrou em um palácio e viu os malfeitores regozijando-se com a vitória; e então, descendo para as masmorras abaixo, elas tatearam seu caminho através dos mausoléus úmidos e passagens baixas e mofadas, para uma cela, mais escura e mais assustadora do que as outras. No chão estava uma pessoa com roupas sujas e esfarrapadas, com cachos despenteados e barba selvagem e emaranhada. Sua bochecha estava gasta e magra; seus olhos haviam perdido a chama; seu corpo um mero esqueleto; as correntes penduradas frouxamente nos ossos sem carne.

— E foi minha aparência naquele estado atraente e traje vencedor que amoleceu o coração duro de Constance! — perguntou Gaspar, sorrindo para este quadro do que nunca seria.

— Sem dúvidas — respondeu Constance —, pois meu coração sussurrou que isso era obra minha; e quem poderia chamar de volta a vida que desvanecia em seus pulsos — quem poderia restaurar, a não ser o destruidor! Meu coração nunca se aqueceu com meu cavaleiro vivo e feliz como então, com sua imagem devastada que jazia, nas visões da noite, aos meus pés. Um véu caiu de meus olhos; a escuridão dissipou-se. Achei então que sabia pela primeira vez o que era a vida e o que era a morte. Eu acreditava que para fazer os vivos felizes não se deveria ferir os mortos; e senti quão perversa e vã era esta falsa filosofia que colocava a virtude e o bem no ódio e na crueldade. Você não deveria morrer; eu afrouxaria suas correntes e o salvaria, e o mandaria viver por amor. Eu saltei para a frente, e a morte que rezei para não recair em você teria, eu presumo, sido minha — naquele momento, quando senti o verdadeiro valor da vida — mas seu braço estava lá para me salvar, sua querida voz determinando que eu fosse abençoada para todo o sempre.



IRMÃO E IRMÃ, UMA HISTÓRIA ITALIANA

Título original: *The Brother and Sister: An Italian Story*
Publicado em 1932 na revista *The Keepsake*, pelo “autor de *Frankenstein*.”

Sabe-se bem que o ódio nutrido por uma família contra a outra, e a disputa das partes, não raro levando ao derramamento de sangue nas cidades italianas durante a Idade Média tão vividamente descrito por Shakespeare em “Romeu e Julieta”, não se limitou aos Montecchi e Ciapelletti de Verona, mas existia com igual inimizade em quase cada cidade daquela bela península. Os melhores homens entre eles eram as vítimas; e as multidões de exilados — famílias que no dia anterior desfrutavam completamente dos luxos da vida e as afetuosas associações do lar — eram vez ou outra vistas saindo dos portões de suas cidades natais, privados de cada uma de suas posses, e em passos lentos e melancólicos arrastando seus membros cansados ao asilo mais próximo, para então começar uma nova carreira de dependência e pobreza, e suportar até o final da vida, ou até algum acidente da sorte fazê-los trocar de lugar com seus inimigos, transformando em sofrendores os que anteriormente eram tiranos. Naquele país, onde cada cidade formava um estado independente, trocar um pelo outro era partir do local querido como pátria e lar para um exílio distante — ou pior; pois cada cidade nutria ódio ou desprezo por sua vizinha, acontecia com frequência do enlutado banido ser obrigado a morar entre um povo que ele ferira ou desprezara. Serviço no exterior oferecia um recurso aos jovens e corajosos entre os homens. Mas deveriam deixar a adorável Itália, os laços entre jovens corações rompidos e todas as afetuosas relações de parentesco e país quebradas e dispersas para sempre. Os italianos foram sempre peculiarmente suscetíveis a esses infortúnios. Adoravam suas muralhas nativas, as moradas de seus ancestrais, as cenas familiares da infância, com todo o fervor apaixonado característico daquele clima.

Não era, portanto, nada incomum entre eles, como Foscari de Veneza, preferir pobreza e se arriscar ao perigo em sua própria cidade, a uma sobrevivência precária entre estranhos em terras distantes; ou, se induzidos a deixar os queridos arredores de seus muros nativos, ainda permanecer por perto, prontos para aproveitar-se da primeira ocasião que poderia reverter o decreto condenando-os à miséria.

Por três dias e três noites houve guerra nas ruas de Siena — sangue jorrava em torrentes — ainda assim os gritos e gemidos dos derrotados apenas

estimulavam seus amigos a vingá-los — não poupar seus inimigos. Na quarta manhã, Ugo Mancini, com um esparso bando de seguidores, foi expulso da cidade; socorro havia chegado de Florença para seus inimigos, e ele foi forçado a desistir. Queimando com raiva, revolido com uma sede impotente de vingança, Ugo foi às aldeias vizinhas para incitá-las, não contra sua cidade nativa, mas contra o vitorioso Tolomei. Sem sucesso nessa tentativa, tomou o passo mais equivocado de buscar ajuda dos pisanos. Mas Florença mantinha Pisa sob controle e Ugo encontrou apenas um inglório refúgio onde esperava conseguir aliados. Ele fora ferido nesses esforços; mas, agitado por um espírito sobre-humano, ele esquecera a dor e superou a fraqueza; apenas depois de seu enérgico desempenho receber uma fria recusa, se entregou aos sofrimentos físicos. Ele jazia em um leito de tortura ao receber informações que um decreto de banimento perpétuo e confisco de propriedade fora aprovado contra ele. Seus dois filhos, agora pedintes, foram enviados a ele. Sua esposa estava morta, e esta era sua única família. Seus amargos sentimentos ainda eram importantes demais para se confortar em sua presença; no entanto, essas emoções agitadas e ardentes apareciam em tempos posteriores como um resquício de felicidade em comparação com a perda total de todas as esperanças — a inação devastadora da doença e pobreza.

Durante cinco anos Ugo Mancini permaneceu deitado em seu sofá, alternando entre estados de intensa dor e esmagadora fraqueza; então morreu. Durante esse intervalo, os resquícios de sua fortuna, que se resumia no aluguel de uma pequena fazenda e no uso de algum dinheiro emprestado, mal o tinha sustentado. Seus poucos familiares e seguidores foram obrigados a buscar subsistência em outro lugar, e ele ficou sozinho com sua dor e com seus dois filhos, que ainda permaneciam ao lado do pai.

Ódio por seus inimigos e amor por sua cidade natal, eram os sentimentos preenchendo sua alma, os quais transmitiu com toda a força à mente impressionável do filho, recebendo como metal fundido a marca que o pai desejava imprimir. Lorenzo mal tinha doze anos quando seu pai foi exilado, e naturalmente direcionou suas afeições ao lugar onde desfrutara cada felicidade, onde cara hora fora passada em alegre satisfação, e a gentileza e cuidado de muitos auxiliavam seus passos. Agora, que triste contraste! Miserável tristeza! Uma solidão animada por nenhum sorriso encorajador ou adulações alegres — cuidado perpétuo ao seu pai e preocupações prematuras, lançam suas sombras escuras sobre seu destino alterado.

Lorenzo era alguns anos mais velho que sua irmã. Sem amigos e necessitada como era a família do exilado, foi ele quem cuidou de suas modestas despesas, sendo ao mesmo tempo enfermeiro de seu pai e tutor de sua irmã, e atuou como chefe da família durante a incapacidade de seu pai.

Mas, em vez de se abater ou arruinar seu ânimo por esses fardos, sua alma abrasadora ergueu-se para enfrentá-los, ampliou-se e elevou-se pelos próprios apelos feitos a ela. Seu olhar era sério, não preocupado; suas maneiras calmas, não humildes; sua voz tinha toda a ternura de uma mulher — seu olhar todo o orgulho e chama de um herói.

Ainda assim, seu pai infeliz definhava, e as horas de Lorenzo eram inteiramente passadas ao lado de sua cama. Em suas atenções ele era inesgotável — cansaço parecia nunca dominá-lo. Seus membros estavam sempre alertas, sua fala inspiradora e gentil. Seu único passatempo era durante qualquer intervalo nos sofrimentos de seu pai, ouvir suas glorificações sobre sua cidade natal e a história das injustiças que, desde tempos longínquos, os Mancini sofreram dos Tolomei. Lorenzo, embora repleto de nobres qualidades, ainda era italiano; e amor fervoroso por sua terra natal e ódio violento contra os inimigos de sua casa, eram apegos estimados de seu coração. Nutridos na solidão, eles adquiriram vigor; e as noites passadas vigiando o pai variavam de acordo com a carreira que ele deveria seguir a partir de então — o retorno à sua amada Siena e a vingança contra seus inimigos.

Ugo diversas vezes dizia: eu morro pois estou exilado; com o tempo essas palavras foram cumpridas, e o infeliz homem afundou sob os males do destino. Lorenzo viu seu querido pai expirar — seu pai, a quem ele amava. Ele parecia depositar em seu túmulo obscuro toda a mais merecida reverência e honra do mundo; e distanciando seus passos, lamentou a perda e a triste ocupação de tantos anos, e lamentou a troca do leito doente de seu pai por uma liberdade solitária e desvalorizada.

Mediante sua liberdade recém-adquirida, ele retornou a Siena com sua irmã. Entrou em sua cidade nativa como se fosse um paraíso, e a encontrou um deserto, com exceção aos tons de beleza e alegria com que sua imaginação adorava envolvê-la. Não havia ninguém em todo o circuito de suas muralhas a quem ele poderia se aproximar em amizade. De acordo com os costumes bárbaros da época, o palácio de seu pai fora destruído, e as tristes ruínas permaneciam como um sepulcro para comemorar a queda de sua fortuna. Mas Lorenzo não os via desta forma; muitas vezes ele se esgueirava ao cair da noite, quando apenas as estrelas testemunhavam seu entusiasmo, e, escalando até a parte mais alta dos gigantescos fragmentos, passava longas horas reconstruindo mentalmente as paredes desoladas, e consagrando novamente a lareira coberta de ervas daninhas ao amor familiar e festividades hospitaleiras. O ar era mais ameno e leve, parecia-lhe, quando inspirado em meio a esses memoriais do passado; e seu coração se aquecia em êxtase com a história contada sobre o que seus progenitores um dia foram — o que ele novamente seria.

No entanto, se tivesse visto sua posição sensatamente, ele a teria

encontrado cheia de agonia e dor; e dar-se-ia conta de que sua cidade natal era talvez o único lugar no mundo onde sua ambição fracassaria na realização de seu objetivo. Os Tolomei reinavam Siena. Levaram seus cidadãos à conquista e os enriqueceram com despojos. Eles eram idolatrados; e para lisonjeá-los, a população tendia a insultar e zombar do nome Mancini. Lorenzo não possuía um amigo dentro de seus muros: ele ouvia o murmúrio de ódio enquanto passava e via seus inimigos elevados ao pináculo do poder e da honra; e, no entanto, tão estranhamente moldado é o coração humano, que ele continuou a amar Siena, e não teria trocado sua morada obscura e penosa dentro de suas muralhas para se tornar o favorito do imperador alemão. Tal lugar, devido a educação e preconceitos naturais do homem, Siena mantinha em seu coração, ao ponto de sua condição humilde ali, parecer um destino mais nobre do que ser grande em qualquer outro lugar.

Ganhar outra vez a amizade de seus cidadãos e humilhar seus inimigos era o sonho emitindo tão doce influência em suas horas mais escuras. Ele dedicou-se completamente a isso e não duvidou por um momento de seu sucesso. A casa de Tolomei tinha como chefe um jovem apenas um ou dois anos mais velho que ele — contra ele, quando a oportunidade surgisse, travaria um duelo. Parecia um presente dos Céus dar-lhe alguém tão seu equivalente com quem lutar; e durante o intervalo que transcorreria antes de poderem se enfrentar, ele se ocupava em treinar para a batalha. O conde Fabian dei Tolomei tinha a fama de ser um jovem promissor e talentoso; e Lorenzo satisfez-se em antecipar um antagonista digno. Ocupou-se da prática das armas e aplicou-se com perseverança ao estudo dos poucos livros que apareciam em seu caminho. Em ocasiões públicas, comparecia ao mercado vestido modestamente; no entanto, sua altura, seu porte digno e a aparência pensativa de seu nobre semblante atraíam os olhos dos espectadores — embora, tal era o preconceito contra seu nome e a lisonja da parte triunfante, insultos e maldições o seguissem. Sua aparência nobre era chamada de orgulho; sua afabilidade, intenção; suas ideias aspirantes, facção — e declararam que seria um dia feliz quando deixasse de bloquear o sol deles com sua sombra. Lorenzo sorria — renunciava ressentir, ou mesmo sentir, os insultos equivocados da multidão, que, se a sorte mudasse, no dia seguinte jogariam seus chapéus para o alto em comemoração a ele. Apenas quando inimigos mais altos se aproximaram que sua testa enrugava e ele se erguia em toda a sua altura, retribuindo seu desprezo com olhares de desafio e ódio.

Mas embora estivesse pronto para enfrentar o desdém de seus cidadãos, e caminhasse com um semblante plácido, independente de seu menosprezo, cuidadosamente protegia sua irmã de tais cenas. Ele a conduzia todas as manhãs, bem velada, para ouvir a missa em uma igreja obscura. E quando, em

dias de festa, as ruas se enchiam de cavaleiros e damas em trajes esplêndidos, e de cidadãos e camponeses em trajes festivos, esse gentil casal podia ser visto em algum lugar solitário e sombreado, Flora não conhecia ninguém para amar, exceto seu irmão — crescera sob seus olhos desde a infância; e enquanto ele cuidava do leito doente de seu pai, ele fora pai, irmão, tutor, guardião dela — a mãe mais afetuosa não poderia ter sido mais indulgente; e, no entanto, havia algo além, referente à sua diferença de sexo. Sempre observador e gentil, ele a tratava como uma donzela bem-nascida, nutrida em seu mais belo caramanchão.

Seus trajes eram simples — mas assim, ela foi instruída, convinha a toda donzela se vestir; seus bordados eram tais que uma princesa poderia ter imitado; e enquanto aprendeu, sob a tutela de seu irmão, a ser reservada, estudiosa e sempre ocupada, foi ensinada que tais virtudes eram próprias de seu sexo, e nenhuma ideia de dependência ou penúria surgiu em sua mente. Se ele fosse o único ser humano a se aproximar dela, ela poderia ter acreditado estar no mesmo nível do mais alto da terra; mas ao entrar em contato com dependentes da classe humilde da vida, Flora conheceu sua verdadeira posição; e aprendeu, ao mesmo tempo, a compreender e apreciar a bondade e as virtudes inigualáveis de seu irmão.

Dois anos se passaram enquanto irmão e irmã continuavam, em obscuridade e pobreza, nutrimdo esperança, honra e amor mútuo. Se um pensamento ansioso passou pela mente de Lorenzo, foi pelo destino de Flora, cuja beleza quando criança prometia perfeito encanto no futuro. Por isso, ele ansiava começar a empreitada traçada para si mesmo, e resolveu não mais atrasar seus esforços para reviver seu partido em Siena, e procurar, em vez de evitar, uma disputa com o jovem conde Fabian, em cuja derrota ele se ergueria — Conde Fabian, o queridinho dos cidadãos, vangloriado como um modelo para os jovens cavaleiros, rico em boas qualidades, e tão adornado por galanteria, inteligência sutil e maneiras alegres e cativantes, que ele pisava por direito da natureza, bem como de nascimento, no pedestal exaltando-o como o ídolo de todos os lados.

Foi no dia de um festival público que Lorenzo se apresentou pela primeira vez em rivalidade com Fabian. O conde desconhecia sua pessoa, e, em todo o orgulho da rica vestimenta e dos esplêndidos apetrechos, olhava com um sorriso condescendente para o jovem com montaria pobre e trajes simples, que se apresentou para lutar contra ele. Mas antes de aceitar o desafio, o nome de seu antagonista foi sussurrado para Fabian; então, toda a amargura promovida pelas rixas familiares; todo o espírito de vingança, ensinado como religião, surgiu imediatamente no coração do jovem nobre; ele rapidamente girou seu corcel e, cavalgando rudemente até seu competidor, ordenou-lhe

para se retirar imediatamente da arena, nem ousar perturbar a festa dos cidadãos com a odiada presença de um Mancini. Lorenzo respondeu com igual desprezo; e Fabian, governado por uma paixão incontrolável, convocou seus seguidores para expulsar o jovem do campo com humilhações. Uma assustadora formação reuniu-se contra o odioso intruso; mas se seu número fosse o triplo, o espírito altivo de Lorenzo os enfrentaria a todos. Um caiu — outro foi incapacitado por sua arma antes de Lorenzo ser desarmado e feito prisioneiro; mas sua bravura não serviu para atrair admiração de seus inimigos preconceituosos: eles preferiam cobri-lo de execrações, enquanto o levavam para uma masmorra e clamavam por sua punição e morte.

Longe dessa cena tumultuada e sangrenta, em seu quarto humilde, porém tranquilo, em uma parte remota da cidade, estava Flora, ocupada com seus bordados, meditando, enquanto trabalhava, no projeto de seu irmão e antecipando seu sucesso. Horas passaram e Lorenzo não voltou; entardeceu, e ele ainda demorava. A imaginação atarefada de Flora forjou mil causas para o atraso. A destreza de seu irmão despertara o entusiasmo até então frio dos aliados de sua família — sem dúvida festejava entre eles, e a primeira pedra foi colocada para a reconstrução de sua casa. Por fim, uma correria de passos na escada e um clamor confuso de vozes femininas gritando para entrar, a fez levantar-se e abrir a porta; várias mulheres entraram depressa — o desespero estampava seus rostos — suas palavras fluíram em torrentes — seus gestos ansiosos as ajudaram a um sentido e, embora não sem dificuldade, em meio à confusão, Flora ouviu falar do desastre e da prisão de seu irmão — do sangue derramado por sua mão e do desfecho fatal assegurado por tal ato. Ela ficou pálida como mármore. Seu coração jovem se encheu de um terror mudo; não conseguia formar nenhuma imagem da coisa que temia, mas sua ideia indistinta era repleta de medo. Lorenzo estava na prisão — Conde Fabian o havia colocado lá — ele morreria! Mesmo que arrebatada por tais notícias por um momento, ela se ergueu acima de seu poder entorpecente, e sem proferir uma palavra, ou ouvir as perguntas e protestos das mulheres, passou correndo por elas, desceu a alta escadaria, até a rua; e depois com passos velozes para onde ficava a prisão pública. Ela sabia o lugar que desejava chegar, mas tinha saído de casa tão raramente que logo se embaralhou nas ruas e prosseguiu ao acaso. Sem fôlego, por fim, parou diante dos nobres portões de um grande palácio — não havia ninguém por perto — o crepúsculo rapidamente evanescente de uma noite italiana se aprofundou na escuridão absoluta. Nesse momento, o clarão de tochas foi lançado sobre a rua, e um grupo de cavaleiros chegou; eles conversavam e riam alegremente. Ela ouviu um deles ser chamado de Conde Fabian: involuntariamente recuou com ódio instintivo; e então correu em sua direção e se jogou aos pés do seu cavalo, exclamando: “Salve

meu irmão!” O jovem cavaleiro puxou as rédeas de seu cavalo empinado, repreendendo-a com raiva por sua negligência e, sem se dignar a mais uma palavra, entrou no pátio. Talvez ele não tivesse ouvido seu pedido; não podia ver a suplicante, falou apenas na impaciência do momento; mas a pobre jovem, profundamente ferida pelo que parecia um insulto pessoal, desviou-se orgulhosamente do portão, reprimindo as lágrimas amargas inundando seus olhos. Ainda assim, ela continuou andando; mas a noite lhe tirou todas as chances de encontrar o caminho para a prisão, e ela resolveu voltar para casa, convencer uma das mulheres da casa, da qual ela ocupava uma parte, a acompanhá-la. Mas até mesmo encontrar o caminho de volta tornou-se difícil; e ela continuou vagando, sem descobrir nenhuma pista para guiá-la, e muito tímida para se dirigir a qualquer pessoa que pudesse encontrar por acaso. Fadiga e medo adicionaram a suas outras dores, e lágrimas escorriam abundantemente por suas bochechas enquanto continuava sua jornada desesperançosa! Por fim, na esquina de uma rua, ela reconheceu uma imagem da Madona em um nicho, com uma lâmpada acesa sobre ela, familiar à sua lembrança como próximo de sua casa. Com característica devoção, ela se ajoelhou diante dela em agradecimento e orava por Lorenzo, quando o som de passos a fez pular, e a voz de seu irmão a saudou, e seus braços a envolveram; parecia um milagre, mas ele estava lá, e todos os seus medos acabaram.

Lorenzo ansiosamente perguntou para onde ela ia; sua explicação logo foi dada; e ele, em troca, relatou os infortúnios da manhã — o destino que se abateu sobre ele, evitado pela generosa intercessão do próprio jovem Fabian; e ainda assim — ele hesitou em revelar a amarga verdade — não fora livremente perdoado — ele era um homem banido, condenado a morrer se o sol da manhã o encontrasse dentro dos muros de Siena.

Enquanto isso, eles haviam chegado em sua casa; e com cuidado feminino Flora colocou uma simples refeição diante de seu irmão, então ocupou-se a fazer diversos pacotes. Lorenzo andava pela sala, absorvido em pensamento; afinal ele parou, e beijando a bela moça, disse:

— Onde posso colocá-la em segurança? Como preservá-la, minha flor de beleza, enquanto estivermos separados?

Flora ergueu os olhos com medo.

— Não irei com você? — ela perguntou — Eu me preparava para nossa viagem.

— Impossível, querida; eu vou para privações e dificuldades.

— E eu as partilharei com você.

— Não pode ser, querida irmã — respondeu Lorenzo — o destino nos divide e devemos nos entregar. Eu irei para acampamentos — para a sociedade de homens rudes; lutar com tal fortuna não pode me prejudicar, mas para você

seria repleta de perigo e desespero. Não, minha Flora, devo providenciar uma tutela segura e honrosa para você, mesmo nesta cidade.

E novamente Lorenzo meditou profundamente sobre o papel que deveria tomar, até de repente surgir um pensamento em sua mente.

— É perigoso — ele murmurou — e ainda assim eu estou errado em chamá-lo assim. Se nossos destinos estivessem invertidos, eu não me consideraria altamente honrado por tal confiança?

E então ele disse a sua irmã para apressadamente vestir seus melhores trajes; envolver-se com o véu e vir com ele. Ela obedeceu, pois a obediência a seu irmão era o primeiro e mais querido de seus deveres. Mas ela chorou amargamente enquanto seus dedos trêmulos trançavam seus longos cabelos, e ela rapidamente trocava de vestido.

Por fim, voltaram a caminhar e prosseguiram devagar, enquanto Lorenzo empregava os preciosos minutos para consolar e aconselhar sua irmã. Ele prometeu retornar tão rápido quanto pudesse; mas se ele não aparecesse tão logo quanto desejasse, ainda assim jurava solenemente que, se estivesse vivo e livre, ela o veria dentro de cinco anos a partir do momento da partida. Se ele não viesse antes, rogava-lhe sinceramente para ter paciência e esperar pelo melhor até o término desse período; e a fez prometer não se vincular a nenhum voto vestal ou matrimonial nesse ínterim. Eles haviam chegado ao seu destino e entraram no pátio de um palácio espaçoso. Não encontraram servos; deste modo atravessaram o pátio e subiram a ampla escadaria. Flora empenhava-se para ouvir o irmão. Ele pediu por seu bom ânimo e estava prestes a deixá-la; disse para que ela tivesse esperança; e falou de uma ausência que duraria cinco anos — um prazo interminável para suas expectativas juvenis. Ela prometeu obediência, mas sua voz foi sufocada por soluços, e seus membros trêmulos não a teriam sustentado sem a ajuda dele. Ela agora percebia que entravam nos aposentos iluminados e habitados de uma residência nobre, e tentou conter as lágrimas, enquanto puxava o véu para perto de si. Passaram de sala em sala, onde se faziam os preparativos para uma festa; os criados os conduziram, como se fossem convidados, e os levaram a um salão cheio de toda a nobreza e beleza de Siena. Cada olho se voltou com curiosidade e admiração para o par. A alta estatura de Lorenzo e a expressão altiva de seu belo semblante fizeram as damas encará-lo com bons olhos, enquanto os cavaleiros tentavam espiar sob o véu de Flora.

— É uma mera criança — diziam — e uma criança infeliz. Qual pode ser o significado disso?

O jovem mestre da casa, no entanto, imediatamente reconheceu o visitante inesperado e não convidado; mas antes de poder perguntar o significado de sua vinda, Lorenzo avançou com a irmã até o local onde estava e

se dirigiu a ele.

— Nunca pensei, Conde Fabian, estar sob seu teto, e muito menos me aproximar de você como um solicitante. Mas esse Poder Supremo, a cujos decretos todos devemos nos curvar, me reduziu a tal adversidade que, se for Sua vontade, também pode visitá-lo, apesar dos muitos amigos que agora o cercam e do sol da prosperidade que desfruta. Permaneço de pé aqui como um homem banido e um pedinte. Tampouco reclamo desse meu destino. Estou bem disposto que meu braço direito sozinho crie minhas fortunas; e, com a bênção de Deus, espero assim dirigir meu percurso, para que ainda possamos nos encontrar em termos mais iguais. Nesta esperança eu desvio meus passos, relutante, desta cidade; querida como seu nome é para meu coração — e queridas as associações ligando suas torres orgulhosas com a memória de meus antepassados. Deixo-a um soldado do destino; como voltarei está escrito na página não lida onde seu futuro é traçado, assim como o meu. Mas minha responsabilidade não termina comigo. Meu pai me deixou esta criança em seu leito de morte, minha irmã órfã, a quem até agora cuidei com amor de pai. Eu desempenharia muito mal o papel confiado a mim, se eu arrastasse esta flor delicada de seu caramanchão nativo para as estradas rudes da vida. Conde Fabian, não posso considerar homem nenhum um amigo; pois parece que seus sorrisos conquistaram os corações de meus concidadãos; e a morte e o exílio trataram de tal maneira minha casa, que nenhum de meu nome existe dentro dos muros de Siena. Somente a você posso confiar esta preciosa carga. Você pode aceitá-la até ser chamado a devolvê-la a mim, seu irmão, ou às mãos mais justas de nosso Criador, pura e imaculada como agora a entrego a você? Peço-lhe que proteja seu desamparo, que guarde sua honra; você aceita — ousa aceitar um tesouro, com a garantia de restaurá-lo intacto, ileso?

A voz profunda e expressiva do nobre jovem e sua fervorosa eloquência acorrentaram os ouvidos de toda a assembleia; e quando ele cessou, Fabian, orgulhoso do apelo, e nada relutante no vigoroso espírito da juventude em assumir uma tarefa que, assim apresentada diante de seus parentes e amigos reunidos, tornou-se uma honra, respondeu prontamente:

— Concordo, e solenemente diante dos Céus aceito sua oferta. Declaro-me o guardião e protetor de sua irmã; ela habitará em segurança sob os cuidados de minha bondosa mãe, e se os santos permitirem seu retorno, será devolvida a você tão imaculada quanto agora.

Lorenzo inclinou a cabeça; algo sufocou sua fala ao pensar que estava prestes a se separar para sempre de Flora; mas se negava a mostrar essa fraqueza diante de seus inimigos. Ele pegou a mão de sua irmã e a encarou com sincero carinho, então murmurando uma bênção sobre ela, e beijando sua testa, ele novamente saudou Conde Fabian, e virando-se com passos medidos e

semblante altivo, saiu do salão. Flora, mal entendendo o que havia acontecido, permaneceu tremendo e chorando sob o véu. Ela entregou a mão passiva a Fabian, que, conduzindo-a até sua mãe, disse:

— Senhora, peço a sua bondade e a indulgência maternal que sempre demonstrou, e me ajude a cumprir minha promessa, tomando sob sua graciosa responsabilidade esta jovem órfã.

— Você é o comandante aqui, meu filho — disse a condessa —, e sua vontade será obedecida.

Em seguida, fazendo um sinal a uma de suas atendedoras, Flora foi conduzida do saguão para onde, em solidão e silêncio, chorou a partida do irmão e sua estranha posição.

Deste modo Flora tornou-se uma prisioneira no lar de seus inimigos ancestrais e protegida do inimigo mais amargo de sua casa. Lorenzo se fora, ela não sabia para onde, e seu único prazer consistia em refletir que ela obedecia às suas ordens. Sua vida era uniforme e tranquila. A sua ocupação era a tapeçaria, na qual demonstrava bom gosto e habilidade. Às vezes lhe era imposta a tarefa mais mortificante de servir a Condessa de' Tolomei, que, tendo perdido dois irmãos na última disputa com os Mancini, nutria um ódio profundo por toda a raça e nunca sorria para a desafortunada órfã. Flora sujeitou-se a todos os comandos impostos a ela. Encorajava-se ao refletir que seus sofrimentos lhe foram colocados por Lorenzo; disciplinando-se em qualquer momento de impaciência pela ideia de que deste modo ela compartilhava sua adversidade. Nenhum murmúrio lhe escapava, embora seu natural orgulho e a independência muitas vezes fossem cruelmente ofendidos pelas zombarias e ar arrogante de sua patrona ou senhora, que não era uma mulher má, mas considerava virtude maltratar um Mancini. Muitas vezes ela não ouvia nem prestava atenção a essas coisas. Seus pensamentos estavam distantes, e a dor pela perda da companhia de seu irmão pesava demais para se permitir gastar mais do que um suspiro passageiro em seus ferimentos pessoais.

A condessa era grosseira e arrogante, mas companheiras de Flora eram diferentes. Eram moças amáveis e afetuosas, quer da classe burguesa, ou filhas de dependentes da casa de Tolomei. O longo tempo decorrido desde a derrubada dos Mancini havia apagado de suas mentes jovens o amargo dever do ódio, e era-lhes impossível viver diariamente com a filha órfã dessa raça malfadada, e não se apegar fortemente a ela. Ela era totalmente desprovida de egoísmo e satisfazia-se em realizar suas tarefas diárias em um silêncio inofensivo. Não tinha inveja, nenhuma vontade de destacar-se, nenhum desejo de prazer. Ela, porém, estava sempre pronta para se simpatizar com suas companheiras e contente em poder auxiliar sua felicidade. Ajudá-las na fabricação de alguma peça refinada; assistir em seu trabalho; e, perfeitamente

prudente e reservada, ouvir todas as suas aventuras sentimentais; dar seus melhores conselhos e ajudá-las em qualquer dificuldade eram os meios simples que ela usava para conquistar seus corações descomplicados. Eles a chamavam de anjo; admiravam-na como uma santa, e em seus corações a respeitavam mais do que a própria condessa.

Um único assunto perturbava a serena melancolia de Flora. Os elogios que ela sempre ouvia prodigalizados ao conde Fabian, o rival e opressor muito bem-sucedido de seu irmão, era um acréscimo insuportável a suas outras dores. Contenta com sua obscuridade, sua ambição, seu orgulho, seus pensamentos aspirantes eram gastos em seu irmão. Ela odiava o conde Fabian como o destruidor de Lorenzo e a causa de seu infeliz exílio. Suas realizações ela desprezava como coloridas vaidades; sua pessoa ela desprezava como o oposto do protótipo de seu irmão. Seus olhos azuis, claros e abertos como o dia; sua pele alva e cabelos castanhos claros; sua estrutura leve e elegante; sua voz, cujos tons de canção conquistavam o coração de cada ouvinte com ternura e amor; sua sagacidade, seu perpétuo fluxo de vivacidade e seu inalterável bom humor eram impertinências e frivolidades para ela, que acalentava com tanto carinho a lembrança de seu irmão sério, ardente e de coração nobre, cuja alma sempre se colocava em pensamentos elevados, e devotado a atos de virtude e autossacrifício; cuja coragem e cortesia afetuosa lhe pareciam a coroa e a glória da masculinidade; quão diferente da leviandade de Fabian!

— Diga o nome da águia — ela refletia — e levantamos nossos olhos para o céu, para assim contemplar uma criatura moldada na generosidade da Natureza; mas é uma degradação desperdiçar um pensamento no inseto de um dia.

Algun discurso semelhante a este foi gentilmente relatado à senhora mãe do jovem conde, que idolatrava o filho como ornamento e deleite de sua época e país. Ela repreendeu severamente a incauta Flora, que, pela primeira vez, ouviu com orgulho e inflexibilidade. A partir desse período, sua situação tornou-se mais incômoda; tudo o que podia fazer era se esforçar para se afastar inteiramente da observação dos outros e meditar sobre sua integridade, enquanto lamentava ainda mais profundamente a ausência de seu irmão.

Dois ou três anos assim passaram, e Flora cresceu de uma menina de aparência infantil de doze anos, para a beleza fascinante de quinze. Ela se abriu como uma flor, cujas pétalas mais belas ainda estão fechadas, mas cuja beleza meio velada é ainda mais atraente. Foi nessa época que, por ocasião de uma homenagem a um príncipe da França, de passagem por Nápoles, a Condessa Tolomei e seu filho, com uma comitiva de amigos e seguidores, saíram ao encontro e escoltaram o viajante real em seu caminho. Reunidos no salão do palácio e esperando a chegada de alguns deles, o conde Fabian cumprimentava

o círculo da mãe, dizendo coisas agradáveis e alegres a todos. Onde quer que seus animados olhos azuis se iluminassem, sorrisos eram despertados e cada jovem coração batia com vaidade em suas lisonjas inofensivas. Depois de um ou dois discursos galantes, ele avistou Flora, afastada atrás de suas companheiras.

— Que flor é essa? — disse ele. — Brincando de esconde-esconde com sua beleza? — E então, impressionado com a doçura modesta de seu aspecto, seus olhos baixos e um rubor rosado cobrindo sua bochecha, acrescentou: — Que belo anjo se faz de sua companhia?

— Um anjo realmente, meu senhor — exclamou uma das garotas mais novas, que adorava sua melhor amiga —, ela é Flora Mancini.

— Mancini! — exclamou Fabian, enquanto seus modos se tornaram ao mesmo tempo respeitosos e amáveis. — Você é a filha órfã de Ugo. A irmã de Lorenzo, entregue por ele aos meus cuidados?

Pois desde então, através do cuidadoso esquívamento de Flora, Fabian nunca tinha visto sua bela protegida. Ela curvou-se em concordância às suas perguntas, enquanto seu coração dilatado negava sua fala; e Fabian, aproximando-se da mãe, disse:

— Senhora, espero por nossa honra que isso não tenha acontecido antes. A fortuna adversa desta jovem pode tornar o isolamento e a obscuridade adequados; mas não cabe a nós tornarmos um servil alguém nascido do melhor sangue da Itália. Deixe-me implorar-lhe, não permita que isso ocorra novamente. Como devo resgatar minha honra prometida, ou responder ao irmão dela por essa degradação indigna?

— Sugere que eu faça de uma Mancini uma amiga e companheira? — perguntou a condessa, com o rubor lhe subindo ao rosto.

— Não peço, mãe, que faça nada que lhe desagrade — respondeu o jovem nobre —, mas Flora é minha tutelada, não nossa serva — permita que ela se retire; provavelmente preferirá a privacidade do lar, a fazer parte da multidão festiva de inimigos de sua casa. Se não, deixe que a escolha seja dela — diga, garota delicada, você irá conosco ou prefere se retirar?

Ela não falou, mas erguendo os olhos suaves, fez uma reverência para ele e para a mãe e saiu do salão; deste modo, tacitamente fazendo sua escolha.

A partir desse momento Flora nunca mais deixou os aposentos mais isolados do palácio, nem voltou a ver Fabian. Ela não soube como seus elogios à sua beleza foram profusos; e que, embora frequentemente expressasse seu interesse por sua pupila, evitava o poder perigoso de sua beleza. Ela levava uma vida de prisioneira, andando apenas no jardim do palácio quando não havia mais ninguém, mas fora isso seu tempo estava à sua disposição, e nenhum comando agora interferia em sua liberdade. Seus trabalhos eram todos

espontâneos. A condessa raramente a via, e ela vivia entre os criados desta senhora como uma pensionista livre em um convento; que não consegue sair dos muros, mas não subserviente às regras do asilo. Ela estava mais ocupada do que nunca em sua moldura de tapeçaria, porque a condessa valorizava seu trabalho; e assim ela poderia, em algum grau, retribuir a proteção concedida a ela. Ela nunca mencionava Fabian e sempre impunha silêncio às companheiras quando falavam dele. Mas não o fazia em termos desrespeitosos.

— Ele é um inimigo generoso, eu reconheço — ela dizia — mas ainda é meu inimigo, e enquanto, devido a ele, meu irmão for um exilado e um errante, para mim é doloroso ouvir seu nome.

Após o lapso de muitos meses passados em total reclusão e tranquilidade, ocorreu uma mudança no teor de sua vida. A condessa repentinamente resolveu passar o festival da Páscoa em Roma. As companheiras de Flora exultaram-se em alegria com a perspectiva da viagem, a novidade e a diversão que se prometeram com essa visita, e se compadeceram da dignidade da amiga, que a impedia de fazer uma no séquito da patroa; pois logo se entendeu que Flora seria deixada para trás; e ela foi informada de que deveria passar o intervalo da ausência da senhora em uma vila pertencente à família, situada em um recanto isolado entre os Apeninos vizinhos.

A condessa partiu com pompa e circunstância em sua peregrinação à cidade sagrada, e ao mesmo tempo Flora foi enviada para seu retiro rural. A vila era habitada apenas pelo camponês e sua família, que cultivavam a fazenda, ou podere, anexa a ela, e a velha cassiere ou governanta. A alegria e liberdade do campo eram deliciosas, e toda a solidão condizente com os hábitos da menina meditativa, acostumada ao confinamento da cidade e à tagarelice intrusiva de suas companheiras. A primavera iniciava com toda a beleza que aquela estação derrama sobre sua querida Itália. As amendoeiras e os pessegueiros estavam em flor; e o agricultor cantava em seu trabalho, empoleirado com sua podadeira entre as vinhas. Botões e flores, em abundância risonha, enfeitavam o solo; e as árvores, cheias de brotos prestes a se expandir em folhas pareciam sentir a vida animando seus velhos galhos escuros. Flora ficou encantada; os trabalhos do campo a interessavam, e a experiência acumulada da velha Sandra era um tesouro de sabedoria e diversão. Até então, sua atenção estava voltada para dar os tons mais vívidos e a imitação mais verdadeira à sua transcrição com a agulha de algum quadro dado como modelo; mas aqui estava uma nova ocupação. Ela aprendeu a história das abelhas, observou os hábitos dos pássaros e investigou o cultivo das plantas. Sandra estava maravilhada com sua nova companheira; e, embora notória por ser zangada, ainda podia contorcer seus velhos lábios em sorrisos para Flora.

Para retribuir a gentileza de seu tutor e de sua mãe, ela ainda dedicava

muito tempo à sua agulha. Essa ocupação envolvia apenas metade de sua atenção; e enquanto prosseguia, podia entregar-se a um devaneio interminável sobre o destino de Lorenzo. Três anos se passaram desde que ele a deixou; e, exceto por uma pequena cruz de ouro trazida por um peregrino de Milão, um mês após sua partida, não recebera notícias dele. Se de Milão ele tinha seguido para a França, Alemanha ou Terra Santa, ela não sabia. Por vezes, sua imaginação o levou a qualquer um desses lugares e moldou o curso dos eventos que poderiam ter acontecido com ele. Ela imaginou suas penosas jornadas — sua vida no campo — suas realizações e as honras derramadas a ele por reis e nobres; sua bochecha brilhava com os elogios que ele recebia, e seus olhos se iluminavam de prazer ao imaginá-lo de pé, com orgulho modesto e um semblante ereto, mas gentil diante deles. Então a bela entusiasta parava; o pensamento de que se tudo tivesse corrido bem, ele teria retornado para partilhar sua prosperidade com ela, cruzava sua mente como uma sombra, e seu coração vacilante voltava-se a cenas mais tristes para explicar sua prolongada ausência.

Às vezes, enquanto assim empregada, ela trazia seu trabalho para a treliça do jardim, ou, quando estava muito quente para sair ao ar livre, tinha uma janela sombreada favorita, que dava para uma ravina profunda em um bosque majestoso, de onde o som de água caindo atingia seus ouvidos. Um dia, enquanto usava os dedos sobre a espirituosa imagem de um cão, parte da peça de caça que trabalhava para a condessa, um grito agudo e lamentoso de repente chegou a seus ouvidos, seguido por trotes de cavalos e passos e vociferações altas de homens. Entraram na vila pelo lado oposto ao de sua janela; mas, continuando o barulho, ela se levantou para perguntar o motivo, quando Sandra irrompeu em seu aposento, gritando:

— Ó Madonna! Ele está morto! Foi jogado do cavalo e nunca mais há de falar.

Flora por um instante só conseguiu pensar no irmão. Passou correndo pela idosa, desceu para o grande salão, no qual, deitado sobre uma rude cama de galhos, viu o corpo inanimado do conde Fabian. Estava cercado por servos e camponeses, que juntavam suas mãos uma na outra e arrancavam seus cabelos enquanto, com gritos assustadores, permaneciam ao redor de seu senhor, nenhum deles se esforçando para trazê-lo de volta à vida. O primeiro impulso de Flora foi se retirar; mas, lançando um segundo olhar para o semblante lívido do jovem conde, ela viu suas pálpebras se moverem e o sangue caindo em gotas rápidas de seus cabelos ao chão. Ela exclamou:

— Ele não está morto — ele sangra! Corram, alguns de vocês, vão buscar um médico!

E enquanto isso ela se apressou para pegar um pouco de água, borrifou

em seu rosto, e, dispersando o grupo que o impedia o ar livre, a brisa brincando em sua testa o reanimou, e ele deu sinais de vida; deste modo, quando o médico chegou, descobriu que, embora estivesse grave e até perigosamente ferido, podia-se nutrir esperanças de sua recuperação.

Flora assumiu a posição de sua enfermeira e cumpriu suas funções com atenção incansável. Ela o vigiava à noite e o servia durante o dia com aquele espírito de humildade e benevolência cristã que anima uma Irmã de Caridade ao cuidar dos doentes. Por vários dias, a alma de Fabian parecia estar prestes a deixar sua morada terrena; e o estado de fraqueza seguindo sua insensibilidade foi pouco menos alarmante. Por fim, ele identificou e reconheceu o cuidado de Flora, e, somente ela podia acalmá-lo e guiá-lo durante o estado de irritabilidade e febre que se seguiu então. Nada, exceto sua presença, controlava a impaciência do conde; diante dela ele se parecia tanto com um cordeiro que ela mal acreditava nos relatos de sua violência vindos de outras pessoas, entretanto, quando ela retornava, depois de deixá-lo por algum tempo, ouvia sua voz repleta de raiva ao longe e ao chegar via suas bochechas coradas e os olhos brilhantes, todas as demonstrações que se transformavam em dócil aquiescência quando ela se aproximava.

Em algumas semanas, ele pode sair de seus aposentos; mas qualquer barulho ou som repentino o levava quase à loucura. Tão altos são os movimentos mais silenciosos de um italiano, que Flora foi obrigada a impedir a aproximação de qualquer um, exceto dela mesma; e sua voz suave e passos mansos eram o remédio mais doce a ser administrado ao seu paciente. Era doloroso para ela auxiliar o rival e inimigo de Lorenzo, mas ela limitou seu coração ao dever, e o hábito ajudou a apaziguá-la. À medida que ele melhorava, ela não pôde deixar de notar sua inteligência e como era gentil e cordial. Ele tinha uma atenção e um cuidado discreto e delicado em relação a ela que lhe agradou. Quando ele conversava, sua fala era cheia de entretenimento e variedade. Ele conhecia de memória diversos fabliaux^[226], novelas e romances, que ele rapidamente descobriu serem altamente interessantes para ela, e deste modo tinha um sempre pronto, vindo de seu estoque inesgotável. Essas histórias românticas a lembravam das aventuras imaginárias inventadas por ela em sua solidão e silêncio, para o irmão; e cada história de países estrangeiros tinha um encanto peculiar, que animava seu rosto enquanto ouvia e Fabian poderia ter continuado para sempre, apenas para notar a expressão de seu semblante enquanto contava. No entanto, ela via essas suas atrações como uma freira católica talvez perceba as virtudes ilusórias de um herege; e, enquanto ele se esforçava a cada dia para aumentar o prazer vindo de sua companhia, ela satisfazia sua consciência em relação ao irmão nutrindo em segredo um pouco de ódio da família, e lançando em suas

maneiras, sempre que podia lembrar, um tom frio e cerimonioso, que tinha o prazer de ver irritá-lo.

Quase dois meses se passaram, e ele estava tão bem recuperado que Flora começou a se perguntar se ele não retornaria para Siena e, claro, cumprindo assim seu dever, ela desejava que voltasse; e, no entanto, enquanto suas bochechas estivessem tão fundas pela doença passada, e seus passos outrora vigorosos ainda lentos, ela, como uma enfermeira desejando completar seu bom trabalho, sentia-se contrária que ele entrasse cedo demais na cena da cidade movimentada e seus prazeres barulhentos. Por fim, dois ou três de seus amigos vieram vê-lo, ele concordou em voltar com eles para a cidade. Um olhar significativo lançado sobre sua jovem enfermeira provavelmente o determinou. Ele se separou dela com uma grave cortesia e uma profusão de agradecimentos, ao contrário de sua maneira habitual, e partiu sem aludir a qualquer probabilidade de encontrá-la novamente.

Flora imaginou-se liberta de um fardo quando ele partiu, e surpreendeu-se ao perceber como os dias se tornavam tediosos, mortificou-se ao dar-se conta de seus pensamentos já não se concentrarem tão espontaneamente no irmão, e ao sentir que a ocupação de algumas semanas poderia desequilibrar sua mente e dissipar seus estimados devaneios; assim, ao mesmo tempo em que sentia a ausência de Fabian, irritava-se ainda mais com ele por ter, além de seus outros delitos, invadido o santuário de seus pensamentos mais queridos. Estava começando a vencer essa indiferença e a retornar com entusiasmo renovado às suas ocupações habituais, quando, cerca de uma semana após sua partida, Fabian voltou de repente. Ele a encontrou quando colhia flores para o santuário de Nossa Senhora; e, ao vê-lo, ela enrubesceu tanto quanto as rosas que segurava. Ele parecia infinitamente pior de saúde do que quando partiu. Suas bochechas pálidas e olhos fundos deixaram-na preocupada; e suas perguntas sérias e gentis o reanimaram um pouco. Ele beijou sua mão e continuou ao lado dela enquanto terminava o ramalhete. Se alguém tivesse visto o olhar alegre e afetuoso com que ele a observava enquanto ela se ocupava entre as flores, até a velha Sandra poderia ter antecipado sua recuperação completa sob seus cuidados.

Flora desconhecia totalmente os sentimentos despertando no coração de Fabian, e a luta feita pelo conde para vencer uma paixão tão doce e sedutora, quando despertada por um ser tão adorável, para ser sempre contida. Ele fora arrebatado por sua beleza há algum tempo atrás, e a evitou. Foi por sugestão dele que ela passou o período da peregrinação da condessa nesta vila isolada. Ele nem havia pensado em visitá-la ali; mas, cavalgando um dia para perguntar sobre um de seus potros, seu cavalo o derrubou e causou-lhe o ferimento que o tornara por tanto tempo o recluso da mesma morada. Já preparado para

admirá-la — sua bondade, sua gentileza e sua paciência incansável durante sua doença, conquistaram facilmente um coração já muito pronto e ainda mais relutante em ceder. Ele retornara a Siena decidido a esquecê-la, mas voltou certo de que sua vida e sua morte estavam em suas mãos.

A princípio, o conde Fabian havia se esquecido que tinha de superar apenas seus próprios sentimentos e preconceitos, e os de sua mãe e parentes; mas quando a tirania do amor os venceu, ele começou a temer um impedimento mais intransponível em Flora. O primeiro sussurro de amor caiu como pecado mortal em seu ouvido; e perturbada, até zangada, ela respondeu:

— Acho que você se esquece completamente quem sou, e o que você é. Não falo de rixas antigas, embora estas seriam suficientes para nos dividir para sempre. Saiba que eu o odeio como o tirano do meu irmão. Devolva-me Lorenzo — chame-o do exílio — apague a memória de tudo o que ele sofreu através de você — ganhe seu amor e aprovação; e quando cumprir tudo isso, o que nunca pode ser, fale uma língua que agora é para mim como ouvir a amargura da morte!

E assim dizendo, ela se retirou apressadamente, a fim de esconder as torrentes de lágrimas que esse insulto, como ela o chamava, havia causado; lamentar ainda mais profundamente a ausência de seu irmão e sua dependência.

Fabian não seria silenciado tão facilmente; e Flora não desejava renovar cenas e expressões de violência tão estranhas à sua natureza. Ela impôs uma regra a si, e nunca se desviando desta, esperava destruir o amor de mau agouro do seu protetor. Ela se isolou o máximo possível; e junto dele assumiu uma indiferença arrepiante, e manifestou em seu silêncio uma rejeição tão absoluta e fria de todas as suas persuasões, que se o amor não tivesse, com suas esperanças invencíveis, reinando absolutamente no coração do jovem Fabian, ele teria se desesperado. Ele deixou de falar de sua afeição, para reconquistar sua antiga amizade. Isso foi difícil no início; pois ela era tímida como um pássaro jovem, cujos pés tocaram galhos pegajosos. Mas naturalmente ingênua e bastante inexperiente, ela logo começou a acreditar ter exagerado em seu alarme e a retomar os hábitos de intimidade que até então existiam entre eles. Aos poucos, Fabian conseguiu insinuar a existência de seu apego — não pôde evitar. Não pediu retorno; esperaria a chegada de Lorenzo, que tinha certeza de que não poderia estar muito longe. O desagrado dela não poderia mudar, nem o silêncio destruir, um sentimento que sobreviveu apesar de ambos. Arraigada em sua frieza e indiferença, ela esperava cansá-lo com sua guerra defensiva, e imaginou que ele logo cessaria sua perseguição com repulsa.

A condessa havia ficado longe por muito tempo; passou a festa de San Gennaro em Nápoles e não recebeu notícias do acidente do filho. Esperavam

agora seu retorno; e Fabian decidiu voltar a Siena a tempo de recebê-la. Tanto ele quanto Flora se surpreenderam um dia, quando ela de repente entrou no aposento onde ambos estavam. Flora há muito insistia categoricamente para ele não interrompê-la enquanto trabalhasse em seu bastidor de bordar; mas naquele dia ele tinha dado um pretexto tão bom, que pela primeira vez foi admitido, e depois ela lhe permitiu ficar alguns minutos — agora nenhum dos dois sabia quanto tempo; ela estava ocupada em seu trabalho; e ele sentado perto, olhando sem reprovação para seu rosto inconsciente e figura graciosa, sentiu-se mais feliz do que nunca.

A condessa ficou bastante surpresa e não pouco zangada; mas antes que ela pudesse fazer mais do que uma exclamação, Fabian interrompeu, suplicando-lhe que não estragasse tudo. Ele a afastou; fez suas próprias explicações e insistiu em sua aspiração com irresistível persuasão. A condessa costumava satisfazer a todos os seus desejos; era-lhe impossível negar qualquer pedido; sua persistência, agitação, suas súplicas quase a ganharam; e o relato de seu acidente, e suas garantias, reiterados por toda a família, de que Flora lhe salvara a vida, completaram a conquista, e ela se tornou, por sua vez, peticionária em favor do filho para a filha órfã de Mancini.

Flora, educada até os doze anos pelo irmão que nunca dava atenção aos próprios prazeres e desejos, mas seguia no caminho do dever, independentemente da dor ou da decepção, não tinha a menor ideia de fazer qualquer coisa apenas porque ela ou outros quisessem. Desde aquela época, ela fora lançada a seus próprios recursos; e acalentando zelosamente sua individualidade, todos os sentimentos de seu coração se fortaleceram pela solidão e por uma sensação de independência mental. Ela era a menos propensa a seguir a corrente ou ceder à mera influência das circunstâncias. Ela sentia, ela sabia, o que lhe cabia fazer, e isso deveria ser feito apesar de qualquer discussão.

As exortações e súplicas da condessa de nada serviram. A promessa feita ao irmão de não se comprometer por nenhum voto por cinco anos deveria ser mantida em todos os eventos; foi pedido a ela na hora triste e solene de sua separação, e deste modo era duplamente sagrado. Tão decididos, de fato, eram seus sentimentos, que o menor desejo que poderia ter sido expresso por Lorenzo, tinha mais peso se comparados aos pedidos mais urgentes de outra pessoa. Ele era parte de sua religião; a reverência e o amor por ele haviam sido moldados na substância de sua alma desde a infância; sua própria separação tendia a tornar esses sentimentos irreversíveis. Ela meditou sobre eles por anos; e quando nenhuma simpatia ou bondade generosa lhe foi concedida — quando a condessa a tratou como uma inferior e dependente, e Fabian se esqueceu de sua existência, ela viveu de mês em mês e de ano em ano,

apreciando a imagem de seu irmão, e foi apenas capaz de tolerar os aborrecimentos afligindo sua existência, por considerar sua paciência, sua fortaleza e sua obediência, como oferendas no santuário dos desejos de seu amado Lorenzo.

É verdade que a disposição generosa e bondosa de Fabian, a fez olhá-lo com um sentimento próximo da ternura, embora essa emoção fosse débil, mera oscilação das ondas, comparada à poderosa maré de afeição que lhe punha toda a vontade em uma só direção e a fazia considerar tudo trivial, exceto o retorno de Lorenzo — a existência de Lorenzo — obediência a Lorenzo. Ela ouvia as persuasões de seu amante tão inflexivelmente que a condessa foi provocada por sua irredutibilidade; mas ela suportava suas censuras com tanta suavidade e sorria tão docemente que Fabian ficava ainda mais encantado. Ela admitiu que lhe devia uma certa submissão como guardião escolhido por seu irmão; Fabian teria trocado de bom grado essa autoridade pelo prazer de ser comandado por ela; mas esta era uma honra que ele não poderia alcançar, então, em despeito brincalhão, ele assegurava concessões dela. A seu desejo, ela apareceu na sociedade, vestida como convinha a sua posição, e preencheu em sua casa o lugar que uma irmã dele teria ocupado. Ela preferia a reclusão, mas era avessa a conflitos, e ela não cedia muito, enquanto o propósito de sua alma estava tão fixo como sempre.

O quinto ano de exílio de Lorenzo logo chegaria ao fim, mas ele não voltou, nem receberam notícias dele. O decreto de seu banimento havia sido revogado, os bens de sua casa restaurados e seu palácio, sob os cuidados generosos de Fabian, reconstruído. Esses atos exigiam e despertavam a gratidão de Flora; no entanto, foram executados despretensiosamente, como se os cidadãos de Siena de repente tivessem se tornado justos e sábios sem a interferência do conde. Mas essas coisas se reduziram a ninharias, enquanto a contínua ausência de Lorenzo parecia o pacto de sua eterna miséria; e o implícito apelo à sua afeição, enquanto ela não pensava senão no irmão, levou-a ao desespero. Flora não podia mais tolerar a dolorosa anomalia de sua situação; não podia suportar o suspense pelo destino do irmão, nem os olhares de reprovação da mãe de Fabian e seus amigos. Ele, entretanto, era mais generoso — leu o coração dela e, quando se aproximava o fim do quinto ano, deixou de aludir aos seus sentimentos e parecia tão envolvido quanto ela em dúvidas sobre o destino do nobre jovem, a quem eles mal podiam alimentar a esperança de ver novamente. Isso era um pequeno consolo para Flora. Ela havia resolvido que quando a conclusão do quinto ano lhe assegurasse a perda de seu irmão para sempre, ela nunca mais veria Fabian novamente. A princípio decidiu refugiar-se em um convento e na santidade dos votos religiosos. Mas ela se lembrava de como Lorenzo sempre se mostrara avesso a essa vocação e

como preferira colocá-la sob o teto de seu inimigo do que dentro das paredes de um convento. Além disso, jovem como era e, apesar de si mesma, cheia de esperança, esquivava-se de fechar as portas da vida para sempre. Apesar de seus medos e tristezas, ela se agarrou à crença de que Lorenzo vivia; e isso a levou a outro plano. Quando recebeu sua pequena cruz de Milão, veio junto de uma mensagem de que ele acreditava ter encontrado um bom amigo no arcebispo daquele lugar. Este prelado, portanto, saberia para onde Lorenzo havia voltado seus passos, e a ele ela resolveu se candidatar. Ela facilmente formou um esquema; tomou posse de um traje de peregrina e decidiu, no dia seguinte ao do quinto ano, partir de Siena e seguir para a Lombardia, levada pela esperança de obter alguma notícia de seu irmão.

Enquanto isso, Fabian tomou uma decisão semelhante. Soubera por Flora, que Lorenzo fora primeiro a Milão, e resolveu visitar aquela cidade, e não voltar sem certas informações. Ele compartilhou seu plano com a mãe, mas implorou-lhe que não dissesse nada a Flora, para que ela não sofresse com duplas dúvidas durante a sua ausência.

Chegou o aniversário do quinto ano, e com ele a véspera dessas diversas e distintas jornadas. Flora havia se retirado para passar o dia na vila mencionada anteriormente. Escolhera ir para lá por várias razões. Sua fuga seria mais fácil ali do que na cidade; e desejava evitar Fabian e sua mãe, agora que estava a ponto de infligir dor severa a ambos. Passou o dia na vila e em seus jardins, refletindo sobre seus planos, lamentando a quietude de sua vida passada — triste por causa de Fabian — sofrendo amargamente por Lorenzo. Ela não estava sozinha, pois fora obrigada a confiar em uma de suas antigas companheiras e obter ajuda. A pobre Angeline estava terrivelmente assustada com a confiança depositada nela, mas não ousou reclamar ou trair sua amiga; permaneceu ao lado dela durante este último dia, tentando consolá-la e alternadamente chorando junto dela. Ao anoitecer, caminharam juntas pelo bosque adjacente à vila. Flora trouxera consigo sua harpa, mas seus dedos trêmulos se recusavam a tocar suas cordas; deixou-a, deixou a companheira, e partiu sozinha para despedir-se de um lugar consagrado por muitas visitas anteriores. Aqui as árvores frondosas se reuniram em torno dela e a protegiam com sua folhagem espessa; uma torrente descia da rocha vizinha e caía em uma bacia rústica, côncava para recebê-la; depois, transbordando a margem em um ponto, continuava por declives sucessivos, até chegar ao fundo de uma pequena ravina, quando avançava furtivamente em um curso plácido e silencioso. Este sempre foi o local favorito de Flora. O crepúsculo da floresta e o fluxo perpétuo, o trovejar, a pressa e o turbilhão das águas, a variada mesmice dos elementos eternos, de acordo com a melancolia de suas ideias e a sucessão infinita de seus devaneios. Ela chegava ali agora; contemplou a

límpida cascata — pela última vez; uma tristeza suave brilhava em seus olhos, e sua atitude denotava o terno arrependimento preenchendo seu peito; suas longas madeixas lustrosas esvoaçando em elegante desordem, seu véu leve e seu traje simples, porém ricos, refletiam turvos na face lisa das águas impetuosas. Nesse momento, o som de passos mais firmes e viris que os de Angeline atingiram seus ouvidos, e Fabian estava diante dela; ele não pode partir em sua jornada sem vê-la outra vez. Havia cavalgado até a vila e, ao saber que ela se fora, a procurou e a encontrou no recanto solitário onde eles costumavam passar horas juntos, horas da mais pura felicidade para ele. Flora lamentou vê-lo, pois seu segredo estava em seus lábios e, no entanto, resolveu não declará-lo. Ele dividia o mesmo sentimento. O encontro foi, portanto, curto, e nenhum dos dois aludiu ao que estava mais próximo do coração de cada um. Despediram-se com um simples “Boa noite”, como se tivessem certeza de se encontrar na manhã seguinte; um enganou o outro, e cada um por sua vez foi enganado. Havia mais ternura nos modos de Flora do que jamais houvera; isso alegrou a alma vacilante de Fabian, prestes a abandoná-la, enquanto a expectativa do golpe que ele estava prestes a receber dela a fez julgar esse abrandamento momentâneo para com o inimigo de seu irmão perdoável.

Fabian passou a noite na vila e na manhã seguinte partiu cedo para Milão. Estava impaciente para chegar ao fim de sua trajetória, e diversas vezes pressionou suas esporas nas laterais do cavalo e o colocava em um galope veloz, que mesmo assim parecia lento. No entanto, sabia que sua chegada a Milão não o faria avançar nem um pinga em direção ao seu objetivo final; e pensava na crueldade e indelicadeza de Flora, até a lembrança de sua gentil despedida o consolar e animar.

A primeira noite, ele passou em Empoli e, atravessando o Arno, começou a subir os Apeninos no lado norte. Logo adentrou suas fortalezas e embrenhou-se profundamente na floresta de azevinho. Ele viajou perseverantemente, e ainda assim encontrou muitos obstáculos sofridos com impaciência. Por fim, na tarde do terceiro dia, chegou a uma pequena pousada rústica, escondida no fundo de uma floresta, que parecia ser raramente visitada por viajantes. O sol escaldante a fez um abrigo bem-vindo para Fabian; e ele deixou seu corcel no estábulo, que encontrou já parcialmente ocupado por um belo cavalo preto, e então entrou na estalagem para buscar um refresco para si. Houve certa dificuldade em obter tal coisa. A senhoria era a única doméstica, e demorou muito para aparecer, e quando veio estava preocupada e consternada; um viajante doente havia chegado — um cavalheiro aparentemente morrendo de uma febre maligna. Seu cavalo, sua bolsa bem estocada e roupas ricas mostravam que ele era um cavalheiro de importância — uma pena ainda maior. Não havia ninguém para ajudar, nem meios de levá-lo adiante; no

entanto, metade de sua dor parecia surgir de seu arrependimento por não poder continuar — ele estava tão ansioso para seguir para Siena. O nome de sua cidade despertou o interesse do conde Fabian, e ele subiu para visitar o estranho, enquanto a anfitriã preparava sua refeição.

Enquanto isso, Flora acordou com as galinhas e, com a ajuda de Angeline, vestiu-se em seu traje de peregrina. Da agitação vinda debaixo, ela se surpreendeu ao descobrir que Conde Fabian havia passado a noite na vila, e permaneceu em seus aposentos até que ele tivesse partido, como ela acreditava, para Siena. Então ela abraçou sua jovem amiga, e despedindo-se dela com muitas bênçãos e graças, sozinha, com os Céus, como ela confiava, para seu guia, deixou o abrigo de Fabian, e com um coração que manteve seu propósito apesar de sua timidez feminina, começou sua peregrinação. Sua viagem a pé era lenta, de modo que não havia nenhuma probabilidade de ultrapassar seu amado, já com muitos quilômetros de antecedência. Agora que ela havia começado, seu empreendimento lhe parecia gigantesco, e seu coração quase lhe falhou. O sol ardente a queimava; nunca tendo se encontrado sozinha em uma estrada, mil medos a assaltaram, e ela ficou tão cansada que logo não conseguiu mais se sustentar. A conselho de uma senhoria de uma pousada onde parou, comprou uma mula para ajudá-la em sua longa jornada. Mesmo com essa ajuda, chegou a Empoli na terceira noite, e então cruzando o Arno, como seu amado havia feito antes, suas dificuldades pareciam começar a se desdobrar e tornar-se ainda maiores, quando ela entrou nos bosques escuros do Apeninos, e se viu em meio à solidão de suas vastas florestas. Sua vestimenta de peregrina inspirava algum respeito e ela descansava em conventos pelo caminho. As irmãs piedosas erguiam as mãos em admiração por sua coragem; enquanto seu coração batia debilmente com o conhecimento de que ela não possuía absolutamente nada. No entanto, diversas vezes, repetia para si mesma que, uma vez passados os Apeninos, o pior já teria acabado. Então ela continuou, ora cansada, ora assustada — muito devagar, mas muito ansiosa para seguir em frente.

Na noite do sétimo dia depois de deixar sua casa, ela ainda estava enredada nos labirintos dessas colinas selvagens. Dormiria em um convento naquela noite e no dia seguinte chegaria a Bolonha. Essa expectativa a animou durante o dia; mas a noite se aproximava, o caminho tornava-se mais intrincado e nenhum convento apareceu. O sol havia se posto, e ela procurava com ansiedade ouvir o sino da Ave-Maria, que lhe daria esperança de que seu local de destino estava próximo; mas tudo permanecia em silêncio, exceto os galhos balançando das vastas árvores e as batidas tímidas de seu coração; a escuridão se fechou ao redor dela, e o desespero veio com o aumento da obscuridade, até que uma luz cintilante, revelando-se entre as árvores, lhe

trouxe algum alívio. Ela seguiu esse guia radiante até levá-la a uma pequena estalagem, onde a visão de uma mulher de aparência gentil e a garantia de um abrigo seguro dissiparam seus terrores e a encheram de prazer agradecido.

Vendo-a tão cansada, a atenciosa anfitriã apressou-se a colocar comida diante dela e depois a conduziu a um quartinho baixo, onde sua cama estava preparada.

— Sinto muito, senhora — disse a senhoria em um sussurro — não poder acomodá-la melhor; mas um cavalheiro doente ocupa meu melhor quarto — é próximo a este — e ele dorme agora, e eu não o incomodaria. Pobre senhor! Eu não achei que ele se levantaria mais uma vez; e pelos Céus, ele deve a sua vida a alguém que, se é parente dele ou não, não posso dizer, pois eles não vieram juntos. Quatro dias atrás ele parou aqui, e eu lhe contei minha tristeza — como eu tinha um hóspede moribundo, e ele caridosamente o viu, e desde então cuidou dele mais como um irmão gêmeo do que como um estranho.

A mulher continuou a tagarelar. Flora ouviu pouco do que ela disse; e dominada pelo cansaço e pelo sono, não prestou atenção à sua história. Mas realizando suas orações e colocado a cabeça no travesseiro, rapidamente mergulhou no tão necessário sono agradável.

De manhã cedo, acordou com um murmúrio de vozes no quarto ao lado. Ela se pôs de pé e, recordando seus pensamentos dispersos, tentou se lembrar do relato da anfitriã na noite anterior. O doente falou, mas seu sotaque era baixo e as palavras não a alcançaram — alguém o respondeu — Flora poderia confiar em seus sentidos? Ela não conhecia a voz pronunciando essas palavras?

— Nada tema, o doce sono lhe fez um bem infinito; e me alegre na crença de que você se recuperará rapidamente. Mandeí buscar sua irmã em Siena e realmente espero que Flora chegue hoje mesmo.

Outras palavras seguiram, mas Flora não ouviu; ela havia se levantado e se vestia às pressas; em poucos minutos estava ao lado do irmão, ao lado da cama de seu Lorenzo, beijando sua mão pálida e assegurando-lhe que ela era realmente Flora.

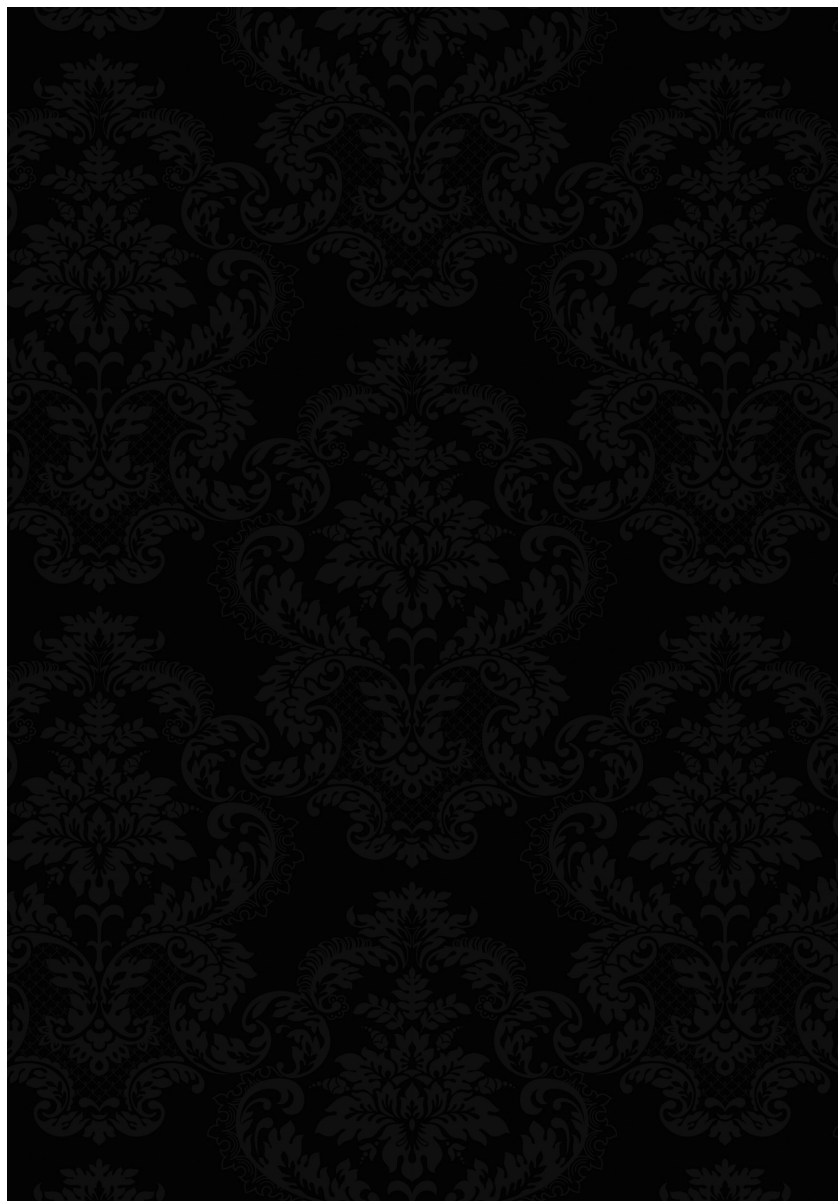
— É realmente um milagre — disse ele por fim — e se você é minha Flora, talvez possa me dizer quem é esse nobre cavalheiro, que dia e noite me vigia, como uma mãe pode fazer com seu filho único, sem tempo para descansar, mas se exaurindo por mim.

— Como, querido irmão — disse Flora —, posso realmente responder à sua pergunta? Mencionar o nome de nosso benfeitor é falar de uma máscara e de um disfarce, não de algo verdadeiro. Ele é meu protetor e guardião, quem cuidou de mim e me preservou enquanto você estava longe; este é o coração mais generoso da Itália, oferecendo inimizades passadas e orgulho familiar

como sacrifícios no altar da nobreza e da verdade. Ele é o restaurador de suas fortunas em sua cidade natal.

— E o amado de minha doce irmã. Ouvi falar dessas coisas e estava a caminho de confirmar sua felicidade e encontrar a minha, quando a doença me deixou tão abatido e teria destruído a nós dois para sempre, se não fosse por Fabian Tolomei.

— Quem agora exerce sua remanescente autoridade para pôr fim a esta cena — interrompeu o jovem conde. — Somente hoje Lorenzo se compôs o suficiente para ouvir qualquer uma dessas explicações, e arriscamos sua recuperação com uma conversa muito longa. A história dessas coisas e a de suas longas andanças, agora tão felizmente terminadas, devemos reservar para uma hora futura; quando reunidos em nossa amada Siena, não mais exilados e inimigos, desfrutaremos por muito tempo da felicidade que a Providência Divina, depois de tantas provações, generosamente nos concedeu.



A GAROTA INVISÍVEL

Título original: The Invisible Girl

Publicado em 1832 na revista The Keepsake, pelo “autor de Frankenstein.”

Esta sucinta narrativa não tem pretensões da regularidade de uma história, ou do desenvolvimento de situações e sentimentos; é apenas um esboço, entregue como foi narrada a mim por um de seus atores mais humildes: nem me demorarei em alguma circunstância interessante por sua estranheza e verdade, mas narrarei, de forma mais concisa o possível, como eu me surpreendi ao visitar o que parecia uma torre em ruínas, coroando um cabo desolado sobre o mar, fluindo entre o País de Gales e a Irlanda, quando descobri que embora o exterior mantivesse toda a rudeza selvagem indicando diversas batalhas com os elementos, o interior foi elaborado talvez como uma casa de verão, pois era pequeno demais para merecer qualquer outro nome. Consistia basicamente no andar térreo, que servia como entrada, e um cômodo acima, que se atingia por uma escada moldada na parede. Este cômodo tinha assoalho e tapetes, decorado com móveis elegantes; e, acima de tudo, para atrair atenção e incitar a curiosidade, pendurado acima da cornija da lareira — pois para preservar o cômodo da umidade era evidente que foi erguida uma lareira, pois tinha uma aparência tão diferente da construção — um quadro simplesmente pintado em aquarela, que, mais do que qualquer um dos adornos do cômodo, guerreava com a rudeza do edifício, a solidão onde foi colocado e a desolação da paisagem em volta. O desenho era de uma adorável garota no auge do orgulho e juventude; seu traje era simples, na moda do começo do século XVIII; seu rosto era embelezado por uma mistura de inocência e inteligência no olhar, onde se somava a marca da serenidade da alma e da alegria natural. Ela lia um daqueles romances em fólio que há tanto tempo fazem o deleite dos entusiastas e dos jovens; seu bandolim a seus pés — seu papagaio empoleirado em um enorme espelho perto dela; o arranjo de móveis e cortinas sugeriam uma residência luxuosa, e seu traje também era evidentemente o de casa e privacidade, mas trazia consigo uma aparência de conforto e ornamento de menina, como se ela desejasse agradar. Abaixo desta imagem se lia em letras douradas, “A garota invisível”.

Percorrendo um país quase inabitado, após me perder, e ser pego pela chuva, deparei-me com esse prédio sombrio, que parecia balançar com a enxurrada e erguer-se ali como o próprio símbolo da desolação. Eu olhava

tristemente e praguejava o destino que me levou a uma ruína que não podia oferecer abrigo, embora a tempestade comesse a cair mais forte do que antes, quando vi a cabeça de uma velha aparecer em uma espécie de abertura, e de repente se retirar — um minuto depois uma voz feminina me chamou de dentro, e penetrando um pequeno labirinto de espinheiros protegendo uma porta, que havia passado despercebida antes, tão habilmente o jardineiro escondera a arte com a natureza, encontrei a boa dama de pé no patamar e me convidando para entrar.

— Eu acabei de chegar do nosso chalé aqui do lado — disse ela — para cuidar das coisas, como faço todos os dias, quando a chuva começou — você vai ficar até acabar?

Eu estava prestes a observar que o “chalé aqui do lado”, diante de algumas gotas de chuva, era melhor do que uma torre em ruínas, e perguntar à minha gentil anfitriã se “as coisas” eram pombos ou corvos que ela viera cuidar, quando o tapete do chão e o carpete da escada me chamaram a atenção. Fiquei ainda mais surpreso quando vi o cômodo acima; e, mais que tudo, o quadro e sua inscrição singular, nomeando-a invisível, a quem o pintor coloriu com uma visibilidade muito agradável, despertou minha curiosidade mais viva; o resultado disso, de minha extrema polidez para com a senhora, e de sua tagarelice natural, foi uma espécie de narrativa distorcida que minha imaginação produziu e futuras indagações retificaram, até que assumiu a seguinte forma:

Alguns anos antes, durante a tarde de um dia de setembro, que, apesar de belo, deu diversos sinais de uma noite tempestuosa, um cavalheiro chegou em uma pequena cidade costeira por volta de quinze quilômetros deste lugar; seu desejo era contratar um barco para levá-lo até a cidade de —, por volta de vinte e cinco quilômetros mais adiante na costa. As ameaças no céu fizeram os pescadores negarem-se à aventura, até que finalmente dois, um pai de uma família numerosa, subornado pela generosa recompensa do estrangeiro, o outro, filho da minha anfitriã, induzido pela ousadia juvenil, concordaram em fazer a viagem. O vento estava bom e esperavam fazer boa parte do caminho antes do anoitecer e aportarem antes da tempestade começar. Eles partiram com bom ânimo, pelo menos os pescadores; quanto ao estranho, o luto profundo que ele usava não era tão negro quanto a melancolia envolvendo sua mente. Sua aparência era de alguém que nunca tinha sorrido — como se algum pensamento que não se ousa dizer, escuro como a noite e amargo como a morte, tivesse construído um ninho dentro de seu peito, e ali ruminava eternamente; ele não mencionou seu nome; mas um dos aldeões o reconheceu como Henry Vernon, filho de um baronete que possuía uma mansão a cerca de cinco quilômetros da cidade para a qual ele seguia. Esta mansão estava

quase abandonada pela família; mas Henry, em um ataque romântico, a visitara cerca de três anos antes, e Sir Peter estivera lá durante a primavera anterior por cerca de dois meses.

O barco não avançou tanto quanto se esperava; a brisa lhes falhou ao saírem para o mar, e estavam dispostos a remar e também a usar as velas para tentar evitar o cabo que se projetava entre eles e o local aonde queriam chegar. Ainda estavam muito distantes quando o vento inconstante começou a exercer sua força e soprar com rajadas violentas, embora desiguais. A noite chegou em uma escuridão profunda, e as ondas uivantes subiram e quebraram com uma violência assustadora, ameaçando dominar a pequena embarcação que ousou resistir à sua fúria. Eles foram forçados a baixar todas as velas e pegar os remos; um homem foi obrigado a tirar a água, e o próprio Vernon pegou um remo e, remando com energia desesperada, igualou a força dos barqueiros mais experientes. Houve muita conversa entre os marinheiros antes que a tempestade chegasse; agora, com exceção de um breve comando, todos permaneciam em silêncio. Um pensava em sua esposa e filhos, e silenciosamente amaldiçoou o capricho do estranho que o colocou em perigo, não apenas sua vida, mas o bem-estar de sua família; o outro temia menos, pois era um rapaz ousado, além disso trabalhava muito e não tinha tempo para falar; enquanto Vernon lamentava amargamente sua falta de consideração por colocar os outros em perigo, um perigo sem importância para ele, e ora tentava distraí-los com uma voz cheia de animação e coragem, e ora puxava ainda com mais força o remo. A única pessoa que não parecia totalmente concentrada no trabalho era o homem que tirava a água do barco; de vez em quando ele olhava atentamente em volta, como se o mar segurasse ao longe, em seu tumultuoso deserto, algum objeto que ele forçava os olhos para discernir. Mas não havia nada, exceto quando as cristas das ondas altas se mostravam, ou bem no horizonte, uma espécie de abertura das nuvens prenunciava maior violência para o estrondo. Por fim, ele exclamou:

— Sim, estou vendo! O porto! Agora, se pudermos chegar à luz adiante, estaremos salvos!

Ambos os remadores instintivamente viraram a cabeça, mas a melancólica escuridão respondeu seu olhar.

— Vocês não conseguem ver — gritou seu companheiro — mas estamos chegando perto; e, pela graça de Deus, viveremos por mais esta noite.

Logo ele tomou o remo da mão de Vernon, que, já exausto, falhava em seus impulsos. Ele se levantou e buscou pelo farol que lhes prometia segurança — cintilava com um raio tão fraco que ele agora disse:

— Eu vejo — e depois — não é nada.

Ainda assim, enquanto se aproximavam, apareceu diante de seus olhos,

tornando-se mais firme e distinto enquanto irradiava pelas águas lúgubres, que então ficavam mais suaves, de modo que a segurança parecia surgir do seio do oceano sob a influência daquele brilho tremeluzente.

— Que farol é esse que nos ajuda no momento de necessidade? — perguntou Vernon, enquanto os homens, agora manuseando os remos com mais facilidade, encontravam fôlego para responder.

— Um farol mágico, creio eu — replicou o marinheiro mais velho — mas não menos real: queima em uma velha torre em ruínas, construída no topo de uma rocha que dá para o mar. Nunca o vimos antes deste verão; e agora todas as noites pode ser visto — pelo menos quando o procuramos, pois não podemos vê-lo da nossa aldeia — e fica em um lugar tão afastado que ninguém tem a necessidade de se aproximar dele, exceto por uma situação como esta. Alguns dizem que é aceso por bruxas, outros por contrabandistas; mas só sei que dois grupos foram procurar e não acharam nada além das paredes nuas da torre. Fica vazio durante o dia e escuro à noite; pois não pudemos ver nenhuma luz enquanto estávamos lá, embora brilhasse bastante quando saímos ao mar.

— Ouvi dizer — comentou o marinheiro mais jovem — que é aceso pelo fantasma de uma donzela que perdeu seu namorado por aqui; ele foi morto em um naufrágio, e seu corpo encontrado ao pé da torre: nós a chamamos de “garota invisível”.

Os viajantes agora chegaram ao local de desembarque ao pé da torre. Vernon lançou um olhar para cima — a luz ainda queimava. Com alguma dificuldade, lutando com as ondas, e cegos pela noite, eles conseguiram levar sua pequena embarcação até a costa e puxá-la para a praia. Eles então subiram pelo caminho íngreme, coberto de joio e matagal, e, guiados pelo pescador mais experiente, encontraram a entrada da torre; porta ou portão não havia, e tudo estava escuro como um túmulo, e silencioso e quase tão frio quanto a morte.

— Não pode ser — disse Vernon. — Certamente, nossa anfitriã mostrará sua luz, se não a si mesma, e guiará nossos passos cegos por algum sinal de vida e conforto.

— Chegaremos até o cômodo de cima — disse o marinheiro — se eu conseguir passar pelos degraus quebrados; mas você não encontrará vestígios da garota invisível, nem da sua luz, garanto.

— Verdadeiramente uma aventura romântica do tipo mais desagradável — murmurou Vernon, enquanto tropeçava no terreno desigual. — Ela deve ser feia e velha, ou não seria tão rabugenta e inóspita.

Com dificuldade considerável, e após diversas pancadas e contusões, os aventureiros afinal conseguiram chegar ao andar superior; mas tudo estava

vazio, e eles não se importaram em se esticar no chão duro, enquanto o cansaço, tanto da mente quanto do corpo, os levava a mergulhar seus sentidos no sono.

Longo e profundo foi o sono dos marinheiros. Vernon esqueceu-se por uma hora; em seguida, afastando a sonolência, e considerando seu divã áspero desagradável para o repouso, se levantou e colocou-se no buraco que servia de janela — pois não havia vidro, e na ausência até mesmo de um banco tosco, encostou as costas no intradorso, como o único descanso encontrado. Ele havia se esquecido do perigo, o misterioso farol e sua guardiã invisível: seus pensamentos estavam ocupados com os horrores de seu próprio destino e a indescritível miséria que pesava em seu coração como um sonho ruim.

Seria necessário um volume de bom tamanho para relatar as causas que mudaram o outrora feliz Vernon ao mais entristecido enlutado que já se prendeu às garras externas da dor como símbolos longínquos, embora queridos, da agonia interior. Henry era o filho único de Sir Peter Vernon, e tão mimado pela idolatria de seu pai quanto permitia o temperamento violento e tirânico do velho baronete. Uma jovem órfã foi educada na casa do seu pai, que da mesma forma era tratada com generosidade e bondade, mas que vivia profundamente admirada com a autoridade de Sir Peter, que era viúvo; e essas duas crianças eram tudo o que ele tinha para exercer seu poder, ou a quem estender sua afeição. Rosina era uma menina alegre, um pouco tímida e tomava cuidado para não desagradar seu protetor; mas tão dócil, tão bondosa e tão afetuosa, que sentia o humor discordante do seu pai ainda menos do que Henry. É uma história ouvida com frequência; eles eram companheiros de brincadeiras na infância, e se apaixonaram na vida adulta. Rosina tinha medo de pensar que Sir Peter desaprovava essa afeição secreta e os votos trocados entre eles. Mas as vezes ela se consolava ao imaginar que na realidade ela era a noiva destinada de seu Henry, criada junto dele no intuito de sua futura união; e Henry, enquanto sentia que esse não era o caso, decidiu esperar apenas até atingir a maioridade para declarar e realizar seus desejos de fazer da doce Rosina sua esposa. Enquanto isso, ele tinha cuidado para evitar que fossem descobertos, para proteger sua adorada garota da perseguição e do insulto. O velho cavalheiro era muito convenientemente cego; estava sempre no campo, e o par passava a vida juntos, sem repreensão ou controle. Era o suficiente que Rosina tocasse o bandolim e embalasse Sir Peter no sono todos os dias depois do jantar; ela era a única mulher na casa com posto acima dos criados, e podia fazer o que quisesse com seu tempo. Mesmo quando Sir Peter franzia o cenho, suas carícias inocentes e voz doce eram o suficiente para abrandar a corrente áspera de seu temperamento. Se algum dia um espírito humano viveu no paraíso terrestre, Rosina viveu durante esse tempo: seu amor puro foi

agraciado pela presença constante de Henry; a confiança que sentiam um no outro, e a segurança com a qual olhavam para o futuro, fazia com que trilhassem seu caminho envolto em rosas sob um céu limpo. Sir Peter era o pequeno empecilho que fazia seus encontros ainda mais prazerosos, e valorizava a simpatia que cada um dispensava no outro. De um dia para o outro, um personagem sinistro apareceu em Vernon Place, na forma de uma irmã viúva de Sir Peter, que, depois de conseguir matar seu marido e filhos com os efeitos de seu temperamento vil, veio, como uma harpia, ávida por nova presa, sob o teto de seu irmão. Ela logo se deu conta da ligação do casal insuspeito. Rapidamente comunicou sua descoberta ao seu irmão, e ao mesmo tempo restringiu e inflamou sua raiva. Por seus artifícios, Henry foi subitamente despachado para uma viagem ao exterior, com a intenção da costa ficar livre para a repressão de Rosina; e então o mais rico entre os muitos admiradores da bela moça, a quem, sob o reinado único de Sir Peter, ela foi autorizada, ou melhor, quase ordenada, a dispensar, tão desejoso era de mantê-la para seu próprio conforto, foi selecionado, e ela foi ordenada casar-se com ele. As cenas de violência as quais estava agora exposta, as provocações amargas da odiosa sra. Bainbridge e a fúria imprudente do Sir Peter eram ainda mais assustadoras e esmagadoras diante de sua recente descoberta. A todos ela podia apenas opor uma firmeza de propósito silenciosa, cheia de lágrimas, mas imutável: nenhuma ameaça, nenhuma ira poderia tirar-lhe mais do que um comovente pedido para que não a odiassem, pois ela não podia obedecer.

— Deve haver algo que não estamos vendo sob tudo isso — disse sra. Bainbridge — confie em mim, irmão, ela secretamente se corresponde com Henry. Vamos levá-la para sua propriedade no País de Gales, onde ela não terá criados para ajudá-la; e veremos se ela não cede a nossa vontade.

Sir Peter consentiu, e os três se abrigaram na solitária e sombria casa mencionada antes como pertencente à família. Aqui o sofrimento da pobre Rosina se tornou intolerável. Antes cercada por suas cenas bem conhecidas, e na perpétua troca com rostos gentis e familiares, ela não havia se desesperado para conquistar com sua paciência a crueldade de seus perseguidores — também não escrevera para Henry, pois como seu nome não fora mencionado por seus familiares, nem seu vínculo aludido, ela sentiu um instintivo desejo de escapar dos perigos ao redor de si sem que ele fosse incomodado, ou o segredo sagrado se seu amor fosse escancarado, e lesado pelo abuso vulgar de sua tia ou os amargos insultos de seu pai. Mas quando ela foi levada ao País de Gales, e feita prisioneira em seus aposentos, quando as rígidas montanhas ao seu redor pareciam imitar levemente os corações de pedra com os quais ela tinha que lidar, sua coragem começou a falhar. A única criada autorizada a se aproximar dela era a atendente da sra. Bainbridge; e sob a tutela de sua

senhora demoníaca, essa mulher foi usada como isca para atrair a pobre prisioneira à confiança e depois traí-la. A simples e bondosa Rosina era facilmente ingênua e, por fim, no excesso de seu desespero, escreveu a Henry, e deu a carta a esta mulher para ser encaminhada. A carta em si teria amolecido mármore; não falava de seus votos mútuos, apenas pedia para que ele intercedesse com seu pai, para que ela voltasse a ocupar o mesmo lugar em seu coração, e deixasse a crueldade que a destruiria.

“Pois posso morrer”, escreveu a garota infeliz, “mas casar-me com outro — jamais!”. Aquela única palavra, realmente, bastaria para trair seu segredo, se já não tivesse sido descoberto; como era de se esperar, Sir Peter foi dominado por ira crescente, enquanto sua irmã triunfantemente apontava a frase para ele, pois não é preciso dizer que enquanto a tinta do endereço ainda estava molhada e o selo ainda quente, a carta de Rosina foi levada para esta senhora. Convocaram a culpada diante deles. O que se seguiu ninguém poderia dizer; para seu próprio bem, o par cruel tentou abrandar sua culpa. Vozes se ergueram, e o suave murmúrio do tom de Rosina se perdeu no uivo de Sir Peter e no rosnado de sua irmã.

— Saia pela porta — rugiu o velho — debaixo do meu teto não passará mais uma noite.

E as palavras “infame sedutora”, e piores, como nunca tinha ouvido a pobre garota antes, foram captadas por servos que escutavam; e a cada discurso raivoso do baronete, a sra. Bainbridge acrescentava um argumento envenenado pior que o anterior.

Mais morta do que viva, Rosina foi finalmente dispensada. Se guiada por desespero, ou levou as ameaças de Sir Peter a sério, ou mesmo se as ordens de sua irmã foram mais decisivas, ninguém sabia, mas Rosina deixou a casa; um criado a viu cruzando o parque, chorando, com as mãos juntas enquanto caminhava. O que aconteceu com ela ninguém podia dizer; seu desaparecimento não foi comunicado ao Sir Peter até o dia seguinte, e então ele mostrou, por sua ansiedade em rastrear seus passos e encontrá-la, que suas palavras não passavam de ameaças vazias. A verdade era que, embora Sir Peter tomasse medidas extremas para impedir o casamento do herdeiro de sua casa com a desprovida órfã, objeto de sua caridade, no fundo ele amava Rosina, e metade de sua violência provinha da raiva consigo mesmo por tratá-la tão mal. Agora o remorso começou a doer, enquanto mensageiro após mensageiro voltava sem notícias de sua vítima. Ele não ousava confessar seus piores medos para si mesmo; e quando sua irmã desumana, tentando endurecer sua consciência por palavras nervosas, disse: “A vadia infame certamente foi embora para se vingar de nós”, uma promessa da mais tremenda, e um olhar o suficiente para fazê-la tremer, ordenaram seu silêncio. Sua suspeita, entretanto,

parecia verdadeira demais: um riacho escuro e tempestuoso que fluía na extremidade do parque sem dúvidas havia recebido sua adorável forma, e extinguiu a vida da pobre garota. Sir Peter, quando seus esforços para encontrá-la se provaram inúteis, voltou a cidade, assombrado pela imagem de sua vítima, e forçado a admitir em seu coração que daria sua vida de boa vontade se pudesse vê-la novamente, mesmo como noiva de seu filho — seu filho, a quem diante de suas perguntas ele se encolheu como um covarde; pois quando Henry soube da morte de Rosina, ele repentinamente voltou do estrangeiro para perguntar a causa — para visitar seu túmulo, e lamentar sua perda nos bosques e vales que foram o cenário de sua felicidade mútua. Ele fez mil perguntas e apenas um nefasto silêncio respondeu. Cada vez mais preocupado e ansioso, finalmente tirou dos criados e dependentes, e até mesmo de sua odiosa tia, toda a terrível verdade. A partir daí, o desespero atingiu seu coração, e a miséria o nomeou como seu. Ele fugiu da presença de seu pai; e o pensamento de que a pessoa que ele deveria reverenciar era culpado de um crime tão maligno, o assombrava, como antigamente as Eumenides^[227] atormentavam as almas dos homens entregues à sua tortura. Seu primeiro, seu único desejo, era visitar o País de Gales e saber se alguma nova descoberta havia sido feita, e se era possível recuperar os restos mortais da perdida Rosina, para satisfazer os anseios inquietos de seu coração miserável. Ele fazia esta viagem quando fez a aparição na aldeia anteriormente dita; e agora, nesta torre deserta, seus pensamentos se ocupavam com imagens de desespero e morte, e o que sua amada sofrera antes que sua natureza gentil fosse levada a tal ato de infortúnio.

Enquanto imerso em devaneios melancólicos, aos quais o monótono rugido do mar eram acompanhamento adequado, as horas voavam, e Vernon, afinal, se deu conta de que a luz da manhã se arrastava para fora de seu retiro oriental, e clareava o oceano indomável, que ainda irrompia em furioso tumulto na praia rochosa. Seus companheiros agora se levantavam e se preparavam para partir. A comida que trouxeram foi danificada pela água do mar, e sua fome, depois de trabalho duro e muitas horas de jejum, tornou-se voraz. Era impossível navegar em seu barco destroçado; mas havia a choupana de um pescador a cerca de três quilômetros de distância, em um recesso da baía, onde o cabo sobre o qual a torre se erguia formava um lado; e para lá eles se apressaram para o reparo do barco. Não pensaram duas vezes na luz que os salvou, nem na sua causa, mas deixaram as ruínas em busca de um abrigo mais acolhedor. Vernon olhou ao redor quando saiu, mas não encontrou vestígio nenhum de um habitante, e começou a se convencer de que o farol tinha sido apenas uma criação de fantasia. Chegando a choupana em questão, onde vivia um pescador e sua família, tomaram um café da manhã caseiro e então se

prepararam para voltar à torre, para reequipar o barco e, se possível, trazê-lo de volta. Vernon os acompanhou, junto de seu anfitrião e seu filho. Fizeram diversas perguntas em relação a garota invisível e sua luz, cada um concordando que a aparição era nova, e nenhum capaz de dar sequer uma explicação de como o nome havia se fixado à causa desconhecida dessa aparição singular; embora os dois homens da choupana afirmassem que uma ou duas vezes tinham visto uma figura feminina no bosque adjacente, e que de vez em quando uma garota estranha aparecia em outro casebre a um quilômetro e meio de distância, do outro lado do cabo, e comprava pão; eles suspeitavam que ambos fossem a mesma, mas não sabiam dizer. Os habitantes da choupana, realmente, pareciam muito ingênuos até para sentir curiosidade, e nunca tentaram descobrir. Os marinheiros passaram o dia todo consertando o barco; e o som de martelos, e as vozes dos homens trabalhando, ressoavam ao longo da costa, misturados com o impacto das ondas. Este não era o momento para explorar as ruínas de quem, humano ou sobrenatural, tão evidentemente se afastou das relações com todos os seres humanos. Vernon, entretanto, foi até a torre e procurou por cada canto em vão. As paredes nuas e sujas não tinham nenhum sinal de servir de abrigo; e até mesmo um pequeno recesso na parede da escada, que ele não havia observado antes, estava igualmente vazio e desolado. Deixando a torre, ele vagou por um bosque de pinheiros em volta, e, desistindo de qualquer resolução sobre o mistério, logo foi absorvido em pensamentos que tocavam mais perto de seu coração, quando de repente apareceu no chão, a seus pés, a visão de um sapatinho. Desde Cinderela um sapato tão pequeno nunca tinha sido visto; com tanta clareza quanto um calçado poderia falar, contou uma história de elegância, graça e juventude. Vernon o pegou em suas mãos. Diversas vezes ele havia admirado o pé singularmente pequeno de Rosina, e seu primeiro pensamento foi questionar se esse sapatinho teria servido. Era tão estranho! Deveria pertencer a garota invisível. Então havia uma forma de fada que acendia a luz — uma forma de substância tão material que seu pé precisava ser calçado; entretanto, calçado como? Com um tipo de sapato tão fino, e forma tão requintada, que lembrava exatamente o que Rosina usava! Novamente, o ressurgimento da imagem da querida falecida veio com força em sua mente; e mil associações familiares, infantis e, ao mesmo tempo, doces e amorosas, embora insignificantes, encheram o coração de Vernon de modo que ele se jogou no chão e chorou com mais amargura do que nunca o destino terrível da doce órfã.

Ao final do dia, os homens terminaram o trabalho e Vernon voltou com eles para o casebre onde dormiram, com a intenção de continuar a viagem, se o tempo permitisse, na manhã seguinte. Vernon não disse nada sobre o

sapatinho, mas voltou com seus companheiros. Diversas vezes ele olhou para trás; mas a torre erguia-se sombria diante das ondas fracas, e nenhuma luz apareceu. Preparativos para sua acomodação foram feitos na choupana e a única cama foi oferecida a Vernon; mas ele se recusou a privar sua anfitriã e, estendendo seu manto sobre um monte de folhas secas, esforçou-se para se entregar ao repouso. Ele dormiu por algumas horas; e quando acordou, tudo estava quieto, a respiração ofegante daqueles dormindo no mesmo cômodo era o único som a interromper o silêncio. Ele se levantou, e, dirigindo-se até a janela, olhou para o mar agora plácido em direção à torre mística. A luz ali queimava, enviando seus raios delgados pelas ondas. Parabenizando-se por uma circunstância que não havia previsto, Vernon saiu suavemente do casebre e, enrolando-se no manto, caminhou em passos rápidos o contorno da baía em direção à torre. Ele a alcançou; ainda a luz queimava. Entrar e devolver o sapato da donzela seria apenas um ato de cortesia; e Vernon pretendia fazer isso com tanta cautela que não fosse percebido, antes de sua portadora, com suas artes costumeiras, se afastar de seus olhos; mas, infelizmente, enquanto ainda subia o caminho estreito, seu pé deslocou um fragmento solto, que caiu com estrondo no precipício abaixo. Ele saltou para frente, para assim, reconquistar pela velocidade a vantagem perdida por seu infortunado acidente. Ele alcançou a porta; entrou: tudo estava em silêncio, mas tudo também estava escuro. Ele parou no cômodo de baixo; tinha certeza de que um leve som chegou ao seu ouvido. Subiu os degraus e entrou na câmara superior; mas a pura obscuridade encontrou seu olhar penetrante, a noite sem estrelas não admitia nem mesmo um vislumbre do crepúsculo através da única abertura. Fechou os olhos para tentar, ao abri-los de novo, captar algum raio fraco e perdido no nervo visual; mas foi em vão. Ele tateou pela sala; ficou parado e prendeu a respiração; e então, ouvindo atentamente, teve certeza de que outro ocupava a câmara com ele, e que a atmosfera era levemente agitada por uma outra respiração. Lembrou-se do recesso na escada; mas antes de se aproximar, ele falou — hesitou por um momento no que dizer.

— Devo acreditar — disse ele — que somente o infortúnio pode causar sua reclusão; e se a ajuda de um homem — de um cavalheiro...

Uma exclamação o interrompeu; uma voz vinda do túmulo pronunciou seu nome — a entonação de Rosina silabava:

— Henry! É mesmo Henry quem eu ouço?

Ele se apressou em sua direção, guiado pelo som, e envolveu em seus braços a própria forma viva da garota por quem lamentava — sua garota invisível, ele a chamava; pois mesmo então, quando ele sentiu seu coração bater perto do dele, e enquanto enlaçava sua cintura com seu braço, apoiando-a enquanto ela quase caía no chão de agitação, ele não podia vê-la; e, como os

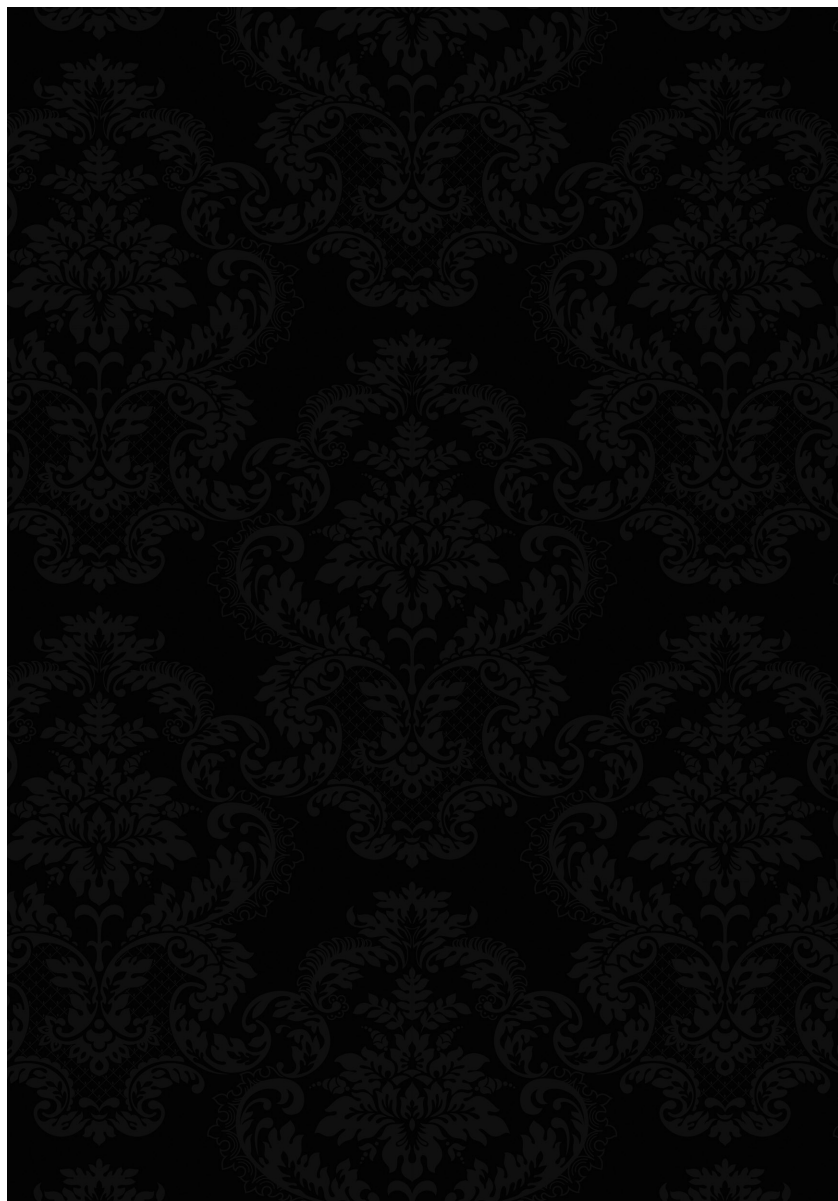
soluções dela impediam sua fala, nenhum sentido além do instinto preenchendo seu coração de alegria tumultuada, disse-lhe que a forma esguia e debilitada que ele abraçava com tanto carinho era a adorada sombra viva da beleza de Hebe^[228].

A manhã viu esse par tão estranhamente reunido um ao outro no mar tranquilo, navegando com bom vento para L— de onde deveriam seguir para a propriedade de Sir Peter, onde, três meses antes, Rosina abandonara com tanta agonia e terror. O amanhecer dissipou as sombras que a haviam velado e apresentou a bela garota invisível. Realmente estava alterada pelo sofrimento e aflição, mas o mesmo doce sorriso ainda brincava em seus lábios, e a luz terna de seus suaves olhos azuis eram os mesmos. Vernon tirou o sapatinho e mostrou a causa que o levou a decisão de descobrir a guardiã do farol místico; mesmo agora ele não ousava perguntar como ela existira naquele lugar desolado, ou por que ela havia evitado tão diligentemente ser vista, quando a coisa certa a ser feita era tê-lo procurado imediatamente, e sob seus cuidados, protegida por seu amor, não seria necessário temer nenhum perigo. Mas Rosina se encolheu enquanto ele falava, e uma palidez mortal cobriu seu rosto, enquanto sussurrava:

— A condenação de seu pai, as terríveis ameaças do seu pai!

Parecia, de fato, que a violência de Sir Peter e a crueldade da sra. Bainbridge tinham conseguido impressionar Rosina com um terror selvagem e invencível. Ela fugira da casa sem planejar ou se organizar — impulsionada por um horror frenético e um medo avassalador, ela a deixou quase sem dinheiro, e parecia não haver possibilidade de retorno ou seguir em frente. Ela não tinha nenhum amigo no mundo inteiro exceto Henry; para onde poderia ir? Procurar Henry teria selado seus destinos ao infortúnio; pois, com uma promessa, Sir Peter declarara que preferia vê-los em seus caixões do que casados. Depois de perambular, escondendo-se de dia, e só se aventurando à noite, ela chegou a esta torre deserta, que parecia um lugar de refúgio. Como havia vivido desde então ela mal podia dizer: havia permanecido no bosque durante o dia, ou dormido na cripta da torre, um abrigo que ninguém estava familiarizado ou havia descoberto: a noite ela queimava as pinhas da floresta, e a noite era seu momento mais querido; pois parecia a ela que a segurança vinha com a escuridão. Ela não tinha conhecimento que Sir Peter deixara aquela parte do país, e estava apavorada com a possibilidade que ele descobrisse seu esconderijo. Sua única esperança era que Henry voltasse — que Henry nunca descansasse até encontrá-la. Confessou que o longo intervalo e a aproximação do inverno a visitaram com desânimo; ela temia que, como sua força diminuía, e sua forma definhava para a de um esqueleto, ela poderia morrer e nunca mais veria seu Henry.

Uma doença, de fato, apesar de todos os seus cuidados, seguiu-se à sua restauração à segurança e aos confortos da vida civilizada; muitos meses passaram antes que o rubor voltasse às suas bochechas e seus membros recuperassem a vitalidade, ela se parecesse outra vez com o retrato de seus dias de alegria, antes de qualquer visita de tristeza. Era uma cópia desse retrato que decorava a torre, a cena de seu sofrimento, onde eu encontrei abrigo. Sir Peter, exultante por se aliviar do remorso, e encantado novamente por ver sua protegida órfã, a quem ele realmente amava, estava agora tão desejoso a abençoar sua união com seu filho quanto antes fora contrário. A sra. Bainbridge eles nunca mais viram. Mas a cada ano eles passavam alguns meses em sua mansão galesa, cenário do começo de sua felicidade conjugal, e o local onde a pobre Rosina havia despertado novamente para a vida e a alegria depois de suas cruéis perseguições. O cuidado afetuoso de Henry havia equipado e decorado a torre como eu vi; e muitas vezes ele vinha, com sua garota invisível”, para renovar, na cena de sua ocorrência, a lembrança de todos os incidentes que levaram ao seu reencontro, em meio às sombras da noite, naquela ruína isolada.



O CONTRABANDISTA E SUA FAMÍLIA

Título original: *The Smuggler and His Family*

Publicado no livro *Compositions in Prose and Verse; Illustrated with Litographic Drawings; to Which is Added Some Instrumental Music*, em 1833, por “sra. Shelley”.

Como as flores mais doces murcham tão brevemente ao florescer — pendem rapidamente sob o caule! Como seres humanos passam do esplendor e do desabrochar da esperança e juventude para o monótono usufruto da vida, com todas as suas preocupações e aflições?! Não existe visão mais triste, mais humilhante, do que o contraste das mostras da meia-idade com a promessa de sua alvorada, ver os sulcos e os tons pálidos com que as horas, com dedos atarefados, pintam a testa lisa e a face reluzente. Nossa heroína de nascimento humilde, mas muito doce, foi uma vez o orgulho de sua aldeia — a mais amável, gentil e alegre das donzelas do vilarejo. Se alguma vez suspirava, um sorriso seguia tão rápido, que sua imagem apenas se suavizava, não manchava pela mudança. Jane suspirava, infelizmente! porque amava — aquele nivelador de posição, de intelecto, e muitas vezes, de moral, a fez apaixonar-se por alguém indigno dela. Apesar disso, o jovem marinheiro que ganhara sua afeição não era destituído de mérito. Se ele era rebelde e imprudente, era também generoso e corajoso. O pai de Jane se opôs a essa união e ela se submeteu ao seu controle; mas quando sua morte a deixou sozinha no mundo, e sua pobreza lhe deu poucos e frios amigos, ela se entregou a ele sem medo, aquele, cujo desejo mais querido era proteger, sustentar, e fazer feliz o doce ser confiando sua existência ao seu cuidado. Essas ocorrências têm muitos anos, e baixamos as cortinas de sua vida de solteira; antes do lapso do tempo ter trazido outras pessoas, outros interesses em cena. Sob um deserto penhasco acidentado, em uma solitária e indomável costa, no ponto extremo da Cornualha, havia um casebre rústico que, de certa forma protegido na parte de trás, era exposto a toda a fúria dos vendavais do sul. Flor nenhuma poderia desabrochar em seu escasso jardim, sob a influência das constantes borrifadas d'água vindas das ondas; a árvore erguendo-se em zombaria acima do telhado, tinha uma copa murcha, pois as raízes não encontravam sustento para os galhos nus. O casebre era de colmo e, embora castigado pelo tempo como era, a estranha e rica cor com que o mar e o vento o pintara, fazia um contraste pitoresco com o penhasco branco e as areias claras. Apesar do interior desta

humilde habitação ser marcado pela pobreza, era limpo, e com alguma tentativa de asseio. A família lá dentro sentava-se diante da ceia frugal; além da mesa mal coberta, havia uma garrafa escura, frequentemente agarrada pelo dono do casebre. Era Jane quem sentava-se ali; seus olhos haviam perdido o esplendor — seu cabelo, o tom dourado — sua tez, todo o seu brilho. Ela estava magra, pálida, cansada: apesar disso um doce sorriso paciente brincava em seus lábios, e sua voz comedida possuía a mesma melodia que a fizera rir com tanta alegria em seus momentos mais felizes. Em seu colo dormia um pequenino querubim, de apenas alguns meses de idade; e uma outra criança, de por volta de três anos, devorava seu jantar com avidez. Mas os olhos de Jane estavam fixos em alguém de alguns anos a mais, seu mais velho — seu querido — o único sobrevivente entre vários nascidos em seus dias melhores. Ele tinha por volta dos quatorze anos — com os olhos e sorriso da mãe, a pele rubra, e tamanha fraqueza em seu rosto, tamanha vivacidade em cada um de seus movimentos, que expunham seu coração alegre e disposição gentil. Com um olhar sombrio — bochechas gastas pelo tempo e uma expressão de ambas ferocidade e obstinação — estava o marido e o pai, que cumprira tão mal seu papel na vida.

Ele crescera como marinheiro e, com o casamento, tornou-se pescador. Emoções indomáveis e más ações levaram-no à ruína; foi forçado a deixar a aldeia onde era conhecido e, detendo-se a este lugar desolado, logo conheceu um desesperado grupo de contrabandistas, e convenceram-no a tornar-se um deles. Um resquício de vergonha, a princípio, o fez esconder esse novo infortúnio de sua esposa; mas necessitando esconder um pacote de mercadorias e escapar de uma busca, foi forçado a revelar seu segredo. Desde então, seus sentimentos melhores pareceram abandoná-lo e, em palavras e ações, ele se assemelhava cada vez mais a seus companheiros violentos e foras da lei. Com seu temperamento gentil, Jane era incapaz de lidar com suas grosserias, a quem, apesar de tudo, ela amava, mesmo quando o temia. Mas muito mais profundamente enraizado do que o devoto, porém ingrato, apego que estimava como esposa, era sua adoração pelo filho. Ela fora uma filha afeiçoada, e sua ternura como mãe tinha semelhante zelo e devoção. A única recompensa que desejava colher por suas virtudes, a única compensação por seus sofrimentos, viria do caráter corajoso e afetuoso de seu garoto. Que ele sofresse os terríveis males da pobreza já era ruim o bastante; que seus ouvidos estivessem fora do alcance dos “cânticos da cidade”, e assim não receberia nenhum dos benefícios da vida civilizada — sem ir à escola — raramente entrar em uma igreja, e passar seus dias além do alcance da opinião pública e as restrições naturais da sociedade, que exercem uma influência igualmente salutar tanto sobre ricos quanto sobre pobres, já era um mal suficiente. Que ele

dependesse de seus pais para guiá-lo pelos caminhos tortuosos da vida, e que somente pelos lábios da mãe ele aprendesse como merecer a aprovação de Deus e do homem e de sua própria consciência, foram circunstâncias que a fizeram passar muitas horas de ansiosa solicitude. Mas a realidade estava carregada de perigos muito maiores.

Não é nada incomum homens endurecerem seus corações contra o senso do correto no que diz respeito a si mesmos; desafiando o mundo e os ditames morais, e ainda assim se mostrarem dolorosamente vivos para o bom nome e honestidade de seus filhos. Jane se esforçou para despertar esse sentimento na mente de seu marido. Ela se empenhou com toda a doçura e gentileza para induzi-lo a perceber que, embora ele tivesse sido lançado pela adversidade em atividades perigosas e (isso ela deixou de fora) criminais, ainda assim, eles deveriam poupar seus filhos das dificuldades, das humilhações e da possível culpa resultante de um modo de vida fora da lei. Mas ela falou com alguém feito de materiais ásperos e grosseiros — cuja maior virtude era um orgulho inflexível fazendo-o envaidecer-se de sua vergonha. Ouviu com amargura os argumentos da esposa — jurou que o filho não seria educado para desprezá-lo e condená-lo — e defendeu com argumentos vulgares e plausíveis seu direito de sonegar o fisco, e de se defender contra as agressões dos seus administradores.

Não existe nenhum sistema de tráfico ilegal mais venial aos olhos da maioria do que o contrabando. Suas leis são perpetuamente infringidas, até mesmo pelos próprios legisladores — todos detestam os fiscais da receita e estes possuem um orgulho medíocre em se tornarem desprezíveis. A coragem, a atividade e o recurso — as dificuldades e os perigos que acompanham sua função, pinta um contrabandista em tons de salvador, e conferem uma espécie de elevação heroica à nossa ideia de tal homem. Para a mãe aflita, entretanto, tudo isso era bem diferente; a verdade nua era cheia de deformidades. Hábitos de abuso e vício — uma prontidão irrefreável para infligir danos — que, embora um tanto redimidos por sua ousadia em enfrentá-los, enchiam o coração com tanto ódio e violência, que se punham em completa guerra com a caridade e o amor de um caráter virtuoso: uma aptidão para estratégia e falsidade — que pode ser chamado de recurso, mas que, em contato com a ingenuidade e honestidade de seu filho, ela considerava uma contaminação assustadora. Estas seriam as lições que ele aprenderia sob a tutela do pai; e ela pensou com agonia nas práticas que obscureceriam seu olhar destemido com a carranca de cruel insolência e sagaz falsidade, e habituariam sua querida mão, que agora lidava ternamente com um filhote ferido, a manusear os instrumentos da morte e usá-los resoluta e imprudentemente na busca de seu chamado.

A alma de Jane estava predisposta a resgatar o filho; enquanto seu marido, mergulhando mais profundamente nas práticas de seus perigosos associados, tornava-se cada dia mais disposto ao mal e resistia ainda com maior impaciência às doces persuasões de sua esposa. Até aquele momento ela havia escondido o real estado das coisas de seu filho; e vencendo, mesmo quando parecia ceder, havia até então impedido o pai de fazer a revelação fatal. Ela usou este tempo ganho se empenhando para plantar, com a intenção de que nunca mais fossem desenraizadas, verdades simples em sua mente maleável e ingênua. Sua dedicação teve um efeito singular. Se eles vivessem como outros pescadores, Charles teria tido companheiros de sua idade, e se iniciado em práticas mundanas. Mas o lugar isolado onde viviam e a constante vigilância de Jane preveniu isso; de modo que ele foi criado com sua inocência resguardada, e preservou o respeito pela verdade e um senso de dever raramente encontrado naqueles de descendência humilde. Enquanto ela ganhava mais um dia — semana — mês — de seu marido, a ajuda de Charles era solicitada apenas como pescador — seu modo de vida aparente. Apesar disso, embora postergado, o terrível momento pairava sempre próximo; a alma da mãe estava em constante tumulto — deveria confessar, e avisar seu filho, e implorar que fugisse, para procurar ganhar a vida em outro lugar, antes de ser forçado a entrar na carreira do crime? O instinto de sua alma branda era não infringir dor — e ela encolhia-se diante da necessidade de separar-se do filho, e da raiva consequente de seu marido. Ela poderia suportar muito, mas não tinha energia para agir. Era mulher em cada um dos vincos e cantos de sua natureza muito delicada. Havia contradito o marido apenas pela simplicidade, singeleza e compaixão de seu caráter — mas seu coração se acovardou quando pensou em abandonar seu terreno defensivo, para uma resistência aberta e agressiva.

Assim o garoto completou seus quinze anos sem nunca ter se juntado ao pai em nenhuma de suas expedições perigosas. Ele o olhava com reverência, como a juventude faz com a experiência, e o respeitava com apego filial, apesar de sua habitual aspereza e ocasional severidade. Havia uma vivacidade no espírito do jovem, uma audácia e fortaleza de que o pai se orgulhava, tornando-o duplamente apto para tarefas de perigo. No entanto (tão contraditória é a natureza humana) apesar do orgulho, apesar do amargo desprezo que corroía seu coração, quando lhe foi dito que o seu era um exemplo a ser evitado pelo filho, ele sentiu uma satisfação secreta em ceder às súplicas de sua esposa e uma relutância não confessa em enfrentar o olhar reprovador de integridade e inocência. Charles venerava a mãe. Ele guardava suas lições morais e religiosas com cuidado devoto. Ajudá-la, consolá-la, acariciá-la enchia seu coração de alegria — e seu sorriso iluminado, andar

saltitante e voz alegre a consolavam — e derramaram luminosidade solar sobre sua vida sombria, que lhe enchia de agonia imaginar que um dia poderia ser eclipsado.

Mais um ano havia passado assim, quando em uma manhã — uma bela manhã — uma leve brisa ondulando as planícies azuis do oceano — pai e filho lançaram seu barco de pesca, e como de costume, fizeram-se ao mar. Jane observava-os enquanto se preparavam para lançar suas redes; quando de repente içaram novamente as velas e ela os viu fazendo o percurso ao redor do cabo que fechava na pequena baía. A pobre mulher sabia que ali ficava o ponto de encontro dos contrabandistas. Ela soltou um grito, como se com sua voz fraca o “Pare!” seria ouvido através das ondas, e ela correu para a beira mar.

— Ele não me ouve — exclamou em angústia —, ele não ouvirá — nem o mar, nem os ventos, nem Deus — estão todos surdos, e meu Charles está perdido para sempre! Qual é, qual é o significado de tudo isso?

Seu marido havia retornado de uma expedição de tamanho e perigo singulares apenas na noite anterior, e, beijando seu rosto pálido, disse a ela para não se preocupar, pois logo, com a benção de Deus, ele deixaria o ofício e se sairia bem. Pela manhã, ele disse a ela enfaticamente que somente lançaria suas redes e voltaria. Ele a enganou; ou algum sinal vindo do ponto de encontro direcionou seus movimentos? Era a mesma coisa.

Ela viu, como se de uma torre, o fim de tudo — seu menino como um dos associados dos bandidos cruéis, exposto a dificuldades das quais a estrutura humana mal poderia aguentar — dolorosas vigílias noturnas — apreensões executadas em agonia — e combates, os quais, terminando em triunfo ou derrota, eram acompanhados por crime e perigo em dobro. Com os olhos marejados, ela contemplou o barco partindo — o sol brilhava, a brisa era amena — as ondas dançavam e cintilavam sob o céu intenso, enquanto uma tempestade negra pairava sobre sua alma pressentindo uma tragédia.

Seu filho caçula, vendo-a chorar, imediatamente a acompanhou; enquanto o cão de Charley, que dormia sob o sol, levantou-se e se sacudiu, e observou com um olhar inquisitivo o local de onde o barco bem conhecido havia desaparecido; e como agora se perdia atrás do cabo, e virando-se para sua dona soltou um gemido triste.

— Você tem razão, pobre companheiro — disse Jane — eles estão fazendo coisas ruins.

O pobre animal veio até ela, lambeu sua mão e voltou para se espreguiçar na praia.

O cão de Charley era um favorito de sua mãe. Durante um inverno rigoroso, quando os naufrágios eram frequentes demais na costa, o pescador e seu filho partiram para ajudar a tripulação de uma pequena escuna, que havia

se chocado contra um recife. Ao se aproximarem do navio, cada onda enorme ameaçando esmagá-los, e conforme subiam e desciam entre as ondas, tinham a impressão do convés do navio estar absolutamente vazio; no entanto, um grito chegou a eles, misturado com o rugido do mar — parecia um grito humano, e Charles, embora então uma criança, esforçou-se para socorrer seu semelhante em perigo: não era um ser humano — o convés estava absolutamente deserto; com exceção de um cão na popa, ganindo com medo. O pescador não quis se arriscar para salvar um cão, mas Charles orou muito, e o animal, ao vê-los se aproximar saltou no mar; as ondas que se precipitavam sobre ele o privavam de toda a capacidade de nadar, mas o levavam para Charles; ele o alcançou, e o animal quase afogado reviveu lentamente ao sair da água. O pobrezinho parecia muito consciente de sua grande dívida de gratidão e se esforçou para pagá-la com amor e fidelidade. Na primeira vez que Charles se fez ao mar depois deste incidente, o terror e a resistência do cachorro foram algo além do instinto — ele ganiu — puxou seu novo mestre pelo casaco; e quando viu que seus esforços de nada adiantavam, que seu salvador embarcara e estava saindo da costa, como se estivesse decidido a compartilhar de seu destino, com um latido curto e agudo ele mergulhou na água e nadou atrás dele.

Ele estava velho agora, e Charles geralmente o deixava para guardar a casa e brincar com as crianças. Ainda assim, o cão raramente ia para dentro quando seu mestre estava no mar; seu posto habitual era na praia; quando o tempo estava calmo ele se esticava pela areia, mas quando havia uma tempestade, perpetuamente observava o tumulto das águas, e seu latido dava o primeiro sinal que o conhecido barco estava à vista. O mar estava tranquilo, e agora nada explicava esta inquietação, enquanto Jane não conseguia acalmar-se, ou pensar em outra coisa, ficou de pé com os olhos fixos no ponto de terra onde o barco fizera a curva e desaparecera. O sol sem nuvens atingiu o zênite — Jane foi obrigada a se ocupar com as crianças — ainda assim, a todo momento ela se colocava na porta do casebre, em uma expectativa ansiosa e temerosa. O dia ensolarado de verão derreteu-se em noite — o fluxo e, logo após, o refluxo da poderosa inundação — a leve espuma brilhando sobre o calhau — o penhasco cintilando com os tons do pôr do sol, e sua casa tranquila, fundindo-se a todos os outros objetos, repousando em paz sob o olhar plácido do céu — toda a beleza e o bem eram uma enorme tristeza para Jane. As horas passaram devagar — tão devagar a marca d'água alta foi alcançada, e ainda mais devagar baixou; um ou dois navios surgiram no horizonte e desapareceram novamente — os pássaros marinhos procuraram seus ninhos nas rochas, mas nenhuma pequena vela roçou a superfície azul, nem ínfimo casco salpicou as profundezas risonhas. Jane subiu o penhasco: com seu telescópio ela observou todos os cantos da circunferência aquática; a lua surgiu quando a luz do dia se esvaiu e

teceu sua corrente nas profundezas — sua corrente de luz e beleza; os raios bruxuleantes às vezes enganavam os olhos ansiosos da mãe — seu coração inchou e então afundou dentro dela, quando a esperança e a expectativa falharam.

Dois intermináveis dias passaram desta forma, e uma longa noite de vigília. Ela tentava descansar no terceiro dia, quando o latido do cão a despertou — ouviu o barulho das águas e passos na praia; logo o marido e o filho entraram no casebre: ela lançou um rápido olhar indagador ao primeiro e então examinou longamente o segundo. Ambos pareciam exaustos — caindo de cansaço. Mas disseram pouco, com exceção do pedido de jantar de seu marido. Ela colocou comida diante deles: Charles procurou comer, mas depois de alguns esforços em vão, ele repentinamente saiu da sala. Pequeno Tommy, que havia acordado para ver seu irmão, foi enviado atrás dele e trouxe a notícia de que ele havia ido para a cama. Jane olhou tristemente para o marido, mas ele estava sério e apenas disse:

— A melhor coisa para ele! Tivemos muito trabalho — devo ir para cama também.

O sono profundo logo tomou conta do pescador cansado; mas Jane permaneceu acordada, e enquanto ouvia na quietude da noite, percebeu um suspiro profundo vindo do quarto de seu filho: ela entrou silenciosamente e, ajoelhada ao lado da cama, enquanto ele desviava os olhos abertos da vela acesa, ela disse:

— Você está doente — posso fazer algo?

Ele não respondeu, e ela falou outra vez:

— Você não pediu minha benção, Charles, esta noite.

— Não fale comigo, mãe — disse o garoto —, não posso falar com você, nem rezar — acho que nunca o farei novamente. — Então, levantando-se da cama como se apavorado, exclamou: — Se eu apenas pudesse dormir, se eu pudesse apenas deixar de ver, por favor, deixe a vela comigo, mãe. Eu vejo algo tão terrível no escuro! Estou com medo, nunca fui um covarde antes! — sua voz tremia.

Jane, em lágrimas de agonia, jogou-se em seu pescoço, dizendo:

— Mulher pecadora que sou, eu fiz isso com você!

— Então você sabe... por que, por que não me avisou? — As lágrimas sufocaram suas palavras; ele descansou a cabeça no seio da mãe, enquanto seu espírito castigado se aliviava no pranto inflamado.

Ele tinha uma história horrível para contar, que com alguma dificuldade Jane tirou dele. Ela estava decidida a saber do pior; e enquanto ele prosseguia, sua compaixão e consolo aliviavam o peso de sua tristeza.

Parecia que, durante sua última expedição, os contrabandistas haviam

coletado um espólio de valor acima do normal, a um custo menor do que o normal. Essa mercadoria eles haviam guardado em uma caverna preparada para esse fim, e se apressaram em avisar sobre a carga aos negociantes com os quais estavam acostumados a traficar. Eles esperavam uma troca em ouro, e o marido de Jane, pela primeira vez, consolou-se com a perspectiva de uma vida mais honesta e de dias mais tranquilos. Naquela manhã ele foi para o mar com o coração alegre e, observando o filho, sentiu uma palpitação de prazer ao lembrar que o menino fora criado inocentemente. Naquele momento, olhando para o ponto do penhasco escolhido por seus comparsas, ele viu um indicativo de perigo urgente e necessidade premente de sua ajuda. Tais são as nossas boas intenções quando não nos embasamos nem nos princípios nem na verdade. O efêmero senso do correto desse homem desapareceu e, sem pensar mais, exceto no perigo que poderia ameaçar seus amigos, ele ordenou a Charles que manobrasse o barco e, agarrando o leme, dirigiu-se ao local de encontro.

Os homens acreditavam ter sido rastreados ou traídos — pelo menos estavam certos de que haviam sido descobertos, e não tinham sido atacados ainda apenas por seu número, e sabiam que um grupo de reforço fora enviado a toda velocidade. Imediatamente transferiram seus bens para outros esconderijos — enterrar uma parte e esconder o resto sob os penhascos mais desolados ao longo da costa — estavam prontos para jogar tudo no mar ou destruir de qualquer maneira, a cair nas mãos de seus inimigos. Charles e seu pai desembarcaram, escalaram as rochas e entraram na caverna escura; sua atmosfera estava impregnada com a fumaça do tabaco e do álcool: o menino notou mesmo na escuridão os rostos ferozes e frios dos homens lá dentro — suas roupas realçadas por armas de fogo; os fardos de mercadorias espalhados; e jovem, ignorante e inocente como era, a verdade revelou-se para ele de uma só vez, enquanto a alegre recepção dada a “Jem Harding” indicou que seu pai era um deles. Esta pena falharia completamente em sua tarefa se tentasse registrar a linguagem grosseira e suja desses homens; seus palavrões, maldições e gírias, nas quais felizmente o pobre Charles não era adepto. Seu pai respondeu nas mesmas frases imundas, e equipou-se apressadamente com armas, enquanto um de seus camaradas deu uma pistola ao garoto dizendo:

— Coloque isso no seu cinto, moleque. — Charles recuou, e o homem, gritando em uma risada e um palavrão, perguntou se ele tinha medo de que o mordessem.

Todos agora começaram a trabalhar, e o dia passou na tarefa quase ininterrupta de mover os bens. Eles sabiam que havia batedores por perto e adotaram vários meios para despistá-los. Transportaram uma parte da mercadoria para o interior, e a parte que não seria danificada pela umidade,

separaram para afundar em um buraco nas rochas, coberto pela maré alta. Charles era obediente e trabalhou duro entre eles, prestando sua ajuda sem um murmúrio, de modo que ouviu seu pai ser repreendido várias vezes por não ter trazido um rapaz tão útil antes.

No entanto, para eles não havia nenhum trabalho sem perigo e astúcia. Em um momento, eles discutiram a elegibilidade de fazer prisioneiro um homem que, disfarçado de camponês, estava sempre rondando. Os intensos murmúrios e a linguagem ininteligível com que discutiram esconderam muito de seu significado ao novico; mas seus xingamentos, olhares sombrios, suas mãos frequentemente tocando as armas ao lado do corpo despertaram terrores piores em sua imaginação. Ele pensou que premeditavam um assassinato, e seu sangue gelou — seus cabelos pareceram se erguer e seus joelhos batiam juntos de horror. Ele deu um ou dois passos para mais perto do pai, mas ele era quem falava mais alto sobre medidas desesperadas: o homem, como se avisado por instinto, não apareceu mais; mas cada vez que eles se aproximavam do local onde fora visto, o coração de Charles batia forte e seus membros paralisavam de medo. Em outro momento, foi necessário enganar uma pessoa que pretendia acompanhá-los. Charles, como o menos suspeito do grupo, foi escolhido para esta tarefa. Aquele que, na solidão de seu lar e nos hábitos honestos com sua doce mãe, nunca havia, durante sua vida, enganado alguém, estava agora, descaradamente, audaciosamente, afirmando uma mentira. Seu rosto corou, a vergonha estava em sua face e sua língua recusou seu ofício. No entanto, ele sentiu a necessidade de cumprir as instruções dadas, mesmo para o próprio bem do estranho — foi feito, a falsidade proferida, que lhe pareceu manchar todo seu futuro e tornar até o céu seu inimigo!

Tudo isso acontecia lentamente no limiar dos horrores. A noite caiu — noite suave e amena, e a serenidade do oceano e os belos raios da gentil lua vestiam-se como traidores de seu trabalho: eles agora se ocupavam em transportar diversos barris através de um riacho, até uma fenda escura nas rochas; duas ou três vezes fizeram a viagem em segurança — restava apenas uma, quando, ao se aproximar do destino, repentinamente o mar pareceu vivo com barcos — uma fila de homens apareceu no rochedo acima — por todos os lados eles foram cercados. Jogaram a carga no mar; começaram a remar; tiros foram trocados, e o ar foi preenchido com o terror de um único grito vindo de diversas vozes. Os contrabandistas queriam apenas escapar; seus agressores desejavam capturar seus bens, de modo que a luta, embora feroz, foi curta; e ao ganhar o mar aberto, os contrabandistas descobriram que não estavam sendo perseguidos. Em um momento — um terrível momento — um oficial de receita ergueu sua pistola próxima ao peito de Charles; seu pai a jogou longe e disparou a sua; o homem caiu pesadamente na água — o menino viu o

corpo, com seu rosto distorcido, atingido pela morte, flutuando próximo: após um minuto a brisa preencheu a vela que seus companheiros planejavam içar, e eles foram levados além dos navios de seus inimigos: os gritos, as vozes, tão altas e estarrecidas, morreram, e eles se encontraram livres e a salvo nas amplas águas enevoadas. Ainda assim, o garoto, ensinado por uma mulher, imaginava que o homem morto flutuava por perto — seu rosto virado para o mar agitado. Ele não ousou levantar o olhar para o céu iluminado pela lua, pois ali habitava o Eterno, tão gravemente ofendido. O terror visitara seu coração, o remorso e o desespero seguiram; e enquanto isso ele ficou enjoado ao ouvir as maldições e os insultos da tripulação — seu pai mais alto e destemido entre eles.

Toda aquela noite e no dia seguinte eles não ousaram se aproximar da praia.

Eles tinham apenas dois ou três biscoitos consigo, devorados avidamente no primeiro sinal da fome, um dos contrabandistas dividiu uma porção muito pequena com Charles; além disso, não tinham nada além de álcool para aliviar a sede. Com isso alguns ficaram atordoados; outros barulhentos e desordeiros; um homem caiu ao mar, mas a calma era tal que facilmente o resgataram, e o acidente serviu apenas para aumentar a barulhenta briga a bordo. Charles dispensou com aversão as doses enlouquecedoras; doente de fome e exausto, ele se espreguiçou no fundo do barco, acreditando que certamente morreria — ora chorando ao pensar em sua querida mãe — ora embalado em um sono perturbado pelas ondas. Perto do fim do dia, eles se aproximaram da costa; ao cair da noite desembarcaram. Charles e seu pai encontraram seu barco na enseada onde o haviam deixado, e aqui também encontraram água: um pouco revigorados, mas exaustos, navegaram de volta para sua conhecida praia e lar pacífico.

Foi uma tarefa difícil para Jane acalmar e confortar seu filho; mas aos poucos seus pensamentos conturbados ficaram mais calmos — suas pálpebras pesadas fecharam, e o sono o dominou. Jane ficou ao seu lado e chorou por todo o tempo, não ousando considerar o futuro, e vendo no presente a concretização de seus piores medos. A manhã cinzenta despertou: Harding acordou; levantou-se e, sem falar com a mulher por pura vergonha, desceu à praia para preparar o barco para o mar. Em pouco tempo sua voz chamou pelo filho. Charles já havia se levantado, ele comera o café da manhã preparado por sua mãe, mas também estava quieto e pensativo. O coração de Jane bateu mais forte quando ouviu seu marido chamá-lo; mas ainda assim o garoto não disse nada, e caminhou até a beira da água. Logo, porém, a pobre mulher percebeu que havia discórdia entre pai e filho. Charles permaneceu na areia e, impassível, parecia, com firmeza, mas respeito, afirmar suas resoluções,

enquanto Harding, com voz alta e rosto inflamado, derramava uma torrente de insultos; ele também levantou a mão, e diante de Jane, correndo para detê-lo, derrubou seu filho.

Charles levantou-se e permaneceu como antes, firme e controlado. Harding, não querendo enfrentar as reprovações de sua esposa, saltou sozinho no barco, juntando maldições na cabeça de seu filho — desejando que tivesse deixado que fosse baleado e jurando que ele mesmo o mataria, se o encontrasse pela casa ao voltar — o sangue cairia de sua cabeça se o visse novamente! Com essas últimas palavras ele empurrou o barco para longe da margem, enquanto Charles, abraçando sua mãe, disse:

— Não se aflija; deve ser assim. Devo deixá-la por um tempo: ele será gentil com você quando eu partir; e logo, quando eu tiver um bom trabalho, mandarei chamá-la, e ele também deixará esse comércio perverso.

— Ele queria que você o acompanhasse de novo? — perguntou Jane.

— Não fale disso, mãe — disse o garoto. — Não poderia ser meu dever obedecê-lo, e não o faria. Vou para onde possa ganhar uma vida honesta; e nos encontraremos novamente e seremos felizes juntos.

Ainda assim, Charles permaneceu com sua mãe o dia todo; e foi apenas quando, no final da tarde, uma pequena vela ao largo parecia indicar o retorno de seu pai, e com muitas lágrimas e abraços ele pediu a benção da mãe; e então, com suas poucas roupas amarradas em um lenço, seu cão como companhia, sem nunca pestanejar, apesar de ainda chorar, subiu o penhasco, e tomou o caminho de um porto próximo.

Ele se foi — e ainda assim a embarcação não se aproximou, e Harding não retornou. No primeiro momento Jane pode pensar apenas em seu garoto — ou para onde ele rumava seus passos, e onde sua querida cabeça, pobre e sem amigos como era, encontraria um travesseiro naquela noite. Ainda assim, conforme a noite se aproximava, e seu marido não retornou, novos medos despertaram e de todos os lados desastres pareciam se aglomerar em volta dela. Ela esperou por muito tempo; mas estava exausta: ela dormira tão pouco nas noites anteriores, que afinal, foi descansar; e levando seu querido mais novo em seu peito, deixando-se perder em fantasiosas esperanças, como se enviadas do céu para consolá-la, caiu em um sono profundo e restaurador.

Quando acordou, com esforço organizou seus pensamentos e ficou a par da situação. O dia já avançava, ainda assim, seus filhos dormiam e tudo estava quieto, com exceção do oceano agitado. O vento havia aumentado, e rompeu a calma há muito pairando nas profundezas. As águas agora estavam tumultuadas e a maré alta trouxe os respingos das ondas até sua porta. Ela se levantou e olhou para fora — tudo estava deserto. Sua vida era uma vida de solidão; estava há uma distância de seis quilômetros de um vilarejo, e não

havia nenhum outro casebre dentro de uma distância considerável. Ninguém nunca a visitava, tanto que agora, com seu filho fora, seu marido sem retornar, ela não tinha ninguém com quem trocar opiniões, ou comunicar seus medos. Ela podia apenas observar em horror e tristemente contar as horas. A pouca ocupação que seus filhos lhe davam era positiva; porém não podiam afastar seus pensamentos de um objeto mais querido.

A princípio, a ausência prolongada do marido foi um alívio; ela temia ouvir insultos ao seu menino-anjo e enfrentar a fúria desse homem culpado. Mas quando esses três dias passaram, esses sentimentos se transformaram em uma inquietude fatal. Seu pequeno estoque de comida havia quase desaparecido; estava praticamente sem dinheiro; seus dois filhos exigiam sua presença constante, enquanto o suspense quase a privava de todas as faculdades, exceto a de ouvir cada som irrompendo em sua terrível solidão. Ainda assim as ondas guerreavam e quebravam tumultuosamente na praia; e a maré subiu e desceu, e o dia foi trocado pela noite; mas parecia que nunca mais ela se comunicaria com o mundo exterior — como se naquela praia solitária ela consumisse sua vida, na ignorância de todos os mais próximos e queridos para ela.

Sem conseguir lutar mais com sua ansiedade, ela finalmente tomou uma decisão. Caminharia ao menos até o vilarejo mais próximo — talvez seu filho tivesse escrito — talvez ela conseguiria alguma informação sobre o bando de contrabandistas de seu marido. Bem cedo ela se levantou para se preparar para a caminhada: com o coração pesado ela tentou engolir alguma comida, mas em vão — enquanto seu filhinho pulava de animação pela esperada visita a cidade. De repente, ela ouviu um arranhar na porta do casebre — um latido bem conhecido; ela correu para abri-la; o pobre Marinheiro, o cão, saltou sobre ela com prazer frenético — mas ele estava sozinho! Ela correu para a praia; chamou o nome do filho, e ele, vindo de trás de uma rocha, voou para seus braços. Por fim ele disse:

— Meu pai! É verdade? Eu achei que ele estivesse dentro de casa, mas onde? Não preciso perguntar; é verdade a história que eu ouvi: ele foi levado!

— Levado! — exclamou Jane.

— Minha querida mãe — disse Charles, apavorado com o que tinha de revelar — você não sabe? Eles foram atacados novamente, alguns foram presos, alguns escaparam, e alguns caíram: eu tinha esperança que meu pai talvez tivesse conseguido voltar em segurança.

— Meu bom Deus! — exclamou a infeliz mulher. — Meus pobres bebês!

— Não tema, mãe! — respondeu o filho — na pior das hipóteses sou um homem agora, e posso trabalhar para vocês: irei até o lugar; se o barco estiver lá posso pegá-lo — em três ou quatro horas, já que o vento está bom, até a cidade

grande. Se ele estiver na cadeia, logo saberei. Estarei de volta amanhã, ou no máximo no dia seguinte.

Ele já ia embora, quando voltou novamente:

— Cuide do Marinheiro; ele não pode ir comigo. Se não me ver até quinta no cair do dia, vá até o correio: eu escreverei.

Ele se foi; sua vinda tinha sido um sonho, mas pelos novos medos que deixara para trás. Alguns dos contrabandistas caíram no confronto — ela abraçou seus filhos — seus órfãos. Não era necessária nenhuma nova informação para assegurá-la de sua calamidade — estava — deveria estar tudo acabado!

Esperar — esperar! A vida era uma longa e sombria espera. Cuidar de seus filhos; acariciar o cão de Charles, e aguardar por seu barco retornando: o mar havia ficado calmo, e apenas algumas horas o trariam de volta para ela; e ainda assim ele não veio, dois dias se passaram, e quinta a tarde chegou e nada de Charles! Outra vez ela teve que decidir por uma ida ao correio com um coração ainda mais ansioso. A manhã veio, e ela se preparou para sua viagem. Ela subiu o penhasco e deu uma última olhada no amplo oceano. O vento oeste, que reinou por muitos dias, estava novamente se transformando em tempestade e açoitando o oceano à fúria: as nuvens fugiam como coisas vivas pelo céu; as águas turvas e espumantes mantinham um rugido incessante, e a praia estava coberta de ondas.

— Deus permita que ele não se coloque ao mar! — suspirou Jane, tremendo que ele o fizesse.

Ela segurava seu filho mais novo nos braços, e Tommy, carregando uma cesta vazia, corria ao seu lado. Uma caminhada de seis quilômetros estava diante dela, na maior parte por uma estrada acidentada e montanhosa. O vento pareceu diminuir um pouco enquanto ela prosseguia. Tommy ficou encantado com a viagem e ela conversava alegremente com ele, apesar de seu desespero. Seu espírito a sustentou; de modo que, apesar de seu querido fardo, chegou à cidade sem muito cansaço. Sua primeira visita foi ao correio; uma carta foi entregue a ela, por mais grosseira que fosse, escrita em papel áspero, mal dobrada e mal escrita, ela a pressionou com êxtase aos lábios e se apressou para encontrar algum lugar onde pudesse lê-la. Enquanto seus filhos devoravam pão numa padaria, ela a abriu: as palavras eram poucas, e selavam suas piores antecipações:

“Querida mãe”, escrevia Charles. “Fique em paz — já é tarde: meu pai está em um lugar melhor, e você não deve se culpar. Ele foi baleado e aprisionado, e levado para a cadeia. Eu o encontrei vivo, e ele me deu sua bênção, o que me conforta, e me aconselhou a

seguir bons caminhos. Ontem à noite, minha querida mãe, ele morreu, mas antes disso sofreu com muita dor. Ele será enterrado amanhã de manhã. Querida mãe, eu trabalharei para você, e para Tommy e Jenny. Eles têm sido bons para mim aqui; e tenho um generoso amigo. Ele me fez prometer trazê-la aqui, e me deu dinheiro, e me dará trabalho. Realmente, querida mãe, tenho boas notícias para você. Você não viverá mais naquele local isolado, mas virá para um belo chalé onde viveremos juntos. Eu achei o barco e voltarei nele: me espere na sexta feira — então, procure por mim.

“Seu devoto filho,
“Charles Harding.”

Em pranto, mas, ainda assim, tentando se controlar, secando os olhos, e novamente rompendo em um choro apaixonado, Jane começou a refazer os passos para casa. O céu estava nublado e ambos ela e seu menininho ficaram muito cansados. Ela continuou em frente por cerca de três quilômetros, e então se sentou para descansar. Depois de pouco tempo, temendo que a noite alcançasse, continuou seu caminho. Ela estava agora entre as colinas silvestres mais perto de casa, e o vento, que parecia calmo, aumentou novamente, rasgou o campo aberto e varreu terrivelmente a urze exposta. Vastas, densas massas de nuvens eram carregadas em velozes fileiras; e numa pausa da ventania, ouviu-se outro som — era o mar? — não; um relâmpago transformou suas dúvidas em certeza, e novamente o trovão retumbante reverberou sobre sua cabeça: a chuva começou a cair — por um momento ela pensou em abrigo; mas a imagem de seu Charles no oceano tempestuoso mostrou-se com tanto terror que, embora ela mal pudesse se manter em pé, ela se apressou. O pobre Tommy mal conseguia acompanhá-la: ainda assim, enquanto as vozes elementais se misturavam em uma horrenda batalha, e o mar juntava seu rugido rouco ao trovão e ao vento, ele também esquecia seu cansaço em seus medos por seu irmão.

Ó, por uma visão do hostil oceano, que talvez já o tivesse feito uma presa! Ouvir as altas ameaças de seu inimigo, e então ser ofuscada por seus efeitos, deu tamanha ferroadada à miserável multiplicidade de sua dor, que em um momento ela caiu de joelhos, incapaz de orar, mas repetindo exaltada o nome de seu querido filho. O terror de seus filhos, que ficavam cada vez mais assustados, a fez voltar para realidade; ela enxugou suas lágrimas caindo apressadas e continuou: o caminho parecia sem fim — ela conhecia bem cada curva, cada mudança de objeto em seu caminho; e ao mesmo tempo, enquanto a chuva e o vento, e a escuridão da tempestade a cercavam, parecia que cada distância havia dobrado — como se ela jamais, jamais chegaria!

Afinal, em uma curva da estrada, ela pode ver a chaminé de sua casa — mais alguns passos, mas antes um som estranho chegou aos seus ouvidos na rajada: aquele longo lamento era humano? Uma outra vez ela ouviu.

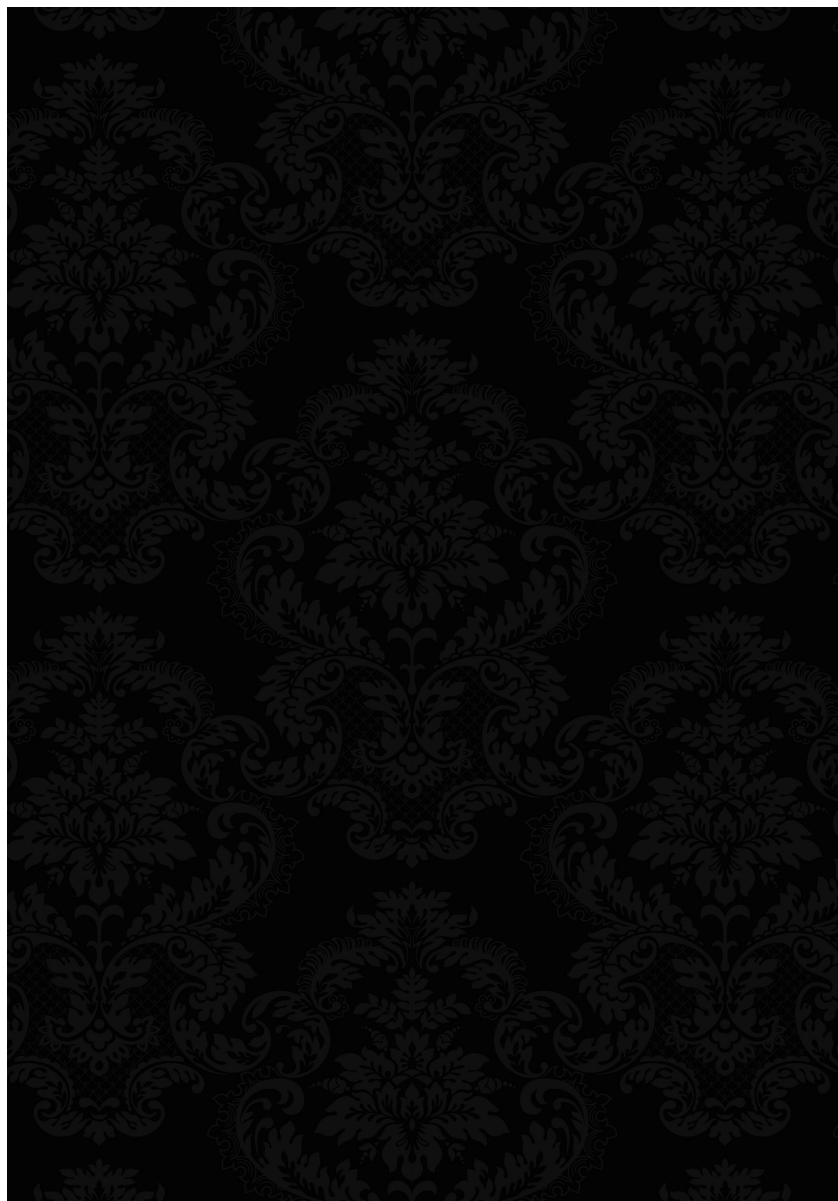
— É o Marinheiro — exclamou seu filhinho; e agora a cortina da distância e dos objetos impedindo sua visão foi retirada, e tudo estava diante dela: as águas malignas agitadas pela tempestade, o céu sinistro, e em direção ao mar, as nuvens, erguidas pelos ventos, mostravam o sinal vermelho e reluzente da tempestade crescente.

Marinheiro uivava da areia, e um chapéu levado à praia pelas ondas estava diante dele, e no escuro oceano espumante, subindo e descendo com as ondas poderosas, lutando contra o vento e a água, estava o barco que ela tantas vezes havia observado — agora transportando algo tão querido e arriscado. Restava alguma esperança?

Diversas vezes a pequena embarcação, com sua única vela rasgada, foi jogada nas profundezas escancaradas — novamente erguia-se no topo das águas e, em seguida, engolfada pela onda que se quebrava, labutava intensamente em meio a seus uivantes, devoradores e impiedosos perseguidores! Os surdos vagalhões não ouvem; a tempestade fúnebre é cega; desastre e tormenta não têm nenhum toque de simpatia humana; o temporal cai sobre as águas; as ondas escuras saltam e dançam em um passatempo algoz, e o trovão acima ri em zombaria — é o seu carnaval, o carnaval e máscara da Morte. A oração emocionada do ser solitário, as efusivas e agonizantes lágrimas do ser miserável, que da costa vê sua última esperança arrasada — o que são elas para a destruição impiedosa que se levanta de seu repouso apenas para aniquilar!

Mesmo assim, o barquinho fez seu temeroso caminho. A vela, única esperança do timoneiro, foi, em um momento, arrancada das cordas e lançada, em farrapos, ao mar; mas seu bravo garoto abriu mais uma, e novamente a quilha obedeceu ao leme. Ela continuou. A rebentação estava à frente; mas Charles conhecia bem cada rocha e recife escondidos na perigosa costa. As nuvens se erguiam ainda mais altas e, através do véu da chuva torrencial, podia-se ver o céu claro; os trovões tornaram-se mais fracos; nuvens voaram furiosamente para o interior, e então veio uma calmaria — outra explosão furiosa, e então uma pausa mais longa. O sol espreitava à margem do oceano, ainda mais dourado, e as ondas pareciam obedecer aos feixes de luz estendendo-se sobre elas. O barco labutava menos, e havia alguma esperança de que ele chegasse a uma pequena enseada, abrigada pelo penhasco, onde pudesse atracar. A esperança agora dominava o medo; a mãe chorosa apressou-se para o local: o mar aqui estava mais tranquilo e, após alguns momentos de suspense, ao dar meia-volta novamente, o barco aproximou-se ainda mais e

entrou em águas mais calmas. Mais um breve intervalo, e Charles, todo encharcado e fraco, mas mantendo seu espírito inabalável, estava nos braços da mãe!



O MORTAL IMORTAL

Título original: The Mortal Immortal
Publicado em 1833 na revista The Keepsake, pelo “autor de Frankenstein.”

16 DE JULHO, 1833.

Este aniversário é memorável para mim; completo trezentos e vinte e três anos!

O Judeu Errante^[229]? Certamente não. Mais de dezoito séculos se passaram sobre sua cabeça. Se comparado a ele, sou um imortal muito jovem.

Sou, então, imortal? Esta é uma pergunta que tenho feito a mim mesmo, dia e noite, agora por trezentos e três anos, e ainda assim, não posso respondê-la. Encontrei um fio de cabelo branco em meio às minhas mechas castanhas hoje mesmo — o que certamente indica deterioração. Mas ao mesmo tempo, pode ter permanecido escondido ali por trezentos anos — pois algumas pessoas ficam totalmente grisalhas antes dos vinte anos de idade.

Contarei minha história e meu leitor julgará por mim. Contarei minha história para assim passar algumas horas de uma longa eternidade, que se torna tão cansativa. Para sempre! Pode ser? Viver para sempre! Ouvi falar sobre encantamentos, dos quais a vítima cai em um sono profundo, para acordar, após uma centena de anos, tão jovem quanto antes: ouvi falar dos Sete Adormecidos^[230] — e neste caso ser imortal não seria tão difícil: mas, oh! O peso do tempo que nunca termina — a passagem tediosa das horas ainda por vir! Como era feliz o lendário Nourjahd^[231]! Mas, à minha tarefa!

O mundo todo já ouviu falar de Cornelius Agrippa^[232]. Sua memória é tão imortal quanto suas artes me fizeram. O mundo todo também ouviu falar de seu discípulo, que, sem saber, despertou o pestilento demônio durante a ausência de seu mestre e foi destruído por ele. O relato, verdadeiro ou falso, desse acidente, foi acompanhado de diversas inconveniências pelo renomado filósofo. Seus discípulos imediatamente o abandonaram — seus servos desapareceram. Ele não tinha ninguém por perto para colocar brasas em suas lareiras enquanto dormia, ou para cuidar das cores mutáveis de seus remédios enquanto estudava. Experiência após experiência falhou, pois era necessário mais um par de mãos para completá-las: os espíritos das trevas riram dele por não conseguir manter um único mortal a seu serviço.

Eu era então muito jovem — muito pobre — e muito apaixonado.

Durante um ano eu havia sido discípulo de Cornelius, apesar de estar ausente quando este acidente aconteceu. No meu retorno, meus amigos me imploraram para não voltar para a morada do alquimista. Eu tremi ao ouvir a desastrosa história que me contaram; não foi necessário um segundo aviso; e quando Cornelius veio e me ofereceu uma bolsa cheia de ouro se eu permanecesse sob seu teto, senti como se o próprio Satanás me tentasse. Meus dentes batiam — meus cabelos ficaram de pé — e eu fugi o mais rápido que meus joelhos bambos permitiam.

Meus passos vacilantes foram direcionados para o lugar onde por dois anos foram atraídos todas as noites — uma fonte borbulhante de água pura e viva, ao lado da qual ficava uma garota de cabelos escuros, cujos olhos radiantes estavam fixos no caminho que eu costumava trilhar. Não consigo me lembrar em que momento eu não amava Bertha; havíamos sido vizinhos e companheiros de brincadeiras desde a infância — seus pais, como os meus, tinham vida humilde, mas respeitável — nossa afinidade havia sido uma fonte de prazer para eles. Em uma hora fatal, uma maligna febre levou ambos seu pai e sua mãe, e Bertha tornou-se órfã. Ela teria achado um lar sob meu telhado paternal, mas infelizmente, a velha senhora do castelo próximo, rica, sem filhos, e solitária, declarou sua intenção de adotá-la. E deste modo Bertha foi vestida em seda — habitou um palácio de mármore — e passou a ser considerada muito favorecida pela fortuna. Mas em sua nova situação entre seus companheiros, Berta permaneceu fiel ao amigo de seus dias humildes; ela visitava com frequência a cabana do meu pai, e quando proibida de fazê-lo, desviava para o bosque próximo, e me encontrava ao lado do lago sombreado.

Ela dizia com frequência que não tinha nenhum dever para com sua nova protetora igual em santidade ao que nos unia. Ainda assim, eu era pobre demais para me casar, e ela se cansou de ser atormentada por minha causa. Ela tinha um espírito altivo, mas impaciente, e se zangou com os obstáculos impedindo nossa união. Encontramo-nos agora depois de uma ausência, e ela havia sido seriamente cortejada enquanto eu estava fora; reclamou amargamente e quase me censurou por ser pobre. Eu respondi de imediato:

— Sou honesto, se sou pobre! Se não fosse, talvez logo me tornaria rico!

Tal exclamação gerou milhares de perguntas. Temi chocá-la ao dizer a verdade, mas ela a tirou de mim; e então, lançando um olhar de desdém, ela disse:

— Você finge me amar, e tem medo de enfrentar o Diabo por mim!

Eu protestei dizendo que apenas temia ofendê-la, enquanto ela insistia na magnitude da recompensa que eu receberia. Assim encorajado — envergonhado por ela — conduzido pelo amor e pela esperança, rindo dos meus medos anteriores, com passos rápidos e coração leve, voltei e aceitei a

oferta do alquimista e imediatamente me instalei em meu escritório.

Um ano se passou. A quantia monetária que passei a possuir não era nada insignificante. A rotina eliminou meus medos. Apesar de uma dolorosa vigilância, nunca detectei traço de um pé fendido; nem o silêncio estudioso de nossa morada foi perturbado por uivos demoníacos. Eu continuava com meus encontros às escondidas com Bertha, e a esperança tomou conta de mim — esperança — mas não perfeita felicidade; pois Bertha imaginava que amor e segurança eram inimigos, e seu prazer era dividir ambos em meu peito. Apesar de ter o coração fiel, ela tinha de certa forma as maneiras de uma coquete; e eu era ciumento como um turco. Ela me desprezou de mil maneiras, mas nunca reconheceria estar errada. Ela me deixava louco de raiva, e então me forçava a pedir perdão. Às vezes achava que eu não era submisso o suficiente, e então contava alguma história de um rival, favorecido por sua protetora. Ela estava cercada por jovens vestidos de seda — os ricos e alegres. Que chance tinha o discípulo de Cornelius, com sua túnica triste, se comparado a estes?

Em uma ocasião, o filósofo exigiu tanto do meu tempo, que não pude encontrá-la como de costume. Ele estava envolvido em algum trabalho poderoso, e eu fui forçado a permanecer, dia e noite, alimentando suas fornalhas e observando suas preparações químicas. Bertha esperou por mim em vão no lago. Seu espírito altivo queimou com tal negligência; e quando, por fim, saí furtivamente durante os poucos minutos me concedidos para o sono, e esperava ser consolado por ela, fui recebido com desdém. Ela me desprezou e jurou que qualquer outro homem possuiria sua mão, a não ser um que não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo por ela. Ela se vingaria! E realmente se vingou. Em meu sombrio retiro, ouvi dizer que estivera caçando, acompanhada por Albert Hoffer. Ele era o favorito de sua protetora; e os três passaram em cavalgada diante da minha janela esfumaçada. Pareceu-me que mencionaram meu nome; seguido por uma risada de escárnio, enquanto os olhos escuros de Bertha encaravam minha residência com desdém.

Ciúmes, com todo seu veneno e miséria, entraram em meu peito. Eu derramei uma torrente de lágrimas ao pensamento que nunca a chamaria de minha; e logo, roguei mil pragas a sua inconstância. Entretanto, eu ainda precisava acender o fogo para o alquimista, cuidar das mudanças de suas poções incompreensíveis.

Cornelius havia observado seus experimentos por três dias e noites, sem fechar os olhos. O progresso de seus alambiques era mais demorado do que esperava: apesar de sua ansiedade, o sono pesava em suas pálpebras. Repetidamente ele se livrou da sonolência com uma energia sobre humana; repetidamente a mesma sonolência roubou seus sentidos. Ele observava seus

cadinhos melancolicamente.

— Ainda não está pronto — ele murmurou —, passará outra noite antes que o trabalho seja concluído? Winzy, você é vigilante — é fiel — você dormiu, meu rapaz — você dormiu ontem à noite. Olhe para aquele recipiente de vidro. Seu líquido é de uma suave cor rosada: no momento em que começar a mudar de tom, me acorde, até lá posso fechar os olhos. Primeiro, se tornará branco e, em seguida, emitirá raios dourados; mas não espere até então; quando o rosa desaparecer, desperte-me.

Mal ouvi as últimas palavras, murmuradas como foram, já quase adormecido. Mesmo assim, ele não cedeu totalmente à natureza.

— Winzy, meu rapaz — ele disse novamente —, não toque no recipiente, não o leve aos lábios; é um elixir — um elixir para curar o amor; você não pensaria em deixar de amar sua Bertha. Cuidado para não beber!

E ele dormiu. Sua venerável cabeça caiu sobre o peito, e mal ouvi sua respiração regular. Por alguns minutos observei o recipiente — o tom rosado do líquido permaneceu inalterado. Então meus pensamentos vagaram; visitaram o lago e se detiveram em mil cenas encantadoras que nunca mais seriam renovadas — nunca! Serpentes e víboras surgiram em meu coração no momento em que a palavra “Nunca!” quase se formava em meus lábios. Garota falsa! Falsa e cruel! Nunca mais ela sorriria para mim como naquela tarde que sorriu para Albert. Mulher desprezível e detestada! Eu não deixarei de me vingar — ela verá Albert morrer a seus pés — ela morreria em minha vingança. Ela havia sorrido com desdém e triunfo — conhecia minha miséria e seu poder. No entanto, que poder ela tinha? O poder de despertar meu ódio — meu desprezo absoluto — meu — oh, tudo menos indiferença! Se conseguisse, se pudesse encará-la com olhos descuidados, transferindo meu amor rejeitado para alguém mais justo e verdadeiro, isso seria de fato uma vitória!

Um raio disparou diante dos meus olhos. Eu havia esquecido a poção do mestre. Contemplei-o com admiração: lampejos de admirável beleza, mais cintilantes do que os emitidos por um diamante quando os raios do sol o incidem, reluziam da superfície do líquido; um odor dos mais perfumados e agradáveis roubou meus sentidos; o frasco parecia um globo de esplendor vivo, encantador aos olhos e muito convidativo ao paladar. O primeiro pensamento, instintivamente inspirado pelo sentido mais grosseiro, foi “eu vou — preciso beber”. Levei o recipiente aos lábios.

“Irá me curar do amor — da tortura.” Já tinha bebido metade do licor mais delicioso já provado pelo paladar humano, quando o filósofo se mexeu. Eu me assustei — deixei cair o frasco — o fluido queimando e refletindo ao longo do chão, ao sentir o aperto de Cornelius em minha garganta, enquanto

ele gritava em voz alta:

— Miserável! Você destruiu o trabalho da minha vida!

O filósofo não tinha ideia nenhuma de que eu havia bebido uma porção de sua droga. Ele achava que, e eu assenti explicitamente, eu havia levantado o frasco por curiosidade, e que, assustado com seu brilho e com os raios de luz intensa que ele emitia, o havia deixado cair. Eu nunca o desenganei. A chama do remédio apagou — a fragrância se extinguiu — ele se acalmou, como um filósofo deve fazer sob as mais pesadas provações, e me dispensou para descansar.

Não tentarei descrever o sono de glória e êxtase que banharam minha alma no paraíso durante as horas restantes daquela noite memorável. Palavras seriam modelos fracos e superficiais do meu prazer, ou da alegria que tomou conta do meu peito quando acordei. Eu caminhava no ar — meus pensamentos estavam no céu. A terra se assemelhava ao paraíso, e sua herança para mim seria um transe de júbilo. “Isto é estar curado do amor”, pensei; “verei Bertha hoje, e ela me encontrará frio e indiferente; feliz demais para desdenhar, mas totalmente indiferente a ela!”

As horas passaram. O filósofo, seguro de ter conseguido uma vez, e acreditando que poderia novamente, começou a criar o mesmo elixir. Ele estava fechado com seus livros e drogas, e me dispensou por alguns dias. Vesti-me com cuidado; olhei em um velho escudo polido, que me serviu de espelho; pensei que minha aparência tinha melhorado maravilhosamente. Corri para além dos arredores da cidade, alegria em minha alma, a beleza do céu e da terra ao meu redor. Voltei meus passos em direção ao castelo — eu podia olhar para suas torres altas com leveza de coração, pois estava curado do amor. Minha Bertha me viu de longe, quando subi a estrada. Não sei que impulso súbito animou seu peito, mas diante da visão, saltou com um leve pulo dos degraus de mármore, como uma corça, e se apressou em minha direção. Mas outra pessoa havia me visto. A velha jaraça bem-nascida, que se autointitulava sua protetora e era, na verdade, sua tirana, também me viu; ela mancou, ofegante, subindo o terraço; uma criada, tão feia quanto ela, segurava a cauda do seu vestido e a abanava enquanto ela se apressava, e parou minha linda garota com um:

— O que é isso, minha audaciosa dama? Para onde vai tão rápido? De volta à sua gaiola — os gaviões estão soltos!

Bertha juntou as mãos — seus olhos ainda voltados à minha figura que se aproximava. Eu vi a discussão. Como eu abominava a velha controlando os impulsos bondosos do coração amolecido de minha Bertha. Até então, o respeito por sua posição me fez evitar a senhora do castelo; agora eu desdenhava dessas considerações triviais. Havia sido curado do amor e elevado

acima de todos os medos humanos; continuei em frente e logo cheguei ao terraço. Como Bertha estava linda! Seus olhos cintilando fogo, suas bochechas brilhando com impaciência e raiva, ela estava mil vezes mais graciosa e charmosa do que nunca. Eu não mais a amava — ah, não! Eu a adorava — venerava — a idolatrava!

Ela havia sido procurada naquela manhã, com mais veemência do que de costume, para consentir a um casamento imediato com meu rival. Fora repreendida pelo encorajamento que havia mostrado a ele — ameaçada a ser expulsa de casa em desgraça e vergonha. Seu espírito orgulhoso ergueu-se armado diante da ameaça; mas quando se lembrou de como havia me tratado com desprezo, e como, talvez, perdera alguém que agora era seu único amigo, derramou lágrimas com remorso e raiva. Nesse momento eu apareci.

— Ah, Winzy! — ela exclamou — leve-me à choupana de sua mãe; deixe-me abandonar logo os luxos detestáveis e a tristeza desta nobre morada — leve-me para a pobreza e a felicidade.

Eu a carreguei em meus braços. A velha dama ficou sem palavras de fúria, e só irrompeu em injúrias quando estávamos longe, a caminho do chalé de meus pais. Minha mãe recebeu a bela fugitiva, escapada de uma gaiola dourada para a natureza e a liberdade, com ternura e alegria; meu pai, que a adorava, a acolheu de coração; foi um dia de júbilo, sem a necessidade da adição da poção celestial do alquimista para me inundar de prazer.

Logo após este dia agitado, tornei-me o marido de Bertha. Deixei de ser o pupilo de Cornelius, mas continuei seu amigo. Sempre fui grato a ele por ter, sem saber, providenciado aquele gole delicioso de um elixir divino, que, em vez de me curar de amor (triste cura! Fármaco solitário e infeliz para males que parecem bênçãos à memória), me influenciou com coragem e resolução, e assim ganhando um tesouro inestimável em minha Bertha.

Muitas vezes me lembrei daquele período de embriaguez com admiração. A bebida de Cornelius não havia cumprido a tarefa para a qual ele afirmou ter sido preparada, mas seus efeitos foram mais potentes e felizes do que palavras podem expressar. Havia desaparecido aos poucos, mas permaneceram por muito tempo — e pintaram a vida em tons de esplendor. Bertha muitas vezes se admirava com minha leveza e alegria inusitada; pois, antes, eu era muito sério, ou mesmo triste, em minhas atitudes. Ela me amava mais pelo meu temperamento alegre, e nossos dias eram embalados pela felicidade.

Cinco anos depois fui repentinamente convocado para o leito de morte de Cornelius. Ele havia mandado me chamar às pressas, invocando minha presença instantânea. O encontrei deitado em sua cama, enfraquecido até a morte; toda a vida restante animava seus olhos penetrantes, e eles estavam fixos em um recipiente de vidro, cheio de um líquido rosado.

— Eis — disse ele, com voz quebrada e abafada — a vaidade dos desejos humanos! Uma segunda vez minhas esperanças estão prestes a serem coroadas, uma segunda vez serão destruídas. Olhe para aquele licor — você se lembra que cinco anos atrás eu o preparei, com o mesmo sucesso; naquele dia, como agora, meus lábios sedentos esperavam provar o elixir imortal — você o arrancou de mim! E agora é tarde demais.

Ele falou com dificuldade e caiu de costas no travesseiro. Eu não pude deixar de dizer:

— Como, reverenciado mestre, uma cura para o amor pode restaurá-lo à vida?

Um leve sorriso brilhou em seu rosto enquanto eu ouvia com seriedade sua resposta quase ininteligível.

— Uma cura para o amor e para todas as coisas — o Elixir da Imortalidade. Ah! Se eu agora pudesse beber, viveria eternamente!

Enquanto ele falava, um clarão dourado brilhou no fluido; uma fragrância bem lembrada tomou conta do ar; ele se levantou, fraco como estava — a força parecia milagrosamente infiltrar-se mais uma vez em seu corpo — ele estendeu a mão — uma forte explosão me assustou — um raio de fogo disparou do elixir, e o recipiente de vidro contendo-o foi corroído a átomos! Voltei os olhos para o filósofo; ele havia caído para trás — seus olhos vidrados — suas feições rígidas — ele estava morto!

Mas eu estava vivo, e viveria para sempre! Foi o que disse o infeliz alquimista, e durante alguns dias, eu acreditei em suas palavras. Lembrei-me da gloriosa embriaguez seguida de meu gole roubado. Refleti na mudança que havia sentido no meu corpo — em minha alma. A elasticidade delimitadora de um — a leveza flutuante da outra. Examinei-me no espelho e não pude perceber nenhuma mudança em minhas feições durante o espaço de cinco anos que haviam se passado. Lembrei-me das tonalidades radiantes e do aroma agradável daquela bebida deliciosa — digna do presente que era capaz de conceder — eu era, então, IMORTAL!

Alguns dias depois eu ri de minha ingenuidade. Lembrei-me do velho provérbio, “só em sua própria terra é que um profeta não tem honra^[233]” era verdade em relação a mim e meu falecido mestre. Eu o amei como um homem — o respeitei como um sábio — mas ridicularizava a ideia de que ele pudesse conjurar os poderes das trevas e ria dos medos supersticiosos com que era visto pelo vulgo. Ele era um sábio filósofo, mas não conhecia nenhum espírito além daqueles vestidos de carne e sangue. Sua ciência era simplesmente humana; e a ciência humana, logo me convenci, nunca poderia vencer as leis da natureza a ponto de aprisionar a alma para sempre em sua habitação carnal. Cornelius preparara uma bebida refrescante para a alma — mais inebriante do que o

vinho — mais doce e redolente do que qualquer fruta: provavelmente possuía fortes poderes medicinais, transmitindo alegria ao coração e vigor aos membros; mas seus efeitos se desgastariam; já haviam diminuído em meu corpo. Eu era um sujeito de sorte por ter bebido saúde e animação, e talvez vida-longa, nas mãos de meu mestre; mas minha sorte acabou aí: longevidade era muito diferente de imortalidade.

Continuei a alimentar essa crença por muitos anos. Às vezes, um pensamento me invadia — o alquimista estava mesmo enganado? Mas minha convicção habitual era que eu, no tempo certo, encontraria o destino de todos os filhos de Adão — um pouco tarde, mas ainda em idade natural. No entanto, era evidente que eu mantinha uma aparência maravilhosamente jovem. Riam por minha vaidade em me olhar no espelho com tanta frequência, mas olhei em vão — minha testa estava livre de rugas — minhas bochechas — meus olhos — minha pessoa inteira continuava tão imaculada quanto no meu vigésimo ano.

Eu estava preocupado. Observei a beleza esmaecida de Bertha — me assemelhava mais ao seu filho. Aos poucos, nossos vizinhos começaram a fazer observações semelhantes, e finalmente descobri que me chamavam de Pupilo Enfeitiçado. Bertha também ficou inquieta. Ela tornou-se ciumenta e irritada, e finalmente começou a me questionar. Não tínhamos filhos; éramos tudo um para o outro; e embora, à medida que envelhecia, seu espírito vivaz se aliasse um pouco ao mau humor e sua beleza diminuísse tristemente, eu a acalentava em meu coração como a mulher que idolatrava, a esposa que eu buscara e conquistara com tão perfeito amor.

Afinal, nossa situação se tornou intolerável: Berta tinha cinquenta anos de idade — eu vinte. Eu tinha, com muita vergonha, adotado em certa medida os hábitos de uma idade mais avançada; não me misturava mais nos bailes entre os jovens e alegres, mas meu coração saltava junto com eles enquanto eu segurava meus pés; e uma figura lamentável era a minha entre os Nestores^[234] de nossa aldeia. Mas antes da hora que menciono, as coisas estavam diferentes — todos nos evitavam; diziam que nós — pelo menos, eu — havia mantido uma relação iníqua com alguns dos supostos amigos de meu antigo mestre. Da pobre Bertha tinham pena, mas a abandonaram. Eu era visto com horror e ódio.

O que faríamos? Sentamo-nos junto à nossa fogueira de inverno — a pobreza se fazia sentir, pois ninguém comprava os produtos da minha fazenda; e muitas vezes fui forçado a viajar trinta quilômetros, para algum lugar onde não era conhecido, para dispor de nossa propriedade. É verdade, havíamos guardado um pouco para um dia ruim — esse dia havia chegado.

Permanecemos ao lado de nossa solitária lareira — o jovem de coração

velho e sua esposa antiquada. Mais uma vez Berta insistiu em saber a verdade; ela narrou tudo que já havia ouvido falar sobre mim, e incluiu suas próprias observações. Ela me implorou para interromper o feitiço; descreveu como cabelos grisalhos eram muito mais belos do que minhas mechas castanhas; falou sobre a reverência e o respeito que vem com a idade — como é muito mais vantajosa se comparada à pouca consideração dada a meras crianças: eu não poderia imaginar que os dons desprezíveis da juventude e da boa aparência superavam a desgraça, o ódio e o desprezo? Não, no final eu seria queimado como negociante da arte negra, enquanto ela, que não foi digna em saber qualquer parte da minha boa sorte, poderia ser apedrejada como minha cúmplice. Por fim, ela recomendou que eu compartilhasse meu segredo com ela e lhe concedesse benefícios semelhantes aos que eu desfrutava, ou ela me denunciaria — e então ela caiu em prantos.

Assim acometido, achei que seria melhor dizer a verdade. Revelei tudo com a maior ternura possível, e falei apenas de uma vida muito longa, não imortalidade — pensamento que, realmente, coincidia melhor com minhas ideias. Quando terminei, me levantei e disse:

— E agora, minha Berta, você denunciará o amor de sua juventude? Você não vai, eu sei. Mas é difícil demais, minha pobre esposa, fazer você sofrer com minha má sorte e as artes malditas de Cornelius. Vou deixá-la — você tem riqueza suficiente, e nossos amigos retornarão na minha ausência. Eu me vou; jovem como pareço e forte como sou, posso trabalhar e ganhar meu pão entre estranhos, insuspeitos e desconhecidos. Eu a amei na juventude; Deus é minha testemunha de que eu não a abandonaria com a idade, mas sua segurança e felicidade exigem isso.

Eu tirei meu gorro e fui em direção a porta; em um momento, os braços de Bertha estavam em volta de meu pescoço, seus lábios pressionados nos meus.

— Não, meu marido, meu Winzy — ela disse —, você não irá sozinho, leve-me com você; sairemos deste lugar, e, como você diz, entre estranhos não vamos levantar suspeitas e estaremos seguros. Não sou tão velha a ponto de envergonhá-lo, meu Winzy; e ousa dizer que o encanto logo vai passar, e, com a bênção de Deus, você vai envelhecer, como deve ser; e não me deixará.

Retribui o abraço da boa alma de coração.

— Não irei, minha Bertha; foi apenas para seu bem que pensei em tal coisa. Serei seu marido verdadeiro e fiel enquanto você se conceder a mim, e cumprirei meu dever até o fim.

No dia seguinte nos preparamos secretamente para nossa emigração. Fomos obrigados a fazer grandes sacrifícios pecuniários — não pudemos evitar. Reunimos quantia suficiente, ao menos, para nos manter enquanto Bertha

vivia; e, sem dizer adeus a ninguém, deixamos nosso país nativo para nos refugiarmos em uma parte remota do oeste da França.

Foi cruel levar a pobre Bertha de sua aldeia nativa, e dos amigos de sua juventude, para um novo país, uma nova língua, com novos costumes. O estranho segredo de meu destino fez com que a mudança fosse irrelevante para mim; mas minha compaixão por ela era profunda, e felizmente percebi que ela compensava seus infortúnios em uma variedade de pequenas circunstâncias ridículas. Longe de todos os fofoqueiros, ela tentou diminuir a aparente disparidade de nossas idades por mil artes femininas — ruge, roupas da moda e uma atitude mais jovial. Eu não podia me zangar. Eu mesmo não usava uma máscara? Por que brigar com a dela, por ser menos bem-sucedida? Sofria profundamente quando me lembrava de que essa era minha Bertha, a quem eu havia amado com tanto carinho e conquistado com tanto entusiasmo — a garota de olhos e cabelos escuros, com sorriso encantador e modos como os de um cervo — essa velha de sorriso afetado, pretensiosa e invejosa. Eu teria reverenciado suas mechas grisalhas e bochechas murchas; mas assim! Era por minha causa, eu sabia; mas nem por isso achei esse tipo de fraqueza humana menos deplorável.

Sua inveja nunca dormia. Sua principal ocupação era descobrir se, apesar das aparências, eu estava envelhecendo. Eu realmente acredito que a pobre alma me amava de verdade em seu coração, mas nunca uma mulher apresentou um modo tão insuportável de mostrar afeição. Ela apontava linhas em meu rosto e enfraquecimento em meu andar, enquanto eu saltitava com vigor juvenil, aquele com a aparência mais jovem entre vinte garotos. Eu nunca ousei me dirigir a outra mulher. Em uma ocasião, imaginando que a mulher mais bela da vila me olhava com favor, ela me trouxe uma peruca grisalha. Seu constante discurso entre seus conhecidos era que, embora eu parecesse tão jovem, a ruína estava em ação dentro de meu corpo; e afirmava que meu pior sintoma era minha aparente saúde. Minha juventude era uma doença, ela dizia, e eu deveria me preparar, se não para uma morte súbita e terrível, pelo menos para acordar alguma manhã com a cabeça branca e curvada, com todas as marcas da idade avançada. Eu a deixava falar — muitas vezes me juntava a suas conjecturas. Suas advertências coincidiam com minhas incessantes especulações sobre meu estado, e eu tinha um interesse sincero, embora doloroso, em ouvir tudo o que seu raciocínio rápido e imaginação febril pudessem dizer sobre o assunto.

Porque insistir nessas circunstâncias pequenas? Nós vivemos juntos por muitos e longos anos. Bertha ficou acamada e parálitica; eu cuidei dela como uma mãe cuida de um filho. Ela se tornou rabugenta, e ainda tocava em uma corda só — por quanto tempo eu a sobreviveria. Foi sempre uma fonte de

consolo para mim, eu ter cumprido escrupulosamente meu dever para com ela. Bertha tinha sido minha na juventude, era minha na idade; e, por fim, quando cobri seu cadáver de grama, chorei ao sentir que havia perdido tudo o que realmente me ligava à humanidade.

Desde então, quantos foram meus cuidados e angústias, quão poucos e vazios meus prazeres! Pauso aqui na minha história — não seguirei adiante. Um marinheiro sem leme nem bússola, jogado a um mar tempestuoso — um viajante perdido em uma extensa urze, sem marco ou pedra para guiá-lo — assim tem sido: mais perdido, mais desesperado do que qualquer um. Um navio que se aproxima, um vislumbre de alguma choupana distante, pode salvá-los; mas não tenho farol, exceto a esperança da morte.

Morte! Misteriosa, amiga malvista da débil humanidade! Porque apenas eu, entre todos os mortais, expulsou de seu abraço protetor? Oh, pela paz do túmulo! O profundo silêncio da tumba de ferro! Este pensamento deixaria de ocupar meu cérebro, e meu coração deixaria de bater apenas com variantes de novas formas de tristeza!

Sou imortal? Retorno à minha primeira pergunta. Em primeiro lugar, não é mais provável que a bebida do alquimista carregasse longevidade em vez de vida eterna? Tal é a minha esperança. E então lembre-se, que eu só bebi metade da poção preparada por ele. Não seria necessário bebê-la completamente para completar o encanto? Tragar metade do Elixir da Imortalidade é apenas ser meio imortal — meu “para sempre” é assim inacabado e nulo.

Mas novamente, quem poderá enumerar os anos da meia eternidade? Sempre tento imaginar por qual regra o infinito pode ser dividido. Muitas vezes tento imaginar minha idade avançando. Um cabelo branco eu encontrei. Tolo! Eu me lamento? Sim, o medo da idade e morte com frequência rasteja friamente em meu coração; e quanto mais eu vivo, mais temo a morte, mesmo enquanto abomino a vida. Tal enigma é o homem — nascido para morrer — quando luta, como eu, contra as leis estabelecidas da natureza.

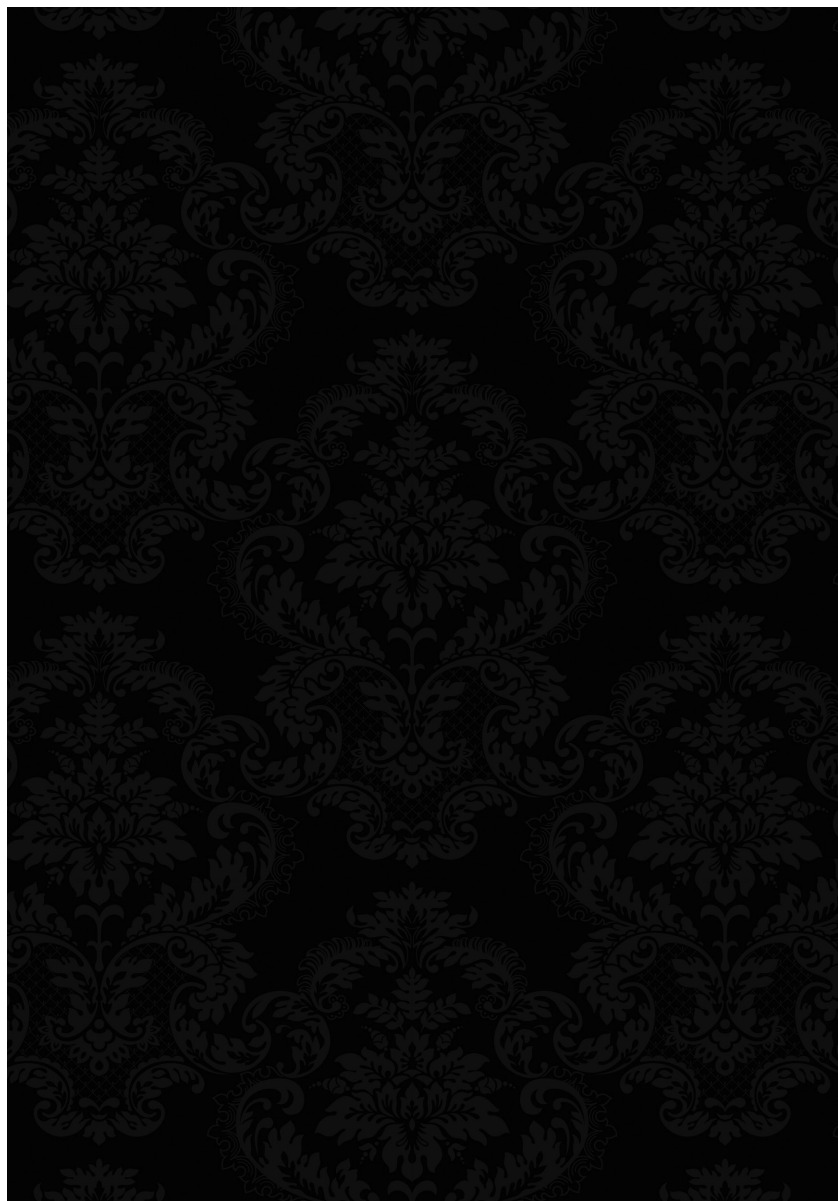
Se não fosse esse sentimento anormal eu sem dúvidas morreria; o fármaco do alquimista não seria à prova de fogo — da espada — e de águas sufocantes. Contemplei as profundezas azuis de muitos lagos tranquilos, e a corrente tumultuada de muitos rios poderosos, e pensei: a paz habita nessas águas; contudo desviei meus passos, para viver mais um dia. Perguntei-me se o suicídio seria um crime para aquele cuja única maneira de abrir os portais do outro mundo seria esta. Fiz de tudo, a não ser me apresentar como soldado ou duelista, um objeto de destruição para meus — não, não para meus companheiros mortais, e, portanto, me acovardei. Eles não são meus companheiros. O poder inextinguível da vida em meu corpo, e sua existência

efêmera, nos separa como os polos. Eu não levantaria a mão contra o mais mesquinho ou o mais poderoso entre eles.

Assim vivi por muitos anos — só, e cansado de mim mesmo — desejando a morte, mas nunca morrendo — um mortal imortal. Nem ambição nem avariza podem entrar em minha mente, e o amor ardente que rói meu coração, nunca será correspondido — nunca encontrará um semelhante com o qual se consumir — vive ali apenas para me atormentar.

Hoje concebi um plano pelo qual posso terminar tudo — sem automutilação, sem fazer de outro homem um Caim^[235] — uma expedição, cuja estrutura mortal nunca poderá sobreviver, mesmo dotada da juventude e força que habita a minha. Assim, colocarei minha imortalidade à prova e descansarei para sempre — ou retornarei, a maravilha e o protetor da espécie humana.

Antes de partir, uma terrível vaidade me fez escrever estas páginas. Eu não morreria sem deixar nenhum nome para trás. Três séculos se passaram desde que traguei a bebida fatal; mais um ano não passará antes — encontrando perigos gigantescos, guerreando contra os poderes da geada em sua morada, cercado pela fome, labuta e tempestade — que eu entregue este corpo, uma gaiola tenaz demais para uma alma sedenta de liberdade, aos destrutivos elementos do ar e da água; ou, se eu sobreviver, meu nome será registrado como um dos mais famosos entre os filhos dos homens; e, cumprida minha tarefa, adotarei meios mais resolutos e, espalhando e aniquilando os átomos componentes de meu corpo, libertarei a vida aprisionada dentro de mim, e tão cruelmente impedida de alçar voo desta terra sombria para uma esfera mais agradável a sua essência imortal.



A PROVA DE AMOR

Título original: The Trial of Love

Publicado em 1835, no jornal The Keepsake pelo “autor de Frankenstein”.

Após obter licença da signora^[236] priora para sair por algumas horas, Angeline, que era uma interna no convento de Sant’Anna, na cidadezinha de Este, na Lombardia, partiu para sua visita. Ela estava vestida com simplicidade e bom gosto; sua faziola^[237] lhe cobria cabeça e ombros; e debaixo, brilhavam seus grandes olhos negros, cuja beleza era singular. E ainda assim, ela não era, talvez, convencionalmente bonita; mas tinha uma testa suave, aberta e nobre; uma profusão de sedosos fios de cabelos negros, e uma pele lisa e delicada, embora morena. Ela tinha também um semblante pensativo e inteligente; sua mente parecia com frequência aconselhar-se consigo mesma; e podia-se ver que estava profundamente interessada, e muitas vezes satisfeita, com os pensamentos que a preenchiam. Ela era de nascença humilde: seu pai fora administrador de Conde Moncenigo, um nobre veneziano; sua mãe fora ama de sua única filha. Ambos os seus pais estavam mortos; a haviam deixado relativamente rica; e ela era o prêmio cobiçado por todos os jovens da classe sob a nobreza; mas Angeline vivia enclausurada em um convento, e não encorajava nenhum deles.

Por muitos meses ela não estivera fora de seus muros; e quase sentiu medo ao encontrar-se entre as ruas que levavam além da cidade e subiam as Colinas Eugêneas em direção a Villa Moncenigo, para onde ela dirigia seus passos. Cada parte do caminho lhe era bem conhecido. A Condessa de Moncenigo morrera ao dar à luz a sua segunda filha, e desde então, a mãe de Angeline morara na vila. A família consistia no conde, que estava sempre, exceto durante algumas semanas do outono, em Veneza, e nos dois filhos. Ludovico, o filho, foi bem cedo enviado para Pádua, pelo bem de sua educação, e ali restava apenas Faustina, que era cinco anos mais jovem do que Angeline.

Faustina era a coisinha mais linda do mundo: diferente de uma italiana, ela tinha olhos azuis risonhos, uma tez clara, e fios de cabelos castanho avermelhado; ela tinha forma de sílfide, esguia, arredondada e energética; ela era muito bonita, e vivaz, e obstinada, com milhares maneiras cativantes, o que tornava um deleite ceder as suas vontades. Angeline era como uma irmã mais velha: ela servia Faustina; aquiescia aos seus desejos; uma palavra ou sorriso

vindos dela, era todo-poderoso.

— Eu a amo demais — ela dizia às vezes —, suportaria qualquer tristeza ao ver uma lágrima em seus olhos.

Fazia parte do caráter de Angeline concentrar seus sentimentos e alimentá-los até se tornarem paixões; enquanto excelentes princípios e a mais sincera piedade a impediam de se desviar por eles.

Três anos antes, Angeline tinha, pela morte da mãe, tornando-se órfã, e ela e Faustina foram viver no convento de Sant'Anna, no vilarejo de Este; um ano depois, porém, Faustina, então com quinze anos, foi enviada para completar sua educação em um muito celebrado convento em Veneza, cujas portas aristocratas estavam fechadas para sua companheira ignóbil. Agora, aos dezessete anos, após terminar sua educação, ela retornou para casa, e veio para Villa Moncenigo com seu pai, passar os meses de setembro e outubro. Eles chegaram nesta mesma noite, e Angeline estava a caminho de seu convento, para ver e abraçar sua mais querida companheira.

Havia algo de maternal nos sentimentos de Angeline — cinco anos fazem grande diferença nas idades de dez a quinze anos, e muito mais, de dezessete a vinte e dois anos. “A querida criança”, pensava Angeline, enquanto caminhava, “ela deve estar mais alta, e ousou dizer, mais bela do que nunca. Como quero vê-la, com seu doce sorriso travesso! Será que achou alguém em seu convento veneziano para diverti-la e mimá-la, como eu fazia aqui — para assumir a culpa por suas falhas, e satisfazê-la em seus caprichos? Ah, esses dias não voltam mais! Ela deve estar pensando em se tornar uma esposa^[238] agora. Será que se apaixonou?” Angeline suspirou. “Saberei de tudo logo, logo — ela me contará tudo, tenho certeza. E eu queria poder contar a ela — segredos e mistérios são tão detestáveis; mas devo manter meu voto e em um mês estará tudo acabado — em um mês saberei meu destino. Em um mês! Poderei vê-lo então? Voltarei a vê-lo algum dia? Mas não pensarei nisso, pensarei apenas em Faustina — doce, amada Faustina!”

E agora Angeline subia a encosta da colina; ela ouviu chamarem seu nome; e no terraço que dava para a estrada, inclinada no balaústre, estava o querido objeto de seus pensamentos — a bela Faustina, a fadinha, desabrochando em juventude, e sorrindo com alegria.

Logo elas estavam nos braços uma da outra; e Faustina ria e seus olhos cintilavam quando ela começou a relatar todos os eventos dos últimos dois anos em sua vida, e se mostrou obstinada, infantil, e ao mesmo tempo tão envolvente e carinhosa como de costume. Angeline ouvia com prazer, observava seu sorriso com covinhas, os olhos reluzentes, e gestos graciosos, em uma perfeita, embora silenciosa, manifestação de admiração. Ela não teria tido tempo de contar sua própria história mesmo se quisesse, Faustina falava tão

rápido.

— Sabe, Angelinetta mia^[239] — disse ela — que me tornarei uma sposa nesse inverno?

— E quem é o signor sposino^[240]?

— Não sei ainda, mas vão encontrá-lo durante o próximo carnaval. Ele deverá ser muito rico e muito nobre, papai diz; e eu digo que ele deve ser muito jovem e muito paciente, e que ceda às minhas vontades, como você sempre fez, carina^[241] Angeline.

Após um tempo, Angeline se levantou para se despedir. Faustina não gostou da ideia — queria que ela ficasse a noite toda — ela mandaria alguém ao convento para pedir a licença da priora; mas Angeline, sabendo que não conseguiriam isso, estava decidida a ir e afinal, persuadiu a amiga a concordar com sua partida. No dia seguinte, Faustina iria ao convento para visitar suas velhas amigas, e Angeline voltaria com ela à tarde, se a priora permitisse. Quando este plano havia sido discutido e arranjado, com mais um abraço, elas se separaram; e descendo a estrada, Angeline olhou para cima, Faustina olhava para baixo do terraço, e abanou a mão para ela e sorriu. Angeline ficou encantada com sua gentileza, sua beleza, a animação e vivacidade de sua conversa e trejeitos. Ela pensou na amiga, primeiramente, excluindo qualquer outra ideia, até que, em uma curva na estrada, alguma circunstância trouxe de volta seus pensamentos a si mesma. “Ah, como serei feliz”, ela pensou “se ele se provar verdadeiro! Com Faustina e Ippolito, a vida será um paraíso.” Então ela localizou em sua memória fiel, tudo o que ocorrera durante os últimos dois anos. Da maneira mais breve possível, faremos o mesmo.

Faustina tinha ido para Veneza, e Angeline ficou sozinha no convento. Embora não se apegasse muito a ninguém, tornou-se íntima de Camilla della Toretta, uma jovem de Bolonha. O irmão de Camilla veio visitá-la e Angeline a acompanhou para recebê-lo. Ippolito ficou perdidamente apaixonado, e Angeline retribuiu seu afeto. Todos os seus sentimentos eram sinceros e apaixonados; e, no entanto, ela conseguia controlá-los, e sua conduta era irrepreensível. Ippolito, ao contrário, era ardente e impetuoso: ele amava fervorosamente e não tolerava a oposição aos seus desejos. Ele estava decidido a se casar, mas como era nobre, temia a desaprovação de seu pai: ainda assim, era necessário buscar por seu consentimento; e o velho aristocrata, cheio de alarme e indignação, veio até Este, decidido a usar todas as medidas para separar os amantes para sempre. A gentileza e bondade de Angeline apaziguou sua ira, e o desespero de seu filho moveu sua compaixão. Ele desaprovava o casamento, porém não poderia se espantar que Ippolito desejasse se unir com tal beleza e doçura: mas então, novamente, ele refletiu, seu filho era muito jovem, talvez mudasse de ideia e poderia censurá-lo por aquiescer com tanta

facilidade. Sendo assim, ele fez um acordo; ele daria sua bênção em um ano a partir daquela data, desde que o jovem casal se compromettesse, pelo juramento mais solene, a não manter nenhuma comunicação durante esse intervalo. Ficou entendido que este seria um ano de prova; que nenhum noivado seria considerado até sua expiração; quando, se eles continuassem fiéis, sua constância seria recompensada. Sem dúvidas, o pai supôs, e até esperou, que, durante sua ausência, os sentimentos de Ippolito mudassem, e ele formasse um vínculo mais adequado.

Ajoelhados diante da cruz, os amantes se comprometeram a um ano de silêncio e separação; Angeline com os olhos iluminados pela gratidão e esperança; Ippolito, cheio de raiva e desespero a essa interrupção de sua felicidade, com a qual ele nunca teria concordado, se Angeline não tivesse usado cada persuasão, cada comando, para instigá-lo a obediência; declarando, que a não ser que ele obedecesse seu pai, ela se isolaria em sua cela, e voluntariamente se tornaria uma prisioneira, até o término do determinado período. Ippolito portanto fez o voto, e imediatamente partiu para Paris. Faltava apenas um mês para que o ano terminasse; e não é de se admirar que os pensamentos de Angeline tenham se desviado de sua doce Faustina, para se concentrar em seu próprio destino. Juntando-se ao voto de ausência, houve também a promessa de manter o seu vínculo, e tudo a respeito dele, em profundo segredo, durante o mesmo período. Angeline consentiu prontamente, pois sua amiga estava ausente, e não voltaria até o período estipulado; mas ela agora havia retornado, e o segredo pesava na consciência de Angeline: não havia saída — era necessário manter sua palavra.

Com todos esses pensamentos em sua mente, ela havia chegado ao sopé da colina, e subia novamente em direção a vila de Este, quando ouviu um farfalhar na vinha margeando um lado da estrada — passos — e uma voz conhecida chamando seu nome.

— Santa Vergine^[242]! Ippolito! — ela exclamou — é esta sua promessa?

— E é esta sua recepção? — respondeu ele, repreensivamente. — Maldosa! Pois eu não sou frio o bastante para ficar longe — pois este último mês pareceu uma eternidade intolerável, e você me dá as costas — deseja que eu vá embora. É verdade, então, o que eu ouvi — você ama outro! Ah! Minha viagem não será desperdiçada. Eu descobrirei quem é ele e me vingarei de sua falsidade.

Angeline lhe jogou um olhar cheio de surpresa e reprovação; mas permaneceu em silêncio, e continuou seu caminho. Seu coração estava decidido a não quebrar seu voto, e assim atrair o castigo dos céus ao seu noivado. Ela decidiu não dizer mais nenhuma palavra; e, por sua firme adesão ao juramento, ser perdoada por sua violação. Ela seguia rápido, sentindo

alegria e tristeza ao mesmo tempo — e ainda assim, não realmente — sua alegria era genuína e envolvente; mas ela temia, parcialmente, a ira de seu amado, e mais, as terríveis consequências que poderiam vir da quebra de seu solene voto. Seus olhos irradiavam com amor e felicidade, mas seus lábios pareciam colados um ao outro; e decidida a não falar, ela puxou a faziola ainda mais perto do rosto, para que ele não a visse, enquanto ela andava velozmente, com os olhos fixos no chão. Queimando de raiva, derramando uma torrente de reprovações, Ippolito manteve-se bem ao seu lado — ora reprovando sua infidelidade — ora jurando vingança — ora descrevendo e louvando sua própria constância e amor imutável. Era um assunto agradável, embora perigoso. Angeline foi mil vezes tentada a declarar seus sentimentos também inalterados; mas ela superou o desejo, e, tomando o rosário na mão, começou a rezar. Eles se aproximaram da vila, e percebendo que ela não cederia, Ippolito finalmente a deixou, com protestos de que descobriria seu rival, e se vingaria dele pela crueldade e indiferença de Angeline. Ela entrou no convento, se apressou até sua cela — se jogou de joelhos — rezou a Deus para perdoar seu amado por quebrar seu voto; e então, fascinada de alegria pela prova da constância de Ippolito, e da probabilidade próxima de sua perfeita felicidade, ela afundou a cabeça nos braços e continuou absorta em um devaneio que carregava os mesmos idênticos tons do paraíso. Fora uma amarga luta resistir às suas súplicas, mas suas dúvidas se dissiparam, ele a amava, e na hora certa iria reivindicá-la; e ela que amara pelo longo ano com tão fervorosa, embora silenciosa, devoção, seria recompensada! Ela se sentiu segura — grata aos céus — feliz. Pobre Angeline!

No dia seguinte, Faustina foi ao convento: as freiras todas se aglomeraram em volta dela.

— Como vai você? — disse uma delas.

— E como esta bonita! — exclamou outra.

— S'è fatta la sposina? Já está noiva? — perguntou uma terceira.

Faustina respondeu com sorrisos e carícias, e brincadeiras inocentes e risos. As freiras a idolatravam; e Angeline ficou ao seu lado, admirando sua encantadora amiga, e apreciando os elogios louvados a ela. Após um tempo, Faustina precisava ir; e foi permitido a Angeline, como antecipado, acompanhá-la.

— Ela pode ir até a vila com Faustina — a priora disse —, mas não ficar a noite toda, é contra as regras.

Faustina pediu, censurou, persuadiu e, por fim, conseguiu convencer a superiora a permitir a ausência da amiga por uma só noite. Elas então começaram seu retorno juntas, acompanhadas por uma criada — uma espécie de velha duenna^[243]. Enquanto caminhavam, um cavaleiro passou por elas.

— Como é bonito! — exclamou Faustina. — Quem pode ser?

Angeline corou profundamente, pois viu que era Ippolito. Ele passou apressado e logo estava fora de vista. Elas agora estavam subindo uma colina, a vila quase à vista, quando foram alarmadas por um berro, um grito, guinchos e gemidos, como se um antro de feras selvagens, ou um hospício, ou ambos juntos, tivessem quebrados soltos. Faustina ficou pálida e logo sua acompanhante ficou igualmente assustada, pois um búfalo, que escapara do jugo, vinha descendo a colina a toda velocidade, enchendo o ar com rugidos, uma tropa toda de camponeses atrás dele, gritando e berrando — ele estava exatamente no caminho das amigas. A velha duenna exclamou: “Ah, Jesus Maria!” e caiu dura no chão. Faustina emitiu um grito cortante e agarrou Angeline pela cintura; que se jogou diante da garota apavorada, decidida a sofrer o perigo em vez de deixá-lo atingir sua amiga — o animal estava bem próximo delas. Naquele momento, o cavaleiro desceu a colina, passou pelo búfalo e, dando meia-volta, enfrentou intrepidamente o animal. Com um rugido feroz, ele desviou para o lado e virou em uma pista abrindo-se para a esquerda; mas o cavalo, assustado, empinou, jogou seu cavaleiro e galopou colina abaixo. O cavaleiro jazia imóvel, estendido no chão.

Era agora a vez de Angeline gritar; e ela e Faustina correram ansiosamente para seu protetor. Enquanto a última o abanava com seu grande leque verde, que senhoras italianas usam como sombrinha, Angeline corria para pegar um pouco de água. Em um minuto ou dois, a cor voltou às bochechas de Ippolito e ele abriu os olhos; viu a bela Faustina, e tentou se levantar. Neste momento chegou Angeline, e erguendo a água em uma cuia, levou a seus lábios — ele pressionou sua mão — ela a retirou. A essa altura, a velha Caterina, achando tudo quieto, começou a olhar em volta e, vendo apenas as duas garotas pairando sobre um homem caído, levantou-se e aproximou-se.

— Você está morrendo — exclamou Faustina. — Você salvou minha vida e se matou.

Ippolito tentou sorrir.

— Não estou morrendo — ele disse —, mas estou ferido.

— Onde? Como? — disse Angeline. — Querida Faustina, vamos mandar buscar uma carruagem e levá-lo até a vila.

— Ah sim! — disse Faustina — Vá, Caterina, corra, diga ao papai o que aconteceu — que um jovem cavaleiro se matou tentando salvar minha vida.

— Não me matei — interrompeu Ippolito — apenas quebrei meu braço, e, temo, minha perna.

Angeline empalideceu mortalmente e afundou no chão.

— E você morrerá antes de obtermos ajuda — disse Faustina. — Aquela

imbecil da Catarina se arrasta como um caramujo.

— Eu irei até a vila — disse Angeline. — Catarina ficará com você e Ipp — Buon dio^[244]! O que estou dizendo?

Ela foi embora, e deixou Faustina abanando seu amado, que novamente ficou muito fraco. A vila foi logo avisada, o signor Conte^[245] mandou buscar um médico, mandou colocar alças em um colchão, com quatro homens para carregá-lo, e veio socorrer Ippolito. Angeline permaneceu na casa; finalmente ela cedeu à sua agitação e chorou amargamente, pelos efeitos do medo e da dor. “Ah, ele quebrou seu voto para ser punido desta forma — que esta tormenta tivesse caído sobre mim!” Entretanto ela logo se preparou, aprontou a cama, procurou as bandagens que julgou necessárias e, a essa altura, ele já havia sido trazido. Não muito tempo depois o médico veio; o braço esquerdo estava certamente quebrado, mas a perna apenas ferida: ele então fez a tala, sangrou-o, e dando-lhe um xarope calmante, ordenou que o deixassem descansar. Angeline ficou ao seu lado a noite toda, mas ele dormiu profundamente e não percebeu sua presença. Ela nunca o amara tanto. Seu infortúnio, que foi acidental, ela considerou como um tributo de sua afeição e observava seu belo semblante, sereno ao dormir, pensando: “Que Deus preserve o mais verdadeiro amante que já abençoou os votos de uma donzela!”

Na manhã seguinte Ippolito acordou sem febre e de bom humor. A contusão em sua perna não era quase nada; ele queria se levantar: o médico o visitou, e implorou para que permanecesse de cama apenas um dia ou dois para prevenir uma febre, e prometeu uma rápida recuperação se obedecesse completamente suas ordens. Angeline passou o dia na vila, mas não foi vê-lo novamente. Faustina falava incessantemente de sua coragem, gentileza, e maneiras envolventes. Ela era a heroína da história. Foi por ela que o cavaleiro arriscou sua vida; ela quem ele havia salvo. Angeline sorria um pouco de seu egoísmo. “Ela se sentiria humilhada se eu lhe dissesse a verdade”, ela pensou: sendo assim permaneceu em silêncio. No final do dia era preciso voltar ao convento; deveria ir até seus aposentos e dizer adeus a Ippolito? Era certo? Não era quebrar seu voto? Ainda assim, como ela poderia resistir? Ela entrou e se aproximou devagar; ele ouviu seu passo, e ergueu os olhos ansiosamente, e então pareceu um pouco decepcionado.

— Adeus Ippolito — disse Angeline. — Devo voltar para meu convento. Se você piorar, que Deus não permita, eu retornarei e ficarei ao seu lado, cuidarei de você, morrerei com você; se você ficar melhor, como com a benção de Deus, parece haver grande esperança, em um mês curto, lhe agradecerei como merece. Adeus querido Ippolito.

— Adeus querida Angeline; suas intenções são verdadeiras e sua consciência está limpa: não tema por mim. Sinto saúde e força em meu corpo,

e abençoou minha conveniência e dor sofridas contanto que você e sua doce amiga estejam salvas. Adeus! Mas, Angeline, só uma coisa: meu pai, eu soube, levou Camilla de volta para Bologna com ele no ano passado — talvez você se correspondeu por ela?

— Você se engana; pelos desejos do marquês, não enviei nenhuma carta.

— E você obedeceu na amizade como no amor — você é muito boa. Agora também peço uma promessa. Mantê-la para mim, assim como o fez para meu pai?

— Se não for nada contra nossos votos.

— Nossos votos! Sua freirinha — nossos votos são tão poderosos? Não, nada contra nossos votos; apenas peço que não escreva para Camilla ou meu pai, nem os deixe saber desse incidente; os traria ansiedade sem nenhum propósito: você promete?

— Prometo não escrever sem sua permissão.

— E eu confio que manterá sua palavra como manteve seu voto. Adeus, Angeline. O que! Sem nem um beijo?

Ela saiu do quarto apressada, para não cair em tentação; pois concordar com esse pedido teria sido uma pior infração em seu noivado do que qualquer outra que havia perpetrado.

Ela voltou para Este, ansiosa, embora feliz; segura do amor de Ippolito, e rezando ardentemente para que ele se recuperasse logo. Por diversos dias ela foi regularmente à Vila Moncenigo para perguntar dele, e ouvia que ele estava cada vez melhor, e afinal ficou sabendo que lhe era permitido sair do quarto. Faustina lhe disse isso, seus olhos brilhando com êxtase. Ela falava muito de seu cavaleiro, como o chamava, e de sua gratidão e admiração. Todos os dias, acompanhada por seu pai, ela o visitava, e sempre tinha alguma nova história para repetir de sua perspicácia, elegância e seus elogios agradáveis. Agora que ele podia acompanhá-los no salão, ela estava ainda mais feliz. Angeline, ao receber essa informação, absteve-se de sua visita diária, pois não poderia mais ir até lá sem se submeter ao risco de encontrar seu amado. Ela mandava alguém todos os dias e ouvia de sua recuperação; e todos os dias recebia mensagens de sua amiga convidando-a para ir. Mas ela foi firme — em seu coração sentiu que fazia o certo; e embora temesse que ele se zangasse, ela sabia que em menos de quinze dias — o mês havia diminuído duas semanas desde que o vira pela primeira vez — ela poderia mostrar seus verdadeiros sentimentos e, como ele a amava, ele imediatamente a perdoaria. Seu coração estava leve, ou cheio apenas de gratidão e felicidade. A cada dia, Faustina pedia-lhe que viesse, e as suas súplicas tornavam-se mais urgentes, enquanto ainda Angeline usava de desculpas. Em uma manhã sua amiga foi até sua cela para repreendê-la e questionar sua ausência. Angeline foi obrigada a prometer

ir; e então perguntou sobre o cavaleiro, para que pudesse planejar sua visita e evitar vê-lo. Faustina corou — uma encantadora confusão espalhou-se por seu rosto enquanto ela exclamava:

— Ah, Angeline! É pelo bem dele que desejo que você venha!

Angeline corou por sua vez, temendo que seu segredo havia sido revelado, e perguntou apressadamente:

— O que ele disse?

— Nada — respondeu sua amiga espirituosa — e é por isso que preciso de você. Ah, Angeline, ontem papai perguntou se eu gostava dele, e disse que se seu pai consentisse, não via razão pela qual não pudéssemos nos casar — nem eu — mas, ele me ama? Oh, se ele não me ama, eu não direi nenhuma palavra, nem pedirei a permissão de seu pai — não me casarei com ele por nada no mundo! — E lágrimas rolaram dos olhos da frágil garota e ela se jogou nos braços de Angeline.

“Pobre Faustina”, pensou Angeline “deverá sofrer por mim?” e a acariciou e a beijou com reconfortante carinho. Faustina continuou. Ela tinha certeza, ela disse, que Ippolito a amava sim. O nome caiu com alarme no ouvido de Angeline, agora pronunciado por outra; e ela empalideceu e tremeu, enquanto lutava para não se trair. Os sinais de amor que ele dera não eram muitos, mas ele parecia tão feliz quando a via, e queria tanto que ela ficasse — e seus olhos...

— Ele alguma vez pergunta sobre mim? — disse Angeline.

— Não, por que deveria? — respondeu Faustina.

— Ele salvou minha vida — a outra respondeu, corando.

— Salvou — quando? Ah, eu me lembro; pensei apenas na minha; realmente, seu perigo era tão grande, não, maior, pois você se jogou diante de mim. Minha única querida amiga, não sou ingrata, mas Ippolito me deixa esquecida.

Tudo isso surpreendeu, não, chocou Angeline. Ela não duvidava da fidelidade de seu amado, mas temia pela felicidade de sua amiga, e cada ideia dava indicação disso. Ela prometeu lhe fazer uma visita, naquela mesma tarde. E agora, a vemos mais uma vez subindo lentamente a colina, com o coração pesado por Faustina, e esperando que o amor de sua amiga, repentino e não correspondido, não se envolvesse em sua felicidade futura. Na curva da estrada perto da vila, seu nome foi chamado, e ela olhou para cima e, novamente curvando-se na balaustrada, viu o rosto sorridente de sua linda amiga; e Ippolito ao seu lado. Ele foi pego de surpresa e recuou quando encontrou seus olhos. Angeline viera decidida a avisá-lo e refletia sobre como poderia falar para não comprometer a amiga. Foi trabalho perdido; Ippolito havia desaparecido quando ela entrou no salão e não apareceu mais. “Ele manteria

sua promessa,” pensou Angeline; mas estava cruelmente perturbada por sua amiga, e não sabia o que fazer. Faustina só podia falar do seu cavaleiro. Angeline sentia um peso na consciência; e totalmente perdida sobre o que fazer. Deveria revelar sua situação para sua amiga? Isso, talvez, fosse o melhor, mas, ao mesmo tempo, achava que era o mais difícil de tudo; além disso, às vezes ela quase suspeitava que Ippolito fora infiel. O pensamento veio em um espasmo de agonia, e foi-se embora; mas ainda assim a desequilibrou, e ela não conseguiu comandar sua voz. Ela voltou ao convento, mais inquieta, mais perturbada do que nunca.

Duas vezes ela visitou a vila, e Ippolito ainda a evitava, e o relato de Faustina sobre seu comportamento com ela tornou-se mais inexplicável. De novo e de novo, o medo de que ela o tivesse perdido fez seu coração doer; e mais uma vez ela se assegurou de que ele a evitava por seu voto, e que sua misteriosa conduta em relação a Faustina existia apenas na imaginação da garota espirituosa. Sem cessar, ela meditava sobre o que deveria fazer, enquanto o apetite e o sono lhe faltavam; por fim, ela ficou doente demais para visitar a vila e, por dois dias, ficou confinada à cama. Durante as horas febris, sem poder se mover e infeliz ao pensar no destino de Faustina, ela decidiu escrever a Ippolito. Ele se recusava a vê-la, então ela não tinha outro meio de comunicação. Seu voto proibia o ato, mas este já fora quebrado de tantas maneiras diferentes; e agora ela agia sem pensar em si mesma; somente pelo bem de sua querida amiga. Mas e se sua carta cair nas mãos de outros; se Ippolito estiver planejando abandoná-la por Faustina? Então seu segredo seria enterrado para sempre em seu coração. Ela então decidiu escrever de modo que sua carta não a traísse para uma terceira pessoa. Foi uma tarefa difícil. Afinal ela conseguiu.

“O senhor cavaleiro a desculparia, ela esperava. Ela foi — ela sempre fora como uma mãe para senhorita Faustina — ela a amava mais do que sua própria vida. O signor cavaliere talvez agia sem pensar. Ele entendia? Embora ele não quisesse nenhum mal, o mundo conjecturaria. Tudo que ela pedia era por sua permissão para escrever ao seu pai, para que este estado de incerteza e tristeza possa acabar o mais rápido possível.”

Ela rasgou dez cartas — estava dessatisfeita com o conteúdo desta, mas selou, e se arrastando da cama, imediatamente despachou pelo correio. Ele ato decisivo acalmou sua mente, e sua saúde sentiu o benefício. No dia seguinte ela se sentiu tão bem que decidiu ir até a vila, para descobrir o efeito da carta. Com o coração acelerado ela subiu o caminho, e na curva costumeira olhou para cima. Faustina não estava lá. Isso não era estranho, já que ela não a esperava; e ainda assim, sem saber o porquê, ela se sentia infeliz: lágrimas rolaram de seus olhos. “Se eu pudesse apenas ver Ippolito por um minuto —

obter ao menos uma explicação, tudo estaria bem.”

Pensando assim, ela chegou na vila e entrou no salão. Ela ouviu passos rápidos, como se alguém se retirasse enquanto ela entrava. Faustina estava sentada na mesa lendo uma carta — suas bochechas coradas, seu peito ofegante de agitação. O chapéu e capa de Ippolito estavam próximos a ela, e mostravam que ele acabara de sair do salão apressado. Faustina se virou — viu Angeline — seus olhos reluziam chamuscas — ela jogou a carta aos pés de sua amiga; Angeline viu que era a sua.

— Leve — disse Faustina — é sua. Porque escreveu, o que significa, eu não pergunto: foi ao menos indelicada, e, eu lhe asseguro, inútil — eu não daria meu coração sem ser retribuído, nem um pedido de casamento feito por meu pai seria recusado. Leve sua carta, Angeline. Ah, não acredito que você agiria assim comigo!

Angeline permaneceu diante dela como se estivesse ouvindo, mas não escutou uma palavra; ela estava imóvel — as mãos entrelaçadas, os olhos marejados de lágrimas, fixos na carta.

— Pegue, eu disse — começou Faustina, batendo os pezinhos, impaciente — chegou tarde demais, seja lá qual tivesse sido sua intenção. Ippolito escreveu para seu pai pedindo seu consentimento para casar-se comigo; meu pai também escreveu. — Angeline agora estremeceu e encarava intensamente a amiga. — É verdade! Você duvida — devo chamar Ippolito para confirmar minhas palavras? — Faustina falou exultante.

Angeline, chocada — apavorada — pegou a carta com pressa e, sem dizer uma palavra, afastou-se, deixou o salão — a casa, desceu a colina e voltou para o convento. Seu coração explodindo, em chamuscas, ela sentiu como se seu corpo estivesse possuído por um espírito que não fosse dela; ela não derramou lágrimas, mas seus olhos saltavam das pálpebras — espasmos convulsivos estremeçiam seus membros. Ela se apressou até sua cela — jogou-se no chão, e então ela conseguiu chorar — e após uma torrente de lágrimas, ela conseguiu rezar, e então — pensar novamente que seu sonho de felicidade acabara para sempre, e desejar a morte.

Na manhã seguinte, ela abriu seus olhos relutantes para a luz, e se levantou. Era dia; e durante o dia tudo deve levantar para viver, ela também em meio ao restante, embora o sol não brilhasse para ela como antes, e tristeza transformasse a vida em tortura. Ela logo se surpreendeu ao saber que um cavaleiro estava no salão desejando vê-la. Ela se encolheu melancolicamente, e se recusou a descer. A porteira voltou quinze minutos depois. Ele se fora, mas havia escrito para ela; e a mulher lhe entregou a carta. Jazia na mesa diante de Angeline — ela não se importava em abrir — estava tudo acabado, e não era necessária a confirmação de Ippolito. Por fim, lentamente e com esforço, ela

quebrou o selo. A data era o aniversário do término do ano. Suas lágrimas irromperam; e então uma esperança cruel nasceu em seu coração de que tudo era um sonho, e que agora, com o fim da prova de amor, ele havia escrito para reivindicá-la. Instigada por essa sugestão enganosa, ela enxugou os olhos e leu estas palavras:

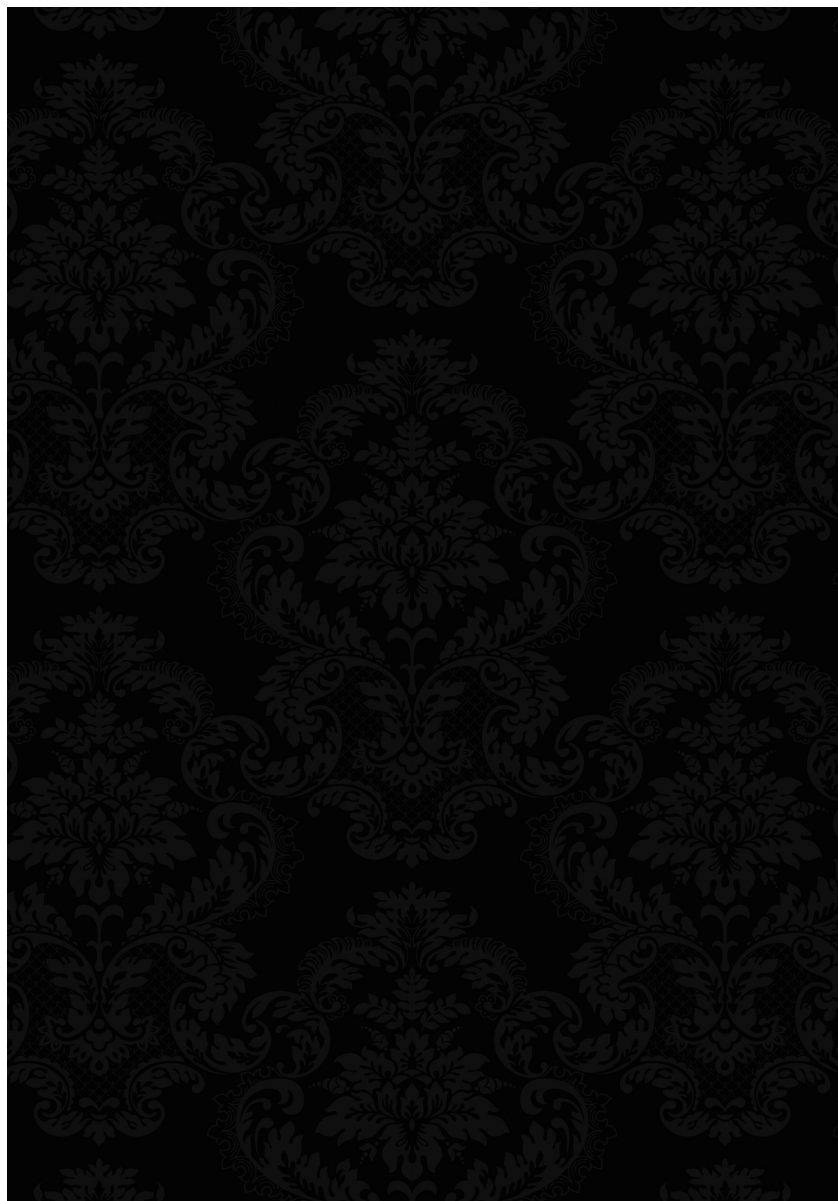
“Eu vim até aqui me desculpar por um ato de indignidade. Você se recusa a me ver e eu escrevo; pois, por mais indigno que eu seja aos seus olhos, não pareceria pior do que sou. Eu recebi sua carta na presença de Faustina — ela reconheceu sua letra. Você conhece sua obstinação, sua impetuosidade; ela a tomou de mim, não pude impedir. Não direi mais nada. Você deve me odiar; e ainda assim, me conceda sua piedade, pois estou infeliz. Estou agora comprometido por minha honra; tudo foi feito antes que eu soubesse do perigo — não terei paz até que me perdoe, e ainda assim mereço sua condenação. Faustina ignora o nosso segredo. Adeus.” O papel caiu das mãos de Angeline.

Seria inútil descrever a variação de dor que esta pobre garota suportou. Sua compaixão, sua resignação, sua nobre e generosa natureza vieram ao seu auxílio e a apoiaram quando ela sentiu que sem eles, ela deveria ter morrido. Faustina escreveu para dizer que a veria, mas Ippolito era contrário à ideia. A resposta veio do Marquês Della Toretta — um exultante consentimento; mas ele estava doente, e todos eles estavam indo para Bolonha: na volta elas se encontrariam.

Esta partida deu algum conforto a pobre garota. E logo depois veio na forma de uma carta do pai de Ippolito, cheio de elogios por sua conduta. Seu filho havia confessado tudo a ele, o marquês dissera; ela era um anjo — o céu a recompensaria, e ainda maior seria sua recompensa, se ela perdoasse seu amado infiel. Angeline encontrou alívio em responder a esta carta, e derramar uma parte do peso da tristeza e preocupação oprimindo-a. Ela o perdoava completamente e rezava para que ele e sua adorável noiva desfrutassem de todas as bênçãos. Ippolito e Faustina se casaram e passaram dois ou três anos em Paris e no sul da Itália. A princípio ela ficara extasiada e feliz; mas logo o mundo difícil e a natureza leve e inconstante de seu marido infligiram mil feridas em seu jovem seio. Ela ansiava pela amizade, a amável simpatia de Angeline; repousar a cabeça em seu coração suave e ser consolada. Ela propôs uma viagem a Veneza — Ippolito consentiu — e eles visitaram Este no caminho. Angeline havia tomado o véu no convento de Sant’Anna. Ela estava contente, se não feliz; ouvia espantada as tristezas de Faustina e procurava consolá-la. Ippolito, também, ela via com sentimentos calmos e alterados; ele não era o ser que sua alma amara; e se ela tivesse se casado com ele, com seus sentimentos profundos e ideias exaltadas de honra, ela sentiu que se tornaria

ainda mais insatisfeita do que Faustina.

O casal vivia a vida usual de marido e mulher italianos. Ele era bem-humorado, inconstante, descuidado; ela consolava-se com um cavaliere servente^[246]. Angeline, dedicada ao céu, admirava-se de todas essas coisas; e como alguém poderia facilmente transferir afetos, que para ela eram sagrados e imutáveis.



O PRIMOGÊNITO

Título original: The Elder Son
Publicado em 1834 no Heath's Book of Beauty por "sra. Shelley".

Meu pai era o segundo filho de um rico baronete. Como ele e seu irmão mais velho eram toda a família de meu avô, ele herdou a fortuna da sua mãe, a qual era considerável, e cedida aos filhos caçulas. Casou-se com uma dama a quem amava ternamente; e recebendo suas ordens religiosas e buscando uma melhor posição, retirou-se para seu deado no norte da Irlanda, e lá fixou residência. Quando eu tinha cerca de dez anos, ele perdeu minha mãe. Eu era sua única filha.

Meu pai era uma espécie de asceta, se tal nome pode ser dado a uma aderência rígida aos preceitos da moral, que surgia do excesso, e não da ausência de sentimento. Ele adorava minha mãe; lamentou por ela à beira da insanidade; mas sua dor era silenciosa, devoradora e sombria. Ele nunca se casou novamente: isolando-se por completo da sociedade e entregue aos deveres de sua sagrada vocação, passava seus dias na solidão ou em obras de caridade entre os pobres.

Mesmo agora, não consigo pensar nele sem admiração. Ele era um homem alto e, eu achava, de aparência venerável; pois era magro e pálido, e parcialmente calvo. Suas maneiras eram frias e reservadas; ele raramente falava, e quando o fazia era em uma frase tão comedida, com uma voz tão calma e solene, e sobre assuntos tão sérios, que mais pareciam uma enunciação oracular do que uma conversa familiar. Ele nunca me acariciava; se alguma vez afagou minha cabeça ou me sentou em seu joelho, eu sentia um misto de alarme e prazer difícil de descrever. No entanto, é estranho dizer que meu pai me amou quase à idolatria; e eu sabia disso e retribuí sua afeição com carinho entusiástico, apesar de sua reserva e minha admiração. Ele era algo maior, mais sábio e melhor, aos meus olhos, do que qualquer outro ser humano. Eu era a única criatura amada por ele; o objeto de todos os seus pensamentos durante o dia e seus sonhos à noite. Abstraido e até severo como parecia, ele visitava minha cabeceira à noite, dominado por medos femininos, e pairava sobre mim por horas, para assegurar-se de meu bem-estar. Ele cuidou de mim quando doente noite após noite com inabalável assiduidade. Nunca falou comigo com dureza, e me tratava com ambos uma distância e gentileza difíceis de compreender.

Ele morreu quando eu tinha dezoito anos. Durante sua última doença, o selo de seus lábios se quebrou, e seu coração se desprende da aquela casca dentro da qual ele até então escondera sua verdadeira natureza. Ele morreu de uma tuberculose rápida, que encerrou sua existência dentro de seis meses de seu primeiro mal-estar. Seu corpo definhou sob os efeitos da enfermidade mortal; mas sua alma assumiu nova vida e energia, e seu temperamento tornou-se tão suave e expansivo quanto até então indiferente e concentrado. Ele se tornou meu pai, amigo e irmão ao mesmo tempo; mil relacionamentos queridos combinados em um mais forte do que qualquer outro. Essa súbita sensibilização, essa emoção divina, que se expandiu de uma só vez, por tanto tempo calada e escondida, foi como um milagre. Fascinava-me e deslumbrava-me. Eu não podia acreditar que estava prestes a perdê-lo no momento em que descobrimos o valor um do outro: quero dizer com essa expressão, no que diz respeito a mim, toda a felicidade derivada da fidelidade e intensidade do meu afeto filial.

Seria vã a tentativa de se referir até mesmo às nossas conversas: a moral sublime inculcada por ele; a ternura e caridade de suas expressões; a eloquência transbordante e comovente com que falava das afeições deste mundo e de suas aspirações por um melhor. Ele morreu repentinamente afinal, enquanto eu tocava para ele uma simples canção que minha mãe adorava. Foi um momento de horror, mas de solene e piedosa resignação: sua alma havia buscado seu paraíso nativo e companheira agradável — abençoado seja! No entanto, eu o havia perdido, e o resultado foi uma dor imensurável. A lembrança da tristeza nunca poderá ser inteiramente apagada de minha mente, muitas vezes me pergunto se meu coração não se partiu com a violência da minha dor.

Fui criada na reitoria, longe de todos os conhecidos. Tinha uma governanta, uma mulher muito digna, que se casou pouco antes de meu pai adoecer, e que gentilmente veio a mim quando tudo acabou, para tentar consolar a inconsolável. Um dos objetivos do meu pai na vida fora acumular uma fortuna para mim; não para me colocar na perigosa situação de herdeira, mas para me tornar independente. Assim aconteceu que, por sua sempre lamentada morte, herdei uma riqueza considerável. A fortuna dele, a de minha mãe e suas economias somavam cinquenta mil libras. Ele me deixou sob a tutela de seu irmão mais velho, Sir Richard Gray, com apenas uma restrição, que eu não me casasse, mesmo com o consentimento de meu tio, até completar vinte e um anos. Ele desejava assim garantir-me liberdade de escolha e tempo para deliberação. A esta sagaz cláusula devo a felicidade da minha vida.

Assim que minha saúde e a primeira agonia de minha dor permitiram, deixei a reitoria. Minha gentil governanta me acompanhou a Dublin, e Sir

Richard Gray veio pessoalmente me buscar e me levar para sua mansão na Inglaterra. Fiquei muito surpresa quando vi meu tio. Ele era um ano mais velho que meu pai — meu venerável pai — e, em comparação, parecia um menino. Na verdade, ele tinha menos de cinquenta anos e, à primeira vista, tinha um aspecto juvenil bastante surpreendente. Analisando bem, os vestígios dos anos e preocupações tornavam-se perceptíveis; e havia um desânimo em seu rosto que contrastava estranhamente com a expressão de inconsequência. Ninguém poderia ser mais gentil do que ele comigo e, no entanto, sua bondade era revoltante, por seu contraste com meu pai perdido. O mundo, a sociedade e o prazer ocupavam seu tempo e seus pensamentos. Solidão e miséria eram sinônimos para ele; e chamava de solidão tudo o que não incluísse a ideia de uma multidão. Ele tagarelava durante nossa viagem, pensando que suas anedotas e boas histórias me animariam. Muito lamentou não ser a época em que eu pudesse ir a Londres — ele teria convidado sua filha, Lady Hythe, para sua mansão, para que ele pudesse organizar uma festa para animar a casa para mim; mas ela estava no continente, e sua outra filha casada residia na Escócia. O que se poderia fazer? Ele tinha compromissos durante a temporada de caça em diversas residências de cavaleiros; e eu morreria de tédio em Beech Grove. Este relato da reclusão do meu retiro era todo o meu conforto. Declarei que nada deveria me induzir a entrar na sociedade por vários anos. Ele me encarou, depois sorriu e, com seu jeito galante e carinhoso de sempre, disse que eu faria o que bem entendesse; ele nunca me contradiria em nada: apenas esperava poder sempre me agradar e satisfazer.

Contarei logo a história do meu tio. Muito cedo na vida, casou-se com uma moça de classe inferior. Sua família ficou extremamente enfurecida e se afastaram. O pai dele morreu; e seu avô, temendo que ele vendesse sua herança e desperdiçasse toda a propriedade, ofereceu-lhe uma grande renda imediata, sob a condição de que ele transferisse a propriedade para seu filho mais velho. Ele consentiu. Alguns anos depois, seu avô morreu, e ele tomou posse dos títulos e propriedades. A nova Lady Grey fez muitos amigos pela extrema cortesia de sua conduta. Eles tinham uma família grande, mas perderam muitos filhos; e ela morreu no parto de seu mais novo. Apenas cinco sobreviveram. O filho mais velho estava no exterior: duas filhas eram bem casadas, e a mais nova, uma menina de apenas doze anos, morava com a governanta na mansão da família em Hampshire. Sir Richard falava gentilmente de seus filhos, mas principalmente de seu filho mais velho, contra quem, portanto, concebi um preconceito; porque, pela descrição de seu pai, eu o considerava frívolo e imprestável. Tal, de fato, era meu tio; mas eu gostava dele, pois pelo seu charme ele venceu minha aversão, e transferi para seu filho

predileto a desaprovação provocada a princípio. Fiquei feliz em saber que meu primo estava em Viena e que provavelmente não o veria.

Chegamos a Beech Grove no dia 29 de agosto. Era um belo dia de verão, e o lugar exibia toda a sua glória. A casa era espaçosa e elegante, localizada em um grande parque, decorada com infinito bom gosto e mantida com extremo cuidado. Tudo parecia tão alegre e sorridente, tão diferente das cenas sombrias que eu deixara nas margens do escuro oceano nórdico, que contemplei com desgosto minha nova morada: tal é a força do hábito. Meu tio esperava que me encantasse com a beleza de um parque e mansão ingleses, e ficou desapontado com meus apáticos elogios. Não havia rochas, nem mar, nem extensas gândaras. Bosques de faias, um rio atravessando as margens verdejantes e arborizadas, uma variedade de planaltos e vales, clareiras e bosques, não despertavam minha admiração; como é verdadeiro o fato de não admiramos algo absolutamente novo. Alguns meses alteraram totalmente essa primeira impressão. A alegria da cena agiu imperceptivelmente em meu espírito. Reconciliei-me com sua (até certo ponto) mansidão e aprendi finalmente a amar sua beleza refinada e elegante.

Sir Richard falava sobre visitas e companhia. Ele teria ido até seus vizinhos e me forçado a aceitar convites nas várias casas onde, na temporada de caça, se realizavam as grandes festas dos ricos e alegres. Assegurei-lhe sinceramente que meu espírito deprimido e minha tristeza profunda precisavam de tranquilidade — que a reclusão prometida por sua morada era a principal atração — que eu estava muito feliz por estar sozinha. Ele mal podia acreditar em minhas afirmações; ficou magoado em me deixar nesta solidão; ele atrasou sua partida por dois dias, sem querer me deixar. Finalmente ele se foi; e rapidamente, na busca do prazer, esqueceu minha existência.

Eu não estava completamente sozinha em sua casa; minha prima Marianne morava ali junto comigo. Ela era uma garota muito agradável e bonita, de doze anos; e nos demos muito bem juntas. Eu recorria à sua companhia quando me desgastava com meus pensamentos; e ela era tão jovem que eu poderia deixá-la e me entregar aos meus devaneios tristes e solitários, sempre que quisesse, sem cerimônia.

Eu não estava em Beech Grove há mais de uma semana quando, no final da tarde, ao voltar de um passeio, distinguimos as luzes da sala de jantar.

— Pode ser meu irmão? — exclamou Marianne. — Clinton pode ter chegado?

— Espero que não — disse.

— Ah, não diga isso — respondeu a garotinha —, você adoraria Clinton; ele é tão animado e querido... Todos o amam.

Ela mal esperou que colocassem os degraus, e ao invés disso saltou da

carruagem. Voltou em um minuto com um ar de decepção.

— É apenas meu irmão Vernon — disse.

— E você não gosta dele?

— Ah, sim — ela respondeu. — Vernon é muito bom, e tudo mais; mas ele é bem diferente de Clinton; ele pode ficar um mês em casa e eu não o vejo duas vezes.

O hábito da solidão me deixou um pouco tímida, eu e minha prima havíamos jantado cedo, e o recém-chegado fazia sua refeição naquele momento. Fui então para a sala de visitas, trazendo-a comigo e esperei pela entrada de Vernon com certa inquietação. Ele logo se juntou a nós. Quando entrou, fiquei impressionada com o fato de ser o homem mais bonito que eu já vira. Sua tez era de um tom oliva claro; seus olhos de um azul-escuro; sua cabeça delicada e bem formada; sua figura pouco acima do tamanho médio, mas esbelta e elegante. Eu esperava que as maneiras cortesias do meu tio correspondessem à graça de sua aparência; mas Vernon não tinha animação, nem suavidade. Suas palavras eram repletas de significado, e seus olhos brilhavam como fogo enquanto falava; mas seu discurso era abrupto, sua conversa mordaz e sarcástica, e um antipático sorriso irônico do qual desfrutava deteriorou muito sua boa aparência. Ainda assim, ele era muito bonito, muito inteligente e muito divertido.

Uma parte, ao menos, da descrição de Marianne estava errada. Ele passou todos os dias conosco. Cavalgava ou caminhava conosco pela manhã; lia para nós à noite; conversava enquanto trabalhávamos ou pintávamos; e fez tudo o que uma pessoa mais diligente em agradar poderia fazer, exceto virar as folhas de nossas partituras. Ele não gostava de música — da qual meu pai gostava tanto; em tudo o mais, seus gostos pareciam os meus. Ele me deu aulas de italiano; e, exceto quando eu o afastava, nunca deixava o nosso lado. Marianne declarou que seu irmão Vernon era um homem mudado. Achei que sabia de onde surgia a alteração.

Que garota de dezoito anos, recém-saída do recluso, poderia perceber o nascimento do amor no coração de um jovem realizado e bonito, e não ter sua vaidade satisfeita? Minha educação peculiar impedira que eu tivesse a afetação da beleza ou a insolência da riqueza. Eu me senti exultante. Tornei-me importante aos meus próprios olhos; e meu tolo coração inchou com triunfo consciente. Vernon tornava-se cada dia mais abertamente dedicado a mim, mais solícito em agradar, mais lisonjeiro e atencioso. Ele avançou com passos imperceptíveis para a fronteira desejada, e nenhuma impaciência perturbou seu progresso nem por um momento. Furtivo como uma serpente, e tão astuto, tornou-se necessário para meu conforto; e eu havia me comprometido ao exibir o vão triunfo de minha conquista antes que ele a mostrasse com uma

palavra.

Quando me dei conta de que eu deveria retribuir seu amor, fiquei assustada. Descobri que com todos seus talentos e qualidades agradáveis eu mal gostava dele, e certamente nunca poderia sentir nada além de uma doce amizade. Censurei-me por minha ingratidão — envergonhei-me de minha hesitação. Ele viu meus esforços — ele era todo humildade — ele não merecia coisa melhor — estaria satisfeito se eu fosse apenas uma irmã para ele — tivesse pena dele — suportasse sua presença. Eu concordei e reassumi minha familiaridade e bom humor.

É impossível descrever seu artifício refinado, ou a maravilhosa assiduidade com que ele aguardou sob sua trama disfarçada até que eu estivesse emaranhada. Primeiramente, conseguiu que eu concordasse em ouvi-lo falar de sua paixão; então despertou minha piedade por seus sofrimentos — foi eloquente em descrevê-los e em exaltar meus méritos. Pedia tão pouco, parecia tão humilde; mas era importuno e nunca descartava a menor vantagem uma vez obtida. Esquecida por meu tio, desconhecida e ignorada pelo resto do mundo, fui entregue às suas artimanhas. Dia após dia ele as renovava. Ele identificou e trabalhou em cada fraqueza de meu caráter. Meu medo de errar; meu pavor com a ideia de ser motivo de dor; meu desejo de preservar minha integridade sem falhas — essas podem ser chamadas de virtudes; mas, distorcidas e exagerados pela vaidade natural e pela inexperiência juvenil, tornaram-me uma presa fácil demais. Por fim, ele arrancou de mim a promessa de me casar com ele quando eu fosse maior de idade. Tal promessa me parecia o único método restante para provar minha boa educação e honestidade. Deixei-o mais prontamente porque admirava seus talentos e acreditava que ele merecia uma esposa melhor do que eu, e minha falta de amor era uma falha minha, que eu deveria compensar a ele. Com toda a imprudência e inexperiência da minha idade, confesso que tentei até esconder minha aversão latente; e deste modo quando, depois de ter minha promessa, ele foi embora por uma semana, eu de bom grado concordei com seu pedido de lhe escrever, e minhas cartas eram cheias de afeto. Era mais fácil escrever do que falar o que realmente não sentia, e fiquei feliz em mostrar minha gratidão e meu apego a ele com facilidade. Ao mesmo tempo, consenti em manter nosso noivado em segredo, e assim tinha uma desculpa para preservar minha conduta reservada. Aproveitei esse desejo de sua parte para insistir que me deixasse por um tempo. Fiquei feliz quando ele se foi, mas mortificada com a prontidão de sua obediência.

Não devo ser injusta. Vernon tinha muitos defeitos, mas frieza não era um deles. Veemência e paixão eram suas características, embora pudesse uni-las a uma deliberação em propósito e astúcia na execução, sem igual. Ele havia

determinado, mesmo antes de me conhecer, ganhar a mim e minha fortuna; mas tal era a violência de sua disposição, que ele foi inevitavelmente pego em suas próprias armadilhas; e o projeto fundado no interesse acabou por torná-lo escravo do amor — de uma moça que ele desprezava. Ele foi embora quando eu ansiosamente lhe pedi; mas ele cumpriu melhor seu objetivo ao fazê-lo. Minhas cartas eram fortes provas contra mim — caso, no futuro, como ele temia com muita razão, eu desejasse retificar meus votos. Eu descuidadamente alcancei seus objetivos, além de suas expectativas mais otimistas. Minhas cartas eram as de uma noiva prometida; e o que elas poderiam faltar em ternura era compensado por seu rigoroso reconhecimento de nossa condição. Ao obter esses testemunhos, ele voltou. Eu o recebi de bom grado. Estava muito pouco satisfeita comigo mesma para entregar-me a solidão. Sua presença mantinha viva o sentimento de irresistível destino ao qual eu havia cedido; e sua sociedade animou a quietude monótona de Beech Grove.

Afinal, chegou o Natal, e meu tio voltou e encheu sua casa de visitas. Então os tons mais escuros do caráter de Vernon se destacaram. Ele era tão ciumento quanto um italiano. Sua disposição era sombria e avessa aos prazeres sociáveis. Deus sabe que a dor pesava demais em meu coração para me permitir ser muito vivaz; ainda assim, eu queria agradecer meu tio e achava que não tinha o direito de ofuscar o bom humor da companhia; e adicionado a isso estava o espírito flexível da juventude, que saltou ansiosa e espontaneamente da escuridão e mistério dos artifícios de Vernon para a atmosfera mais agradável de relações amistosas. Ele me viu como nunca havia antes, alegre e pronta para compartilhar a diversão do momento. Ele gemeu em amargura. Censurou — repreendeu — e se tornou um grande capataz. Eu era naturalmente tímida e dócil — em vão meu espírito se revoltou com sua injustiça: ele ganhou e manteve total influência sobre mim. No entanto, minha alma estava em armas contra ele, mesmo enquanto eu me submetia ao seu controle, e a aversão começou a se desenvolver em meu peito. Repreendi-me severamente da minha ingratidão. Tornei-me na aparência mais gentil do que nunca; mas todas as lutas internas e manifestações externas tiveram, infelizmente, um resultado: alienar cada vez mais minhas afeições de meu primo.

Nossos convidados nos deixaram. Meu tio foi até a cidade. Ele me disse que esperava que eu o seguisse assim que Lady Hythe voltasse para me fazer companhia. Mas eu estava mais avessa do que nunca a visitar Londres. Presa a Vernon por minhas promessas e desejando manter minha fé nele, não gostava de me expor à tentação de ver outros a quem pudesse gostar mais. Além disso, a memória de meu pai ainda permanecia abalada e decidi não aparecer em público até o ano de luto terminar. Vernon acompanhou o pai até a cidade,

mas voltou a nós quase imediatamente. Parecíamos voltar ao nosso antigo modo de vida; mas sua essência foi alterada. Ele estava temperamental — eu ansiosa. Quase me arrisquei a acusá-lo de mau humor e tirania, até ler a indiferença em meu coração, e passei a me considerar a causa de seu descontentamento. Tentei restaurar sua complacência com gentileza e, de certa forma, consegui.

Um dia, Sir Richard apareceu sem aviso em Beech Grove. Pareceu surpreso ao encontrar Vernon, e preocupação, e até uma certa ansiedade nublaram sua habitual alegria. Ele nos disse que esperava Clinton a qualquer momento e quando chegasse, imediatamente o traria até Hampshire.

— Para comemorar meu aniversário? — perguntou Vernon, com um sorriso sardônico. — Serei maior de idade na sexta-feira.

— Não — respondeu seu pai — não estará aqui tão cedo.

— Nem eu tão honrado — disse Vernon. — A maioria de Clinton foi celebrada por tumultuosos regozijos; mas ele é o primogênito.

Sir Richard deu a Vernon, que falava com desdém, um rápido olhar — uma expressão indescritível de angústia passou por seu semblante.

— Você está aqui desde o Natal? — ele perguntou finalmente. Vernon teria respondido evasivamente, mas Marianne disse:

— Ah sim! Ele está sempre aqui agora.

— Parece que você de repente começou a gostar muito de Beech Grove — continuou seu pai.

Senti os olhos de Sir Richard se fixarem em mim enquanto falava, e percebi que não apenas minhas bochechas, mas também minhas têmporas e pescoço enrubesciam. Algum tempo depois, vi meu tio próximo aos arbustos do jardim; ele estava sozinho, e a falta de companhia era sempre tão dolorosa a ele, que eu considerei uma mostra de bondade devota me juntar a ele. Eu me perguntei, ao me aproximar, o motivo de ver cada sinal de desânimo em um rosto geralmente tão sorridente. Ele me viu e alisou a testa; começou a falar de Londres, de meu primo mais velho, de seu desejo de que eu vencesse minha timidez e consentisse em ser apresentada nesta primavera. Por fim, ele parou de repente e, examinando-me enquanto falava, disse:

— Perdoe-me, querida Ellen, se a incomodo; mas sou seu tutor, seu segundo pai, não sou? Não fique com raiva, portanto, se eu lhe perguntar, você está apegada ao meu filho Vernon?

Minha natural franqueza provocou uma resposta, mas mil sentimentos, inexplicáveis, porém poderosos, suspenderam-se em minha língua. Eu respondi, gaguejando:

— Não... eu acredito que sim... eu gosto dele.

— Mas você não o ama?

— Que pergunta, querido tio! — respondi, coberta de confusão.

— É mesmo assim? — exclamou Sir Richard. — E ele deve ter sucesso em tudo?

— Você está enganado — eu disse; pois tinha horror de confessar uma ligação que, afinal, não sentia, e assim tornar nosso noivado mais concreto. Mas corei profundamente enquanto falava, e meu tio pareceu incrédulo e disse:

— No entanto, lhe traria grande infelicidade se ele se casasse com outra.

— Oh não! — exclamei. — Ele tem minha licença livre. Eu desejar-lhe-ia alegria com todo o meu coração.

A ideia, a esperança de que ele estava me enganando e poderia me libertar de minhas redes, disparou pela minha mente com um rápido tremor de deleite. Sir Richard viu que eu falava sério, e seu semblante clareou.

— Que coisa estranha é a timidez de uma donzela — observou ele; — Você corou tão lindamente, Ellen, que eu poderia jurar que tinha dado seu coração a Vernon. Mas vejo que estava enganado; fico feliz com isso, pois ele não combina com você.

Nada mais foi dito, mas eu senti tristeza e um peso em minha consciência. Enganei meu tio, mas ao mesmo tempo não o havia enganado. Eu declarei não amar aquele a quem havia prometido minha mão; e a coisa toda era um mistério e um emaranhado que me degradava aos meus próprios olhos. Eu ansiava por fazer uma confissão completa; no entanto, se o fizesse tudo estaria acabado — nós dois estaríamos inextricavelmente ligados. Como estava, algum capricho poderia fazer Vernon transferir sua afeição para outra, e eu poderia dar a ele toda a liberdade, sem que nenhum ser humano soubesse a tamanha tolice com que eu agira.

Não tivemos convidados durante o jantar; Sir Richard nos deixaria pela manhã bem cedo. Após a ceia eu logo me retirei para a sala de estar, deixando pai e filho juntos; onde ficaram por duas horas. Estava a ponto de seguir para meu aposento, para evitar um encontro que me preocupava, sem saber o motivo, quando eles entraram. Parecia que, no intervalo de minha ausência, eles receberam a notícia repentina da morte de um amigo querido; mas não era bem isso, pois embora Vernon parecer absorto em pensamentos, sua taciturnidade estranhamente misturava-se a olhares de crescente triunfo; seus sorrisos não eram mais de escárnio — não traíam a felicidade do coração, mas a alegria de uma má vitória. Ele olhou para mim de soslaio, com uma espécie de satisfação gananciosa, e para o pai com desprezo. Eu tremi e me virei para meu tio; mas tristeza e confusão marcavam suas feições — seu rosto mostrava humilhação, e se acovardou sob meus olhos; apesar disso ele logo se recuperou, puxou uma cadeira para perto e foi mais gentil do que nunca. Informou-me

sua ida para a cidade amanhã, e que Vernon deveria acompanhá-lo; perguntou se havia algo que pudesse fazer por mim, e provou sua afeição com mil pequenas atenções. Vernon não disse nada e se despediu de mim com tanta frieza que pensei seus modos sugerirem me ver pela manhã. Achando certo satisfazê-lo, levantei-me cedo; mas ele só desceu muito depois de Sir Richard, que me agradeceu por minha gentileza em me perturbar por sua causa. Eles foram embora imediatamente após o café da manhã, e o adeus formal de Vernon novamente me surpreendeu. Seria possível, ele realmente se casaria com outra? Essa dúvida era todo o meu consolo, pois estava dolorosamente agitada pela falsa posição em que me enredara, pelo mistério que envolvia minhas ações e pela falsidade perpetuamente implicada por meus lábios.

Eu habitualmente me levantava cedo. Na terceira manhã após a partida de meus parentes, antes de me levantar, e enquanto me vestia, pensei que pedrinhas eram jogadas em minha janela; mas minha mente estava absorpta demais para prestar atenção, até que finalmente, depois de vagorosamente completar minha toalete, olhei pela janela e vi Vernon lá embaixo, na parte isolada do parque que dava para a janela. Desci correndo, meu coração palpitando de ansiedade.

— Esperei por você estas duas horas — ele disse com raiva. — Não ouviu meu sinal?

— Não conheço nenhum sinal — respondi. — Não estou acostumada a compromissos clandestinos.

— E ainda assim pode realizar um noivado clandestino muito bem! Disse a Sir Richard que não me amava — que ficaria feliz se eu me casasse com outra.

Uma resposta indignada brotava de meus lábios, mas ele viu a tempestade que se aproximava e apressou-se a acalmá-la. Mudou imediatamente seu tom de reprovação para protestos ternos.

— Partiu meu coração deixá-la como eu deixei — disse ele — mas não pude ficar. Sir Richard insistiu que eu o acompanhasse — fui obrigado a obedecer. Mesmo agora ele acredita que eu estou na cidade. Viajei a noite toda. Ele meio que suspeitou, porque me recusei a jantar com ele hoje; e fui forçado a uma promessa de comparecer a um baile esta noite. Não preciso estar lá até meio dia ou uma, e assim posso ficar duas horas com você.

— Mas qual o motivo dessa viagem apressada? — perguntei. — Por que veio até aqui?

Ele respondeu defendendo a veemência de seu afeto, e falou do risco que corria de me perder para sempre.

— Você não sabe — disse ele — que meu pai está pensando casá-la com meu irmão?

— Meu tio é um homem muito bom — respondi com desdém. — Porém não sou uma escrava, para ser comprada e vendida. Meu primo Clinton é a última pessoa no mundo a quem você precisa temer.

— Ah, Ellen, quanto me conforta — me encanta, esse seu generoso desprezo pela riqueza e posição! Perguntou por que estou aqui — valeu a pena o cansaço, duas vezes, dez mil vezes, para ter essas garantias. Eu tremi — eu temi — mas você não amará este favorecido pelo destino — este primogênito!

Não posso descrever o olhar de Vernon quando ele disse isso. Achei que inveja, malícia e exultação demoníaca estavam todos misturados. Ele riu alto — eu me encolhi desolada. Ele se acalmou no momento seguinte.

— Minha vida está em suas mãos, Ellen — disse ele; mas qual o motivo de repetir seus gloriosos discursos, nos quais o engano e a verdade eram sovados de tal forma em uma massa, que o veneno assumiu a aparência da substância saudável, enquanto o todo foi imbuído com destruição.

Senti que gostava dele menos do que nunca; contudo, cedi à sua violência. Julguei-me vítima de um erro meu, perdoável, porém irreparável. Confirmei minhas promessas e assegurei minha sinceridade solenemente. É verdade que o desenganei tanto quanto pude em relação à extensão do meu apego; a princípio ele ficou furioso com minha frieza, depois me dominou com súplicas de perdão — lágrimas até escorriam de seus olhos — e então novamente me lembrou com altivez que eu perderia todas as virtudes do meu sexo e me tornaria um monumento de falsidade, se eu falhasse para com ele. Finalmente nos separamos — prometi escrever todos os dias e o vi partir com uma sensação de quem se alivia da tortura.

Passada uma semana dessa cena — ainda deprimida e muitas vezes chorando a morte de meu querido pai, que eu considerava a raiz de todos os males — eu estava lendo, ou melhor, tentando ler, em meus aposentos, mas na realidade meditando sobre minhas tristezas, quando ouvi a risada alegre de Marianne dos arbustos, e sua voz me chamando para me juntar a ela. Despertei de meu triste devaneio e resolvi deixar de lado a preocupação e o desânimo, enquanto a ausência de Vernon me proporcionava uma sombra de liberdade; e, cumprindo essa determinação, desci para juntar-me à minha alegre prima. Ela não estava sozinha. Clinton estava com ela. Não havia semelhança entre ele e Vernon. Seu semblante era como os raios do sol; seus olhos azuis-claros riam em sua alegria e pureza; seu sorriso radiante, sua voz prateada, sua figura alta e viril e, acima de tudo, suas espontâneas maneiras envolventes, eram o contrário de seu irmão misterioso e sombrio. Eu o vi e senti que meus preconceitos eram ridículos; nos tornamos íntimos em um momento. Não sei como aconteceu, mas parecíamos irmão e irmã — cada sentimento, cada pensamento, eram revelados um ao outro. Eu era

naturalmente franca, mas tímida por educação; deste modo, me encantou duplamente quando a falta de reservas de outro me convidou a entregar-me à confiança descuidada de minha disposição. Como os dias voavam rapidamente agora! Tinham apenas um inconveniente, minha correspondência com meu primo — não que eu me sentisse infiel a ele; minha afeição por minha relação recém-formada não perturbou minha consciência — era pura, indisfarçável, fraternal. Havíamos nos encontrado vindos do lado oposto do oceano da vida — dois seres formando um todo harmonizado; mas a afinidade era perfeita demais, imaculada demais pela escória terrena, para ser comparada ao amor egoísta dado e exigido por Vernon. No entanto, eu temia que pudesse despertar seu ciúme, enquanto eu me sentia menos inclinada do que nunca a desmentir meu coração; e com aversão e hesitação escrevia cartas contendo a fórmula do afeto e dos votos de noivado.

Sir Richard desceu a Beech Grove. Ele ficou extremamente satisfeito ao presenciar a amizade cordial existente entre seu filho e eu.

— Não disse que gostaria dele? — comentou ele.

— Todos devem — respondi. — Ele foi criado para conquistar todos os corações.

— E combina com você muito mais do que Vernon?

Eu não sabia o que responder; ele tocara em uma corda sensível; mas decidi não sentir nem pensar. As visitas de Sir Richard eram todas rápidas; ele nos deixaria à noite. Teve, durante a manhã, uma longa conversa com

Clinton; e imediatamente depois procurou uma oportunidade para falar comigo.

— Ellen — disse ele — não sou um pai sábio, mas sou afetuoso. Causei muitos danos a Clinton, dos quais ele, pobre garoto, não sabe; e é meu desejo compensar tudo dando-lhe uma esposa digna. Seu temperamento é generoso; seu espírito puro e nobre. Pela minha alma, acredito que ele tenha todas as virtudes sob o céu; e só você o merece. Não me interrompa, eu lhe suplico; ouça-me desta vez. Confesso que desde que você se tornou minha tutelada esse tem sido meu projeto favorito. Houve vários obstáculos; mas os mais graves parecem desaparecer. Vocês se viram, e eu fico feliz de ambos terem descoberto e apreciado as boas qualidades um do outro. É assim, Ellen? Eu não sei de onde meus medos surgem, e ainda assim eles se intrometem. Temo que, enquanto me esforcei para garantir a felicidade de meu filho, posso estar aumentando a ruína já acumulada em sua cabeça por meus meios. Falei com ele hoje. Ele não tem disfarce algum, e confessa amar-lhe. Eu sei que essa confissão seria melhor vinda dele mesmo; mas sua fortuna, sua beleza, fazem-no temer ser mal interpretado. Não se engane — ele não sabe sobre minha intenção de falar com você. Vejo sua angústia, querida Ellen; tenha paciência,

mas por mais uma palavra — não brinque com os sentimentos de Clinton, pois às vezes — me perdoe — parece-me que você brincou com os de Vernon — não cultive esperanças que não serão cumpridas. Seja franca, seja honesta, apesar da timidez e coquetismo do seu sexo.

Após tais palavras, temendo ter ofendido — dominado por uma maior agitação do que eu poderia imaginá-lo ser capaz de sentir — meu tio me puxou para si, apertou-me convulsivamente contra seu peito e saiu apressadamente da sala.

Não consigo descrever o estado em que ele me deixou — um espasmo de dor percorreu meu corpo; me senti mal e fraca, até uma torrente de lágrimas aliviar meu coração disparado. Chorei muito — solucei de agonia — me senti a maior miserável que já pisou na terra.

Meu tio havia rasgado o véu ocultando-me de mim mesma. Eu amava Clinton — ele era o mundo inteiro para mim — todo o mundo de luz e alegria, e eu o havia renunciado para sempre. E ele também era minha vítima. Eu vi seu belo rosto radiante de esperança; ouvi sua voz vibrante harmonizada pelo amor; e vi a destemida cordialidade de suas maneiras, que evidenciavam sua confiança em minha afinidade; enquanto eu sabia que segurava uma adaga envenenada, e estava prestes a cravá-la em seu coração. Às vezes pensava em tratá-lo com frieza, às vezes — ah! Não posso dizer que os devaneios assombrando-me — alguns abnegados, outros perversos e falsos — terminaram todos da mesma maneira. Meu tio partiu; nos deixou juntos, nossos corações repletos batendo para responder um ao outro sem qualquer divisão ou reserva. Senti que cada momento poderia fazer com que Clinton abrisse sua alma para mim e buscasse na minha um sentimento muito verdadeiro e muito carinhosamente vivo ali, mas que era pecaminoso e fatal para ambos. Para impedir sua confissão, a minha a precedeu. Revelei a ele meu noivado com Vernon e declarei minha decisão de não me desviar de minha promessa. Ele me parabenizou. Eu vi o desespero por me perder traçado em seu semblante, misturado ao horror de humilhar seu irmão; o terror de que ele, o primogênito, dotado pelo destino com todas as bênçãos, fosse suspeito de roubar o único bem restante, conquistado por Vernon por sua diligência, talvez por seus merecimentos. Que Deus não permita! Vi no claro espelho de seu semblante a luta entre paixão e princípios, e o triunfo da honra e da virtude exaltado sobre o amor mais verdadeiro que já aqueceu o peito do homem.

Nossa alegria desapareceu; nosso riso parou. Conversávamos com tristeza e seriedade, sem nem lamentar nosso destino ou reconhecer nossos sofrimentos; domados à resistência, e consolando-se mutuamente por tais demonstrações de afeto permitidas ao nosso relacionamento próximo. Nós

havíamos lido claramente o coração um do outro e apoiávamos um ao outro no sacrifício conjunto; e isso sem qualquer declaração direta. Clinton falava de seu retorno ao continente; eu da minha reclusão e tranquilidade em Beech Grove. Ainda estava distante — dois anos era uma eternidade na nossa idade — o tempo em que Vernon pudesse reivindicar minha mão; e não nos referíamos a essa consumação fatal. Desistimos um do outro; e essa única tristeza bastava, não era necessária uma adição ainda mais cruel. Eu permaneci calma, abatida e com os olhos secos. Era tudo culpa minha, e eu deveria aceitar. Não podia deixar de lado o filho mais novo pelo mais velho; e se em meus pensamentos secretos eu acalentava a esperança de induzir Vernon a renunciar o noivado, essa mesma circunstância me separaria ainda mais de Clinton. Como meu cunhado, eu poderia vê-lo — de alguma forma, nossos destinos seriam compartilhados; mas como um rival de Vernon, uma corrente de sangue nos separava para sempre.

As horas de triste afeição que passamos foram muito queridas para ambos. Sabíamos que seriam breves. Clinton marcara o dia e a hora de sua partida — a cada momento se aproximava. Nós não nos encontraríamos novamente até passado meu casamento; mas até quando deveríamos nos separar, por dois curtos dias, estávamos completamente um para o outro, apesar do muro inflexível erguido entre nós. Cada um tentou fingir pensar e falar de assuntos indiferentes; e nunca mencionávamos aquilo que aproximava nossos corações; mas quão supérfluas são as palavras como intérpretes entre amantes! Enquanto caminhávamos ou cavalgávamos e passávamos horas na companhia um do outro, trocávamos pensamentos com mais intimidade durante longos períodos de silêncio do que Vernon, com sua veemência e eloquência, poderia ter concebido. Se tivéssemos falado diversos volumes, não poderíamos ter dito mais nada. Nossa aparência — o nosso olhar que se abaixava e a mútua evasão tácita, mostravam nossa decisão de cumprir nossos deveres e conquistar nosso amor; e, no entanto, quantas vezes, por um olhar ou uma palavra vacilante, ao aludirmos ao futuro, prometíamos nunca nos esquecer e nutrir estima e ternura mútua como todo o restante do paraíso do qual fomos expulsos com tanta impiedade! De vez em quando uma expressão brincalhona da parte dele, ou um rubor da minha parte, mostrava mais sentimento do que julgávamos correto; um era detido por um suspiro, o outro por uma suposição de indiferença.

Passei horas em prantos, angustiada, quando, decidida a vencer minha fraqueza e recuperar ao menos a aparência de serenidade antes de meu primo retornar de sua cavalgada, fui até a sala de aula de Marianne e peguei um livro. A exaustão do choro me acalmou; e pensei em meu primo — suas qualidades cativantes e no vínculo entre nós, com sentimentos amenizados. Enquanto me

entregava ao devaneio, apoiando a cabeça na mão, o livro caindo dos dedos, meus olhos fechados, passei da sensação agitada da vida e da tristeza para o esquecimento balsâmico do sono. Clinton tinha a intenção de fazer um retrato meu, mas não se atreveu a me convidar para sentar — ele entrou neste momento; Marianne, sussurrando, disse-lhe para não me incomodar. Ele pegou seus materiais de desenho e fez um esboço apressado, que a inteligência e o amor uniram para consagrar uma semelhança perfeita. Acordei e vi seu trabalho; ia além de nosso combinado; eu o pedi a ele; ele sentiu que eu estava certa e cedeu. Este sacrifício de sua parte provou que ele não vacilou com seu senso de direito. No dia seguinte nos separaríamos; e ele não guardaria nenhum memorial, além de uma lembrança, que não pudesse destruir.

O dia seguinte chegou. Clinton pediu para eu e sua irmã darmos um passeio pelo parque com ele, e assim chegarmos à sua carruagem que o esperava na cabana mais distante. Nós consentimos; mas, na hora de partir, Marianne, que não sabia nada com certeza, mas que adivinhava que nem tudo estava bem, pediu licença. Juntei-me a ele sozinha. Havia algo em sua pessoa e maneiras que prometia tanta proteção e ternura, que senti ser ainda mais difícil me separar dele. Uma reserva digna, estranha ao seu humor habitual, fundada na decisão de desempenhar apenas o papel de irmão, me constrangeu um pouco; mas eu o amava ainda mais por isso; enquanto eu teria dado minha existência para que nos fosse permitido apenas jogar de lado a máscara pelo menos por uma curta hora, e usar a linguagem da natureza e da verdade. Não poderia ser; e nossa conversa era sobre assuntos mundanos. Quando nos aproximamos da cabana, a carruagem ainda não havia chegado, e recuamos um pouco e nos sentamos em uma margem gramada; então Clinton disse algumas palavras, as únicas que revelavam sua agitação.

— Tenho um pouco mais de experiência do que você, Ellen — disse ele — e, além disso, sou assombrado por estranhos pressentimentos; nós parecemos saber o que deve ser feito, e o que devemos fazer, e agimos de acordo — mas a vida é uma coisa estranha e imprevisível. Desejo atribuir-lhe uma amizade mais disposta e ativa do que Sir Richard. Tenho uma irmã a quem tenho grande carinho; ela está agora no continente, mas eu irei até ela e pedirei que lhe conceda a amizade que você tanto merece. Você amará Lady Hythe por ela e também por mim.

Desejava agradecer-lhe por este sinal de bondade, mas a minha voz falhou, e rompi em lágrimas, dominada pelo excesso de angústia inundando o meu coração. Tentei esconder meu choro, não consegui.

— Não, Ellen, querida Ellen, eu lhe suplico — controle-se.

Clinton falou com uma voz tão quebrada, tão cheia de tristeza, que me inspirou com ambos medo e coragem. Os passos de um cavalo nos

despertaram — um cavalo em galope. Ergui os olhos e soltei um grito; pois, controlando o animal com um puxão forte e repentino, Vernon parou perto de nós. A mais violenta ira abalava seu semblante. Atirou-se do cavalo e, lançando-lhe as rédeas, veio em nossa direção. O que ele tinha a intenção de falar ou fazer eu não posso dizer; talvez esconder onde estava seu coração — e a rápida partida de Clinton teria suavizado tudo; mas vi o cano de uma pistola espreitar do bolso de seu casaco. Fui tomada pelo terror — dei um grito. Clinton, apavorado com meu sobressalto, teria me apoiado, mas Vernon o empurrou grosseiramente.

— Não se atreva a se aproximar ou tocá-la, se valoriza sua vida! — exclamou ele.

— Minha vida! Você fala à toa, Vernon. Eu valorizo a segurança dela — um momento de paz para ela — muito mais.

— Você confessa! — exclamou Vernon — e você também, garota falsa e traiçoeira! Ah! Você pensou que me trairia e ficaria impune? Você acha que, se eu quisesse, não a forçaria a olhar até que o sangue de um dos irmãos escorresse aos seus pés? Mas há outras punições reservadas a você.

As expressões de ameaça usadas para comigo restauraram minha coragem, e exclamei:

— Cuidado para não quebrar o laço que nos une — pelo menos, aquele que nos unia há um momento — talvez já esteja quebrado.

— Sem dúvida — ele gritou, rangendo os dentes com raiva — está quebrado, e um novo foi criado para uni-la ao filho mais velho. Ah sim! Deixaria de lado o pobre e miserável pedinte, que em vão a adorou e amou loucamente — você tomaria o rico, o honrável e honrado Sir Clinton! Ignorante, tola de coração vazio!

— Vernon — disse Clinton — quaisquer suas alegações sobre nossa prima, não posso ficar parado enquanto a insulta. Você esquece seu controle.

— O esquecimento, senhor, é de sua parte; orgulhoso de sua senhoriaidade, tornar-se um rival com seu irmão, expulsá-lo de tudo, foi um jogo para você; mas saiba, tolo orgulhoso ou vilão — tome o nome que você quiser — sua hora passou — seu reinado chegou ao fim! Sua posição é fictícia, sua existência uma desgraça!

Clinton e eu começamos a pensar que Vernon estava realmente louco — uma suspeita confirmada por seus gestos violentos. Nos entreolhamos assustados.

— Fique! — exclamou o homem enfurecido, agarrando meu braço com força; enquanto, temendo que Clinton interferisse, cedi. — Fique e ouça quem seu amado é — ou ferirei suas orelhas delicadas? Existem frases mais suaves e palavras mais sedosas para adornar esse rejeitado do mundo — um

bastardo!

— Vernon, não se atreva! Cuidado, senhor, vá embora!

O rosto de Clinton enrubescceu; sua voz, sua majestosa indignação quase forçou o rufião a se encolher; ele largou meu braço com violência.

— Fique com ele, bela Ellen! É verdade que você fica com o que eu digo — um filho ilegítimo. Acha que estou errado? Pergunte ao nosso pai, pois ele é o seu, Clinton, e nossa mãe é a mesma; você é o primogênito de Richard Gray e Matilda Towers; mas sou o filho mais velho do sr. e sra. Gray.

Vernon não poderia ter agido com tanta covardia e tolice se não fosse levado por uma espécie de loucura. Na verdade, para extinguir suas esperanças para sempre, Sir Richard tinha, com aquele descuido da verdade — sua inclinação fatal — afirmado que Clinton e eu estávamos abertamente prometidos um ao outro; e ele veio instigado por algo pior do que ciúme — um espírito de ódio e vingança. Vendo-nos juntos, obviamente engajados pelos sentimentos mais envolventes, seu temperamento, que se tornara furioso durante a viagem, irrompeu além dos limites. Anteriormente eu o chamei de serpente, e assim ele era em todos os aspectos; ele podia rastejar e ondular, e esconder seu astuto avanço; mas ele também podia erguer sua crista, lançar sua língua bífida e destilar o veneno mortal, quando provocado como agora. Clinton ficou alternadamente pálido e vermelho.

— Faça como queira — disse ele. — Minha fortuna e a sua são de pouca importância em comparação com a segurança de Ellen. Se houver alguma verdade nesta sua história, haverá tempo suficiente para descobri-la e agir de acordo. Enquanto isso, querida prima, vejo que trouxeram minha carruagem. Você não deve caminhar sozinha até a casa, a carruagem a levará para a casa e voltará para me buscar.

Olhei para ele interrogativamente.

— Não tema que eu a abandone — continuou ele — ou que eu faça algo precipitadamente. Vernon me acompanhará até a cidade, até a presença de nosso pai, e diante dele redimir essa calúnia suja, ou prová-la. Esteja certa de que ele não se aproximará de você sem sua permissão. Eu cuidarei dele, para sua segurança.

Clinton falou em voz alta, e Vernon percebeu que deveria ceder a esse acordo e ficou satisfeito por nos ter dividido. Clinton me levou até sua carruagem.

— Em breve, você terá notícias de algum de nós, Ellen — disse ele — e eu lhe imploro que seja paciente — cuide de si — não tema nada. Não posso dizer nada — afirmar ou negar nada agora; mas não a deixarei em suspense. Prometa-me ser paciente e calma.

— E você — eu disse finalmente, contendo minha voz trêmula —

prometa não ser precipitado; e prometa não deixar a Inglaterra sem me ver novamente.

— Prometo não deixar a Inglaterra por nenhum momento sem sua permissão. Ah, confie em mim, minha querida prima; não é em tempestades como essas que você se envergonhará de mim; um sentimento pode me dominar, mas a pobreza, a desgraça e a cólera eu posso conquistar.

Vernon não ousou nos interromper. Ele sentiu que havia destruído sua teia cuidadosamente tecida por sua própria imprudência, e mordeu os lábios em uma raiva silenciosa. Olhei para ele por um momento e desviei os olhos com desprezo. Entrei na carruagem; levou-me até a casa e voltou para dirigir Clinton até a cidade. Assim fomos separados, como pretendíamos; e, no entanto, quão diferente! A esperança renasceu em meu coração, vinda das mesmas cinzas de seu desespero.

Dois dias intoleráveis se passaram, e eu ainda estava em minha solidão, sem receber nenhuma informação, exceto uma carta de Vernon. Ele me exigia como um direito, e insistia ferozmente que eu deveria me manter fiel a ele; mas não fez alusão à cena no parque, nem às suas estranhas afirmações. Eu desprezei a carta como indigna de atenção ou pensamento. A terceira manhã trouxe-me uma do meu tio. Abri-a com uma impaciência incontrolável, este era o conteúdo:

Clinton, minha querida Ellen, insiste que eu me junte a você em Beech Grove; mas não posso fazê-lo até que eu tenha sua licença — até ter confessado minha vilania e implorado seu perdão, além do meu filho de coração nobre, a quem dediquei a arruinar antes de seu nascimento e que me perdoou. É um assunto odioso, impróprio para seus ouvidos, minha gentil e virtuosa menina, e devo esclarecê-lo logo. Quando conheci a srta. Towers, não tinha a menor ideia de me casar com ela; pois ela era pobre e de origem humilde. Nós nos amávamos, e ela estava disposta a se tornar minha em meus próprios termos. Nossa relação foi descoberta por seus pais; e para apaziguá-los, e agradar Matilda, disse que estávamos casados. Minha afirmação foi creditada; Matilda assumiu meu nome, e todo o mundo, todo o círculo de conhecidos dela, foi enganado; ao mesmo tempo, declarei a meu pai que ela era apenas minha governanta. Ele não acreditou, e assim me embolei. Pouco antes do nascimento de nosso segundo filho, meu pai morreu, e meu avô me ofereceu dois mil dólares por ano, com a condição de que eu desse toda a propriedade ao meu filho mais velho. Eu amava Matilda; meus temores foram dissipados pela morte de meu pai e por esse

reconhecimento de minha união por meu avô. Eu me casei com ela; e, três dias após o nascimento de Vernon, assinei o acordo de vínculo. Essa é a minha história. A situação de Lady Gray exigia a ocultação de todo ser humano no período em que o casamento foi celebrado. Meu nobre e amado Clinton assumiu o lugar do filho mais velho. Não ousei revelar a verdade; não, imaginei que o beneficiei ao permitir que ele ocupasse essa falsa posição até minha morte. Ele me desiludiu; mas não me amaldiçoou. Desde o momento em que a vi, imaginei que você repararia as minhas falhas em relação a ele, como somente você poderia. Eu acreditava que vocês foram feitos um para o outro; não me enganei neste ponto. Eu tinha a intenção de esclarecer tudo antes de seu casamento, mas acreditei que, uma vez que tivessem afeto um pelo outro, você não rejeitaria meu filho por motivos vis e mundanos. Não estou certo também neste ponto? Enquanto isso, Clinton estava no exterior, e eu fiquei preocupado ao observar o esforço de Vernon para lhe agradar, e a intimidade que você encorajou. Eu o proibi de ficar com você em Beech Grove — ele me desafiou. Então tentei afastá-lo de você; e, como último suborno, revelei o segredo de seu nascimento: ele, em troca, prometeu deixar o campo aberto para Clinton. Você sabe o resto. Ele não tem a intenção de desistir de você; ele é meu herdeiro e, além disso, agarrou-se à sua fortuna — ele terá sucesso? Clinton é todo bondade e amabilidade angelical reconfortante — mas ele insiste em não tomar mais uma condição na qual não tem direito — foi para o exterior. Ele teme deixá-la exposta à violência de Vernon, e me fez prometer descer a Beech Grove e impedir que seu irmão a veja sem seu livre e total consentimento. Como eu disse, não posso me convencer a visitá-la até que você esteja em plena posse de todos os fatos. Agora estão em suas mãos. Você pode me esperar amanhã. Não tema Vernon; cuidarei para que ele não cometa mais abusos contra você, nem prejudique o interesse que eu sinceramente confio que você preserva para o meu divino, meu amado Clinton.

Li e reli esta carta mil vezes; minha alma estava em tumulto. A princípio, eu só conseguia pensar nos fatos contidos e, com orgulho e alegria, decidi compensar Clinton, como acreditava que poderia, por todos os males; e então novamente li a carta, e muitas partes dela me encheram de perplexidade e desânimo. Clinton foi para o exterior — contra sua promessa — sem uma palavra; e havia algo tão indelicado na maneira como meu tio defendia essa

atitude. Era estranho, diferente de qualquer conduta que eu esperava da parte do meu querido primo. É claro que Clinton escreveria — e mesmo assim ele se foi, e nenhuma carta chegou! E então eu não tinha vontade de ver Sir Richard, o pai culposo e penitente: a total indiferença que ele demonstrava aos princípios morais — não fundada, como a de Vernon, no egoísmo, mas na fraqueza de caráter e insensibilidade natural à verdade — me revoltava. Onde estava meu querido pai? Ele me jogou do abrigo sagrado de sua virtude em um sistema de dissimulação e culpa, que mesmo Clinton, pensei, me abandonando como fez, não resgatou. Lutei com esses sentimentos, mas sua justiça me confundiu e me envolveu. No entanto, mesmo em meio a essas reflexões inquietantes, uma profunda sensação de felicidade permeou minha alma. O mistério, a tirania que me envolvia foi afastada como uma teia de aranha. Eu era livre — podia seguir os ditames de meus sentimentos, e não era mais pecado amar aquele a quem meu coração estava irrevogavelmente entregue. As horas do dia voavam, enquanto eu vivia como em um sonho, absorvida pela incerteza, esperança, dúvida e alegria. Por fim, às seis da tarde, uma carruagem subiu a alameda; uma espécie de terror ante a expectativa de ver meu tio tomou conta de mim, e me retirei apressadamente para meu quarto, ofegante. Em poucos minutos, minha criada bateu à porta; ela me disse que era Lady Hythe quem havia chegado e me entregou uma carta. A carta era de Clinton; datada no mesmo dia, em Londres. Apertei-a apaixonadamente contra os lábios e o coração e devorei seu conteúdo com avidez:

Por fim, querida Ellen, estou satisfeito; fiquei muito inquieto por você. Implorei a meu pai que a visitasse, mas mesmo isso não me satisfaz, pois você não precisa tanto de proteção quanto de simpatia e amizade verdadeira e desinteressada. Meus pensamentos se voltaram para minha primeira e querida amiga, minha irmã Caroline. Ela estava no continente — parti imediatamente para encontrá-la, contar tudo e pedir seu conselho e ajuda. O destino foi meu amigo — eu a encontrei em Calais — ela agora está com você. Ela é o meu melhor eu. Sua delicadeza de caráter, seu julgamento apurado e seu coração caloroso, aliados à sua posição de mulher, casada com o melhor e mais generoso homem vivo, fazem dela a única pessoa a quem posso confiar sua felicidade. Eu não falarei de mim — a fortuna não pode abater meu espírito, e meu caminho está claro diante de mim. Tenho pena do meu pai e da minha família; mas Caroline lhe explicará melhor do que eu minhas opiniões e esperanças. Adeus, querida prima! Deus a abençoe como

você merece! Sua fortaleza, tenho certeza, não a abandonou; no entanto, estou muito ansioso para saber que sua saúde não foi afetada pela violência de meu irmão. Caroline me escreverá e me alegrará contando-me sobre seu bem-estar.

Imediatamente me apressei para dar as boas-vindas à irmã de Clinton; e a partir desse momento minhas dúvidas e tristezas desapareceram. Lady Hythe parecia a versão feminina de Clinton; a mesma bondade de coração, gentileza de temperamento e adorável sinceridade. Tornamo-nos amigas e irmãs no mesmo instante, e sua sincera afeição me compensava cada sofrimento; que eu não teria conhecido se ela estivesse na Inglaterra quando cheguei. Clinton havia contado a ela sobre seu amor, mas deixou que eu revelasse meus sentimentos, detalhando apenas os artifícios e ciúmes de Vernon. Eu estava sem disfarce, pois éramos todos uma família, com os mesmos objetivos, esperanças e prazeres. Subimos imediatamente para a cidade, e lá vi Clinton, e trocamos nossa relação reservada e triste por um pleno reconhecimento de cada pensamento e sentimento.

A única prudência de Sir Richard foi colocar Clinton no exército e comprar sua promoção. Ele era tão querido por seus colegas oficiais que, ao descobrir seu infeliz nascimento, todos se uniram para dar-lhe o apoio de sua amizade e boa opinião. Clinton resolveu, portanto, entrar imediatamente no serviço e seguir sua profissão com energia. Dois anos se passariam antes que eu pudesse me casar, e seu desejo era de que nenhum de nós nos considerasse sob nenhum compromisso. Quão vãs são tais palavras! O céu nos fez um para o outro, e a mera palavra de noivado ou liberdade não poderia afetar um vínculo fundado no afeto, na estima ou, além disso, na paixão que nos fez encontrar a felicidade apenas um no outro. Ele foi com seu regimento para a Irlanda, e ficamos separados durante os dois anos antes de eu completar 21 anos. Continuei a residir com Lady Hythe e desfrutei com ela daquela paz de espírito que a verdadeira amizade proporciona.

Finalmente chegou o dia de meu vigésimo primeiro ano. Sir Richard desejava estar presente em nossas núpcias, mas não pôde devido a problemas de saúde. Fui até ele e o vi pela primeira vez desde a descoberta fatal; pois, ao saber que eu estava bem-arrumada com sua filha, cuidadosamente evitou me ver. Seu caráter, de fato, estava mudado. Enquanto dissimulava seus filhos, parecia alegre; era extravagante; rendido ao prazer e gastava muito além de sua grande renda, apesar da ruína que sabia que seu filho estaria envolvido em sua morte. Deu-lhe verdadeiramente uma mesada principesca, como se isso fosse compensá-lo; enquanto, na verdade, Clinton só estava habituado a gastar. Assim que a descoberta foi feita, Sir Richard, por uma daquelas mudanças

inconcebíveis que às vezes ocorrem na história da natureza humana, decidiu economizar uma fortuna para seu amado filho. Ele pensou que eu poderia ser inconstante; temia sua morte e a perda de poder para beneficiá-lo. Ele desistiu de seu estabelecimento na cidade — alugou Beech Grove — economizou tudo o que pôde e conseguiu compensar Clinton com mil libras no dia de nosso casamento.

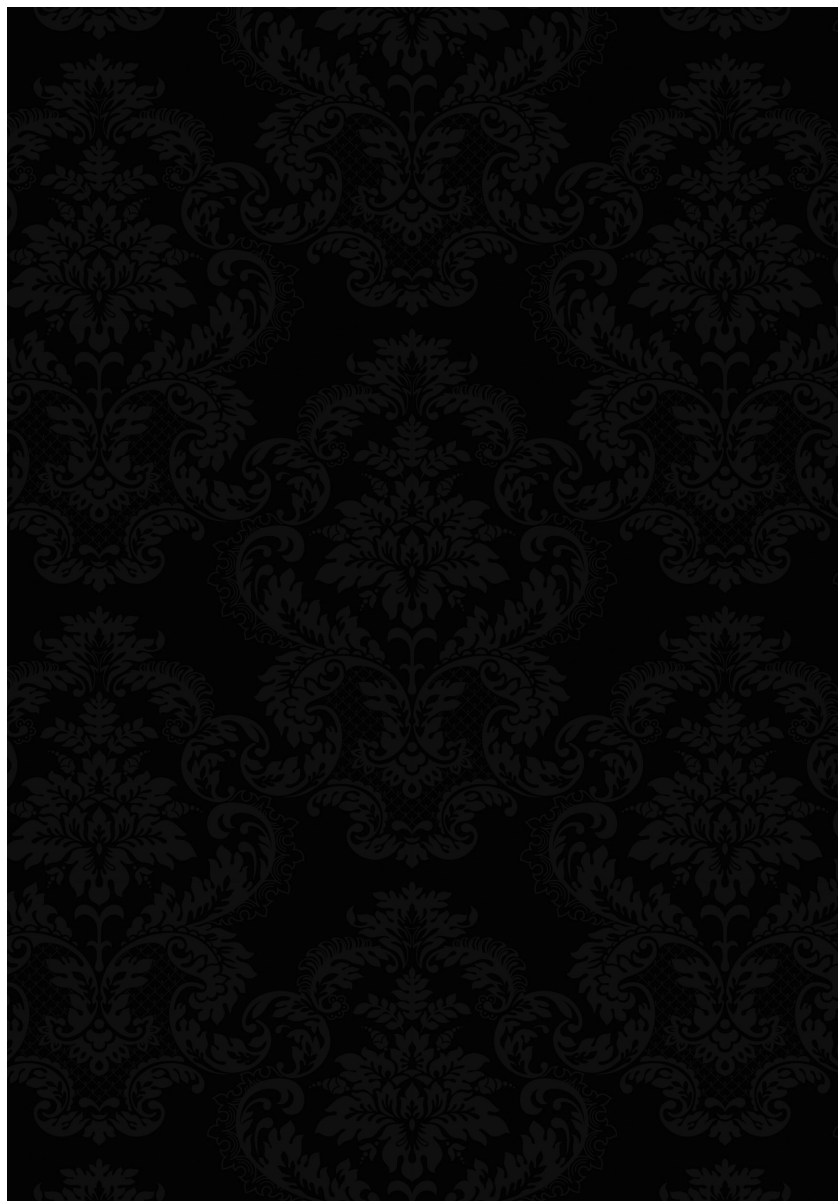
Fui vê-lo em um pequeno alojamento em Camberwell, para onde ele havia se retirado. Estava magro e doente; seus olhos se avivaram um pouco ao ver Clinton e eu juntos.

— Eu gostaria de viver um pouco mais — disse ele — para aumentar a fortuna de meu filho; mas a vontade de Deus será feita — você o fará feliz, Ellen.

Ficamos inexplicavelmente chocados. Ele havia escondido seu estilo de vida precário e sua saúde em declínio durante todo esse tempo; e nada além de sua doença, e nossa insistência em vê-lo, nos fez descobrir sua condição. Nossa primeira ação depois do casamento foi obrigá-lo a morar conosco; e nos dedicamos a acalmar seu remorso e suavizar seu caminho até o túmulo. Ele sobreviveu apenas quatro meses; mas teve o conforto de saber que Clinton estava satisfeito e feliz; e que nós dois perdoamos de coração os erros que ele finalmente reparou tão bem.

Nunca mais vimos Vernon; nem posso dizer o que aconteceu com ele, exceto que ele vive a vida dos ricos na Inglaterra, aparentemente acompanhado de prosperidade. Lady Hythe ficou entre mim e ele, e me protegeu de sua violência e censuras. Ele nunca se casou. Nunca mais o vi desde o dia em que, no parque de Beech Grove, ele sem saber me conferiu todas as bênçãos da vida, libertando-me dos laços prendendo-me a ele.

A minha felicidade e a de Clinton têm sido mansa e sem dificuldades. Finalmente o convenci a desistir de sua profissão, e vivemos principalmente no exterior. Lord e Lady Hythe frequentemente nos visitam; e todos os eventos de nossas vidas — os eventos sem importância da vida doméstica — aumentam nossa prosperidade e a afeição um pelo outro.



A NOVA-RICA

Título original: *The Parvenue*
Publicado em 1836 em *The Keepsake*, por “sra. Shelley”.

Por que escrevo minha história melancólica? É uma lição, para prevenir qualquer outra que deseje ascender a uma posição superior à qual nasceu? Não! Miserável como sou, outras poderiam ter sido felizes, não tenho dúvidas, em meu lugar: o cálice foi envenenado apenas para mim! Sou mal-intencionada — sou perversa? Quais foram meus erros, que agora sou proscrita e malfadada? Contarei minha história — que os outros me julguem; minha mente está desnorreada, não posso julgar por mim mesma.

Meu pai era administrador de terras de um nobre rico. Casou-se jovem e teve vários filhos. Então, perdeu a esposa, e permaneceu viúvo por quinze anos, até casar-se novamente com uma jovem, minha mãe, filha de um falecido clérigo, que deixou numerosos descendentes em extrema pobreza. Meu avô materno fora um homem de sensibilidade e inteligência; minha mãe herdou diversos de seus dotes. Ela era um anjo na terra; todas as suas obras eram caridade, todos os seus pensamentos amor.

Um ano depois do casamento, ela deu à luz gêmeos — eu e minha irmã; logo depois ficou doente, e desde então sempre esteve fraca. Não suportava fadiga e raramente se movia da poltrona. Eu a vejo agora; suas mãos brancas e delicadas empregadas no bordado, seus olhos suaves e cheios de amor fixos em mim. Eu ainda era uma criança quando meu pai teve problemas, e nos mudamos para uma aldeia distante, onde alugamos uma casa simples, com um pequeno terreno adjacente. Éramos pobres e toda a família se ajudava. Minhas meias-irmãs mais velhas eram moças fortes, trabalhadoras, rústicas e submetiam-se a uma vida de ofício com grande alegria. Meu pai segurava o arado, meus meios-irmãos trabalhavam nos celeiros; tudo era labuta, mas tudo parecia prazer.

Como minha infância foi feliz! De mãos dadas com minha querida irmã gêmea, eu colhia as flores da primavera nas sebes, revolia o feno nos prados durante o verão, sacudia as maçãs das árvores no outono e, em todas as estações, saltitava em deliciosa liberdade sob o ar livre do céu; ou aos pés de minha mãe, acariciada por ela, aprendi as mais doces lições de caridade e amor. Minhas irmãs mais velhas eram gentis; éramos ligadas por forte afeição. A existência delicada e frágil de minha mãe dava interesse em nossa monotonia,

enquanto suas virtudes e seu refinamento davam graça à nossa casa simples.

Eu e minha irmã não parecíamos gêmeas, éramos tão diferentes. Ela era robusta, gorducha, cheia de vida e ânimo; eu, alta, magra, loura e até pálida. Eu adorava brincar com ela, mas logo me cansava, e então me arrastava para o lado de minha mãe, e ela cantava para eu dormir, me acalentava em seu seio, e me olhava com seu sorriso angelical. Ela se esforçou para me instruir, não em realizações, mas em verdadeiro conhecimento. A mim ela desvendou as maravilhas da criação visível, e a cada conto de pássaro e animal, de montanha de fogo ou vasto rio, era acrescentada alguma moral, vinda de seu coração caloroso e imaginação ardente. Acima de tudo, ela fixou em mim os preceitos do evangelho, a caridade para com todos os semelhantes, a fraternidade da humanidade, os direitos que toda criatura senciente possui aos nossos serviços. Eu era seu esmoler; pois, pobre como era, era a benfeitora dos mais pobres. Sendo delicada, eu a ajudava em sua tarefa de bordado, enquanto minha irmã ajudava os outros em seus trabalhos domésticos ou rústicos.

Quando eu tinha dezessete anos, um acidente terrível aconteceu. Um palheiro pegou fogo; comunicava-se com nossas dependências e, por fim, com o casebre. Fomos despertados de nossas camas à meia-noite e escapamos com vida. Meu pai carregou minha mãe em seus braços e depois tentou salvar uma parte de sua propriedade. O telhado da casa caiu sobre ele. Ele foi desenterrado depois de uma hora, queimado, mutilado, aleijado para o resto da vida.

Todos nós fomos salvos, mas somente por um milagre eu fui preservada. Eu e minha irmã fomos acordadas por gritos de fogo. A casa já estava envolta em chamas. Susan, com sua costumeira intrepidez, correu pelas chamas e escapou; pensei apenas em minha mãe e corri para o quarto dela. O fogo se alastrou ao meu redor; cercou — me rodeou. Eu acreditava que morreria, quando de repente me senti agarrada e levada. Olhei no meu salvador — era Lord Reginald Desborough.

Por diversos domingos passados, quando na igreja, eu sabia que os olhos de Lord Reginald estavam fixos em mim. Ele havia conhecido eu e Susan em nossos passeios; visitara nossa choupana. Havia fascínio em seus olhos, em sua voz suave e olhar sério, e meu coração palpitava de alegria, pois pensei que ele certamente me amava. Ser salva por ele era tornar a dádiva da vida duplamente preciosa.

Para mim, há muita obscuridade nesta parte da minha história. Lord Reginald me amava, é verdade; o porquê ele me amou, a ponto de esquecer o orgulho de sua posição e ambição por minha causa, sendo que depois não mostrou inclinação alguma a desconsiderar os preconceitos e hábitos de posição e riqueza, não posso dizer; parece estranho. Ele me amara antes, mas a

partir do momento em que salvou minha vida, o amor cresceu em uma paixão avassaladora. Ele nos ofereceu um lugar em sua propriedade para nos abrigarmos; e enquanto estava lá, nos enviou presentes de caça, e ainda mais gentilmente, frutas e flores para minha mãe, e veio nos visitar, especialmente quando todos estavam fora, exceto minha mãe e eu, e se sentava ao nosso lado e conversamos. Logo aprendi a esperar o olhar suave de seus olhos, e quase me atrevi a retribuir. Minha mãe uma vez percebeu esses olhares e aproveitou a oportunidade para apelar à boa razão de Lord Reginald, para não me fazer infeliz por toda a vida, iniciando um apego que só poderia produzir infelicidade. Sua resposta foi me pedir em casamento.

Nem é preciso dizer que minha mãe consentiu com gratidão; meu pai, confinado em sua cama desde o incêndio, agradeceu a Deus com êxtase; minhas irmãs foram levadas a grande alegria: Entre todos eu era a menos surpresa, embora o mais feliz. Agora, eu muito me pergunto, o que ele via em mim? Tantas garotas de posição e fortuna eram mais bonitas. Eu era uma garota sem instrução, de origem humilde e sem dote. Era muito estranho.

Então eu apenas pensava na felicidade de me casar com ele, de ser amada, de passar a vida com ele. O dia do meu casamento foi marcado. Lord Reginald não tinha pai nem mãe para interferir em seus arranjos. Ele não tinha nenhum parente; tornou-se um membro da nossa família durante o intervalo. Ele não via deficiências em nosso modo de vida — em minhas roupas; ele estava satisfeito com tudo; ele era terno, assíduo e gentil, mesmo com minhas irmãs mais velhas; ele parecia adorar minha mãe e tornou-se um irmão para minha irmã Susan. Ela estava apaixonada e pediu a ele que intercedesse para obter o consentimento de seus pais para sua escolha. Ele o fez; e embora antes Lawrence Cooper, o carpinteiro do lugar, tivesse sido desdenhado, apoiado por ele, foi aceito. Lawrence Cooper era jovem, bonito, bem-disposto e afeiçoado a Susan.

Chegou o dia do meu casamento. Minha mãe me beijou carinhosamente, meu pai me abençoou com orgulho e alegria, minhas irmãs ficaram em volta, radiantes de alegria. Havia apenas uma desvantagem para a felicidade de todos — imediatamente após o meu casamento eu iria para o exterior.

Da porta da igreja entrei na carruagem. Após ser envolvida algumas vezes no abraço de minha querida mãe, as rodas foram colocadas em movimento, e nós fomos embora. Olhei pela janela; lá estava o grupo querido: meu velho pai, grisalho e envelhecido, em sua grande cadeira; minha mãe, sorrindo em meio às lágrimas, com as mãos cruzadas e olhares erguidos de gratidão, antecipando longos anos de felicidade para sua filha; Susan e Lawrence lado a lado, sem inveja da minha grandeza, felizes em si mesmos; minhas irmãs examinando com orgulho e alegria os presentes dados a elas e a prosperidade

fluindo da generosidade de meu marido. Todos pareciam felizes, e a minha impressão era que eu era a causa de toda essa felicidade. Verdadeiramente, fomos salvos de males terríveis; a ruína se seguira ao incêndio, e afundamos na adversidade por aquele mesmo evento do qual nossa boa fortuna surgiu. Senti-me orgulhosa e feliz. Amava todos eles. Eu os faço felizes, pensei, eles têm prosperidade através de mim! E meu coração se aqueceu de gratidão ao meu marido com a ideia.

Passamos dois anos no exterior. Para mim, foi um período solitário, quem sempre estivera cercada, por assim dizer, por um particular mundo populoso, encontrar-me em meio a estrangeiros e estranhos; os hábitos dos diferentes sexos nos escalões superiores os separam tanto uns dos outros que, depois de alguns meses, passava grande parte do meu tempo em solidão. Eu não me queixei; fui educada para encarar o rosto duro da vida, se não com firmeza, pelo menos com resignação. Não esperava a felicidade perfeita. Casamentos na vida humilde possuíam tanta importância. Eu não tinha nada disso: meu marido me amava; e embora muitas vezes eu desejasse ver os queridos rostos familiares que lotavam a casa da minha infância e, acima de tudo, ansiava pelas carícias de minha mãe e suas sábias lições maternas, por um tempo eu me contentava em pensar neles e ter esperança de um reencontro.

Ainda assim, muitas coisas me incomodavam. Eu, pobre, fui criada entre os pobres, e nada, desde que me lembro de formar uma ideia, me espantava e chocava quanto o pensamento de como os ricos podiam gastar tanto consigo mesmos, enquanto qualquer de seus semelhantes estava na miséria. Eu não possuía a caridade aristocrata (ainda que louvável), que consiste em distribuir sopa rala e anáguas grosseiras de flanela — uma espécie de instinto ou sentimento de justiça, fruto de meu humilde lar paterno e da piedade esclarecida de minha mãe, estava profundamente implantado em minha mente, que a meu ver, todos tinham tanto direito ao conforto da vida quanto eu, ou mesmo como meu marido. Minhas caridades, como as chamavam — pareciam-me o pagamento de minhas dívidas para com meus semelhantes — eram abundantes. Lord Reginald peremptoriamente as controlou; mas como eu tinha uma grande mesada para minhas próprias despesas, neguei a mim mesma mil luxos, para alimentar os famintos. Não era apenas a caridade que me impelia, mas também não conseguia adquirir o prazer de gastar dinheiro comigo mesma — o aparato da riqueza não me agradava. Meu marido chamou minhas ideias de sórdidas e me reprovou severamente quando, em vez de brilhar mais do que todas as concorrentes em uma festa, apareci vestida de forma simples e disse calorosamente que não podia, não iria, gastar vinte guinéus em um vestido, enquanto eu podia vestir muitos rostos tristes em sorrisos e trazer muita alegria a muitos corações desanimados, com a mesma

quantia.

Eu estava certa? Acredito firmemente que não há um entre os ricos que não declare minha atitude como errada; que agradar meu marido e honrar sua posição era meu primeiro dever. No entanto, devo confessar? Mesmo agora, miserável por essa culpa — não posso nomear assim — chamarei de infortúnio — deflinhei em fogo lento ao saber que perdi os afetos de meu marido porque cumpri o que acreditava ser um dever.

Mas ainda é cedo para falar disso. Não foi até meu retorno à Inglaterra que o desastre total me aniquilou. Diversas vezes minha família havia nos pedido dinheiro, e Lord Reginald atendeu a quase todos os seus pedidos. Quando chegamos a Londres, após dois anos de ausência, meu primeiro desejo foi ver minha querida mãe. Ela estava em Margate^[247] devido a sua saúde. Ficou combinado que eu deveria ir lá sozinha e fazer uma breve visita. Antes de partir, Lord Reginald confessou-me o que eu não sabia antes, que minha família diversas vezes fizera exigências exorbitantes a ele, as quais ele estava decidido a não atender. Ele me disse que não tinha desejo nenhum em elevar meus parentes de sua classe na sociedade; e que, de fato, havia apenas dois entre eles, ele concebia, que possuíam algum direito sobre minha posição — minha mãe e minha irmã gêmea: a primeira era incapaz de qualquer pedido impróprio e a segunda, ao se casar com Cooper, havia fixado sua própria posição, e de forma alguma poderia ser elevada da classe de seu marido escolhido. Eu concordei com muito do que ele disse. Ele sabia muito bem, respondi, que meu gosto me levava a considerar a mediocridade a melhor e mais feliz situação; que eu não desejava, e nunca consentiria, suprir quaisquer exigências extravagantes por parte de pessoas, por mais queridas que me fossem, cujas circunstâncias ele facilitara.

Satisfeito com a minha resposta, despedimo-nos afetuosamente, e segui meu caminho para Margate com o coração leve e alegre; e a cordial recepção que recebi de toda a minha família reunida, foi calculada para aumentar minha satisfação. A única desvantagem era o estado de minha mãe; ela definhara em uma sombra. Todos conversavam e riam ao redor dela, mas era evidente para mim que ela não tinha muito tempo de vida.

Não havia lugar para mim na pequena casa mobiliada em que todos lotavam, então permaneci no hotel. De manhã cedo, meu pai me visitou. Ele me implorou para interceder junto ao meu marido; que, com a força de seu apoio, ele havia embarcado em um investimento que exigia um grande capital; muitas famílias seriam arruinadas, e ele mesmo desonrado, se algumas centenas não fossem adiantadas. Prometi fazer o que pudesse, decidindo pedir conselhos à minha mãe e torná-la minha guia. Meu pai me beijou com uma efusão de gratidão e me deixou.

Não posso entrar em todos esses tristes detalhes; todos os meus meios-irmãos e irmãs se casaram e confiaram seu sucesso na vida ao apoio de Lord Reginald. Cada um evidentemente pensava que pediam pouco ao não exigir uma parte igual de meus luxos e fortuna; mas todos estavam em dificuldade — todos precisavam de grande ajuda — todos dependiam de mim.

Por fim, até minha irmã Susan apelou para mim — mas seu pedido foi o mais moderado de todos — ela só queria vinte libras. Imediatamente dei a ela, do dinheiro que carregava comigo.

Assim que vi minha mãe, expliquei a ela minhas dificuldades. Ela me disse que esperava isso e que partia seu coração: eu deveria reunir coragem e resistir a essas exigências. A imprudência do meu pai o arruinara, e ele deveria enfrentar o mal que havia causado a si mesmo; meus numerosos irmãos estavam absolutamente insanos com a noção do que eu deveria fazer por eles. Ouvi com pesar — vi os tormentos reservados para mim — senti minha própria fraqueza e sabia que não poderia enfrentar a voracidade daqueles ao meu redor com coragem ou firmeza. Naquela mesma noite minha mãe teve convulsões; sua vida foi salva com dificuldade. De Susan eu aprendi a causa de seu ataque. Ela teve uma briga violenta com meu pai: insistiu que não deveriam pedir nada para mim; enquanto ele a repreendia por me tornar desrespeitosa e trazer ruína e desgraça em seus cabelos grisalhos. Quando vi minha pálida mãe tremendo, acamada, morrendo — quando me asseguraram repetidas vezes que ela seria a vítima de meu pai a menos que eu cedesse, não é de se surpreender, na agonia de minha angústia, que eu escrevesse ao meu marido para implorar sua ajuda.

Oh, que nuvens espessas agora obscureceram meu destino! Como me lembro, com uma espécie de horror arrepiante, do mar sem limites, as falésias brancas e areias largas de Margate! O dia de verão que deu as boas-vindas à minha chegada mudou para um clima de inverno sombrio durante esse intervalo — enquanto eu esperava com angústia pela resposta de meu marido. Bem me lembro da tarde em que chegou: as ondas do mar mostravam suas cristas brancas, nenhum navio ousava enfrentar o vendaval com qualquer vela, exceto uma gávea, o céu estava nu pelo vento, o sol se punha em um ardente vermelho. Olhei para as águas turbulentas — ansiava em ser carregada por elas, longe da preocupação e miséria. Nesse momento um criado me seguiu até a areia com a resposta de meu marido — continha uma recusa. Não ousei comunicá-la. As ameaças de falência; o conhecimento de que ele havia instilado falsas esperanças em tantos; os temores da desgraça tornaram meu pai, sempre rude, absolutamente feroz. A vida bruxuleava no corpo de minha querida mãe, parecia prestes a expirar quando ela ouvia os passos de meu pai; se ele entrasse com a testa lisa, seus lábios pálidos se envolviam em seu sorriso

doce, e um rosa delicado tingia suas bochechas caídas; se ele franzia a testa, e sua voz era alta, cada membro estremecia, ela virava o rosto para o travesseiro, enquanto lágrimas convulsivas sacudiam seu corpo e ameaçavam uma destruição instantânea. Meu pai me procurou um dia sozinho, enquanto eu caminhava melancólica sobre as areias; ele jurou que não sobreviveria à sua desgraça.

— E você acha, Fanny — acrescentou ele — que sua mãe sobreviverá ao saber do meu fim miserável?

Vi a resolução do desespero em seu rosto enquanto falava. Perguntei a quantia necessária, o momento em que deveria ser dada. Mil libras em dois dias foi tudo o que foi pedido. Fui a Londres implorar essa quantia ao meu marido.

Não! Não! Não consigo registrar passo a passo minha desfortuna — o dinheiro foi dado — extorqui-o de Lord Reginald, embora tenha visto seu coração se fechar para mim enquanto ele preenchia o cheque. Havia acontecido coisa pior desde que eu o deixei. Susan usara as vinte libras que lhe dei para chegar à cidade, para se jogar aos pés de meu marido e implorar sua compaixão. Absolutamente ensandecido pela ideia de ter um Lord como cunhado, Cooper se lançou em um hábito de extravagância, tão incrível quanto perverso. Ele tinha muitos milhares de libras em dívida, e quando finalmente Lord Reginald escreveu para recusar qualquer suprimento adicional, o infeliz cometeu falsificação. Duzentas libras impediram sua exposição e o preservaram de um fim ignominioso. Quinhentos outros foram adiantados para enviar ele e sua esposa para a América, para se estabelecerem lá, fora do caminho da tentação. Eu me separei de minha querida irmã — eu a amava com carinho; ela não tinha parte na culpa de seu marido, mas ainda estava ligada a ele, e seu filho os unia; eles foram para o exílio solitário e lastimável.

— Ah! Se tivéssemos permanecido em pobreza virtuosa — exclamou minha irmã de coração partido —, eu não teria sido forçada a deixar minha mãe em seu leito de morte.

As mil libras dadas ao meu pai foram apenas uma gota de água no oceano. Novamente ele apelou para mim; novamente senti que o fio tênue da vida de minha mãe dependia de eu conseguir um montante. Novamente, trêmula e desolada, implorei a caridade de meu marido.

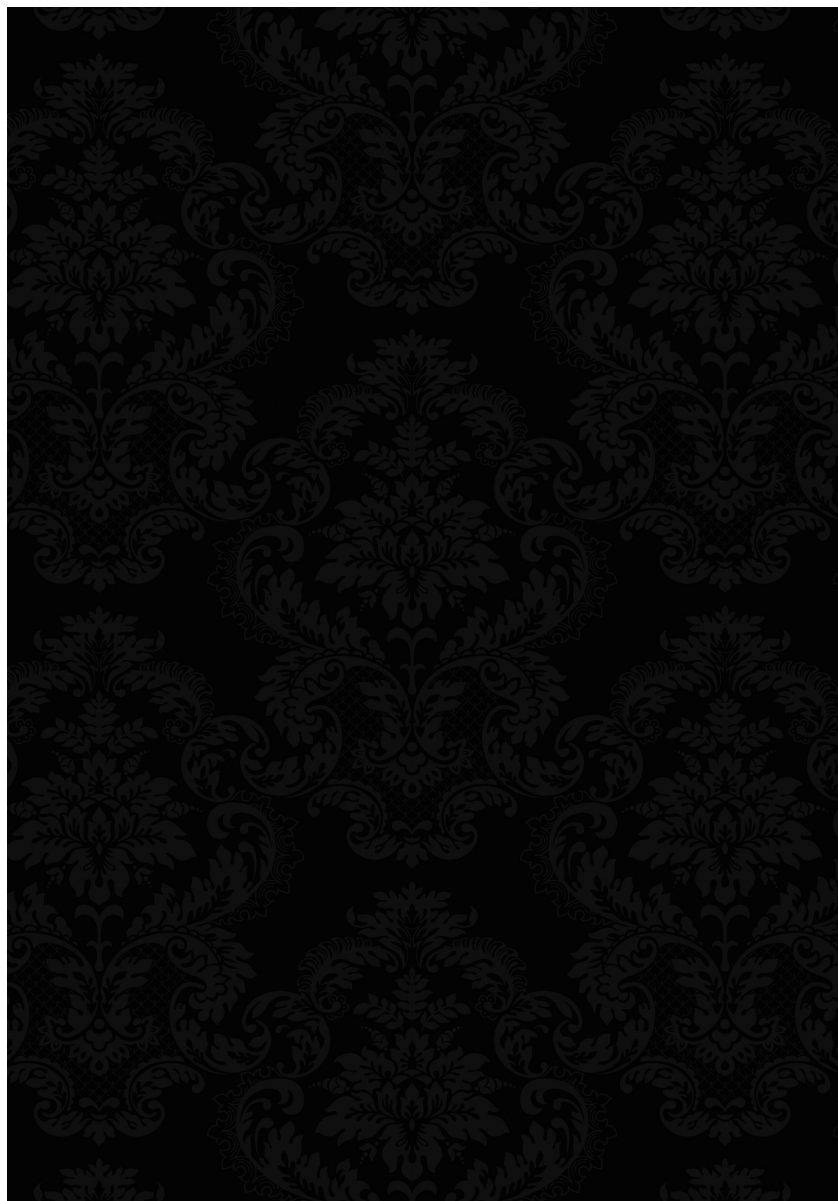
— Estou contente — disse ele — em fazer o que você pede, em fazer mais do que você pede; mas lembre-se do preço que você paga — ou abandone seus pais e sua família, cuja rapacidade e crimes não merecem misericórdia, ou nos separamos para sempre. Você pode ter uma renda adequada; poderá manter toda a sua família nela se quiser; mas seus nomes nunca devem ser

mencionados para mim novamente. Escolha entre nós — você nunca mais os verá, ou nos separaremos para sempre.

Se fiz certo — não posso dizer — a miséria é o resultado — miséria terrível, sem fim, não redimida. Minha mãe era mais querida para mim do que todo o mundo. Não respondi — corri para o meu quarto e naquela noite, num delírio de dor e horror, parti para Margate — tal foi a minha resposta ao meu marido.

Três anos se passaram desde então; e durante todo esse tempo agradei aos Céus por ter me permitido cumprir meu dever por minha mãe; e embora eu chorasse pela alienação de meu marido, não me arrependi. Mas ela, meu apoio angelical, não existe mais. Meu pai sobreviveu à minha mãe apenas dois meses; remorso por tudo que ele tinha feito, e me fez sofrer, encurtou sua vida. Sua família por sua primeira esposa permaneceu à minha volta; eles importunam, eles roubam, eles me destroem. Na semana passada escrevi para Lord Reginald. Comuniquei a morte de meus pais; expressei que minha posição foi alterada; e que, se ele ainda se importasse com sua infeliz esposa, tudo ficaria bem. Ontem veio a resposta. Era tarde demais, disse ele; eu mesma havia rasgado os laços que nos uniam — eles nunca mais poderiam ser cosidos de volta.

Pelo mesmo correio chegou uma carta de Susan. Ela está feliz. Cooper, despertado para um senso viril dos deveres da vida, está reformado. Ele é trabalhador e próspero. Susan me pede para acompanhá-la. Estou decidida a ir. Oh! Meu lar e lembranças da minha juventude, onde estás agora? Envenenada por mordidas de serpentes, anseio por fechar os olhos para todas as cenas que já vi. Deixe-me procurar uma terra estranha, uma terra onde uma sepultura em breve será aberta para mim. Desejo morrer. Disseram-me que Lord Reginald ama outra, uma moça bem-nascida; que ele amaldiçoa abertamente nossa união como o obstáculo à sua felicidade. Esta memória envenenará o esquecimento que vou buscar. Em breve ele estará livre. Em breve a mão que outrora ele tão carinhosamente envolveu na sua e a fez dele, que, agora jogada para longe, treme de lástima ao esboçar essas linhas, ruindo em sua última decadência.



OS PEREGRINOS

Título original: The Pilgrims
Publicado em 1837 na revista The Keepsake.

¶ crepúsculo de um desses dias ardentes de verão, onde o céu limpo parece contar ao homem sobre reinos mais felizes, já havia lançado amplas sombras sobre o vale de Unspunnen; enquanto os raios fugazes de um maravilhoso pôr do sol continuavam a cintilar nos cumes das montanhas em volta. Gradualmente, entretanto, os tons radiantes se aprofundaram; então tornaram-se cada vez mais escuros; até finalmente serem vencidos pelas cores ainda mais sóbrias da noite.

Sob o corredor de tílias que, por seu tamanho e exuberância, pareciam quase contemporâneas ao solo em que cresciam, Burkhardt de Unspunnen caminhava de um lado para outro com passos inquietos, como se alguma recente tristeza ocupasse sua mente perturbada. Às vezes ele permanecia com os olhos fixos na terra, como se esperando o objeto de sua contemplação sair de seu seio; outras vezes levantava o olhar para as copas das árvores, cujos galhos, agora suavemente agitados pela brisa da noite, pareciam suspirar em solidariedade à lembrança daqueles alegres momentos outrora passados sob sua sombra reconfortante. Quando, entretanto, avançando por baixo delas, contemplou o profundo céu azul com a multitude brilhante de estrelas, a esperança brotou dentro dele com os pensamentos daquela glória, para a qual tais céus e tais estrelas, todos adoráveis e fascinantes como parecem, são apenas os sutis mensageiros, e por um tempo dissiparam a dor pesando por tanto tempo sobre seu coração.

De tais reflexões despertou repentinamente pelos tons de uma voz masculina dirigindo-se a ele. Burkhardt avançando, viu, de pé sob o luar, dois peregrinos, vestidos na usual indumentária grosseira e escura, com seus amplos chapéus lhes cobrindo as sobrancelhas.

— Louvado seja Deus! — disse o peregrino que antes havia despertado a atenção de Burkhardt, e quem, pela altura e maneiras, parecia ser o mais velho dos dois. Suas palavras ecoaram em uma voz na qual o timbre gentil e vacilante mostrava que o locutor ainda era jovem.

— Para onde vão, amigos? O que procuram aqui, tão tarde da noite? — inquiriu Burkhardt. — Se buscam descanso após sua jornada, entrem, e com a benção de Deus, e minhas calorosas boas vindas, recomponham-se.

— Nobre senhor, você mais do que antecipou nosso pedido — respondeu o peregrino mais velho — nosso dever nos levou muito longe de nossa terra natal, entregues a uma peregrinação para cumprir o voto de uma mãe amada. Durante o calor do dia fomos forçados a subir os caminhos íngremes das montanhas; e a força de meu irmão, cuja juventude não lhe beneficia para tais fadigas, começou a diminuir, quando a visão das torres de seu castelo, que o claro luar nos revelou, reanimou nossas esperanças. Decidimos pedir uma noite de hospedagem sob seu teto, para que possamos, na madrugada de amanhã, seguir nosso caminho desgastante.

— Sigam-me, meus amigos — disse Burkhardt, enquanto ele, com passos rápidos, os precedia, para dar algumas ordens para sua acomodação.

Os peregrinos, exultantes com tal recepção, seguiram o cavaleiro em silêncio até um grande salão de teto abobadado, sobre os quais as velas posicionadas em galhos contra as paredes lançavam uma luz solene, porém agradável, bem de acordo com os sentimentos das partes naquele momento.

O cavaleiro então distinguiu dois rostos, e sua impressão já agradável foi consideravelmente ampliada pela maneira modesta, porém fácil, com que o jovem par recebia as gentis atenções de seu anfitrião. Tocado pela sua aparência e comportamento, Burkhardt foi mais uma vez levado à linha de pensamentos da qual sua aproximação o havia despertado; e as cenas de dias remotos esvoaçavam diante dele enquanto se lembrava de que nesse salão sua amada filha costumava cumprimentá-lo com seu sorriso de boas-vindas ao voltar de batalhas ou da caça; breves cenas felizes, seguidas por acontecimentos que adoeceram seu coração e tornaram suas memórias apenas um instrumento de amargura e castigo.

A ceia foi logo servida, e muita atenção os peregrinos receberam, a conversa, porém, foi totalmente escassa; pois reflexões melancólicas ocupavam a mente de Burkhardt, e o respeito, ou talvez um sentimento mais gentil, para com seu anfitrião e benfeitor, parecia ter selado os lábios de seus jovens hóspedes. Após o jantar, no entanto, um frasco de vinho do barão animou seu espírito enfraquecido e encorajou o peregrino mais velho a romper o feitiço acorrentando-os.

— Perdoe-me, nobre senhor — disse ele — pois compreendo que deve parecer intruso de minha parte buscar a causa das dores fazendo-o um tão triste espectador da generosidade e felicidade que liberalmente concede aos outros. Acredite, não é o impulso de uma mera curiosidade fútil fazendo-me expressar admiração pelo senhor viver só nesta espaçosa e nobre mansão, prisioneiro de uma infelicidade profundamente enraizada. Se pudéssemos aliviar as preocupações de quem, com mão tão generosa, alivia as necessidades de seus irmãos mais pobres!

— Agradeço sua solidariedade, bom peregrino — disse o senhor nobre —, mas que bem pode fazer conhecer a história das dores que fizeram esta terra parecer um deserto para mim? E que, com um ritmo rápido, me conduzem para onde, sozinho, eu possa encontrar descanso. Poupe-me, neste caso, do sofrimento de lembrar cenas que desejo enterrar no esquecimento. Você ainda está na primavera da vida, quando nenhuma lembrança triste ecoa em um tom discordante de loucuras passadas ou de alegrias irrecuperavelmente perdidas. Não busque escurecer os raios de sol de sua juventude por conhecer esses seres ferozes e culpados que, ao ouvir as sugestões demoníacas de suas paixões, são desviados dos caminhos da retidão e rompem os laços da natureza.

Burkhardt procurou assim evitar o pedido do peregrino. A petição, porém, era ainda solicitada com uma persuasão tão séria, embora delicada, e os tons ricos da voz do estranho despertaram nele tantos pensamentos de dias há muito, muito passados, que o cavaleiro se sentiu quase irresistivelmente impelido a desabafar seu coração há muito fechado para quem lhe parecia se interessar por seus sentimentos com uma cordialidade sincera.

— Sua natural empatia ganhou minha confiança, meus jovens amigos — disse ele — e ambos conhecerão a causa de minha dor.

“Vocês me veem aqui, só e abandonado. Mas o destino uma vez olhou para mim com seus mais brandos sorrisos; e senti-me rico pela minha prosperidade e pelas dádivas concedidas pelo generoso Céu. Meus vassalos poderosos fizeram de mim um terror para meus inimigos, aqueles que vieram contra mim devido a proteção que eu estava sempre pronto a oferecer aos oprimidos e indefesos. Minhas muitas e abundantes posses me permitiram, com mão aberta, aliviar as necessidades dos pobres e exercer os feitos da hospitalidade de tal maneira que logo tornou-se associada a minha propriedade e meu nome. De todos os presentes, porém, que Deus me abençoou, o que eu mais prezava era uma esposa, cujas virtudes a fizeram o ídolo tanto dos ricos quanto dos pobres. Mas ela, que já era um anjo e não se encaixava nesse mundo mais grosseiro, foi cedo demais, infelizmente, evocada pelos Céus. Um breve ano apenas testemunhara nossa felicidade.

“Minha dor e angústia foram das mais amargas, e logo teriam me deitado junto dela no túmulo, mas ela tinha me deixado uma filha, e pelo seu bem eu lutei fervorosamente contra meu sofrimento. Para ela eram agora todos os meus cuidados, todas as minhas esperanças, toda a minha felicidade. À medida que ela crescia em anos, também aumentava sua semelhança com sua santa mãe; e cada olhar e gesto me lembrava minha Agnes. Com a beleza de sua mãe, eu, com afeição orgulho, ousei acalentar a esperança de que Ida herdaria também suas virtudes.

“Eu sentia enormemente a lacuna que minha perda irreparável havia deixado; mas somente o pensamento de me casar outra vez me parecia uma profanação. Se, entretanto, mesmo que por um único instante eu houvesse sustentado essa possibilidade, um único olhar para nossa filha a teria esmagado, e feito-me agarrar a ela com ainda mais afeto, na confiança amorosa de que ela me recompensaria por todos os sacrifícios. Infelizmente, meus amigos, esta esperança foi construída sobre uma base vacilante! E mesmo agora, quando penso nesses sonhos utópicos, meu coração ainda sofre.

“Ida, com os mais amorosos afagos, dispersava cada preocupação de meu fronte; na saúde e na doença ela cuidava de mim com a mais terna solicitude; toda sua diligência parecia antecipar meus desejos. Mas, ai de mim! Como a serpente, que só fascina para destruir, suas carícias e atenções eram apenas extravagâncias para me cegar e me envolver em segurança fatal.

“Diversas e profundas foram as afrontas — vingadas, sem dúvidas — porém não esquecidas, que há muito causavam (com vergonha, confesso) um ódio mortal entre mim e Rupert, Lord de Wädischwyl, que a menor ocasião parecia aumentar a um nível de loucura. Como ele não ousava mais me desafiar, encontrou meios, muito mais duros que o aço ou o ferro, para satisfazer sua vingança contra mim.

“O duque Berchtold de Zähringen, um daqueles tiranos ricos e poderosos que são as pragas da mesma sociedade cujos direitos eles deveriam ser os guardiões, tinha invadido repentinamente os pacíficos vilarejos das montanhas, apoderando-se dos rebanhos e manadas de seus habitantes, e atacando suas esposas e filhas. Apesar de sua grande coragem, não estavam acostumados à guerra, e foi impossível a esses infelizes homens resistir ao tirano. Apressaram-se a suplicar meu pronto socorro. Sem demora, reuni meus bravos vassalos e marchei contra o saqueador. Depois de uma longa e severa luta, Deus abençoou nossa causa, e vencemos.

“Na manhã em que eu deveria partir e retornar a meu castelo, um de meus seguidores anunciou que o duque havia chegado em meu acampamento e desejava uma reunião imediata comigo. Saí no mesmo instante para encontrá-lo; e Berchtold, vindo até mim com um sorriso, me ofereceu sua mão como um gesto de reconciliação. Eu sinceramente aceitei, sem suspeitar que a falsidade espreita sob uma aparência tão aberta e amigável.

“‘Meu amigo’, disse ele, ‘pois assim devo chamá-lo; sua coragem nesta disputa ganhou minha estima, embora eu possa convencê-lo imediatamente de que tenho causa para brigar com os montanhistas insolentes. Mas, apesar de sua vitória nesta luta injusta, na qual, sem dúvida, lhe induziram a entrar devido às deturpações daqueles vilões, ainda assim, como abomino prolongar discordâncias, gostaria de deixar de pensar que somos inimigos e começar uma

amizade que, de minha parte, pelo menos, não será quebrada. Em sinal, portanto, de que você não desconfia de um colega soldado, volte comigo ao meu castelo, para que ali possamos apagar todas as lembranças de nossos antigos conflitos.’

“Durante muito tempo eu resisti ao seu pedido, pois estava agora há mais de um ano ausente da minha casa, e estava duplamente impaciente para voltar, pois imaginava com carinho que meu atraso ocasionaria muita ansiedade para minha filha. Mas o duque, com tal aparente bondade e de uma maneira tão cortês, renovou e insistiu suas solicitações e eu não pude resistir mais.

“Sua Alteza me recebeu com a maior hospitalidade e atenção incansável. Mas logo percebi que um homem honesto está mais em seu elemento entre as dificuldades da batalha do que entre as lisonjas de uma corte, onde o lábio e o gesto são bem-vindos, mas onde o coração, do qual a língua nunca é o mensageiro, é corroído pelas incessantes intrigas do ciúme e da inveja. Logo percebi também que minhas maneiras rudes e indisfarçáveis eram motivos de muita hilaridade para os nadas perfumados e embalsamados que enchiam os salões do duque. Eu, porém, reprimi meu ressentimento, quando considerei que essas criaturas viviam apenas a seu favor, como aqueles enxames de insetos que nascem no monturo, devido a quentura dos raios do sol.

“Eu tinha permanecido, mesmo que relutante, o convidado do duque durante alguns dias, quando a chegada de um estranho de distinção foi anunciada com muita cerimônia; este estranho eu descobri ser meu inimigo mais amargo, Rupert de Wädischwyl. O duque recebeu-o com a maior gentileza e atenção e mais de uma vez imaginei que minha preferência era cuidadosamente dada ao meu inimigo. Minha natureza franca, porém arrogante, mal poderia tolerar esse desprezo; e, além disso, parecia-me que eu não faria mais do que bancar o hipócrita se dividisse o mesmo cálice com o homem por quem mantinha um ódio mortal.

“Decidi, portanto, partir e procurei por Sua Alteza para me despedir. Ele pareceu muito aflito com a minha decisão e me pressionou a confessar a causa da minha partida abrupta. Confessei francamente que a causa fora o favoritismo indevido mostrado ao meu rival.

“‘Estou magoado, profundamente magoado’, disse o duque, com um ar de grande tristeza ‘que meu amigo, e esse amigo, o valente Unspunnen, pense tão injustamente, ouse acrescentar, tão mesquinhamente de mim. Não, nem em pensamento fiz algo errado para com você; e para provar minha sinceridade e minha consideração por seu bem-estar, saiba que não foi o acaso que conduzi seu adversário à minha corte. Ele veio devido ao meu ávido desejo de reconciliar dois homens que tanto estimo, e cujo valor e excelência os colocam entre os mais brilhantes adereços de nossa terra favorecida. Deixe-me,

portanto', disse ele, pegando minha mão e a mão de Rupert, que havia entrado durante nossa conversa 'deixe-me ter a satisfação de reconciliar dois desses homens, e de encerrar sua antiga discórdia. Você não pode recusar um pedido tão próprio a essa santa fé que todos nós professamos. Permita-me, portanto, ser o ministro da paz e sugerir que, em símbolo e confirmação de um ato que abençoará a todos nós, você permitirá que nossa santa igreja una sua famosa e adorável filha com o único filho de Lord Rupert, cujas virtudes, se os relatos são verdadeiros, não o tornam indigno de seu amor.'

"Um ódio, que pareceu em um instante fazer meu sangue ferver, quase me tirando a fala, tomou conta de mim.

"O quê?', exclamei. 'O que? Pensa que eu assim sacrificaria, assim jogaria fora minha preciosa joia! Rebaixar minha amada Ida? Não, pela sua santa mãe, juro que, em vez de vê-la casada com o filho dele, a colocaria em um claustro! Não, prefiro vê-la morta aos meus pés do que manchar sua pureza por tal contaminação!'

"Se não fosse pela presença de Sua Alteza', exclamou Rupert cheio de raiva, 'sua vida responderia instantaneamente por este insulto! No entanto, eu vou bem marcá-lo, e observá-lo, também, meu senhor; e se você escapar da minha vingança, você é mais do que homem.'

"Realmente, realmente, meu Lorde de Unspunnen', disse o duque, 'você se precipita. Sua paixão obscurece sua razão; e, acredite, você viverá para se arrepender de ter recusado com tanto desprezo minha proposta amigável.'

"Você pode me achar precipitado, meu Lorde duque, e talvez um tanto ousado demais, pois atrevo dizer a verdade nas cortes dos príncipes. Mas como minha língua não pode se armar para falar o que meu coração não diz, e minhas maneiras simples, mas honestas, parecem desagradá-lo, vou, com a permissão de Vossa Alteza, retirar-me para meus domínios, de onde estive ausente por tempo demais.'

"Sem dúvida, meu senhor, você tem minha permissão', disse o duque soberbamente, e ao mesmo tempo virando o rosto com frieza.

"Trouxeram meu cavalo, eu o montei com toda a compostura que pude e respirei com mais facilidade ao deixar o castelo para trás.

"Durante a jornada do segundo dia, pude ver ao longe minhas montanhas nativas e me senti amplamente revigorado quando suas mansas brisas sopraram em minha direção. Ainda assim, a ansiedade afetuosa de um pai por sua filha amada, e essa filha seu único tesouro, fazia o caminho parecer vastamente longo. Mas quando me aproximei da curva da estrada, imediatamente em frente ao meu castelo, quase desejei que o caminho se alongasse; pois minha alegria, minhas esperanças e minhas apreensões se amontoaram quase me sufocando. 'Alguns minutos, apenas', pensei, 'e saberei

a verdade, boa ou ruim’.

“Ao chegar em plena vista do meu castelo, tudo parecia em paz; não havia nenhuma mudança desde que parti. Avancei com meu cavalo até o portão, mas enquanto prosseguia o silêncio e abandono de tudo ao redor me surpreendeu. Nem um doméstico, nem um camponês, podia ser visto nos campos; os habitantes do castelo pareciam ainda dormir.

“‘Deus Misericordioso!’, pensei, ‘qual é o presságio de tal quietude? Ela, minha filha amada, está morta?’

“Não consegui criar coragem para puxar o sino. Tentei três vezes, mas três vezes o medo de conhecer a terrível verdade me impediu. Um momento, uma palavra, mesmo um sinal, e eu seria um homem desesperado, sem filhos, miserável, para sempre! Ninguém além de um pai pode sentir ou se comiserar realmente com a agonia desses momentos! Ninguém além de um pai pode descrevê-los adequadamente!

“Fui despertado deste estado pelo meu fiel cão saltando em minha direção para me receber com carícias barulhentas e expressões profundas e sonoras de alegria. Então o velho porteiro, atraído pelo ruído, veio até o portão e o abriu imediatamente; mas, enquanto ele se apressava em minha direção, percebi de imediato que alguma lembrança repentina e dolorosa deteve sua rapidez. Saltei do meu cavalo e entrei no salão. Todos os outros domésticos agora vieram ao meu encontro, exceto meu fiel mordomo Wilfred, ele que sempre fora o primeiro a cumprimentar seu mestre.

“‘Onde está minha filha? Onde está sua senhora?’, exclamei ansioso. ‘Digam-me agora se ela vive!’

“O fiel Wilfred, que entrara agora no salão, atirou-se aos meus pés e, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, apertou minha mão com força e, hesitante, me informou que minha filha estava viva: estava bem, ele acreditava, mas — havia deixado o castelo.

“‘Fale mais rápido, meu velho’, disse eu apressadamente, interrompendo-o exaltado. ‘O que quer dizer? Minha filha vive; minha Ida está bem, mas ela não está aqui. Você e meus vassalos foram infiéis, e permitiram que meu castelo fosse roubado de seu maior tesouro em minha ausência? Fale! Fale claramente, eu ordeno!’

“‘É com angústia, tão grande quanto a sua, meu amado mestre, que lhe digo a triste verdade; sua filha deixou o teto de seu pai para se tornar a esposa de Conrad, filho do Lord de Wädischwyl.’

“‘A esposa do filho de Lord Rupert! Minha Ida, a esposa do filho daquele cujo nome minha alma despreza!’

“Minha ira agora não tinha limites; os tormentos do inferno pareciam ter mudado a corrente do meu sangue. Na loucura da minha fúria amaldiçoei

minha filha querida! Sim, peregrino, amaldiçoei aquela a quem tanto adorava; a única pessoa por quem a vida tinha algum encanto. Ah! quantas vezes, desde então, tentei retirar essa condenação! E essas lágrimas amargas, que mesmo agora não posso controlar, testemunham quão severo foi meu arrependimento desse ato pavoroso e antinatural!

Terríveis foram as pragas que lancei sobre meu inimigo; e imensa foi a vingança que jurei. Não sei até onde minha paixão desenfreada teria me levado, se eu não, por seu excesso, caísse sem sentidos nos braços de meus criados. Quando me recuperei, encontrei-me em meus aposentos com Wilfred sentado próximo de mim. Algum tempo, entretanto, se passou antes que eu chegasse a uma clara lembrança dos eventos sucedidos; e quando o fiz, foi como se uma estação de delinquência e miséria me oprimisse e acorrentasse a minha língua. Meus olhos vagaram involuntariamente para a parte do cômodo onde ficava pendurado o retrato de minha filha. Isso, porém, o fiel ancião — que não o havia removido, sem sombra de dúvidas, tremendo me ofender — conseguira ocultar, colocando diante dele um pedaço de armadura, que parecia ter caído acidentalmente naquela posição.

“Muitos outros dias se passaram antes que eu fosse capaz de ouvir os detalhes da fuga de minha filha, que vou, para não detê-los mais com minhas dores, agora relatar brevemente.

“Parecia que, encorajado pela fama de sua beleza, e por uma curiosidade muito natural, confesso, da juventude, Conrad de Wädischwyl havia, por muito tempo procurado, mas procurado em vão, ver minha Ida. Por fim, o acaso o favoreceu. Em seu caminho para ouvir a missa em nosso mosteiro vizinho, ele a viu; e a contemplou apenas para amar. Sua missão sagrada não o impediu de se dirigir a ela; e sabia muito bem como ganhar a atenção de alguém tão inocente, tão insuspeito como minha Ida! Muito cedo, infelizmente, os galanteios dele conquistaram seu coração inocente.

“A afeição de minha filha por seu pai era infinita; e sem pensar duas vezes ela teria sacrificado sua vida pela minha. Mas uma vez que o amor se apossa do coração feminino, rapidamente expulsa de lá os hóspedes mais severos, a razão e o dever. É o suficiente, portanto, dizer que ela foi conquistada e induzida a unir-se a Wädischwyl, antes de meu retorno, por seu ardiloso e insidioso argumento de que seria mais fácil me persuadir a dar-lhes meu perdão e minha bênção, ao descobrir que o passo tomado por ela era irrevogável. Com destreza quase semelhante, ele também argumentou que sua união sem dúvidas restauraria a brecha entre as famílias de Wädischwyl e Unspunnen; e assim acabaria com aquele ódio mortal que minha gentil Ida, constantemente a intercessora pela paz, sempre condenou. Por esse engano de sofisma, minha pobre filha foi convencida a se separar do coração de um pai carinhoso, para se

unir ao filho de seu inimigo mais amargo.”

A dor dessas lembranças envolveu Burkhardt de tal modo, que algum tempo passou antes que ele pudesse dominar seus sentimentos. Afinal ele prosseguiu:

— Minha alma parecia agora ser preenchida por um sentimento: vingança. Todas as outras paixões foram aniquiladas por este único mestre; e imediatamente preparei a mim e meus vassalos para castigar esse mais vil dos ladrões. Mas tal satisfação me foi (agora agradeço a Deus) negada; pois o duque de Zähringen logo me deu um motivo memorável para recordar suas palavras de despedida. Unindo-se aos numerosos seguidores de meu rival, esses poderosos comandantes de repente invadiram meus domínios. Uma luta cruel contra números desiguais se seguiu. Mas, por fim, embora meus bravos soldados teriam continuado a luta sem esperança, decidido a cessar um derramamento desnecessário de sangue, deixei o campo para meus inimigos; e, com o que restava de meus fiéis soldados, apressei-me, em profunda humilhação, a me enterrar dentro desses muros. Esse irritante repúdio impedia qualquer possibilidade de reconciliação com minha filha, a quem eu agora considerava a causa de minha desgraça; e, conseqüentemente, proibi até mesmo seu nome de ser mencionado em minha presença.

“Anos se passaram; e eu não tive nenhuma notícia até que por acaso soube que ela e seu marido haviam deixado suas terras nativas. Ao todo, mais de vinte, para mim, longos, longos anos, já se passaram desde sua fuga; e embora, o tempo tenha trazido arrependimento, e minha raiva e desejo de vingança tenham dado lugar a sentimentos melhores, eu me esforcei para obter notícias de minha pobre filha, porém não consegui descobrir mais vestígios dela. Aqui, portanto, vivi um velho viúvo, sem filhos e com o coração partido. Mas ao menos aprendi a me curvar pelo perdão de um Deus onisciente, que em sua justiça me atingiu, por acalantar sem remorsos aquela ira nefasta que a lei sagrada proíbe com tanta veemência. Ah! Como desejei ver minha amada filha! Como desejei abraçá-la, aproximá-la deste coração ressequido e flagelado! Com lágrimas ferventes vindas do mais amargo arrependimento, revoguei aqueles insultos mortais que, na plenitude de minha raiva antinatural, ousei proferir todos os dias. Agora sem cessar eu canso o Céu com minhas orações para extinguir toda a memória dessas imprecações fatais; ou deixá-las cair sobre minha cabeça e derramar apenas suas bênçãos sobre a de minha filha amada! Um temor, porém, que gela minhas veias de horror, constantemente me persegue: o medo de que as maldições proferidas em meus momentos de vingança demoníaca, tenham sido cumpridas como punição por minha impiedade.

“Diversas vezes, em meus sonhos, vejo minha filha amada; mas seus

olhares estão sempre tristes, ela parece tranquila, porém muito magoada por tê-la expulsado de forma tão desumana. No entanto, temo que ela tenha morrido há muito tempo; pois, se ela estivesse viva, não teria, eu acho, deixado de se esforçar para recuperar as afeições de um pai que uma vez a amou tão ternamente. É verdade que no início ela fez muitos esforços para obter o meu perdão. Eu soube que ela até se ajoelhou na soleira da minha porta e suplicou lamentavelmente para me ver. Mas minhas ordens haviam sido tão peremptórias, e o mordomo que substituiu Wilfred após sua morte, era tão severo e inflexível, que, por mais justo e razoável que fosse este seu último pedido, lhe foi insensivelmente negado. Céu eterno! Ela a quem eu amara como talvez nunca nenhum pai tenha amado antes — ela a quem eu havia carinhosamente vigiado, quase de hora em hora, para que a brisa grosseira do inverno não a gelasse, ou o calor do verão a queimasse — ela a quem eu acalentara doente por muitas longas noites, com devoção de mãe, e mais do que solicitude de mãe, até mesmo ela, a única filha de minha amada Agnes, e o bem inquieto dos últimos momentos de sua vida, foi rejeitada de minha porta! Desta porta de onde nenhuma necessidade passa sem ser aliviada, e onde até o mendigo encontra descanso! E agora, quando abençoaria os lábios que podem me dizer ‘ela vive’, não consigo em lugar nenhum recolher as menores notícias de minha filha. Ah, se eu tivesse ouvido a voz da razão, se não tivesse permitido que meus melhores sentimentos fossem dominados pelas paixões mais selvagens e cruéis, eu poderia tê-la visto, e talvez seus filhos, felizes ao meu redor, alegrando o entardecer de minha vida. E quando minha última hora chegasse, eles teriam fechado meus olhos em paz e, com franca tristeza, conduziram aos Céus diariamente suas orações pelo descanso eterno de minha alma.

“Vocês agora sabem, peregrinos, a causa de minha dor; e eu vejo pelas lágrimas derramadas tão profusamente de seus olhos, que sentem verdadeira pena do ser desamparado diante de vocês. Lembrem-se dele e de suas tristezas, portanto, em suas orações; e quando se ajoelharem no santuário ao qual se destinam, não deixe essas tristezas serem esquecidas.”

O peregrino mais velho em vão tentou responder; a profusão de sentimentos dominou suas palavras. Por fim, jogando-se aos pés de Burkhardt e abandonando seu hábito de peregrino, com dificuldade exclamou:

— Veja aqui, filho de tua Ida! E eis em meu jovem companheiro, a filha de tua Ida! Sim, diante de ti estão os filhos daquela que tanto lamentas. Viemos pedir por esse perdão, por esse amor, que tínhamos sermos negados. Mas, graças a Deus, que acalmou teu coração, temos apenas de implorar para empregar nossos pobres esforços a fim de aliviar tuas dores, e tornar melhores e alegres teus anos de declínio.

Em grande surpresa agitada, Burkhardt os encarou intensamente. Parecia-lhe como se uma bela visão estivesse diante dele, e ele temia que até mesmo um sopro pudesse dissipar. Quando, no entanto, ele teve certeza de que não estava sob a influência de nenhuma ilusão, o tumulto de seus sentimentos o dominou, e ele afundou no pescoço do peregrino mais velho em um desmaio; que, com a ajuda de sua irmã, rapidamente o levantou, e por seus esforços logo o restaurou em seus sentidos. Mas quando Burkhardt viu a peregrina mais jovem, a verdadeira imagem de sua Ida, curvando-se sobre ele com a mais aflição e terna preocupação, pensou que a morte havia acabado com todos os seus sofrimentos mundanos e que o paraíso já o havia deixado entrar.

— Bom Deus! — por fim exclamou. — Sou indigno destas Tuas misericórdias! Conceda-me recebê-las como devo! Não preciso pedir — acrescentou depois de uma pausa, e abraçando os peregrinos contra o peito — uma confirmação do que diz ou desta grande alegria que sinto. Tudo, tudo me dizem que vocês são filhos de minha amada Ida. Fale, portanto, sua mãe está morta? Ou ouse uma outra vez esperar pressioná-la contra meu coração?

O peregrino mais velho, cujo nome era Hermann, então lhe disse que dois anos se passaram desde que sua mãe dera seu último suspiro em seus braços. Sua oração final foi que o Céu a perdoasse pela tristeza causada a seu pai e evitasse colocar seu erro contra seus filhos. Ele então acrescentou que seu pai estava morto há muitos anos.

— Minha mãe — continuou Hermann, tirando do peito um pequeno pacote lacrado — mandou-me, em seu leito de morte, lhe entregar isso. ‘Meu filho’, ela disse, ‘quando eu estiver morta, se meu pai ainda viver, lance-se a seus pés, e não pare suas súplicas até ter dele a promessa de ler esta carta. Ele então conhecerá um arrependimento que pode incitá-lo a retirar sua condenação; e fará assim a terra repousar levemente sobre o que em breve restará de sua outrora amada Ida. Mostre-o as horas de angústia que até os seus tenros anos testemunharam. Esgote-o, meu filho, com suas súplicas; não as cesse até ter arrancado dele seu perdão’.

“Como você pode imaginar, eu solenemente me comprometi a cumprir o pedido de minha mãe; e assim que nossa dor pela perda de um ente tão querido, uma mãe tão carinhosa, nos permitiu, minha irmã e eu decidimos, nos hábitos desses peregrinos, visitar seu castelo; e, aos poucos ganhar suas afeições, se você ainda fosse inflexível e não quisesse ouvir o pedido de nossa mãe.”

— Louvado seja Deus, meu filho — disse Burkhardt —, por cuja ordem as águas brotam da rocha estéril, que Ele ordenou às correntes de amor e arrependimento fluírem outra vez de meu coração outrora duro e seco. Mas que eu não demore a abrir este triste memorial das dores de sua mãe. Desejo a

vocês, meus filhos, que ouçam, para assim conhecerem tanto sua exculpação quanto seus erros.

Burkhardt escondeu o rosto nas mãos e por algum tempo lutou verdadeiramente com seus sentimentos. Por fim, quebrou o selo e, com uma voz quebrada por vezes, leu o conteúdo:

‘Meu amado pai — se por este afeiçoado título sua filha ainda lhe pode chamar —, sentindo que meus tristes dias agora estão contados, faço este último esforço, antes que minhas forças falhem, a obter ao menos a piedade de alguém que ela um dia tanto amou; e lhe suplicar que retire aquela condenação que pesou demais em seu coração. De fato, meu pai, não sou uma miserável tão culpada como pensa. Não imagine que, negligenciando todos os laços de dever e gratidão, eu teria deixado o mais terno dos pais em sua casa solitária, e me unido ao filho de seu inimigo jurado, se eu não tivesse mais carinhosamente, mais ardentemente, esperado, se não tivesse acalentado quase com certeza, a ideia de que o senhor, ao descobrir-me uma esposa, teria perdoado rapidamente um erro, que somente os medos de sua recusa à nossa união me levaram a cometer. Eu realmente acreditava que meu marido então compartilharia comigo o amor de meu pai e teria, junto de sua filha, a agradável tarefa de zelar por sua felicidade e conforto. Mas nunca imaginei por um instante que estivesse ferindo permanentemente o coração daquele pai. Minha juventude e o ardor das persuasões de meu marido devem sustentar alguma atenuação de meu erro.

‘O dia em que recebi a notícia de que você pronunciou contra mim aquela terrível maldição, e sua inflexível determinação de nunca mais me ver, ficou permanentemente marcado em minha memória. Naquele momento parecia que Deus havia me abandonado, me marcado para sua condenação como quem comete parricídio! Meu cérebro e meu coração pareciam em chamas, enquanto o sangue congelava em minhas veias. A algidez da morte rastejou sobre cada membro, e minha língua recusou qualquer expressão. Eu teria chorado, mas a fonte de minhas lágrimas havia secado.

‘Por quanto tempo permaneci neste estado não tenho conhecimento, pois fiquei sem sentidos e assim continuei por alguns dias. Ao retornar à plena consciência de minha tristeza, eu teria instantaneamente corrido até você e me lançado aos seus pés,

para arrancar, se possível, seu perdão; mas meus membros eram incapazes de qualquer movimento. Logo também soube que as cartas que eu ditava eram devolvidas fechadas; e meu marido finalmente me informou que todos os seus esforços para vê-lo foram completamente vãos.

‘Porém no momento que ganhei força o suficiente, fui até o castelo, mas infelizmente para mim, enquanto entrava, encontrei um austero miserável, a quem minha pessoa era desconhecida; e ele me disse no mesmo instante que todos os meus esforços para ver seu mestre seriam inúteis. Pedi e supliquei; até me ajoelhei diante dele. Mas, longe de me ouvir, conduziu-me ao portão e, na minha presença, despediu o velho porteiro que me acolhera e quem depois acompanhou-me até a hora da sua morte. Ao perceber que todas as minhas tentativas foram infrutíferas e que vários dos antigos criados foram despedidos por minha causa, com o coração partido, sucumbi ao meu destino e abandonei todas as tentativas posteriores.

‘Após o nascimento de meu filho (em cuja fidelidade e amor confio esta triste memória), meu marido, com a mais terna solicitude, empregou todos os meios ao seu alcance para distrair minha melancolia, e tendo uma valiosa propriedade na Itália legada a ele, persuadiu-me a me dirigir a esse belo e favorecido país. Mas nem as afetuosas atenções de meu amado Conrad, nem o sol e as brisas luxuriantes, poderiam me fazer superar uma dor tão profundamente enraizada; e logo descobri que a Itália tinha menos encantos para mim do que minha querida terra natal, com suas escuras montanhas repletas de pinheiros.

‘Pouco tempo depois de chegar a Roma, dei a luz a uma filha — um evento que foi logo seguido pela morte de meu afetuoso marido. A incessante necessidade de atenção do meu bebê aliviou de certa forma a intensa angústia que sofri com aquela grave perda. No entanto, na profundidade dessa dor, que quase sobrecarregava meu coração, só Deus sabe quantas vezes, e com que remorso, curvando-me sobre meus queridos filhos doentes, recordei o carinho ansioso com que o mais terno e melhor dos pais costumavam cuidar de mim!

‘Lutei longa e dolorosamente com meus sentimentos, e muitas vezes supliquei a Deus que poupasse minha vida, para que eu pudesse instruir meus filhos em Seu santo amor e veneração, para redimir o erro de sua mãe. Minha oração em misericórdia foi ouvida; a benção que supliquei foi concedida; e eu confio, meu

amado pai, que se essas crianças forem admitidas em suas afeições, você descobrirá que eu treinei dois abençoados mediadores para seu perdão, quando tiver agradado ao Céu ter chamado sua filha ao seu juízo diante do terrível tribunal onde a maldição de um pai será declarada tão terrivelmente contra ela. Retire então, ah, pai! Retire a terrível condenação de sua pobre e arrependida Ida! E envie sua bênção como um anjo de misericórdia para implorar por seu descanso eterno. Adeus, meu pai, para sempre! Para sempre, adeus! Pela cruz, cujo emblema seus lábios febris agora pressionam; por Ele, que em Sua infinita misericórdia permaneceu naquela cruz, sua filha, sua muito amada Ida, implora, suplica, que você não a deixe pedir perdão em vão!”

— Minha filha, minha filha! — dizia Burkhardt aos prantos, enquanto a carta caía de seus dedos — Que o Pai de todos perdoe-me tão livremente quanto eu, das profundezas do meu coração agonizante, perdoe você! Quem dera que seu pai arrependido pudesse ter colocado-a contra seu peito, com seus próprios lábios ter lhe assegurado sua afeição e enxugado as lágrimas de tristeza de seus olhos! Mas ele prezará essas amadas lembranças suas e as guardará com mais zelo do que sua própria vida.

Burkhardt passou todo o dia seguinte em seus aposentos, ao qual apenas o bom padre Jerome foi admitido, pois os acontecimentos do dia anterior tornaram absolutamente necessário um longo repouso. Na manhã seguinte, porém, ele entrou no salão, onde Hermann e Ida o esperavam impacientemente. Seu semblante pálido ainda exibia traços profundos da agitação anterior; mas, tendo beijado os netos com muito carinho, ele colocou, entre sorrisos, no pescoço de Ida uma enorme corrente de ouro, ricamente trabalhada, com um molho de chaves anexado.

— Devemos instalar devidamente a senhora do nosso castelo — disse ele — e dar-lhe a autoridade apropriada. Mas, ouçam! Pelo som da corneta do porteiro, parece que nossa anfitriã terá logo visitas em sua hospitalidade. Quem temos aqui? — continuou ele, olhando para a alameda. — Por São Huberto, um cavaleiro belo e galante se aproxima, que será bem-vindo, isto é, se minha senhora aprovar. Bem, Willibald, o que traz? Uma carta do nosso bom amigo, o abade de Santo Anselmo. O que ele diz?

Tenho certeza de que o senhor não recusará as boas-vindas a um jovem cavaleiro, que passa por seu castelo a caminho de casa, vindo das guerras do imperador. Eu o conheço bem e posso garantir que será um hóspede digno de sua hospitalidade, que não será menos

livremente concedida pelo fato dele não desfrutar dos sorrisos dourados da fortuna.

— Não, não, isso não acontecerá, meu bom amigo; e se a fortuna lhe virar o rosto, ele será duplamente bem-vindo. Conduza-o aqui agora mesmo, bom Willibald.

O mordomo apressou-se a apresentar o estranho, que avançou para o salão com um ar modesto, porém viril. Sua aparência era de cerca de vinte e cinco anos de idade; sua pessoa era tal que não poderia, nos sonhos de uma jovem donzela, ocupar um lugar imperceptível.

— Senhor cavaleiro — disse Burkhardt, dando um cordial aperto de mão — você é bem-vindo ao meu castelo, e ao entretenimento tão pobre que ele pode oferecer. Devemos fazê-lo esquecer suas feridas e o emprego grosseiro da vida de um soldado. Mas, leniente, já negligenciei meu dever de primeiro apresentar nossa anfitriã — acrescentou o cavaleiro idoso, apresentando Ida. — Pela minha fé — ele continuou — a julgar pelo sorriso corado de minha senhora, está parece não ser a primeira vez que se encontram. Estou certo em minha conjectura?

— Já nos encontramos, senhor — respondeu Ida, em tamanha confusão que sugeria agradavelmente que o encontro não foi lembrado com indiferença — no salão da abadessa das Ursulinas, em Munique, onde por vezes visitei uma amiga muito estimada.

— A abadessa — disse o jovem cavaleiro — era minha prima; e minha boa sorte mais de uma vez me deu a felicidade de ver esta senhora em seu convento. Mas mal eu esperava que entre essas montanhas a deusa inconstante do destino voltasse a favorecer tanto um andarilho sem-teto.

— Bem, senhor cavaleiro — respondeu Burkhardt —, confiamos que a sorte nos tenha sido igualmente favorável. E agora ousarei perguntar seu nome; e então, sem cerimônia inútil e tediosa, por nossa parte e de nossa anfitriã, daremos-lhe novamente as boas-vindas.

— Meu nome — disse o estranho — é Walter de Blumfeldt; embora humilde, nunca caiu em desgraça; e com a bênção do céu, espero entregá-lo tão honrado quanto o recebi.

Semanas, meses se passaram, e Walter de Blumfeldt ainda era o convidado do Lord de Unspunnen; até que, por suas virtudes e pelas muitas qualidades excelentes que a cada dia se desenvolviam, ele encontrou um lugar no coração de Burkhardt, cuja vida castigada tornara particularmente suscetível aos

sentimentos mais gentis. Ele agora frequentemente, com lágrimas nos olhos, declarava seu desejo em poder convencer cada um e todos com quem seus hábitos anteriores causaram alguma diferença, quão verdadeiramente ele os perdoava e desejava seu perdão.

— Gostaria — disse ele um dia, em alusão a esse assunto — que eu pudesse ter encontrado meu velho inimigo, o duque de Zähringen, e com um prazer e alegria verdadeiramente sinceros o teria abraçado e o colocado entre meus amigos. Mas ele se reuniu aos seus antepassados, e não sei se deixou alguém para levar suas honras.

Todas as vezes que Walter se oferecia para partir, Burkhardt arranjava uma desculpa para detê-lo; pois parecia-lhe que, ao separar-se de seu jovem hóspede, perderia um elo daquela corrente que a boa fortuna lhe havia tecido tão recentemente. Hermann também amava Walter como um irmão; e Ida de bom grado teria imaginado amar-lhe como uma irmã; mas seu coração dizia com mais clareza aquilo que seu raciocínio mais frio buscava esconder. Unspunnen, que há algum tempo percebia a crescente ligação entre Walter e Ida, não ficou descontente com a descoberta, pois há muito havia deixado de cobiçar riquezas; e aprendera a valorizar o jovem cavaleiro, que respondia plenamente aos altos termos com que o prior de Santo Anselmo sempre falava dele. Caminhando uma noite sob a sombra daquela mesma alameda onde encontrara Hermann e Ida pela primeira vez, percebeu esta última, a uma pequena distância, conversando com Walter. Era evidente para Burkhardt que o jovem cavaleiro não estava dirigindo-se a uma ouvinte de má vontade, pois Ida estava totalmente indiferente à tosse forte que Burkhardt decidiu pegar naquele momento; nem ela o percebeu, até que ele exclamou, ou melhor, vociferou:

— Você sabe, Walter, que, nesta mesma alameda, dois peregrinos, em direção a algum santuário sagrado, uma vez me abordaram; mas que, por piedade de meus pecados e desamparo, trocaram sua jornada penitencial por um ato de maior caridade, e desde então permaneceram para estender seus cuidados a um parente idoso e indefeso. Um desses afetuosos seres está agora prestes a deixar minha morada e passar o resto da peregrinação desta vida com uma companheira, na pessoa da bela filha do Barão de Leichtfeldt, e assim deixar sua antiga companheira, sua irmã, somente na sociedade tediosa de um homem velho. Diga, senhor cavaleiro, seu valor permitirá que tal mal seja feito; ou você se encarregará de conduzir esta peregrina abandonada em seu caminho, e guiá-la através dos caminhos turvos desta vida instável? Vejo pela humildade com que você abaixa a cabeça e pela cor cobrindo seu rosto, que não falo com alguém insensível ao apelo de um velho. Mas seja gentil, gentil, senhor cavaleiro, minha Ida ainda não foi canonizada e, portanto, não pode se

dar ao luxo de perder uma mão, o que inevitavelmente deve ocorrer se você continuar a pressioná-la com devoção tão ardente. Mas o que diz nossa peregrina; ela aceita sua conduta e serviço, senhor cavaleiro?

Ida, mal conseguindo ficar de pé, se jogou no pescoço de Burkhardt. Não levantaremos o véu que cobre o terrível momento que torna um homem, como ele supõe, feliz ou miserável para sempre. Basta dizer que o dia que fez de Hermann o marido da filha do Barão de Leichtfeldt, viu Ida a esposa de Walter de Blumfeldt.

Seis meses se passaram com rapidez para os felizes habitantes de Unspunnen, e Burkhardt parecia quase ter se tornado jovem novamente. Ele foi um dos mais ativos nas preparações vindas da sugestão de Walter em passar o aniversário de Ida em um refúgio favorito do jovem casal. O local escolhido foi um belo prado, em frente ao qual serpenteava um pequeno riacho límpido; nos fundos havia um esplêndido anfiteatro de árvores, cujos galhos espalhavam uma sombra refrescante sobre a grama ricamente esmaltada.

Nesse belo retiro estavam Burkhardt, Walter e sua Ida passando as horas abafadas do meio-dia, quando Walter, que relatava algumas de suas aventuras na corte do imperador, e descrevendo a magnificência dos torneios, voltando-se para sua noiva, disse:

— Mas o que vale toda aquela pompa, minha Ida. Como somos felizes neste vale pacífico! Não invejamos príncipes ou duques, nem seus palácios ou seus estados. O que você diz, minha Ida, você poderia tolerar a cerimônia de uma corte e o orgulho da realeza? Acho que até a coroa de uma duquesa não substituiria a guirlanda de rosas em sua cabeça.

— Não tão rápido, meu bom marido — respondeu Ida, rindo. — Eles dizem, você sabe que uma mulher ama demais essas vaidades para desprezá-las. Então, como você pode esperar que uma mortal tão frágil como sua pobre esposa as despreze? Na verdade, acho — acrescentou ela, assumindo um ar de dignidade burlesca — que eu daria uma ilustre duquesa e usaria minha coroa com a maior graça. E agora, pela minha fé, Walter, lembro-me que, como um verdadeiro e galante cavaleiro, prometeu-me conceder hoje a bênção que eu pedir. De joelhos, portanto, peço humildemente que, se você conhece algum feitiço ou artifício mágico, para me fazer uma princesa ou uma duquesa por apenas um dia, imediatamente exercerá sua arte sobre mim; apenas para que eu saiba com quanta ou pouca dignidade eu poderia sustentar tais honras. Não é uma questão muito difícil, senhor cavaleiro: você só tem que chamar a ajuda de Number Nip^[248], ou algum trabalhador habilidoso da floresta. Responda,

cavalheiresco marido, pois sua esposa desconsolada não se levantará até seu pedido ser atendido.

— Ora, Ida, você realmente pede por um presente difícil — respondeu Walter — e como concedê-lo pode muito bem confundir meu cérebro até a loucura com o esforço. Mas, deixe-me ver, deixe-me ver — continuou ele pensativo. — Já sei! Venha aqui, amor, aqui está o seu trono — disse ele, colocando-a em uma suave eminência ricamente coberta com perfumado tomilho selvagem e delicada campainha escocesa — Reis podem agora invejar o incenso que lhe é oferecido. E você, nobre senhor — acrescentou ele, dirigindo-se a Burkhardt — deve ficar ao lado de Sua Alteza, na qualidade de conselheiro-chefe. Ao seu redor estão seus atendentes; vejam aquele alto carvalho, deve ser o oficial de Vossa Alteza; e os esguios freixos da montanha, seus pajens fiéis.

— Você não cumpriu bem sua tarefa, senhor saltimbanco — disse Ida, com uma afetação brincalhona de decepção.

— Tenha um pouco de paciência, bela dama — respondeu Walter, rindo. — Pois agora devo despertar o exército de Vossa Alteza.

Então, tirando de seu bolso uma corneta de prata, ele soou a melodiosa canção do alvorecer dos soldados. Ao retirar o instrumento de seus lábios, um trompete vibrante respondeu ao chamado; e mal as suas últimas notas se extinguíram, quando, do meio da floresta, como se as próprias árvores fossem dotadas de vida, surgiu uma tropa de cavaleiros, seguida por um corpo de arqueiros a pé. Eles tinham acabado de emergir, quando numerosos camponeses, ambos homens e mulheres, apareceram em seus trajes mais alegres; e, junto dos outros, rapidamente se posicionaram de uma maneira pitoresca diante da atônita Ida, que já havia abdicado de seu trono, e se agarrava ao braço de Walter. Eles então se dividiram de repente, e doze pajens em trajes ricamente ornados avançaram. Depois seguiram seis meninas, cujas formas e feições as Graças^[249] poderiam ter invejado, carregando duas coroas em almofadas bordadas. Atrás destas, apoiando seus passos com o seu bordão abacial, caminhava o venerável abade de Santo Anselmo, que, com a sua barba branca caindo-lhe até quase o cinto, e seu rosto bondoso mostrando o puro comércio da alma que dava vida a um olhar cuja claridade mal havia diminuído em seus setenta anos, parecia a Ida um ser de outro mundo. As jovens então avançando e ajoelhando-se diante de Walter e sua esposa, apresentaram as coroas.

Ida, que permanecia quase sem fôlego em sua admiração, agora mal conseguiu articular:

— Querido, querido Walter, o que é toda essa pompa — o que significa — o que isso pode significar?

— Significar! Minha amada — respondeu o marido — não me pediu para fazer de você uma duquesa? Eu apenas obedeci aos seus altos comandos, e agora eu a saúdo, Duquesa de Zähringen!

Toda a multidão então fez os bosques ressoarem com a aclamação:

— Viva o duque e a duquesa de Zähringen!

Walter, tendo desfrutado por alguns momentos do espanto calado de Ida, e da surpresa menos evidente, mas talvez igualmente intensa de Burkhardt, voltando-se para o último, disse:

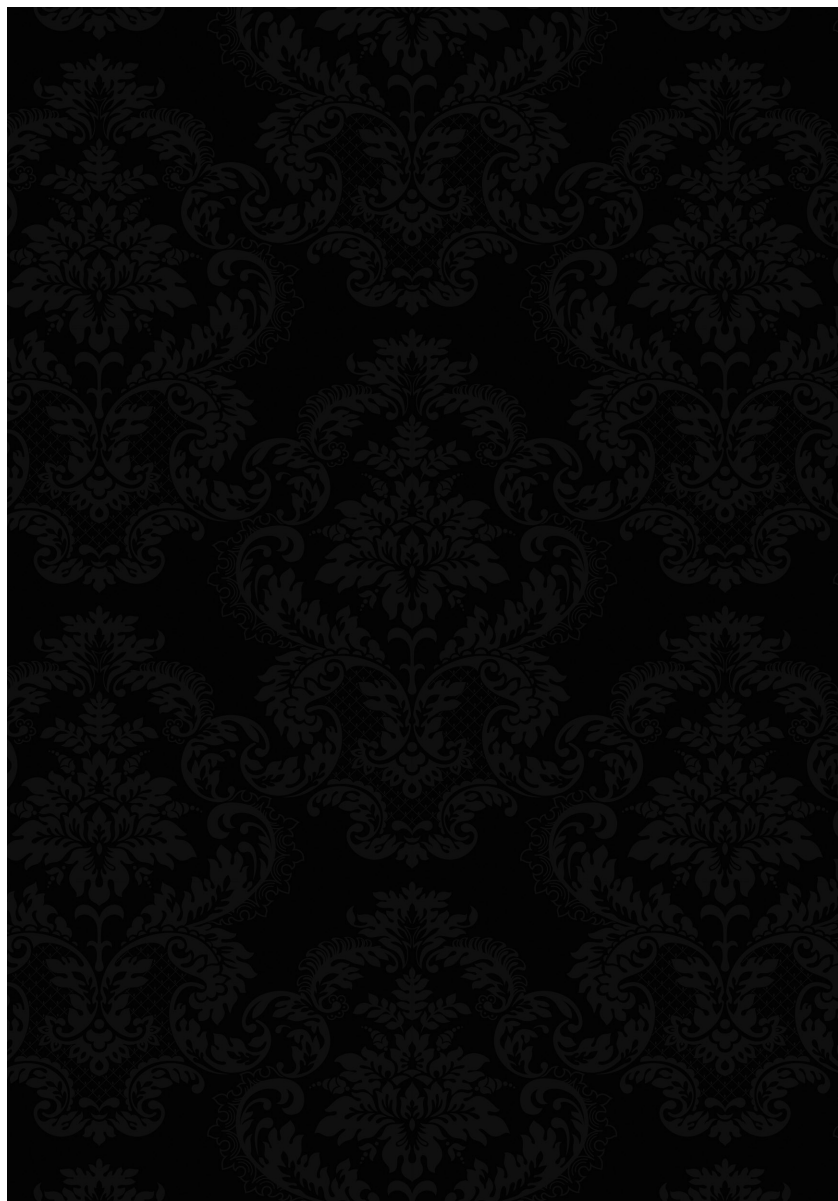
— Burkhardt você é mais que um pai para mim, e vê em mim o filho de seu outrora implacável inimigo, o duque de Zähringen. Ele há muitos anos foi reunido com seus antepassados; e eu, como seu único filho, recebi seu título e suas posses. Meu coração, minha liberdade, foram completamente perdidos no salão da Abadessa das Ursulinas. Mas quando soube de quem minha Ida era filha, e sua triste história, resolvi antes de torná-la minha para ganhar não apenas o amor dela, mas também seu favor e sua estima. Ao sucesso de meu plano, este pequeno círculo mágico no dedo da minha Ida é minha testemunha. Você ficará feliz em saber que meu pai se arrependeu durante muitos anos dos erros que lhe cometeu; e, para redimir-se tanto quanto possível, confiou a educação de seu filho aos cuidados deste meu bom amigo, o abade de Santo Anselmo, para que ele aprendesse a evitar os erros em que seu pai infelizmente havia cometido. E agora — continuou ele, avançando e conduzindo Ida em direção ao abade — tenho apenas que implorar sua bênção, e que esta senhora, que pela bondade do céu exulto em chamar de esposa, seja equipada com as insígnias da posição que ela é tão digna para adornar.

Walter, ou, como devemos chamá-lo agora, o duque de Zähringen, com Ida, então humildemente se ajoelhou diante do venerável abade, enquanto o santo homem, com lágrimas nos olhos, invocou sobre eles as bênçãos do céu. Sua Alteza então se levantando, pegou uma das coroas e, colocando-a na cabeça de Ida, disse:

— Que você seja tão feliz sob esta coroa brilhante, como você estava sob o capuz avermelhado em que eu a vi pela primeira vez.

— Deus e Nossa Senhora me ajudem! — respondeu a agitada Ida — e que Ele conceda que eu possa usá-la com muita humildade. No entanto, os espinhos, dizem, brotam sob uma coroa.

— É verdade, minha amada — disse o duque — e também crescem sob a touca do camponês. Mas a rica alquimia das virtudes da minha Ida sempre transformará todos os espinhos nas joias mais brilhantes de seu diadema.



EUPHRASIA

Título original: Euphrasia
Publicado em 1838, na revista The Keepsake por “sra. Shelley”.

Um conto grego.

Não muito depois da eclosão da Revolução Grega^[250], Harry Valency visitou a Grécia. Naquele tempo, muitos ingleses foram levados até lá pelo espírito de aventura, e muitos pereceram. Valency não tinha ainda dezenove anos; seu temperamento era rebelde e imprudente; dúvida ou preocupação nunca haviam tocado sua testa; seu coração era leve demais para o amor. Inquieto e enérgico, ansiava por testar seus poderes, com o instinto que leva o jovem cervo a se chocar contra as árvores, ou a lutar uns com os outros nos vales da floresta. Ele era filho único de uma mãe viúva, cuja vida estava envolta na sua e ele a amava com ternura; porém a deixou, impelido pelo desejo de aventura, incapaz de compreender o significado da ansiedade e medo; ávido para enfrentar até mesmo o infortúnio, de modo que provocava lutas viris e ativas. Ele desejava ter as páginas de sua jovem vida escritas por atos que seriam daqui em diante memórias, aos quais ele poderia se voltar com prazer. A causa grega aqueceu sua alma. Ficou extasiado ao tocar as margens daquela antiga terra, e olhou ao redor de montanhas e riachos, cujos nomes estavam associados aos atos mais heroicos, e a poesia mais sublime que o homem já alcançou ou escreveu. Sim, ele estava agora na Grécia. Prestes a lutar em sua causa contra os usurpadores turcos. Ele se preparara por um estudo diligente de românico; estava a caminho da sede do governo, para oferecer seus serviços. Proceder para lá do local onde havia desembarcado era uma questão de alguma dificuldade; as tropas turcas haviam se apossado então de muitos dos caminhos. Finalmente, ele ouviu que um grupo de cerca de cinquenta soldados gregos, liderados por um jovem, mas corajoso e renomado chefe, estava prestes a seguir na mesma direção; ele pediu, e obteve licença para acompanhá-los.

Como foi agradável o início da viagem! Que belo o país — desfiladeiro e encosta íngreme — por onde seguiam; onde o cinza das folhas de azeitona vestia o planalto, ou videiras, abraçando olmos, vermelhos agora com matizes do desfecho do verão, variaram a cena. Os topos das montanhas estavam nus,

ou coroados com pinheiros, e torrentes corriam pelos lados e alimentavam um riacho no vale. O ar era agradável, a cigarra barulhenta e alegre — viver era ser feliz. Valency montou em um cavalo espirituoso, ele o fez saltar e virar. Jogou uma lança contra uma árvore, e correu depois de recuperá-la. Ele disparou em um alvo enquanto se apressava a galope; cada feito era insuficiente para domar seu espírito inesgotável.

O chefe o marcou com olhos, sua profunda expressão melancólica escureceu enquanto o observava. Ele era conhecido como o mais bravo dos bravos, embora fosse gentil como uma mulher. Era jovem e singularmente bonito; seu semblante estampado com traços de refinamento intelectual, enquanto sua pessoa era alta, musculosa e forte, mas tão graciosamente formada, que cada atitude lembrava alguma forma praxiteliana^[251] de sua terra natal. Houve um tempo que fora ainda mais bonito; alegria, bem como ternura, e o ardor de um soldado iluminavam seus olhos escuros; seus lábios tinham sido o lar de sorrisos, e os pensamentos, que presidiam em sua testa um dia foram tão claros, suaves e alegres como sua fronte divina. Agora estava mudada. A dor havia se tornado uma paixão dominante: suas bochechas estavam fundas; seus olhos pareciam meditar eternamente sobre arrependimentos melancólicos; sua voz medida e harmoniosa estava dessintonizada de qualquer fantasia leve ou brincadeiras alegres; ele falava apenas as palavras necessárias para dirigir seus seguidores, e no momento seguinte o silêncio e a escuridão se reuniam sobre seu rosto. Sua tristeza era respeitada; pois sabia-se que era bem fundamentada, e surgida de um desastre recente. Se algum de seus soldados desejava se divertir, eles se retiravam de seus arredores. Era estranho para eles ouvir a leve risada do jovem inglês soar através do bosque, e escutar os tons de sua voz alegre, enquanto ele cantava algumas das músicas animadas de seu país. O chefe o encarava com interesse. Havia uma franqueza cativante no garoto; ele era muito jovem, e tudo o que ele fazia era em gracioso acordo com sua idade. Somos igualmente meros jovens, pensou o chefe, e como somos diferentes! Apesar disso, logo ele pode se tornar como eu. Ele voa como uma águia; mas a águia pode ser ferida, e descer para a terra, porque a terra contém o seu segredo e seu arrependimento.

De repente, Valency, algumas centenas de metros à frente, encontrou um grego, cavalcando a toda velocidade em direção à tropa que avançava.

— Volte! Volte! Silêncio! — o homem exclamou. Ele era um olheiro, enviado antes, e agora trazia notícias de que uma tropa de trezentos ou quatrocentos do exército turco estava entrando no desfiladeiro e logo avançaria sobre o punhado de homens que Valency acompanhava. O olheiro dirigiu-se diretamente ao líder e fez seu relatório, acrescentando: — Ainda temos tempo. Se recuarmos mais de quinhentos metros há um caminho que conheço, pelo

qual posso guiá-lo através da montanha; do outro lado estaremos seguros.

Um sorriso de escárnio por um momento contorceu os lábios do chefe com a palavra segurança, mas seu rosto logo retomou a compostura triste de sempre. A tropa havia parado; cada homem voltou seus olhos para o líder. Valency, em particular, marcou o olhar de desprezo e sentiu que ele jamais recuaria diante do perigo.

— Companheiros! — o chefe dirigiu-se a seus homens — jamais se poderá dizer que os gregos recuaram para abrir caminho para seus destruidores; vamos nos dedicar à nossa velha guerra. Antes de entrarmos neste bosque de oliveiras, passamos por um espesso abrigo, onde a proeminente encosta da montanha lançava uma sombra profunda em nosso caminho, e o riacho abafava qualquer som de voz ou casco. Lá poderemos emboscá-los; lá o inimigo encontrará a morte.

Ele virou a cabeça de seu cavalo e em poucos minutos chegaram ao local; os homens estavam especialmente ansiosos pela briga — enquanto um ou dois voltaram seus olhos para a encosta da montanha e o caminho levando à aldeia que haviam abandonado naquela manhã. O chefe viu seus olhares e também mirou o jovem inglês, que havia saltado do cavalo e se ocupava em carregar e preparar suas armas. O chefe foi até ele.

— Você é nosso convidado e companheiro de viagem — disse ele — mas não nosso companheiro na luta. Estamos prestes a enfrentar o perigo — pode ser que nenhum de nós escape. Você não tem danos para vingar, nenhuma liberdade para ganhar; você tem amigos — provavelmente uma mãe — em sua terra natal. Não deve cair conosco. Vou enviar uma mensagem para avisar a aldeia pela qual passamos pela última vez — você acompanhará meus mensageiros.

Valency ouvira atentamente a princípio; mas, à medida que o chefe prosseguia, sua atenção voltou-se para a tarefa de carregar as pistolas. As últimas palavras provocaram um rubor em sua bochecha.

— Você me trata como um menino — exclamou ele. — Eu posso parecer um, mas verá hoje que sou um homem de coração. Você também é jovem, não mereço seu desprezo!

O chefe encarou os olhos ardentes do jovem. Estendeu a mão para ele, dizendo:

— Perdoe-me.

— Vou perdoá-lo — disse Valency — com uma condição: dê-me um posto de perigo, de honra. Você me deve isso em reparação ao insulto que ofereceu.

— Que assim seja; seu lugar será ao meu lado.

Mais alguns minutos e suas posições foram tomadas; dois dos mais

desencorajados da tropa foram enviados para avisar a aldeia, o resto colocou-se atrás das rochas; sob os arbustos, onde quer que o solo quebrado, ou tufo de mata rasteira, ou fragmento do penhasco, oferecia abrigo e esconderijo, um homem era colocado; enquanto o chefe se posicionou em uma plataforma elevada e, protegido por uma árvore, olhava a estrada. Logo se ouviu o tropel de cavalos, o som agitado de pés e vozes, excedendo o som do riacho; e turbante e mosquete podiam ser distinguidos enquanto a tropa inimiga atravessava o desfiladeiro.

O clamor da batalha — os disparos — o choque de armas havia acabado. Acima do cume da colina, cujo lado havia sido abrigo para os gregos, a lua crescente pendia, prestes a mergulhar atrás; as estrelas em seu enlaço brilhavam como lâmpadas flutuando no firmamento; enquanto os vaga-lumes cintilavam entre a mata de murta e pela encosta da montanha; e por vezes o aço das armas ao redor, caídas das mãos dos mortos, captava e refletia os clarões das estrelas celestes ou terrenas. O chão estava coberto de mortos. Os inimigos que abriram caminho já estavam longe — o som dos cascos de seus cavalos havia desaparecido. Os gregos que conseguiram fugir pela montanha haviam chegado a um lugar seguro — ninguém jazia ali, a não ser os silenciosos cadáveres — frios como o raio de luar que descansava momentaneamente em seus rostos pálidos. Todos estavam parados e imóveis; alguns jaziam na encosta do morro entre a mata rasteira — alguns na estrada aberta — cavalos e homens haviam caído, a esmo — nenhum se mexia — ninguém respirava.

No entanto, houve um suspiro — perdeu-se no murmúrio do riacho; um gemido seguiu, e então uma voz fraca e quebrada

— Minha mãe, minha pobre mãe!

Os lábios pálidos dizendo essas palavras não podiam formar outra, um jorro de lágrimas seguiu. O choro pareceu despertar outra forma dentre os falecidos. Um dos corpos prostrados ergueu-se lenta e dolorosamente em seu braço, os olhos estavam turvos, o semblante pálido pela morte que se aproximava, a voz era oca, mas firme, que dizia:

— Quem fala? Quem vive? Quem chora?

A pergunta envergonhou o homem ferido; ele controlou sua enxurrada de soluços exaltados. O outro falou de novo:

— Não era a voz de um grego — mas eu pensei que tinha salvo aquele garoto espirituoso — a bala destinada a ele está agora no meu lado. Fale novamente, jovem inglês — quem você chama?

— Por ela que chorará minha morte com muita amargura — por minha

mãe — respondeu Valency, e as lágrimas seguiram o nome amado.

— Seus ferimentos são mortais? — perguntou o chefe.

— Assim, sem ajuda, morrerei — respondeu ele —, mas, se eu apenas pudesse alcançar essas águas, eu viveria, devo tentar.

E Valency levantou-se; cambaleou alguns passos e caiu pesadamente aos pés do chefe. Havia desmaiado. O grego olhou para a palidez medonha de seu rosto; ele meio que se levantou — seu próprio ferimento não sangrou, mas era fatal, e uma doença mortal se formou em torno de seu coração e gelou sua testa, que ele se esforçou para dominar, para que pudesse salvar o jovem inglês. O esforço trouxe gotas frias em suas sobrancelhas enquanto ele se ajoelhava e se abaixava para levantar a cabeça de Valency; estremeceu ao sentir a umidade quente encontrar sua mão. É o seu sangue; seu sangue vital, ele pensou; e novamente ele colocou a cabeça na terra e continuou por um momento ainda, convocando a vitalidade que lhe restava para animar seus membros. Então, com um esforço determinado, ele se levantou e cambaleou até as margens do riacho. Ele segurava em suas mãos um capacete de aço — e agora se abaixou para enchê-lo; mas com o esforço o chão da margem deslizou e ele caiu. Havia um zumbido em seus ouvidos — um suor frio em sua testa — sua respiração tornou-se espessa — o capacete caiu de sua mão — ele estava morrendo. O ramo de uma árvore, lançado na confusão da manhã, estava próximo; a mente, mesmo de um moribundo, pode formar combinações rápidas e infalíveis de pensamento — era sua última chance — ele mergulhou o ramo nas águas, e derramou as gotas gratificantes e revigorantes sobre seu rosto; o ânimo voltou com o ato, e ele pôde se abaixar e encher o capacete e beber um longo gole, que por um momento restaurou suas forças vitais. E agora ele carregava água para Valency; mergulhou o turbante desdobrado de um turco no riacho e atou a ferida do jovem, que era um profundo corte de sabre no ombro, que sangrava copiosamente. Valency reviveu — a vida reuniu-se na quentura de seu coração — suas bochechas, embora ainda pálidas, perderam o tom acinzentado da morte — seus membros novamente pareciam dispostos a obedecer à sua vontade — ele se sentou, mas estava fraco demais, e sua cabeça caiu. Como uma mãe cuidando de seu primogênito doente, o chefe grego pairava sobre ele; lhe trouxe um manto para descansar a cabeça; ao apanhá-lo, descobriu que algum soldado cuidadoso havia trazido uma pequena bolsa em sua sela, com pão e um ou dois cachos de uvas; deu-os ao jovem, que comeu. Valency agora reconhecia seu salvador; a princípio, ele se surpreendeu ao vê-lo ali, cuidando dele, aparentemente ileso; mas logo o chefe afundou no chão, e Valency pôde notar a rigidez de feições e o aspecto medonho que anunciavam a morte. Por sua vez, ele teria ajudado seu amigo; mas o chefe o deteve:

— Você morrerá se se mexer — disse ele — Sua ferida sangrará

novamente e você morrerá, e da mesma forma não poderá me ajudar. Minha fraqueza não surge da mera perda de sangue. O mensageiro da morte atingiu uma parte vital — mais algum tempo e a alma obedecerá seu chamado. É lenta, é lenta a libertação; no entanto, a longa hora vagarosa finalmente chegará e eu serei livre.

— Não fale assim — exclamou Valency — Estou forte agora, buscarei ajuda.

— Não há ajuda para mim — respondeu o chefe —, exceto a morte que desejo. Eu lhe ordeno, não se mova.

Valency havia se levantado, mas o esforço foi em vão: seus joelhos dobraram sob ele, sua cabeça girou; antes que pudesse se salvar, havia despencado no chão.

— Por que se torturar? — disse o chefe. — A ajuda virá em algumas horas: não lhe fará mal passar este intervalo sob este céu calmo. Os covardes que fugiram alamarão a região; ao amanhecer o socorro estará aqui: você deve esperar. Eu também devo esperar — não por ajuda, mas pela morte. É reconfortante até, padecer aqui, sob este céu, com os murmúrios do riacho distante em meus ouvidos, sombreado pelas minhas montanhas nativas. Se algo pudesse me salvar, seriam os ares balsâmicos dessa noite abençoada; minha alma sente a alegria, embora meu corpo esteja doente e enrijecendo rapidamente com a morte. Não foi como a hora em que ela morreu, a quem em breve encontrarei — minha Euphrasia, minha doce irmã — no céu!

Era estranho, disse Valency, que àquela hora, apenas meio salvo da morte, e seu salvador nas garras da sinistra destruidora, ele sentisse curiosidade em conhecer a história do chefe grego. Sua juventude, sua beleza, seu valor — o ato, que Valency bem lembrava, de saltar para a frente para protegê-lo com sua própria pessoa — suas últimas palavras e pensamentos dedicados à lembrança suave de uma irmã amada — despertaram um interesse apesar da presente hora, tensa como estava com as chances de vida e morte. Ele questionou o chefe. Provavelmente a febre sucedeu ao seu estado anterior de fraqueza, transmitiu uma força enganosa e até o predis pôs a falar; pois assim morrendo, sem ajuda e desprotegido, com o céu estrelado acima, ele, de boa vontade, voltou-se aos anos de sua juventude e ao miserável acontecimento que alguns meses antes havia eclipsado o sol de sua vida e dado boas-vindas à morte.

Eles — irmão e irmã, Constantine e Euphrasia — eram os últimos de sua raça. Eram órfãos; passaram a juventude sob a tutela do irmão adotivo de seu pai, a

quem chamavam de pai, e que os amava. Ele era um velho senhor virtuoso, nutrido pela tradição clássica e mais familiarizado com os feitos dos homens que glorificaram seu país vários milhares de anos antes, do que com quaisquer nomes mais modernos. No entanto, todos aqueles que já haviam realizado feitos e sofrido pela Grécia estavam embalsamados em sua memória e honrados como mártires na melhor das causas. Ele foi educado em Paris e viajou pela Europa e América, e estava ciente do progresso feito na ciência da política em todo o mundo civilizado. Achava que a Grécia logo compartilharia os benefícios decorrentes das mudanças em acontecimento, e esperava um dia não muito distante para sua libertação. Ele educou seu jovem protegido para tal dia. Se ele acreditasse que a Grécia continuaria irremediavelmente escravizada, o teria criado como um erudito e um recluso: mas, seguro da luta iminente, ele o fez um guerreiro; implantou no garoto uma aversão ao opressor, um amor desejoso pelas bênçãos sagradas da liberdade, um nobre desejo de ter seu nome registrado entre os libertadores de seu país. A educação concedida à Euphrasia foi ainda mais singular. Ele sabia que, embora a liberdade deva ser comprada e mantida pela espada, suas mais caras bênçãos vêm do desenvolvimento e do conhecimento; acreditava que as mulheres eram as promotoras apropriadas para realizar tal feito. Elas não podem manejar uma espada nem suportar trabalho corporal por seu país, mas podem refinar as maneiras, exaltar as almas — transmitir honra, verdade e sabedoria a seus parentes e filhos. De Euphrasia, portanto, ele fez uma estudiosa. Por natureza ela era uma religiosa fervorosa e uma poetisa. O estudo da literatura clássica de seu país corrigiu seu gosto e exaltou seu amor pelo belo. Quando criança, improvisava canções apaixonadas de liberdade; e à medida que crescia em anos e beleza, e seu coração se abria para a ternura, e se conscientizava de toda a honra e felicidade que uma mulher deveria obter por ser amiga do homem, não sua escrava, e agradecia a Deus por ser uma mulher grega e cristã; agarrando-se às vantagens que esses nomes conferiam, aguardava ansiosamente o dia em que o islamismo não mais contaminaria sua terra natal, e quando suas compatriotas despertariam da ignorância e do ócio em que estavam mergulhadas, e aprenderiam que suas vocações adequadas na criação era a de mães de heróis e professoras de sábios.

Seu irmão era seu ídolo, sua esperança, sua alegria. E ele, ensinado que sua carreira deveria ser de ações, não de palavras, foi incitado por sua poesia e eloquência a desejar a glória ainda mais ansiosamente, e dedicar-se ainda mais inteiramente e com mais puro ardor à esperança de um dia viver e morrer por seu país. A primeira tristeza que os órfãos conheceram foi a morte de seu pai adotivo. Ele desceu ao túmulo cheio de anos e honra. Constantine tinha então dezoito anos; sua bela irmã acabara de completar quinze anos. Muitas vezes

eles passavam a noite ao lado do túmulo reverenciado de seu amigo, falando das esperanças e aspirações que ele havia implantado. Jovens podem formar sonhos tão sublimes, tão belos. Nenhuma decepção, nenhum mal, nenhuma paixão prejudicial obscurece suas gloriosas visões. Ousar e fazer muito pela Grécia era a ambição de Constantine. Alegria seu irmão e zelar por ele, regular sua alma mais selvagem e inculta, pintar em cores celestiais o destino que ele tendia pela ação, eram as tarefas de Euphrasia.

— Há um céu — disse o moribundo enquanto contava sua história — há um paraíso para aqueles que morrem pela justa causa. Não sei que alegrias estão preparadas para o abençoado; mas elas dificilmente podem transcender as minhas enquanto eu ouvia minha doce irmã e sentia meu coração inchar com patriotismo e afeição carinhosa e calorosa.

Por fim, houve uma agitação por todo o país, e Constantine fez uma viagem de alguma distância, para conversar com os capitães das montanhas e se preparar para a eclosão da revolução. O momento chegou, mais cedo do que ele esperava. Como uma águia acorrentada quando os elos de ferro caem, e com o retinir de asas e olhos brilhantes e deslumbrados que voa para o céu, assim se sentiu Constantine quando a liberdade para a Grécia se tornou o grito de guerra. Ele ainda estava entre as montanhas quando primeiramente os ecos de seus vales nativos repetiram aquela palavra animadora, aquela palavra sagrada. Em vez de retornar, como pretendia, para seu lar ateniense, foi levado às pressas para a Grécia Ocidental e participou de uma série de movimentos bélicos, cujo sucesso prometido o encheu de euforia.

De repente, o delírio de alegria tomando conta de sua alma parou. Ele não recebeu mais as costumeiras cartas de sua irmã — missivas que haviam sido para ele como mensageiros angelicais, ensinando-lhe paciência com os indignos — esperança na decepção — certeza do triunfo final. Essas queridas cartas cessaram; e ele pensou ter visto nos semblantes dos amigos que o acompanhavam o conhecimento oculto de algum mal. Ele os questionou: suas respostas foram evasivas. Ao mesmo tempo, se esforçavam para encher sua mente com os detalhes de alguma façanha futura em que sua presença e ajuda seriam necessárias. Os dias se passaram; ele não podia deixar seu posto sem prejudicar a causa, sem mesmo a mancha de desonra. Pertencia a um bando de albaneses, por quem fora recebido como irmão e não podia abandoná-los na hora do perigo. Mas o suspense ficou terrível demais; e por fim, descobrindo que havia um intervalo de alguns dias em que poderia visitar os seus, ele deixou o acampamento, não descansando nem dia nem noite; desmontando de um cavalo apenas para montar outro, em quarenta e oito horas ele estava em Atenas, diante de sua casa vazia e profanada. A história de horror logo foi contada. Atenas ainda estava nas mãos dos turcos; a irmã de um rebelde como

ele era logo tornou-se presa do opressor. Ela não tinha ninguém para protegê-la. Sua beleza incomparável foi vista e marcada pelo filho do paxá; nos últimos dois meses Euphrasia estivera enclausurada em seu harém.

— O desespero é um sentimento frio e sombrio — disse o guerreiro à beira da morte — se posso nomear aquele desespero que tem uma esperança — uma certeza — um objetivo. Se Euphrasia tivesse morrido, eu choraria. Agora meus olhos estavam ociosos — meu coração duro. Permaneci em silêncio. Não expressei ressentimento nem vingança. Eu me escondia de dia; à noite, perambulava pela casa do tirano. Era um palácio de prazeres, um dos mais luxuosos de nossa amada Atenas. Estava sendo cuidadosamente guardado: conheciam meu temperamento e o valor de Euphrasia; e o opressor temia o resultado de sua ação. Ainda assim, sob a sombra da escuridão, me aproximei. Marquei a posição dos aposentos das mulheres — aprendi o número — a duração da vigília — as ordens que recebiam e depois voltei ao acampamento. Revelei meu plano para alguns selecionados. Eles foram incitados pelo crime contra mim e ansiavam por libertar minha Euphrasia.

Constantine parou — um espasmo de dor sacudiu seu corpo. Depois que passou, ele ficou imóvel por alguns minutos; então, ergueu-se, enquanto a febre e delírio, excitados pelo esforço de falar, crescendo pelas agonias da lembrança, finalmente o envolveram completamente.

— O que é isto? — ele exclamou — Fogo! Sim, o palácio queima. Você não ouve o rugido das chamas, e trovões também — a artilharia do Céu nivelada contra os mais infelizes? Ah! um tiro — ele cai — eles são obrigados a se afastar — agora arremessam as tochas — a madeira estala — ali, ali estão os quartos das mulheres — ah! pobres vítimas! Ei! Você com medo e fugindo! Não tema; dê-me apenas minha Euphrasia! Minha querida Euphrasia! Nenhum disfarce pode esconder-te, vestida como uma noiva turca coroadada de flores, teu lindo rosto, a sede de indescritível aflição — ainda, minha doce irmã, mesmo nesta fumaça e tumulto desta casa, você é o anjo da minha vida! Venha para meus braços, pobre pássaro assustado; agarre-se a mim — é ela — sua voz — seus belos braços estão em volta do meu pescoço — que ruína — que chamas — que fumaça sufocante — que tempestade impetuosa pode me deter? Fácil! A abertura em chamas passou — há passos — com cuidado — querida, estou firme — não temas! Quem está olhando? Não temas, Euphrasia, ele está morto — os miseráveis servos do tirano caíram sob nosso ataque — ha! Um tiro — graciosa Panagia, esta é a tua proteção?

Assim ele continuou a delirar: o ataque, o incêndio do palácio, a libertação de sua irmã, tudo parecia acontecer vividamente como se em ação no momento presente. Seus olhos brilhavam; ele jogou os braços para cima; gritou como se estivesse chamando seus seguidores ao seu redor; e então em

tom de ternura sincera ele se dirigiu ao belo fardo que imaginava carregar — até que, com um grito agudo, exclamou novamente:

— Um tiro! — E afundou no chão como se as cordas do seu coração tivessem quebrado.

Um intervalo de calma sucedeu; ele estava exausto; sua voz quebrada.

— O que eu lhe disse? — ele continuou debilmente. — Eu disse como um mero punhado de homens atacou o palácio e afugentou os guardas — como nós nos esforçamos em vão para conseguir entrar — novas tropas estavam a caminho — não havia alternativa; nós incendiámos o palácio. Nas profundezas da reclusão do harém, as mulheres haviam recuado, uma manada de cervos assustados. Apenas uma permaneceu ereta. Seus olhos se voltaram para os intrusos — uma adaga na mão — majestoso e destemido, seu rosto estava marcado com traços de sofrimento passado, mas no momento a resolução severa que suas feições suaves expressavam era além de humana. No instante em que ela me viu, tudo mudou; apenas o anjo sorria em seu semblante. A adaga caiu de sua mão — ela estava em meus braços — eu a levei para longe do telhado em chamas — o resto você sabe; eu não disse? Algum canalha, que sobreviveu ao massacre, e ainda jazia como morto no chão, disparou um tiro mortal. Ela não gritou. No começo agarrou-se mais perto do meu pescoço, e então eu senti seu corpo estremecer em meus braços e seu aperto relaxar. Eu achei que apenas o medo a movia; mas ela não tinha medo — era a morte. Cavalos estavam ao nosso aguardo; mais algumas horas e eu esperava estar a caminho do oeste, para aquela parte livre da Grécia. Mas eu senti a cabeça dela cair no meu ombro. Eu a ouvi sussurrar:

“Estou morrendo, meu irmão! Leve-me ao túmulo de nosso pai.”

“Minha alma ansiava por atender ao seu pedido, mas era impossível. A cidade estava alarmada; tropas se reunindo de todos os quartéis. Nossa segurança estava na fuga, pois ainda pensava que sua ferida não era letal. Levei-a ao local onde tínhamos deixado nossos cavalos. Aqui dois ou três dos meus camaradas logo se juntaram a nós; eles haviam resgatado as mulheres do harém em chamas, mas os vários sons denotando o avanço da tropa turca os fizeram se apressar. Eu saltei no meu cavalo, e coloquei minha doce irmã diante de mim, e nós fugimos rapidamente através de ruas desertas, eu sabia bem como transitar, e pelas ruas dos subúrbios para o campo aberto, onde, desviando da estrada, ao longo do qual mandei meus companheiros prosseguirem com toda a velocidade — sozinho com meu querido fardo, procurei um lugar solitário e insuspeito entre as colinas próximas. A tempestade que tinha cessado por um tempo, agora rompeu novamente; os trovões ensurdecedores afogaram todos os outros sons, enquanto o brilho frequente dos relâmpagos nos mostrou o caminho; meu cavalo não se acovardou diante deles. Euphrasia ainda estava

presa a mim; nenhuma queixa lhe escapava; algumas palavras de carinho, de encorajamento, de piedosa resignação, ela de vez em quando suspirava. Eu não sabia que ela estava morrendo, até que finalmente entrando em um vale afastado, onde um bosque de oliveiras oferecia abrigo, e ainda melhor o pórtico de um antigo templo desmoronado, eu a desmontei e a levei aos degraus de mármore, nos quais a coloquei. Então realmente senti o quão perto da morte estava a amada, da qual não pude salvá-la. O relâmpago mostrou-me o seu rosto, pálido como o mármore onde descansava. Seu vestido estava manchado de sangue quente, que logo tingiu as pedras onde jazia. Tomei sua mão na minha; estava extremamente fria. Levantei-a do mármore; encostei sua bochecha contra meu coração. Reprimi meu desespero, ou melhor, meu desespero naquele momento era suave e tranquilo como ela. Não havia ajuda ou esperança. O sangue da vida escorria rapidamente de seu lado; mal podia levantar as pálpebras pesadas para olhar para mim; sua voz não conseguia mais articular meu nome. O peso de seus belos membros tornou-se maior e mais frio; logo era apenas um cadáver que eu segurava. Quando soube que seus sofrimentos haviam acabado, levantei-a mais uma vez em meus braços, e mais uma vez a coloquei diante de mim em meu cavalo e segui minha jornada. A tempestade havia acabado agora, e a lua brilhava acima. A terra cintilava sob os raios e uma brisa varreu, como se o próprio céu se tornasse claro e pacífico para receber sua alma imaculada e apresentá-la ao seu Criador. Ao amanhecer, parei no portão de um convento e bati. Para as santas donzelas dali confiei minha bela Euphrasia. Eu beijei mais uma vez sua querida testa, que mostrava paz na morte; e então a vi colocada em cima de um caixão, e fui embora, de volta ao meu acampamento, para viver e morrer pela Grécia.”

Ele tornou-se mais silencioso à medida que enfraqueceu. De vez em quando falava algumas palavras para registrar outras perfeições de Euphrasia, ou para repetir algumas de suas últimas palavras; falar de sua magnanimidade, seu gênio, seu amor e seu próprio desejo de morrer.

— Eu poderia ter vivido — ele disse — até sua imagem desvanecer em minha mente, ou se misturar com memórias menos sagradas. Eu morro jovem, só dela.

Sua voz ficou mais fraca depois disso; ele reclamou de frio. Valency continuou:

— Consegui me levantar, rastejar e recolher uma manta ou duas e uma peliça dentre os mortos, com alguns dos quais o cobri; e então coloquei uma sobre mim, pois o ar ficou frio, a meia-noite havia passado e a hora da manhã

se aproximava. O calor que as cobertas transmitiam acalmou a dor de minha ferida e, estranho dizer, senti o sono me envolver. Tentei ficar de guarda e acordado. A princípio, as estrelas acima e as formas escuras das montanhas se misturaram com meus sentimentos fantasiosos; mas logo perdi toda a noção de onde estava e do que havia sofrido, e dormi pacificamente e durante muito tempo.

“Os raios de sol da manhã, ao descerem rastejando pela encosta da colina, finalmente caíram sobre meu rosto, me fazendo despertar. A princípio eu tinha esquecido todos os acontecimentos da noite passada, e meu primeiro impulso foi me levantar, dizendo alto, onde estou? Mas a rigidez de meus membros e sua fraqueza logo revelaram a verdade. De bom grado recebia agora o som de vozes e observei a aproximação de vários camponeses ao longo da ravina. Até agora, estranho dizer, eu só pensara em mim mesmo; mas com as ideias de socorro me veio à lembrança meu companheiro e a história da noite passada. Olhei ansiosamente para onde ele estava; sua postura revelava seu estado; ele estava imóvel, rígido e morto. No entanto, seu semblante era calmo e belo. Ele havia morrido na grande esperança de encontrar sua irmã, e a imagem de Euphrasia havia derramado paz sobre o último momento da vida de seu irmão.

“Tenho vergonha de voltar a falar de mim. A morte de Constantine é o verdadeiro fim da minha história. Minha ferida foi grave. Fui forçado a deixar a Grécia e, por alguns meses, permaneci entre a vida e a morte na Cefalônia, até me recuperar, e imediatamente voltei para a Inglaterra.”



"Acreditamos ser possível reduzir desigualdades por meio da democratização da leitura,
produzindo livros de maneira sustentável sem danificar o meio ambiente"

<https://www.cartolaeditora.com.br/sustentabilidade/>

Cartola Editora
uma editora sustentável

[1] Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), p. 230.

[2] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “Um conto das paixões”.

[3] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “Transformação”.

[4] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “O mortal imortal”.

[5] Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), p. 266.

[6] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “A noiva da Itália moderna”, p. 376.

[7] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “O contrabandista e sua família”, p. 389.

[8] Robinson o inclui em sua coletânea de contos apenas pela autoridade de Richard Garnett, que, em 1891, o colocou em sua seleção de histórias da autora. “Apesar de Garnett possivelmente ter acesso a uma carta ou rascunho original por onde determinar autoria, é igualmente possível que ele tenha feito uma suposição razoável.” Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “O contrabandista e sua família”, p. 393.

[9] Mary Shelley Collected Tales and Stories, Charles E. Robinson (Johns Hopkins University Press, 1976), notas complementares de “The Pole”.

[10] Percy Shelley a Thomas Jefferson Hogg em 10/04/1814 apud Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), p. 93.

[11] Nascido no Castelo Frankenstein em 1673, Konrad Dippel foi médico, filósofo e alquimista e ficou conhecido na região por suas ideias controversas. Fugiu de Strasbourg devido a alegações de que roubava túmulos para seus experimentos anatômicos, estava convencido de que “poderia trazer um corpo de volta à vida ao injetar uma mistura de ossos e sangue, em sua maioria feita com restos mortais de ambos animais e humanos”. Um de seus grandes objetivos na vida era comprar o local de seu nascimento e morar ali, e gostava de assinar seu nome como Dippel Frankensteina, ou Dippel de Frankenstein. Nos anos seguintes ele se tornou uma lenda local, com seu nome associado ao Diabo e monstros canibais. Fonte: Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), p. 110.

[12] Mary Shelley, *Her Life, Her Fiction, Her Monsters*, Anne K. Mellor (Routledge, 1989).

[13] Anne K. Mellor deixa claro que o contexto em que Claire usa a palavra “amei” nesta carta para Byron é sexual. Mary Shelley, *Her Life, Her Fiction, Her Monsters*, Anne K. Mellor (Routledge, 1989), notas do capítulo 1, pág. 229.

[14] Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000).

[15] Frankenstein, Mary Shelley (Airmont Books, 1963), prefácio do autor, pag. 16.

[16] Frankenstein, Mary Shelley (Airmont Books, 1963), prefácio do autor, pag. 17.

[17] Mary Shelley, *Her Life, Her Fiction, Her Monsters*, Anne K. Mellor (Routledge, 1989), pág. 40.

[18] Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), pág. 162.

[19] Mary Shelley, *Her Life, Her Fiction, Her Monsters*, Anne K. Mellor (Routledge, 1989), pág. 142.

[20] Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), pág. 178.

[21] Elegia de Percy Shelley à morte de Keats, inicia: “Eu choro por Adonais — ele está morto!”

[22] A exata data deste conto permanece incerta, porém ambos Elizabeth Nitchie, em *Mary Shelley, Author of Frankenstein* (Rutgers University Press, 1953), e Jean de Palacio, em *Mary Shelley dans son Ouvre* (Klincksieck, 1969), o validam no ano de 1819. Valerius foi publicado pela primeira vez em 1976, no livro: *Mary Shelley, Collected Tales and Stories*, por Charles E. Robinson. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[23] A estátua equestre de Marco Aurélio fica na Piazza de Campidoglio em Roma. Em 1981 a estátua original foi removida para o Museu Capitolino e a versão instalada ao ar livre na piazza hoje é uma réplica.

[24] Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), foi político, escritor, filósofo e orador romano. Apoiou Pompeu contra Julio César e segundo o historiador Plutarco, deve ter sido “o primeiro homem a ver sob a superfície da política de Julio César e a temê-la, como quem teme a face sorridente do mar”. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000), p. 213.

[25] Marco Pórcio Catão Uticense (95-46 a.C.) conhecido também como Catão, o jovem, ou Catão de Útica para distingui-lo de seu bisavô, Catão, o velho. Político reconhecido por opor-se a Julio César, liderou os Optimates (grupo político conservador) a fim de preservar a república romana. Suicidou-se após a vitória de César na Batalha de Tapso.

[26] Caio Julio César (100-44 a.C.), político romano e mais tarde ditador de Roma (de 49 a 44 a.C.). Tornou-se rival de Pompeu Magno (antes seu aliado) após a morte de Marco Licínio Crasso e em 49 a.C., tomou o poder como ditador absoluto. Iniciou diversas reformas sociais e políticas, como a implementação do calendário juliano. No Egito teve uma breve ligação com Cleópatra. Em 44 a.C. foi assassinado por um grupo de senadores liderados por Marco Júnio Bruto e Cáo Cassio Longino. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[27] Lúcio Sérgio Catilina (108-62 a.C.), político e nobre romano que em 63 a.C. tentou tomar o poder oligarco do senado e foi descoberto por Cícero. Apoiou Lúcio Cornélio Sila, tornando-se seu agente. Morreu na batalha de Etrúria e seus conspiradores partidários foram executados. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[28] Cáo Mário (157-86 a.C.) e Lúcio Cornélio Sila (138-78 a.C.). A disputa e oposição entre Mário e Sila levaria a primeira guerra civil da República Romana. Ambos competiam pela liderança da guerra contra Mitridates VI. Inicialmente nomeado pelo senado, Sila deveria ter liderado a guerra, mas a decisão foi anulada pela Assembleia da plebe, que conferiu o poder a Mário. Sila entretanto marchou para Roma com seus aliados e reassumiu o comando da guerra. Sila expulsou Mario da Itália e o senado o declarou um inimigo do estado. Em 87 a.C. Mario voltou para tomar Roma, mas morreu logo depois.

[29] Lúcio Licínio Lúculo (117 a 56 a.C.), político da República Romana, foi apoiador de Sila durante a disputa entre Mário e Sila. Apesar de ter participado de diversas campanhas militares e ter sido um homem de grande conhecimento e cultura, ficaria conhecido na história por seus banquetes extravagantes. O temo “luculo” origina do seu nome e é usado para definir indivíduos que ostentam luxo e suntuosidade.

[30] Cneu Pompeu Magno (106-48 a.C.). General e político romano, aliou-se a Julio César e Crasso na aliança político-militar conhecida como Primeiro Triunviato. Após a morte de Crasso, lutou contra César pela liderança do Estado Romano o que o levou a uma guerra civil. Ele foi assassinado no Egito após ser derrotado na batalha de Farsalos. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[31] O principal deus da mitologia romana, originalmente um deus do céu associado aos raios e trovões. Também chamado de Jove, seu equivalente na mitologia grega é Zeus. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[32] Um dos nomes de Atena, uma das principais deusas da mitologia grega. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[33] Nome de Atena na mitologia romana. Originalmente deusa das habilidades de ofícios, mais tarde da sabedoria e criatividade, e também da guerra. Nasceu da cabeça de Júpiter, já armada com um escudo e um capacete. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[34] Coluna de Antonino Pio, descoberta em 1709, o monumento tinha 14,75 metros de altura e 1,9 metro de diâmetro, esculpido em um único pedaço de granito vermelho. Erguido por Marco Aurélio em memória a Antonino Pio em 174 d. C., a coluna quebrou quando houve uma tentativa de levantá-la do chão. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[35] Campo Vaccino: “Campo do Gado” ou “Campo das Vacas”. Entre os séculos XVI e XVIII a região do Fórum Romano, antes o coração das atividades legais, políticas e religiosas da cidade, passou a ter tal nome devido ao comércio de gado realizado no local.

[36] Marco Fúrio Camilo (446-365 a.C.) político romano e general, considerado o segundo fundador de Roma. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[37] Vespasiano (9-79 d. C.), imperador romano de 69-79 d. C. e fundador da dinastia Flaviana. Em seu reinado restaurou o financiamento das ordens militares e iniciou um programa de construção de diversos edifícios públicos. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[38] Dois magistrados eleitos uma vez ao ano que tinham o poder supremo na Roma antiga.

[39] Triunfo romano, cerimônia feita na Roma antiga para celebrar e homenagear o comandante militar que havia conquistado uma importante vitória no campo de batalha.

[40] Caio Fabrício Luscino, político romano do terceiro século a.C., eleito cônsul duas vezes, ficou conhecido por suas virtudes de incorruptibilidade, recusando-se a lucrar de sua função pública. Morreu tão pobre que deixou suas filhas sem dote (isso mais tarde foi consertado pelo senado em sua memória). Seu nome é mencionado no texto *A Vindication of the Rights of Women* (1792) de Mary Wollstonecraft, o mais importante legado da mãe de Mary Shelley: “Os dias de verdadeiro heroísmo acabaram, quando um cidadão lutava por seu país como um Fabrício ou um Washington e, então, voltava à fazenda para deixar que seu fervor virtuoso fluísse por uma corrente mais plácida, porém não menos salutar.” Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000), p.334.

[41] Marco Júnio Bruto (85-42 a.C.) e Cássio Longino (85-42 a.C.), principais conspiradores contra Júlio César levando à sua morte em 44 a.C. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[42] Na mitologia romana, bem como em outras crenças antigas, o gênio era uma espécie de espírito protetor que nos acompanhava desde o nascimento, muito parecido com um anjo da guarda.

[43] Na literatura última Thule tem o significado metafórico de um local distante e desconhecido; a frase em latim significa: “a mais distante Thule”. Thule é um país descrito pelo explorador grego Píteas (c. 310 a.C.). Pela sua localização, alguns identificaram como a Islândia, o Arquipélago de Shetlands, na Escócia, e mais plausivelmente, a Noruega. Era vista pelos povos antigos como a parte mais norte do mundo. Apesar de descrever o local de origem de Isabella Harley como última Thule, o sentido empregado por Mary Shelley é literal; a personagem é escocesa e em seguida há uma referência à invasão da Bretanha por César em 55 a.C. Fontes: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000) e A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[44] Túlia (79-45 a.C.), a única filha de Cícero. Sua morte foi muito sentida pelo pai, que sempre a enchia de elogios e atenções. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[45] Proeminente família romana, cujos nomes mais famosos foram Cipião Emiliano (185-129 a.C.), ou Cipião, o jovem, e Cipião Africano (236-184 a.C.), conhecido também como Cipião, o velho. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[46] Apelido de Marco Aurélio Antonino (188-217 d. C.), imperador romano entre 211-217, foi odiado pela população por sua crueldade, humor instável e política fiscal severa. O nome Caracala vem de um longo manto gaules com capuz que ele usava e tornou popular. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[47] Nero (37-68 d. C.), imperador romano conhecido por sua crueldade, mandou assassinar sua mãe Agripina e também seu meio irmão, Britânico, além de ordenar diversas execuções de romanos no poder. Durante seu reinado, houve um incêndio que destruiu metade de Roma, e enquanto a cidade ardia, ele supostamente teria vestido uma fantasia de palco e começado a cantar com sua lira. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[48] Tito (39-81 d. C.), imperador romano, filho de Vespasiano, governou com muita popularidade após a morte de seu pai e é conhecido por ter lamentado “amigos, eu perdi um dia”, no sentido de não ter ajudado ninguém naquele dia. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[49] Adriano (76-138 d. C.), imperador romano conhecido por fortificar as fronteiras e erguer a Muralha de Adriano no norte do que hoje é a Inglaterra. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[50] Quirino, deus que representava o estado romano, associado a Colina Quirinal, uma das sete colinas de Roma, que desapareceu após a fundação e desenvolvimento da cidade, também identificado como um endeuado Rômulo, fundador de Roma com seu irmão Rêmulos. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[51] Péricles (c. 495-429 a.C.), general e político ateniense responsável pela idade de ouro de Atenas, desenvolveu a democracia e império ateniense, que produziu figuras como Êsquilo, Sócrates e Fídias. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[52] Respectivamente: Virgílio (70-19 a.C.), poeta romano conhecido pelas três grandes obras da literatura italiana: as *Êclogas*, as *Geórgicas*, e a *Eneida*. Horácio (65-8 a.C.), poeta romano conhecido por suas sátiras e críticas literárias, suas Odes foram muito imitadas pelos poetas ingleses do século XVII. Ovídio (43 a.C.-c.17 d. C.) poeta romano autor de *Heroides*, *Amores* e *Ars Amatoria*, três grandes coleções de poesia erótica. Lucano (39-65 d. C.), poeta romano forçado a cometer suicídio após se juntar a uma conspiração contra Nero. Seu trabalho mais bem conhecido é a epopeia inacabada *Farsália*, sobre a guerra civil entre Júlio César e Pompeu. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[53] Respectivamente: Lívio (59 a.C.-17 d. C.), historiador romano. Sua história de Roma, desde a fundação até seu tempo tinha 142 livros, dos quais apenas trinta e cinco sobrevivem. Mary Shelley começou a ler o trabalho de Lívio por volta de 1818. Tácito (c.56-120 d. C.), historiador romano cujos *Anais* (cobrindo os anos de 14-68) e *Histórias* (69-96) são grandes obras sobre a história do Império Romano. Assim como Lívio, o trabalho de Tácito também era familiar a Mary Shelley. Sêneca (c. 4-65 d. C.) político e filósofo romano, tornou-se tutor de Nero e foi cônsul em 62 d. C.. Forçado a cometer suicídio por seu envolvimento em uma conspiração para acabar com a vida de Nero. Fontes: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000) e *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[54] Este conto foi encontrado entre os documentos de Leigh Hunt, escritor e amigo próximo de Mary, seu marido Percy Shelley e também de Lord Byron. Após a morte de Percy, Mary manteve contato com a família de Hunt. Acredita-se que esta história foi escrita na primeira metade da década de 1820 e enviada a Hunt em 1833 e mais tarde, após ter sido autenticada, foi publicada no *Appleton's Journal*. Fonte: *A Mary*

Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[55] Casa de Anjou, ou Casa capetiana de Anjou foi fundada por Charles I da Sicília, filho de Luís VIII da França, primeiro rei Capeto que governou o Reino da Sicília, durante o século XIII.

[56] Passagem bíblica do livro de Jó (3:17).

[57] Hesperus, o planeta Vênus, a estrela da noite na mitologia grega. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford, 2000).

[58] Seres ou espíritos mitológicos do ar. A partir de meados do séc. XIX o termo passou a ser aplicado a jovens esbeltas e graciosas. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford, 2000).

[59] Na mitologia grega, Cassandra é filha do rei troiano Príamo e ganhou a dádiva da profecia por Apolo. Quando ela o trai, entretanto, Apolo a amaldiçoa fazendo com que ninguém acredite em suas profecias. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford, 2000).

[60] A Ave-Maria refere-se ao Angelus, ou oração da paz, recitada pelos fiéis da igreja católica ao som dos sinos da igreja ao entardecer. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[61] Templos dedicados às antigas divindades gregas na cidade italiana de Pesto, próximo a Salerno.

[62] Referência à deusa romana da caça, Diana, comumente representada com uma túnica curta e os joelhos à mostra.

[63] Manfredo da Sicília (1232-1266). Manfredo tornou-se regente da Sicília em nome do filho de Conrado IV, Conradino, e em 1258 foi coroado rei. Reinou até sua morte, que ocorreu em uma batalha contra Charles d'Anjou, a quem o papa Inocêncio IV havia entregue o reino da Sicília. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[64] Os gibelinos eram um dos dois grandes partidos políticos da Itália medieval. Eram pró-imperialistas, respaldando o imperador em oposição ao Papa e seus apoiadores, os guelfos. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford Press, 2000).

[65] Conradino da Germânia (1252-1268). Sobrinho de Manfredo e filho de Conrado IV, rei da Alemanha e Sicília. Com apoio dos gibelinos invadiu a Itália em 1268 com o objetivo de recuperar seu reinado, que tinha sido retirado de seu pai quando o papa o excomungou, dando-o a Charles d'Anjou. Derrotado na Batalha de Tagliacozzo, foi executado em público por decapitação quando tinha apenas 16 anos. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[66] Canções.

[67] Carroça alegórica italiana.

[68] Abreviação de maddona, senhora.

[69] Prato característico da culinária italiana, sopa com macarrão ou arroz e leguminosas, cozido em água ou caldo e com temperos variados.

[70] Messere ou messer: denominação de respeito, pode ser traduzida como “senhor” ou “mestre” e era utilizada a pessoas importantes.

[71] Parte do conflito entre guelfos e gibelinos, a Batalha de Montaperti ocorreu próximo a Siena no ano de 1260. Uma das mais sangrentas batalhas da Itália, mereceu até mesmo uma menção no Inferno de Dante

Alighieri. Os gibelinos foram vencedores. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[72] “Suábia, cavaleiros!” Suábia era região alemã onde Conradino era duque.

[73] Relativo ao lado sul dos Alpes, visto de Roma.

[74] Referência a dinastia dos Staufer, ou Hohenstaufen, família detentora de príncipes, reis e imperadores alemães. Gegia os chama de “raça dos Fredericos” pois houve quatro com tal nome; Frederico I de Hohenstaufen, Frederico, duque da Suábia; Frederico II, Rei da Sicília, e Frederico, Duque da Áustria. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[75] Senhor Desconhecido.

[76] Bela virgem que espera por muçulmanos fiéis no paraíso.

[77] Campanario de Giotto, torre na Piazza del Duomo para onde Ricciardo se dirigia. Data de 1296.

[78] Rainha Sibilla de Acerra (1153-1205), rainha da Sicília, casada com o rei Tancredo da Sicília, ou Tancredo de Lecce. Neste conto Mary Shelley erroneamente coloca Sibilla de Acerra como esposa de Manfredo, mas ele na verdade foi casado com Beatriz de Saboia e posteriormente com Helena do Épiro. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[79] Frederico II, rei da Sicília (1194-1250), e Conrado IV da Alemanha (1228-1254), respectivamente avô e pai de Conradino.

[80] Papa Clemente IV (c.1195-1268). Encorajou Charles d’Anjou a lutar contra Manfredo, e após sua morte proibiu seu herdeiro, Conradino, de reinar. Quando Charles decapitou Conradino, o papa não fez nada para prevenir. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[81] Salmo cantado em cerimônias fúnebres.

[82] Portão da cidade de Florença.

[83] Prisão em Florença.

[84] Frederico, Duque da Áustria (m.1268). Apoiador de seu primo distante, Conradino, lutou junto dele na Batalha de Tagliacozzo e foi julgado e decapitado, também junto dele, em Nápoles. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[85] Roberto de Flandres (1249-1322), também conhecido como Roberto de Béthune, ganhou fama militar após a derrota de Conradino.

[86] Este trecho de Elia, ainda sem identificação a qual obra pertence, tem a tradução aproximada de: “Meu coração foi capturado, este é o recado”. Elia é o pseudônimo de Charles Lamb (1775-1834) conhecido por seu trabalho *Essays of Elia*. Lamb publicou diversas histórias infantis com William Godwin e conheceu Mary na infância. O autor cortou todo o contato com a filha de Godwin quando ela fugiu para viver junto de Percy Shelley, porém retomou quando Mary e Shelley se tornaram oficialmente casados. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[87] Argus Panoptes: um vigilante da mitologia grega com cem olhos. Nomeado pela deusa Hera para vigiar Io, uma princesa que havia sido transformada em novilha por seu marido, Zeus, e foi morto por Hermes. Após sua morte, dizem que Hera transferiu seus olhos para as penas dos pavões. Fonte: The Oxford Dictionary of Phrase and Fable (Oxford University Press, 2000).

[88] Necessidade de amar.

[89] Baco, deus do vinho na mitologia romana. Seu equivalente grego é Dionísio.

[90] Frase do ato III, cena II de Hamlet, de William Shakespeare. No texto original se lê: “Marry, this is miching mallico; that means mischief”.

[91] “Eu procuro fantasmas; mas nenhum faz / Seu caminho até mim; é mentira quando dizem / Que algum dia houve conexão / Entre vivos e mortos.” Do poema *The Affliction of Margaret*, de William Wordsworth (1770-1850). Wordsworth foi bem conhecido pela família de Mary Shelley, ele era amigo e também admirador do trabalho de William Godwin. Ainda jovem, Mary era bem letrada em seus poemas e usou algumas de suas linhas em seus diversos contos e romances. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[92] Grego para “A grande besta”, referida no livro bíblico Apocalipse.

[93] Respectivamente: Homero (séc.8 a.C.), poeta grego, acredita-se ser o autor de *Ilíada* e *Odisseia*. Heródoto (séc.5 a.C.), historiador grego, conhecido como o “pai da história”. Platão (c. 429-c.347 a.C.). Filósofo grego, fundador da Academia em Atenas. Discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[94] Assim como Atlântida ou El Dorado, as Ilhas Afortunadas eram um local lendário onde dizia-se ser o paraíso de heróis mortos; mais tarde, como diz a autora nas linhas subsequentes, tornou-se um dos nomes das Ilhas Canárias. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[95] Atual Austrália.

[96] Mungo Park (1771-1806), cirurgião escocês que explorou o Rio Niger e ganhou fama com os relatos de sua viagem, lida pelos Shelleys em dezembro de 1814. Mary ficou atônita com seu argumento de que negociantes Europeus não faziam nada de errado ao participarem do comércio de escravos, já que grande parte do país já era escravizado. Mary anotou em seu diário na ocasião: “Li e terminei as Viagens de Mungo Park, são muito interessantes e se o homem não fosse tão preconceituoso seriam mil vezes melhores”. Fonte: Mary Shelley, Miranda Seymour (Grove Press, 2000), p. 138.

[97] HMS Hecla, embarcação usada para explorações pela coroa inglesa no começo do século XIX.

[98] Baía na Austrália onde o explorador James Cook aportou em 1770. Apesar de planos da coroa inglesa para uma colônia penal no local, estes foram quase imediatamente deslocados para Sydney Cove, mas o nome Botany Bay tornou-se uma metonímia para qualquer uma das colônias penais do país. Por esse motivo a autora refere-se a “um abatedor de carteiras perdido de Botany Bay”.

[99] Grupo de ninfas da mitologia grega, filhas de Hesperus, guardiãs da árvore de maçãs douradas (dada à Hera por Gaia) em um jardim localizado na margem oeste de Oceano, o rio cercando o mundo. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[100] Cordilheira na Austrália.

[101] Ninfa do mar na mitologia grega, mãe de Aquiles. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[102] Trecho de *Troilo e Crésida*, obra de William Shakespeare: “E o esquecimento cego engoliu as cidades, E poderosos estados sem caráter são esmagados / Ao poeirento nada, mas deixe que a memória, / De falso em falso, entre falsas donzelas apaixonadas, / Reprenda minha falsidade!”.

[103] Referência a Brutus de Troia, que sonhou com uma terra chamada Albion, habitada por gigantes e que seria a Inglaterra.

[104] Referente ao livro *A Brief Account of the Vision and Death of Lord Lyttleton*, de Katherine Langrish. A história fala sobre um homem de 35 anos que contou aos seus familiares sobre a aparição de uma misteriosa dama de branco que falava de sua morte iminente, pouco tempo depois o jovem morreu.

[105] Referência a *Hamlet*, de William Shakespeare. No enredo o rei morto da Dinamarca aparece para seu filho Hamlet e pede para que vingue sua morte, cometida pelo atual rei, seu tio.

[106] Trecho da tragédia *The Cenci*, de Percy Shelley.

[107] Referência ao romance *The Monk* de M.G. Lewis, ou *Monk Lewis*, publicada em 1796. A freira ensanguentada era um fantasma que assombrava o castelo onde se passa a narrativa e era vista todas as noites, à meia-noite. A personagem da freira ensanguentada ficou tão famosa no século XIX que chegou até a ganhar impressões separadas da história.

[108] Possível referência a história medieval *A Ring Given to Venus*, sobre um jovem que, a caminho de seu casamento, passa por uma estátua de Vênus, e apreciando sua beleza, coloca o anel de casamento na estátua. Mais tarde a escultura, como coloca a autora, vem reivindicá-lo.

[109] Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Coleridge foi amigo de William Godwin e diversas vezes frequentou sua casa. Como diz a autora nas linhas subsequentes, ela o conheceu pessoalmente. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[110] Possível referência ao soneto: Quando il soave mio fido conforto do intelectual italiano Francesco Petrarca (1304-1374).

[111] A história do “fantasma amante” foi contada a Mary por Thomas Jefferson Hogg, um dos melhores amigos de Percy Shelley, em dezembro de 1814. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[112] A história do soldado italiano foi contada a Mary Shelley pelo chevalier Angelo Mengaldo, um conhecido dos amigos de Mary e Percy, os Hopners, em outubro de 1818. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[113] *Monk Lewis* (1775-1818), também mencionado na nota 87 deste ensaio, contou a seguinte história a Percy Shelley e Lord Byron em agosto de 1816. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[114] Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[115] Charles I (1600-1649), também conhecido como Charles Stuart, reinou a Inglaterra a partir de 1625. Suas muitas discordâncias com o Parlamento marcaram seu reinado e levaram a Guerra Civil Inglesa (1642-48), após a qual ele foi julgado e executado. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[116] O *Journal du Commerce* de Lyon foi o primeiro a publicar a história de Roger Dodsworth em 28 de junho de 1826. A partir de então diversos jornais britânicos reimprimiram a notícia que logo se tornou uma discussão entre os intelectuais da época. Fonte: *A Mary Shelley Encyclopedia*, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[117] William Godwin, pai de Mary Shelley.

[118] Na mitologia clássica, o deus do vento oeste, porém a partir do século XVII tornou-se um termo literário para uma brisa leve. Fonte: *The Oxford Dictionary of Phrase and Fable* (Oxford Press, 2000).

[119] Conhecidos também como Adormecidos de Éfeso, é uma história medieval sobre um grupo de jovens

perseguidos pelo imperador romano por serem de fé cristã. Eles entraram em uma caverna com a intenção de rezar, e ali adormeceram. O imperador mandou fechar a caverna para puni-los, trezentos anos depois, um fazendeiro mandou abrir para abrigar seu gado e encontrou os jovens, que acordaram com a impressão de terem dormido apenas um dia.

[120] Sir Antoon van Dyck (1599-1641), principal retratista da corte real de Charles I.

[121] Oliver Cromwell (1599-1658). Líder parlamentar do exército durante a Guerra Civil Inglesa (1642-48). Seu exército derrotou os partidários do rei e executou Charles I. Após a vitória dos parlamentaristas estabeleceu-se a *commonwealth* e Cromwell nomeou-se Lord Protector e governou em uma estrita ditadura puritana. A monarquia foi restaurada após sua morte. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[122] Commonwealth, governo republicano que exerceu o poder na Inglaterra entre 1649-1660.

[123] Charles II (1630-1685). Coroado Charles II da Escócia após a execução de seu pai, como coloca a autora, passou a maior parte da vida banido até ser chamado ao trono da Inglaterra em 1660, após o término da *commonwealth*. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[124] Lord Thomas Fairfax (1560-1640) Nobre inglês que serviu no exército de ambos Rainha Elizabeth I e do Rei James I e foi reconhecido por seu serviço por Charles I, que lhe deu o título de barão. Deixou uma pensão para Roger Dodsworth de cinquenta libras por ano. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[125] Referência ao nono livro da Farsália, do poeta romano Marco Aneu Lucano (39 d. C. — 65 d. C.). Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[126] Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano conhecido por sua Divina Comédia. Mary possivelmente se refere aqui à neutralidade política, mencionada por Dante na bem conhecida frase: “No inferno os lugares mais quentes são reservados àqueles que escolheram a neutralidade em tempo de crise.”

[127] Velho Noll era um apelido de Oliver Cromwell. A palavra noll é um termo derogatório que significa topo da cabeça, ou coroa. Já o termo Roundheads, cujo significado literal é cabeças redondas era usado também derogatoriamente para seus apoiadores. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[128] Whig e tory, dois grandes partidos políticos ingleses, os whigs eram liberais enquanto os tories eram conservadores. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[129] A capela de São Estevão serviu como parlamento da Câmara dos Comuns do Reino Unido de 1547 a 1834.

[130] Pitágoras (c. 580 — 500 a.C.). Filósofo grego associado com teorias numéricas e astronomia. Seus celebrados ensinamentos incluem uma teoria de reencarnação, onde “a alma é imortal, uma divindade caída aprisionada no corpo como em uma tumba.” Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003), p. 355.

[131] Charles James Fox (1749-1806), político liberal cuja carreira durou trinta e oito anos. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[132] Marco Antonino (143-87 a.C.) Consul romano e avô de Marco Antônio, renomado como um dos melhores oradores de seu tempo. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[133] Alcibiades (cerca 450-405 a. C) nobre ateniense e amigo de Sócrates. Fonte: A Mary Shelley

Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[134] Apelido de George Villiers (1592-1628), Primeiro Duque de Buckingham. “Steeny negociou o casamento de Charles I e permaneceu em favor da corte (...), mas sua insolência e arrogância resultaram em seu assassinato”. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003), p. 425.

[135] James I (1566-1625) herdou o trono inglês em 1603 e assim estabeleceu a dinastia Stuart na Inglaterra. Sua intenção era unir seus dois reinos (Escócia e Inglaterra), mas questões sobre seu “direito divino” levaram a diversos conflitos políticos durante seu reinado. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[136] Richard Brinsley Sheridan (1751-1816). Autor Irlandês, escreveu a peça *The Rivals* e a partir de seu sucesso se estabeleceu na sociedade. Eventualmente ingressou na carreira política. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[137] Heroína do poema *Corinne*, de Madame de Stael (1766-1817).

[138] Poetisa grega (cerca 630-570 a.C.).

[139] Flávio Tito Domiciano (51-96 d. C.) Filho mais novo de Vespasiano, foi o último da dinastia Flaviana a reinar Roma. Domiciano foi imperador de 81 a 96 a.C., e seu reinado foi conhecido por seu estilo autoritário. Era um firme adepto à religião clássica romana, apesar de tolerar a adoração aos deuses egípcios, e, principalmente no final do seu reinado, perseguiu cristãos e judeus.

[140] Trecho do poema “Peregrinação de Childe Harrold” de Lord Byron: “E próximo as escassas ondas de Albano / Cintila de um vale vizinho; — e distante / Os ventos do Tibre, e as amplas torrentes do oceano / A costa do Lácio onde surgiu a épica guerra / ‘Armas e o homem’, cuja estrela em re-ascensão / Ergueu-se sobre um império; mas sob teu leito / Cícero descansou de Roma; e onde aquela faixa / De montanhas cingidas impede a vista / Fica a fazenda Sabine, o deleite do bardo cansado”. A expressão “Armas e o homem” faz referência ao poema épico *Eneida*, de Virgílio (70 a.C. a 19 a.C.), que inicia com tal frase “Armas e o homem, eu canto...”, e fala das façanhas realizadas pelo mítico Enéias.

[141] Fazenda familiar.

[142] Contadino: agricultor, contadini no plural.

[143] Ladrões.

[144] Tabaro: um tipo de capa que vai sobre a roupa, traje típico italiano.

[145] Adeus, querida.

[146] Bacalhau estragado.

[147] Casaco.

[148] Reino.

[149] Libeccio: Vento quente e seco que vem do oeste ou sudoeste e predomina no mediterrâneo.

[150] Aqui está o pai!

[151] Meias vermelhas: alguns trajes de membros da igreja católica têm sapatos vermelhos acompanhados de

meias vermelhas, representando o sangue derramado de Cristo.

[152] Joaquim Napoleão Murat (1767—1818), referido pela autora como Giacchino, seu nome italiano, foi um dos marechais de Napoleão Bonaparte e se casou com sua irmã, Caroline, tornando-se rei de Nápoles. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[153] Adeus.

[154] Aterro.

[155] Patife.

[156] Senhorita.

[157] Galés eram navios movidos a remo. Ser sentenciado aos galés significava que a pessoa passaria anos (ou a vida) como escravo remando tais embarcações. O termo também pode ser empregado para outros tipos de trabalho pesado forçado.

[158] Em documentos medievais a imprecação era a cláusula através da qual era possível lançar maldições aos que desrespeitassem certas regras.

[159] Bandidos.

[160] Ganimedes: um mítico príncipe troiano, raptado por Zeus e obrigado a servir aos deuses.

[161] Citação do poema “As a Beam O’er the Face of the Waters May Glow”, de Thomas Moore (1779-1852): “Uma lembrança fatal, uma amargura que lança / Sua sombra desoladora em ambas nossas alegrias e desgraças, / Para qual a vida não pode trazer mais escuridão e brilho, / Para a qual a alegria não tem bálsamo, e a aflição não tem agulhão!”. Mary Shelley e Moore se conheceram em 1824 e mais tarde se tornaram amigos. Ela foi de imprescindível ajuda para Moore enquanto ele escrevia sua biografia de Lord Byron (publicada em 1830), com quem Mary também teve um relacionamento de amizade e pode relatar como ninguém detalhes de sua vida. Fonte: Mary Shelley, Miranda Seymour (John Murray, 2000).

[162] Deusa do amor na mitologia romana.

[163] Tirésias, profeta da mitologia grega que passou sete anos vivendo como mulher. Mary Shelley confunde Tirésias com Timóteo, músico de Alexandre o Grande. Uma das histórias sobre Timóteo é que ele certa vez tocou um hino de batalhada em homenagem a Atena diante do jovem Alexandre, e ele imediatamente pulou de seu acento, agarrando suas armas, pronto para lutar. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[164] Santa Cecília, patrona dos músicos, cantores e poetas.

[165] A linha do tempo delimitada por Shelley em “O luto” é o período de 1813-1814, quando esta região do Lago Virginia Water ainda não havia sido fechada ao público, já que faz parte das terras da realeza britânica. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[166] Na mitologia grega, Cérbero é o cão de guarda de Hades que come os espíritos que tentam fugir. Ele possui três cabeças e também é descrito tendo uma cauda de dragão. Para acalmar a fúria de Cérbero, os mortos do submundo jogavam-lhe bolos de farinha e mel que os seus entes queridos deixavam no túmulo. Enéias foi um dos heróis que conseguiu passar pela fera quando colocou sonífero no bolo de mel.

[167] Do poema “Lines Written in Spring”, de William Wordsworth (1770-1850).

[168] Citação do poema: “Lines Composed a Few Miles above Tintern Abbey”, de William Wordsworth

(1770-1850).

[169] Escola particular britânica fundada por Henrique VI. Percy B. Shelley frequentou Eton e apesar de ter recebido uma ótima educação, o sistema conformista onde os pupilos mais novos deveriam obedecer aos mais velhos, o angustiava. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[170] Balada medieval sobre duas crianças que morreram de fome em uma floresta devido a ação de um tio mal-intencionado. Após a morte das crianças, como narra Horace Neville na história, um tordo cobriu seus corpos com folhas. A canção foi reunida no livro “Reliques”, do Bispo Thomas Percy (1729-1811), publicada em 1765.

[171] Embarcação de guerra.

[172] Deus do vento oeste na mitologia grega.

[173] Parricida: assassino dos próprios pais ou avós.

[174] Citação do poema *The Wonder*, de Thomas Moore (1779-1852): “Venha, me diga onde está a dama / cujo coração pode amar sem engano, / E eu darei a volta ao mundo, / para suspirar por um momento a seus pés.

[175] Tanto a mulher varia, Louco quem confia!

[176] Tanto o homem varia, Louca quem confia!

[177] Referência a *Mutability*: poema de Percy B. Shelley cuja primeira estrofe diz: “A flor que hoje sorri, morre amanhã. Tenta e depois foge. Onde está o prazer deste mundo? Relâmpago que desdenha a luz, tão breve quanto ofuscante.”

[178] Trecho de *Peregrinação de Childe Harold*, poema de Lord Byron (1788-1824): “O indomável albanês com um manto até o joelho, / A cabeça cingida por um xale e arma ornada, / E trajes bordados a ouro, belos de se ver; / O homem de lenço carmesim da Macedônia.”

[179] Milicianos gregos que viviam nas montanhas após a conquista da Grécia pelos otomanos.

[180] Na Grécia a amizade entre dois homens ou duas mulheres poderia ser celebrada com votos no altar da igreja. Essas duas pessoas se tornavam “irmãos de sangue”. Dois homens unidos desta forma eram chamados de pobratimi, e mulheres, posestrime. Katusthius Zuani era o pobratimo de Dmitri do mau-olhado, sendo assim, era seu “irmão de sangue”.

[181] Torre de mesquitas.

[182] Facão longo ou espada curta cuja lâmina é curva, cortando tanto no sentido côncavo quanto no convexo.

[183] Mainotas, habitantes da região grega Peloponeso. Mainotas se dizem descendes dos antigos espartanos.

[184] Termo utilizado para designar albaneses.

[185] Arroz com especiarias.

[186] Grego para “conselho maligno”, cruéis e ferozes habitantes do sul da Grécia, renomados por disputas de sangue, pirataria e roubo. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood

Press, 2003).

[187] Mestre de navios mercantes.

[188] Embarcação armada que tinha a permissão de perseguir ou capturar navios de comércio estrangeiros.

[189] Nome turco para uma classe de elite de onde vinham gerações de administradores. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[190] Um dos nomes de Maria, mãe de Jesus, principalmente usado por gregos ortodoxos.

[191] Ancião governante.

[192] Moiras ou Parcas; divindades mitológicas que controlam o destino dos mortais e determinam o curso da vida humana.

[193] Pertencente à Trácia (atuais Bulgária, Romênia e Moldávia).

[194] Termo em grego usado como um nome geral para soldados entre gregos e albaneses. Propriamente, o termo significa “garoto”. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[195] Na mitologia grega, Dodona é um oráculo que sussurra suas profecias através do farfalhar de folhas de carvalho.

[196] Pequeno barco de pesca.

[197] Grécia.

[198] Trecho de “A balada do velho marinheiro”, poema de Samuel Taylor Coleridge (1772—1834): “Esta carcaça desde então foi torturada / Por atroz agonia; / E apenas quando eu relatava a minha história / Livre dela me via. / Sempre aquela agonia — e sempre em hora incerta — / Retorna desde então; / E enquanto a minha história tétrica não conto, / Queima-me o coração.”

[199] Charles VI (1368 — 1422). Anteriormente conhecido como “bem-amado” pelo sucesso inicial de seu governo, Charles VI teve diversos episódios de loucura, e passou a ser conhecido como “o louco”. Casou-se com Isabel da Baviera (1370 — 1435).

[200] João Sem Medo, Duque da Borgonha (1371 — 1419), primo de Charles VI.

[201] Luís de Valois, Duque de Orleans (1372-1407) irmão mais novo de Charles VI.

[202] Menino mimado.

[203] Peça de Shakespeare (A tragédia de Coriolano) baseada no personagem lendário Caio Márcio Coriolano (séc. V a.C.), que, após ser exilado de Roma, liderou os Volscos para atacar a cidade. Mary Shelley leu a peça em 1818. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[204] Guido, o cortês.

[205] Guilherme Tell, lendário patriota suíço forçado pelo tirano Herman Gessler a lançar uma flecha em uma maçã colocada em cima da cabeça do seu filho.

[206] Referência a biografia de Richard Cumberland (1631-1718), lida por Mary Shelley em janeiro de 1817, que diz “Com... nada além da pilha de turfe para anular minha atenção, criei os personagens de um irlandês e um índio ocidental como heróis de meu enredo”. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003), p. 102.

[207] Poema narrativo escrito por Lord Byron que fala da prisão de François Bonivard, um monge genebrês do século XVI. Ambos Lord Byron e Percy Shelley visitaram o Chateau de Chillon em 22 de junho de 1816, onde, após ver a masmorra de Bonivard, Lord Byron decidiu escrever sobre o monge. Depois da visita, ambos Byron e Shelley ficaram presos em Ouchy em uma pequena estalagem por três dias devido à chuva torrencial, como narra Mary nas linhas subsequentes.

[208] William Shakespeare (1564-1616), dramaturgo inglês.

[209] Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), escritor alemão.

[210] Palavra francesa para expressar facilidade natural, sem esforço ou afetação.

[211] É impossível.

[212] Bom Deus!

[213] Canalha.

[214] Abaixo os aristocratas.

[215] À lanterna. Frase associada à revolução francesa quando lanternas e postes tornaram-se o local onde a população linchava os nobres.

[216] Parem.

[217] É você, Louis — você também voltou.

[218] Quem fala mal do amor, diz uma mentira.

[219] Henrique IV (1553-1610), tornou-se rei da França em 1589. Para conquistar a oposição católica, ele se converteu ao catolicismo. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[220] Comédia de William Shakespeare. Lady Olivia é uma egocêntrica personagem principal até sua perspectiva de vida ser alterada ao se apaixonar por Cesário, que na verdade é Viola, uma mulher disfarçada de seu próprio irmão gêmeo que ela acredita ter morrido.

[221] Um rochedo acima do rio Loire, onde supostamente quem passar a noite seria visitado por Santa Catarina e adquiriria seus conhecimentos. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[222] Deus grego da juventude, música, profecia, arco e flecha e cura, não se limitando apenas a isso.

[223] Porta falsa ou portão lateral que pode ou não ser acessado por uma câmara subterrânea.

[224] Do francês: dama de companhia, atendente.

[225] Termo dado a um pagão ou não-cristão, principalmente em referência a fé muçulmana.

[226] Contos franceses populares durante a Idade Média.

[227] Nome dado às Erínias ou Fúrias da mitologia greco-romana, a personificação da vingança.

[228] Na mitologia grega, Hebe é a deusa da juventude, filha de Zeus e sua esposa, Hera.

[229] Personagem lendário cristão, o Judeu Errante teria insultado Jesus enquanto carregava a cruz no caminho para sua crucificação e foi condenado a andar pela terra até a segunda vinda do messias. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[230] Lenda grega da cidade de Éfeso sobre cristãos que dormiram em uma caverna por diversos séculos para evitar a perseguição do imperador Décio. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[231] Protagonista do livro *The history of Nourjahd* (1767), de Frances Chamberlaine Sheridan (1724-1766). O sultão da Pérsia, Schemzeddin engana Nourjahd a pensar que se tornou imortal, dizendo a ele que durante seus períodos de sono se passaram diversos anos. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[232] Cornelius Agrippa (1486-1535): Cientista e feiticeiro que estudou as teorias de Alberto Magno (c.1193-1280) sobre mágica. Agrippa tinha a intenção de criar ouro e na época de sua morte dizia ter encontrado a fórmula. Tornou-se o maior nome da corrente do cristianismo hermético no renascentismo. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[233] Marcos 6:4: “Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra”.

[234] Nestor, rei de Pilos na mitologia grega, conhecido por sua sagacidade e coragem, apesar da idade avançada.

[235] Caim, filho de Adão e Eva, que assassinou seu irmão mais novo Abel; foi condenado a vagar pela terra com uma marca na testa. Fonte: A Mary Shelley Encyclopedia, Lucy Morrison e Staci L. Stone (Greenwood Press, 2003).

[236] Senhora.

[237] Lenço típico da vestimenta italiana. Fonte: *Lives of Queens of England*, Agnes Strickland (1849).

[238] Arcaico italiano para: noiva.

[239] Minha.

[240] Senhor noivo.

[241] Doce, amável.

[242] Santa Virgem!

[243] Em países da Europa latina a duenna era uma senhora que tinha a função de governanta ou acompanhante de damas mais jovens.

[244] Bom Deus!

[245] Senhor Conde.

[246] Um acompanhante oficial de uma dama, que deveria servi-la galantemente durante todo o dia. Por vezes o contrato de casamento previa um ou mais destes cavaleiros.

[247] Resort popular à beira mar em Kent, na Inglaterra.

[248] Gnomo retratado no livro *Legends of Number Nip* (1864), de Mark Lemon (1809-1870).

[249] Três Graças são três irmãs da mitologia grega; deusas da concórdia, dos banquetes e da prosperidade.

[250] Guerra que provocou a independência grega contra o Império Otomano, garantida por meio do Tratado de Constantinopla, assinado em julho de 1832.

[251] Referente a Praxiteles (395 a.C. a 330 a.C.), escultor grego.